OS GAROTOS DE TOMMEN — LIVRO 2

CHLOE WALSH

Keeping 13

SE APAIXONAR É A PARTE FÁCIL

Bloom Brasil

CHLOE WALSH

Keeping 13

SE APAIXONAR É A PARTE FÁCIL

Tradução
RAQUEL NAKASONE

Bloom Brasil

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Nota da autora

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37

Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61

Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82

Agradecimentos
Capítulo extra - Corações ternos... e frango

Capítulo extra - Johnny

Para Nikke Ashton, um amigo precioso para toda a vida.

Nota da autora

Este é o segundo volume da série Os Garotos de Tommen, e o segundo livro de Johnny e Shannon.

Algumas cenas aqui retratadas podem causar mal-estar em certas pessoas, portanto, sugiro que avalie a lista abaixo antes de seguir com sua leitura.

Em razão de cenas explícitas de conteúdo sexual, violência, temas adultos, gatilhos e linguagem chula, a leitura desta obra é recomendada para maiores de 16 anos.

Sua ambientação é no sul da Irlanda, em 2005, e contém gírias e expressões irlandesas.

Obrigada por se juntarem a mim nesta aventura.

Com amor,
Chloe xxx

1

ELE OU A GENTE

Shannon

— Escolhe, mãe — Joey disse. — Ele ou a gente?

Entorpecida até os ossos, me sentei na cadeira bamba da mesa da cozinha com um pano de prato pressionado contra o rosto, e prendi a respiração por dois motivos.

Primeiro, meu pai estava a pouco mais de um metro de distância de mim, o que fez meu corpo paralisar completamente.

Segundo, doía respirar.

Larguei o pano encharcado de sangue na mesa e virei de lado, tentando me encostar de lado na cadeira, mas só consegui grunhir quando uma nova onda de dor se espalhou por mim.

Meu corpo parecia ter sido encharcado de gasolina e incendiado.

Cada centímetro do meu corpo *queimava*, gritando em protesto toda vez que eu respirava fundo. Estava ferrada, percebi. Havia algo seriamente errado comigo, mas, ainda assim, permaneci exatamente onde estava, exatamente onde Joey me colocara, pois não tinha um pingo de força dentro de mim.

Isto é ruim.

Isto é muito ruim, Shannon.

O som dos meus irmãos mais novos soluçando e fungando, encolhidos atrás de Joey, era quase insuportável.

Eu não conseguia olhar para eles.

Se fizesse isso, ia desabar.

Então me concentrei em Joey, tirando força da bravura do meu irmão enquanto ele encarava nossos pais e exigia *mais*.

Ele tentava nos salvar de uma vida da qual nenhum de nós tinha escapatória.

— Joey, se acalma um pouco... — minha mãe começou a dizer, mas meu irmão não deixou que terminasse.

Totalmente enfurecido, ele entrou em erupção feito um vulcão bem ali no meio da nossa cozinha decadente.

— Não se atreva a tentar se safar dessa, porra! — Apontando um dedo acusatório para nossa mãe, ele rosnou: — Só faz a coisa certa pelo menos uma vez na vida e coloca esse escroto pra *fora*.

Dava para ouvir o desespero em sua voz e as últimas centelhas de esperança se dissipando rapidamente ao implorar para que nossa mãe o *ouvisse*.

Ela só ficou ali, sentada no chão da cozinha, olhando para cada um de nós, mas sem dar nem um passo na nossa direção.

Não. Ela permaneceu exatamente onde estava.

Ao lado *dele*.

Eu sabia que ela sentia medo dele; entendia que o homem na nossa cozinha tinha o poder de nos deixar petrificadas, mas *ela* era adulta. Era para ela ser a adulta, a mãe, a protetora, mas esse papel caíra sobre os ombros de um garoto de dezoito anos.

— Joey — ela sussurrou, lançando para ele um olhar suplicante. — Não podemos só...

— Ele ou a gente. — Joey ficou repetindo sem parar, com um tom cada vez mais frio: — Ele ou a gente, mãe?

Ele ou a gente?

Tão poucas palavras, mas que deveriam ter mais significado e importância que qualquer outra pergunta que eu já tinha ouvido na vida. O problema era que no fundo eu sabia que qualquer que fosse a resposta, qualquer mentira que ela contasse para si mesma e para nós, daria no mesmo final.

Sempre dava no mesmo.

Acho que, naquela hora, meus irmãos também perceberam isso.

Joey com certeza percebeu.

Ele estava decepcionado consigo mesmo ali na frente da nossa mãe, esperando uma resposta que não faria diferença porque o que importavam mesmo eram as ações, e nossa mãe era uma marionete de carne e osso, manipulada pelo nosso pai.

Ela não conseguia decidir.

Não sem a permissão *dele*.

Eu sabia que, apesar dos meus irmãos mais novos estarem rezando por uma resolução, aquele seria o anticlímax.

Nada ia mudar.

Nada seria consertado.

Trariam o kit de primeiros socorros, limpariam o sangue, enxugariam as lágrimas, inventariam uma história, nosso pai desapareceria por um ou dois dias, e então tudo voltaria a ser como sempre foi.

Promessas feitas, promessas quebradas — era o lema da família Lynch.

Estávamos todos acorrentados àquela casa como um grande carvalho preso às suas raízes. Não havia como escapar. Não até que atingíssemos a maioridade e fôssemos embora.

Esgotada demais para pensar, derreti na cadeira, processando tudo e não processando absolutamente nada. Era quase como uma sentença de prisão sem liberdade condicional.

Me inclinando para a frente, segurei as costelas e esperei que tudo acabasse. A adrenalina dentro de mim se dissipava depressa, sendo substituída por mais dor do que eu poderia suportar conscientemente. O gosto de sangue na minha boca era espesso e forte; a falta de ar nos meus pulmões me deixava mole e tonta. A ponta dos meus dedos oscilava entre dormência e formigamento.

Tudo doía, e eu estava de saco cheio.

Estava completamente de saco cheio da dor e daquelas merdas.

Não queria aquela vida que recebi ao nascer.

Não queria aquela família.

Não queria aquela cidade nem as pessoas que moravam ali.

Não queria nada daquilo.

— Quero que você saiba de uma coisa — Joey finalmente declarou quando ela não disse nada.

Seu tom era frio como gelo e ele cuspiu as palavras que eu sabia que se agitavam dentro de si como um veneno que precisava ser exorcizado das profundezas do seu coração partido. Eu sabia porque sentia o mesmo.

— Quero que saiba que agora te odeio *mais* que já odiei ele. — Seu corpo estava tremendo, seus punhos se cerraram. — Quero que saiba que não é mais minha mãe. Não que já tenha sido, pra começo de conversa. — Ele trincou os dentes, se esforçando para não deixar que a dor transbordasse. Seu orgulho não permitia que ele demonstrasse emoção diante daquelas pessoas. — De agora em diante, você está *morta* pra mim. Suas merdas? Lide com elas sozinha. Da próxima vez que ele te bater, não vou estar do seu lado pra te proteger. Da próxima vez que ele beber todo o seu dinheiro e você ficar sem ter o que dar de comer pras crianças ou sem luz em casa, arruma grana com outro imbecil. Da próxima vez que ele te empurrar da escada ou quebrar a porra do seu braço depois de um porre de uísque, vou fingir que não vi, assim como você fez aqui nesta cozinha. De agora em diante, não vou mais te proteger dele, assim como você não nos protegeu.

Me encolhi a cada palavra que se derramou dos seus lábios, sentindo sua dor nas partes mais profundas da minha alma, pois ela se mesclou à minha.

— Não fale com sua mãe desse jeito — nosso pai rosnou com um tom ameaçador, se levantando com dificuldade com seus um metro e oitenta e noventa quilos. — Seu ingrato, seu...

— Nem pensa em falar comigo, seu merda nojento — Joey avisou, olhando para o nosso pai. — Posso até ter o seu sangue, mas é só isso. Não tem mais você e eu, velho. Você pode queimar no inferno, tanto faz. Na verdade, eu sinceramente torço pra que vocês dois queimem na merda do inferno.

Senti um toque gentil no ombro, me dando um susto e me provocando um urro de dor.

— Tudo bem — Tadhg sussurrou. — Estou aqui.

Fechei os olhos e lágrimas escorreram.

— Acha que pode falar comigo desse jeito? — Meu pai limpou o rosto com o dorso da mão, deixando um rastro de sangue no braço. — Você precisa se acalmar, garoto...

— Está *me* chamando de garoto? — Joey jogou a cabeça para trás e soltou uma risada forçada. — Eu? O cara que passou a maior parte da vida criando seus filhos, porra? Dando um jeito na confusão que vocês criaram, assumindo suas responsabilidades, compensando o fato de vocês serem dois inúteis de merda? — Joey ergueu as mãos, indignado. — Posso ter só dezoito anos, mas sou mais homem que você *jamais* vai ser!

— Não abusa da sorte — nosso pai rosnou com os olhos vermelhos, ficando sóbrio rapidamente. — Estou te avisando...

— Ou então o quê, caralho? — Joey o provocou, dando de ombros, indiferente. — Você vai me derrubar? Me bater? Me chutar? Pegar seu cinto? Atirar alguma coisa na minha perna?

Lançar uma garrafa na minha cabeça? Me aterrorizar? — Ele balançou a cabeça e desdenhou. — Quer saber? Não sou mais um menininho assustado, velho. Não sou uma criança indefesa, nem uma adolescente apavorada e muito menos sua esposa maltratada. — Estreitando os olhos, ele acrescentou: — Então o que quer que você faça comigo, te prometo que vou devolver dez vezes pior.

— Sai da minha casa — nosso pai sibilou em um tom mortalmente baixo. — Agora, seu moleque.

— Teddy, para! — nossa mãe choramingou, se aproximando dele. — Você não pode...

— Cala a porra dessa boca, mulher! — rugiu, direcionando toda a fúria para ela. — Senão vou quebrar a sua cara! Está me ouvindo?

Estremecendo, ela olhou para Joey com uma expressão de desamparo.

Joey permaneceu rígido, claramente travando uma batalha interna, mas não foi até ela.

— Você não pode expulsá-lo de casa... — As palavras se perderam enquanto ela olhava com puro e autêntico medo para o homem com quem se casou. — Por favor. — Lágrimas escorreram pela face pálida. — Ele é meu filho...

— Ah, agora sou seu filho? — Joey jogou a cabeça para trás e deu risada. — Não preciso de favor nenhum.

— É culpa sua, garota — nosso pai rosnou, se virando para mim. — Vadiando pela cidade, causando problemas pra esta família! Você é a causa disso...

— Nem pensa! — Joey avisou, erguendo a voz. — Fica longe dela.

— É a verdade — ele rosnou, com os olhos castanhos fixos no meu rosto. — Você é um desperdício de espaço e sempre foi. — Com uma expressão cruel estampada no rosto, ele acrescentou: — Falei isso pra sua mãe, mas ela não me ouviu. Só que eu sabia. Desde quando você era pequena, eu já sabia seu tipinho. Uma ratinha maldita. — Enquanto me encarava, ele cuspiu: — Não sei de onde foi que você veio.

Fiquei olhando para o homem que passou a vida toda me aterrorizando. Ele estava no meio da cozinha e era uma força formidável, com braços fortes e punhos que causaram mais danos ao meu corpo do que eu conseguia me lembrar. Mas foram suas palavras e sua língua que mais me feriram.

— Mentira, Teddy! — minha mãe falou com dificuldade. — Shannon, querida, não é isso...

— A gente nunca quis você — ele continuou me atormentando com suas palavras. — Sabia? Sua mãe te largou uma semana no hospital, se perguntando se devia ou não te abandonar, até que a culpa venceu. Mas eu nunca mudei de ideia. Não aguentava nem olhar pra você, que dirá te amar.

— Shannon, não dê ouvidos a ele — Joey ordenou com a voz carregada de emoção. — Não é verdade. Esse babaca é perturbado. Só ignora. Ouviu, Shan? *Ignora ele*.

— Eu também não te queria — nosso pai rosnou, se voltando para Joey.

— Meu coração está sangrando — Joey devolveu com desdém.

— Bem, pensamos o mesmo de você — Tadhg grunhiu e sua mão começou a tremer no meu ombro enquanto ele encarava nosso pai. — Nenhum de nós quer *você*!

— Tadhg — Joey falou em um tom baixo e sério enquanto o pânico cintilava em seus olhos. — Fica quieto. Deixa comigo.

— Não, não vou ficar quieto, Joe — Tadhg soltou, cheio de raiva, mais raiva que qualquer menino de onze anos deveria carregar. — Ele é a merda do problema desta família e precisa ouvir isso.

— Tira ele da minha frente! — meu pai rugiu para minha mãe, que estava um pouco afastada dos dois. — Agora, Marie! — ele gritou, apontando para ela. — Tire ele da minha frente antes que eu acabe com esse merdinha.

— Quero ver você tentar, porra — Joey provocou, se colocando na frente de Ollie e Sean.

— Não! — Fungando, nossa mãe se posicionou entre nosso pai e Joey. — *Você* precisa ir.

Nosso pai deu um passo na direção dela, fazendo com que ela automaticamente se encolhesse, com as mãos estendidas à frente do rosto.

Era o epítome do patético.

Nenhum de nós jamais teve a menor chance com aquelas pessoas.

Como seria possível conciliar amor e medo em um coração humano?

Como ela poderia *amá-lo* se o temia tanto?

— O que você disse? — ele sibilou, depositando toda a sua ira na nossa mãe. — O que foi que você disse, *porra*?

— Sai — ela soltou, tremendo da cabeça aos pés, dando alguns passos para trás. — Acabou, Teddy. Cansei... cansamos. Eu não posso... preciso que você *vá embora*!

— Você cansou? — ele vociferou com desdém. — Você acha que vai me deixar? — Ele deu uma risada cruel. — Você é minha, Marie. Está me ouvindo? Você é minha, porra. — Ele avançou para ela. — Acha que pode me jogar fora? Virar as costas pra mim?

— Só vai embora — ela insistiu com uma voz estrangulada. — Quero que você vá embora, Teddy! Sai das nossas vidas.

— Você acha que tem uma vida sem mim? Você não é *nada* sem mim, sua puta! — ele rugiu, com olhos selvagens e cheios de uma loucura desenfreada. — A única maneira de se livrar de mim é dentro de um caixão, mulher! Eu te mato antes de você me deixar. Está me ouvindo? Vou queimar essa porra de casa com você e seus putinhos antes de deixar você ir.

— Para — um gritinho saiu da garganta de Ollie enquanto ele agarrava a perna de Joey. — Faz ele parar — ele soluçou, agarrando-se ao nosso irmão como se ele tivesse todas as respostas. — Por favor.

— Você virou uma menininha agora? — papai falou, enojado. — Seja homem, Ollie, seu idiota!

— Chega, Teddy! — nossa mãe berrou, agarrando o peito. — Sai daqui!

— Esta é a minha casa, porra — ele rebateu. — Não vou a lugar algum!

— Tudo bem — Joey declarou em um tom frio, antes de se virar para os nossos irmãos. — Ollie, vai lá pra fora e leva Sean com você. — Enfiando a mão no bolso do jeans, ele pegou o celular e o entregou para Ollie. — Aqui... pega e liga pra Aoife, está bem? Liga pra ela vir buscar a gente.

— Não, não, não! — mamãe começou a surtar. — Joey, por favor, não tira eles de mim.

Depois de assentir uma vez, Ollie pegou a mão de Sean e saiu correndo da cozinha, ignorando os braços estendidos da nossa mãe sem hesitar.

Mesmo tão pequenos, eles não confiavam nela. Afinal, sabiam que, quer ela quisesse ou não, a mãe deles os decepcionaria.

— Eu falei pra ele ir... eu falei pra ele, Joey. Por favor, eu escolho vocês. Claro, *claro* que escolho vocês! — Correndo para o meu irmão, mamãe agarrou o moletom de Joey com suas mãos frágeis e olhou para ele. — Por favor, não faz isso... por favor, Joey. Não leva meus filhos.

— Pra que você serve se não consegue manter eles seguros? — Joey questionou, imóvel, falando com a voz trêmula enquanto nossa mãe se agarrava a ele, implorando por mais uma chance de nos decepcionar. — Você é uma porra de um fantasma nesta casa — ele soltou. — Você é um papel de parede, mãe. Um rato. — Ele passou a mão trêmula pelas mechas loiras e sibilou: — Você não é *boa* pra gente!

— Joey, espera... espera! Por favor, não faz isso. — Segurando as mãos do meu irmão, ela ficou de joelhos e começou a implorar. — Não tira eles de mim.

— Não posso deixar eles aqui — Joey falou com o peito arfando. — E você já fez sua escolha.

— Você não entende — ela gritou, balançando a cabeça. — Você não vê.

— Então se levanta, mãe — Joey disse com um tom suplicante. — Fica de pé e *sai* desta casa comigo.

— Não posso. — Sacodindo a cabeça, ela exalou um soluço embargado. — Ele vai me matar.

— Então morra — foi tudo o que Joey falou sem emoção.

— Deixa ele, Marie — nosso pai rosnou, cheio de malícia. — Ele vai voltar com o rabo entre as pernas. Esse puto é um inútil. Não vai sobreviver um dia sozinho...

— Cala a boca! — mamãe gritou mais alto que já a ouvi gritar. Fungando, ela se levantou e se virou para o nosso pai. — Só cala a boca! É tudo culpa sua. Você arruinou a minha vida. Você destruiu meus filhos. Você é um maldito louco...

Pancada.

As palavras da nossa mãe se transformaram em um grito lamentoso quando o punho do nosso pai acertou com força total seu rosto. Ela caiu no chão feito um saco de pedras.

— Acha que pode falar comigo assim? — ele rosnou, em cima dela. — Você é a pior do bando, sua puta de merda!

Joey levou dois segundos para voltar atrás no que acabara de dizer, porque suas mãos voaram pra cima dele enquanto empurrava nosso pai para longe dela.

— Mantenha suas malditas mãos longe da minha mãe. — Ele o empurrou com força novamente. — Não toque nela! — Agachando-se, Joey tentou colocá-la de pé. — Mãe, por favor...

— Sua voz falhou quando ele se ajoelhou no chão e afastou o cabelo do rosto dela. — É só *dar as costas* pra ele. — Ele segurou o rosto dela com as mãos ensanguentadas. — Vamos dar um jeito, ok? Vamos resolver isso, mas não podemos ficar aqui. Vou cuidar de você...

— Quem você acha que é, porra? — nosso pai rugiu ameaçadoramente, partindo para cima de Joey. — Acha que sabe de tudo, garoto? Acha que é melhor que eu? — Apertando a nuca de Joey com a mão enorme, ele o fez ficar de joelhos. — Acha que pode tirar ela de mim? Ela não vai a lugar algum! — Ele pressionou com mais força, empurrando a testa de Joey no chão de ladrilhos. — Eu falei que te ensinaria boas maneiras, seu ingrato, seu merdinha. — Ele forçou o joelho na parte inferior das costas de Joey, deixando-o indefeso. — Acha que você é homem agora, garoto? Mostra pra sua mãe que tipo de homem você é, chorando de joelhos feito uma vadia.

— Para! — nossa mãe gritou, puxando os ombros do meu pai. — Solta ele, Teddy.

— Sou mais homem que você — Joey sibilou, com a voz abafada pelo esforço que estava fazendo para se levantar com o peso do nosso pai sobre si.

— Ah, você acha, é? — Nosso pai agarrou um punhado do cabelo de Joey, puxou-o para trás e empurrou o rosto dele no chão. — Você é um merdinha, garoto.

Cuspindo um bocado de sangue, Joey plantou as mãos nos ladrilhos mais uma vez e ergueu o corpo, tentando desesperadamente se libertar do nosso pai, sem sucesso, enquanto ele batia o seu rosto contra os ladrilhos. O som de

ossos se quebrando encheu meus ouvidos e meu estômago embrulhou, mas Joey se recusou a ceder.

— Isso é tudo que você tem? — Ele mostrou os dentes e o sangue brilhou sobre o branco, enquanto rosnava e lutava loucamente contra o nosso pai. — Você está perdendo o jeito, velho!

— Solta ele! — mamãe continuou gritando, puxando os ombros de papai. — Teddy, você vai matar ele!

— Que bom! — ele rugiu, jogando o braço para trás e derrubando-a mais uma vez. — E você é a próxima, sua puta traidora!

Tremendo violentamente, tentei fazer alguma coisa, mas não *consegui*.

Não consegui fazer minhas pernas se *mexerem*.

Não tinha energia para me levantar.

Anos de maus-tratos, misturados com a surra que tinha acabado de tomar, me levaram ao ponto em que, aos dezesseis anos, eu não conseguia ficar de pé sozinha.

Patética, fiquei jogada na cadeira em que Joey me colocou, com o sangue escorrendo livremente pelo rosto e o coração desacelerando no peito.

Eu estava morrendo, percebi. Era isso ou meu corpo tinha entrado em estado de choque. De qualquer forma, havia algo muito errado comigo e eu não conseguia ajudar a única pessoa que nunca me abandonou.

Com a cabeça girando descontroladamente, observei com olhos vidrados enquanto Joey torcia o corpo para o lado, fazendo os dois tombarem no chão.

Meu coração foi parar na boca quando nosso pai ficou por cima mais uma vez. Com a mão na garganta de Joey, ele fechou o punho e começou a socar sem parar seu rosto. Joey resistiu embaixo dele, tentando desesperadamente sair dali, mas não adiantou. Nosso pai tinha pelo menos uns vinte quilos a mais.

Ele vai morrer, o fogo do meu coração gritou. *Salve-o*.

Eu tentei.

Tomada pelo pânico, tentei me aproximar de Joey, mas não consegui me mexer.

Era como se estivesse paralisada.

— Ajuda ela — ouvi Joey falar com uma voz estrangulada, tossindo e cuspindo. — Ajuda ela, porra!

Ajudar quem?

Ajudar quem, Joe?

A cada poucos segundos, minha visão ficava turva e eu sabia que isso significava que eu devia estar perdendo e recuperando a consciência. Também sabia que isso era um mau sinal, alertando-me para o fato de que ele havia me machucado ainda mais do que antes.

Desta vez, tinha sido muito pior.

Com o canto do olho, percebi Tadhg seguindo para o armário. Ele abriu uma das gavetas, pegou uma faca e, sem qualquer traço de hesitação, avançou.

Vai, enviei um apelo silencioso aos céus para que agraciassem meu irmão com a coragem de simplesmente *fazer aquilo*.

— Solta meu irmão! — Tadhg gritou, segurando a ponta da faca na garganta do nosso pai com a mão firme como pedra, os

olhos fixos nele.

— Tadhg, abaixa a faca — nossa mãe berrou, se aproximando dele devagar. — Por favor, meu bem.

— Vai se foder — ele devolveu, sem tirar os olhos do nosso pai. — Solta. Meu. Irmão.

Vai, Tadhg, rezei em silêncio. *Faça-o parar para sempre*.

— Não seja burro, garoto — nosso pai deu risada, sem o menor traço de humor na voz. Apenas apreensão.

Que bom.

Tenha medo.

— Não sou burro — Tadhg respondeu com uma voz mortalmente fria. — E não sou Joey. — Ele chegou mais perto, pressionando mais a ponta da faca. — Não vou parar só porque Shannon diz.

Meu coração se partiu.

Ele tinha onze anos e era nisso que eles o transformaram.

Eu estava rezando para que ele matasse nosso pai, para que acabasse com isso.

O que diabos isso dizia de mim?

Eu queria implorar ao meu irmão para enfiar aquela faca em mim para que isso tivesse fim.

Eles eram todos tão fortes e eu era fraca.

Eu não era resiliente.

Eu não poderia me recuperar como eles.

Eu tinha sido desertada.

— Tadhg... — Joey falou do chão, ofegante, com o peito subindo e descendo depressa enquanto tentava desesperadamente puxar o ar para dentro dos pulmões, com a

mão do nosso pai ainda na sua garganta. — Está tudo bem. — Seu rosto estava coberto de sangue, seu nariz estava claramente quebrado de novo. Suas mãos seguravam a mão do nosso pai que prendia a sua garganta. — Calma...

— Não está tudo bem, Joey — Tadhg respondeu, sem emoção. — Nada disso está bem.

— O que você vai fazer, garoto? — nosso pai desdenhou, ainda montado em Joey. Seus olhos injetados de sangue denunciavam ansiedade, fixos no meu irmão mais novo. — Me esfaquear?

— Sim.

Apostando no blefe, nosso pai estendeu a mão para pegar a faca, mas logo se encolheu quando um fio de sangue escorreu pela lateral do seu pescoço.

— Jesus Cristo, Tadhg! — ele gritou, com a garganta pulsando nervosamente. — Você me cortou.

— Isso vai acabar agora — Tadhg respondeu, dando mais um passo à frente. — Solta meu irmão e sai desta casa por bem, ou vou cortar sua garganta e você vai morrer.

Não sei se foi um alívio imenso ou um arrependimento amargo o que senti quando vi meu pai soltar Joey e se colocar de pé.

Uma mistura dos dois, suspeito, embora fosse difícil formar pensamentos coerentes, então eu não tinha certeza.

Cansada demais para sustentar o peso do meu próprio corpo, me inclinei para a frente e apoiei o rosto na mesa. Com a respiração rápida e curta, tentei permanecer imóvel, para não me mexer e sacudir meus ossos.

Tudo doía.

O gosto do sangue na minha boca me fez vomitar.

Estremecendo, choraminguei por reflexo e simplesmente parei de me mover totalmente.

Me resignei à sensação do sangue deslizando pela minha garganta, ao gosto metálico do ferro na minha língua.

Me sentindo tonta e distante, permiti que minhas pálpebras se fechassem, bloqueando as vozes que gritavam umas com as outras, me concentrando na batida errática do meu coração trovejando nos ouvidos.

— Ajuda ela, porra!

Tum, tum, tum.

— Vou te matar, Marie.

T-tum... tum, tum, tum.

— Dá o fora daqui, caralho!

Tum... tum... tu... tum...

— Você está morta.

Tum... tum... tu... tum...

Portas batendo.

Tuuuuum... tu... tu... tum...

Te amo, Shannon, como o rio...

Tum, tum, tum, tum...

A devastação inundou meu corpo, acompanhada por um profundo arrependimento. O rosto de Johnny era um farol de esperança perdida por trás das minhas pálpebras fechadas, conforme fui aceitando as cartas que me foram dadas.

Lágrimas quentes de amargura e arrependimento escorreram dos meus cílios, molhando minhas bochechas e

misturando-se com o sangue seco.

Estava tão triste que era como se tivesse sido roubada.

Talvez em outra vida as coisas pudessem ter sido diferentes.

Eu poderia ter sido feliz.

Acho que preciso ficar com você pra sempre...

— O que ela tem? — ouvi alguém perguntando, alguém que parecia muito com a namorada de Joey, Aoife. — Por que está saindo sangue da boca?

Não precisa ficar assustada. Eu não vou fazer nada de ruim com você...

— Shannon! Shannon! Meu Deus, façam alguma coisa!

Me conta quem fez isso com você. Resolvo isso...

— Olha o que você fez! — minha mãe gritou.

Vou cuidar de você...

— Chamem uma ambulância.

Você está segura comigo...

— Ela está morrendo. Ele matou minha irmã. E você não está fazendo nada!

Não vou deixar você cair... está tudo bem, eu te protejo...

— Chamem uma ambulância, porra!

Fica comigo...

Senti o calor de duas mãos no meu rosto e me entreguei ao toque suave.

— Está me escutando? — A voz de Joey encheu meus ouvidos. — Vou tirar você daqui, ok?

Só continua me beijando...

— Shannon, está me ouvindo?

Te amo, Shannon, como o rio...

— Shan? — Senti algo cutucando meus olhos... os dedos de Joey, percebi, abrindo minhas pálpebras. — Shannon, vamos, fala comigo.

Com as pálpebras abertas, eu me obriguei a olhar para o seu rosto aterrorizado enquanto ele olhava de volta para mim.

— Vou conseguir ajuda pra você, está bem? — Ele soltou uma respiração irregular. — A ambulância está a caminho.

Abri a boca para responder, mas não saiu nada.

Meus lábios não conseguiram formar as palavras que eu precisava.

— Shannon, respira. — Minha mãe se agachou na minha frente, ajoelhada ao lado dos pés de Joey, tocando meu rosto com uma mão enquanto segurava um saco de ervilhas congeladas contra o meu peito com a outra. — Respira, Shannon — ela ficava repetindo. — Respira, meu amor.

Será que estava ajudando? Ou piorando? Eu não sabia.

Eu só sabia que não *conseguia* respirar.

O mais assustador era que eu não me importava. Não estava em pânico. Não estava assustada. Eu só me sentia... cansada.

— Shan — Joey falou, erguendo a voz enquanto o medo tomava suas feições. — Shannon, por favor. — Ele se agachou na minha frente, colocou as mãos nos meus ombros e me sacudiu levemente. — Meu Deus, Shannon, fala comigo!

Tentei, mas não saiu nada.

Tossindo, comecei a engasgar com o gosto estranho de metal que saiu da minha boca em um jorro espesso e viscoso.

Minha cabeça pendeu para o lado, voltando à posição vertical quando Joey segurou meu rosto entre as mãos.

— Aoife, me dá as chaves — ele pediu, com os olhos verdes colados nos meus. Ele soltou meu rosto e saiu de vista. — Eu mesmo vou levar ela.

— Joey, não tira ela daí. Ela pode ter...

— Me dá a porra das chaves, amor!

Sem suas mãos me segurando, eu automaticamente caí para a frente, colidindo com tudo contra minha mãe.

— Tudo bem — ela sussurrou, me envolvendo com os braços, passando os dedos pelo meu cabelo. — Vai ficar tudo bem.

Desejei poder sustentar meu próprio peso e não ter que me apoiar nela. Não queria que ela me tocasse, mas não tinha mais nada dentro de mim.

A última coisa que me lembro antes da escuridão me dominar foi do toque do meu irmão me envolvendo em seus braços, seguido pelo som da sua voz sussurrando as palavras no meu ouvido:

— Não me deixa.

2

CHAPADO PRA CACETE

Johnny

Nada de rúgbi por pelo menos seis semanas.

Pai.

Repouso total de sete a dez dias.

Pai.

Seus pés não vão pisar na grama até maio.

Pai.

Adutor rompido, aderências e pubalgia atlética.

Pai.

Reabilitação.

— Puta merda!

Agarrando os cobertores em volta do corpo, joguei a cabeça para trás e abafei um rugido, sabendo que, se eu explodisse, seria sedado de novo. Eu estava por um triz com as enfermeiras paradas no corredor do meu quarto. O fato de ter

me levantado para mijar e acabar caído no chão ao lado da cama me deixou em maus lençóis. Levei uma enorme bronca por não ter pedido ajuda, fui lembrado de que estava com um cateter e recebi mais uma dose do que diabos fosse o que eles ficavam injetando na minha veia. Disseram que era para dor, mas fiquei desconfiado. Estava chapado pra caralho. Ninguém precisava daquele volume de drogas no organismo. Nem eu, o idiota com o autoproclamado pau quebrado.

— Puta merda, meu Deus!

Piscando para afastar o borrão, tentei me concentrar na parede na frente da cama, a que tinha uma televisão, e em Pat Kenny apresentando o *The Late Late Show*, mas não adiantou. Continuei distraído, meus pensamentos me levando de volta àquela palavra que me assombrava, brincando no meu cérebro feito um disco quebrado.

Pai.

Pai.

Pai.

— Para! — rugi, furioso, apesar de estar sozinho no quarto. — Só para de falar.

Minha mente estava me pregando peças, me deixando ansioso e à flor da pele, produzindo a pior sensação na boca do meu estômago. A ansiedade era tão forte que dava até para sentir seu gosto.

Analgésicos uma ova. Algo estava ferrando com a minha cabeça.

Ninguém estava me escutando.

Fiquei falando para todo mundo que algo não estava certo e só me respondiam que estava tudo bem e me dopavam com o que quer que estivesse correndo pelas minhas veias naquele momento.

Eu sabia que eles estavam errados, mas não conseguia enxergar direito, muito menos entender minha preocupação.

Quanto mais não me levavam a sério, mais ansioso eu ficava, até que eu estava me afogando de preocupação por algo que eu não conseguia identificar.

Era uma sensação terrível do caralho.

Minha mente estava a mil; apenas uma palavra tocava dentro da minha cabeça feito um disco quebrado.

Pai.

E uma única voz repetia a mesma palavra sem parar.

Shannon.

Eu não fazia ideia do motivo de estar reagindo daquele jeito, mas meu coração estava surtando. Eu sabia disso porque, toda vez que pensava nela, a máquina à qual eu estava preso começava a fazer barulho e a piscar.

Eu não lidava bem com a ansiedade. Simplesmente não conseguia. Adrenalina com certeza, mas medo? Não, eu não me lidava bem com o medo. Especialmente quando o medo no meu coração era por outra pessoa.

Quando consegui focar meus olhos na televisão, fiquei pensando: "Que porra Pat está fazendo aí?". O *The Late Late Show* era um programa que passava às sextas à noite, mas, ei, o que diabos eu sabia? Pelo visto não muito, já que não conseguia nem identificar em que dia da semana estávamos.

Recostando no colchão, pisquei para afastar a sonolência e tentei pensar com clareza. Furioso, virei a cabeça de um lado para o outro, procurando alguma coisa.

Algo não estava certo. Na minha cabeça. No meu corpo.

Eu me sentia encurralado feito um prisioneiro naquela maldita cama e era uma merda.

Furioso com o mundo e com todos que nele viviam, fiquei batendo os dedos no colchão e contando as placas do forro do teto.

Cento e trinta e nove.

Jesus, eu precisava sair daquele quarto.

Queria ir para casa. Para *Cork*.

Sim, eu estava tão desesperado que não queria mais estar em Dublin. Estava tendo um momento de revelação e não queria outra coisa além de voltar para casa, em Ballylaggin, para ficar cercado por tudo o que me era familiar.

Queria voltar para casa com Shannon.

Nossa, eu tinha errado muito feio com ela.

Reagi horrivelmente.

Eu era um idiota.

A raiva cresceu dentro de mim mais uma vez, acompanhada pela depressão e pela sensação devastadora que se seguiam toda vez que eu pensava sobre o que o futuro me reservava — algo que acontecia a cada minuto do dia.

Dor? Eu estava sentindo dor pra cacete, mas meu corpo era a menor das minhas preocupações naquele momento. Porque eu havia perdido o controle dos meus malditos sentidos.

Minha cabeça estava toda bagunçada, focada em Cork, com os pensamentos voltados para a porra de uma garota.

Entediado e inquieto, olhei para o céu escuro pela janela do hospital e tentei prestar atenção à televisão.

Que se foda.

Peguei o celular e percorri meus contatos com a mão tremendo, me esforçando para distinguir os nomes através da visão turva, até que encontrei o número que tinha discado pelo menos doze vezes nas últimas só Deus sabe quantas horas ou dias e apertei "ligar".

Com muito esforço, consegui levar o celular ao ouvido e esperei, prendendo a respiração, ouvindo o desagradável som da linha chamando, até ser saudado pela monótona voz da caixa postal.

— Joey. — Me sentei mais para a frente, tentando ficar mais ereto apenas para acabar puxando alguns fios presos ao meu corpo que não deveriam estar ali. — Me liga de volta. — Soltando um grunhido de dor ao sentir uma pontada subindo pelas minhas pernas, me concentrei para dizer a próxima frase sem gaguejar. — Preciso falar com ela. — Tinha quase certeza de que as palavras saíram arrastadas de qualquer jeito pela forma como minha voz me soou estranha. — Não sei o que está acontecendo, Joey. Talvez eu esteja fodido da cabeça, estou chapado pra cacete, mas estou preocupado. Estou com um mau pressentimento do caralho...

Bipe.

— Bem, que merda!

Completamente derrotado, encerrei a ligação e deixei o celular cair ao meu lado antes de me jogar nos travesseiros.

Será que eu estava alucinando esse tempo todo?

Não, eu sabia que estava no hospital.

Sabia que ela tinha vindo me ver.

Talvez eu estivesse me concentrando na palavra "pai" porque fiquei surpreso demais ao ver meu próprio pai aqui quando abri os olhos.

Apertando os lábios, ignorei o formigamento e o entorpecimento que estava sentindo e tentei pensar com clareza.

Eu estava deixando passar alguma coisa.

Se tratando de Shannon Lynch, eu sempre me sentia três passos atrás.

Sonolento, tentei manter a mente clara, mas era impossível por causa daquela sensação de algo me pinicando por dentro e exigindo que eu fechasse os olhos e absorvesse o nada.

Se você quiser saber o que se passa na cabecinha dela, vai ter que fazer por merecer.

— Foda-se, Joey, o hurler — balbuciei, afastando as cobertas. — Eu fiz por merecer.

Apoiei os pés no chão, agarrei o suporte do soro e fiquei de pé. Cada músculo do meu corpo protestou dolorosamente contra o movimento, mas me segurei e cambaleei em direção à porta.

— Johnny! — minha mãe exclamou quando me encontrou no corredor alguns minutos depois. Ela estava com dois copos

de plástico nas mãos e me olhou com uma expressão horrorizada. — O que está fazendo fora da cama, meu amor?

— Preciso ir pra casa — grunhi, arrastando o soro, enquanto mostrava minha bunda para o mundo com aquela camisola, presa apenas nos meus ombros largos. — Agora mesmo, mãe — acrescentei, me afastando da parede contra a qual estava recostado, ignorando a dor lancinante percorrendo meu corpo e tropeçando desajeitadamente pelo corredor. — Preciso ir.

— Ir? Você acabou de fazer uma cirurgia. — Correndo para me parar, ela colocou as mãos no meu peito e me encarou. — Você não vai a lugar algum.

— Vou sim. — Balancei a cabeça e tentei contorná-la. — Vou voltar pra Cork.

— Por quê? — ela exigiu, mais uma vez interceptando meu movimento e bloqueando meu caminho. — Qual o problema?

— Tem alguma coisa errada — soltei, zonzo e desorientado. — Shannon.

— Como assim? — Seus olhos cintilaram de preocupação. — O que tem a Shannon?

— Sei lá — falei, agitado e impotente. — Mas eu *sei* que tem alguma coisa errada. — Franzi a testa, tentando reunir meus pensamentos e descobrir o que estava sentindo, mas só consegui dizer: — Preciso ajudar ela.

— Querido, são os remédios — ela respondeu, me olhando com uma expressão de empatia de merda. — Você não está normal.

Balancei a cabeça, completamente perdido.

— Mãe — resmunguei com a voz rouca. — Estou te dizendo que tem alguma coisa *errada*.

— Como você tem tanta certeza?

— Porque... — Suspirei pesadamente, me joguei na parede e dei de ombros, impotente. — Posso *sentir*.

— Johnny, meu amor, você precisa se deitar e descansar.

— Você não está me ouvindo — rosnei. — Eu sei, mãe. Eu sei, porra.

— O que é que você sabe?

Me encolhi, derrotado.

— Não sei o que é, mas sei que eu *devia* saber! — Frustrado e confuso, soltei: — Mas sei que ela sabe, e ela não vai me contar, mas eu juro que todos eles sabem, mãe!

— Tudo bem, meu amor — ela falou, envolvendo o braço em mim. — Acredito em você.

— Acredita? — eu disse, ainda sonolento, mas um pouco satisfeito. — Obrigado, Senhor, porque ninguém me ouve aqui.

— Claro que acredito em você — ela respondeu, dando tapinhas no meu peito e me conduzindo de volta para o quarto. — Sempre estou te ouvindo, meu bem.

— Ah, é?

— Uhum.

— Detesto que mintam pra mim, mãe — acrescentei, apoiando meu peso no seu corpo esguio. — E ela está sempre mentindo pra mim. — Franzi o nariz e comprimi os lábios, tentando lutar contra a dormência no rosto enquanto um perfume familiar subia pelas minhas narinas. — Que gostoso

seu cheiro, mãe! — Funguei de novo, inalando seu aroma. — Você tem cheiro de casa.

— Jean Paul Gaultier — ela comentou, abrindo a porta do meu quarto. — O mesmo de sempre.

— É muito bom — concordei, assentindo conforme ela me arrastava para dentro.

— Que bom que você gosta. — Ela deu uma risadinha.

— O que vou fazer agora? — Franzi o cenho para a cama, observando através de uma névoa turva minha mãe puxar os lençóis e dar tapinhas no colchão. — Dormir?

— Sim, você vai dormir, meu amor — ela me encorajou com um tom persuasivo. — Tudo vai parecer mais claro de manhã.

Franzi o nariz.

— Estou com fome.

— Vá dormir, Jonathan.

— Não gosto mais de Dublin — grunhi, me jogando na cama. — Estão me fazendo passar fome neste lugar. — Fechei os olhos, afundando o corpo no colchão. — E me dando um monte de droga.

Senti as cobertas sendo colocadas sobre o meu corpo mais uma vez e então um beijo suave na minha testa.

— Vá dormir, amor.

— Pai — murmurei, pegando no sono. — Odeio essa palavra.

3

CONTINUE RESPIRANDO

Shannon

— Shan, está me ouvindo?

Joey?

— Estou aqui.

Não consigo te ver.

Senti alguém segurando minha mão.

— Só fica comigo, está bem?

Estou com medo.

— Por favor, não me deixa.

Não quero.

— Estamos quase lá, Shan.

Lá onde?

— Só continue respirando, beleza?

Não me deixa morrer aqui, Joey.

— Ela está respirando? Aoife... ela está respirando, amor?

Por favor...

— Não sei, Joe... tem muito sangue.

Me ajuda!

— Ajuda ela... — Soluços. — Faz ela respirar, porra!

Não quero morrer...

4

FICHAS E BOMBAS CAINDO

Johnny

Na segunda de manhã, acordei com a cabeça mais fresca e sentindo uma dor avassaladora.

Apesar disso, eu não ia reclamar. Não quando havia uma grande chance de eles me doparem de novo.

O alívio da dor com mais líquido correndo nas veias era uma ideia péssima.

Sem brincadeira, eu estava praticamente apagado desde a cirurgia, mais chapado que sei lá o quê, porque toda vez que algum maldito médico ou enfermeira me examinava, achavam necessário apertar a porra do botão do acesso na minha mão e liberar mais daquilo no meu sistema.

Segundo a equipe médica que vi de manhã: além dos buracos no meu corpo causados pela cirurgia, eu fiquei tão angustiado e pouco cooperativo no sábado, puxando meus fios

e tentando sair do hospital, que foi mais seguro me manter parcialmente sedado para que eu pudesse descansar e me curar.

Meus pais e Gibsie passaram o fim de semana todo indo e vindo, mas eu estava completamente fora de mim, reclamando e delirando feito um lunático, gritando sobre pai e bolas de rúgbi.

Pois é, isso foi constrangedor pra caralho.

Que bom que eu não me lembrava.

Sentindo-me lúcido pela primeira vez em mais de quarenta e oito horas, me sentei ereto, ignorando a dor aguda nas coxas, e peguei meu celular na mesinha de cabeceira. Felizmente, alguém teve o bom senso de carregá-lo para mim.

Desconsiderando o prato de comida que as enfermeiras tinham deixado na bandeja para mim, pisquei para afastar o sono e dei uma olhada nas milhares de ligações perdidas e mensagens que eu tinha recebido desde que minha vida desmoronou na noite de sexta-feira.

Quatro ligações perdidas e uma mensagem de voz do técnico Dennehy.

Meu Deus...

Estremeci, imaginando o que ele tinha para me dizer.

Decidi não ser masoquista e segui em frente depressa, verificando as outras mensagens.

Três mensagens de Feely. Cinco ligações de Hughie. Algumas dezenas de mensagens no grupo dos colegas da Academia. Mais um milhão dos caras da escola. Do meu fisioterapeuta. Uma de Scott Hogan, um dos meus colegas do Royce. Do meu personal trainer. Várias mensagens dos caras

com quem joguei no clube em Ballylaggin. Muitas outras de números desconhecidos ou que não salvei na lista de contatos. Duas do sr. Twomey, o diretor do Tommen. Uma do treinador Mulcahy. Sete mensagens e doze ligações perdidas de Bella.

— Maldita Bella. — Frustrado, ignorei os recados de voz e li as incontáveis mensagens me desejando melhoras, deletando cada uma até que restou apenas a tela em branco.

Nada de Shannon.

Nem uma mísera mensagem.

Justo, ela estava sem celular, mas Joey tinha um aparelho e tinha meu número.

Puto da vida, percorri a lista de contatos, encontrei o nome "Joey, o hurler" e liguei. A raiva dentro de mim foi aumentando a cada toque não atendido. Quando ouvi a caixa postal, senti que estava a dois segundos de explodir.

Dopado ou não, eu tinha ligado para ele pelo menos uma dúzia de vezes no fim de semana — disso eu me lembrava —, e ser ignorado não era nem um pouco agradável.

— Joey. — Segurando o celular com mais força que o necessário, me esforcei para manter o tom neutro, embora estivesse fervendo de raiva. — Preciso falar com ela. — Não ligava a mínima para como ele interpretaria essa mensagem. Não me importava mais com o que os outros pensavam. Tinha um frio na barriga que nem o sono ou os remédios poderiam dissipar. — Ouça... — Fechando os olhos, tentei ser diplomático e falhei miseravelmente: — Sei que tem alguma merda acontecendo. — *Boa, Johnny*. — Vai parecer loucura. Eu sei. Eu *sei*, ok. Mas estou com uma sensação terrível. — Jesus,

eu era um idiota. — Shannon me falou uma coisa ou sonhei que ela falou, mas não consigo tirar isso da cabeça e não... olha, nem tenho mais certeza, mas preciso falar com ela. Preciso esclarecer umas merdas, ok? Então só atende minhas ligações, porra...

Um bipe soou no meu ouvido, me avisando que meu tempo tinha acabado.

— Babaca — resmunguei, largando o celular no colo e tremendo de dor depois.

Com cuidado, peguei o aparelho e coloquei-o de volta na mesinha de cabeceira antes de levantar as cobertas e a camisola do hospital e dar a primeira olhada sóbria e lúcida no estrago.

Hum. Inclinei a cabeça para o lado, avaliando a situação. *Nada mau*.

Meus quadris, as duas coxas e a virilha estavam inchadas, machucadas e cheias de hematomas, com bandagens cobrindo as partes que haviam sido abertas, mas minhas três partes favoritas do corpo ainda estavam inteiras, por assim dizer. Meu pau estava ali com minhas bolas lhe fazendo companhia.

Franzindo a testa, me avaliei, sentindo-me estranhamente violado por alguém ter raspado meu saco sem permissão, mas decidi não ficar chateado com isso. Eu estava com uma ereção parcial, provavelmente pela emoção de ainda estar inteiro, então considerei uma vitória.

Obrigado, Deus.

Me cobri de novo, dei um suspiro de alívio e puxei a bandeja de comida, sentindo meu apetite retornar com força total.

Você está bem, fiquei cantarolando mentalmente para mim mesmo enquanto comia um pedaço de bacon, *você vai sarar, vai voltar para o campo e tudo vai ficar bem*.

Mas ela não vai ficar, uma vozinha na minha cabeça sibilou, *e você sabe por quê*.

Rasgando ferozmente outra fatia de bacon, continuei ruminando e refletindo sobre cada momento que passei com Shannon Lynch desde o dia em que a nocauteei com aquela bolada até o momento em que a mandei embora deste quarto.

Imaginei que era uma espécie de mecanismo de defesa. Para evitar ficar pensando sobre a terapia iminente e a perspectiva de perder o sub-20. Eu não podia pensar em rúgbi. Se eu fizesse isso, havia uma boa chance de eu ter um colapso, então me fixei em Shannon Lynch, e a obsessão com cada detalhe minúsculo e insignificante era tanto que tive certeza de que iria explodir.

Tem algo errado.

Tem algo errado e você sabe.

Abre sua mente e pensa!

Abaixei a faca e o garfo, afastei a bandeja e peguei o celular de novo. Liguei para Joey e rezei para que ele atendesse, agarrado ao aparelho. Minha ansiedade estava apodrecendo dentro de mim a ponto de eu não conseguir pensar em nada além dela. Quando fui saudado pela mensagem da caixa postal, surtei.

— Olha só, seu desgraçado, sei que você está recebendo minhas mensagens, então é melhor você atender o maldito

telefone ou me escrever. Não vou desistir até falar com ela. Entendeu? Não vou desistir, porra...

— Bom dia, meu amor — minha mãe falou alegremente entrando no quarto, interrompendo a conversa unilateral que eu estava tendo com Joey Lynch na caixa postal dele. — Como está seu pênis hoje?

Me dê forças...

— Me liga — murmurei antes de desligar e ficar boquiaberto com minha mãe.

— Trouxe flores pra você — ela continuou sem esperar resposta, depositando um buquê de flores na minha bandeja. — Você anda tão desanimado. — Sorrindo, ela foi até minha cama e ficou mexendo nos cobertores. — Pensei que isso pudesse te animar.

— *Como está seu pênis?* — Agarrando os lençóis ao meu redor, puxei-os até o peito, não confiando que ela não os levantaria para verificar por si mesma. — Você acha que é normal perguntar isso pro seu filho?

Ela deu de ombros.

— Prefere que eu chame de bilau, meu amor?

Jesus amado!

— Bem, não tenho seis anos, mãe, então não, não prefiro — soltei, olhando com cautela enquanto ela pairava ao lado da cama. — E está tudo bem.

Ela mordeu o lábio.

— Tem certeza...?

— Tenho! — falei, afastando sua mão quando ela tentou puxar o cobertor, como eu tinha previsto. — Nossa, mãe, já

falamos sobre isso. Você precisa respeitar meus limites!

Suspirando alto, ela se sentou na ponta da cama e deu tapinhas no meu rosto.

— Você pelo menos pode mostrar pro seu pai? — Ela me lançou um olhar suplicante. — Estou tão preocupada...

— Não tem nada pra se preocupar — grunhi. — Está tudo bem. Estou bem. Nós dois estamos bem, mãe. Estou em um hospital, sabe.

— Sim, mas...

— Confie em mim, estou bem. — Fiz um joinha. — Está tudo ótimo, mãe.

Ela deu um suspiro pesado.

— Sinceramente, não sei se vou conseguir acreditar de novo em alguma palavra que sair da sua boca. — Ela mordeu o lábio e fez aquela expressão horrível de mãe magoada. Aquela que sempre me atingia profundamente, própria para fazer o filho se sentir um merda. — Você me decepcionou de verdade, Johnny.

Meu Deus, por que não enfia a faca mais fundo...?

— Eu sei, mãe, nossa... — E eu sabia. — Me desculpa mesmo. — Sabendo que ela não me deixaria em paz se eu não me comprometesse, me obriguei a dizer: — Então se isso vai fazer você se sentir melhor, vou mostrar pro papai quando ele vier.

Ela sorriu, satisfeita, e me afundei nos travesseiros, grato por ter desviado daquela bala em particular.

— Os médicos vieram hoje?

Assenti.

— Sim, cedinho.

Ela me olhou cheia de expectativa.

— E...?

— Vão me deixar ir pra casa de manhã.

— Tão cedo?

Revirei os olhos.

— Já se passaram três dias, e eu não fiz uma cirurgia do coração.

— Eu sei, mas... — A preocupação tomou suas feições. — Acho que você devia ficar mais uns dias, meu amor. O repouso vai te fazer bem. — Ela se inclinou para a frente para fazer carinho no meu rosto. — Você já está muito melhor. Imagine o que mais alguns dias poderiam fazer?

— Vai ficar tudo bem — falei, me sentindo um merda por colocar esse estresse desnecessário nos seus ombros. — Conheço as regras.

— Mas vai segui-las? — ela murmurou.

— Não vou fazer cagada — eu disse, encarando-a. — Não vou, mãe. Vou repousar. Me recuperar. Mas depois vou voltar.

Sua expressão murchou.

Endireitei a coluna, sabendo que não poderia ceder àquele olhar de cachorrinho abandonado.

— Não acho que você devia continuar jogando, Johnny.

— Eu vou jogar, mãe — respondi baixinho.

— Não.

— Sim, mãe.

— Johnny, por favor.

— Eu vou jogar.

— Não consigo suportar a ideia de você se machucando de novo.

— Mãe, eu vou jogar — expliquei, tentando manter o tom gentil. — Sei que não é o que você escolheu pra mim, mas é o que escolhi pra minha vida, ok? Estou bem, mãe. Mais que bem. É isso que quero fazer. Não posso *não* jogar porque você tem medo que eu me machuque. — Dei de ombros. — Isso pode acontecer se eu atravessar a rua.

— Mas não aconteceu enquanto você atravessava a rua. Cada cama de hospital que você ocupou, e foram mais que do que consigo contar com as duas mãos, foi resultado direto do rúgbi. — Ela balançou a cabeça. — Não entendo por que você está tão determinado a se machucar.

— Você não precisa entender — respondi, sabendo que não havia razão para tentar explicar as coisas quando ela estava tão focada em impedir que eu continuasse jogando. — Você só tem que me apoiar.

— Por que você não podia escolher golfe? — Ela choramingou, enfiando a cabeça nas mãos. — Você é bom no golfe, meu amor. Ou natação? Tênis?

Estiquei o braço e dei tapinhas no seu ombro.

— Porque sou um jogador de rúgbi.

— Ah, Johnny...

— Só me apoie, mãe — falei rispidamente. Me sentei mais ereto e a puxei para um abraço sem jeito. — Prometo que vou te deixar orgulhosa.

— Já tenho orgulho de você, seu besta — ela fungou, enxugando as lágrimas. — E esse orgulho não tem nada a ver

com o maldito rúgbi.

— Bom saber — murmurei. — Acho...

— Agora, chega de fazer sua mãe chorar — ela disse, abrindo um sorriso forçado e se levantando. — Me diz como está se sentindo.

— Estou bem — respondi, desconfiado de novo. — Já te falei.

— Emocionalmente — ela disse, empurrando a bandeja de comida para mim. — Quero saber como você está se sentindo no seu coração. — Ela abriu um guardanapo, colocou-o no meu colo e serviu um copo de chá da garrafa. — Coma, Johnny, meu amor. Pra você ficar forte de novo.

— Assustado — falei, pegando o garfo. — Estou emocionalmente assustado pra caralho, mãe.

— Olha a boca — ela me repreendeu, dando um tapa na minha nuca com a mão esquerda, da qual passei a maior parte da vida me esquivando, como se estivesse no maldito Matrix. — Sua mãe te deu educação.

Mordendo a língua, enfiei uma fatia de bacon na boca e mastiguei ferozmente.

— Bom menino — ela falou, bagunçando meu cabelo.

Meu Deus, me salva.

Por favor, me salva desta mulher...

— Como vai o homem do momento? — a voz familiar de Gibsie encheu meus ouvidos, me oferecendo uma trégua necessária da mulher pairando ao meu redor feito um maldito helicóptero.

— Tudo certo, cara — falei, fixando o olhar no paspalho loiro que era o meu melhor amigo e fiel escudeiro desde a minha infância, enquanto ele me encarava da porta do quarto.

— Bom dia, Gerard — minha mãe disse alegremente. — Dormiu bem, meu amor? Deixei uma muda de roupas limpas do lado de fora do seu quarto de manhã... — Ela parou de falar e deu uma olhada rápida em Gibsie antes de abrir um sorriso de aprovação. — Ah, que bom que você viu. Você fica ótimo de bege, querido.

— Eu vi, Mami K — ele respondeu, dando um sorrisinho. — Você é boa demais comigo.

Revirei os olhos.

— Bem, vou deixar vocês dois em paz... pra vocês colocarem o papo em dia. — Ela deu um beijo na minha cabeça e seguiu para a porta, onde ganhou um beijo na bochecha de Gibsie. — Vou estar na lanchonete, se precisar de mim.

— Eu amo essa mulher — ele declarou quando minha mãe foi embora.

Estreitei os olhos.

— Garfos podem ser armas muito boas, sabe?

— Ela é tão...

— Não vai sobrar olho no seu rosto se você terminar essa frase — avisei, segurando o talher feito uma arma.

Gibsie deu risada.

— Como está se sentindo?

— Como se eu tivesse sido atropelado por um caminhão na sexta à noite — resmunguei, abaixando o garfo.

— Tão bem assim, é?

— Não começa, Gibs. — Relaxando os ombros, peguei uma salsicha e dei uma mordida. — Estou sentindo uma dor de merda e parece que faz um mês que não durmo. Não estou no clima pra piadinhas.

— Bem, pelo menos seu apetite está intacto — ele falou, observando o pratão de bacon, salsicha e torrada que eu estava comendo.

— Não me julgue — grunhi. — Levei um golpe nas bolas. — Engolindo um bocado de salsicha, peguei uma fatia de bacon. — Eu mereço essa porcaria.

Ele sorriu.

— Justo.

— É, eu sei — falei, sem emoção.

— E aí? — ele perguntou, me olhando com uma empolgação malcontida. — Você recuperou os sentidos agora?

Dei de ombros.

— Infelizmente.

Gibsie assentiu.

— E seu coração?

Estreitei os olhos.

— O que tem?

— Não está fazendo bum-bum-bum hoje?

— Não — respondi devagar, sabendo que eu estava de alguma forma me enfiando em uma armadilha sem fazer ideia de como. — Está tudo bem.

— Excelente. Porque já recebi mais material do que consigo dar conta e ele está cavando um buraco dentro de

mim, cara. Sério, não consegui nem dormir à noite de empolgação, esperando você sair daquela chapação como se fosse manhã de Natal, e você sabe que eu adoro Natal, cap.

Pelo amor de Deus.

— Venha. — Gesticulei para que ele entrasse. — Vamos acabar logo com isso.

Claramente encantado com a vida, Gibsie entrou no quarto e avançou sem parar até estar sentado ao pé da minha cama. Limpando a garganta, ele disse:

— Antes de começar, preciso perguntar onde você vai querer fazer sua despedida de solteiro.

Olhei-o boquiaberto.

— *O quê?*

— Estava pensando no Kilkenny — ele continuou com um tom leve e bem-humorado. — Mas podemos fazer no Kiollarney, se quiser ficar mais perto de casa.

— Do que é que você está falando, porra?

— Bem, que engraçado você perguntar. — Sorrindo, ele cuspiu mais merda do que eu estava conseguindo absorver. — Você está noivo ou, talvez, prometido. Não tenho certeza da terminologia... mas, segundo você mesmo, você já está casado.

Fiquei encarando-o inexpressivamente.

— Como?

— Ah, cara. — Ele jogou a cabeça para trás e gargalhou. — Você não se lembra mesmo?

— Olha pra mim. — Apoiei o garfo no prato e apontei para o meu rosto. — Por acaso essa é a cara de alguém que sabe o que está acontecendo?

Minha resposta só o fez dar mais risada ainda.

— Adorei. — Ele riu, claramente, do meu desconforto. — A espera valeu a pena. Este é o melhor dia.

— Explica, Gibs — exigi, confuso. — Explica agora, antes que eu te fure com uma dessas agulhas no meu braço.

— Shannon. Ela veio comigo te ver na sexta à noite.

— Sim, eu sei — grunhi, esfregando a testa. — Disso eu me lembro.

— E você não se lembra da conversa que teve com ela? — ele respondeu, com os olhos dançando de malícia. — Do que você falou pra qualquer um que veio te ver?

— Não — soltei. — Tudo daquela noite está turvo. — Eu só me lembrava de algumas partes do sábado de manhã. Partes em que agi feito um completo idiota com Shannon. Deixei o orgulho levar a melhor e a mandei embora. Depois disso, surtei e entrei em pânico, exigindo que me levassem para casa. Estava com tanta dor que me deram um monte de remédio para me apagar. — O que foi que eu fiz?

— Não foi o que você fez, mas o que *disse*.

— Gibs, juro por Deus, se você não me falar logo o que está rolando...

— Cara, você disse que estava apaixonado por ela. — Ele deu risada, batendo a mão na coxa. — Logo antes de pedir pra ela ter filhos com você.

Arregalei os olhos.

— Não!

Seu sorriso se alargou.

— Sim!

— Meu Deus, Gibs — sibilei com a voz mais alta que o normal. — Por que não me *impediu*?

— Porque foi brilhante. — Rindo, ele acrescentou: — Pensei que você fosse fazer ela assinar alguma coisa de tanto que insistia no assunto.

Afundei a cabeça nas mãos.

— Que merda está acontecendo comigo?

— Não faço ideia. — Gibs deu risada. — Mas, se eu tivesse que apostar dinheiro, diria que você estava declarando seus sentimentos verdadeiros.

— Do que você está *falando*? — Fiquei boquiaberto com ele, perplexo. — Não quero filhos, porra.

Ele me deu uma piscadela.

— Me engana que eu gosto.

— Para com isso — resmunguei, reprimindo um tremor. — Você sabe que eu não quero.

— Você implorou pra ela.

Meu queixo caiu.

— Não.

— Shannon, por favor, tenha filhos comigo! — ele me imitou. — Estou te implorando, Shannon. Receba minha semente, toque meu pau.

— Cala a boca — implorei. — Por favor, não me conta mais nada.

— Você falou pra enfermeira que ela era sua esposa. — Ele tacou sal nas minhas feridas dizendo: — Você falou pra sua mãe como as tetas dela eram gostosas e que mal esperava pra fo...

— Ah, meu Deus — soltei, cortando-o antes que ele estragasse mais ainda minha vida. — É por isso que ela está me evitando, né? — perguntei, horrorizado. — Deve estar pensando que vou tentar engravidar ela na primeira chance que tiver.

— Bem, pelo visto seu pau *está* funcionando agora — Gibs falou, adorando meu tormento. — Você fez questão de deixar isso escapar, *garanhão*.

Não era à toa que Joey não estava atendendo às minhas ligações.

Se Shannon contou ao irmão metade das coisas que eu aparentemente tinha falado para ela, sem dúvida ele estaria me esperando em Ballylaggin com a vingança armada e uma espingarda de cano serrado.

— Estou ferrado — falei, abaixando a cabeça.

— Nah. — Dando tapinhas no meu ombro, Gibsie disse: — A garota também te ama. Ela te falou na sexta.

Grunhi alto, sentindo vergonha até nas partes mais profundas da minha alma.

— Porque eu forcei ela a dizer.

— Não, porque é verdade — ele me corrigiu.

— Duvido. Duvido pra caralho, cara.

— Olha, Johnny, vou ser bem direto, cara — Gibsie falou um pouco mais sério. — Você passou meses mentindo pra si mesmo e pra todo mundo sobre os seus sentimentos. Era coisa demais. Toda aquela frustração reprimida teria que sair mais cedo ou mais tarde. — Dando de ombros, ele acrescentou: — A

anestesia e a morfina só ajudaram no processo... e arrancaram a verdade de você.

— Não... — neguei, sabendo que era inútil, mas precisando de alguma coisa a que me agarrar. — Não quis dizer nada daquilo.

Gibsie ergueu a sobrancelha.

— Não precisa mentir pra mim, cara.

Meus ombros se curvaram em derrota.

— Ah, está bem. É verdade. Está feliz agora?

— *Você* está? — ele perguntou, sem piscar.

— Estou o quê?

— Feliz?

— Não, *não* estou feliz, Gibs. — Encarei meu amigo. — Olha só pra mim — pedi, batendo no peito para dar mais ênfase. — Estou *aterrorizado* pra caralho!

— Com o seu pau?

— Meu pau, minhas bolas, a garota, o jogo... — Fiz uma pausa e dei um suspiro trêmulo. — Estou perdendo a cabeça aqui. — Afastei a bandeja, me recostei no travesseiro e suspirei. — E estou preocupado.

— Compreensível — ele concordou. — Mas você vai ficar bem...

— Com *ela* — corrigi com um grunhido de dor. — Estou preocupado com *ela*, Gibs.

— Por quê?

— Ela me contou uma coisa outra noite — admiti, me sentindo um pouco perdido. — E não consigo me lembrar o quê. — Passando a mão no cabelo, contei para o meu amigo as

dúvidas que estavam me assombrando. — Tinha alguma coisa a ver com o pai dela, cara. — Fazendo careta, tentei resgatar a memória, mas ela continuou flutuando para longe do meu alcance. Frustrado, soltei um suspiro. — Acho que... — Parei de repente, apertando o nariz, sabendo que, se eu falasse em voz alta, não poderia voltar atrás.

— O que você acha? — Gibsie pressionou.

— Isto fica entre nós — avisei.

Ele assentiu.

— Sempre, cara.

Soltando outro suspiro, me sentei mais ereto e coloquei o cabelo para trás com ambas as mãos, me sentindo inquieto e desconfortável.

— Andei vendo coisas — comecei devagar, observando-o com atenção, testando sua lealdade mesmo sabendo que isso não era necessário.

— Pessoas mortas?

— Vai se foder!

— Certo, certo, foi mal — ele falou, fazendo uma expressão séria. — Pode me contar.

Encarei-o fixamente, esperando qualquer gracinha se esvair de suas feições antes de continuar.

— Nela.

Ele franziu o cenho.

— Nela?

Repousei as mãos no colo e me mexi, inquieto.

— No corpo dela. — Culpado, olhei para ele e soltei: — Coisas que aconteceram vezes demais e são coincidências

demais pra serem explicadas como um acidente.

Os olhos de Gibsie se estreitaram enquanto ele absorvia o que eu falei.

— Coisas tipo hematomas?

Assenti devagar.

— Onde?

— Por toda parte. — Soltei um suspiro sofrido. — Por todo o corpo, Gibs.

— Que merda!

— Primeiro, pensei que ela estava sofrendo bullying de novo... — Fiz uma pausa e franzi o nariz, me sentindo péssimo por quebrar sua confiança, mas aquilo estava me devorando. — Ela passou por maus bocados na ECB, Gibs. Foi dureza, cara. Daí eu consertei as coisas ou pelo menos foi o que pensei, mas...

— Mas?

— Mas eu *sei* que é mais que isso, Gibs. Sei que estou parecendo um maluco, mas é real. Sei que está rolando alguma coisa. Lembro de ela comentar algo aquela noite... — Rosnei, furioso comigo mesmo por não ter memorizado a peça crucial do quebra-cabeça. Porque eu sabia que tinha esquecido algo de vital importância. — E agora acho que descobri o que é.

— Descobriu? — Gibsie perguntou, mais sério do que nunca. — Você tem algum nome?

Assenti devagar, encarando-o fixamente e implorando que ele não me julgasse pelo que estava prestes a dizer. Havia uma chance de eu estar errado — uma chance enorme e colossal, do tamanho do Grand Canyon, mas eu achava que não, e o risco valia a segurança dela.

— Acho que é o pai dela, Gibs. — Engolindo a incerteza, olhei nos olhos do meu melhor amigo e disse: — Acho que o pai da Shannon está agredindo ela.

Eu era matemático por natureza e o denominador comum de todos os problemas que tentei resolver em relação a Shannon Lynch era o pai dela.

Ela falou do pai.

Ela me contou.

Eu *sabia*.

Ela me contou alguma coisa sobre o maldito pai dela.

Eu só não tinha certeza do quê.

Durante dias, minha mente ficou a mil, repassando cada conversa que tive com ela, tentando encontrar algo que eu sabia que estava faltando.

Não importa o que eu fizesse ou o quanto pensasse sobre isso, minha mente sempre voltava para aquele primeiro dia, para a conversa que tivemos quando ela não estava muito consciente sobre o que estava dizendo:

— Esse machucado. — Passei o dedo pela cicatriz antiga. — De onde veio isso?

— Meu pai — ela respondeu, soltando um suspiro.

— Meu pai vai me matar — ela continuou, com a voz embargada, segurando a saia. — Meu uniforme está todo estragado.

— Johnny — ela grunhiu, fazendo uma careta. — Johnny. Johnny. Johnny. Isso não é nada bom...

— O quê? — insisti. — O que não é nada bom?

— Meu pai — ela murmurou.

Se eu estivesse errado, e havia uma grande chance de que eu estivesse, ela jamais me perdoaria. Achei que já estava lascado pela maneira como tinha agido, mas acusar seu pai de agressão seria o prego no nosso caixão.

Você provavelmente já se ferrou também, Johnny...

Porra.

Eu estava enlouquecendo enquanto meu cérebro cheio de remédio inventava as coisas mais depravadas, nojentas e desumanas.

O pai de Shannon a machucava?

Será que eu estava sendo ridículo?

Eu tinha vergonha de ter aqueles pensamentos, mas eles estavam lá, na minha cabeça, ressoando bem alto e orgulhosos e me deixando louco de ansiedade.

Será que ele agredia ela?

Era isso que estava acontecendo?

Eu não conhecia o cara, mas certamente o irmão ou a mãe dela teriam interferido.

Já tinha visto a sra. Lynch uma vez. Admito que não foi o encontro mais amigável, mas a mulher parecia amar genuinamente a filha.

Ela parecia bem.

Saudável e grávida.

Seu irmão estava forte e em forma.

Os outros irmãos eram praticamente bebês.

Faltava o pai.

— Puta merda. — Gibsie balançou a cabeça. — É uma acusação muito grave, cara.

— Eu sei — grunhi, me sentindo completamente enojado. — E sei que se eu estiver errado, vou abrir um enorme vespeiro, mas eu só... — Sacudi a cabeça e cerrei os punhos. — Não consigo tirar isso da cabeça. Acho que foi isso que aconteceu comigo... Foi por isso que passei o fim de semana todo surtando. Estava tentando ir pra casa pra voltar *pra ela*, Gibs. Porque estou com medo *por ela*. — Dei de ombros, me sentindo impotente. — É só um palpite, mas não posso ficar de braços cruzados, Gibs. Não posso ignorar ou fingir que isso não está acontecendo. Está acontecendo alguma coisa com ela e não estou preparado pra ficar sentado sem fazer nada. — Dei um suspiro trêmulo. — Ela significa muito pra mim pra eu botar essa história debaixo do tapete. Mesmo que eu esteja errado, vale a pena conferir, certo? É a coisa certa a fazer, não é?

— Me dá um minuto pra processar tudo isso. — Gibsie se inclinou para a frente e pressionou os dedos nas têmporas. — É coisa demais, cara.

Pois é.

Enquanto isso, não consegui ficar parado. A dor estava me consumindo, mas meus pensamentos eram ainda piores, me atormentando a tal ponto que virei um feixe inquieto de nervosismo e ansiedade.

Havia algo errado.

Eu sentia.

— Preciso ir — anunciei, sem querer esperá-lo processar nada. — Estou falando sério, Gibs. Você tem que me tirar daqui, cara. Preciso ir pra casa pra tirar essa história a limpo.

— Você não pode sair do hospital por causa de um palpite — Gibsie retrucou, olhando para mim. — Meu Deus, Johnny, você não consegue nem andar sem ajuda. Como espera que eu te leve pra Cork, seu idiota? Dentro da porra do meu suéter?

— Está acontecendo algo com ela, Gibs — falei, com o coração esmurrando meu peito. — Posso sentir na pele.

— Espera um segundo. Tive uma ideia... — Ele fez uma pausa, pegou o celular no bolso e apertou alguns botões antes de ligar o viva-voz e deixá-lo na cama entre nós.

— Alô? — A voz de Claire preencheu o silêncio depois de três toques curtos.

— Ursinha... — Gibsie respondeu, erguendo a mão para mim, gesticulando para que eu ficasse quieto quando abri a boca para perguntar o que diabos ele estava fazendo.

— Gerard. — Seu tom era de alívio. — Você está bem? Como está o Johnny?

Mantendo os olhos em mim, Gibs ignorou as perguntas e falou:

— Por que você não me contou?

— T-te contei o quê? — Claire perguntou, preocupada.

— Sobre o pai da Shannon.

— Mas que porra? — balbuciei, sem emitir som, pronto para matá-lo.

— Espera — ele me respondeu, esticando a mão para me conter. — Confia em mim.

— Do que você está f-falando? — Claire disse, hesitante.

— Você sabe exatamente do que estou falando — ele blefou, colocando a mão sobre a minha boca.

— Ela contou pro Johnny, né? — Claire falou. — Ah, meu Deus, e ele contou pra você.

Meu coração congelou dentro do peito.

Meu mundo inteiro colapsou.

Eu estava certo.

Eu estava certo, porra!

— É, ela contou pra ele — Gibsie falou, furioso. — O que quero saber é *por que* você não contou pra ninguém, Claire.

— Eu não tinha certeza — ela soltou depressa, devastada. — Ela nunca confirmou nada, mas todos aqueles hematomas... Eu sabia que ele estava fazendo alguma coisa com ela. Fiquei com medo, Gerard. Fiquei com medo, está bem?

Era como se eu tivesse sido atingido por um maldito trem de carga.

— *Quem está te machucando, baby? Eu dou um jeito nisso.*

— *É segredo.*

— *Não conto pra ninguém.*

— *Meu pai.*

Me mexendo por instinto, peguei o celular na mesinha de cabeceira e arranquei os cobertores. Saí da cama e segui para o banheiro com o 999 já discado.

— Johnny, o que você está fazendo, cara? — Gibsie falou.

— A coisa certa — sibilei, furioso.

— A gente não devia falar com seu pai primeiro? — ele perguntou, disparando atrás de mim. — Ele é advogado, cara, e a gente não sabe o que...

Ergui a mão para afastar Gibs, pressionei o celular no ouvido e me concentrei na voz do outro lado da linha.

— Nove-nove-nove, qual é a sua emergência?

— Minha namorada está em perigo — falei, perdendo a energia para controlar as emoções. — Ela só tem dezesseis anos. Ela é menor de idade e precisa de ajuda. Ela mora no Elk Terrace, 95, em Ballylaggin, condado de Cork, ok? Entendeu? Elk Terrace, 95. Ela é bem pequena, viu? Minúscula pra cacete. Ela não consegue se defender e eu não posso ir até ela... — Tremendo da cabeça aos pés, pressionei a testa contra os azulejos frios do banheiro, cerrei a mandíbula e rosnei: — Preciso que vocês mandem alguém pra lá imediatamente, porque o nojento do pai dela está dando uma surra do caralho nela.

— Bem... — Gibsie disse sombriamente da porta do banheiro quando encerrei a ligação. Cruzando os braços, ele acenou a cabeça em aprovação. — Você acabou de jogar a merda no ventilador.

— Nossa, Gibs. — Dando um suspiro trêmulo, pressionei a mão na testa e sibilei: — Como foi que não vi isso?

— E como é que você ia saber? — Gibsie falou, suspirando. — Olha só pros seus pais, Johnny. Pô, eu apostaria que John nunca nem ergueu a mão pra você.

Verdade.

— Exatamente — ele continuou, lendo meus pensamentos. — É difícil imaginar algo assim quando isso está muito além do que é normal pra você. É praticamente incompreensível.

— A ficha não tinha caído — soltei, lutando contra o enorme tsunami de culpa crescendo dentro de mim. — Eu

não... não tinha imaginado nada disso.

— Olha, mandei uma mensagem pro seu pai. Ele está vindo, Johnny. Ele vai nos ajudar, cara.

— Que bom — respondi com a voz entrecortada, tentando recuperar o fôlego e processar tudo aquilo. — Vou precisar que ele cuide do meu caso quando eu perder o réu primário.

— Acha que ele pode me representar também? — Gibsie perguntou. Dando de ombros, ele acrescentou: — Quando se está embarcando pro inferno, é sempre bom ter um amigo ao seu lado.

5

SOU SEU IRMÃO

Shannon

Quando abri os olhos de novo, a primeira coisa que percebi foi a luz do sol entrando pela janela, misturando-se ao som dos bipes dos monitores e provocando uma pulsação em meu cérebro.

Tum. Tum. Tum.

Confusa, procurei Johnny, mas não encontrei nada.

Ele não está aqui.

Em pânico, tateei o colchão, virando de um lado para o outro enquanto tentava localizar o sr. e a sra. Kavanagh ou Gibsie.

— Ei, ei, está tudo bem. — Uma mão grande envolveu a minha. — Estou aqui.

— Joe? — soltei, ansiosa, sentindo o coração disparar a cento e sessenta quilômetros por hora, procurando-o

desesperadamente. — Joe?

— Shhh, calma — uma voz familiar e masculina respondeu. — Estou bem aqui, Shannon.

Rejeitando o estranho, balancei a cabeça e toquei os fios no meu nariz.

— Joey? — falei baixinho. Minha voz era pouco mais que um sussurro rouco.

Arranquei os fios e respirei fundo, ofegando em busca do precioso ar, algo que meu cérebro exigia que eu fizesse. No minuto em que fiz isso, a dor percorreu todo o meu peito e eu gritei, movendo as mãos automaticamente para a lateral do meu corpo.

Para o lado *enfaixado*...

Assustada, levantei a camisola que estava usando e me deparei com uma bandagem branca amarrada entre o lado esquerdo do meu tórax e meu peito. O que diabos estava acontecendo comigo?

— Ah, meu Deus, Joey...

— Relaxa. — A mão se moveu até o meu queixo e fechei os olhos com força, enquanto meu corpo virava pedra na cama e o medo se espalhava dentro de mim. — Respira fundo e devagar.

Relaxa, *é um toque gentil*, registrei lentamente, mas eu não tinha certeza de mais nada.

Me esforçando para permanecer no controle e não deixar o pânico me dominar, respirei curta e lentamente, estremecendo quando meu peito ardeu em protesto. Minha cabeça latejava tanto que parecia que ia explodir. Levantei a mão livre para

segurar a testa, apenas para congelar quando meus dedos roçaram o que parecia ser uma gaze na minha bochecha.

Então me lembrei.

Meu pai.

O pavor tomou meu coração, meus batimentos aceleraram de forma irregular, enquanto as lembranças do meu pai me batendo, batendo em Joey, acertando Tadhg, machucando minha mãe, preencheram minha mente de uma só vez.

Será que ele estava ali? Ali perto? Eu estava em perigo?

— Está tudo bem — a voz continuou falando com um tom suave e persuasivo. — Você está no hospital, mas está segura agora. Ninguém vai te machucar.

Segura.

Fiquei com vontade de rir da promessa vazia. Palavras. Só palavras.

Relutantemente, abri os olhos e simplesmente fiquei ali, gelada e com o coração paralisado, olhando para o homem que me observava.

— Ei, garota — ele disse com aquela voz familiar e calorosa feito a manhã de Natal. — Já faz um tempo.

Não respondi. Não consegui. Em vez disso, só o encarei.

Exalando o ar trêmulo, ele soltou meu queixo e pegou minha mão de novo. Afastei-a depressa, sem querer o seu toque. Não queria seu toque de jeito nenhum.

— Onde está Joey? — perguntei quando finalmente encontrei minha voz. Só que não parecia minha voz. Estava rachada e rouca, mas as palavras saíam da minha boca, então continuei: — Preciso falar com o Joey. — Eu precisava saber o

que deveria dizer se alguém me perguntasse o que tinha acontecido. *Eu não conhecia a história*. — Ele está aqui? — Chutei as cobertas que me prendiam na cama, subi o colchão até que minhas costas estivessem alinhadas com a cabeceira de metal e respirei fundo novamente. Ignorando a queimação no meu peito, olhei o quarto iluminado, desconfiada e amedrontada. — Eu realmente preciso do Joey, por favor.

— Shannon, você precisa se acalmar...

— Preciso do *Joey* — soltei, me encolhendo quando ele tentou me tocar.

— Estou aqui, Shannon. — Seus olhos azuis, tão parecidos com os meus, me imploraram para que eu entendesse algo que jamais poderia entender. — Estou indo pra casa. De vez.

— Não ligo — eu disse, sem emoção, lutando contra a ansiedade. — Preciso do meu irmão.

— Eu também sou seu irmão — ele falou com tristeza.

— Não. — Balancei a cabeça, refutando sua declaração. — Você nos abandonou. Você não é meu...

— Shan! — A voz de Joey preencheu meus ouvidos, seguida pelo som de uma porta batendo alto. — Eu te falei pra ficar longe dela, porra. — Entrando no quarto com tudo, Joey empurrou Darren com os ombros e se sentou na ponta da cama. — Ela acabou de acordar, babaca — ele acrescentou, balançando os joelhos, inquieto, enquanto ajeitava o cobertor em volta dos meus pés, cobrindo minhas pernas nuas. — A última coisa que ela precisa é de mais drama, caralho.

— Joe... — Minhas mãos dispararam por vontade própria, firmando seu braço trêmulo. — O que está acontecendo?

No instante em que meus olhos pousaram no seu rosto, soltei um soluço dolorido. A pele abaixo dos seus olhos estava preta e azul, seu nariz estava claramente quebrado de novo, e seu lábio, rachado e inchado.

— Ah, Joe... — Estiquei o braço para afastar o cabelo do seu rosto, revelando olhos vermelhos e pupilas tão dilatadas que o verde tinha quase sumido. O medo me dominou. Eu sabia o que esses olhos injetados representavam e não eram resultado de uma das surras do nosso pai. Eles representavam algo muito pior, algo que pensei que ele tinha resolvido no ano anterior. — Me diz que você não...

— Não se preocupa com isso — ele se apressou a dizer com a voz rouca, pegando minha mão e pousando-a no meu colo. — Estou bem.

Não, ele não estava nada bem. Estava chapado.

— Estou *bem*, Shannon — ele repetiu, me olhando com uma expressão que dizia "deixa pra lá".

Juntei as mãos e permaneci em silêncio, engolindo milhares de palavras não ditas que se juntaram às outras apodrecendo dentro de mim.

— O que está acontecendo?

— Você está bem — Joey falou, se virando para me encarar e me oferecendo sua atenção total. — Você passou dois dias recuperando e perdendo a consciência. Os médicos te deram alguma coisa pra colocar o... — Ele parou e agitou as mãos, tremendo da cabeça aos pés. — O... — Ele passou as mãos pelo cabelo, balançou a cabeça e estalou o dedo. — Merda, não lembro as palavras.

— Você foi trazida pro hospital domingo à noite — Darren explicou de um jeito muito mais claro. — Hoje é terça, Shannon. Você passou dois dias semiconsciente.

— Sim, eu que te trouxe — Joey rosnou, enrijecendo os ombros. — Ela foi trazida aqui por *mim*. Onde é que *você* estava, *Garoto de Ouro*?

— Você teve uma concussão grave e um pneumotórax traumático — Darren continuou, ignorando os comentários de Joey. — Você estava bem mal quando chegou. Levou uns pontos na bochecha pra fechar um corte e está com umas costelas machucadas.

— Costelas machucadas — Joey falou com desdém. — Abre os olhos, Darren. Ela está *toda* machucada!

— O que diabos você tem, Joey? — Darren perguntou, estreitando os olhos para o irmão. — Está chapado? É isso? Você tomou alguma coisa?

— Sim, tomei alguma coisa — Joey devolveu, voltando a raiva contra Darren. — Tomei um monte de porrada. Foi isso o que eu tomei, babaca.

— Joe, calma. — Ansiosa, coloquei a mão sobre a dele e olhei para Darren. — O que significa pneumotórax traumático?

— Significa que aquele escroto chutou você com tanta força que estragou seu pulmão — Joey completou, fervendo de raiva. — Significa que tiveram que enfiar a porra de um cano em você pra te ajudar a respirar.

— Meu Deus. — Tomada pelo pânico, olhei para o meu corpo e choraminguei. — Eu estou bem? — Coloquei a mão

trêmula sobre a ferida. — Foi tão ruim assim?

— Não foi tão grave — Darren se apressou para me consolar. — Você não chegou a fazer cirurgia... Eles conseguiram aliviar a pressão e fazer você respirar inserindo um tubinho no seu...

— Não foi grave? — Joey questionou. — Você está *brincando*, porra?

— Joey — Darren grunhiu. — *Se acalme*.

— Estou com um buraco? — soltei, espiando embaixo da camisola. — Esse treco ainda está aqui?

— Não, Shannon — Darren falou. — Eles o removeram ontem de manhã. Fizeram umas radiografias do seu tórax e tomografia. Tudo parece ótimo, ok?

Assenti, entorpecida.

— Mas você vai ficar dolorida por uns dias — ele acrescentou com uma careta. — E você está tomando antibiótico pra evitar infecções. — Ele balançou a cabeça e disse: — As enfermeiras vão te explicar tudo melhor que eu.

— Sério? Pensei que você fosse ótimo em tudo — Joey zombou.

— Parece que exageraram na dose do que te deram pra aliviar a dor — Darren rosnou, olhando para Joey. — Chega.

Joey riu.

— Paracetamol?

— Você não está enganando ninguém — Darren devolveu com um tom neutro.

— Por que está aqui? — falei, sentindo o pânico se alojar no meu peito.

— Estou aqui pra ajudar, Shannon. Pra cuidar de você... de todos vocês. — Ele olhou para Joey e suspirou. — Até de você.

— Não preciso de nenhum favor — Joey cuspiu.

— Por quê? — Juntando as mãos, soltei o ar devagar e perguntei: — Como você sabia o que aconteceu?

— Mamãe ligou pra ele — Joey respondeu, lançando outro olhar ameaçador para Darren. — Pelo visto, aquela puta tinha o telefone dele esse tempo todo. — Sua voz escorria sarcasmo venenoso. — Eles mentiram pra gente, Shan. Dá pra imaginar?

Darren soltou um grunhido sofrido.

— Fala sério, Joey, não diga isso. — Cutucando a sobrancelha, ele falou: — Ela é nossa mãe...

— Nossa mãe? — Joey soltou uma risada forçada, mexendo os pés sem parar. — A gente tem mãe por acaso? Puta merda, e eu aqui pensando que mães eram criaturas mitológicas, tipo unicórnios, porque eu com certeza nunca conheci uma em carne e osso.

— Você manteve contato com ela esse tempo todo? — soltei, vacilante. — Por cinco anos e meio?

— Com certeza — Joey respondeu antes de Darren. — Ele não conseguiu pegar o telefone pra ligar pra gente, mas manteve contato bem próximo com a nossa querida mamãe.

Darren sacudiu a cabeça.

— Você precisa maneirar sua angústia, Joe. Não está funcionando.

— E você precisa *não* voltar pras nossas vidas achando que pode dar as ordens por aqui — Joey retrucou, tremendo de

raiva mal contida. — Não funciona assim. Você não pode fazer isso, Darren, entrar e sair das nossas vidas quando quiser!

Dar as ordens?

— Que ordens?

— Nosso querido irmão aqui acha que está no comando agora. — Joey se levantou e ficou andando pelo quarto, parecendo um animal selvagem enjaulado. — Ele acha que pode sair pela porta, nos abandonar por meia década e depois voltar com um carro espalhafatoso e uma carteira gorda e estabelecer a lei.

Darren ficou encarando nosso irmão.

— Não é justo, Joey.

— O que você esperava, *Darren*? — Joey rebateu. — Uma festa de boas-vindas? Com balões e bolo? Você voltou pra cidade achando que a gente ia cair aos seus pés porque você está *nos salvando*? — Ele balançou a cabeça e rosnou: — Você nos esqueceu. Você foi embora, porra. Nos abandonou com ele. Então, por mim, pode continuar longe. Vou dar um jeito.

— Tem um monte de merda rolando — Darren falou. — Olha só pra ela.

— Olha só pra *você* — Joey devolveu, furioso. Juntando as mãos, ele acrescentou: — Terno bonito pra porra, Darren. Você parece ótimo. Todo arrumado e bem alimentado. Bom pra você. — Fazendo careta, ele ergueu a mão e gesticulou para si mesmo e depois para mim. — Parabéns pelo sucesso, mano.

— Eu tinha dezoito anos — Darren sussurrou, passando a mão pelo cabelo escuro. — Não consegui lidar com as coisas.

— É, bem, eu também tenho dezoito, babaca — Joey cuspiu de um jeito nada amigável. — E adivinha? Estou *lidando* com as coisas. Não fui embora!

— Você é mais forte que eu.

— Não sou mais forte que você — Joey falou com a voz entrecortada. — Só aconteceu de eu ter consciência.

— Parem — implorei, levando as mãos à cabeça. — Por favor, parem de brigar. Não aguento mais.

— Desculpe. — Darren passou a mão pelo cabelo, claramente exasperado. — Pode maneirar um pouco pelo bem dela, Joey? Precisamos explicar as coisas pra ela e ficar brigando desse jeito não vai ajudar.

Joey mostrou os dentes e ergueu o dedo do meio para Darren, mas conseguiu guardar as opiniões para si mesmo.

— Papai foi embora, Shannon — Darren falou calmamente.

Uma emoção que lembrava esperança suspeitamente me dominou.

— Foi mesmo?

— Ele não foi embora — Joey se intrometeu. — Está se escondendo. Tem uma grande diferença.

E lá se foi minha esperança.

— Pode dar um tempo? — Darren rosnou.

— Pode não dar falsas esperanças pra ela? — Joey rebateu veementemente. — Isso não vai fazer nenhum bem no longo prazo.

— Por enquanto — Darren acrescentou depressa, lançando um olhar de advertência para Joey. — A polícia vai encontrar

ele e vai fazê-lo pagar por isso, gente. Vou garantir.

— Claro que vai. *São Darren* ao nosso resgate — Joey rosnou. Virando de um lado para o outro, ele bateu os dedos no colchão, claramente frustrado. — O sistema judiciário é uma porra de uma piada nesse país, todo mundo sabe disso. Mesmo se o encontrarem, é provável que ele tenha a pena suspensa e receba um puxão de orelha e uma garrafa de uísque pelos seus problemas, cortesia da previdência social, e você está mentindo pra si mesmo se acredita que vai ser diferente.

— Fui ao tribunal com a mamãe ontem — Darren continuou, ignorando os comentários de Joey. — Solicitamos uma medida protetiva contra ele. Vai ter uma audiência dentro de três semanas, à qual ele deve comparecer, mas recebemos uma ordem de proteção temporária contra ele. Ele está proibido de entrar em casa e de fazer contato com qualquer um de vocês.

— Ele deveria ser condenado por tentativa de homicídio — Joey cuspiu.

— Concordo — Darren respondeu. — Também quero isso, Joe. Odeio ele tanto quanto você.

— Duvido. Duvido muito.

Darren suspirou pesadamente.

— Você quer entrar nessa, Joe? Competir pra ver quem passou pelo pior? Ou quer que essa família volte ao eixo?

— *Não* existe família nenhuma — Joey retorquiu, alterado. — Isso que você não entendeu.

— A gente ainda é uma família — Darren falou baixinho. — E vamos ficar mais fortes se permanecermos unidos.

— Com ela — Joey soltou, verdadeiramente angustiado. — Termine o que começou. Vamos ficar mais fortes com *ela*. — Ele balançou a cabeça e soltou uma risada forçada. — Que piada!

— Onde ela está? — perguntei, nervosa.

— Em casa, com a vovó e seus irmãos.

Meu coração se apertou.

— *Por quê?*

— Por quê? — Darren franziu o cenho. — Como assim por quê?

— Tipo, por que ela ainda está *aqui*? — falei, agarrando o lençol embaixo de mim.

— Finalmente! — Joey disse, erguendo as mãos. — Finalmente alguém entendeu!

— Ela é tão vítima quanto qualquer um de nós — Darren falou devagar. — Sei que vocês não acham isso agora e eu entendo totalmente, mas vocês também têm que entender que ela passou...

— Palhaçada — Joey o interrompeu. — Puta palhaçada, Darren! Ela não é vítima porra nenhuma. Ela é cúmplice. Facilitou as coisas pra que ele fizesse isso. — Ele apontou para mim. — É tão culpada de Shannon estar aqui quanto ele.

— Joey, fala sério.

— Não. — Joey balançou a cabeça. — Talvez ela fosse vítima na primeira vez que ele botou as mãos nela. Porra, talvez nas dez primeiras vezes. Beleza. Ela era jovem. Mas vinte e quatro *anos*? — Ele sacodiu a cabeça de novo. — Não, ela fez isso com a gente, Darren. Ela teve participação nisso tudo.

— E você nunca pensou no motivo de sermos tantos? Na razão de ela continuar tendo filhos com aquele homem? De não ir embora? — Darren atirou, olhando para nós. — Ou por que ela é tão cagada da cabeça desse jeito? Já pensou que talvez ela tenha ficado porque estava morrendo de medo de que ele cumprisse as ameaças? Todos nós ouvimos aquele discurso de "vou matar você e as crianças se você me deixar" que ele vem proferindo desde que ela tinha *quinze* anos! Pelo amor de Deus, aquele homem passou duas décadas a destruindo e falando que ia matá-la se ela fosse embora! Não acha que isso ferrou a cabeça dela? Você nunca considerou que ela estava ali contra a própria vontade? Tendo filhos contra a própria vontade? Sendo estuprada, surrada e mentalmente abusada a ponto de perder contato com a realidade? Ela tinha quinze anos quando me teve... Engravidou com catorze! Pensa nisso um minutinho. Pensa em como ela devia estar assustada quando foi jogada pra uma vida com aquele monstro. Ela não teve mãe nem pai para mostrar o caminho. Tudo que ela tinha no mundo era ele, porra. Ela era só um bebê tendo bebês e isso ferrou com ela!

— Não quero ouvir nada disso — Joey vociferou. — Não vou ouvir mais desculpa nenhuma.

— Algum de vocês já pensou por que ela voluntariamente nos colocou pra adoção? — Darren pressionou com um tom duro. — Já?

— Ela estava doente — Joey desdenhou.

— Ela não estava doente. Estava tentando nos afastar dele. Estava tentando nos salvar de algo que ela mesma não conseguia se salvar.

— Então por que ela não nos deixou lá? Talvez a gente tivesse alguma merda de chance.

— Você *sabe* por que — Darren devolveu, tremendo. — Você sabe! — Ele respirou algumas vezes para se acalmar antes de continuar: — Ela ficou com medo de que pudesse acontecer com vocês também. Ela estava assustada, grávida de Tadhg...

— Então só porque você foi estuprado, fomos levados pra casa pra sermos torturados? É isso? Dois erros fazem um acerto? Porque essa é uma lógica fodida, se quer saber.

— Joey! — soltei. — Pare!

— *Sinto muito* pelo que aconteceu com ele. Sinto muito pelo que aconteceu com você, Darren, de verdade. Mas fui punido por isso. — Joey acenou para nós dois. — Todos nós fomos.

— Tudo bem, Joe — falei, desesperada para confortá-lo. — Não fique chateado.

— Não está nada bem! Meu Deus, eu devia ter tirado todos vocês daquela casa anos atrás. Devia ter pedido ajuda. Eu sabia que isso ia acontecer... — Com a voz falhando, Joey respirou fundo com dificuldade. — Mas eles me deixaram *assustado*... me fizeram duvidar de mim mesmo! — Ele olhou para Darren. — Você me *aterrorizou*, me fazendo acreditar que morar com ele era melhor do que o que tinha lá fora. — Lágrimas se acumularam nos seus olhos verdes, mas ele piscou. — Passei os melhores seis meses da minha vida com aquela família. Ela também... — Ele apontou para mim. — Estávamos felizes com aquela família. Estávamos seguros! Mas você e mamãe me convenceram de que era perigoso, de que era melhor ficar em

casa. — Ele bateu a mão na testa e sibilou: — Eu tinha seis anos e vocês foderam tanto com a minha cabeça que agora não consigo confiar em *nada*. Não consigo nem confiar nos meus instintos, porra.

— Fiquei com medo de acontecer com você — Darren soltou. — Pensei que estava fazendo a coisa certa. Estava tentando te manter *seguro*...

— Me *aterrorizando*? Você me fez acreditar em você e depois *foi embora*! — Joey rugiu, tremendo da cabeça aos pés. — Você me fez confiar em você! Eu tinha doze anos e você saiu pela porta, deixando tudo nos meus ombros. Daí *eu* aterrorizei eles! Falei pra eles as mesmas merdas que você me disse, enchi eles dos mesmos medos e paranoias, porque era tudo o que eu conhecia. E olha só pra gente agora!

— Me desculpe por ter te abandonado, Joe. — Tremendo, Darren abaixou a cabeça. — Mas eu tinha que ir...

— É, e me desculpe por ter acreditado em você! — Se sacodindo violentamente, Joey sibilou: — Não vou cometer o mesmo erro duas vezes.

O silêncio se prolongou até Darren falar:

— Olha... Não tenho todas as soluções pra vocês, mas sei que não posso dar as costas pra nossa mãe agora.

— Eu posso — Joey disse. — Facilmente.

— Pela primeira vez na vida, ela está reagindo. Ela está *tentando* fazer a coisa certa por nós. Ela não é má pessoa e vocês sabem disso. Ela é uma mulher assustada que deixou os medos tomarem péssimas decisões por ela.

— As péssimas decisões dela quase nos mataram. Colocaram minha irmã numa cama de hospital — Joey retrucou.

— Nosso *pai* colocou nossa irmã numa cama de hospital — Darren o corrigiu. — Não deixe sua raiva afetar sua lógica, Joey.

— Pode deixar — Joey sibilou, erguendo as mãos. — Não vou. Não vou ficar ouvindo você justificar as ações dela, deixando aquele escroto fazer isso com a gente.

— Só estou dizendo que não é tudo tão preto no branco assim — Darren respondeu antes de se virar para mim. — A polícia vem mais tarde pra pegar seu depoimento. Você vai precisar que a mamãe ou eu estejamos presentes quando isso acontecer.

— Não. — A ansiedade se agitava dentro de mim, fazendo tudo o que havia de bom e puro apodrecer, até que eu não fosse nada além de uma catástrofe trêmula. — Não quero fazer isso.

— Está tudo bem — Darren falou com gentileza. — Vamos conversar sobre isso e você não vai precisar se preocupar com nada.

— Eu fico com você, se quiser, Shan — Joey interveio. — Não precisa ser eles.

— A última coisa que você precisa é falar com a polícia nesse estado — Darren grunhiu. — O que foi dessa vez? Voltou pros...

— Fico feliz de saber que suas ligações especiais com mamãe te mantiveram bem-informado — Joey cuspiu. — Que

pena que ela não te contou dos problemas *de verdade* que estávamos enfrentando... Ah, espere, ela provavelmente contou, e você só seguiu a sua vida ignorando tudo. Deve ser bom desligar sua consciência. Audição seletiva deve ser incrível pra porra.

— Parem, por favor — implorei.

— Tem uma assistente social esperando lá fora — Darren anunciou, se voltando para mim e ignorando Joey de propósito. Ele puxou a gravata azul e abriu o botão superior da camisa branca antes de continuar: — Você vai ter que falar com ela a sós, claro, mas, assim que acertarmos a história, vai ser bem tranquilo.

— Acertar a *história*? — Qualquer grama de autocontrole a que Joey se agarrava evaporou quando essas palavras saíram da boca de Darren. — Foda-se! — Ele se levantou e começou a andar pelo quarto. — Chega de historinhas de merda. — Passando a mão pelo cabelo loiro, ele ficou mexendo nas pontas e declarou: — Chega.

— Não estou pedindo pra vocês mentirem, só estou dizendo que precisamos nos unir pela mamãe...

— Você está pedindo pra ela omitir a verdade — Joey retorquiu. — Pra deixar de fora as partes em que mamãe acobertou o que ele fez com a gente, em que ela ficou assistindo sem fazer *nada*. No meu livro, omissão da verdade é mentira, porra.

— Bem, se vocês querem ficar juntos, sugiro que aceitem a história e sigam a porra do combinado — Darren berrou, perdendo o controle. — Porque é assim que vou manter vocês

juntos, ok? Se ela for vista como algo diferente do que é, ou seja, uma vítima de violência doméstica que fez o melhor pelos filhos, Shannon, Ollie, Tadhg e Sean podem muito bem fazer as malas agora. E só Deus sabe pra onde vão mandá-los. Vão ter que se contentar com novas escolas, novas casas, novos amigos, novos estranhos, caralho. Se quiser isso, então vá em frente e lute contra mim, mas não precisa ser desse jeito. Podemos fazer dar certo, gente.

— Não consigo. — Joey se aproximou e agarrou o parapeito da janela com tanta força que até me surpreendi por ele não o arrancar. — Não posso mais *fazer isso* — ele murmurou consigo mesmo. — Não posso continuar vivendo *desse jeito*.

— Joe... Tudo bem... — soltei.

— Não. — Sua voz falhou. — Não, Shan — ele sussurrou, mantendo as costas voltadas para mim. — Não está nada bem.

— Temos outro problema — Darren acrescentou, quebrando a tensão palpável.

Desviando os olhos das costas de Joey, olhei para Darren.

— O que foi?

— Johnny Kavanagh.

Joey grunhiu, o que pareceu uma aprovação.

— O q-que tem? — Balançando a cabeça, lutei contra um tsunami de borboletas tentando subir pela minha garganta. — O que é que Johnny tem a ver com isso?

— O desgraçado descobriu tudo sozinho — Joey murmurou, ainda de costas para nós. — O que deve valer de alguma coisa, afinal de contas.

— Ele está se tornando um transtorno — Darren confirmou severamente. — Ele ligou pra delegacia de manhã, ao meio-dia e à noite. Mandou quatro viaturas lá em casa ontem.

— O q-quê? — Segurei as têmporas, pois a pulsação no meu cérebro ameaçava me matar. — Como é que ele sabe?

— Não se preocupe, Shan. É bom que ele saiba — Joey falou. — Não precisa mais mentir pras pessoas.

— Será que você pode calar a boca? — Darren atirou. — Estou tentando resolver as coisas e você não está ajudando.

— Porque não tem como resolver nada. Eu sei, Shannon sabe... Meu Deus, até Sean sabe, e ele só tem três anos!

— Não sei o que você contou pro seu namorado, Shannon, mas você precisa fazer ele parar — Darren afirmou, voltando a atenção para mim. — Ele está se metendo em algo que não sabe.

— Eu não contei nada pra ele — falei baixinho, com o coração acelerado só de pensar em Johnny. — E ele não é meu...

— Você está desperdiçando sua energia se acha que vai conseguir manter esse cara quieto — Joey desdenhou. — Nem todo mundo pode ser controlado, Darren.

— Joey, pelo amor de Deus, será que você pode parar de falar? Se não quer ajudar, vá pra casa.

— Beleza, eu vou — Joey sibilou. — Porque não vou participar disso. — Ele se virou para encarar Darren. — Se você quer mentir e ferrar essas crianças mais ainda mantendo

aquela mulher na vida delas, vá em frente, não vou te impedir, mas não vou mais ser um peão nesse jogo. Cansei.

— Não é um jogo, Joey. São as nossas vidas — Darren rosnou.

— Então não quero esta vida — Joey soltou com o rosto vermelho. — Se é assim que temos que viver, não quero estar *aqui*.

— Joe...

— Te vejo depois, Shan — Joey falou antes de seguir para a porta. — Estou fora.

Fiquei olhando, paralisada na cama, Joey sair batendo a porta com força atrás de si. Não queria que ele fosse embora. Ficar ali sozinha com Darren era a última coisa que eu queria que acontecesse — não porque o temesse, mas porque não o conhecia. Ele era um novo homem; um homem que, pelo terno de grife e pelo relógio caro, eu tinha muito pouco em comum.

— O que você é agora? — perguntei, frustrada comigo mesma por deixar minha curiosidade levar a melhor. Com a mão cheia de fios, gesticulei para as roupas dele. — O que você faz?

Darren se recostou na cadeira com os olhos fixos em mim.

— Trabalho pra uma empresa internacional de TI. — Se mexendo na cadeira, ele ajeitou a gravata de novo. — Estou baseado na filial de Belfast.

— Então é por lá que você anda? — soltei, engolindo a dor. — Todo esse tempo, você esteve a seis horas de distância de carro?

— Sim. — Ele assentiu devagar e depois falou: — Bem, não, passei os primeiros quatro anos em Birmingham, me formando e fazendo estágio. Me mudei pra Belfast no fim de 2003.

— Ah.

Não sabia o que mais dizer, então permaneci em silêncio. Na verdade, não sabia se havia alguma coisa a ser *dita*. Ele foi embora. A gente ficou. A vida dele melhorou. A nossa piorou. Fim da história.

— Eu precisava ir, Shannon — ele acrescentou baixinho.

Eu sabia.

Mas a gente também precisava.

— As coisas melhoraram pra você? — me ouvi perguntando. Depois, olhei para ele. — Você encontrou paz?

Darren hesitou um pouco antes de dizer:

— Encontrei um jeito de lidar com as coisas.

Respirando fundo, assenti, vacilante.

— Que bom!

— Tenho um companheiro — ele falou, um pouco incerto. — O nome dele é Alex. Estamos juntos há três anos. Moramos em um pequeno apartamento nos arredores do centro da cidade.

— Ele te ama?

Darren fez que sim.

— Sim, ele me ama, Shan.

— Que bom! — Olhando para as mãos, estalei os dedos e tentei achar as palavras certas. — Eu sempre estive do seu lado — eu disse baixinho. — Queria que você fosse feliz,

encontrasse alguém que te ama. Nunca me liguei se essa pessoa seria homem ou mulher. Queria que você soubesse disso. — Dei de ombros, impotente. — Temi que você não soubesse.

— Shannon... — Darren falou, suspirando. — Eu não queria te deixar pra trás.

— Mas você deixou, Darren — sussurrei, me forçando a não piscar. — Você *nos* deixou pra trás.

— Você me odeia?

— Não. — Suspirei. — Mas não sei mais quem você é. — Ergui a cabeça para encará-lo. — E você também não me conhece mais.

— Eu sei quem você é, Shannon — ele disse com a voz tremendo. — Você é minha irmãzinha que adora cantar, dançar e ler. Você é inteligente, tão inteligente, Shannon. Sempre tira as notas mais altas. Adora jogar basquete. Ama os animais. Sua cor favorita é rosa. Você está sempre trazendo animais feridos pra casa, pra cuidar deles até eles ficarem saudáveis. Você quer estudar na University College Dublin pra fazer veterinária. Sua maior ambição na vida sempre foi viajar pelo mundo.

— Eu não canto nem danço mais. Minha cor favorita é verde e eu nunca mais joguei basquete desde que ele enfiou uma faca na minha bola porque eu estava lançando ela na lateral da casa. Parei de levar animais pra casa faz tempo porque percebi que não queria prender eles comigo. Eles ficariam mais seguros na natureza do que lá em casa. Não vou mais pra universidade pra estudar veterinária porque me dei mal em todas as matérias nos últimos três anos. — Mantive os

olhos grudados nele enquanto falava. — Mesmo se, por alguma intervenção divina, eu conseguir melhorar minhas notas e passar nos exames, não sou ingênua pra acreditar que eu poderia pagar uma universidade. Não quero mais viajar o mundo. Minha maior ambição é sobreviver. — Ele se encolheu, mas me obriguei a terminar: — A garota que você se lembra já era, Darren. Não sou mais a mesma. Quem quer que ela fosse, ele a arrancou de mim há muito tempo.

— Sinto muito, Shannon — foi tudo o que ele disse.

— Pois é. — Suspirei. — Eu também, Darren.

— A gente precisa conversar sobre o que vai acontecer depois — ele disse após uma longa pausa. Seu tom era hesitante e seus olhos estavam cautelosos. — É importante.

Engoli em seco e assenti.

— Ok.

— Você confia em mim?

— Não.

Darren estremeceu.

— Eu mereço.

— A questão não é o que você merece — soltei com a voz rouca. — É o que eu sinto.

— Justo — ele murmurou, esfregando o queixo. — Mas o pessoal do serviço social está no pescoço da mamãe. Você sabe o que isso significa.

Eu sabia. Não estava muito certa de que me importava, mas definitivamente sabia o que isso significava para *nós*.

— Estou preparado pra voltar pra casa e cuidar de vocês até mamãe se recuperar e a gente resolver toda essa bagunça.

Os assistentes sociais envolvidos nesse caso estão apoiando esse arranjo e devem permitir que você volte pra casa com a gente. Falei com Alex e ele entende a situação, e meu chefe está disposto a me deixar trabalhar de casa. Vou ter que aparecer no escritório uma vez por semana, mas podemos dar um jeito nisso quando vocês voltarem pra escola depois do recesso de Páscoa. Só que nada disso vai dar certo sem a mamãe. Sem um progenitor por perto. Preciso ficar do lado dela, Shan. Apesar do que Joey acha, precisamos mostrar que somos uma frente unida.

— Quando você diz que vai ficar do lado dela, o que quer dizer? — Não sabia por que falei isso, já que a resposta era óbvia.

— Basicamente, quando eles te perguntarem sobre sua relação com ela, você precisa dizer que ela é uma boa mãe, que fez o melhor pra você, oferecendo um lar estável conforme as suas possibilidades, e cuidou financeiramente de vocês cinco sozinha. Conte pra eles que ela te matriculou no Tommen quando descobriu que você estava sofrendo bullying na ECB e que ela te ama muito.

— Então você quer que eu minta? — sussurrei.

— Não é mentira. Ela também é uma vítima, Shannon — ele disse, soltando um suspiro cansado. — E agora ela é tudo o que existe entre você e o conselho tutelar. — Seus olhos escureceram e ele desviou o olhar. — Não importa o que Joey diga, acredite em mim quando digo que você não vai querer isso.

A dor agitou-se dentro de mim por tudo o que ele passou.

— Você está bem?

Ele piscou, parecendo um pouco surpreso com a minha pergunta.

— Eu?

Assenti.

— Estou. — Ele soltou o ar de uma vez. — Só estou preocupado.

— Eu também.

— Não quero que você entre no sistema — ele acrescentou com a voz entrecortada. — Sem considerar os meus próprios problemas, não é um bom lugar pra nenhum de vocês. Você está indo bem no Tommen. Se eles aceitarem você, você será transferida pra uma nova escola e vai ter que começar tudo de novo.

Meu coração foi tomado de pavor.

— Quero continuar no Tommen — soltei.

— Eu sei. E vou garantir que você continue. Vou pagar as taxas. Vou fazer o que for preciso, mas preciso que você me apoie.

— Joey não vai concordar. — Minhas mãos tremiam. — Ele não vai topar morar sob o mesmo teto que ela, Darren. Você não sabe o que ele tem passado.

— Joey é irrelevante nisso — Darren murmurou, tocando as têmporas. — Ele já tem dezoito anos.

— Isso não o torna irrelevante — falei, encarando meu irmão mais velho. — Ele é a peça mais relevante das nossas vidas, *Darren*.

Ele suspirou pesadamente.

— Eu sei, eu sei. Não quis dizer isso...

— Sabia que Sean chamava Joey de "papai" até os dois anos? — eu o interrompi bruscamente. Meus olhos estavam arregalados e cheios de lágrimas, e minhas mãos estavam cerradas e tremendo. — Sean realmente achava que o irmão era seu *pai*. Acho que era um erro fácil de cometer, sabe, considerando que Joey ficava acordado quase todas as noites alimentando ele e trocando fraldas enquanto mamãe trabalhava à noite ou se afogava na depressão. Então vá em frente e diga pro Sean que Joey é irrelevante. Ou melhor ainda, diga pro Ollie e pro Tadhg que todas as vezes que Joey dormiu na porta do quarto deles por medo de que nosso pai fosse dar uma surra neles foram irrelevantes. Diga pra eles que as porradas que Joey tomou por eles foram irrelevantes. Diga pra mim que o irmão que nos alimentou quando estávamos famintos, que nos defendeu quando não tínhamos mais ninguém, que nos deu dinheiro pra escola é *irrelevante*... — Minha voz embargou e respirei fundo algumas vezes antes de continuar. — Diga pra *mim* que ele é irrelevante, Darren — soltei, sentindo o protesto ardente dos meus pulmões devido ao esforço repentino. — Vá em frente e diga!

— Você sabe que não foi o que eu quis dizer. Claro que ele não é irrelevante. Eu não devia ter falado essa merda.

— Pois é — disse com o peito pesado. — Foi uma merda mesmo.

— O que eu estava tentando dizer é que Joey tem mais de dezoito anos. Legalmente, ele é adulto e os assistentes sociais não estão interessados nele. Eles vão se concentrar nos

menores: em você, Tadhg, Ollie e Sean. Ele não está no radar do sistema.

— Você já conheceu Sean? — perguntei com uma voz mais dura do que me julgava capaz. — Ollie ficou grande, né? Tadhg também. Que idade eles tinham quando você os viu pela última vez? Três e seis, não é? — Eu sabia que devia parar e me controlar, mas não consegui. Estava furiosa por ele ser tão leviano com as palavras. Doía ouvi-lo chamar Joey de irrelevante, porque eu sabia que era exatamente assim que Joey estava se sentindo quando foi embora furioso. — Eu tinha dez anos. Joey tinha doze... era pouco mais velho do que Tadhg agora. Você acha que mudamos, Darren?

— Muita coisa mudou — ele sussurrou.

— Muita coisa — concordei com a voz trêmula. — E a mãe que foi tão boa pra *você*, a mãe que *você* se lembra, não é a que *a gente* conheceu.

— Ela ainda é sua mãe.

— Está vendo? Você a chama disso, mas eu só me lembro de ter *um* cuidador.

— Shannon...

— E o nome dele é *Joey* — soltei, agarrando os lençóis. — O *irrelevante*. Ele foi nossa mãe, Darren, quando a mãe biológica colapsou. — Lágrimas escorreram pelas minhas bochechas enquanto eu falava, me obrigando a colocar tudo para fora e obrigando-o a ouvir. — Quando você foi embora, algo *morreu* dentro dela. Ela nunca mais foi a mesma. Tudo ficou sombrio. Você acha que sabe, mas não sabe. Não tem como saber porque não viu...

— Eu vi o suficiente, Shannon — ele respondeu baixinho. — Acredite em mim.

— O que quer que você tenha visto foi durante o período em que ela estava *presente*. — Não estava querendo machucá-lo. Só precisava que ele *entendesse*. — Só que faz muito tempo que ela não está mais presente.

— Olha, não vou te forçar a fazer nada — ele disse, por fim. — O que fará vai ser escolha sua.

Mas...

— Mas isto não é só sobre você. O futuro de Tadhg, Ollie e Sean estão em jogo também.

Então você não tem escolha...

— A mamãe está tentando, Shan — ele insistiu. — Ela está disposta a fazer o que for preciso pras coisas funcionarem.

Você está encurralada...

— Ela só precisa de orientação — ele sussurrou. — Então, se você confiar em mim e me deixar cuidar das coisas, te prometo que posso dar uma vida melhor pra vocês. Vocês não vão mais ter que se preocupar com ele chegando em casa porque não vou deixar isso acontecer. E, depois que a polícia pegar seu depoimento e levar isso pro tribunal, vocês nunca mais vão ter que se preocupar com...

— O q-quê? Não vou pro tribunal — falei depressa. — Não vou lutar com ele, Darren. — Balancei a cabeça enquanto meu corpo tremia violentamente. — De jeito nenhum.

— Shannon, ele não pode mais te machucar. Eu juro, isto vai ser...

— Você acabou de me dizer que ele não foi preso. O que significa que ele está solto por aí. — Contive a vontade de gritar e agarrei o colchão. — Isto é péssimo, Darren. Você não entende as coisas como eu. Estou *vendo*. Isto tudo vai passar, ela vai aceitar ele de volta, e ele vai me fazer pagar por tudo. — Fungando, ergui o braço para limpar as lágrimas das bochechas. — Joey está certo, não existe justiça pra pessoas como a gente. Ele vai receber um puxão de orelha, se tivermos sorte. Não, não vou falar nada sobre ele.

— Ele tem que pagar, Shannon.

— É fácil pra você falar — devolvi, tremendo. — Quando você não é o preço.

— O quê? Shannon, isso não faz sentido.

— Que seja, Darren, você não entenderia. Ele te amava.

Darren hesitou como se não pudesse acreditar nas palavras que saíram da minha boca.

— Você não podia estar mais errada. Você está errada pra caralho, Shannon.

— Você só ficou com as *palavras* — sibilei, na defensiva. — Palavras cruéis e terríveis, coisas que jamais deveriam ter sido ditas pra você, e sinto muito por isso, mas você não recebeu o mesmo que a gente... — Tive que parar para respirar antes de terminar. — Por pior que você ache que as coisas fossem quando morava conosco, por mais tapas que *você* ache que levou, juro que ficou um milhão de vezes pior depois que você se foi. Juro que Joey e eu apanhamos *muito* mais.

— E nenhum de vocês recebeu o mesmo que eu — ele perdeu o controle. — Você teve uma família feliz por seis

meses. Com sorvete e abraços. Você não passou pelo que eu passei, Shannon, e fique feliz por isso, porra!

Me encolhi diante das suas palavras.

Darren levou as mãos à cabeça.

— Desculpa.

— Me desculpa também — sussurrei.

6

NÃO SOU MENTIROSO

Johnny

Ontem fui levado para uma falsa sensação de segurança com promessas de ação das mesmas pessoas que me trouxeram a este mundo. No entanto, no minuto em que conseguiram me levar de volta pra cama e a enfermeira foi chamada, ficou bastante claro que fui enganado. Ficou ainda mais claro quando me disseram que *uma boa noite de sono na minha própria cama daria um jeito nos meus pensamentos malucos*.

Filhos da puta.

O sono não aliviou nada. Assim que acordei de manhã, pensei em Shannon e senti uma raiva tão efervescente no estômago que tive certeza de que desenvolveria uma úlcera.

Meu corpo estava inquieto e minha mente, em frangalhos durante todo o trajeto de Dublin para casa. Quando finalmente atravessamos a fronteira e entramos em Cork, juro que nunca

fiquei tão feliz de voltar ao condado rebelde, o que era mais que irônico, considerando que passei os últimos sete anos conspirando e planejando sair daquele lugar.

Mas as coisas estavam diferentes agora.

Eu estava diferente.

Eu tinha pessoas para ver e coisas para fazer.

E a prioridade era Shannon.

Nas últimas vinte e quatro horas, liguei para a polícia de Ballylaggin tantas vezes que até perdi a conta. Depois da sétima ou oitava ligação sem receber nenhuma informação, a relação entre o policial Daly e eu se rompeu. Ele tinha me avisado que eu estava testando a paciência dele e que deveria "ligar mais uma vez se quisesse passar a noite no quartel".

Eu ainda queria lhe dizer muitas coisas, mas meus pais confiscaram meu celular e o de Gibsie antes que eu pudesse causar mais estrago.

Ninguém me dizia nada e esse era o problema. Tudo o que eles tinham que me dizer era "demos uma conferida e ela está bem". Só isso. Era tudo que eu queria ouvir e teria ficado satisfeito. Em vez disso, recebi as respostas-padrão: "estamos investigando" e "infelizmente não podemos discutir isso com você" repetidas vezes.

O que era a maior palhaçada.

— Palhaçada! — verbalizei meus sentimentos em voz alta quando meu pai parou a Mercedes na frente de casa, e *não* da casa de Shannon, como ele tinha prometido, e desligou o motor.

Eu devia saber que não podia confiar em um advogado, especialmente quando ele deixou Gibsie em casa e seguiu pela estrada secundária de casa, e não pela principal que ia para a cidade de Ballylaggin.

— Preciso vê-la.

— Não — minha mãe respondeu por ele, se virando do assento do passageiro para me lançar um olhar severo. — Você precisa se deitar e descansar. Ordens médicas.

Lutando contra a vontade de rugir, agarrei o couro do banco debaixo de mim e sibilei:

— Estou bem.

— E queremos que você continue bem — ela disse. — Por isso, você vai direto pra cama.

— Vocês não estão me ouvindo. — Esfregando o rosto com as mãos, balancei a cabeça e olhei para a chuva caindo do lado de fora. — Por que é que ninguém me ouve, porra?

— Porque você passou por estresse demais, Johnny — meu pai explicou calmamente. — Sem mencionar a tonelada de medicação.

— Isso. — Minha mãe abriu um sorriso empático e acrescentou: — Você teve um revés terrível com o rúgbi, amor. Está tudo bem se você não estiver se sentindo você mesmo.

— Sei do que estou falando — devolvi, furioso. — Sei que ele está agredindo ela.

Minha mãe grunhiu audivelmente e meu pai se virou no assento, me encarando com um olhar duro.

— Johnny, você está fazendo acusações muito graves e precisa se acalmar antes de se meter em problemas.

— Não são acusações quando há provas — cuspi, encarando-o de volta. — Eu tenho provas.

Meu pai revirou os olhos — literalmente revirou os olhos para mim.

— Sexta à noite, você estava delirando tanto que se convenceu de que Pat Kenny estava no quarto com você. Sábado à noite, era o russo do *Rocky*.

— Domingo à noite, você acusou as enfermeiras de tentarem te envenenar — minha mãe completou com uma careta.

— Agora é o pai de Shannon? — meu pai terminou, soltando um suspiro frustrado. — No que devemos acreditar?

— Vocês deveriam acreditar *em mim*. Porque estou falando a porra da verdade, pai.

Ele ergueu a sobrancelha, cético.

Ergui as mãos no ar, exasperado.

— Claro que estava viajando sobre Pat Kenny e o russo... apesar do envenenamento da enfermeira ainda estar aberto pra debate. — Sacudi a cabeça, me obrigando a me manter coerente. — Mas estou bem agora e estou te falando que tenho certeza. Estou certo sobre *ele*.

— Está bem. — Meu pai assentiu, rígido. — Se você diz que tem provas, me mostre.

— Ah, claro. Deixa só eu pegar Shannon no porta-malas pra te mostrar.

— Olhe como fala, Jonathan — minha mãe avisou. — Estamos tentando te ajudar.

— E quem é que está ajudando Shannon? — perguntei com a voz falhando. — Quem é que está ajudando *ela*?

— Johnny...

— Estou falando pra vocês que, se não me levarem lá, vou dar um jeito de ir.

— Você não vai...

— Não sou uma criança — rugi, soltando o cinto e abrindo a porta. — Tenho quase dezoito anos, caralho! Então não me encurralem achando que não vou revidar. — Peguei as muletas e as manobrei desajeitadamente para fora do carro. — Vocês podem não ter certeza, mas eu *tenho* — insisti. — Eu tenho, porra! E, se vocês não querem me ajudar, eu mesmo vou resolver isso.

— Aonde você está indo? — ambos perguntaram em uníssono enquanto saíam do carro.

Ignorei os dois, me apoiei pesadamente nas muletas e lutei para achar o celular no bolso. Com ele em mãos, destravei a tela e liguei para Gibsie.

— Nem pense nisso — minha mãe falou. — Você não vai a lugar algum...

— Preciso que você venha me buscar — falei no segundo que ele atendeu, sem lhe dar nem chance de me cumprimentar. — Por favor?

— Não diga mais nada — foi sua resposta imediata. — Já estou a caminho.

— Valeu, cara. — Encerrei a ligação, segurei o celular com mais força que o necessário e olhei direto para os meus pais, que me encaravam boquiabertos. Eu sabia por quê. Eu não era

assim. Não costumava agir assim. Não falava com eles daquele jeito. — Não sou um mentiroso — falei. — Nunca fui, nunca vou ser. — Tremendo, acrescentei: — Eu sei o que vi, o que ouvi. Estou certo e vocês estão cometendo um erro muito grave ao não me ouvirem.

— A gente não acha que você é um mentiroso, Johnny — minha mãe choramingou. — Mas *estamos* preocupados com você.

— E eu estou preocupado com *ela* — devolvi, com a voz carregada de emoção. A chuva estava caindo sobre nós, mas não me mexi. Não *consegui*. — Estou morrendo de medo por ela.

— Está bem, vou te fazer uma oferta — meu pai disse, limpando a garganta. — Entre e vá se deitar, e eu vou fazer umas ligações e ver o que consigo descobrir.

Relaxei de alívio.

— Sério?

Meu pai assentiu e afastou o cabelo molhado dos olhos.

— Se está tão preocupado, eu mesmo vou até a delegacia pra fazer umas perguntas.

— Não está tirando com a minha cara? — perguntei, imitando seus gestos. — Vai dar uma olhada nela?

Ele fez que sim rigidamente.

— Mas espero que você esteja errado, filho.

— Pois é — soltei, sentindo o braço da minha mãe na minha cintura. — Eu também...

Meu celular tocou, me fazendo abandonar a frase no meio. Olhando para o aparelho, li "Joey, o hurler" na tela e meu

sangue começou a ferver.

— Onde é que você estava, porra? — perguntei assim que atendi. — Faz dias que estou te ligando sem parar, Joey, meu Deus!

— Eu sei — ele murmurou. — Foram dias complicados por aqui.

— *Complicados*? — vociferei, quase esmagando o celular. — Sabe, essa palavra não funciona bem pra mim — rosnei. — *Complicado* não explica as marcas no corpo da sua irmã. — Cambaleando em direção ao carro, ignorei os olhares horrorizados gravados no rosto dos meus pais e continuei: — *Complicado* não explica por que ela vive se encolhendo e se esquivando de confrontos na escola. E *complicado* não explica por que quando perguntei quem estava dando uma surra nela, ela disse que foi seu *pai*!

— Johnny...

— Aquele dia que você deixou ela na minha casa, você me pediu pra eu falar pra sua irmã que era uma emergência familiar — continuei, interrompendo-o, incapaz de me conter enquanto a raiva me consumia. — Lembra disso? E você sabe o que aconteceu, Joey? Você sabe o que ela fez? — Tive que respirar fundo algumas vezes para me acalmar. — Ela colapsou e chorou. Ela estava tremendo tanto que eu não soube o que fazer pra ajudar! Eu *não* consegui ajudar! Porque você mentiu pra mim. Te perguntei na sua cara quem é que estava machucando ela e você mentiu pra mim!

— Eu não menti — ele respondeu com a voz entrecortada, o que só me enfureceu mais ainda.

— Você não me contou a verdade — rebati, furioso. — Eu estava bem ali te perguntando, implorando pra você me dizer o que estava acontecendo com ela e você não me disse, porra!

— Eu não podia...

— Você me pediu pra cuidar dela e depois arrancou ela de mim! Você levou ela de volta pra *ele* — rugi, sentindo o peito pesado.

— Porque não tive escolha — ele sibilou. — Você não faz ideia do que estou passando.

— Não é desculpa — cuspi, passando a mão pelo cabelo. — Todo mundo tem uma escolha.

— E todo filho da puta tem uma solução pro problema de todos os outros filhos da puta, até que vire problema deles e eles fiquem fodidos — Joey desdenhou. — Você acha que sabe das coisas, mas não faz ideia.

— Isso vem acontecendo há anos, né? E vocês só... esconderam tudo.

— Não era todo dia — ele rosnou do outro lado da linha. — Nosso velho tem problemas com álcool. Geralmente estou lá pra evitar que aconteça alguma merda. Eu tento! Eu tento, porra! Mas eu não estava lá no sábado. Tinha treino. Eu não sabia... não achava que fosse acontecer alguma coisa. Como é que eu ia saber? Pensei que ela estivesse segura. Pensei que ela estivesse em Dublin com *você*! O pior dia é quarta...

— Ah, *me desculpe* — rosnei, afundando no banco do carro. — Não sabia que ele tinha um cronograma pras surras! Então é só às quartas que ele gosta de esmurrar ela? Devo pegar ela às terças e devolver às quintas? Será que vai funcionar pra ele?

— Escuta...

— Onde ela está agora? Você está com ela em casa? Ele também está aí? — Eu ia perder a cabeça se ele me desse a resposta errada. Na minha mente, só havia uma resposta para essa pergunta terrível. O pai deles *não* podia estar lá. Ele precisava estar o mais longe possível dela. Eu não suportava nem pensar no contrário. Nele com as mãos nela. Olhando para ela. *Tocando ela*... — Ele está perto dela? Ele tocou nela?

— Quer parar de falar e *me ouvir*...

— Eu devia ter confiado nos meus instintos — cuspi, interrompendo-o de novo. — Sabia que tinha algo estranho na sua família. Eu sabia, porra. Aquela noite que você apareceu pra buscar ela, tudo dentro de mim gritou pra mantê-la comigo. E em vez de ouvir os sinais vermelhos gritando na minha cabeça, em vez de abrir meus malditos olhos, deixei pra lá. Porque fiquei pensando "não, nada a ver, esse cara ama a irmã, ele não ficaria parado e deixaria coisas ruins acontecerem com ela". — Tive que morder os nós dos meus dedos para me impedir de esmurrar a janela do carro do meu pai. — Fui um idiota!

— Vai se foder, seu playboy! — ele soltou. — É fácil pra você me julgar. Você nunca passou por dificuldades um mísero dia da sua vida. Fiz tudo o que pude pela minha família.

— Menos a coisa certa — devolvi, lívido. — Você sabe que é por isso que ele tem tanto poder sobre você, né? — Segurei o celular com mais força. — Ficar quieto não resolve *nada* pra vocês e resolve *tudo* pra ele!

— Ela tem dezesseis anos, babaca! — Joey rugiu do outro lado da linha. — O que você acha que teria acontecido com Shannon se eu fosse correndo pra polícia? Ela teria ido parar em um abrigo. Isso é o que teria acontecido! E tem mais pessoas além dela pra levar em consideração. Tenho três irmãozinhos pra cuidar.

Abri a boca para protestar, mas me segurei.

Ele estava certo.

Abaixei a cabeça.

— Merda.

— Pois é, é uma merda — Joey falou. — Isto aqui não é um filme, Kavanagh. É a nossa vida. É real, é uma bosta e você não faz a menor ideia. Eu já estive em um abrigo. Já passamos por isso antes. Pelo amor de Deus, nosso irmãozinho foi... — Ele parou de falar e exalou, trêmulo. — Já fomos pegos pelo conselho tutelar, sabemos o que acontece, então antes de me culpar por não ter feito algo, se pergunte por que preferimos ficar com ele a voltar pra esse sistema de merda!

Levei um tempo para processar suas palavras.

— Bem, aqui vai o que sei. Sei que estou a caminho da sua casa nesse momento e, se eu encontrar ele lá, se ele estiver perto da sua irmã, vou levar um mundo de problemas até a porta do canalha...

— Ela não está em casa, idiota — Joey explodiu nos meus ouvidos. — É isso que eu estava tentando te dizer. Ela está no hospital, porra!

Meu coração parou de bater.

— Eu que levei ela pro hospital no sábado à noite — ele falou. — Depois que o velho quase matou a Shannon de tanta porrada porque ela estava com *você*. Algum professor imbecil do Tommen ligou lá pra casa pra dizer que viu ela saindo com você de um vestiário, então vai se foder, Johnny Kavanagh. Se é culpa minha, então é culpa sua também!

A ligação caiu e eu simplesmente fiquei ali sentado, entorpecido até o último fio de cabelo, sentindo um milhão de emoções diferentes invadirem meu corpo, olhando fixamente para o celular nas minhas mãos.

Ouvi meus pais conversando rapidamente, mas não entendi o que diziam. Alguns segundos depois, meu pai sentou no banco do motorista e ligou o motor.

— Eu falei pra vocês — eu disse, encarando a nuca do meu pai enquanto o carro saía da garagem. — Não sou mentiroso.

7

HOJE, NÃO

Shannon

Passei o resto do dia em estado de pânico malcontido. A dor de cabeça que eu estava sentindo desde que abri os olhos ganhou proporções épicas, agravada pelo fluxo constante de perguntas sendo lançadas na minha direção. Primeiro pela polícia e depois pela Patricia, uma assistente social que queria que eu a considerasse uma *amiga*.

Sim, *claro* que ela era minha amiga. Eu sabia o que sua amizade me traria. Não era *tão* ingênua assim.

Darren ficou no quarto durante todo o tempo que a polícia esteve comigo feito uma coruja silenciosa vigiando minha língua, garantindo que eu não estragasse tudo. Não era a primeira vez que me via naquela posição: enfrentando a ameaça da autoridade com um membro da família à espreita, certificando-me de que eu soubesse qual era o meu papel.

Normalmente, era meu pai ou minha mãe que ficavam de olho para garantir que eu me comportasse. Hoje, era Darren.

Ele não precisava se preocupar. Eu sabia qual era meu papel. Passei anos aperfeiçoando-o. Falei todas as coisas certas, escondi todas as erradas e fiquei em silêncio nas perguntas capciosas — as que eu sabia serem armadilhas.

Médicos e enfermeiras ficaram indo e vindo o dia todo, me cutucando e me incentivando e perguntando coisas cujas respostas eles não queriam ouvir. Desalentada, fiz o que tive que fazer para manter nossa mãe fora de problemas, só querendo ser deixada em paz. Quando eles finalmente pararam de me interrogar e as enfermeiras desistiram de me apalpar, me senti pior do que não me sentia em muito tempo.

Em meio a tudo isso, uma única coisa ficou martelando dentro de mim e só consegui torcer para que Tadhg, Ollie e Sean encontrassem os ovos de Páscoa na minha mochila no domingo de Páscoa. Eu sabia que eles não ganhariam mais nada. Papai havia gastado todo o dinheiro do salário-família. Não sobraria nada para gastar com ovos.

Joey não voltou ao hospital aquela noite, mas minha mãe, sim. Meu coração afundou assim que a vi. Porque eu sabia o que viria a seguir.

— Oi, Shannon.

Com os olhos marejados e o rosto todo marcado, ela se aproximou da cama e me envolveu em seus braços, me segurando como se eu fosse importante. De certa forma, eu sabia que era, porque ela precisava que eu ficasse de boca

fechada. Ela só estava carinhosa desse jeito porque tinha medo do que eu poderia fazer.

Mas ela não precisava se preocupar. Não era a vida dela que seria arruinada se o serviço social se envolvesse. Seria a nossa.

Como não fui recíproca nem fiz movimento nenhum para devolver seu abraço, ela me soltou e se sentou no lugar que Darren tinha deixado uma hora atrás.

— Como está se sentindo?

Sem querer responder, permaneci rígida e imóvel, observando o leve hematoma em sua bochecha e seu rosto magro. *Por que você faz isso consigo mesma?*, era o que eu tinha vontade de perguntar. *Por que você deixa ele te tratar desse jeito?*

— Conversei com os médicos — ela disse com uma voz trêmula enquanto mexia nas mangas da sua enorme capa de chuva. — Estão falando em deixar você ir pra casa depois de amanhã, ou até mesmo amanhã, se seus exames estiverem bons.

— Pra casa? — perguntei, olhando-a inexpressivamente. — Ou pro abrigo?

— Pra casa, Shannon. — Ela exalou um suspiro trêmulo e assentiu. — Você vai pra casa. — Lágrimas encheram seus olhos conforme ela falava. — Sinto muito, querida. Por tudo isto.

Abaixei a cabeça e fiquei olhando para os meus dedos. O que ela esperava que eu dissesse? Que estava tudo bem, que eu a perdoava? Nada na nossa vida estava *bem*.

— E papai? — me obriguei a perguntar, mantendo os olhos nas minhas unhas aparadas. — O que vai acontecer agora?

— Seu pai não vai voltar.

Mentira.

— Ah, sim, claro — murmurei, baixinho.

— É verdade — ela insistiu, com a voz carregada de emoção. — Fui ao tribunal. Tem uma medida protetiva temporária em vigor pra impedir que ele entre em contato com qualquer um de nós. V-vou voltar pro tribunal em três semanas. Meu advogado garantiu que não vamos ter problema nenhum em conseguir uma medida permanente contra ele.

Mais mentiras.

— Até você decidir que não quer uma medida permanente — soltei, me sentindo vazia. — Até você decidir que quer empurrar tudo isso pra debaixo do tapete, como sempre.

— Desta vez é pra valer — ela garantiu, com a voz rouca e embargada. — Não vou aceitar ele de volta. Não vou. Meu Deus, olhe só pro que ele fez com você...

— O que ele *fez comigo*? — perguntei, indignada. — O que ele fez comigo *desta vez*, mãe. — Pisquei para afastar as lágrimas traidoras que nublavam minha visão. — O que ele fez comigo *desta vez*!

— Querida, me desculpe.

Não falei nada.

— Tudo vai ser diferente daqui pra frente — ela afirmou com uma vozinha fraca, assim como ela. Fraca, quebrada e insegura. — Darren está aqui e vai nos ajudar a nos restabelecer. Prometo que as coisas vão melhorar.

Balancei a cabeça, furiosa com as suas palavras.

— Não dou a mínima pro seu precioso *Darren* — cuspi, me odiando por chorar na frente dela. — Ele não significa *nada* pra mim.

— É a sua raiva que está falando — ela disse. — Não você.

— Minha raiva? — Piscando para afastar as lágrimas, olhei para ela. — Em que planeta você está vivendo, mãe? Não conheço Darren. Não tenho nada a ver com ele e não quero ter.

— Shannon... não é justo.

— *Justo*? Você chegou a dar uma olhada no Joey? — perguntei com a voz rouca. Ela sempre só se importou com Darren. *Darren para lá, Darren para cá*. Joey nunca teve chance. Nosso pai era quem vivia obcecado por Joey, só que isso só surgiu *depois* que Darren foi embora. Joey simplesmente foi jogado para um papel que ninguém queria que ele desempenhasse, muito menos ele. Continuei: — Não, né? Você só o manteve fora disso tudo. Foi em frente e tomou decisões sobre as nossas vidas com Darren... alguém de quem nenhum de nós ouviu falar em mais de meia década... e você sequer pensou em perguntar o que o filho que *ficou* e nos criou acha disso tudo! — Soluçando, limpei o nariz com o dorso da mão e me obriguei a continuar. — Eu posso estar numa cama de hospital, mãe, mas foi Joey que você e papai quebraram.

— Ele não está falando comigo — ela fungou. — Faz dias que não aparece em casa.

— Por que será? — foi tudo o que respondi.

— Não sei o que fazer. Como é que posso consertar as coisas se ele não fala comigo?

— Você não vai conseguir consertar as coisas, mãe — falei, tremendo. — É como aquela musiquinha do Humpty Dumpty. Nada pode consertar ele. Papai atirou ele na parede, você perdeu os pedaços e agora não tem mais conserto.

— Ah, meu Deus! — Ela colocou a cabeça entre as mãos e chorou. — Sinto muito.

— Você devia ter visto ele hoje — eu disse, estremecendo quando uma onda de dor me atravessou. — Ele estava completamente arrasado.

— Shannon... — ela soltou, chorando. *Fraca, tão fraca, fraca pra caralho*. — Me dá uma chance de fazer a coisa certa, meu amor, por favor. — Você não pode. *Você nunca vai conseguir consertar as coisas*. — Sei que posso mudar a nossa vida.

— Sabe, você está falando todas as coisas certas, mas são só palavras. — Balançando a cabeça, ergui o olhar para ela. — São só palavras com você — eu disse, amarga. — As mesmas palavras que já ouvi um milhão de vezes antes, as mesmas promessas que você quebrou inúmeras vezes.

— Então o que está me dizendo? — ela gritou, enxugando as bochechas com um lenço amassado. — Você não quer mais ficar comigo?

— Estou dizendo que vou fazer o que preciso por Ollie, Tadhg e Sean — falei, me afogando nas emoções. — Pra manter eles seguros e longe do abrigo, vou dar uma chance pro plano de Darren. Espero que você esteja certa, mãe. Realmente espero que esteja falando a verdade desta vez pelo bem dos meninos, não por mim. Estou *rezando* pra que consiga

mudar as coisas por eles e ser a mãe que eles merecem, mas é tarde demais pra gente.

— Não sei o que dizer. Sinto muito, Shannon. Sei que não posso consertar as coisas, mas eu... Meu Deus, não sei mais o que fazer.

— Sei que você não é uma pessoa ruim, mãe — sussurrei, recolhendo a mão traidora que se moveu por vontade própria para confortá-la. — E sei que ele também te feriu de formas que não entendo. *Sinto muito* por isso ter acontecido com você. Sei que você estava assustada e sinto muito por você ter vivido com medo durante todos esses anos... — Furiosa comigo mesma, enxuguei as lágrimas, nervosa, e respirei devagar antes de continuar. — Mas isso não significa que a gente vai passar pano pra você. — Funguei e limpei o nariz com o dorso da mão de novo. — Isso não torna ok o fato de você *saber* o que ele estava fazendo, você *ver* e não fazer *nada*. Você nos abandonou, mãe. Você estava ali, mas não estava. Joey tinha razão quando falou que você era um fantasma. Não sei, talvez fosse seu jeito de sobreviver, de chegar ao final do dia inteira, mas você tinha mais poder que a gente. Você era a adulta. Você era nossa *mãe*. E você só... — Dei de ombros, impotente. — Desistiu da gente.

— Você acha que, com o tempo, pode me perdoar? — ela sussurrou, me olhando com seus solitários olhos azuis cheios de lágrimas. — Acha que algum dia vai conseguir?

— Talvez. — Dei de ombros de novo. — Só sei que não consigo te perdoar agora.

8

TRATOR

Johnny

— Preciso que você mantenha a cabeça no lugar — meu pai instruiu enquanto andava pelo corredor do hospital até a enfermaria 1A com a mão na parte de trás do meu braço. — Nada de explosões — ele acrescentou em um tom baixo. — E, pelo amor de Deus, nada de acusações.

— O que tenho para acusar? — rosnei, mancando com minhas muletas. — Nós dois sabemos o que aconteceu com ela. — Era como eu tinha falado para ele. Falado para todo mundo, aliás. — Jesus, ele botou ela na porra do hospital, pai!

— Johnny... — Ele me fez parar no meio do corredor movimentado, colocou os dedos na sobrancelha e se virou para mim. — Você está chateado, eu entendo. Sério. Me desculpe por ter duvidado de você, está bem? Você estava certo e eu estava errado, mas *isto aqui*... — Ele gesticulou para o entorno.

— É uma situação sensível... e você não tem experiência nenhuma. Isto é violência doméstica, Jonathan. A polícia e o serviço social já devem estar cuidando do caso. Entendeu? Vai haver uma investigação criminal... e você não pode interferir. As emoções estão à flor da pele e a última coisa que você precisa é sair correndo com todas as armas em punho. Pode até parecer razoável e justificável, mas não vai ajudar Shannon no longo prazo. Então, se quer vê-la, eu recomendo fortemente que guarde suas opiniões e seus sentimentos pra si mesmo e deixe que eu fale.

Fiquei boquiaberto com ele.

— Eu *vou* vê-la, não tem nenhum "se". — Meu pai me olhou como quem dizia "provavelmente não". — Eu vou vê-la, pai — repeti, furioso.

— Então mantenha a cabeça baixa e *não* dê uma de trator — ele falou antes de soltar meu braço e seguir na minha frente.

Encarando sua nuca, ajustei as muletas e corri para alcançá-lo.

— Não sou uma porra de um trator.

Entrei em outro corredor, procurando a silhueta do meu pai enquanto ele passava por outro conjunto de portas duplas e desaparecia de vista.

Meu pau e essas malditas muletas que se fodam.

Ele estava me deixando para trás de propósito. Queria chegar antes de mim para avaliar a situação daquele jeito frio, insensível e calculista dele, sem a presença do filho teimoso complicando as coisas.

Quando finalmente o vi parado na recepção da enfermaria ao final do corredor comprido, acelerei o passo, usando a força da parte superior do meu corpo para me lançar sobre os bastões de metal, espiando pelas janelas de vidro de cada porta enquanto eu passava.

Estava na sexta porta à esquerda quando meu corpo parou abruptamente e meu coração disparou no meu peito.

Shannon estava deitada na cama com os olhos fechados e as mãos debaixo da bochecha.

Ela estava virada para a porta e, quando a vi, tive que parar para recuperar o fôlego.

Um milhão de emoções me atingiu enquanto eu notava os hematomas no seu rosto. Ela estava tão preta e azul que era quase irreconhecível. Quase. Porque eu reconheceria aquele rosto em qualquer lugar.

Senti uma culpa profunda me afogando. Lembrei da tristeza no seu rosto toda vez que eu a deixava naquela casa. Do medo nos seus olhos quando bati na sua porta pela primeira vez — e na segunda e na terceira vezes também. Ela sempre foi tão arisca, recatada e prestativa! Pedia permissão para quase tudo. Não podia ir a lugar nenhum. Ela me disse isso uma vez — que seus pais eram protetores. Mas ela foi comigo mesmo assim.

— *Você pode me salvar?*

— *Você precisa que eu te salve?*

— *Uhum.*

— *O que aconteceu aqui? De onde veio isso?*

— *Meu pai.*

Os sinais estavam lá fazia meses e eu simplesmente passei reto por eles feito um trator. Meus olhos estavam abertos, mas eu estava olhando na direção errada. Não a ouvi. Não prestei atenção direito. Não percebi, não vi as pistas, não ouvi os gritos de socorro, mas ouvia e via tudo agora.

Só que agora ela estava numa cama de hospital porque eu tinha lhe dado um beijo. Eu causei problemas porque a beijei pra caralho. Pelo menos foi o que Joey disse. Que o pai fez isso porque ela estava *comigo*.

Minha mente se voltou para Joey. Toda vez que eu via o irmão de Shannon, ele tinha um novo hematoma na cara. Só que nunca dei atenção a isso. Só pensei que era por causa do hurling e enfiei o resto debaixo do tapete. Deus sabe que passei a maior parte do tempo cuidando de feridas e lesões. Mas aquilo? Meu pai estava certo. Eu nunca poderia entender.

Meu coração batia descontroladamente no meu peito e minha mão se movia por vontade própria enquanto eu a estendia para abrir a porta. Lançando um rápido olhar para o meu pai, que ainda estava na recepção falando com quem presumi ser a chefe da enfermaria, empurrei a porta e entrei.

9

NÃO ME DECEPCIONE

Shannon

O barulho do metal batendo alto me acordou de um sono agitado. Em seguida, veio o barulho da cadeira raspando no chão de ladrilhos. Por alguns momentos incertos, não sabia onde estava. Parte de mim imaginou que eu estava de volta à minha cozinha, então mantive os olhos fechados e me preparei para o golpe. Quando senti alguém pegando minha mão, espiei e me vi encarando um par de olhos azuis dolorosamente familiares.

— Oi, Shannon.

Será que aquilo era real? Ou era só minha imaginação?

A batida selvagem e errática do meu coração e o calor das mãos dele nas minhas me garantiram que eu estava bem acordada.

Atordoada, olhei para baixo, para minha mão cheia de fios e enlaçada firmemente nas suas antes de retornar meu olhar para o dele.

— Oi, Johnny.

— Quando foi que a gente trocou de lugar? — ele brincou. Sem tom era leve, mas seus olhos estavam escuros e tempestuosos. — Está tentando roubar meu brilho, Shannon, *como o rio*?

Abri um sorriso.

— Acho que eu queria um pouco daquelas drogas pra mim.

— Fique longe daquelas drogas. Elas vão cagar a sua cabeça. — Ele abriu um sorriso triste antes de dar uma olhada em volta. — E aí, você está sozinha? — Uma carranca profunda se cravou em seu rosto.

Confirmei com a cabeça.

— Minha mãe está por aí em algum lugar. Deve estar lá fora fumando.

Johnny se inclinou para frente e abriu a boca para falar, mas se conteve. Soltando o ar, ele mordeu o lábio e perguntou:

— Quando você vai sair?

— Talvez amanhã — respondi com um sorrisinho. — Ou depois de amanhã.

Ele assentiu rigidamente e eu soube que queria falar mais alguma coisa mas ficou quieto.

— Não era pra eu estar aqui — ele soltou, voltando o olhar para mim. — Pelo menos, acho que não.

— Fiquei feliz por você ter vindo — sussurrei.

Tê-lo ali comigo, ouvir sua voz e ver seu rosto fez algo se assentar bem no fundo de mim. Algo se encaixou e uma sensação quase de alívio vibrou sobre a minha pele, acalmando algo bem lá no fundo. Me senti em casa. Eu sabia que isso era loucura. Mais que loucura. Era completamente insano, mas era o que eu sentia. Era real, brutal e me forçava a me aproximar, chegar mais perto dele, mantê-lo ali comigo.

Naquele momento, senti algo se alinhando nas entranhas do meu corpo. Quando isso aconteceu, o peso que eu sentia, o peso no meu coração e a pressão nos meus ombros simplesmente desapareceram.

— Eu também — ele falou bruscamente.

— E aí, quando você veio pra casa? — perguntei, rouca e confusa.

— Hoje à noite. — Ele ergueu minha mão e pousou um beijo nos meus dedos. — Levei um tempão pra voltar pra você.

Suas palavras provocaram um calafrio por todo o meu corpo.

— Que bom que você voltou pra mim! — Eu sabia que estava me expondo à mágoa, sem falar no mundo de dor se ele me rejeitasse de novo, mas eu tinha que falar. — Estava com saudade, Johnny.

— Nossa, Shannon, não sei o que... — Ele respirou fundo por um longo tempo e, depois, levou meus dedos à sua boca. — Você está bem — ele sussurrou, beijando minha mão cheia de fios. Respirando fundo, ele colocou minha palma na sua face e se entregou ao toque. — Você vai ficar bem, né?

Assenti, fiz carinho na sua bochecha e falei:

— *Você* está bem?

— Não me pergunte isso. — Seus olhos azuis queimaram buracos tão profundos dentro de mim que senti que eles nunca poderiam ser reparados. — Não quando é você que está deitada aí.

— Me desculpe.

— Não peça desculpas. — Fechando os olhos, ele abaixou a cabeça, ainda segurando minha mão na bochecha. — Eu é que devia te pedir desculpas. — Ele soltou um grunhido dolorido e pressionou mais minha palma contra a sua pele. — Só preciso que você fique bem — ele falou. Seus cílios eram tão grossos e longos que mal consegui ver o azul escondido atrás deles. — Sei que fui um completo idiota quando voltei depois da cirurgia e eu sinto muito. Sinto muito por ter te afastado. Eu só estava com vergonha... e estava morrendo de medo de te assustar, mas eu devia ter te impedido de ir embora. Eu devia ter *sido* melhor. Devia ter pedido pra você ficar comigo. — Contorcendo o rosto, ele deu um beijo na minha mão e sussurrou: — Queria que você ficasse comigo.

Meu coração quase parou.

— Queria?

— Sempre quero que você fique comigo, Shannon — ele respondeu, claramente agitado. — E, se eu tivesse assumido a responsabilidade sobre meus sentimentos e pedido pra você ficar, poderia ter evitado isso...

— Não poderia — eu o interrompi, tremendo. — Alguma hora eu teria que ir pra casa. Ficar longe um dia ou dois só teria deixado as coisas um milhão de vezes piores.

— Piores? — Ele cerrou a mandíbula e retrucou: — Shannon, olhe onde você está. Como é que pode ficar *pior*?

— As coisas sempre podem ficar piores, Johnny — sussurrei.

— Então foi *ele* que fez isso com você? — ele perguntou de uma vez. — Seu pai?

Abri a boca para responder, mas Johnny falou primeiro:

— Antes que você diga algo, quero que saiba que Joey me ligou e me contou tudo o que preciso saber — ele disse, me encarando. — Não que eu precisasse. Eu já tinha descoberto. — Sua mão apertou a minha. — Todas aquelas vezes que você apareceu na escola toda marcada e estropiada... — Sua voz falhou e notei uma veia do seu pescoço pulsando. — Todas aquelas vezes você mentiu pra mim? Pra proteger *ele*?

— Não quero falar sobre isso — sussurrei, entrando no velho padrão que aperfeiçoei ao longo da vida e evitando o assunto.

— Não, não, a gente não vai entrar nessa. — Johnny olhou fixamente para mim e me repreendeu. — Você não pode me deixar de fora, Shannon. Não pode fazer isso comigo de novo porque dessa vez não vou deixar. Entendeu? Estou aqui com você, eu me importo e não vou embora, porra.

Minha mente estava a mil, lutando para compreender o que ele estava dizendo. Será que ele...? Ele estava...? Ele queria...?

— Você se importa?

Um grunhido de dor saiu da sua garganta.

— Sim, eu me importo. — Ele se inclinou mais. — Me importo tanto com você que mal consigo respirar.

Minha respiração falhou.

— O que você quer saber?

— Que tal se você começar me dizendo o que aconteceu com você? — ele sugeriu, com os olhos azuis grudados nos meus. — Qual foi o estrago?

— Alguns cortes e ferimentos — falei. — E um pulmão ferrado.

— Meu Deus! — Observei-o com o coração na boca enquanto o rosto de Johnny perdia a cor antes de assumir um tom vingativo e vermelho-sangue. — Puta merda!

Soltando minha mão, ele se recostou na cadeira e pressionou as mãos na testa, colocando espaço entre nossos corpos e sua têmpora. Ele não falou nada. Só ficou sentado ali por um tempo, respirando fundo e com força, obviamente lutando contra as próprias emoções.

Seu cabelo escuro estava espetado em quarenta direções diferentes e ele ostentava uma barba de vários dias no maxilar. Era de se esperar que o visual bagunçado funcionasse com ele. Ele usava uma calça larga e cinza e um moletom azul-marinho. A pulseirinha hospitalar que ele ostentava na última vez que o vi ainda estava no seu pulso esquerdo, e um conjunto de muletas de metal estava a seus pés.

— Você devia ter me contado a verdade — ele finalmente disse. — Sobre o que estava acontecendo. — Ele abaixou as mãos do rosto, se inclinou para frente e pegou as minhas mãos. — Eu poderia ter te ajudado.

— Não poderia — soltei. — E eu não podia falar.

— Não? — ele perguntou com uma voz triste, combinando com seus olhos. — Por que não?

— Porque... — Meu coração martelava violentamente contra minhas costelas. — Porque...

— Porque...? — ele me incentivou com gentileza, se aproximando e apoiando os cotovelos na beirada do colchão. — Você achou que eu não fosse acreditar? — Ele chegou mais perto ainda e apoiou o queixo sobre as nossas mãos unidas. — Porque eu ia acreditar. Sempre.

— Porque ele é alcoólatra — eu disse, de repente sentindo falta de ar. — E eu estava tentando manter minha família a salvo.

— A salvo? — ele continuou sondando, atraindo-me com sua persuasão irresistível, com a promessa de *segurança*. — Dele?

Balancei a cabeça, com os olhos arregalados e carregados de medo tácito.

— Da adoção. — Meu coração parecia ter ido parar na boca, dificultando que eu dissesse o resto. — Já passei por isso antes. — Soltando um suspiro de dor, segurei sua mão, me confortando na maneira como ele me fazia sentir aterrada. — Não quero passar de novo.

— Quando?

— Quando eu era pequena. — Engoli em seco com força, sentindo uma queimação. — Não foi... bom.

Johnny assentiu e o interesse acalorado que vi em seus olhos me disse que ele estava memorizando minhas palavras.

Tudo nesse garoto era intenso e maior que a vida. Ele era inteligente demais para que eu o ofendesse com mais mentiras ou meias-verdades, então não fiz isso.

Segui em frente.

— Eles não querem que eu fale sobre isso com ninguém. — *Especialmente com você.*

— Eles quem?

— Minha mãe — contei, hesitante e cautelosa. — E Darren.

Johnny franziu as sobrancelhas, confuso.

— Darren, o irmão que não mora mais em Cork?

Fiz que sim.

— Ele voltou.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Por quê?

— Por isto. — Gesticulei para mim mesma, constrangida. — Ele diz que vai ficar e vai ajudar minha mãe com as crianças e, hum, com meu... meu p-pai. — Me encolhi ao verbalizar a última palavra.

— Ele diz? — Johnny estreitou os olhos. Ele era intuitivo demais para o seu próprio bem. — Então você não acredita nele?

— Não sei no que acreditar. — Dei de ombros, cansada demais para erguer uma barreira entre nós. — Os adultos dizem várias coisas, todos falando ao meu redor, e eu estou apenas...

— De saco cheio dessa merda? — ele ofereceu, apertando minha mão.

— Isso. — Assenti, grata por suas habilidades agudas de interpretação. — Estou de saco cheio dessa merda, Johnny.

— Onde seu pai está agora?

Dei de ombros.

— Sei lá.

— Como assim você não sabe? — Seu tom era cortante, até mesmo indignado. — Ele não foi preso?

— Ele está desaparecido... deu o fora depois do que aconteceu e não apareceu desde então — sussurrei, desesperada só de pensar nele por aí em algum lugar. — Darren diz que ele vai ser encontrado e intimado, mas Joey não tem tanta certeza. Ninguém me conta nada... bem, exceto Joey. Joe acha que ele provavelmente está ficando com uns amigos em Waterford, mantendo a cabeça baixa até a poeira abaixar e mamãe aceitá-lo... — Soltei o ar, derrotada, e murmurei: — Aceitá-lo de volta.

— De volta?

Encolhi os ombros, entorpecida.

— Eu realmente não devia falar sobre isso com...

— Mas sou eu — ele disse, erguendo meu queixo com os dedos. Ele me encarou e acrescentou: — Você pode me contar qualquer coisa, entendeu?

— Estou com medo — confessei, mordendo o lábio. — E não quero ir pra casa.

— Com a sua mãe?

Fiz que sim, rígida.

— Porque ela te decepcionou — ele falou baixinho. — E você não confia nela.

— Ela faz promessas, mas é só isso o que são: promessas *vazias*. — Tremendo, me mexi para envolver os braços em volta de mim, mas pensei melhor e me segurei no seu braço quente. — A gente devia sentir *pena* dela pelo que ela passou, já que ela também é vítima, e eu sei disso, de verdade, só que... não consigo *sentir* isso. — O medo e a incerteza que me consumiam sempre que eu estava na presença dele tinham sumido. Eu me senti nua até os ossos, completamente exposta, e ele ainda estava ali, me olhando com os mesmos olhos, querendo *mais* de mim. — Ela está recebendo apoio agora, e a polícia e o serviço social estão obviamente confiantes em sua capacidade de cuidar da gente. É por isso que estão trabalhando com ela. Eles estão oferecendo todo tipo de serviços e aconselhamento pra ela.

— Mas e você? — Johnny perguntou. — Não acha que ela consegue?

— Eu sei que ela nunca nos machucaria — sussurrei. — Pelo menos não de propósito. Ela não é violenta, Johnny, e não é cruel. Ela só é *fraca*. Darren vive dizendo que precisamos ter paciência e dar uma chance pra ela, mas eu só... não consigo mais ter esperança. — Peguei seu antebraço com as duas mãos e dei um apertão. — Porque isso já aconteceu antes. Ela vai aceitá-lo de volta, eu sei, e aí? O que vai acontecer depois? — Balançando a cabeça, lutei furiosamente contra as emoções, piscando lágrimas traidoras. — *Nada*. Nada vai acontecer, como sempre, e estou cansada disso tudo, Johnny. — Soltei um suspiro trêmulo. — Quero dar o fora dessa cidade e ir pra longe, bem longe, e *nunca* mais voltar.

— Você pode falar pra eles? Que não quer morar com ela?

— E pra onde eu iria? O que aconteceria com meus irmãos mais novos se eu fizesse isso? Eles *querem* ficar com ela.

— Tem certeza?

— Ollie e Sean querem. Não sei de Tadhg, já que ele não fala muito, e Joey já tem mais de dezoito, então pode morar onde quiser. — Suspirei, derrotada. — Se eu insistir nisso, se eu disser que não me sinto segura com ela, vão nos botar num abrigo e nos separar. — Franzi o cenho e me encolhi antes de admitir: — Eu vivo mentindo. Mesmo pra mim mesma. Metade do tempo, nem sei o que é verdade ou mentira. Tenho que pensar bastante pra saber, porque isso é tudo o que conheço. Tenho escondido coisas por tanto tempo que nem sei mais se *eu* estou pensando direito. E agora estou duvidando de mim mesma porque fico pensando: e se eu estiver errada sobre ela? E se eu estiver errada em pensar isso dela?

Johnny ficou em silêncio por um longo período, sem emitir um som. Só ficou ali comigo, dividindo o peso, carregando minha dor com seu apoio silencioso. E acho que o amei mais pelo que ele *não* disse naquele momento. Ele não fez promessas que não poderia cumprir. Ele não ofereceu mais do que podia dar. Ele só *ficou ali*.

— Não me lembro de uma época que não fosse assim — confessei, me sentindo vulnerável e impotente.

— E eu? — Johnny engoliu em seco. — Quando passou a ser sobre mim?

— Ele sempre foi paranoico — falei, percebendo que não tinha nada a perder. — Mas, quando nossa foto foi publicada

no jornal, ele teve a prova que queria.

Johnny abaixou a cabeça.

— Puta merda, Shannon, isso foi meses atrás.

— Eu sei. — Soltei um suspiro fraco.

— Eu piorei as coisas — ele disse.

— Você tornou as coisas toleráveis — sussurrei.

— Onde mais? — Essas palavras pareciam ter sido arrancadas de dentro dele. Seu olhar vagou por mim devagar, descaradamente, ficando sombrio, até enfim se fixar de novo em meu rosto. — Tem mais? — Seus dedos percorreram minha bochecha. — Me mostre onde ele te machucou.

Hesitei, cautelosa e indecisa.

— Pode confiar em mim — ele disse tão baixinho que mal o escutei. — Não sou como ele, Shannon. Jamais vou te machucar... jamais seria capaz. De jeito algum.

Eu sabia disso.

Além de Joey, Johnny Kavanagh era a única pessoa em quem eu confiava. Assim, ajeitei meu corpo dolorido e me sentei lentamente.

— Vá com calma — ele falou, se inclinando para me ajudar. — Você está bem?

— Sim.

Deixei as pernas pendendo na lateral da cama e fiquei de frente para ele. Segurei na barra da blusa do pijama que tinha colocado mais cedo. Com cuidado, levantei o tecido para mostrar as costelas cheias de hematomas pretos e azuis.

Johnny soltou um suspiro agudo de susto.

— Filho da puta! — ele rosnou e se conteve, engolindo qualquer outra coisa que estava prestes a dizer. Cerrou o maxilar e sussurrou: — Preciso ver tudo. Me mostra tudo. Preciso ver tudo.

Então eu mostrei.

Mostrei meus braços e pernas, meu pescoço e minhas coxas, e a cada ferida e hematoma que eu revelava, sentia um peso se erguendo dos meus ombros.

— Fizeram um buraco aqui — expliquei com uma voz trêmula, desabotoando o pijama sem jeito para que ele visse o curativo no meu peito e na lateral do meu peito. Tremendo, segurei meus minúsculos seios e me virei para o lado para lhe mostrar. — Pra me ajudar a respirar.

Os olhos de Johnny se voltaram para o curativo e eu vi todo o seu corpo enrijecer. Ele não estava me olhando de uma forma sexual. Não, era um olhar de puro horror.

— Minha nossa! — Ele arrastou a cadeira para mais perto da cama, até que minhas pernas ficassem aninhadas entre seus joelhos. — Está doendo? — Descansando a mão na minha coxa, ele roçou delicadamente o curativo. — Você está com dor?

Sim.

— Vou ficar bem — respondi, me virando para ele. — O médico me disse que vai sarar em uma semana ou duas.

— Ele fez isso com você por minha causa... — Johnny fez uma pausa, depois segurou o tecido e começou a abotoar o pijama, mantendo os olhos nos meus o tempo todo. — Por causa do que aconteceu no vestiário? — Quando terminou, ele

balançou a cabeça, dilacerado. — Porque você não devia ficar comigo?

Dei de ombros, impotente. Não podia mais mentir. Pelo menos não para ele. De qualquer forma, ele viu a verdade nos meus olhos, fazendo um gemido baixo e dolorido sair do seu peito.

— Me desculpe, Shannon. — Apoiando a testa na minha barriga, ele envolveu minha cintura com os braços e sussurrou: — Me desculpe mesmo.

Meu corpo tremia tanto que tive dificuldade para me conter, para manter meus sentimentos enterrados, quando tudo o que eu queria fazer era mergulhar naquele garoto e nunca mais voltar para respirar. Acolhi seu rosto em meu colo e soltei um soluço entrecortado.

— Não é culpa sua — falei, sentindo a ardência das lágrimas quentes e salgadas escorrendo pelo meu rosto. — Não é. Se não fosse você, ele teria encontrado outra razão pra me odiar. É assim que as coisas são na minha família. Meu pai não precisa de um motivo pra fazer as coisas que faz, Johnny. Ele só precisa de uma *ideia*. — Tremendo, passei os dedos pelo seu cabelo, forçando-me a manter o toque gentil e não me agarrar nele e implorar para que me levasse embora como eu tanto queria. — Não fique triste por mim.

— Triste? Não estou triste, Shannon. Estou arrasado pra caralho — ele soltou, erguendo a cabeça. — Eu tinha certeza que era alguém da escola. Puta merda, fiquei obcecado com isso e passei esse tempo todo olhando na direção errada.

— Johnny...

— Eu te deixei naquela casa — ele grunhiu, angustiado. — Fiquei olhando você entrar na porra daquela casa e voltei pra minha cama quentinha e segura sabendo no meu coração que tinha algo errado, sem conseguir abrir os olhos o suficiente pra ver! — Balançando a cabeça, ele soltou um rosnado de frustração. — Me desculpe mesmo. Você não merecia que mais uma pessoa te decepcionasse.

— Tudo bem — falei.

— Não, não está *nada* bem. — Ele soltou um suspiro pesado e sussurrou: — Shannon, ele... — Johnny exalou o ar e sacudiu a cabeça antes de tentar de novo. — Ele... — Depois, estremeceu e fechou os olhos. — Ele te machucou. — Era uma afirmação, não uma pergunta. — Fisicamente. — Johnny abriu os olhos e me encarou. — Ele fez mais alguma coisa com você?

— Como assim?

— Preciso saber se ele... — ele falou de um jeito sofrido, lutando para dizer as palavras. — Ele... já te obrigou a fazer coisas que você não queria?

— Tipo o quê? — perguntei, entrando em pânico.

— Ele já te tocou? — As palavras saíram da sua boca depressa. — Sexualmente. — Ele fechou os olhos enquanto um gemido de dor o atravessava. — Ele já fez isso com você? — Johnny abriu os olhos e me encarou totalmente arrasado. — Ele já te estuprou, Shan?

— Não.

— Não? — O alívio inundou seus olhos por um breve momento antes que a dúvida voltasse. — Você não pode

mentir pra mim, está bem? Não sobre isso. Preciso que você me diga a verdade.

— Ele nunca me tocou desse jeito — falei, com o coração batendo forte. — Nunca aconteceu nada *assim* comigo.

Johnny me encarou fixamente por um longo tempo antes de soltar o ar, tremendo.

— Certo. — Ele assentiu e sussurrou: — Certo. — Ele respirou várias vezes enquanto seus ombros relaxavam. — Me desculpa por te perguntar isso, mas eu *tinha* que saber.

— Tudo bem.

— Preciso que você saiba que não está sozinha. Não mais. — Sua voz estava controlada agora. — Estou aqui.

Meu coração deu um salto.

— Está mesmo?

— Com certeza. — Sua testa tocou a minha de um jeito dolorosamente suave e seus olhos azuis perfuraram os meus, pedindo permissão em silêncio. Para fazer o que, eu não fazia ideia, mas eu estava disposta a concordar com qualquer coisa que ele me pedisse. — Estou aqui — ele falou, roçando o nariz no meu. — E não vou a lugar algum.

Ah, meu Deus...

— Johnny? — Minhas mãos se moveram por vontade própria, se enterrando no tecido do seu moletom. — Se você vai me decepcionar... — Abaixei a cabeça, fechei os olhos e puxei o ar, trêmula, antes de levantar o queixo e abrir os olhos de novo. — Preciso que faça isso agora, ok? Não espere até que seja tarde demais e, *por favor*... por favor, não faça doer...

Johnny me silenciou colocando os lábios nos meus. Atordoada, não pude fazer nada além do que me jogar contra ele, entregando-lhe todo o meu peso e confiando que ele não me quebraria.

Foi um beijo suave, inocente, leve como uma pena, mas foi tudo naquele momento, e foi *tudo* para mim porque era ele. Porque, pela primeira vez, ele me beijou *primeiro*.

— Não vou fazer isso — ele sussurrou, com a sobrancelha na minha e os lábios nos meus. — Sempre vou ser cuidadoso com você, Shannon, *como o rio*. — Dando um suspiro trêmulo, ele colocou meu cabelo atrás da orelha e segurou meu rosto entre as mãos. — Prometo.

— Também vou ser cuidadosa com você — falei, tremendo da cabeça aos pés.

Ele sorriu.

— Que bom, porque tenho a impressão de que você poderia causar um belo estrago no meu...

— Não sei onde ele está agora, estava bem atrás de mim, mas se ele pudesse ter um minutinho com ela... Ah, deixa pra lá, já o encontrei — uma voz familiar falou.

— Merda — Johnny murmurou. Soltando meu rosto, ele se recostou na cadeira e deu um aceno desanimado com a mão. — Oi, pai.

— Fico feliz de ver que seus ouvidos estão desatentos como sempre, filho — o sr. Kavanagh falou em um tom suave. — Shannon. — Ele me deu um sorriso triste. — Que bom te ver de novo, embora as circunstâncias não sejam ideais...

— Oi, sr. Kavanagh — respondi baixinho, sentindo meus muros se erguerem rapidamente. Eu não sabia se foi a visão do pai de Johnny, educado como sempre, que me causou essa reação, ou o olhar furioso da minha mãe, parada na porta ao lado dele.

— Bem... — minha mãe disse, claramente incomodada. — Acho que ele teve mais que um minuto.

— Mãe... — comecei a protestar, mas o sr. Kavanagh me interrompeu.

— Entendido. — Ele olhou para Johnny e inclinou a cabeça. — Vamos, filho.

— O quê? — Encarei minha mãe, horrorizada. — *Por quê?*

— Porque sim — ela respondeu com um tom vacilante.

— Não. — Balancei a cabeça e olhei para Johnny. — Você não precisa ir a lugar algum.

— Ele precisa, sim, Shannon — o sr. Kavanagh interveio. — Vamos, Johnny.

Johnny percebeu como eu me sentia e ficou completamente devastado, olhando do pai para mim. Vários instantes se passaram em um silêncio tenso antes de Johnny enfim assentir, derrotado. Meu coração murchou enquanto eu o observava pegar as muletas e ficar de pé, sem firmeza nenhuma.

— A gente vai voltar, Shannon.

— Eu preferiria que não voltassem — minha mãe respondeu depressa. — Pelo menos por um tempo. Estamos passando por um problema pessoal complicado, um assunto de família, e não acho apropriado você estar aqui.

Fiquei de queixo caído.

— Mãe!

— Ah, não? — Johnny devolveu, sem esconder a raiva na voz. — Bem, eu *preferiria* que você enfiasse sua *opinião* na parte mais funda do seu...

— Jonathan! — o sr. Kavanagh berrou. — É hora de *ir*.

— Você já causou estrago suficiente nessa família — minha mãe atirou, tremendo. — Quer perceba ou não. Então não apareça mais por aqui. Você não é bem-vindo.

— Sra. Lynch — o sr. Kavanagh falou em um tom calmo. — Acho que todos nós precisamos relaxar...

— Mantenha seu filho longe da minha filha — minha mãe falou. — Ela tem dezesseis anos e não quero vê-la com ele. Então *mantenha-o longe*. Entendeu? Mantenha esse garoto *longe* da minha filha!

— Do que você está *falando*? — soltei, sentindo meu coração acelerar tanto que me deixou tonta. — Ele não fez nada de errado.

— Vou voltar pra ver sua filha — Johnny rosnou com os olhos fixos na minha mãe. — Já joguei de acordo com as suas regras antes e olha só onde ela veio parar. Então te garanto que não vou fazer isso de novo.

— Johnny, vamos embora agora — o sr. Kavanagh vociferou.

— Meu Deus, pai!

— Agora!

Desviando o olhar furioso da minha mãe, Johnny se virou para mim. Ignorando nossos pais, ele se aproximou, segurou

minha nuca e se inclinou para baixo.

— Vou voltar — ele sussurrou antes de pressionar um beijo demorado na minha testa. Endireitando a postura, ele olhou para mim e piscou. — Prometo.

Encarei-o com os olhos arregalados e sussurrei:

— Vou te esperar.

Johnny se virou para a minha mãe e sibilou:

— Estou de olho.

— Vamos. — O sr. Kavanagh deu um suspiro fraco e colocou a mão na nuca de Johnny. — Saia logo deste quarto antes que eu pegue essa muleta e te dê uma surra.

— Ótima escolha de palavras, pai — Johnny grunhiu, deixando seu pai conduzi-lo para fora do quarto. — Sutil pra caralho.

— Ah, meu Deus — o sr. Kavanagh murmurou da porta. Seu rosto estava profundamente vermelho quando ele disse: — Minhas mais sinceras desculpas pelo comentário de mau gosto. — Em seguida, fechou a porta.

— O que foi *aquilo*? — minha mãe perguntou em um tom acusatório, com os olhos estreitos para mim.

— Aquele é o Johnny — respondi, desafiando-a com o olhar. — E você? Que porra foi essa, mãe? Ele veio me ver e você o expulsou.

— Ele não tinha nada o que fazer aqui.

— Como assim? — perguntei, perplexa. — Ele é meu *amigo*!

— E esse seu *amigo* está acostumado a ficar te beijando por aí? Na frente da sua mãe?

Meu Deus, tomara que sim.

Dei de ombros, indiferente.

— Ele é velho demais pra você.

— Ele tem dezessete — respondi de um jeito insolente. — Eu tenho dezesseis.

— Não gosto disso, Shannon — ela murmurou, preocupada. — Não gosto *dele*. Tem alguma coisa nele... Ele é muito... muito...

— Muito o quê, mãe?

— Ele é demais pra você. Ele é velho demais, experiente demais e definitivamente arrogante demais.

— Bem, a escolha não é sua. É minha.

— Ele sabe? — ela sussurrou, me lançando um olhar desconfiado. — Da nossa família?

— Ele sabe de tudo — confirmei baixinho, sentindo um tsunami de culpa descabida surgindo. A lógica me disse que eu não precisava me sentir mal, mas meu coração estava confuso. Meu coração me chamou de traidora. — Tive que contar pra ele — soltei, me explicando. — Ele viu os hematomas.

— Nossa, Shannon. Não. — Ela balançou a cabeça. — Não, não, não, isso não está certo.

— Olha só onde eu estou. — Minhas bochechas queimavam. — Eu não podia continuar mentindo pra ele.

— Não estou falando disso! Estou falando de vocês. — Ela sacudiu a cabeça de novo. — Não, você está vulnerável e ele está se aproveitando de uma situação ruim.

— O quê? — perguntei, boquiaberta. — Não acredito que você está falando isso.

— Você está dormindo com ele?

— *O quê*?

— Você está transando com esse garoto?

— Ah, meu Deus! Você está viajando, é inacreditável. — Contive um grito. — Darren estava certo, você precisa de *ajuda*.

— Ele te *machucou*, Shannon. Ele te nocauteou, te colocou no hospital.

— Foi um acidente — cuspi. — Ao contrário do homem que você permitiu que ficasse nas nossas vidas, que gosta de nos machucar de *propósito*. — Gesticulei violentamente para mim mesma. — Estou no hospital de novo, mãe. Vai botar a culpa no Johnny por isso também?

Ela estremeceu.

— Se ele tivesse te deixado em paz, pra começo de conversa, seu pai não teria tido motivo pra...

— Chega! — falei, com a voz rachando. — Não ouse me culpar pelo que ele fez.

— Não estou te culpando — ela falou, soluçando. — Me desculpa... eu só estou *aterrorizada* por você. — Ela se aproximou depressa e se afundou na cama ao meu lado. — Seu pai sabe dele. E se ele tentar te encontrar através dele? E se ele te descobrir com ele e as coisas piorarem?

— Ele já sabe onde a gente mora, mãe — falei com um suspiro cansado. — Se meu paizinho quiser vir atrás de mim, ele virá.

— Shannon... não fala assim. — Ela chorou alto.

— É verdade — respondi, emocionalmente esgotada. — Se ele quiser nos machucar, não precisa usar meus amigos pra

fazer isso. Tudo o que ele precisa fazer é bater na nossa porta e você vai receber ele de braços abertos.

— Não — ela falou, fungando. — Não vou mais fazer isso.

— Vamos ver.

— Eu sabia que isso ia acontecer — ela sussurrou, pegando minha mão.

— Isso o quê? — perguntei, afastando a mão.

— Eu vi como ele te olhou aquele dia na escola, quando fui te buscar. — Ela soltou um soluço entrecortado. — Eu sabia que ele seria um problema.

— Ele não é um problema. Ele é uma boa pessoa, mãe... uma ótima pessoa. Está treinando pra ser jogador de rúgbi profissional, pelo amor de Deus. Já está jogando pelo *país*. Ele é inteligente, motivado e gentil. Ele é tão gentil, mãe! Ele não usa drogas, nem fica aprontando que nem todo mundo da idade dele. Ele não é o monstro que você inventou na sua cabeça.

— Você acha que eu não sei como é? Seu pai era tudo isso. Ele não era ruim quando o conheci. Era maravilhoso. Uma estrela do hurling. Todo mundo queria conhecê-lo. Ele era adorado, sabe. O garoto de ouro de Ballylaggin.

— Não é a mesma coisa — soltei, sentindo meu corpo esquentar e o pânico me dominar. — Não tem *nada* a ver.

— Tem *tudo* a ver — ela retrucou, com a voz falhando. — E olha só pra mim agora, Shannon. — Ela apontou vagamente para o quarto. — Olha só pra onde garotos como ele levam garotas como nós. Basta um erro. Um escorregão e sua vida já era. Você vai acabar sobrecarregada com mais responsabilidade

do que consegue lidar e ele vai te culpar por tudo. Vai te culpar por estragar o futuro dele. Por mudar o curso da vida dele. Por transformá-lo em pai quando ele ainda é um menino. Repita meus erros, Shannon, e aquele garoto vai te culpar, te machucar e te derrubar até não restar mais nada de você.

— Eu não sou você — soltei. — E ele não é meu pai.

— *Ainda* — ela respondeu com tristeza. — Ainda não.

— Para de falar.

Ela hesitou.

— O q-quê?

— Você não pode fazer isso comigo — eu disse, tremendo. — Você não pode me assustar e me afastar da *única* coisa boa da minha vida.

— Não estou tentando te assustar, Shannon. Estou tentando te ajudar — ela implorou. — Te *proteger*.

— É, só que da pessoa errada.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — De cometer os mesmos erros que eu.

— Bem, você me perguntou mais cedo se havia alguma chance de um dia eu te perdoar. — Engoli em seco, agarrando a ponta do colchão, olhei para a minha mãe fixamente e sussurrei: — Tente afastar ele de mim e a resposta vai ser *nunca*.

10

ACUSAÇÕES

Johnny

— Me desculpe, Johnny — meu pai disse quando estacionamos o carro nos fundos de casa aquela noite, ao lado do meu audi. — Eu devia ter te ouvido.

— Eu sei, pai.

Exausto, soltei o cinto de segurança e abri a porta. Ele devia ter me ouvido, mas eu não conseguia falar sobre aquilo. Estava lutando com meus sentimentos, tentando desesperadamente conter minhas emoções e não perder o controle. Não era fácil, e toda vez que eu pensava em Shannon deitada naquele hospital, quando pensava nos hematomas no seu corpo, eu chegava perto do meu limite.

Eu não conseguia tirá-la da cabeça, o que, para ser justo, não era novidade, mas agora era diferente. Eu estava confuso, todo ferrado e sentindo um desespero absurdo. Não queria

deixá-la ali. Se dependesse de mim, eu a roubaria daquela família horrenda e a manteria só para mim.

Meu pai me ajudou a descer do carro, fechou a porta e colocou o braço em torno da minha cintura. Fiquei grato pelo gesto. Minha cabeça estava estraçalhada, meu corpo, fraco e dolorido, e não tinha sobrado muita energia.

— Não vou cometer o mesmo erro de novo, filho.

Aliviado pela ajuda, desisti de usar as muletas e joguei o braço direito em volta dos ombros dele, soltando meu peso.

— Estou acabado, pai — admiti entredentes, sentindo uma ardência nas coxas e no meu abdômen inferior. — Meu corpo está destruído.

— Bom rapaz — meu pai me incentivou, enfiando as muletas debaixo do braço e me guiando até a porta. — Cuidado com o degrau, filho.

— Pode deixar — falei, contendo um grito enquanto me atrapalhava na soleira da porta. — Estou bem.

Quando entramos na cozinha, minha mãe estava parada ao lado do fogão com o avental e uma colher de pau nas mãos. Assim que nos viu, ela deixou a colher cair na panela de ensopado, abandonando-o, e correu até mim.

— Você está bem, meu amor? — ela perguntou, segurando meu rosto entre as mãos, me observando com seus carinhosos olhos castanhos cheios de preocupação maternal. — Está dolorido? E Shannon? Você a viu? É verdade? Conseguiu falar com ela?

— Edel, amor — meu pai interveio, balançando a cabeça de leve. — Hoje, não. Esse carinha está acabado.

Sua expressão murchou.

— Ah, meu Deus. — Ela deixou os braços penderem enquanto nos olhava horrorizada. — É verdade, né?

— É verdade, amor — meu pai confirmou sombriamente. — Ele estava certo.

Ela cobriu a boca com as mãos.

— O pai dela?

Ele assentiu, rígido.

— Ah, John. — Lágrimas encheram seus olhos. — Pobrezinha.

— Mas não é só ela — eu disse, agitado. — Tem um mar de crianças naquela casa.

Minha mãe estremeceu.

— E você acha...

— Não sei o que achar mais. — Engoli uma onda de raiva diante da injustiça total que era ser um adolescente naquele mundo. Peguei as muletas do meu pai e rosnei: — Vou pra cama.

— Não quer conversar, Johnny? — minha mãe falou atrás de mim.

— Preciso de um tempo — murmurei sem olhar para trás. — Preciso de um tempo pra processar tudo isso... toda essa confusão de merda...

— Johnny, meu amor...

— Edel, deixe ele.

— Mas, John, ele não consegue subir as escadas sozinho...

— Edel, deixe o garoto.

Com passos de tartaruga, desci o corredor até a escada, ignorando meus pais discutindo entre si. Eu respirava com dificuldade devido ao esforço que dispendia para fazer meu corpo me obedecer e se *mover*.

Quando finalmente cheguei ao topo da escada, tendo abandonado as muletas faltando três degraus, me senti fraco. Vasculhei fundo no tanque de armazenamento de energia que havia dentro de mim, endireitei a coluna e continuei. Só quando estava dentro do meu quarto, com a porta fechada, é que relaxei.

Cambaleei até a cama, afundei na ponta do colchão e levei as mãos à cabeça. Sookie, minha labradora, levantou-se da caminha aos pés da minha cama e saltou na minha direção, se aproximando, claramente empolgada de me ver de novo.

— Como vai minha bebezinha, hein? Minha mãe te deixou aqui? Boa garota.

Exausto até os ossos, cocei suas orelhas e seu pescoço, enquanto minha atenção se voltava para o jornal aberto na mesinha de cabeceira. Debruçando-me sobre a cachorra, peguei-o e o folheei até aquela página.

No instante em que meus olhos pousaram no sorriso de Shannon, no seu rosto sem marcas e nela aninhada ao meu lado, foi como se tivesse levado um soco no peito.

— Fiz merda, Sook. — Abracei a cachorra e enterrei o rosto no seu pescoço. Soltando um grunhido de sofrimento, pisquei para afastar as lágrimas que queimavam nos meus olhos enquanto minha mente repassava todas as lembranças ruins que eu tinha de Shannon até sentir que ia explodir. —

Fiz uma cagada muito grande — confessei, fechando os olhos enquanto um lamento agressivo emanava do meu peito.

Alguém bateu baixinho na porta do quarto.

— Johnny, posso entrar?

— Não — falei, tensionando. Fiquei surpreso pela minha mãe estar pedindo permissão antes de entrar pela primeira vez na vida. — Só... me deixe em paz, mãe. *Por favor*.

Houve uma longa pausa e, depois, ouvi os passos recuando, preenchendo o silêncio, ficando cada vez mais baixos. Depois, eles voltaram a ressoar alto. A porta do meu quarto se abriu e minha mãe entrou.

— Me desculpe, querido, mas não consigo fazer isso.

Ainda tinham a coragem de *me* chamar de trator.

— Sei que você está bravo comigo — ela disse, se aproximando e se sentando ao meu lado. — E você tem todo o direito de se sentir assim. Também estou brava comigo. — Minha mãe esticou o braço para fazer carinho nas orelhas de Sookie antes de afastá-la e chegar mais perto. — Mas você passou um inferno esses últimos dias. — Colocando a mão no meu ombro, ela acrescentou: — Preciso que você saiba que estou *aqui*. *Preciso* estar aqui por *você*.

— Eu sei, mãe — murmurei, focando o olhar na porta do banheiro. — Nunca pensei o contrário.

— Falei com seu pai sobre o que aconteceu com Shannon — ela disse com gentileza, apertando meu ombro. — Sei que você deve estar confuso agora.

Suspirei pesadamente.

— É um jeito de colocar as coisas.

— Está *tudo bem* se sentir perturbado com tudo isso.

— Não sei mais como estou me sentindo — falei baixinho, apertando o nariz. — Tudo está fora de controle. — Abaixando a cabeça, respirei fundo algumas vezes para me acalmar, me perguntando como foi que minha vida tinha tomado aquele rumo. — É como se eu estivesse me afogando na dor deles, mãe — admiti com a voz rouca. *Como se estivesse me afogando* nela.

— Você é um garoto inteligente, Johnny, mas não está emocionalmente preparado pra lidar com o que você foi exposto essa noite, e está *tudo bem*.

— Não tem nada bem em *nada* disso — soltei com os dentes cerrados. — Um homem adulto que passou *anos* aterrorizando a própria filha e espancou a coitada a ponto de ela parar no hospital vai simplesmente fugir e se esconder? — Ergui as mãos no ar em frustração. — Você acha que *Shannon* está emocionalmente preparada pra lidar com isso? Porque eu sinceramente não vejo como. — Inclinei a cabeça para trás, sentindo mais rancor do que poderia suportar. — Não entendo, mãe — sibilei, enquanto a raiva fervia dentro de mim mais uma vez. — Não entendo como um homem pode fazer isso com a própria filha... — Cerrei a mandíbula e respirei pelo nariz, precisando manter a calma mais que qualquer outra coisa. — Como alguém poderia fazer isso com *ela*?

— Às vezes as pessoas fazem coisas horrendas e inexplicáveis, filho — ela respondeu, baixinho. — Não há um jeito sadio de entender a loucura, meu amor, então não fique nervoso tentando.

— Mas eu só...

— Se importa com ela? — ela interveio delicadamente. — A gente sabe, Johnny, meu bem.

— Foram meses, mãe — soltei, ansioso. — Conheço Shannon há *meses* e saber que todos os dias durante esse tempo ela estava voltando pra casa, para aquele pedaço de... — Balancei a cabeça e respirei fundo várias vezes antes de continuar. — Eu a decepcionei. Sou só mais um na longa lista de pessoas que a decepcionaram.

— Você não a decepcionou, Johnny. Você não sabia.

— Eu sabia que tinha *alguma coisa* errada. Disso eu sabia!

— Porque você sempre teve uma boa intuição sobre o que era certo e errado. É isso que te torna especial, amor. Você sempre caminhou no seu próprio ritmo. Defendeu os oprimidos. Você nunca foi de seguir a manada. Mesmo quando era pequeno, você inventava o seu próprio caminho, Johnny.

— Isso não está ajudando muito, mãe — grunhi.

— O que estou tentando te dizer é que você obviamente viu algo em Shannon. Algo que queria proteger. Mas não é seu trabalho salvar o mundo, Johnny. Não tinha como você saber o que estava acontecendo com ela, então não coloque esse fardo nos seus ombros.

— É, bem... parece que ele é alcóolatra. Como se isso fosse desculpa pra usar os filhos como saco de pancada.

— Não é desculpa — minha mãe concordou. — É crime.

— Eu *odeio* ele — cuspi, quase me engasgando com a indignação. — Quero caçar aquele escroto e fazer ele pagar muito.

— Mas você não vai.

— Não, não vou. — Olhei para as minhas pernas. — Porque mal consigo mijar sozinho agora.

— Não — minha mãe corrigiu, fazendo carinho nas minhas costas. — Porque você está prestes a conquistar a carreira pela qual trabalhou a vida inteira e não vale a pena jogar isso fora por uma vingança, não importa quão satisfatório possa parecer no momento.

— Sabe, mãe, eu *sabia* que tinha algo estranho ali no dia em que conheci Shannon. Eu sabia que tinha algo errado, como se ela estivesse guardando algum segredo, mas eu só... — Abandonei a frase e dei de ombros. — Não pensei que eles eram *assim*.

— Como é que você podia saber, Johnny?

— E ainda tem *ela* — continuei, encarando o nada. — Não confio *nela*.

— Nela?

— A mãe de Shannon — soltei. — Tem algo seriamente *estranho* nela. Tipo como... *como* é que, em nome de Deus, alguém deixa os filhos morarem em uma casa como aquela? — Olhei para a minha mãe, esperando uma resposta. — Como, mãe? Como é possível?

— Não sei, Johnny.

— Ela não devia ser responsabilizada? — Cerrei os punhos só de pensar. — Por não fazer nada? Isso não é negligência... ou uma espécie de fracasso do caralho?

— Olha a boca.

— Sério? — Ergui as sobrancelhas. — Vai me dar sermão hoje? *Sério mesmo*?

Ela soltou um suspiro pesado.

— O que Shannon falou? Sobre a mãe?

— Umas coisas — murmurei, abaixando o olhar.

— Coisas?

— Não vou te contar tudo o que ela me disse, mãe. É privado. Mas tenho um mau pressentimento sobre aquela mulher. — Levei a mão à coxa e fiquei massageando a dor que aumentava no meu corpo. — Ela deve receber alta amanhã ou quinta, o que significa que vai voltar para aquela casa. Com aquela *mulher*. — Encarei minha mãe e perguntei: — Como é que isso pode acontecer?

— Não sei, amor — ela respondeu com uma voz dura. — Mas seu pai me contou como aquela mulher falou com você hoje. Ela não tinha o direito!

— Nossa — murmurei, mentalmente xingando meu pai por ter lhe contado. — Aquilo nem importa.

— Importa *sim* — ela me corrigiu, nervosa. — Ela não tem o direito de menosprezar *meu* filho desse jeito.

— Ela não estava me menosprezando. Ela estava puta por eu estar ali. — Dei de ombros e acrescentei: — Aquela mulher não gosta de mim. Nunca gostou. — Soltando o ar com força, me mexi, tentando ficar mais confortável. — Não desde que acertei Shannon com aquela maldita bola. — Me encolhi diante da lembrança, ainda me sentindo culpado. — Ela não me quer perto da filha.

— Bem, ela precisa ficar longe do *meu* filho — ela grunhiu, tremendo de raiva. — Não vou aceitar isso, Johnny. Está me ouvindo? Não vou *aceitar*! Ela teve sorte de você estar com seu pai hoje, e não comigo!

— *Ficar longe?* — perguntei, boquiaberto. — Está planejando intervir, mãe?

— Ela queria que você fosse suspenso em janeiro — ela grunhiu, com as bochechas coradas. — Ela colocou as mãos no *meu* filho menor de idade no pátio da escola. Algo que o sr. Twomey convenientemente esqueceu de mencionar quando falei com ele sobre isso. — Ela estreitou os olhos. — Ninguém mexe com meu filho.

Franzi a testa.

— Quando você falou com o Twomey?

Ela se agitou.

— Eu liguei pra ele depois que Shannon me contou o que tinha acontecido... antes de eu voltar pra Londres.

Encarei-a boquiaberto.

— Por quê?

— Porque sou sua mãe e tenho direito de ser notificada de qualquer problema que envolva meu filho na escola — ela devolveu, irritada. — Sei que aquela mulher está criando caso com você. Também sei que eles te ameaçaram de suspensão porque ela insistiu. Eles te pintaram de valentão, como se você estivesse fazendo bullying com a Shannon! — Ela cerrou as mãozinhas. — Posso não gostar de rúgbi, mas como alguém ousa colocar em risco todo o seu trabalho por causa de um acidente? É completamente inaceitável. A escola não tinha o

direito de fazer isso com você, não havia motivo nenhum. Deixei isso muito claro pro seu diretor. — Com um sorriso malicioso, ela acrescentou: — Antes de ameaçar tirar você e as generosas doações financeiras da nossa família pro Tommen.

— Meu Deus, mãe. — Passei a mão pelo cabelo, exasperado, olhei para o teto e resmunguei. — Só pra você saber, ela mal me tocou.

— Ela *botou as mãos em você* — ela repetiu, furiosa. — Ela te *empurrou*. Te *ameaçou*. Explodiu com você. Isso pode ser um comportamento aceito na casa dela, mas com certeza não é na minha.

Arqueei a sobrancelha.

— Diz a mulher que vive me dando tapa na orelha.

— São só tapinhas de amor — ela me corrigiu. — E você está fugindo do problema.

— Está bem. — Dei de ombros, derrotado. — E qual é o problema?

— O problema, amor, é que ela não tinha o direito de tratar meu filho do jeito que tratou. Ela não tem um direito divino de impor a lei no que quiser. Esse é o meu trabalho. Ela precisa avaliar o teto de vidro da casa dela antes de atirar pedras na minha. Seu pai deveria ter falado isso pra ela, mas ele é diplomático demais. — Soltando um suspiro, ela acrescentou: — É o caipira nele.

Abri um sorriso sarcástico.

— Acho que é o advogado nele, mãe.

Ela bufou de novo.

— Bem, se seu pai tivesse passado trinta e seis horas deitado, tentando te empurrar com todos os seus quase quatro quilos pra fora da barriga, poderia ser diferente.

— Nossa Senhora! — Estremeci diante da cena gloriosa da minha chegada ao mundo. — Obrigado pela imagem mental.

Ela sorriu presunçosamente.

— Sei que você me acha uma chata autoritária, mas não consigo evitar. É o papel das mães. A gente reclama e se preocupa e fica na cola dos filhos até estarmos duras no chão. — Ela se inclinou e apoiou a bochecha no meu ombro. — Você é o meu menino, Johnny. — Ela soltou um suspiro pesado. — Você pode até ser mais alto que eu agora, mas não importa o que aconteça ou quão longe você vá na vida, sempre vai ser o *meu* bebê.

— Você sabe que eu também te amo — murmurei, constrangido e desconfortável. — A maioria das vezes você me deixa maluco, mas eu estaria perdido sem você.

— Eu sei, meu amor. — Ela suspirou de novo e deu tapinhas na minha mão. — Eu sei.

— Mãe, por favor, não odeie a Shannon por isso — acrescentei baixinho. — Sei que você está puta com a mãe dela, mas não desconta nela.

— Ah, meu Deus, eu não odeio Shannon, meu amor — ela falou depressa. — Ela é uma garota incrível e eu jamais julgaria uma jovem por causa do que sinto sobre seus pais. — Ela colocou a mão nas minhas costas. — Afinal, seus avós paternos nunca me julgaram, e olhe só de onde eu vim.

— Verdade.

A família da minha mãe era *bagunçada*, para dizer o mínimo. Ela foi literalmente arrastada de um lugar para outro, passando por vários parentes até que, aos dezesseis anos, finalmente se cansou e foi embora de Dublin. Sem um centavo no bolso e contando apenas com a inteligência para sobreviver, ela se enfiou em um Bus Éireann sem nenhum destino específico em mente e foi parar em Cork. Depois de pegar carona até Ballylaggin, acabou na fazenda dos meus avós com um sério problema de comportamento e muita vontade de trabalhar. Quatro anos depois, estava morando em Londres, fazendo faculdade e casada com meu pai.

— Mas vou falar uma coisa — ela acrescentou, me empurrando com o ombro. — Se a Marie Lynch quiser encrencar com você, vai ter que passar por cima de mim primeiro.

— Mãe... — Balancei a cabeça e suspirei forte. — Sem querer defender essa mulher, mas ela provavelmente só está projetando. — Dei de ombros e acrescentei: — Eles estão passando por um momento muito difícil.

— Entendo, Johnny. Mesmo. Não consigo nem imaginar como aquelas crianças estão se sentindo. — Ela se levantou e alisou o avental antes de falar: — Mas ela não pode projetar as coisas em você. — Ela estreitou os olhos. — Só por cima do meu cadáver.

— Preciso voltar lá amanhã. — Eu a observei enquanto ela andava pelo meu quarto recolhendo as roupas do chão. — No hospital.

Ela não falou nada.

— Mãe, preciso voltar lá.

Ela soltou um suspiro pesado.

— Não quero você perto daquela mulher, Johnny. Não com ela espalhando acusações sobre você desse jeito.

— Não vou voltar por ela — devolvi, agitado. — Mas pela Shannon... espere um pouco. — Estreitei os olhos. — Como assim acusações? Está falando da bolada de novo? Porque eu já expliquei que foi um maldito acidente.

Ela balançou a cabeça.

— Não, amor.

— Então que acusação? O que ela anda espalhando?

— Ela falou umas coisas pro seu pai. Algumas coisas que deixam seu pai e eu desconfortáveis de permitir você voltar lá.

— Tipo o quê?

— Olha, Johnny, você precisa ficar afastado por um tempo — ela finalmente disse, sem elaborar mais. — Não estou dizendo que é pra sempre, mas pelo menos até a poeira baixar. Vai ser melhor se você der um pouco de espaço pra família.

Que porra aquela mulher falou de mim?

— Eu não fiz nada, mãe — grunhi, na defensiva. — Então o que quer que ela tenha falado de mim, é pura baboseira.

— Que tal você dormir um pouco e falamos disso de manhã? — ela sugeriu, sem me olhar nos olhos. — Você precisa descansar, Johnny. Deve estar esgotado.

Eu estava completamente esgotado. Paciência zero.

— Mãe? — Ela foi até a porta. — Mãe, o que foi que ela disse?

— Durma um pouco, meu amor — foi tudo o que ela respondeu. Ela estava fechando a porta quando parou e disse: — Ah, quase esqueci... — Ela enfiou a mão no bolso da frente do avental e pegou um pedacinho de papel dobrado. — Achei isso quando estava lavando suas roupas de Dublin. — Ela veio até mim e me entregou o papel. — Você é um doce. — Sorrindo, ela fez carinho na minha bochecha e depois se virou para a porta. — Estou orgulhosa de você — ela acrescentou antes de fechar a porta.

Confuso, desdobrei o papel e fiquei olhando-o conforme uma onda de emoções me atingia direto no peito.

Shannon, como o rio, você quer ser minha amiga?

O contrato de amizade. Puta merda.

Dobrei o bilhete com cuidado, guardei-o na gaveta da mesinha de cabeceira e suspirei.

Fique bem, rezei mentalmente. *Por favor, fique bem, Shannon, como o rio.*

11

RUMO AO LAR

Shannon

Eu sempre me senti meio instável. Durante a maior parte da minha vida, permaneci em um constante estado de inquietação, tentando e falhando em prever o próximo movimento ruim, o movimento que traria dor e miséria.

Parada na porta do meu quarto na quinta-feira à tarde, me senti mais nervosa e incerta que nunca, porque não conseguia prever o perigo. Só sabia que ele estava à espreita em algum lugar.

Meu corpo estava em alerta máximo, ouvindo o instinto de sobrevivência dentro da minha cabeça gritando que eu não estava segura. Impotente, observei meu quarto e notei que ele parecia exatamente o mesmo: pequeno, limpo e arrumado.

— Vou comprar umas coisinhas novas pra você — Darren anunciou, dando a volta em mim e colocando a mala do

hospital no pé da minha cama. — Vou arranjar uma pintura e umas cortinas. Roupas de cama. O que você quiser, Shannon. Só me diga que cores você gosta e pronto.

Que tal uma vida nova? Ou uma nova família? Ou quem sabe um pouco de paz interior?

— Estou bem — respondi com uma voz rouca. — Não preciso que me compre nada.

Obrigando minhas pernas a se mexerem, algo com o que eu estava tendo bastante dificuldade desde que coloquei os pés naquela casa, fui até a cama e me sentei.

No mesmo instante, minha mente me levou de volta para a lembrança de Johnny esticado no meu colchão me ensinando matemática e meus lábios se abriram. Então cometi o erro de olhar para a parede ao lado da porta e a única memória boa nesta casa se obliterou no ar, substituída pela memória do meu pai me jogando contra a parede com tanta força que minha cabeça amassou o gesso. Eu tinha sete anos na época e me recusei a entregar o dinheiro que tinha ganhado na primeira comunhão. Que erro! Um erro que paguei com meu dinheiro e meu corpo.

— Você está bem? — Darren perguntou, me arrancando dos pensamentos sombrios. — Shannon?

— Onde está todo mundo? — devolvi, enterrando as lembranças.

— Os meninos estão na vovó — ele explicou. — Eu não podia levá-los comigo pra te buscar, e mamãe está na aula da Patricia.

Patricia era a assistente social designada para cuidar da nossa família e a aula era um grupo para discutir competências parentais.

Quase revirei os olhos. O que é que eles ensinariam para ela? Não deixar o marido bater nos filhos? Não fugir por dias e deixar as crianças passando fome? Não ficar de cama por semanas a fio e nos abandonar por conta própria?

O bom senso deveria ter lhe ensinado tudo isso.

Claro que as assistentes sociais não sabiam disso tudo. Elas receberam o discurso da "pobre esposa maltratada tentando desesperadamente manter seus filhos seguros" que Darren nos fez ensaiar até a exaustão. Eu me encolhi ao pensar nele fazendo aquele discurso para os garotos mais novos. Eles deviam estar muito confusos.

Ela é tão vítima quanto qualquer um de nós. Darren insistiu tanto que acabei concordando com ele. Ou pelo menos era o que eu pensava. Mas chegou um momento na vida em que parei de criar desculpas para minha mãe, e esse momento tinha chegado havia meses.

— Quer conversar? — ele perguntou, parado na porta. — Sobre o papai?

Balancei a cabeça.

— Tem certeza?

Encarei-o inexpressivamente. Não sabia o que ele esperava de mim. Será que achava que eu desabafaria com ele? Acho que não. Ele era tão desconhecido para mim quanto as incontáveis autoridades com quem tinha sido obrigada a falar. *A mentir*.

— E Joey? — fiz a pergunta mais importante. — Onde ele está?

Darren soltou um suspiro pesado.

— Não sei.

— Bem, ele voltou pra casa? — insisti, com um tom severo de indignação. — Ele tem dormido aqui desde que você voltou?

Ele balançou a cabeça.

— Não o vejo desde o hospital.

— Você ligou pra namorada dele? — exigi, sentindo a pulsação acelerar ferozmente. — Sabe se ele está com Aoife?

— Joey pode se cuidar sozinho. Ele é adulto. Tem mais de dezoito...

— Ele acabou de fazer dezoito — soltei. Era conveniente para eles que Joey tivesse ido embora. Sem ele, tudo voltaria ao lugar. Joey era uma complicação que nem minha mãe nem Darren pareciam querer lidar. — Ele fez dezoito no Natal e ainda está na escola. Isso dificilmente o torna um adulto.

— Shannon, se ele quer ficar longe, não posso fazer nada.

— Ele não quer ficar longe, Darren — devolvi. Todos éramos produtos do nosso ambiente. E Joey? Joey estava *furioso*. — Ele só não quer ficar na mesma casa que ela!

— Bem, quer ele queira, quer não, ela é a mãe dele. Ele tem um quarto nesta casa, se quiser. A porta vai estar sempre aberta. É escolha dele bancar o rebelde e não cooperar. Não posso obrigá-lo a ficar.

— Bancar o rebelde? Não cooperar? — Estreitei os olhos e contive a vontade de gritar. — Ele só está fazendo isso porque

está sofrendo e ninguém o escuta. — *Principalmente você*!

— Então ele precisa se sentar e conversar sobre o que está sentindo — Darren grunhiu. — E não sair correndo batendo os punhos no peito. — Ele passou a mão pelo cabelo escuro, claramente frustrado. — Quero ajudar ele, Shannon. De verdade. Mas não posso fazer isso se ele não *deixar*.

Abri a boca para responder, mas só balancei a cabeça.

Não adiantava continuar a conversa. Darren não entendia. Ele não podia ou não queria enxergar o lado de Joey, e eu não ia mais desperdiçar minha energia tentando fazê-lo enxergar.

— Você está abandonando ele — sussurrei, incapaz de impedir que as palavras escapassem. — Assim como todos os outros.

— Shannon... — Darren se encolheu como se eu o tivesse atingido fisicamente, e acho que foi isso: eu o atingi com a verdade. — Estou aqui pra todos vocês. Pro que vocês precisarem. Dia e noite.

Todos nós, exceto Joey.

— Então posso usar seu celular? — perguntei já sabendo a resposta antes mesmo de perguntar. Estreitando os olhos, acrescentei: — Você disse que estaria aqui pro que eu precisasse. Bem, neste momento preciso fazer uma ligação.

Meu irmão ficou rígido.

— Se for pra ligar pra ele, então não. Você ouviu nossa mãe.

Eu não precisava que ele explicasse a quem estava se referindo. Ambos sabíamos que era Johnny.

— Então posso te pedir um celular?

Darren soltou um suspiro exasperado.

— Shannon, precisamos nos concentrar na nossa família agora. Temos assistentes sociais no nosso pescoço e a polícia na nossa cola. Não precisamos de mais confusão. Sei que você acha que é injusto, mas precisa ser assim por enquanto.

— Então não preciso de nada de você — respondi friamente. — Só feche a porta quando sair.

— Shannon...

— Ela está errada sobre ele — sibilei, tendo ouvido todo esse discurso antes. Fazia três dias desde que eu vira Johnny. Três dias que ele fora ao hospital para me ver. E três dias que minha família decidira que ele não era bem-vindo. Minha mãe nunca gostou de Johnny e agora eu sabia por quê. Ele a deixava nervosa. Ele sabia demais e isso a assustava. *Como deveria ser*. — E você está dando ouvidos pra ela.

— Não estou dando ouvidos pra nada — ele falou, cansado. — Nem conheço esse cara.

— Exatamente. Você não o conhece.

— O que eu sei é que ela está certa sobre o seu estado vulnerável. Não é saudável você se apegar a ele.

— Ah, meu Deus. — Fechei os olhos e lutei contra a vontade de quebrar alguma coisa. — Vocês são nojentos. — Abri os olhos e encarei meu irmão. — Ele é meu *amigo*, Darren. Eu posso ter amigos, sabe?

— O professor te pegou sentada no colo desse cara com a saia na cintura num vestiário! Isso é coisa de amigo, por acaso?

Fiquei vermelha feito um pimentão. *Maldito sr. Mulcahy*.

— A gente só estava se beijando. Só *isso*.

— Não estou te *julgando*, Shannon, estou questionando o seu julgamento. Tem uma diferença aí — ele falou depressa. — Seria muito fácil pra alguém na sua posição, que enfrentou tanto trauma e negligência, mergulhar de cabeça em algo para o qual não está emocionalmente preparada porque sentiu o sabor da afeição. E... — ele acrescentou com cuidado. — Seria muito fácil pra alguém se aproveitar de uma pessoa nesse estado mental.

— Você está completamente errado sobre ele...

— Só me ouça, está bem? — ele me interrompeu de novo. — Não estou querendo te magoar. Só estou tentando te *alertar*. — Seu tom era suave e gentil, mas suas palavras eram condescendentes e me deixavam enjoada. — Você tem dezesseis anos. Passou pelo inferno e de repente tem um carinha aí te falando todas as coisas certas, te fazendo se sentir desejada e viva. Eu entendo, Shannon, de verdade. Todo mundo passa por isso. Mas você precisa dar um passo pra trás, pensar no que está fazendo e *por que* está se sentindo assim antes de pular de um precipício, porque você não vai poder voltar atrás. Não quero que faça nada que vá se arrepender depois.

— Você não entende — sussurrei.

— Eu entendo. Qualquer um entenderia. Você acha que está apaixonada. Está convencida de que esse garoto vai te salvar. Mas isto não é real. São só os hormônios e as dores. — Darren deu um suspiro cansado. — As emoções ficam mais intensas quando somos adolescentes, a sua principalmente, por causa do que você passou.

— Não acredito que você está falando isso — sibilei, me sentindo atacada. — Justo você, entre todo mundo.

— É um vínculo traumático — ele continuou. — Talvez não completamente, mas você com certeza está ficando apegada.

— Porque eu o amo — soltei, perdendo o controle. Piscando com força ao perceber o que disse, pensei em voltar atrás antes de tomar coragem. — Eu o amo — repeti em um tom mais firme. — E isso não tem *nada* a ver com o trauma ou minha família, e tem tudo a ver com *ele*!

— Você é um bebê, Shannon. — Darren suspirou, mais uma vez fazendo pouco de mim. — Você nem sabe o que é amor ainda.

— Terminou? — falei, perplexa, sentindo as lágrimas ardendo no meu olho. — Pode ir agora.

Darren ficou parado na porta por um momento, me olhando como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas não disse. Depois, ele balançou a cabeça e se virou para sair.

— Vou estar lá embaixo se precisar de mim.

12

ESTOU SOZINHA

Shannon

Eu tinha voltado do hospital havia menos de uma semana e as rachaduras já estavam começando a aparecer na nossa recém-formada unidade familiar. Minha mãe estava retraída e, quando não estava no trabalho, passava a maior parte do tempo trancada no quarto ou sentada feito um zumbi na mesa da cozinha, fumando cigarro e olhando para o nada. Isso não era nenhuma novidade para nós, mas sem Joey por perto para compensar, a casa estava entrando em um estado de anarquia.

O que Darren dizia ou fazia não parecia importar; Ollie e Tadhg não se impressionavam e viviam desafiando-o. Até o pequeno Sean resistia ao nosso novo arranjo. Ele não falou uma palavra para ninguém desde que nosso pai foi embora. Eu sabia que Darren estava tentando e parte de mim se sentia mal

pelo nosso irmão mais velho, mas uma parte maior ainda mantinha uma lealdade infalível para com Joey.

Fazia dias que ele não aparecia e, com sua notável ausência na rotina dos nossos irmãozinhos, veio a confusão e a rebelião. Eu tinha a impressão de que Darren estava começando a se arrepender de ter voltado. A pressão do papel que havia assumido estava aumentando e ele estava se afogando nas contas e dívidas que nossos pais acumularam de forma imprudente, sufocando com a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos e de uma mãe fraca.

Além das reuniões com advogados, sessões com conselheiros e visitas domiciliares de assistentes sociais e da Gardaí, os meninos ainda tinham treinos e jogos na maioria das noites. Eles tinham que manter suas rotinas e, mesmo com a ajuda de vovó, era muita coisa para uma pessoa administrar.

A pressão era imensa, e sem Joey por perto para tranquilizar as coisas, como costumava fazer, e para orientar Darren na direção certa, os ânimos estavam se exaltando.

A única parte boa em toda essa bagunça era que nosso pai ainda estava desaparecido. A parte ruim era que eu sabia no fundo do meu coração que minha mãe estava sofrendo por ele. Ela estava sofrendo pelo homem que tinha transformado nossas vidas em um inferno. Isso me dava pouca esperança de um futuro sem ele.

Sem celular e sem Joey, eu não tinha como entrar em contato com o mundo exterior. Quatro meses atrás, isso não teria me incomodado nem um pouco. Quatro meses atrás, eu teria ficado grata por poder me enfiar debaixo do edredom e

me esconder do grande e terrível mundo. Mas isso foi antes do Tommen. *Isso foi antes de Johnny*.

Algo estava acontecendo comigo, percebi. Algo estava mudando dentro da minha mente e, pela primeira vez na vida, eu estava *inquieta*. Era como se eu quisesse cortar as correntes que me prendiam àquela casa e me *libertar*. Não fazia ideia de onde vinha isso, mas o pensamento era real e me encorajava a reagir e *lutar*. A ser corajosa e mudar de vida.

Nem os avisos da Gardaí me recomendando ficar em casa enquanto procuravam meu pai ou os constantes sussurros de mamãe e Darren nos meus ouvidos conseguiam apaziguar o desejo que eu carregava dentro do meu coração de me libertar.

Era estranho que, naquele momento, com mais hematomas no corpo do que jamais tive, eu quisesse ultrapassar os limites, mas era o que estava acontecendo.

— Tem notícias do Joey? — Tadhg cortou meus pensamentos, me trazendo de volta ao presente.

Me virei e me deparei com ele apoiado na parede do banheiro, me olhando de braços cruzados.

— Não — respondi, me voltando para o espelho que eu encarava antes de ele me distrair. — Não tenho. — Com a mão livre, passei os dedos pelo cabelo, estremecendo quando uma onda de dor percorreu meu couro cabeludo. — Não o vejo desde o hospital.

— E você não está preocupada? — ele insistiu com um tom mais duro. — Ou você não dá a mínima, como eles?

— Você sabe que eu me importo, Tadhg. — Obrigando minha mão a ficar parada, estiquei o braço, segurando a

tesoura, e tentei de novo. — Eu me importo pra caralho.

— Por que ele não volta pra casa, Shan?

Eu queria gritar “Porque ela está aqui”, mas me contive e falei:

— Não sei, Tadhg.

— O que está fazendo? — ele perguntou, alheio.

Coloquei a tesoura na pia, me virei e lhe ofereci minha atenção.

— Estou tentando dar um jeito no meu cabelo.

Ele arqueou uma sobrancelha sarcástica.

— Cortando tudo?

— Não estou cortando tudo, Tadhg.

— Então o que está fazendo? — ele repetiu com um tom desafiador.

Soltei um suspiro pesado.

— Eu estou careca.

— Como você descobriu? — Suas sobrancelhas se franziram. — Seu cabelo me parece o mesmo de sempre.

Fui até o vaso sanitário, fechei a tampa e me sentei.

— Venha aqui.

— Por quê?

— Pra eu te mostrar.

Ele se aproximou um pouco hesitante.

— Está bem, me mostre.

— Aqui. — Abaixei a cabeça. — Está vendo aqui na lateral?

Seus dedos tocaram meu couro cabeludo e então pararam.

— Tem uma parte faltando — ele falou, aturdido, afastando a mão depressa. — Do tamanho de um punho.

— Eu sei. — Engolindo em seco, lutei contra as emoções e apoiei a cabeça na mão. — Eu *estava* tentando levar um pouco de cabelo do outro lado pra cobrir essa parte, mas ele está todo desigual nas pontas.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo antes de perguntar:

— Você tem uma escova?

Assenti.

— Na pia.

Sem dizer nada, ele foi até a pia e pegou a escova e a tesoura.

— Ei — soltei, olhando a tesoura com desconfiança. — O q-que você está fazendo?

— Consertando seu cabelo — ele grunhiu. — Quer minha ajuda ou não?

Avaliei o perigo de deixar meu irmão de onze anos botar a tesoura no meu cabelo por um breve instante antes de dar de ombros em resignação.

— Vá em frente. — O que quer que ele fizesse não seria pior que andar por aí com o cabelo todo jogado para um lado. — Estou confiando em você, hein.

Sua resposta foi apenas um grunhido entrecortado, mas seus dedos se moveram com delicadeza enquanto ele trabalhava.

— Você acha que ela vai aceitar ele de volta? — ele perguntou depois de um longo silêncio. — Quando a poeira baixar?

Sim.

— Não.

— Mentira — foi tudo o que ele disse.

Vinte minutos depois, estava me encarando no espelho e admirando seu trabalho habilidoso.

— Eu dei uma mexida — ele explicou, ainda carrancudo, olhando para o espelho parado atrás de mim. — Depois, só nivelei as pontas dos dois lados pra você não parecer uma trouxa.

Em vez do cabelo na altura do cotovelo repartido ao meio como sempre, agora ele estava jogado para a direita, e as mechas escondiam a parte onde meu pai arrancou tufos de cabelo.

— Obrigada — eu disse, sentindo uma grande onda de emoção dentro de mim. Eu me virei para encará-lo. — Te devo uma.

Tadhg se agitou, desconfortável.

— É, bem, se quer me fazer um favor, encontre meu irmão.

Meu coração se partiu.

— Ele vai voltar, Tadhg. — Lágrimas encheram meus olhos enquanto eu dizia: — Joey nunca nos abandonaria.

— Estamos sozinhos — ele sussurrou, olhando para os pés.

— Não. — Balancei a cabeça e me aproximei dele. — Não estamos.

— Você ainda não entendeu? — ele cuspiu, recuando. — Não entendeu até agora? Estamos *todos* sozinhos. — Ele sacudiu a cabeça e me encarou. — Todos nós. Estamos sozinhos. Por conta própria. E é isso.

— Tadhg, não é verdade...

— Ninguém liga a mínima, Shannon — ele falou, sem emoção. — Ninguém liga pra gente. Se ligassem, teriam vindo aqui. Joey também não liga — ele declarou antes de sair batendo os pés.

13

LUCRANDO COM FAVORES

Johnny

Dias se passaram sem que eu tivesse notícias de Shannon e eu estava perdendo a cabeça de tanta preocupação.

Entre isso e ser banido do treino e da academia, eu estava completamente perdido. Sério, eu não tinha a mínima ideia do que fazer comigo mesmo. Eu compareci às minhas sessões de fisioterapia e terapia ocupacional, mas sem a distração da agenda lotada, meu humor estava piorando.

Também tomei uma bronca enorme por telefone dos treinadores da Academia por ter colocado meu corpo em risco daquele jeito. O que me pareceu uma boa ideia na época voltou para me punir. Meus médicos e treinadores não confiavam mais em mim, e eu sabia que levaria muito tempo até que eles confiassem novamente.

Eu estava ficando deprimido.

A única vantagem desse tempo de inatividade, e admiti isso a contragosto, era que meu corpo parecia estar prosperando com o descanso, se recuperando em um ritmo muito mais rápido do que eu esperava. Eu podia me mover mais livremente e os hematomas e inchaços nas minhas bolas e virilha que me atormentavam desde o Halloween estavam começando a desaparecer aos poucos. Também não doía mais mijar. Eu ainda não queria correr riscos com meu pau, mas a ereção matinal que eu tinha diariamente não me causava o mesmo desconforto de antes.

Só que nada disso me consolava porque eu só pensava em *Shannon*.

Por causa do meu pai e da sua necessidade de controle em relação à manutenção da lei, eu não tinha conseguido mais vê-la. Aparentemente, o irmão de Shannon, Darren, ligou para os meus pais, deixando claro, em termos inequívocos, que eu não deveria voltar ao hospital.

Eu entendia que meu pai lidava com esse tipo de coisa diariamente e estava acostumado a ver situações disfuncionais se desenrolando ao seu redor, só que esse não era o caso. Esse era um assunto pessoal para mim — *ela* era um assunto pessoal —, e ficar no escuro estava me deixando maluco.

Minha mãe, a traidora, estava do lado do meu pai, mas tinha suas próprias questões. Ela não queria que eu chegasse perto da sra. Lynch. Ela estava furiosa com a história da ameaça de suspensão e não queria que eu me aproximasse de uma *mulher como aquela* — palavras dela, não minhas.

Por causa da minha incapacidade de ir do ponto A ao ponto B desde a cirurgia, eu não conseguia chegar lá sem a ajuda dos meus pais, que me deixaram puto e sem carro.

Traído e amuado, fiquei na cama a maior parte da semana, remoendo meu mau humor e ignorando minha mãe toda vez que ela aparecia na porta para ver como eu estava — o que acontecia a cada vinte minutos.

Eu estava sufocando dentro de casa, perdendo a cabeça com a inquietação dentro do meu corpo. Eu não estava acostumado a ficar sentado sem fazer nada. Estava irritado e nervoso, enlouquecendo a cada dia que passava sem ter notícias de Shannon.

Na segunda-feira seguinte, eu estava resignado com meu mau humor.

Depois de uma sessão intensa de fisioterapia com Janice de manhã, seguida por mais duas horas na piscina, eu estava deprimido e agitado. Deitado de costas, com Sookie aninhada ao meu lado, desperdicei o resto do dia jogando uma bola de rúgbi para o alto e pegando-a, enquanto contemplava os piores cenários possíveis que me atormentavam implacavelmente.

E se o pai de Shannon tivesse voltado e não fosse processado?

E se meu corpo não sarasse a tempo da turnê?

E se ele tivesse voltado e a mãe dela o aceitasse de volta?

E se os treinadores me substituíssem por aquele Danny Miller de Galway?

E se ela não voltasse para a escola na próxima semana?

E se fosse o fim para mim?

E se ela fosse mandada para um abrigo e tivesse que mudar de escola?

E se minha última partida fosse a de Dublin?

E se ela se machucasse de novo?

E se, e se, e se...

— Eu devia ter deixado ela ficar aqui com a gente, Sookie — murmurei. — Não devia ter deixado ela ir embora, ponto-final!

Minha fiel cachorra respondeu se aconchegando ao meu lado e soltando um latido suave.

— Eu sei, meu amor. — Soltando o ar com força, joguei a bola no ar e a abracei. — Estraguei tudo.

— Johnny, surgiu um problema e seu pai teve que voltar pra Dublin — a voz da minha mãe encheu o quarto logo antes de ela surgir na porta. — Cillian ligou... Lembra do Cillian, querido? Cillian Moore?

Era um dos advogados sanguinários que trabalhavam para o meu pai.

— Lembro, sim. — *Filho da puta metido a espertinho.*

— Bem, aconteceu algum problema com a audiência de fiança de um cliente e seu pai precisa estar lá pra esclarecer as coisas. Cillian estava cuidando do caso, mas algo surgiu e seu pai está em melhores termos com o juiz O'Leary.

Bufei alto.

— Que bom saber onde estão as prioridades dele. Como sempre.

— Não seja assim — ela falou, suspirando. — Ele passou metade da noite no telefone ontem *de novo* fazendo ligações pra

você.

Arqueando a sobrancelha, encarei-a.

— E...?

— E nada. Ele não pode discutir nada do que descobriu com a gente... mesmo se tiver descoberto alguma coisa. — Ela suspirou mais uma vez. — Você sabe disso, Johnny.

Sem me dignar a responder, olhei para o teto.

— Ele deixou uma papelada no escritório que preciso levar — ela continuou. — Vou ficar fora só umas horinhas e certamente já estou de volta de noite, mas só pra garantir, liguei pro Gerard e pedi pra ele vir te fazer companhia enquanto isso. Ele sabe que você não pode sair de casa, meu bem, então nem tente convencê-lo a fazer a coisa errada ou haverá consequências pra vocês dois.

Meus ouvidos se eriçaram ao ouvir o nome de Gibsie e passei a tramar um motim no mesmo instante.

Eu me importava com um total de duas coisas na minha vida: rúgbi e Shannon. E ambas tinham sido tiradas de mim sem aviso prévio. Estava perdendo as rédeas da minha própria vida e isso estava me deixando louco. Que porra eu deveria fazer? Ficar na cama e tomar meu remédio feito um garotinho comportado de pau quebrado? *Acho que não, porra.*

— Fique na cama — ela acrescentou severamente. — Gerard pode entrar sozinho, então não se preocupe com as escadas, amor. E sei que você disse que não está com fome, mas tem uma panela de sopa no fogão e pão fresco na mesa se quiser beliscar alguma coisa mais tarde.

Sim, minha mãe podia não ter conseguido o carrinho de bebê que queria com meus papéis de alta do hospital, mas tinha mais controle sobre a minha vida do que não tinha em anos e estava exercendo esse poder recém-descoberto sem cerimônia. Eu estava fora de serviço e ela estava adorando me ter sob sua vigilância maternal vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

— Está me ouvindo, Johnny? Ouviu uma palavra do que acabei de dizer?

— Ouvi — grunhi. — Gibsie está vindo bancar a babá porque pelo visto não posso ficar sozinho nem por uma hora. — Revirei os olhos. — Apesar de ter me virado por meses a fio sem meus pais por aqui.

Ela revirou os olhos para mim.

— Não faça drama.

Fiquei perplexo, resistindo à vontade de gritar e provar que ela estava errada.

— Aproveite sua *viagem* — falei.

Ela levantou a sobrancelha.

— Aproveite seu *chilique*.

Dê-me forças...

— Tchau, mãe.

Ela abriu um sorriso malicioso.

— Adeus, meu bebezinho saltitante.

Jesus.

Esperei até que ela fechasse a porta do meu quarto e me livrei das cobertas.

Vinte minutos depois, já estava de banho tomado e lutando com uma cueca quando a porta do meu quarto se abriu.

— Estou entediado pra caralho — Gibsie falou, entrando com tudo. — Estamos em pleno recesso de Páscoa e como estou aproveitando? Estou trancado no quarto, estudando pra uma prova que nem sei soletrar e até parece que vou passar no ano que vem, e tudo porque *você* decidiu quebrar seu pau e me deixar em paz. — Deixando sua mala no chão, ele se jogou na minha cama e soltou um suspiro dramático. — Você é tão egoísta!

— Foi mal pelo inconveniente — resmunguei enquanto me equilibrava contra o batente da porta do banheiro e tentava entrar sem causar danos. Meus pontos estavam cicatrizando bem, mas eu ainda estava dolorido e machucado. — Esqueci que é tudo sobre você, Gibs...

— *Eita*, que pau inchado! — Gibsie exclamou, levando a mão ao rosto. — Você está ferrado, né, cara? Eu meio que queria não ter chegado agora. Estou me sentindo meio castrado. E um pouco injustiçado. Talvez eu devesse aprender a bater na porta.

— Pare de falar — murmurei, ajustando o cós nos quadris. — Você está todo fodido de novo e eu preciso que você fique normal por uma hora.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Só uma hora?

— Gibs! — retruquei, impaciente.

— Está bem! — Ele levantou as mãos. — Estou sendo normal.

— Ótimo. — Suspirei. — Porque eu preciso que você me leve pra um lugar.

— Ah, não, não, não. — Ele se sentou ereto e apontou para mim. — Repouso total, Johnny. De sete a dez dias, rapaz.

— Sim, e já faz dez dias — retruquei.

— Nove dias, se formos técnicos — ele bufou enquanto se levantava e começou a andar de um lado para o outro. — E sua mãe falou especificamente que eram dez dias de cama quando me ligou mais cedo, sem mencionar a séria dor física que ela me infligiria se eu sequer pensasse em te ajudar e te encorajar a sair de casa!

— Bem, eu preciso vê-la. — Vestindo as calças de moletom mais folgadas que eu tinha, peguei uma camiseta limpa e a coloquei rapidamente. — Não posso dirigir por pelo menos mais uma semana, e eles levaram a maldita chave do meu carro, então preciso que você me leve.

— Não posso — Gibs devolveu, balançando a cabeça com firmeza. — Mamãe Kavanagh vai cortar minhas bolas fora e vou acabar tendo que dividir o cirurgião com você. — Ele balançou a cabeça de novo para enfatizar seu desprazer. — Eu te amo, cara, mas não tanto assim.

— Vamos, Gibs — insisti, frustrado. — *Me ajuda*.

— Estou sempre te ajudando, porra.

— Sim, porque sempre estou te ajudando também.

— Você precisa deixar a família dela lidar com isso, cara — ele disse, sério. — Não estou brincando, Johnny. Você precisa dar um passo pra trás. Você me contou o que eles disseram... que a mãe dela te *avisou* pra ficar longe. — Ele ergueu as mãos

no ar, desesperado. — Então fique longe por um tempo. Eles claramente querem lidar com isso sozinhos. Dê um pouco de espaço pra ela, e vocês vão se ver quando a gente voltar pra escola.

— E se isso não acontecer? E se ela não voltar pro Tommen?

— Claro que ela vai voltar.

— Como você sabe?

Ele revirou os olhos.

— Talvez porque ela seja aluna!

Afundando na cama, dei um suspiro dolorido e tentei lutar contra minhas emoções antes de falar novamente.

— Escuta — comecei, um pouco mais calmo. — Não estou te pedindo pra me levar pra musculação. Não vou chegar perto da porra de uma bola de rúgbi e não estou te pedindo pra mentir por mim. — Olhando-o bem nos olhos, eu disse: — Estou te pedindo pra me levar até ela porque eu não consigo chegar lá sozinho. E eu preciso... e ela precisa que eu... — Minhas palavras falharam e eu belisquei a ponta do meu nariz. — Se você não me ajudar e algo acontecer com ela, eu juro, nunca vou te perdoar por isso, Gibs. — *Eu nunca iria me perdoar*.

— Isso é chantagem emocional.

— É a única carta que eu tenho — respondi.

— Ela vai me matar. Você sabe disso, né? Sua mãe vai me *matar*.

— Vou assumir toda a responsabilidade — retorqui. — Faça essa por mim, Gibs.

— Está bem — ele falou, jogando as mãos para o alto. — Ligue pros seus malditos médicos. Pergunte se eles estão familiarizados com alguma cirurgia que envolva a remoção do salto alto de uma mulher do traseiro de alguém, porque é o que vai acontecer comigo quando eu tirar o bebezinho dela desta casa, Johnny. Ela vai me *estraçalhar*. — Resmungando, ele acrescentou: — Diga pra eles já reservarem uma cama pra mim. Vou precisar.

14

FUGA DA PRISÃO

Johnny

— Certo, precisamos pensar bem — Gibsie anunciou enquanto saía na avenida principal perto de casa. — E levar uma distração com a gente... uma cenoura pra gente acenar, caso eles nos denunciem.

— Cenoura? — Virei a cabeça para olhá-lo. — Do que é que você está falando, porra? Não precisamos de cenouras nem distrações, Gibs. Vamos dirigir até a casa dela, estacionar e bater na maldita porta.

Ele revirou os olhos.

— Você não tem tato. Aqui, pegue meu celular, está no meu bolso.

— Não preciso de tato — grunhi, mas fiz o que ele pediu. Ele pegou o celular das minhas mãos e segurei o volante enquanto ele digitava. — Você vai ganhar pontos na sua

carteira por isso — murmurei, grato por estar no controle de algo pela primeira vez, mesmo que fosse apenas um volante.

Gibsie sorriu e pressionou o celular no ouvido.

— Só se eu for pego... ei, e aí, minha linda? Preciso que você saia em cinco... isso, cinco minutos. Por quê? Porque estou passando pra te pegar, por isso. Não perca tempo fazendo perguntas. Só coloque seu casaco e me encontre na entrada da sua garagem. Está frio aqui fora, então use o vermelho. — Ele sorriu, claramente recebendo um sermão antes de dizer: — Eu sei que você está em casa porque te vi me observando da janela do meu quarto mais cedo... Sim, eu sei que você fica me espiando. Sim, você me odeia. Eu sei. Já ouvi isso tudo antes, meu bem. Também te amo.

— A gente vai levar a Claire? — perguntei quando ele desligou.

Ele assentiu.

— Faz mais sentido do que se a gente aparecer lá só nós dois. — Ele deu de ombros e acrescentou: — Shannon é a melhor amiga dela, cara. Ela não entrou em contato ainda desde Dublin. A garota está um caco por causa disso tudo.

Dei de ombros.

— Justo.

Cinco minutos depois, entramos na rua de Hughie e Gibsie e fomos recebidos por uma Claire carrancuda, parada na entrada da garagem, segurando um guarda-chuva rosa neon para se proteger da chuva torrencial de março.

— Qual foi agora, Gerard? Qual é a grande emergência? — ela perguntou, entrando no banco de trás quando Gibsie parou

o carro. — Ah, oi, Johnny — ela acrescentou, suavizando um pouco o tom. — Espero que esteja melhor.

— Tudo bem — respondi, desconfortável por ela saber da minha condição.

— Kav aqui me convenceu a dirigir até a casa da Shannon — Gibsie falou. — Pensei que você fosse querer ir.

— Eu quero. — Claire se inclinou para frente e enfiou a cabeça entre os nossos assentos. — Mas eles não vão te deixar passar da porta. Pedi pro Hughie me levar lá na sexta pra ver ela, e a mãe dela disse que Shannon estava na cama. — Claire franziu o nariz enquanto falava. — Ela nem me ouviu, gente. E falou que Shan estava cansada demais pra receber visita e só me dispensou.

A fúria me dominou.

De jeito nenhum eu ia ser dispensado por aquela mulher ou qualquer outro membro da família.

— Calma lá, capitão — Gibsie falou suavemente. Foi só então que percebi que meus dedos estavam brancos de tanto que eu os apertava. — A gente vai ver ela.

— Pode apostar que sim, porra.

— Sei que ela mora no Elk Terrace — Gibsie falou. — Mas lá é bem grande...

— Noventa e cinco. Ela mora no 95 — Claire e eu dissemos em uníssono.

— Pega na madeira — Claire falou, dando risada.

— Sabe, ursinha, se quiser se livrar do azar, você pode pegar no meu pau — Gibsie ofereceu.

— Não, obrigada, não gosto de pau — ela devolveu. — Nem de pênis.

— Eu me lembro — Gibsie disse, rindo. — Espere... qual é o plural de pênis? Pênises?

— Provavelmente — ela respondeu, colocando a mão no ombro dele. — Ou melhor, acho que o plural de pênis é pênis mesmo.

— Quer saber? Acho que o plural de pênis é pênises.

— Ah, meu Deus, Gerard, literalmente ninguém fala pênises — Claire zombou. — É pênis e só.

— Hum, mas soa estranho.

— Em se tratando da genitália humana, acho que tudo soa um pouco estranho, Gerard.

Não estava prestando atenção na conversa, preocupado demais com Shannon para participar. Em vez disso, liguei o rádio e afoguei os pensamentos em um dos ecléticos CDs de Gibsie. Mantive os olhos fixos no para-brisa, sem piscar e quase sem respirar até subirmos a enorme colina e estarmos na rua dela.

— Merda — Gibsie murmurou quando estacionamos na frente da casa decadente no Elk Terrace. — Que azar, hein?

— Pois é, cara. Você não faz ideia — comentei.

— Abaixa essa música, Gerard — Claire o repreendeu enquanto Gibsie parava o carro.

— Qual o problema da minha música? — ele perguntou, comicamente magoado.

— "Knockin' on Heaven's Door"? — Claire o encarou e deu um tapa no sem ombro. — Sério? Depois do que

aconteceu com ela? — Ela se jogou para a frente e desligou o rádio. — Que insensível!

— Mas... ela não está aí? — Gibsie desligou o carro e se virou para ela, com o rosto tomado por confusão: — E é Guns N' Roses.

— Foi uma escolha ruim pra esse momento.

— Espera, que tal esta? — Ele ligou o rádio de novo e pulou para a faixa número sete. O riff da guitarra de "Jailbreak", do Thin Lizzy, explodiu nos alto-falantes. — Melhor? — Gibsie perguntou, agitando as sobrancelhas. — Mais adequado pra ocasião, querida?

— Bem melhor — ela respondeu, em um tom satisfeito. — Bom trabalho, docinho.

— Valeu, minha linda.

— Vocês são ridículos. — Balançando a cabeça, abri a porta do carro e usei as muletas para me levantar. — Isto é sério.

— Eu sei, cara — Gibsie falou, saindo atrás de mim. — Eu sei.

— E aí, qual é o plano? — Claire perguntou, também descendo do carro. — A gente só vai... — Ela deu de ombros, impotente. — Entrar?

— Bem, eu vou entrar — declarei.

Sem esperar a resposta deles, dei a volta no muro que separava o jardim coberto de mato da entrada e pulei desajeitadamente até a porta. A tensão emanava do meu corpo em ondas quando eu soltei a mão da muleta e bati na porta.

— Não perca a cabeça, capitão — Gibsie me instruiu baixinho. Depois, esticou o braço, segurou Claire e a colocou

na nossa frente. — Sorria, ursinha — ele pediu, mantendo a mão no quadril dela. — Ninguém é capaz de falar não pro sol.

Finalmente, depois do que pareceu um século, a porta se abriu e fomos recebidos pelo que eu só poderia descrever como a versão masculina de Shannon — com aquele seu cabelo castanho-escuro e penetrantes olhos azuis noturnos, cheios de segredos.

— Pois não? — ele falou com educação. — Posso ajudar?

— Quem é você? — decidi ser direto e perguntar de uma vez. Eu já sabia que era Darren, mas queria que ele confirmasse.

— Você que está batendo na minha porta — ele respondeu. — Quem é você?

Lutando contra a vontade de arrastá-lo para fora do meu caminho, perguntei:

— Shannon está em casa?

Darren se recostou no batente e cruzou os braços.

— Quem quer saber?

— Eu.

Ele arqueou a sobrancelha.

— E quem é você?

— Eu sou...

— Ele é o Johnny — Claire soltou.

— Legal — Gibsie deu risada, colocando-a debaixo do braço. — E já que estamos nos apresentando, essa aqui é minha ursinha e eu sou o flanqueador dele.

— Eu lembro de você — Darren disse, olhando para Claire de um jeito curioso. — Você cresceu.

— Vem cá, Shannon está em casa ou não? — soltei, sem conseguir conter a impaciência. — Preciso vê-la.

— Não.

Puta merda!

— Bem, você pode me dizer quando ela volta? — falei entredentes. — Pra eu saber quanto tempo vou ficar esperando no carro. — *Porque não vou a lugar algum, seu desgraçado.*

— Não.

Furioso, me inclinei para frente, apoiado nas muletas, e sibilei:

— Onde ela está, Darren?

Ele balançou a cabeça e segurou a porta.

— Vá pra casa, Johnny.

— Não faça isso, capitão — Gibsie me avisou, colocando a mão no meu ombro. — Não vá dar uma de trator.

Eu o ouvi. De verdade. Mas não conseguia enxergar além da névoa avermelhada na minha mente, me sufocando e dificultando que eu pensasse com clareza.

— Não — grunhi, afastando a mão dele. — Não vou a lugar algum. — Coloquei a muleta na porta para impedir que Darren a batesse na minha cara. — Sei tudo sobre a sua família. — Olhei para além dele. — Tudo sobre as merdas que acontecem nessa casa, e se você acha que vou embora sem vê-la, está muito enganado!

— Você não faz ideia — ele devolveu. — Você *acha* que sabe, mas não faz a menor ideia!

— Johnny, talvez a gente devesse ir...

— Não vou a lugar algum! — rugi, me sentindo puto e cansado de ficar tanto tempo de pé. — Vou ficar bem aqui até ele me deixar entrar ou trazer ela aqui! — Endireitei a postura, olhei-o bem nos olhos e falei: — A decisão é sua. Por mim, tanto faz.

— Você tem alguma ideia do que minha família está passando? — ele falou enquanto a máscara de tranquilidade escorregava do seu rosto. — Do que todos nós estamos passando? Tentando superar tudo isso? — Ele me olhou feio antes de continuar: — Estou mantendo minha família unida a muito custo, garoto. Passei a maior parte da semana ao lado da minha irmã no hospital, tentando cuidar da tempestade de merda que encontrei ao voltar. Minha família tem problemas o suficiente agora, problemas muito mais complicados que você poderia entender, então preciso que você vá embora e nos dê um pouco de espaço, porra.

— Vou te dar todo o espaço que você precisa — retruquei, nervoso. — *Depois* que eu ver Shannon.

— A última coisa que ela precisa é de você aqui pra *confundir ela*. Ela passou por um inferno e precisa de descanso e de paz. Estou tentando lhe dar isso. Estou tentando *melhorar* a vida dela, e você vindo aqui desse jeito pra bombardeá-la com perguntas só vai deixá-la ainda mais traumatizada.

— Então a própria Shannon pode me falar isso — retorqui, sem querer ceder um centímetro. — Na minha cara.

Darren balançou a cabeça.

— Meu Deus, Johnny, minha mãe já te falou isso. Conversei com seu pai e expliquei as coisas pra ele. O que você

quer? Por que não consegue entender que o que está acontecendo na nossa família é um assunto particular e precisamos de tempo pra processar tudo?

— Do que você tem tanto medo? — provoquei. — De que ela me fale tudo? Desabafe comigo? Me conte todas as merdas que ela *devia* estar contando pras autoridades, mas *não* está porque você fica mantendo ela dentro de casa como se fosse a porra de uma prisioneira? — Olhei-o de cima a baixo e falei com desdém: — Sim, eu sei que tem mais coisa. Eu sei, caralho. E também sei que você pode controlar ela, mas não pode me controlar, e não tenho problema em expor os seus segredinhos sujos. Aí está outra coisa que você não pode fazer. — Endireitei a postura. — Você não pode me obrigar a ir embora.

— Você precisa se acalmar — ele falou. — Pare de estufar o peito e procurar briga, Johnny. Minha irmã está bem e você precisa ir embora.

— Ela sofreu negligência e abuso na própria casa. Ela sofreu bullying do lado de fora. É um milagre que ela ainda esteja de pé. Então, não, não vou me acalmar, porra! — rosnei. — Eu quero vê-la e não vou embora até isso acontecer.

— Se você não for embora, vou ligar pra Gardaí. Não quero fazer isso, mas vou fazer se você não for.

— Então pode ligar, porque não vou a lugar nenhum, seu babaca! — rugi, perdendo todo o autocontrole. — Vá em frente e chame a polícia porque, sinceramente, eu adoraria falar com eles.

— Meu Deus, a mãe dele vai me matar — Gibsie resmungou. — Já é péssimo eu ter tirado ele de casa escondido, mas agora ele vai ser preso, daí eu vou ser preso junto porque sou um bom amigo e é simplesmente falta de educação deixá-lo ir pra prisão sozinho, mas ela não vai entender assim. Não, ela vai ver o bebezinho dela na cela e eu vou ser o pateta morto e sem bolas do lado dele. Socorro!

— Cala a boca, Gibs! — vociferei.

— Para o mundo — Gibsie se lamentou. — Quero descer!

— Gerard, calma. Ninguém vai ser preso. Johnny... — Claire colocou a mão no meu braço. — Vamos embora.

— Não vou a lugar algum — sibilei pela centésima vez, mantendo o olhar fixo em Darren. — Não até ver Shannon.

— *Está vendo*? — Gibsie soltou. — Você ouviu o cara. Ele não vai a lugar algum, e eu vou pro céu.

— O que está escondendo? — perguntei para Darren, estreitando os olhos.

— Nada.

— Então por que é que ela não pode me ver? — exigi. — Por que não posso ver ela? Qual é a porra do seu problema comigo...?

Minhas palavras foram interrompidas quando uma pequena figura saiu correndo, passando por baixo do braço de Darren e vindo na minha direção. Meu cérebro mal teve a chance de processar que a figura que eu estava vendo era Shannon antes que ela se lançasse sobre mim, envolvendo seus braços no meu pescoço e me fazendo cambalear para trás.

— Oi, Johnny — ela sussurrou, tropeçando nos degraus da porta enquanto me agarrava. — Você voltou.

— Oi, Shannon. — Minhas muletas caíram no chão quando eu a abracei, segurando-a com força. — Eu prometi que voltaria — respondi, mantendo os olhos estreitos e fixos no seu irmão.

15

GAROTOS LINDOS E IRMÃOS FERRADOS

Shannon

No começo, ignorei as vozes exaltadas se infiltrando na bolha tranquila do meu quarto, achando que Darren e Tadhg estavam batendo cabeça de novo lá embaixo, mas então me lembrei que Tadhg e Ollie estavam em uma festa de aniversário. Sean estava com vovó, Joey estava sumido e minha mãe estava no trabalho. Sobrava Darren e...

Meu pai?

Minha respiração ficou presa na garganta e abaixei a caneta que estava usando para rabiscar notas no caderno.

Por um instante, só fiquei sentada na cama prendendo o fôlego, esperando a porta do meu quarto se abrir e meu pai aparecer. Quando isso não aconteceu, minha ansiedade baixou e foi possível mexer meus membros de novo.

Nervosa, desci da cama e fui até a janela dar uma olhada. Depois de abri-la, me inclinei para frente, apoiando os cotovelos no parapeito, e procurei a origem do barulho.

A visão do familiar ford focus prata estacionando na frente de casa fez meu coração acelerar.

Eu conhecia aquele carro.

Ele pertencia a Gerard Gibson.

E onde quer que Gibsie estivesse...

— Então pode ligar, porque não vou a lugar nenhum, seu babaca! — Uma voz dolorosamente familiar com um forte sotaque de Dublin ecoou. — Vá em frente e chame a polícia porque, sinceramente, eu adoraria falar com eles.

Johnny.

A varanda sob a janela bloqueava minha visão da porta da frente e eu não conseguia vê-lo, mas conseguia ouvi-lo e, meu Deus, meu coração começou a bater violentamente ao som da sua voz.

Fiquei parada ali por um longo momento em estado de choque, absorvendo aquela voz e o fato de ele realmente estar *ali* antes do meu cérebro voltar a funcionar e minhas pernas se mexerem.

Cada centímetro do meu corpo doía e o hematoma do meu rosto estava mais escuro, mais roxo e proeminente, mas eu não ligava. Ignorei a dor, engoli minhas inseguranças e me vesti em tempo recorde. O jeans que coloquei estava largo e precisava de um cinto, mas eu sabia que não encontraria nenhum no armário, então usei um elástico de cabelo para segurar a calça.

Calcei os tênis, peguei um moletom de Joey atrás da porta e saí correndo.

Nervosa, agarrei o corrimão e meio que tropecei escada abaixo na pressa para chegar até ele. Quando pisei no último degrau, tive que parar um instante para recuperar o fôlego; meus pulmões protestavam contra o movimento repentino.

Darren estava parado na porta, impedindo que eu o visse, e eles estavam discutindo.

Me movendo puramente por instinto, disparei para a porta e escorreguei por baixo do braço de Darren. As sobrancelhas de Johnny se ergueram de surpresa quando ele me viu, mas nem lhe dei chance de falar nada. Praticamente caí do degrau e joguei os braços ao redor do seu pescoço, me agarrando nele, sentindo um alívio instantâneo se espalhar pela minha pele enquanto uma onda de calor me absorvia.

— Oi, Johnny. — Fechei os olhos e me segurei nele com toda a força. — Você voltou.

— Oi, Shannon. — Ouvi suas muletas caindo no chão enquanto seus braços me envolviam, e logo estava cercada pelo calor e pela segurança que persegui a vida inteira. — Eu prometi que voltaria.

Isto não é seguro para você, minha mente protestou. *Você sente coisas demais por este garoto, coisas profundas demais. Se apegar a ele não é uma boa ideia...*

— Shan! — A voz de Claire encheu meus ouvidos e minha cabeça se ergueu. Foi só então que notei ela e Gibsie um pouco atrás da porta. Ela estava me observando com os olhos castanhos cheios de lágrimas e acenou a mão sem jeito. — Oi!

Quando a vi, algo se agitou dentro de mim e um lamento saiu do fundo da minha garganta.

— Oi — soltei, me desgrudando de Johnny e seguindo até ela.

— Meu Deus! — Ela me encontrou no meio do caminho e me envolveu em um abraço tão apertado que me encolhi. — Você está bem? — ela perguntou. Fungando alto, ela me soltou e deu um passo para trás, percorrendo meu corpo com os olhos. — Ah, meu Deus, Shan, o que aconteceu... não posso... não sei nem o que... amiga, é bom que você esteja bem! — Ela agarrou o capuz do moletom e me puxou para outro abraço de monstro. — Estou tão brava com você — ela sibilou enquanto lágrimas escorriam livremente. — E estou tão brava comigo... e com ele. — Ela olhou para Darren, ainda parado na porta. — Ele não é tão legal quanto eu lembrava.

— Estou bem — falei, dando tapinhas nas costas dela. — Por favor, seja gentil.

— Claro — ela disse, soluçando e me soltando outra vez. — Ah, meu Deus... — Suas palavras falharam e seu rosto se contorceu de dor. — Sua cara...

— Estou *bem*, Claire — garanti suavemente. — Estou aqui. — *Estou viva*.

— Eu te amo tanto — ela declarou. — Você nem sabe o quanto é importante pra mim!

— Posso participar também? — Gibsie perguntou, nos envolvendo em seus braços. — Abraço de grupo — ele falou, bagunçando nosso cabelo antes de dar um passo para trás e pegar um maço de cigarros no bolso do jeans. — É bom pra

alma. — Sorrindo para si mesmo, ele colocou um cigarro entre os lábios e o acendeu.

— Oi, Gibsie — falei, fungando e enxugando os olhos com a manga do moletom.

— Shannonzinha — ele disse com uma piscadela. — Você está bem?

Assenti sem força.

— Aposto que está — ele falou em um tom encorajador. — Guerreirinha.

— Você está parecendo um panda — Claire soltou, tocando as minhas olheiras escuras. — Está dormindo bem?

Nem a pau, estou sendo atormentada por pesadelos.

— É só um machucado.

Ela estremeceu.

— Sinto muito.

— Tudo bem — sussurrei, abrindo um sorrisinho. — Vou ficar bem.

— Pergunta pra ela agora — Johnny bradiu, chamando nossa atenção de volta para ele, ainda travando um confronto direto encarando meu irmão. — Pergunta pra sua irmã o que ela quer. Pergunta se ela quer que a gente vá embora. Vai, pergunta pra ela, porra!

— Eu já te falei que ela não está... — Darren grunhiu.

— Quero ficar com meus amigos um tempinho — murmurei, surpreendendo todo mundo. Senti quatro pares de olhos em mim e minhas bochechas esquentaram. Endireitei a postura, olhei para o meu irmão e falei: — Vou passar um tempo com meus amigos.

Darren me olhou, derrotado.

— Você não devia ficar fora da cama depois do procedimento. — Ele passou a mão pelo cabelo e abafou um resmungo. — Você não devia ir a lugar algum sem mim ou Joey. — Ele me olhou de um jeito severo. — Pense nisso.

Eu não precisava pensar. Já sabia do que ele estava falando.

Meu pai.

Ele estava em algum lugar por aí e Darren morria de medo de ele botar as mãos em um de nós.

Meu velho amigo, o medo, rugiu e ganhou vida, dando-me um soco no estômago, e eu me encolhi fisicamente.

E se ele te encontrar?

E se ele voltar?

E se ela aceitá-lo de volta enquanto você estiver fora e ele estiver em casa quando você voltar?

E se...

— Vou cuidar dela — Johnny anunciou em um tom sincero, sem deixar espaço para a dúvida. Darren não falou nada, então Johnny voltou o olhar acalorado para mim. — Vou cuidar de você — ele repetiu, com os olhos azuis fixos nos meus. — Pode deixar.

Soltando o ar entrecortado, assenti.

— Está bem.

O alívio se espalhou pelo seu rosto.

— Está bem?

— Sim — falei, juntando as mãos, nervosa. — Quero ir com você. — Olhei de novo para Darren e vi a decepção em seus olhos, mas me mantive firme. — Eu vou com ele, Darren.

Darren balançou a cabeça, resmungando algo inteligível baixinho, e deu um passo para o lado. Pegando as muletas de Johnny no chão, ele as entregou e sibilou:

— É melhor você cuidar mesmo dela, porque isto aqui não é uma brincadeira, garoto. — Ele entrou em casa. — Lembre-se do que eu te disse, Shannon — ele acrescentou.

Quando a porta se fechou, soltei o fôlego que estava prendendo sem perceber.

Claire sorriu para mim.

— Amiga, meus níveis de orgulho estão tão altos agora que não seria possível nem medir. — Ela pegou minhas mãos entre as suas e as apertou. — Como está se sentindo ao finalmente se defender e *vencer*?

Dei de ombros, confusa.

— Nervosa?

— Já sei qual é a música apropriada pra este momento — Gibsie declarou, passando o braço no ombro de Claire. Ele atirou a bituca no jardim do vizinho, agitou a mão na frente deles e disse: — "It's My Life", do Bon Jovi.

— Perfeita! — Claire gritou, abraçando a cintura dele enquanto eles atravessavam o jardim na direção do carro. — Sabe de uma coisa, Gerard? Você pode ser bem inteligente quando não está sendo burro.

Ele deu risada e a puxou para si.

— Não é?

— Shannon... — A voz grave de Johnny veio de trás, provocando um arrepio que percorreu todo o meu corpo. — Você está bem?

— Não sei direito — admiti baixinho, resistindo à vontade de me inclinar para trás e sentir seu corpo contra o meu.

— Ainda quer ir comigo? — ele perguntou. Estava tão perto que senti o calor emanando dele. — Tudo bem se não quiser. Fiquei feliz de te ver.

Assenti e me virei para ele.

— É a única coisa que eu tenho certeza.

O som dos pneus cantando alto me assustou e fiquei rígida, em pânico e nervosa. Johnny se moveu para mais perto e eu automaticamente me aconcheguei do seu lado.

— Está tudo bem — ele falou, franzindo o cenho para algo acima da minha cabeça. — Acho que é seu *irmão*...

— Meu irmão? — Enrugando as sobrancelhas, me virei e vi Joey caindo de cara no chão ao sair da traseira de um carro em movimento. — Joey? — chamei, correndo até ele. — Joe!

O carro que deixou meu irmão buzinou duas vezes antes de partir. Estreitei os olhos para o honda civic preto e turbinado disparando para longe.

Então a ficha caiu, fria e feia, enquanto eu me dava conta de quem era o dono daquele carro e o que aquela pessoa representava para o meu irmão.

Nada bom.

— Você estava com Shane Holland? — exigi saber assim que me aproximei, sem fôlego e ofegante. — Mas que porra, Joey? Achei que você tivesse deixado isso pra trás.

— Shan — ele falou com a voz arrastada, dando risada, rolando de costas e suspirando de contentamento. — Como vão as coisas?

— Sai da rua, seu idiota — grunhi, sentindo uma mistura de alívio e horror percorrer meu corpo. — Joey, levanta já!

Ele comprimiu os lábios e suspirou.

— Estava com saudade.

— Você vai acabar se matando — sibilei, olhando para o meu irmão. — Levanta logo antes que alguém te atropele!

— Deixa me atropelarem, não ligo a mínima — ele falou, rindo.

— Dá pra perceber — resmunguei, me ajoelhando ao seu lado. — Aoife sabe disso?

— Shh — ele falou, cobrindo o rosto com as mãos. — Ela não sabe.

— Não, claro que não. — Estiquei o braço para dar uma conferida nos seus bolsos e soltei um grunhido de desespero. — Bem, sua carteira não está aqui. E o seu celular?

— Fiz merda, Shan — ele sussurrou. — Estou sempre fazendo merda.

Meu coração se partiu dentro do meu peito.

— Joe, sai da rua e eu te ajudo, está bem?

Ainda reclamando, ele balançou a cabeça.

— Estou cansado.

— O que você tomou? — perguntei depressa, chegando mais perto da sua orelha. — O que foi, Joe? O que eles te deram?

— Ele está chapado? — Johnny perguntou, parado acima de nós.

Pensei em negar e mentir, mas depois mudei de ideia. Para quê? Meu irmão estava deitado no meio da rua em plena luz

do dia. Isso dificilmente poderia ser considerado um acidente.

— Sim — admiti, curvando os ombros em derrota.

Suspirando pesado, Johnny me entregou as muletas e se abaixou.

— Você tem que me ajudar aqui, cara — ele grunhiu enquanto segurava a mão de Joey e o erguia até ele ficar sentado. O movimento fez Johnny sibilar alto e soltar a mão de Joey. Nessa hora, Joey caiu de novo no asfalto. — Merda.

— Senhor Rúgbi — Joey falou.

— Joey, o hurler — Johnny disse, pegando a mão dele de novo.

— Joey, levanta! — ordenei, afobada e constrangida. Tinha me esforçado tanto para manter nossos demônios escondidos e agora eles estavam ali, em plena vista. Eu não podia lidar com isso. Era demais. Eu me sentia exposta demais. — *Por favor*.

— Vamos, cara — Johnny pediu, tentando erguer Joey mais uma vez e falhando. Ele estava vendo a pior parte da minha vida e estava intervindo, se enfiando na confusão, com muletas e tudo. — Você precisa cooperar comigo.

— O que temos aqui? — Gibsie perguntou. Ele se ajoelhou ao meu lado, esticou o braço e abriu as pálpebras de Joey. — Eita, você está bem chapado, né, Lynchy? — ele falou, dando tapinhas no peito do meu irmão.

— Ah, puta merda — Joey grunhiu, se contorcendo para longe. — Esse maluco imbecil, não.

Gibsie deu risada.

— Que bom que causei essa impressão!

— Preciso tirar ele daqui — falei, em pânico. — Aqueles caras podem voltar e não confio que Darren não vá ligar pra...

— Não se preocupe, Shannonzinha. Deixa comigo. — Segurando os ombros de Joey, Gibsie o ergueu do chão com um movimento ágil. — Agora é sua vez de não vomitar no meu carro — ele disse para Joey enquanto o carregava até o ford e o depositava no banco de trás.

Mortificada, abracei meu próprio corpo e fiquei parada ali, congelada, me afogando nas emoções.

— Ele faz isso sempre? — Johnny perguntou, parando ao meu lado.

Balancei a cabeça e lhe entreguei as muletas.

— Não sempre.

Ele arqueou a sobrancelha.

— Não sempre?

Soltei o ar com força.

— Fazia tempo que não.

Assentindo para demonstrar compreensão, Johnny ajeitou as muletas e me deu um empurrãozinho com o ombro.

— Vamos, Shannon, *como o rio*.

16

DE VOLTA À MANSÃO

Shannon

Me sentindo completamente exposta, me sentei no banco de trás do carro de Gibsie. Johnny e ele estavam na frente; e Claire e Joey, ao meu lado. O rádio estava desligado e nenhuma palavra tinha sido proferida desde que saímos de casa. Se eu tivesse uma faca à disposição, tinha quase certeza de que poderia cortar a tensão que nos envolvia.

Joey estava todo esparramado no banco, com as pernas em cima de Claire e a cabeça no meu colo. Pelo menos ela não reclamou nem o afastou. Em vez disso, ela provou minha teoria de que era a pessoa mais bondosa do mundo ao tirar o casaco e cobrir o corpo trêmulo do meu irmão.

Entorpecida, mantive os olhos grudados no rosto dele, observando como suas feições se contorciam toda vez que Gibsie passava por um buraco ou fazia uma curva fechada.

— Você é tão burro — sussurrei, afastando seu cabelo loiro dos olhos com gentileza. — Está me ouvindo? O que te deu pra voltar a andar com Shane Holland e aqueles amigos dele? Você sabe que ele é uma péssima companhia. Eles não ligam pra você, Joey. Nunca ligaram. Só ligam pro que podem *conseguir* de você. Eles vão te secar. — Fiz carinho na sua bochecha, passando o dedo pelo seu rosto pálido. — Nossa, estou tão puta com você, Joey.

— Shan... — ele grunhiu, fechou os olhos e ficou rígido. — Puta merda.

— Pois é, puta merda — murmurei, envolvendo o braço nele enquanto Gibsie pegava a saída para a casa de Johnny. — O que você tomou? — Me inclinei para a frente e mantive a voz baixa. — Sei que está bêbado e estou sentindo cheiro de maconha, mas tem mais alguma coisa, né? O que é? O que eles te deram?

Ele resmungou de novo e colocou a mão na barriga.

— Me desculpe.

— Para de pedir desculpa e me diga logo o que você tomou! Foi algum comprimido ou algo mais? Joey, me fala, caralho!

— Por favor, não me odeie — foi tudo o que ele disse.

Suas palavras eram um murmúrio abafado enquanto ele tremia violentamente em meus braços.

Devastada, olhei para o carro e senti minhas bochechas queimarem de vergonha. Gibsie e Johnny estavam olhando para a frente e Claire estava encarando a janela, mas eu sabia que estavam nos ouvindo. Eles não podiam *não* ouvir.

Segurando meu irmão com firmeza, fiquei em silêncio o resto da viagem, contendo as emoções que ameaçavam me dominar enquanto eu pensava no futuro sombrio que se apresentava diante de nós.

Sem dinheiro.

Com pais de merda.

Lembranças doloridas.

Medo e ressentimento.

Sempre o medo...

Quando paramos na frente da casa de Johnny um pouco depois, eu estava completamente desconsolada e começando a entender a necessidade do meu irmão de só se *esquecer* de tudo por um tempo. Eu sabia que era por isso que ele se drogava. *Para fugir e esquecer...*

Gibsie desligou o carro, desceu e foi abrir a porta de Claire.

— Kav, dê pra Claire as chaves pra abrir a sua porta — ele pediu, ajudando-a a se levantar com a perna do meu irmão em cima dela. — Você está bem, ursinha?

— Estou, Gerard.

Johnny, que já estava fora do carro se atrapalhando com as muletas, enfiou a mão no bolso e pegou um molho de chaves antes de atirá-lo sobre o capô e depois abrir a minha porta.

— É a prateada do meio.

— Beleza. — Claire pegou as chaves no ar e seguiu na frente de Gibsie para abrir a porta.

— Obrigada — falei, descendo do carro e fechando a porta.

— Você está bem? — Johnny perguntou baixinho, atento a cada movimento meu com seus olhos argutos e espertos.

— Onde estão as cachorras?

— Hã?

— Bonnie e Cupcake?

— Ah, é, elas estão lá atrás. — Ele gesticulou para as muletas e fez uma careta. — Não consigo exatamente conter elas no momento.

Dei de ombros, sem conseguir falar, e voltei a atenção para Joey.

— Certo, cara, vamos. — Gibsie se enfiou no carro e arrastou Joey para fora. Depois o jogou sobre o ombro e começou a carregar meu irmão para a casa. — Não vomite nas minhas... — Gibsie estava dizendo quando Joey começou a vomitar profusamente o que eu só poderia descrever como uma substância escura feito carvão. — Costas. — Ele grunhiu, derrotado. — Não vomite nas minhas *costas*.

— É uma coisa boa — Johnny disse, claramente notando minha expressão horrorizada. — Melhor botar pra fora do que pra dentro.

— Me desculpe por isso. — Balançando a cabeça, envolvi os braços em mim e caminhei ao lado dele enquanto ele mancava em direção à casa. — Parece que trago um fluxo constante de problemas pra sua vida.

— Não se preocupe com isso. — Apoiando a muleta na porta para mantê-la aberta, ele gesticulou para que eu entrasse. — Estou me apegando aos seus problemas.

— Pois não devia. — A tristeza se espalhava dentro de mim; a realidade fria e cruel da situação atual do meu irmão

eclipsou toda a empolgação que senti quando o vi na minha porta mais cedo. — Não é uma coisa boa.

Johnny franziu o cenho, mas não comentou mais nada.

— Venha — ele falou, inclinando a cabeça para a entrada.

Corri para dentro por causa da chuva, cansada demais para me preocupar ou fazer perguntas para as quais eu não precisava de resposta. Não importava se seus pais estavam em casa ou não. Não importava se minhas inseguranças me faziam questionar se ele realmente me queria ali.

A verdade era que meu irmão tinha tomado algum tipo de droga ilegal, provavelmente uma quantidade obscena de drogas ilegais, e estava sendo carregado escadas acima pela casa de Johnny. Se eu estava brava com ele ou não era claramente irrelevante. Ele precisava de mim e eu estaria ali.

Só Deus sabia o quanto eu lhe devia.

— Quer falar sobre isso? — Abandonando as muletas, Johnny se segurou no corrimão e foi subindo as escadas a ritmo de tartaruga. — Sobre Joey, quero dizer — ele acrescentou no meio do caminho. — O que aconteceu?

— Sei lá.

— Não minta — ele disse baixinho. — Não pra mim.

Franzindo o nariz, falei:

— Ele estava seguindo por um caminho ruim no ano passado. Andando pelos lugares errados com as pessoas erradas e aceitando todos os tipos de coisas erradas.

— No ano passado?

Assenti.

— Antes de Aoife chegar.

— Ela o endireitou?

Pelo visto, não. Dei de ombros, impotente.

— Eu pensava que sim.

— O que ele estava tomando?

— Não sei — respondi e, desta vez, era verdade. — Ele estava saindo pra beber com os amigos e sei que estava fumando maconha, mas não sei do resto. Talvez bala? Tipo ecstasy ou comprimido? Ouvi meus pais falando disso uma vez e não sei como ele estava conseguindo essas coisas. Ele não tinha dinheiro. — Dei de ombros de novo, desamparada. — Só sei que ele costumava sair naquele carro durante os intervalos da escola e voltar pras últimas três aulas com olhos vermelhos e um olhar distante — me ouvi dizendo. — Acho que ele estava tentando fugir. As coisas não iam bem e pelo visto esse era o jeito dele de lidar com o que estava acontecendo... hum... bem, você sabe. — Enfiando o cabelo atrás da orelha, deixei meus ombros se curvarem, derrotada. — Não é como se a gente tivesse alguém com quem pudéssemos falar sobre esse tipo de coisa.

Johnny me observava atentamente, absorvendo cada palavra.

— Isso era um problema?

— Não sei — respondi, sincera. — Joey não *fala* muito. Com ninguém. Nem comigo. Só sei que as coisas estavam péssimas pra ele, piores que o normal, e ele andava se envolvendo em brigas na escola. — *Em casa também*. — Estava tendo problemas nos treinos. Nosso p-pai... — Senti um nó na garganta e tive que engolir em seco várias vezes antes de

continuar. — Bem, nosso pai estava furioso porque falaram em expulsar Joey do time. Daí Aoife apareceu e em poucas semanas ele estava melhor. Não andava mais por aí de olhos vermelhos nem dando com a cabeça na parede. Parou de arranjar tanta confusão na escola. Ele estava só... — Balancei a cabeça, tentando encontrar as palavras para explicar tudo. — Ela acalmou algo dentro de si. Era como se ela o tivesse acalmado de alguma forma, dado algo que ele claramente não estava recebendo de... — Deixei minhas palavras morrerem.

Eu não precisava terminar aquela frase. Os olhos de Johnny estavam fixos nos meus e a palavra *casa* pairava dolorosa e pesadamente entre nós, sem precisar ser dita. Me sentindo exposta e vulnerável, desviei o olhar e subi o resto das escadas.

A preocupação rugiu dentro de mim enquanto eu observava Johnny lutando para subir os degraus restantes.

— Ei, *você* está bem? — perguntei quando ele finalmente me alcançou, com a mandíbula apertada e os ombros tensos.

Ele ficou rígido e, por um momento, esperei a negativa fria que eu sempre recebia quando lhe perguntava sobre sua dor. Mas ele me surpreendeu ao se virar para mim e dizer:

— Estou bem. — Seu tom era suave, seus olhos, gentis. Ele se apoiou no corrimão e soltou outro suspiro pesado. — Estou dolorido — ele falou, dando de ombros de leve, vulnerável. — Estou todo duro e detesto estar tão lento, mas estou me recuperando, está bem?

Estudei seu rosto, procurando sinais de que estivesse mentindo, e quando não encontrei nada, assenti.

— Tudo bem.

— E você?

— Eu?

— É, você. — Ele esticou o braço e passou o dedão pela minha bochecha. — Como *você* está?

— Igual você — falei baixinho, sem conseguir suprimir o arrepio percorrendo meu corpo quando ele me tocou. — Toda dura e dolorida, mas me recuperando. — Fiz uma pausa, procurando algo positivo para dizer. — Estou conseguindo respirar — soltei, me encolhendo. — Desculpe.

Um lampejo de dor cintilou em seus olhos.

— Isso está me matando — ele admitiu com uma voz baixa e rouca. — Saber o que aconteceu com você, ver o que aquele escroto fez toda vez que olho pro seu rosto e não poder consertar.

Soltei um suspiro trêmulo.

— Johnny...

— Passei dias esperando por isto — ele continuou depressa, enquanto seu sotaque ficava mais intenso. — Pra poder ter um tempo com você. Só pra *estar* com você, e agora que tenho você aqui... — Ele entrelaçou os dedos nos meus. — Onde sei que você está segura, tudo o que eu quero fazer é... — Ele balançou a cabeça e me puxou para perto. — Te manter aqui comigo e nunca mais te devolver.

Ah, meu Deus. Eu também queria isso.

Quero que você me mantenha com você.

— Eu sei que tem um monte de coisa rolando na sua vida e na sua família e tem uma tempestade de merda caindo ao

nosso redor — ele continuou com a voz rouca. — Sei que a gente precisa ter uma conversa importante, Shannon, mas só quero que você saiba... não, *preciso* que você saiba que eu...

— Uma ajudinha aqui, Kav! — Gibsie gritou do corredor. — Temos uma situação de vômito acontecendo aqui.

— Nossa Senhora — Johnny sibilou, jogando a cabeça para trás. — Não tenho uma folga, porra!

— Desculpe — Claire falou, se aproximando de nós com a mão na barriga. — Mas sou uma vomitadora solidária e aquele garoto está botando as tripas pra fora. — Perturbada, ela quase vomitou antes de acrescentar: — Sinceramente, eu adoraria ajudar, realmente adoraria, mas fiz uma refeição pesada antes de vir pra cá e, se eu ficar naquele quarto, vai ser uma *carnificina*.

— Ah, meu Deus. — Me virei para dar uma olhada no meu irmão, mas Johnny segurou minha mão e me puxou para si.

— Não entre aí — ele falou, me soltando. — Ele não precisa da irmã vendo ele nesse estado.

— É, Shan — Claire concordou, parando ao meu lado. — Deixe os meninos cuidarem disso.

— Ele é meu irmão — falei, tremendo.

— Ele está *pelado* — Claire devolveu. — Gerard teve que tirar as roupas dele, porque ele está coberto de... — Ela parou para se recuperar. — Aff, está fedendo. Ele precisa de um banho e você não pode fazer isso na sua condição.

— Você se lembra do andar de baixo? — Johnny perguntou para mim. — Onde ficam as coisas?

Assenti, aturdida.

— Acho que sim.

— Leve Claire lá pra baixo com você — ele falou calmamente. — Preparem o que quiserem na cozinha ou relaxem na sala. O que for melhor. Gibs e eu vamos dar um jeito nele.

— Tem certeza? — perguntei, hesitante.

— Sim. — Ele me lançou um olhar decidido antes de caminhar rigidamente na direção do seu quarto. — Deixe comigo.

— Sabe... — Claire falou. — Quando me inscrevi pra participar dessa fuga, não esperava que fosse ter vômito. — Passando o braço em volta dos meus ombros, ela me conduziu pela impressionante escadaria até o hall de entrada. — Nem pênises.

— Pênis — corrigi, com um suspiro derrotado.

— Hã?

— O sr. O'Leary, nosso professor de ciências, disse que o plural é igual. — Não que isso importe.

— Ah. — Ela franziu o nariz. — Bem, não sei nada de *pênis*, devia estar viajando na aula, mas essa casa é *incrível*. É tipo... uma mansão.

— Foi o que eu disse — sussurrei, contente por ela estar ali.

— Ele vai ficar bem, Shan — ela acrescentou depressa. — Vocês dois vão.

— Sim. — *Era o que eu esperava*.

— Agora, vamos — ela disse, me segurando com mais firmeza. — Quero saber tudo.

17

BUCETA PERIGOSA

Johnny

Eu não sabia explicar como minha vida tinha chegado ao ponto de eu estar dando banho em um hurler quase em coma e superdrogado. Além disso, eu havia me apaixonado por uma garota que tinha mais camadas e complicações na vida do que um cubo mágico.

O cubo mágico eu poderia resolver.

A vida de Shannon Lynch, não muito.

— Você esfregou embaixo dos braços? — Gibsie perguntou, completamente vestido no meu chuveiro, segurando Joey, o hurler, completamente nu. — Cuidado com as dobrinhas.

— Como é que isso foi acontecer com a gente, Gibs? — perguntei para o meu melhor amigo. — Em um minuto, estamos jogando rúgbi pelo Tommen, frequentando o Biddies

com os caras e fazendo exercícios, e no outro, estamos lavando vômito de um hurler da ECB. — Balançando a cabeça diante da absoluta loucura da situação, esguichei outra gota de sabonete líquido no peito de Joey e apontei o chuveirinho para ele, tomando cuidado para evitar os hematomas. — Como viemos parar aqui, cara?

— Você ama a irmã dele, e eu amo a melhor amiga dela — ele respondeu, esfregando Joey com uma esponja. — Podemos dizer que foram essas bucetas que nos enfiaram nessa, Kav.

Não era essa a porra da verdade?

— Aqui — Gibs disse, virando Joey nos braços. — Esfregue as costas dele.

A bile subiu pela minha garganta quando meus olhos notavam um hematoma após o outro, cicatriz após cicatriz desbotada em seu corpo.

Suas costas inteiras estavam *cobertas* com uma mistura de manchas, marcas e cicatrizes.

Jesus Cristo.

Fiquei olhando para a pele dele com um olhar frio e calculista. Eu não precisava ser um gênio para descobrir quem é que tinha produzido aquelas marcas em seu corpo.

Aquele pai de merda.

Talvez ele tivesse usado um cinto ou até algo pior. Não dava para saber. Mas Joey tinha cicatrizes *por toda parte*.

Como é que ninguém tinha reparado?

E a namorada dele? Ou a mãe deles? Os treinadores?

Será que ninguém o *via*?

— Isso é tão errado — Gibsie comentou, verbalizando meus próprios pensamentos. Ele me encarou e envolveu o peito de Joey com o braço para segurá-lo. — Tão errado, Johnny!

— Pois é, cara — soltei, tomando cuidado para não esfregar as feridas recentes na sua barriga. — Eu sei.

— Pare — Joey resmungou, tremendo violentamente, se contorcendo debaixo do braço de Gibsie. — Eu vou...

Gibsie girou os dois bem a tempo de Joey acertar a parede com uma nova rodada de vômito.

— Cara — Gibs disse, esfregando a esponja no rosto de Joey. — Nunca se mistura drogas.

— Como se você soubesse — zombei.

— Bem, suponho que seja igual com as bebidas — Gibsie devolveu. — Nananinanão!

— É melhor ele botar tudo pra fora. — Me inclinei sobre os dois e limpei o vômito da parede com a água antes de lutar contra o fluxo interminável de vômito de Joey. — No hospital eles iam arrancar essa merda de dentro dele mesmo.

— Exatamente — Gibsie concordou, dando tapinhas na bochecha de Joey. — Considere esta sua sessão pessoal de bombeamento estomacal ao estilo Gibsie.

— Vai se foder, seu esquisito — Joey grunhiu, tremendo da cabeça aos pés.

— Eu geralmente me ofenderia — Gibsie bufou. — Mas já que estamos no chuveiro juntos e seu traseiro está pressionando meu pau, vou deixar esse comentário passar,

porque eu também estou achando essa situação um pouco esquisita.

— Ele está salvando seu pescoço. Nós dois estamos, então por que não mostra gratidão calando a boca e botando pra fora todo esse veneno?

— Vai se foder, Kav...

Mais vômito.

— É isso — Gibsie falou, enxugando a boca dele mais uma vez. — Bota pra fora toda essa droga cara. Bom trabalho. Deixe a água lavar seus pecados e mandar sua grana pelo ralo.

Meu celular começou a tocar alto no bolso e eu franzi o cenho, olhando para Gibsie.

— Você está aqui.

Ele revirou os olhos.

— Não sou o único que tem seu número.

Limpando a mão na camiseta, enfiei a mão no bolso e peguei o celular.

— Merda. — Fiquei olhando para o nome na tela e resmunguei. — É minha mãe.

— Ah, meu Deus — Gibsie se juntou aos meus lamentos. — Ela sabe, né? Claro que ela sabe. — Ele continuou esfregando Joey enquanto falava. — Ela deve ter colocado um rastreador na sua bunda.

— Me larga — Joey falou, batendo na mão de Gibsie. — Nossa.

— Mantenha ele calado — avisei, encarando Gibsie de olhos arregalados enquanto aceitava a ligação e colocava minha mãe no viva-voz. — Oi, mãe, tudo bem?

— Johnny, meu amor — ela falou. — Você está bem? Você demorou pra atender.

— Estou ótimo, mãe. E aí?

— Ah, querido, estou te ligando pra avisar que talvez eu não...

— Para com isso! — Joey reclamou. — Está ardendo.

Gibsie e eu congelamos e ficamos nos encarando horrorizados.

— O que está ardendo? — minha mãe perguntou. — Você está bem?

— Puta merda! — Joey continuou se contorcendo e reclamando. — Está quente demais.

Olhando para Gibsie, balbuciei:

— *Faça ele calar a boca*.

Gibsie me encarou de volta e sussurrou:

— *Como?*

Me dê forças... Apontei o chuveirinho para o rosto dele e disse:

— *Com a sua mão, seu gênio!*

Com água jorrando dos próprios lábios, Gibsie colocou a mão sobre a boca de Joey e eu assenti em aprovação. Inclinando-me sobre a banheira, ajustei a temperatura da água.

— Está feliz agora? — cochichei para Joey enquanto o molhava.

— Johnny? Gerard está mexendo no fogão de novo? — minha mãe perguntou, agitada. — Fale pra ele que é melhor ele nem tocar nos fósforos. Meu exaustor tem um buraco desde a última vez que ele se aventurou com inflamáveis.

— Foi você! — Gibsie falou baixinho, indignado.

— Não, mãe, ele não está cozinhando. — Balançando a cabeça, olhei para o teto e disse a primeira coisa que me veio à mente: — Era só um cara na televisão.

— Televisão?

— É, a gente... — Estreitei os olhos, mirando o chuveirinho em um vômito teimoso no ombro de Joey. — A gente está vendo um filme.

— Ah, Johnny — minha mãe soltou. — Nada de ver aquelas coisas obscenas. Os médicos falaram que você tem que evitar se tocar até os pontos sararem completamente.

Gibsie deu risada.

Meu Deus. Joguei a cabeça para trás em um desespero silencioso.

— Não, mãe, a gente está vendo...

— O que vocês estão vendo, Johnny?

— *Meu pé esquerdo!* — Gibsie deixou escapar em voz alta. — Pro leaving cert, Mami K!

— *Eu escolhi Gatsby, seu idiota* — murmurei, olhando feio para ele.

— Ah, que bom — ela falou, apaziguada. — Bom garoto, Gerard! Bem educativo.

Gibsie arqueou a sobrancelha e sorriu.

— Você precisa de alguma coisa? — perguntei, voltando ao assunto. — Porque estou tentando ver Christy Brown aqui.

— Ah, certo, bem, tem uma coisa, meu amor... — ela começou, hesitante. Revirei os olhos de impaciência e esperei que ela falasse logo. — Talvez eu não consiga voltar hoje.

Obrigado, Senhor!

— Que pena!

— O trânsito estava uma loucura e só de pensar em enfrentar todo aquele caos de novo fico exausta.

Gibsie abriu um sorriso de aprovação.

— Então é melhor você dormir na casa velha com papai mesmo — respondi, tranquilizando-a. — Você está cansada, mãe. Cansada demais, né?

— Sozinha no escuro — Gibsie acrescentou. — *Sendo mulher*.

— Gibs — eu o repreendi.

— Parece perigoso, se quer saber minha opinião, Mami K — ele continuou, me ignorando. — Atravessar Dublin de noite sozinha desse jeito.

— Ela é de Ballymun, seu besta — grunhi. — Ela acabaria com a sua bunda culchie num piscar de olhos.

— Meninos! — ela exclamou, soltando um suspiro pesado. — Estarei em casa antes do almoço de amanhã pra te levar pra fisioterapia... se você me prometer que vai ficar bem sem mim...

— Prometo — respondi depressa, deixando de fora a parte de eu ter me virado muito bem sem nenhum deles por anos. — Vou ficar ótimo. — Me inclinei sobre a banheira e desliguei o chuveiro. — Nós dois vamos. — Peguei duas toalhas no suporte, joguei uma para ele e enfiei a outra debaixo do braço. — Não se preocupe.

— Te amo, Johnny — ela finalmente disse.

— Sim... — Equilibrando o celular na lateral da banheira, coloquei a toalha sobre os ombros de Joey antes de pegar o aparelho. — Também te amo, mãe.

— Ah, antes que eu me esqueça...

— Preciso ir, mãe. Tchau, tchau... — Encerrei a ligação e guardei o celular no bolso, soltando um enorme suspiro. — Obrigado por isso, Deus.

— Com certeza — Gibsie concordou, afastando a mão da boca de Joey. — Acho que estamos limpos, cara.

— Nossa — Joey sibilou, com os dentes batendo. — Você é um filhinho da mamãe, né?

— Quer voltar a vomitar? — Estreitei os olhos. — Porque posso dar um jeito nisso.

— Vão se foder vocês dois — Joey murmurou, respirando com dificuldade. — Não preciso de favores.

Fiquei de boca aberta.

— Está tirando com a minha cara, Joey?

— Acho que a palavra que você está procurando é *obrigado* — Gibsie falou alegremente. Ele me olhou e balançou a cabeça. — *Não foi nada*, Joseph.

Contendo a língua e controlando meu temperamento, dei um passo para trás e observei Gibsie ajudá-lo a sair da banheira.

— Não me toque, porra! — Empurrando Gibsie com força, Joey cambaleou para trás e caiu no chão. — Não preciso da sua ajuda.

— Bem, que se foda, porque você vai receber nossa ajuda, quer você queira, quer não — soltei.

— Você é um fodido, Joey, o hurler — Gibsie falou. — Você sabe, né?

— É, eu sou um fodido mesmo — Joey sibilou, tremendo da cabeça aos pés. — E você é um cagado da cabeça.

— Pode crer — Gibsie concordou solenemente.

Respirando com força, Joey levou a cabeça às mãos e mexeu no cabelo.

— Onde está meu celular? — Exalando um suspiro trêmulo, ele sibilou: — Preciso do meu *celular*. Tenho que ligar pro meu... puta merda!

— Você não tem mais celular, cara... nem carteira — Gibsie respondeu calmamente. — Sua irmã disse que você vendeu tudo junto com a sua dignidade em nome dessa dor horrível que você está sentindo. — Pegando outra toalha no suporte, Gibsie a colocou no colo, cobrindo as pernas. — Sabe toda essa merda que saiu do seu sistema agora? Tudo o que você botou pra fora do corpo? Custou exatamente uma carteira, um celular e uma alma. Que preço alto, não? Tomara que tenha valido a pena. — Ele deu tapinhas no seu ombro. — Agora, se me dão licença, é minha vez de tomar um banho. — Gibsie arrancou a camiseta molhada por cima da cabeça e jogou-a no cesto de roupa suja ao lado da porta antes de sair do banheiro.

Eu meio que esperava que Joey Lynch fosse explodir bem ali, no meio do meu banheiro, mas ele não fez nada. Em vez disso, abraçou os joelhos e abaixou a cabeça.

— Puta merda. — Ele colocou a mão na nuca e ficou se balançando para a frente e para trás sem parar.

— O que você tomou?

Silêncio.

— Está bem. — Abaixando na borda da banheira, esfreguei a coxa e tentei uma abordagem diferente. — Por que você fez isso?

— Não me julgue — ele sibilou, voltando o olhar para mim. — Não ouse me julgar... — Ele fechou os olhos com força, cerrou os punhos e soltou um lamento do fundo da garganta enquanto seu corpo tremia violentamente. — Você não sabe como é. Não viu o que eu vi. Não ouviu o que eu ouvi.

Fiquei imóvel feito uma estátua, segurando a vontade de esticar o braço para estabilizá-lo.

— Não estou te julgando, cara.

— Não? — Seus tristes olhos verdes se fixaram nos meus. — Você a viu. Viu o que *ele* fez com ela. E eu não... eu não pude... — Ele parou de falar e levou as mãos à cabeça. — Foda-se. Pra quê?

— Não é culpa sua — falei devagar, franzindo as sobrancelhas. — Você sabe disso.

Mais silêncio.

— Eu não quis dizer isso... — tentei de novo. — Quando falei com você no telefone. Eu só estava desesperado, cara.

Nada.

Seu silêncio fez um calafrio de desconforto subir pela minha coluna.

— Você não é responsável pelas ações do seu pai — repeti, contendo a enorme onda de empatia correndo pelo meu corpo.

— Você não é, então não ferre a sua vida e o seu futuro pensando isso.

Ele olhou para os joelhos e sussurrou:

— Eu não consegui proteger ela. — Balançando a cabeça, ele soltou um lamento entrecortado. — Não consegui proteger nenhum deles.

— Não é o seu trabalho fazer isso. — Meu coração bateu ferozmente dentro do meu peito. Meu Deus! Era como se eu estivesse me afogando na sua dor. — Não era seu trabalho proteger eles. Era trabalho *deles*. Eles deviam proteger *todos* vocês, cara. Incluindo você.

— Eu pensei que ela tivesse morrido — ele confessou tão baixinho que mal escutei. — Todo aquele sangue no chão... nas paredes... na minha roupa... na boca dela... ela estava engasgada porque não conseguia respirar... porque estava *morrendo*, porra! E o silêncio... o som de *nada* acontecendo. — Ele pressionou a palma das mãos nos olhos e sibilou: — Não consigo tirar essa cena da cabeça... e acredite, eu tentei.

Meu Deus.

Fiquei ali sentado, congelado, ouvindo sua verdade.

— Eu não conseguia tirar ele de cima de mim — ele falou com o peito pesado. — Eu sabia que ela precisava de ajuda... eu *sabia*... mas não consegui afastar ele. Não consegui fazer *nada*! — Balançando a cabeça, ele soltou uma risada grave enquanto lágrimas escorriam pelas suas bochechas. — E meu irmão, *meu irmãozinho de onze anos*, teve que tirar ele de cima de mim. — Fungando, ele limpou o nariz com o dorso da mão e sufocou

um soluço áspero. — Enquanto *ela* ficou parada sem fazer *nada*.

— Sua mãe?

— Quem mais?

Esperei meu cérebro processar a informação antes de perguntar:

— E agora? — perguntei com a voz carregada de emoção, mas me obriguei a me controlar. — O que vai acontecer?

— A mesma coisa de sempre: nada.

— Com a sua mãe? — insisti, apertando a mão nos joelhos para que eles parassem de tremer. — Tipo, a polícia obviamente sabe o que seu pai estava fazendo e vão prender ele quando o encontrarem, mas e ela? — Balancei a cabeça, lutando para absorver tudo. — Não tem consequência pra esse tipo de omissão? Vocês têm que voltar pra casa e morar com ela? — Engoli a raiva e sibilei. — Naquela casa?

Joey deu de ombros.

— Você não ouviu? Ela também é vítima. Ela precisa de *apoio*.

— Shannon me falou — murmurei, esfregando o maxilar. — Que merda, cara.

— Pois é, mas Darren está aqui agora — Joey cuspiu, piscando as lágrimas. — Ele pode dar um jeito, porque eu cansei. Eu não c-consigo, p-porra... — Ele parou de falar e exalou outro lamento entrecortado. — N-não consigo fazer mais isso — ele terminou, fungando. — N-não consigo esquecer e *nunca* vou perdoar.

Eu não sabia o que responder. Não sabia o que dizer. Nada na minha vida tinha me preparado para aquela conversa. Para aquelas pessoas e sua dor.

— Sua irmã te ama — falei, sentindo necessidade de lhe dizer isso, para que ele soubesse que pelo menos uma pessoa no mundo se importava com ele.

— Minha irmã *te* ama — ele respondeu, baixinho.

— Ela precisa de você — acrescentei, ignorando como meu coração martelou ferozmente contra o meu peito. — E pelo que fiquei sabendo, seus irmãos mais novos também, cara.

— Porque eu sou a fundação deles — ele soltou. — É isso, é só o que eu sou pra eles.

— Fundação? — Franzi a testa. — Como assim?

— Sou o cara que sai arrumando todas as merdas da minha família. — Ele abaixou a cabeça e colocou a mão na nuca. — Sou a mãe deles, porra.

— Bem... — Exalei pesadamente e estiquei as pernas, tentando amenizar a ardência nas coxas. — Você é uma puta mãe então, Joey, o hurler.

— Alguém tem que ser — ele murmurou, passando a mão pelo cabelo.

— Você fez um bom trabalho. E chegou longe demais pra jogar tudo fora por uma chapação temporária, cara.

— O que é que você sabe, porra? — ele desdenhou.

— Sei que você está tentando fugir. Isso está perfeitamente claro. Você quer esquecer dessa merda por um tempo... e nossa, eu não te culpo... mas isso é temporário. E não é *real*, Joey. Não vai consertar nada. Todos os seus problemas vão

continuar te esperando, não importa quanto pó você cheire ou quantos comprimidos você enfie na garganta. Você pode fumar toda a maconha que quiser, se afogar em uma garrafa de uísque, injetar todas as drogas conhecidas pela humanidade e isso não vai mudar porra nenhuma, porque a vida *ainda* estará te esperando pra te dar um soco na cara quando você voltar. Sei que, se você continuar nessa rota, uma hora não vai mais conseguir encontrar o caminho de volta.

— É fácil pra você falar — ele disse, amargurado. — Você nunca passou por uma dificuldade na vida.

— Você está totalmente certo. Não faço ideia do que você está passando. Nem imagino como é ser você e fico feliz pra caralho por isso. Mas também tenho meus demônios, cara. Tive que fazer minhas próprias escolhas e teria sido muito mais simples só engolir uns comprimidos pra acabar com a dor quando meu corpo estava colapsando, ou usar esteroides pra deixar meus músculos bombados em vez de malhar seis horas por dia. Sei que isso não parece nada se compararmos com as merdas da sua família, mas eu não fiz nada disso, Joey, nenhuma vez. Porque eu *sabia* que colocar essa merda no meu corpo seria uma escolha temporária, até *parar* de ser uma *escolha* e começar a ser uma *necessidade*.

— Puta merda — ele falou, e depois deu risada. — Onde é que você estava quando eu tinha dezesseis anos, Kavanagh? — Fungando, ele enxugou os olhos e suspirou, cabisbaixo. — Poderia ter me beneficiado desse discurso naquela época.

— Escola errada — falei, dando de ombros, hesitante.

— Vida errada — ele sussurrou.

Soltei um suspiro pesado.

— Pois é.

Fez-se um longo silêncio antes de eu falar de novo.

— Posso te ajudar? — finalmente perguntei, me sentindo meio idiota. — Posso fazer alguma coisa por *você*?

— Sim. — Com as mãos trêmulas, Joey se segurou na pia e ficou de pé. — Você pode me emprestar umas roupas.

Ambos sabíamos que eu não estava me referindo a *roupas*, mas não insisti — não quando ele parecia tão à flor da pele.

Sem dizer uma palavra, me levantei e fui para o quarto. Peguei itens aleatórios no armário, joguei tudo no banheiro e o deixei sozinho.

Confuso e nervoso, fui até a janela, caminhando rigidamente, e fiquei olhando para a escuridão enquanto o esperava, observando as gotas de chuva caindo contra o vidro.

Então esta é a vida dela, pensei comigo mesmo. *Era isso que ela estava escondendo de você*.

Me agarrei ao parapeito, ignorando a dor no meu corpo e me concentrando nos meus pensamentos agitados, tentando desesperadamente encontrar uma solução para algo que eu não sabia direito se podia ser solucionado. Eu só tinha certeza de que nunca conseguiria me desvencilhar dessa garota. E principalmente: eu não queria.

Eu sabia que isso não era nada bom. Meu Deus, até um cego poderia ver que eu precisava correr para longe, bem *longe* daquela situação, mas eu não *conseguia*. Por mais confuso que tudo parecesse, eu estava bastante contente de permanecer ali, envolvido no colapso pessoal dela. E mais, eu queria intervir e

fazer alguma coisa, qualquer coisa, para ajudar Joey. Não era nem mais só sobre Shannon. Era sobre Joey e três crianças que eu nem conhecia. Queria ajudar todos eles. Minha consciência exigia isso de mim.

Vários minutos se passaram antes da porta do banheiro se abrir e Joey aparecer. Ele estava usando minhas calças de moletom cinza e camiseta branca e estava com uma aparência de merda. *Pelo menos estava limpo*, pensei, *sem resquícios de vômito e fedor*.

— Obrigado pelas roupas — ele murmurou com os olhos vermelhos e o rosto mortalmente pálido. — Pode me emprestar um celular?

Meu maxilar tensionou. Fiquei hesitante. Será que ele estava planejando dar o fora?

— Por quê?

— Porque preciso ligar pra minha namorada.

Encarei-o com desconfiança.

— Sua namorada?

— É, minha namorada. Posso usar seu celular ou não?

Ainda incerto, peguei o celular e o entreguei para Joey.

— Não precisa ir embora. Pode ficar aqui, cara. Pelo tempo que precisar.

Ele me ignorou, se apoiou na cômoda e pressionou o dedo trêmulo contra o teclado do meu telefone, errando tantas vezes que jogou a cabeça para trás e rugiu.

— Fala sério, porra!

— Qual é o número dela? — perguntei, pegando o celular. — Posso digitar pra você.

— Eu falei mal de você pra Shannon, sabe — ele disse, cedendo. — Falei que você iria embora, que ela não devia depositar muitas esperanças em você.

Dei de ombros, nem um pouco surpreso, considerando minha atual popularidade com a família dele.

— Qual é o número dela?

Ele murmurou uma sequência de números e declarou:

— Não a decepcione. O que quer que esteja fazendo, Kavanagh, não magoe a minha irmã.

Digitei o número que ele ditou, apertei o botão de ligar e devolvi o celular para ele, dizendo:

— Pode deixar.

Com um olhar cauteloso e desconfiado, Joey colocou o telefone no ouvido, enquanto seu corpo tremia e sacodia violentamente.

— Aoife? — ele sussurrou alguns segundos depois. — Sou eu.

O que quer que sua namorada falou em resposta fez Joey estremecer. Visivelmente estremecer. Pra caralho.

— Eu sei — ele sussurrou, fechando os olhos. — Eu sei, está bem? Eu *sei* que prometi. Fiz merda. — Ele virou as costas para mim, passou a mão pelo cabelo e falou: — Me desculpe, gata.

Desconfortável, decidi descer para procurar os outros e deixar Joey Lynch com sua ligação humilhante. Eu não tinha certeza se queria ouvir aquela conversa, não quando minha cabeça já estava explodindo com mais informações do que eu conseguia processar.

Gibsie estava jogando carvão em uma fogueira já crepitante quando entrei na sala de estar, e as meninas estavam encolhidas no sofá. Correção: Claire estava encolhida no sofá com as pernas dobradas sob o corpo. Shannon, por outro lado, estava sentada ereta e toda rígida na beirada do assento ao lado da amiga. Gibsie claramente tinha arrastado o sofá para perto do fogo, algo que sempre fazíamos quando o tempo estava ruim e fiquei grato por isso. Queria que ela se aquecesse. Eu *precisava* de paz de espírito.

Limpei a garganta antes de entrar, me esforçando para não assustá-la. Mesmo assim, ela deu um pulo e se levantou do sofá de uma vez, mas o sorrisinho que ela me deu me garantiu que minha presença era uma surpresa bem-vinda.

— Ele está bem? — ela perguntou, de olhos arregalados e em pânico.

Nem perto disso. Assenti e abri um sorriso forçado.

— Ah, graças a Deus. — Seus pequenos ombros se curvaram e ela levou a mão ao peito. — Tem certeza?

Não.

— Ele tem — Gibsie respondeu por mim. Colocando a pá de volta no balde de carvão, ele se levantou, esticou os braços acima da cabeça e piscou para mim. — Tudo está bem no mundo de novo.

— Está vendo? — Claire acrescentou, oferecendo-lhe um sorriso encorajador. — Te falei que você não precisava se preocupar.

Shannon não pareceu convencida. Seu olhar foi de Gibs para Claire antes de retornar para mim.

— *Você* tem certeza? — ela perguntou, me encarando com aqueles assombrosos olhos azuis.

Abri a boca para mentir, para lhe contar o que ela precisava ouvir, para dizer que ia ficar tudo bem e ela não tinha com o que se preocupar, mas outras palavras me escaparam:

— Não, não tenho certeza.

Piorei mais ainda a situação quando acrescentei:

— Na verdade, ele está péssimo. De verdade. — E completei com: — Estou preocupado com ele.

A expressão de Shannon murchou e tanto Claire quanto Gibsie soltaram um grunhido ao mesmo tempo.

— Boa, capitão — ele murmurou. — A gente passou a última hora convencendo-a do contrário.

— Sim, realmente reconfortante, Johnny — Claire falou, mal-humorada.

— Bem, não vou *mentir* pra ela — devolvi. Passei a mão pelo cabelo, frustrado, e olhei para Shannon. — Não vou fazer isso, está bem?

Ela assentiu rigidamente.

— Eu devia ir lá dar uma olhada nele. — Ela passou por mim apressada, mas parou na porta. — Tudo bem eu subir pra...

— Vai — falei antes que ela terminasse. — Não precisa me pedir permissão, Shannon.

Ela assentiu mais uma vez e saiu da sala.

— Talvez de vez em quando você pudesse aprender a manobrar a verdade — Gibsie sugeriu, agitando o dedo

aleatoriamente. — Sabe, dar uma dourada na pílula pra poupar sentimentos e *estresse* desnecessários.

— Mentindo pra ela? — Estreitei os olhos para ele. — É, cara, parece um conselho e tanto. Me diga como é que isso funcionaria?

Ele deu de ombros.

— Porra, sei lá, cara, mas essa garota está carregando uns problemas bem pesados agora, então acho que umas mentirinhas inocentes podem ser mais fáceis de engolir do que a verdade nua e crua.

Abri a boca para protestar, mas pensei melhor.

— Você tem razão.

— Eu sei. Ao contrário da crença popular e principalmente do que minha mãe acha, isso acontece às vezes.

A música "Crazy Frog/Axel F" explodiu bem alto na sala, fazendo Gibsie pegar o celular e eu gemer de puro desespero.

— Sou eu — Claire falou, erguendo o celular. Ela olhou para a tela e sorriu. — É minha mãe *de novo*.

— Não diga que você está comigo — Gibsie avisou. — Diga o que quiser, minha linda, mas *não* fale pra essa mulher que estou com você.

Claire o encarou.

— E com quem eu poderia estar? Além disso, não importa, porque ela me viu entrando no seu carro!

Ele deu de ombros, desconfortável.

— Ela vai te matar.

— Sim, Gerard, eu sei — ela sibilou antes de aceitar a ligação e levar o aparelho à orelha. — Oi, mãe... sim, eu

lembro do que você disse... é, eu sei, mãe, mas não é o que você está pensando...

Ela abaixou a cabeça e saiu andando, falando tão baixo e rápido que não consegui entender uma palavra.

— Por que a mãe dela vai matar ela? — perguntei, encarando Gibsie com desconfiança. — O que você fez que não me contou?

Olhando para todos os lugares menos para o meu rosto, ele murmurou algo sobre "um grande erro do caralho" antes de disparar atrás dela.

Torci pelo bem de Gibsie que ele não tivesse cometido *aquele* tipo de erro com Claire, porque Hughie Biggs tinha um temperamento bastante forte quando se deixava levar pelas emoções, e eu não estava em condições de impedi-los de se matarem.

— Bem, que merda! — murmurei, olhando para os dois. — O drama não tem fim.

18

FICA COMIGO

Shannon

Eu não sabia o que estava esperando encontrar quando entrei no quarto de Johnny, mas com certeza não era meu irmão desmaiado. Ele estava deitado na diagonal na enorme cama, com seus pés ainda plantados no chão.

Entrei, me aproximei silenciosamente e fiquei olhando para ele dormindo. Seus lábios estavam abertos de leve e sua respiração estava pesada e regular. Suspirei de alívio. Por um instante, temi que ele estivesse morto.

Meu olhar foi atraído para a sua mão segurando o celular de Johnny. Peguei-o com gentileza, tomando cuidado para não o acordar. Estava morrendo de medo do que aconteceria quando ele acordasse. Para onde ele iria? Será que iria para casa? Para a casa de Aoife? Ou voltaria para Shane Holland e aqueles amigos de merda?

Eu não sabia, e a incerteza me preocupava mais do que o sumiço do meu pai. Afinal, me importava com Joey. Ele era essencial para mim. Durante a maior parte da minha vida, ele foi a pessoa mais importante. A ideia de algo acontecer com ele era insuportável. Insuportável, e eu sinceramente achava que não aguentaria.

Lembrava de como as coisas estavam no ano anterior. As brigas em casa ficaram terríveis, o clima, excepcionalmente pesado. Meu pai estava passando todo o seu tempo no bar e minha mãe revezava entre se jogar no chão e desmoronar no quarto.

Meu pai estava tendo mais um caso com uma das garçonetes, um caso que foi exposto de forma gloriosa alguns meses depois, e minha mãe sabia. Ela sabia e, em vez de botá-lo para fora, foi para a cama. Sean ainda não tinha completado dois anos e era um furacão. Seus dentes de trás estavam nascendo e ele gritava a noite toda. Todos nós estávamos exaustos.

As coisas estavam piorando para mim na ECB e Joey estava perdendo a cabeça com mais frequência. Ele respondia aos professores, se metia em brigas na escola e brigas ainda maiores em casa, até que um dia ele apareceu com um novo grupo de *amigos*. Amigos velhos demais para estarem andando com um estudante. Amigos que não tinham por que ir até a escola na hora da saída.

Depois disso, Joey começou a ficar retraído, reservado e desconectado. Não ligava para nada. Nem para a escola nem para os treinos. Ele estava desaparecendo.

Um dia na escola, uma das garotas da turma dele, a loirinha que sempre assistia aos seus jogos, uma garota com quem eu tinha certeza de que ele jamais trocara mais que duas palavras, saiu correndo atrás dele pelo pátio e o impediu de entrar naquele carro. Eu sabia disso porque o tinha seguido. A garota causou uma cena impiedosa no estacionamento e agitou o celular para aqueles caras mais velhos no carro. Depois, fez algo que me deixou chocada. Ela agarrou o suéter dele com as duas mãos e puxou o rosto dele para si, beijando-o ali mesmo, sem pensar na suspensão que receberiam se tivessem sido pegos.

Nunca descobri o que Aoife disse para ele aquele dia, mas o que quer que fosse fez Joey se afastar daquele carro e ir embora com ela.

Depois disso, as coisas começaram a mudar aos poucos. *Ele* voltou para nós, pedacinho por pedacinho. Aoife lhe deu algo aquele dia, algo no qual ele podia se agarrar. Esperança de um futuro.

Daí meu pai arrancou isso dele de novo.

A esperança.

Eu vi nos seus olhos quando ele me visitou no hospital; a lâmpada que Aoife tinha acendido dentro dele se apagou e só havia escuridão.

Se ele conseguisse dormir e tirar o que quer que tivesse tomado do sistema, talvez acordasse com alguma clareza. Com a cabeça limpa e a capacidade de formar algum pensamento calmo e racional, talvez ele pudesse...

— Shan? Minha mãe ligou e preciso ir pra casa.

A voz de Claire interrompeu meus pensamentos e eu me virei para ela, parada na porta. Levei o dedo aos lábios, implorando com os olhos para que ela não emitisse nenhum som e saí do quarto em silêncio.

— Desculpa — ela sussurrou quando estávamos no corredor, com a porta fechada. — Não sabia que ele estava dormindo.

Não falei nada até estarmos no topo da escadaria, longe do quarto.

— Tudo bem, eu também não. — Com as pernas bambas, desci os degraus, sentindo o pulmão queimar enquanto me movia. Desde que havia saído do hospital, tinha passado a maior parte do tempo enfiada no quarto. Toda aquela movimentação tinha exigido bastante do meu corpo. As dores e os incômodos estavam ressurgindo e, sem o analgésico que me esqueci de tomar antes de sair de casa, eu sentia tudo. — O que você ia me dizer?

— Preciso ir pra casa — Claire repetiu, irritada. — Minha mãe não para de ligar. — Ela revirou os olhos para enfatizar o aborrecimento. — Ela disse que, se Gerard não me levar de volta até as dez, ela vai me trancar fora do lado de fora. — Suspirando, ela acrescentou: — São quinze pras dez.

— Isso seria tão ruim assim? — Gibsie agitou as sobrancelhas, nos alcançando no corredor. — Você poderia ficar comigo.

Ela revirou os olhos de novo.

— É só uma ameaça, ela nunca faria isso, mas *ele* precisa me levar pra casa — ela continuou, sabiamente evitando uma

discussão com Gibsie. — E queria saber se você não quer dormir lá.

— Dormir lá? — falei.

— É. — Claire assentiu. — Tipo, tudo bem se você quiser ir pra sua casa e tal. — Ela franziu o nariz, deixando bem claro que ela não achava essa opção *nada* boa. — Posso pedir pra minha mãe ligar pra sua, se quiser ficar comigo.

— Ela não vai deixar — admiti, suspirando. Ir para casa era a última coisa que eu queria fazer naquele momento, mas eu também não podia *não* ir. — Eles vão surtar se eu não voltar. — Pensei em todos os problemas que estávamos enfrentando com as autoridades e, apesar de ninguém ter me falado que eu não podia passar a noite na casa de uma amiga, eu sabia que isso não cairia bem com minha mãe. Porque ela passaria a noite toda em claro, fritando de paranoia e pânico até eu voltar. — Acho que é mais fácil pra todo mundo se eu só for pra casa.

— Com todo o respeito, Shan, mas eles que se fodam.

Arregalei os olhos.

Era mais do que raro Claire falar palavrão, ainda mais para se referir aos pais de alguém.

— *Eles que se fodam* — ela repetiu com um olhar intenso.

— Isso! Eles que se fodam! — Gibsie comemorou. — Fala pra ela, minha linda.

— Cala a boca, Gerard — Claire disse antes de voltar a atenção para mim. — Você tem dezesseis anos, *estamos* na última semana do recesso de Páscoa e *você* devia ter experiências de adolescentes normais dormindo na casa da sua

melhor amiga. Em vez disso, você passou a primeira semana das férias deitada em uma cama de hospital, lidando com mais porcaria do que qualquer um da nossa idade deveria ter que lidar. Então faça o que quiser, Shan. Se quiser ficar comigo, então fique comigo, caramba.

— Darren vai ficar chateado.

Eu não concordava com várias coisas que ele dizia e não gostava que achasse que podia mandar em mim, mas eu sabia que seu coração estava no lugar certo. E não queria magoá-lo. Não queria magoar ninguém. Esse era o problema.

— Darren vai superar — Claire retrucou, revirando os olhos. — Ele é seu irmão, não seu tutor. Você já teve um desses antes e olhe só onde isso te levou. Olhe só o que ele fez com você! — Fiz uma careta e Claire se encolheu. — Está bem, talvez eu tenha escolhido as palavras erradas e acabei sendo um pouco insensível devido às circunstâncias, mas você entendeu o que quero dizer. Estou falando tudo isso porque me importo com você. Eu te amo, Shan, e estou cansada de ver os outros te tratando mal. E, francamente, você também devia estar cansada. Pare de se preocupar com os outros e pense em você mesma pela primeira vez. *Viva* a sua vida.

Ela estava certa, mas era difícil quebrar um hábito. Especialmente quando as consequências disso sempre resultavam em sofrimento. Fui programada para fazer o que me mandavam. Era uma habilidade básica de sobrevivência que levei anos aperfeiçoando. Era o que tinha me mantido viva até ali.

— Mas e Joey? — perguntei, olhando nervosamente para a escada atrás de mim. Uma empolgação misturada com uma grande dose de ansiedade foi crescendo dentro de mim enquanto a perspectiva de não ir para casa aquela noite se tornava mais tentadora a cada segundo. — Ele está dormindo e acho que não posso deixá-lo...

— Ele pode ficar aqui — Johnny anunciou, se juntando a nós no corredor. — Vocês dois podem. — Seus olhos azuis se fixaram nos meus. — Se você quiser.

— Eita, garanhão — Claire disse, abanando a mão no ar. — Calma lá. Eu disse que ela precisava ter experiências normais de adolescente, mas não precisa se precipitar.

Gibsie deu risada.

— Não estou me precipitando, porra — Johnny retrucou, na defensiva. — Meus pais estão em Dublin e a casa está vazia. O irmão dela já está aqui. Ela já está aqui. — Suas bochechas ficaram vermelhas e ele deu de ombros. — Só estava oferecendo a solução óbvia.

— Solução. — Claire levantou as sobrancelhas. — Aham. É assim que você chama então.

— É — Johnny falou, franzindo o cenho.

— Sim, você *está se precipitando*.

— Não, não estou, porra. — Johnny me olhou, pedindo ajuda. — Juro que *não* estou.

— Acredito em você — eu disse.

— Beleza, continue dizendo isso pra si mesmo — Claire falou lentamente.

— Por que não ficamos todos aqui? — Gibsie interveio. — Chame isso de solução, acordo ou festa do pijama, ou o que vocês quiserem. Podemos pedir pizza. Só pare de confundir meu cérebro com toda essa discussão.

— Não posso — Claire disse, dando um suspiro pesado. — Não desde que minha mãe descobriu que você... — Ela fechou a boca de repente. Seu rosto ficou muito vermelho e ela lançou a Gibsie um olhar que dizia "você sabe por quê" antes de completar: — Não posso.

Fiquei surpresa de ver Gibsie corando também.

— Bem, bem, bem... — Johnny soltou, com a voz escorrendo sarcasmo. — Parece que mais alguém aqui... — Ele fez uma pausa para indicar aspas. — Se precipitou.

— Eu certamente não — Claire bufou, cruzando os braços.

— Aham. — Johnny arqueou a sobrancelha e repetiu as palavras que ela disse: — Continue dizendo isso pra si mesma.

— Nem todo mundo pensa com os genitais — ela declarou.

— Considerando que os *meus* genitais foram recentemente costurados com linha e agulha, eu diria que é verdade — ele retorquiu com raiva.

— Linha e agulha — Gibsie falou, dando risada. — Que imagem, cara!

— Cala a boca, Gerard! — Johnny e Claire grunhiram juntos.

— Sabe, se está procurando um garanhão, pode montar em mim — Gibsie soltou.

— *Cala a boca*, Gerard!

— Vem calar, ursinha.

— Acho que vou ficar aqui — declarei.

Eu queria acalmar os ânimos, mas também queria ajudar minha amiga. O que quer que estivesse acontecendo entre ela e Gibsie, Claire era bastante reservada. Ela me contaria quando quisesse. Até lá, eu não ia forçar a barra. Afinal, eu lhe devia anos e anos em que ela não me pressionou para compartilhar coisas que eu não queria.

Johnny relaxou visivelmente.

— Você vai ficar?

Assenti devagar.

— Se você quiser.

— Eu quero você aqui — ele falou sem tirar os olhos dos meus. — Quero que você fique comigo.

Ah, meu Deus.

Meu coração.

Essas palavras.

Esse garoto.

— Tem certeza? — Claire perguntou, me lançando um olhar que demonstrava tanto alívio pela minha intervenção quanto decepção pela minha resposta.

— É melhor eu ficar pra garantir que Joey fique bem. — Me virei para Johnny e meu coração acelerou. *Mentirosa. Você quer ficar com ele.* — Se estiver tudo bem por você.

Johnny estava sorrindo triunfantemente para Claire, mas mudou as feições com um aceno sombrio quando percebeu que eu estava olhando.

— Com certeza — ele falou. — Quero você.

Gibsie deu risada.

— Eita.

— *Aqui* — Johnny acrescentou depressa, lançando um olhar ameaçador para Gibsie. Depois, ele me encarou e disse: — Quero você aqui comigo.

Minha frequência cardíaca saiu completamente da escala Richter.

— Obrigada.

— Está bem — Claire bufou, me puxando para um abraço. — Mas me liga se precisar, certo?

— Pode deixar — respondi, sem contar para ela que eu não tinha mais celular.

Conhecendo minha amiga, ela iria amanhã mesmo gastar todo o dinheiro que ganhou como babá em um celular novo para mim, e eu não queria esse tipo de relação com ninguém.

Por mais depressivo que parecesse, eu preferia ficar sozinha do que estar com pessoas que tinham pena de mim. Eu ainda não sabia direito quem era como pessoa, nem onde eu me encaixava nesse mundo, mas sabia que precisava que meus amigos gostassem de mim de verdade e não porque tinham dó.

— A gente se vê logo, então. — Ela me soltou e foi até Gibsie, que estava segurando a porta aberta para ela, e depois parou. — E você... — Ela se virou para Johnny e lhe lançou um olhar mordaz. — Juízo, hein?

— Pode deixar — Johnny devolveu em um tom sarcástico. — Linha e agulha, lembra?

— É, bem, só mantenha seu pênis dentro da cueca — ela falou, afobada. — Não vá ter ideias... é tudo o que estou dizendo. — Depois disso, ela se virou e praticamente saiu flutuando pela porta com Gibsie no seu rastro.

A porta se fechou e fiquei sozinha pela primeira vez em séculos com Johnny Kavanagh.

— Oi, Shannon — ele disse, erguendo o ombro sem jeito e me oferecendo sua atenção total.

Tímida, coloquei o cabelo atrás da orelha e sorri.

— Oi, Johnny.

— Então... — Ele enfiou as mãos nos bolsos e olhou em volta antes de cravar o olhar em mim. Meu coração acelerou enquanto eu aguçava os sentidos. Eu podia sentir a eletricidade crepitando ao nosso redor. — O que quer fazer?

Tudo.

— O que você quiser. — Lembrando que ainda estava com o celular dele na mão, me aproximei e o empurrei para o seu peito. — Eu, hum... obrigada por ajudar meu irmão. — Minhas bochechas queimaram quando ele pegou o aparelho e seus dedos tocaram os meus. — E eu. — Dei um passo para trás, juntei as mãos na minha frente e soltei um suspiro de dor. — Obrigada por me ajudar também. — Eu sofria porque era tão desajeitada socialmente que mal conseguia me suportar. — E por deixar a gente ficar aqui — acrescentei, dando outro passo incerto, desta vez para o lado. — Então, hum, é isso, obrigada.

Johnny ficou me encarando com uma expressão confusa.

— Você está bem?

Assenti avidamente.

— *Está* bem.

Ele sorriu.

— Está?

— Estou — corrigi, soltando um suspiro pesado e abaixando a cabeça. — Estou bem.

— No que está pensando?

Dei de ombros e mantive os olhos fixos nos sapatos.

— Sei lá.

Ele também suspirou.

— O que é que eu vou fazer com você, hein? — Ele estendeu a mão, agarrou minha cintura e me puxou para perto. Minha cabeça se levantou por vontade própria enquanto eu respirava depressa. — Mantenha essa sua linda cabeça erguida, Shannon, *como o rio*. — Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e roçou minha bochecha com os nós dos dedos. — É meio difícil saber o que fazer sem te entender. — Ele passou o polegar pelo meu queixo, com os ardentes olhos azuis fixos nos meus. — Não posso te ler se você não olhar pra mim.

— Certo — concordei, depois recuei. — Espere, o quê?

— Seus olhos — ele disse em um tom áspero. — Preciso deles em mim.

Soltei um suspiro trêmulo.

— Precisa?

Ele fez que sim devagar, apertando mais minha cintura.

— Como vou saber o que você está pensando?

— Não sei — soltei, enquanto meu peito subia e descia depressa, pois sua proximidade espalhava caos nas minhas

entranhas. Incapaz de me conter, levantei as mãos e as coloquei no seu peito, resistindo à vontade de enroscar os dedos no tecido do seu moletom. — Você pode só me perguntar.

— Eu te *perguntei*, mas você não me falou — ele disse em um tom suave e persuasivo. — Te perguntei o que você queria fazer, mas você não falou nada. — Minha pulsação acelerou ferozmente quando ele se inclinou para perto e abaixou a testa, encostando-a na minha. O toque era leve feito uma pena, intenso demais e ao mesmo tempo não o suficiente. — Preciso que você assuma o comando aqui, Shannon — ele sussurrou. — Você tem que me dizer o que quer de mim. — Dava para sentir seu coração martelando com força dentro do peito. O ritmo combinava com o meu. — Porque não vou cometer nenhum erro com você.

Me beije, Johnny.

Me beije.

Quero que você me beije!

Não respondi, porque, francamente, não conseguia fazer as palavras que tinha formado na minha cabeça saírem da boca. Johnny sorriu e deu um passo para trás.

— Vamos — ele disse com um pequeno e pesaroso balançar de cabeça. Ele pegou minha mão e me levou para a sala. — Não tem pressa. — Seus movimentos eram rígidos e lentos sem as muletas. — Você pode me dizer quando estiver pronta. — Ele empurrou a porta da sala e gesticulou para que eu fosse na frente. — Eu não vou a lugar algum.

Zonza, sem fôlego e muito frustrada, soltei a mão dele e entrei, sentindo a ausência do seu toque nos dedos dos meus

pés.

— Pode se sentar, Shannon — ele disse quando me viu pairando perto do sofá. Ele foi até a janela e fechou as cortinas, nos envolvendo na penumbra antes de ir até a televisão. — Está tudo bem.

Sem falar nada, me acomodei no sofá e mantive os olhos grudados no fogo, enquanto absorvia o calor, a paz e a tranquilidade do lugar.

— Qual seu sabor favorito de pizza?

Olhei para ele.

— Hã?

— Pizza — ele repetiu, pegando o celular no bolso e mexendo na tela. — Qual o seu sabor favorito? — Ele ficou na frente do fogo, ligou a enorme TV e se voltou para mim com o celular na orelha.

— Ah, abacaxi — murmurei. — Por quê?

Ele me encarou de boca aberta.

— Está falando sério?

— O que foi? É deliciosa.

Contendo um tremor, ele começou a falar:

— Oi, posso fazer um pedido?

— O q... espere, não precisa...

— Escolha um filme — ele balbuciou, gesticulando para o controle na mesinha de centro, antes de continuar fazendo o pedido para o atendente do outro lado da linha.

Atordoada, peguei o controle e fiz exatamente o que ele falou, percorrendo os zilhões de canais disponíveis e escolhendo o primeiro filme que encontrei.

— A pizza vai chegar em meia hora — ele anunciou depois de encerrar a ligação.

— Não precisava fazer isso — sussurrei, mortificada. — Comprar pizza pra mim, quero dizer.

Johnny ficou me encarando por um longo tempo antes de soltar o ar com força.

— Bem, a gente não vai mais fazer isso.

— Hã? — Arregalei os olhos e fiquei petrificada. — C-como assim?

— Eu vou comprar pizza pra você, sim, Shannon. — Ele se aproximou, se abaixou no sofá e se virou para mim. — Às vezes, a gente vai comer aqui, outras vezes vamos comer fora, mas vai ser uma coisa regular, então não fique surtando, está bem?

Eu não fazia ideia de como responder, então apenas assenti.

— Está bem.

— Hoje, vai ser uma pizza de merda porque não posso dirigir e todos os lugares bons da cidade estão fechados na segunda, mas da próxima vez vai ser melhor.

— Não preciso de nada melhor — falei baixinho. — Eu gosto de pizza. — *Eu te* amo.

— Talvez não, mas você merece coisas muito melhores — ele disse.

— Não posso te pagar — confessei, sentindo meu pescoço esquentar. — Não posso pagar o jantar nem o cinema — acrescentei, lembrando de quando ele me levou para ver um filme. — Eu queria... — Abaixei a cabeça, me sentindo exposta demais para sustentar seu olhar. — Mas não posso.

— Nem se você tivesse um milhão de euros no bolso eu te deixaria me pagar — Johnny me interrompeu, levantando meu queixo com os dedos. Seus olhos azuis perfuraram os meus enquanto ele falava. — Pode me chamar de machista ou antiquado, mas sinceramente não dou a mínima. Se vamos comer juntos, eu vou pagar.

— É um pouco, sim — falei baixinho. — Antiquado, quero dizer.

— Ah, é? — Ele deu de ombros. — Então culpe minha mãe.

— Acho que ela fez um bom trabalho — declarei, estremecendo quando ele fez carinho no meu queixo.

— Você acha? — Ele sorriu e se inclinou. — Quão bom você acha?

— Eu daria a ela nota máxima — sussurrei. — Dez de dez.

Seus olhos cintilaram.

— E eu *te* daria nota máxima.

— Pra mim?

— Sempre — ele sussurrou, desviando o olhar para a minha boca. — Adoro isso. — Seu dedão percorreu a covinha no meu queixo. — É fofo pra cacete. — Ele olhou para a minha boca e mordeu o lábio com força antes de soltar um grunhido e recuar.

Contive meu próprio lamento, arrasada com o seu afastamento.

Ele desviou os olhos dos meus e se virou para a televisão acima da lareira.

— *Simplesmente amor*? — O fantasma de um sorriso se espalhou pelo seu rosto. — Sério?

— Foi o primeiro filme que achei — eu disse, agitando as mãos, nervosa. — Pode escolher outro se quiser. — Coloquei o cabelo atrás da orelha, arregacei as mangas e fiquei olhando desolada quando elas escorregaram de volta. — Não ligo.

— Não, está ótimo. — Ele deu risada, se sentando no sofá. — Você já assistiu?

— Não. — Balancei a cabeça e o imitei, me ajeitando no assento. — E você?

Ele fez que sim, ainda sorrindo.

— Gibsie me fez ir ver com ele no cinema quando o filme saiu.

Então foi a minha vez de sorrir.

— Sério?

— Sério. A gente ficou parecendo dois patetas no cinema, cercados por casais. — Ele esticou o braço, pegou um cobertor atrás do sofá e o colocou sobre as minhas pernas. — Naquela época, ele estava na fase Keira Knightley e ficou puto quando percebeu que ela mal aparecia. — Ele riu baixinho, claramente se lembrando de algo engraçado. — Ele ficou tão absorvido pela história que chorou de verdade na parte do colar... — Ele parou de falar antes de terminar a frase. — Desculpe. — Ele sorriu timidamente. — Quase dei spoiler.

— Por que você foi com ele? — Devolvendo seu sorriso, enfiei as mãos no cobertor de lã e me afundei mais ainda no sofá. — Se não curte esse tipo de filme?

— Porque ele é meu melhor amigo — ele respondeu, rindo, apoiando os pés na mesinha. — E ele já fez coisa pior por mim.

— Tipo o quê?

— Tipo invadir quartos de hotel no meio da noite só pra me ver. — Johnny se virou para mim. — Tipo me levar pra te ver hoje.

— Obrigada — eu disse, sentindo algo se agitando dentro de mim e me puxando para ele. — Por voltar.

— Shannon, eu... — Ele abandonou a frase e soltou um suspiro pesado. — Venha aqui — ele disse, levantando o braço. — Deixe eu te esquentar.

Desesperada por contato físico, me aproximei e me aninhei ao seu lado. Seu braço me envolveu e um arrepio percorreu meu corpo quando senti seus lábios no topo da minha cabeça.

— Vamos ver esse filme — ele sussurrou, aumentando o volume da televisão.

Não falamos mais nada depois disso.

19

VAI ME BEIJAR OU NÃO?

Johnny

Ganhei a batalha do melhor amigo versus namorado e foi incrível pra caralho.

Primeiro round: ponto para mim.

Só que eu nem tinha certeza se eu era namorado dela.

Namorado... que palavra idiota.

Jesus, eu precisava me controlar.

Agora que *finalmente* estava sozinho com Shannon, não sabia o que fazer. Ela parecia tão hesitante que minha consciência pesou e eu recuei. Eu *queria* beijar ela, mas não sabia se *ela* também queria, o que era um problema. Porque, ao contrário das suposições de Claire, eu *não* queria me precipitar. Não queria despejar meus sentimentos nela e tirar vantagem da situação.

Tudo na vida de Shannon tinha mudado tão drasticamente e tão rápido que eu não queria cometer nenhum erro com ela. Acima de tudo, não queria que ela se arrependesse de ficar *comigo*.

Estávamos ali no meu sofá sem nenhum segredo entre nós nem meu treino exigindo minha presença. Não, tudo o que havia era o medo do desconhecido.

Pela primeira vez em quase dezoito anos, era como se eu estivesse em uma encruzilhada crucial na vida. Eu não precisava me perguntar qual caminho eu iria escolher — meus pés já estavam se movendo para ela —, mas eu estava em conflito porque sabia que o caminho era curto. Se meu pai e os médicos estivessem certos e eu conseguisse entrar para o time em junho, isso significava que eu tinha dois meses com ela. Dois meses e então eu estaria fora dali. Em junho, eu me desviaria desse caminho.

De repente, a perspectiva do sub-20 já não era tão atraente quanto antes. A visão que me alimentou a vida toda, aquela que tinha apenas o rúgbi à vista, estava nublada e embaçada agora. Tentar fazer a coisa certa para o meu futuro e ao mesmo tempo fazer o que era certo para o meu *presente* era a razão pela qual eu me sentia tão mexido por essa garota.

Eu só queria ter *tempo* com ela. Longe da família dela e do rúgbi. Longe de tudo. Só eu e ela. Queria poder dar uma pausa na minha vida e só *ficar* com ela. Eram palavras fortes para alguém da minha idade, mas eu confiava nos meus instintos. Eles estavam me encorajando, me assegurando de que eu estava certo porque aquela era a garota para mim. A garota que

eu deveria manter por perto. Eu poderia escolher uma montanha de bucetas e isso não significaria nada. Estava apaixonado por ela.

— Você está bem?

A voz de Shannon cortou meus pensamentos e eu desviei o olhar das chamas crepitantes da lareira para o seu rosto. Ela estava sentada com as costas apoiadas no braço do sofá, enterrada sob o cobertor que eu tinha jogado em cima dela horas atrás. Ela estava com os braços soltos em volta dos joelhos e me olhava com expectativa.

Incapaz de lembrar uma palavra do que ela tinha acabado de me dizer, passei a mão pelos cabelos e me espreguicei.

— Desculpe, o que foi?

— Você se levantou pra colocar carvão no fogo há uma hora e ficou olhando pra lareira desde então — ela falou com aquela voz suave dela. — O filme acabou, Johnny, e a TV ficou branca.

— Merda, é mesmo? — Olhei em volta e percebi que estávamos no escuro, iluminados apenas pelo fogo. — Foi mal, estava viajando.

Shannon franziu o cenho, preocupada, e senti seu pé na lateral da minha coxa.

— É o remédio que você está tomando? — Ela perguntou, empática, acariciando minha coxa suavemente com os dedos. — Ele te deixa sonolento?

— Não, não é o remédio. — *É que eu passei dias ensaiando na cabeça o que queria te falar e agora não consigo dizer as palavras.* — Não sei o que aconteceu. — *Você me aconteceu e estou*

completamente fodido. — Só estou cansado, acho. — *Porque passamos a noite toda aqui e ainda não falamos sobre o elefante branco na sala*. — Desculpe, Shan.

O que quer que eu tenha dito a fez sorrir e arquear a sobrancelha.

— O que é engraçado?

— Você me chamou de Shan — ela disse, sorrindo.

— *É*... e daí? — Sorri de volta.

— Meus amigos me chamam de Shan. Bem, as meninas e Joey.

— Eu não sou seu amigo? — provoquei, me virando para encará-la. — Ou é o apelido reservado só pros membros do seu *círculo íntimo*?

— Não, não, você é meu círculo — ela soltou, fazendo uma careta. — Quero dizer, você *está* no meu círculo. Você *está*, não você *é*. — Ela levou as mãos à cabeça e grunhiu. — Aff, sou péssima com pessoas.

Dando risada, coloquei a mão debaixo do cobertor e agarrei seu pé. Sabe-se lá por que eu fiz isso, mas eu estava com o maldito pé dela na minha mão, então ia seguir o fluxo. *Gibsie estava certo; eu tinha um problema e pegava coisas que não eram minhas*.

— Relaxa — eu disse, colocando o pé dela no meu colo. — Eu entendi o que você quis dizer.

Os olhos de Shannon se voltaram para o seu pé no meu colo e esperei para ver o que ela ia fazer. Se ela se retraísse, eu a deixaria em paz. Mas ela *não* fez isso.

Ela tirou o outro pé debaixo do cobertor e o colocou no meu colo também. Os olhos dela se voltaram para os meus, claramente esperando a minha reação.

Reagi colocando meu braço sobre as suas pernas e apertando de leve seu joelho, mantendo os olhos nos dela o tempo todo, atento ao menor indício de algo parecido com dúvida.

— Posso te fazer uma pergunta? — perguntei, depois de reunir coragem. Quando ela assentiu, obriguei as palavras a saírem: — Como você está se sentindo... sobre mim?

Seus olhos se arregalaram.

— Sobre você?

— Isso. Sobre mim. — Engoli em seco.

Shannon ficou em silêncio por tanto tempo que temi que ela não fosse me responder, então ela começou a falar.

— Às vezes, sinto como se estivesse estagnada — ela confessou em voz baixa, baixando o olhar para suas pernas nas minhas mãos. — Como se estivesse presa no mesmo lugar, me afogando. — Juntando as mãos, ela continuou a falar e me destruir com sua verdade. — É como se eu estivesse observando a água subindo sem parar. Posso vê-la cada vez mais perto, me cobrindo. — Tremendo, ela mordeu o lábio. — É assustador.

— Aposto que sim — respondi bruscamente, correndo as pontas dos dedos para cima e para baixo sobre o seu joelho coberto pelo jeans, sem saber o que mais dizer e com medo de falar a coisa errada.

— Daí você entra e a água abaixa. — Levantando o queixo, ela me olhou fixamente e exalou um suspiro trêmulo. — Quando você aparece, todo o mal simplesmente... vai embora por um tempo.

Senti os olhos dela em mim, provocando uma queimação lenta por dentro. Minha pele ficou quente e meu corpo foi tomado pela frustração e pela excitação.

Eu estava *ferrado*.

— É assim que você faz eu me sentir — ela sussurrou, com seus olhos azuis penetrando até minha alma. — Melhor. Viva. Livre. Segura. Importante. Sinto que posso respirar pela primeira vez em dias só porque você está aqui... porque estou aqui com *você*. — Ela fez uma careta, como se um pensamento doloroso tivesse acabado de lhe ocorrer. — Mas estou atrapalhando a sua vida — ela acrescentou baixinho. — Eu te arrastei pro caos da minha família e sinto muito por isso.

Cuidado, Johnny.

Tome muito cuidado com as suas palavras, cara.

Ela era um livro fechado que eu tinha milagrosamente conseguido abrir. Eu não podia cometer um erro e ver as páginas sendo fechadas na minha cara.

— Não me lembro como isso começou ou quando me envolvi a ponto de sentir que estou sendo estrangulado na sua dor — eu finalmente disse quando enfim encontrei as palavras. — Mas sei que nunca mais quero voltar à vida antes de você.

Ela era tão forte, tão resiliente, e nem sabia disso. Eu não conseguia me imaginar passando pelo que ela passou e depois simplesmente me levantar de novo. Mas ali estava ela, pronta

para confiar em mim, saindo de casa mesmo com o pai solto por aí. Tipo, isso devia cagar a cabeça dela, certo? Mas ela não deixou isso derrubá-la. Essa garota era a própria definição de alguém que cai sete vezes e se levanta oito. Não importava o que surgisse em seu caminho, ela sempre se sacudia, se levantava e dava a volta por cima.

— Estou tão cansada — ela admitiu baixinho. — Estou tentando, sabe... seguir em frente. Não me entregar e apenas ser grata, mas *não* me sinto grata e não *consigo* seguir em frente. Sinto que ainda estou presa e cada dia estou mais perto do dia em que não estarei mais aqui.

Eu não entendia, então não ia dizer que entendia. Eu não fazia ideia do que ela estava passando nem como estava lidando com tudo aquilo. Tudo o que eu podia dizer era:

— Estou aqui. — E eu estava.

— Ele está me impondo regras, Johnny. — Shannon franziu o nariz, respirou algumas vezes e depois falou: — Mais regras, mais leis... — Ela soltou o ar pesadamente e acrescentou: — Mais ordens pra obedecer.

Sim, acho que eu ia perder o controle.

Respire, Johnny.

Respire, porra.

Levei um momento para processar o que ela falou e mais ainda para controlar as emoções e a necessidade repentina e desesperada que eu sentia dentro de mim de atacar alguém.

— Darren? — por fim conseguir perguntar.

Ela assentiu fracamente.

— Sei que ele tem boas intenções, mas eu só... estou de saco cheio de ser controlada. — Estremecendo, ela continuou: — Quando acordei naquela cama no hospital e percebi que estava viva e respirando, prometi pra mim mesma que não deixaria mais ninguém me controlar. *Jurei* que nunca mais deixaria isso acontecer de novo.

— Você não deixou isso acontecer, Shan — falei com a voz rouca. — Estava fora do seu controle.

— Esse é o problema. Estou cansada de as coisas estarem *fora* do meu controle, Johnny.

— Sim, aposto que sim. — Soltei um suspiro pesado.

— Sabe, ainda me lembro do que senti na primeira vez que tomei banho nesta casa — ela falou, sorrindo suavemente. — Fiquei um tempão no seu banheiro ouvindo.

— O quê?

— O silêncio.

— Shan...

— É difícil explicar — ela continuou depressa. — Mas eu não queria mais sair de lá, me senti segura. Me *sinto* segura com você. — Balançando a cabeça, ela soltou um suspiro trêmulo e disse: — E isso é horrível porque coloca pressão em você.

Agitado, comecei a vasculhar meu cérebro em busca das palavras que eu sabia que precisava dizer para tranquilizá-la. Para pegar seus pedacinhos e juntá-los de novo. Eu não sabia. Eu só tinha meus sentimentos. Sentimentos enormes e fodidos que estavam me sufocando e me afogando em um padrão de destruição viciante.

Meus muros tinham desmoronado. Tudo o que eu tinha construído na tentativa de me proteger da garota que eu *sabia* que me destruiria tinha se desintegrado.

— Ninguém está me obrigando a fazer nada — eu finalmente disse, um pouco perdido. — Você está na minha casa porque eu quero você aqui.

— É mesmo?

— Cem por cento. Eu só *quero* você aqui comigo, Shannon.

— Tem certeza? — ela sussurrou.

— Ouça — falei, virando todo o meu corpo para ela para lhe oferecer minha atenção total. — Tem uma coisa que você precisa saber sobre mim: eu não sou de sentimentos passageiros. Não curto nada passageiro, não é assim que eu funciono. Então, quando eu te digo algo, ou quando eu faço algo, estou falando sério, significa que pensei bem. E estou te dizendo que *quero* você aqui comigo.

Sua boca se abriu e seus lábios carnudos formaram um pequeno e perfeito "Oh!".

— Isso mesmo. — Sorri, contendo a vontade de esticar o braço e erguer seu queixo. — Oh.

— Johnny? — ela perguntou, se aproximando. — Posso te perguntar mais uma coisa?

— Claro... — Minha voz estava rouca e tive que limpar a garganta antes de falar: — Claro, Shan. Pode me perguntar qualquer coisa.

— Você nunca mais vai me beijar?

Puta merda.

Mantenha a cabeça no lugar, Kav.

Mantenha a calma e não a assuste.

Você conseguiu vê-la; agora a mantenha aqui.

Não avance o sinal, cara. Contenha-se...

Levei alguns segundos para absorver suas palavras antes de conseguir falar de novo.

— Você *quer* que eu te beije?

— Seria bom não ter que dar o primeiro passo e depois sair correndo. — Sua voz era pouco mais que um sussurro e ela abaixou o rosto por um breve momento antes de olhar para mim de novo com aqueles penetrantes olhos azuis. — Isso me pouparia uma crise de pânico — ela acrescentou, encolhendo os ombros de leve. — É isso que eu quero: não entrar em pânico. — Ela mordeu o lábio inferior por um instante antes de continuar: — Saber onde estou com você.

— Eu quero te beijar, Shannon. — Ignorando a dor na virilha, girei o corpo para ela. — Eu *vou* te beijar — corrigi, me sentindo todo quente e atrapalhado. — Se você quiser...

Shannon soltou um suspiro trêmulo.

— Beleza.

Encarei-a com cautela.

— Beleza.

Ela ficou perfeitamente imóvel, com os olhos fixos nos meus, as bochechas coradas e uma expressão cheia de expectativa.

— O que... agora? — perguntei, um pouco desesperado por ter sido colocado naquela situação. — Você quer que eu faça isso agora? — Meu Deus, eu estava fazendo uma cena. — Eu só

pensei que você poderia, sabe, querer conversar um pouco mais.

— Não quero mais conversar, Johnny — ela sussurrou. — Já conversei o suficiente pra uma vida inteira.

— Eu só não quero te pressionar — soltei, percebendo o nervosismo na minha maldita voz. — Depois de todas as merdas que você passou com o seu pai e agora com o Joey. E com a sua mãe e todo o drama dela. E, nossa, seu rosto está todo machucado e dolorido, e seu corpo... — Dei de ombros, completamente perdido. — Eu só... acho que a gente devia continuar conversando. Nossa, Shannon, não quero que você ache que estou me aproveitando de você...

— Você vai me beijar ou não? — ela perguntou, me deixando perplexo.

— Eu só... eu não...estou tentando... — Abandonei as palavras e dei um suspiro sofrido enquanto a observava me encarando com aqueles olhos azuis, arregalados e acolhedores. — Foda-se.

Sem conseguir aguentar mais um segundo, segurei sua boca, me aproximei e esmaguei os lábios nos dela.

Gemendo contra mim, suas mãos se moveram para a frente do meu suéter e seus dedos agarraram o tecido enquanto ela me puxava para si e me encorajava a chegar mais perto.

Puta merda.

Capturando suas mãos nas minhas, reprimi todos os desejos inapropriados e apenas a beijei de volta, tentando desesperadamente manter a calma e não forçar a barra. Tudo o

que eu queria fazer era pegá-la e colocar seu corpo em volta do meu, melhorar o ângulo para mim, mas não podia fazer nada disso.

Vá com calma, meu cérebro obscurecido pelos hormônios me avisou. *Não estrague tudo, cara*.

No entanto, no minuto em que senti sua língua hesitante encostar na minha, percebi que estava completamente fodido.

Eu não ia aguentar.

Eu sinceramente não *aguentava* a pressão no meu peito. Ela fazia um circuito vital ligado ao meu autocontrole se quebrar e queimar.

Meu cérebro desligou e meu corpo assumiu o comando.

Meu pau se sentou firmemente no banco do motorista e eu estava me movendo puramente por instinto, beijando-a de volta com entrega, sabendo que havia uma razão para parar, mas não encontrando força de vontade suficiente para me refrear.

Minhas mãos se moveram e se enroscaram no seu cabelo e as mãos *dela* tocaram a minha cintura, puxando minha carne e me encorajando a me unir a ela enquanto ela caía de costas. E, nossa, logo eu estava ali com ela, mergulhando nela feito um maníaco, desesperado para sentir seu sabor enquanto nossas línguas duelavam juntas durante aquele que, sem dúvida, foi o melhor beijo da minha vida.

Beijá-la era diferente porque havia sentimento. Grandes, enormes e terríveis sentimentos que eu sabia que eram recíprocos. Era diferente porque *importava* — porque éramos importantes *um para o outro*.

Meu corpo estava queimando, em parte pela dor agonizante que piorava a cada estocada imprudente dos meus quadris contra os dela, mas principalmente pela pura excitação de sentir as mãos dela na minha pele.

Era como se ela tivesse enfiado uma faca no meu peito, me deixado bem aberto, e cada pedaço de mim estava sangrando nela.

Eu estava duro, dolorosamente duro, não de um jeito bom que poderia ser aliviado. Mas, naquela hora, eu não ligava.

Eu não ligava para o fato de estar todo ferrado.

Eu não ligava se os pontos estourassem.

Eu não ligava para nada além da garota gemendo e se contorcendo embaixo de mim no sofá.

20

UMA QUANTIDADE ABSURDA DO CARALHO

Shannon

Johnny me pediu para eu dizer o que queria. Levei quatro horas para conseguir verbalizar as palavras e, quando finalmente consegui, deixei nós dois perplexos com minha franqueza.

A vergonha que senti por ter sido tão atipicamente atrevida foi desaparecendo a cada estocada da sua língua enquanto ele me beijava com vontade.

Eu mal conseguia respirar, meus pulmões gritavam em protesto, mas eu sabia que preferiria morrer a parar para tomar fôlego. Eu estava faminta por ele e as emoções que me impulsionavam eram avassaladoras.

Ele era bem maior que eu, bem mais largo, e eu estava maravilhada. O peso do seu corpo em cima do meu era ao

mesmo tempo demais e não o suficiente. Toda vez que eu pensava que não aguentaria a pressão, minhas mãos o puxavam com mais força.

Quando me afastei do beijo, ele se apoiou no cotovelo.

— Você está bem? Estou pesado demais? — Seu peito subia e descia depressa, e sua respiração sôfrega era um reflexo da minha. — Estou te machucando?

Estiquei o braço e passei a mão ao redor do seu pescoço, trazendo seu rosto de volta para o meu. Minhas mãos o seguravam com tanta força que tive certeza de estar prendendo a circulação de alguma parte do seu corpo, mas eu simplesmente não conseguia soltá-lo.

Eu fisicamente *não* conseguia deixá-lo.

Eu estava assustada, insegura e *dolorida*.

E a única coisa que eu sabia de verdade naquele momento era que eu *confiava* nesse garoto.

— Não fala nada — implorei. — Só continua me beijando. — Me agarrei a ele como se ele fosse uma tábua de salvação, prendi as pernas na sua cintura e pedi: — Só *fica* comigo.

— Nossa... — Ele soltou um grunhido grave. — Eu vou ficar. — Soltando um suspiro trêmulo, ele pressionou os lábios contra os meus. — Estou ficando. — Sua boca roçou a minha enquanto ele falava e a sensação provocou um calafrio de prazer pelo meu corpo. — Estou com você pra caralho — ele sussurrou antes de mergulhar em mim de novo, nos afundando no sofá, conforme ele se acomodava pesadamente entre as minhas pernas.

Minha respiração ficou presa na garganta quando seus lábios voltaram para os meus, quentes e curiosos. Ele abriu os lábios e explodiu minha mente com sua língua habilidosa.

Fechando os olhos, apertei mais as pernas em torno na sua cintura, agarrando-me a ele com todas as forças. O movimento fez com que um rosnado de dor irrompesse do peito de Johnny. Eu sabia que o estava machucando e que deveria soltá-lo, mas não conseguia me desvencilhar dele fisicamente.

Meu corpo parecia ter se grudado ao dele e, a não ser que um tornado invadisse aquela sala, eu duvidava que qualquer outra coisa pudesse me afastar de Johnny.

Ele estava com uma das mãos no meu cabelo e a outra no meu quadril. Seus dedos se flexionavam contra a minha carne toda vez que eu me movia ao encontro das suas estocadas experientes. Seus quadris estavam se mexendo em um ritmo lento e entorpecente contra a minha virilha, circulando e se esfregando, me provocando dor e desejo por algo escondido bem fundo dentro de mim, algo que, a cada roçar dos seus lábios e a cada golpe da sua língua, estava mais perto do meu alcance.

— Eu só acho que a gente devia conversar... — Johnny tentou de novo, respirando forte contra os meus lábios. — Sobre nós. — Ele apoiou a sobrancelha contra a minha e me deu um beijo leve antes de continuar: — Só pra sabermos que estamos na mesma página.

— Sério? — soltei, escorregando as mãos debaixo da sua camiseta e estremecendo ao ser recebida pela sua carne quente e sarada. Tive que conter um gemido quando senti seu

abdômen se contrair com o meu toque. — Eu, hum... acho... — Distraída e acalorada, balancei a cabeça, tentando desesperadamente limpar meus pensamentos cheios de luxúria. — Tem certeza?

— Não — ele grunhiu de um jeito sofrido e ambivalente. — Só acho que talvez a gente devesse... — Ele continuou se esfregando em mim enquanto falava, angulando aqueles quadris mágicos de forma que causassem o máximo de estrago nos meus nervos. — Conversar, quero dizer. — Ele me encarou fixamente por um longo e tenso instante e, depois, soltou um suspiro pesado. — Sobre a gente. — Um enorme tremor percorreu seu corpo poderoso. — Ah, foda-se... — Então ele estava de volta, me beijando, se movendo contra mim, me fazendo tremer e me arrepiar todinha.

Ficamos daquele jeito pelo que pareceram horas, totalmente vestidos, só nos beijando e nos amassando, nos tocando e sussurrando, até que não restasse um grama de energia restante no meu corpo.

— Você está bem? — ele sussurrou, roçando o nariz na minha bochecha.

Assenti, suspirei de contentamento e apertei os dedos na sua cintura, querendo nada mais que mantê-lo ali comigo para sempre.

— Só estou cansada.

Ele enterrou o rosto no meu pescoço e respirou fundo antes de se afastar, ajoelhado entre as minhas pernas. Um calafrio percorreu meu corpo quando sua pele se distanciou da minha. O fogo estava quase apagado, só havia uma brasa laranja

rebelde na lareira, e o ar da noite estava se infiltrando em meus ossos.

Inclinando-se para o lado, ele pegou o celular da mesa de centro, derrubando a caixa de pizza vazia no processo.

— Merda — ele murmurou, virando a tela para mim. — São três e meia da manhã. — Acendeu a lanterna do celular para que pudéssemos enxergar na escuridão antes de colocá-lo de volta na mesa e sair rígido do sofá. — Não vi o tempo passar.

Fiquei dolorosamente tímida quando me levantei e o observei esticar os braços poderosos sobre a cabeça antes de enfiar a mão dentro da calça de moletom sem cerimônia para se *ajeitar*.

— Quer ir lá pra cima? — ele perguntou, dando um bocejo sonolento. — Tem tipo meia dúzia de quartos de hóspedes aqui. Posso te colocar em um deles.

Não, quero ficar com você.

Me mexi, desconfortável, trocando o peso de um pé para o outro.

— Eu não ligo.

— Quer ficar aqui embaixo comigo? — ele perguntou com um tom mais sério. — Joey está no meu quarto, então eu ia ficar no sofá...

— Com você — soltei, já acenando a cabeça. — Prefiro ficar com você.

— Só pra dormir — ele acrescentou, com uma voz tensa. — Está bem?

— Certo.

— Certo.

Ele assentiu, levou a mão para trás da cabeça e tirou o moletom e a camiseta.

Fiquei feliz com a escuridão naquele momento porque sabia que minhas bochechas estavam brilhando em vermelho vivo só de olhar para ele.

Ele era tão lindo que até doía olhar.

Com aqueles músculos finamente esculpidos e aquela carne tonificada.

— Não estou tendo ideias, prometo — ele falou enquanto empurrava a calça para baixo e pisava para o lado, ficando de pé com sua boxer apertada ostentando uma saliência na frente. — Só não consigo dormir de roupa, ou vou virar uma fornalha.

— C-certo. — Eu é que não ia reclamar. — Entendi.

Congelada no lugar, fiquei observando-o pegar o celular e o cobertor e subir desajeitadamente no sofá, estremecendo a cada movimento rígido até estar deitado de lado, com as costas no encosto do sofá e o cobertor cobrindo sua cintura.

— Você vem? — ele perguntou, segurando o cobertor com a mão e dando tapinhas no espaço à sua frente com a outra.

Devagar, me abaixei para me deitar com as costas voltadas para ele.

Johnny desligou a lanterna do celular e o atirou no chão antes de nos cobrir.

— Relaxa — ele sussurrou, me puxando para si com a mão que estava embaixo de mim. — Só vamos dormir. — Ele me envolveu com o outro braço em uma conchinha apertada. —

Você está segura. — Senti seus lábios na minha nuca e um arrepio percorreu meu corpo. — Prometo.

Coloquei as mãos no seu braço e fiquei apenas sentindo sua pele, absorvendo a sensação do seu corpo alinhado com o meu. Absorvendo sua força, seu cheiro, seu toque, o som da sua respiração... Devorei cada segundo desse momento e o tranquei em uma cápsula do tempo no fundo da minha mente, mantendo-o seguro com todos os outros tesouros, torcendo para ter mais coisas para acrescentar ali.

— Não me solte, está bem?

— Não vou soltar — ele prometeu, me apertando mais.

Eu sabia que estaria encrencada no dia seguinte. Quando eu chegasse em casa, seria recebida por expressões duras feito pedra e sermões acalorados, mas naquela hora não consegui encontrar preocupação alguma no meu coração.

Johnny ficou passando a mão na lateral do meu corpo sem parar, com um toque leve como uma pena.

— Como você se sentiu? — ele perguntou, roçando os lábios no lóbulo da minha orelha. Seus dedos permaneceram alisando minha pele. — Aquele dia?

Eu sabia exatamente do que ele estava falando: daquele dia na cozinha.

— Hum... — Fechei os olhos e pensei bastante antes de responder: — Me senti... injustiçada.

— Injustiçada?

Assenti de leve e o apertei com mais força.

— Porque pensei que era o fim e eu não estava pronta.

— Pronta?

— Para o fim da minha vida.

Ele respirou fundo.

— Sua vida não acabou, Shannon.

— Não. — Fechei os olhos com força e lutei contra uma onda de tristeza, sabendo no fundo do coração que estávamos pensando em coisas opostas. — Não acabou.

— Sinto muito pelo que aconteceu com você — ele sussurrou. — Sei que isso não significa nada e provavelmente é a pior coisa que eu poderia falar pra uma pessoa na sua situação, mas é verdade. — Ele enterrou o rosto no meu pescoço e falou baixinho: — Sinto muito por você ter essas pessoas como seus pais.

Uma lágrima traiçoeira escorreu pela minha bochecha, seguida por outra e mais outra.

— Eu pensei em você naquela hora — confessei, mordendo meu lábio com tanta força que senti o familiar gosto metálico na boca.

— Em mim?

Assenti e enxuguei a bochecha no seu braço.

— Eu sabia o que estava acontecendo, sabia que não podia impedir nada, então só pensei na minha lembrança mais feliz e me agarrei nela.

— Qual é?

— Você e eu... — sussurrei, estremecendo. — Lembrei das coisas que você me disse no hospital. E nas outras vezes também. Evoquei você na minha cabeça e me concentrei no seu rosto. Imaginei a sua voz e só te mantive ali, na minha mente. Falando comigo. Me acalmando. Fazendo eu me sentir...

— Minha respiração ficou presa e tive que respirar fundo antes de terminar: — Segura.

— Nossa, Shannon — ele falou, me apertando ainda mais. — Você não sabe como eu queria ter estado lá.

O silêncio se instalou ao nosso redor, mas não era forçado ou tenso.

Era reconfortante.

Profundamente reconfortante.

Johnny levou um tempo para processar o que eu falei. Ele não me bombardeou com perguntas. Só *ficou* ali ao meu lado, fazendo uma pergunta por vez e se permitindo um tempo para compreender minha resposta e me oferecendo tempo para processar minha vida.

— Tudo o que me lembro é dos gritos constantes e do medo da dor — respondi várias horas depois, quando Johnny me perguntou sobre a minha infância.

O amanhecer produzia na sala uma luz sinistra e cinzenta, e nenhum de nós dois tinha pregado o olho. A claridade que entrava gradualmente pelas enormes janelas me ajudou a ver as sardas no seu antebraço, as cicatrizes nos seus dedos e as veias que pareciam saltar da sua pele firme banhada pelo sol.

— E daquela sensação na boca do meu estômago, o pavor... é a sensação mais familiar que conheço. Quase sinto que não estou bem quando não estou preocupada. Não fico bem quando me sinto bem. — Soltei um suspiro pesado e me concentrei nos seus dedos. Ele tinha dedos longos, com pontas ásperas e calejadas, e eu não conseguia parar de tocá-los. — Estou constantemente no limite o tempo todo, sempre

esperando a tristeza, porque é com isso que me acostumei... é o que estou programada pra sentir, esperar e viver. — Fiz uma careta e passei o dedo pelo seu dedão. — Bem, pelo menos é o que Patricia e Carmel dizem.

— Patricia, a assistente social — Johnny disse, se lembrando do nome que eu mencionei ao responder a uma das suas perguntas. Ele pegou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus, me *acalmando*. — E Carmel é...

— A terapeuta do hospital — completei, roçando o nariz no seu braço. — Se bem que só a vi duas vezes e não vou voltar.

A mão que subia e descia pelas minhas costelas parou.

— Por que não?

— Como é que posso confiar em alguém que só está lá porque está sendo *paga* pra me ouvir? Alguém que, quando dá cinco horas, não liga a mínima pra mim ou pros meus irmãos? — Balancei a cabeça. — Não, de jeito nenhum.

Johnny suspirou e retomou o carinho. Ele ficou em silêncio por um longo momento antes de dizer:

— Acho que você devia conversar com alguém sobre o que acontecia naquela casa.

— Estou fazendo isso — sussurrei.

— Não, Shan. Alguém que não eu — ele falou com tristeza. — Algum profissional com credenciais, que faça diferença na sua vida.

— Não tem por quê.

— Acho que tem.

— Acho que você está errado.

— E o Joey? — Johnny perguntou, mudando de assunto.

Congelei por um instante e depois me virei para encará-lo.

— O que você disse?

— E o Joey? Quem está ajudando ele? — Johnny perguntou, passando o dedão pela minha bochecha. — Você disse que as crianças estão recebendo aconselhamento e fazendo terapia lúdica. Sua mãe está fazendo terapia de trauma e um curso de pais fodidos. Darren está fazendo o que Darren faz, e seu pai de merda está desaparecido. Mas e o Joey? Ele está vendo alguém? Se estiver, acho que é melhor encontrar um novo terapeuta pra ele, porque o cara está todo cagado.

E o Joey?

Ele me perguntou sobre o Joey!

Essas palavras significavam mais para mim do que qualquer outra coisa que ele pudesse ter falado naquele momento.

Me apoiando no cotovelo, me inclinei e pressionei os lábios nos dele.

— Obrigada — sussurrei, recuando para observá-lo.

Ele franziu o cenho, confuso.

— Pelo quê?

— Por fazer as perguntas certas.

— Hum... Sem problemas.

Então algo ganhou vida na minha cabeça — uma pergunta que estava me torturando havia dias. Virando para o outro lado de novo, voltei a segurar seu braço enquanto lutava para reunir coragem.

— Posso te fazer outra pergunta? — Notei o tremor na minha voz, mas me obriguei a não recuar.

— Claro. — Ouvi-o bocejando atrás de mim e senti o calor do seu hálito no meu pescoço enquanto ele apertava os braços em volta de mim, se aconchegando nas minhas costas. — Pode perguntar.

Aí vai...

— Por que você gosta de mim?

Johnny ficou rígido.

— Por que eu... *o quê*?

— Gosta de mim — completei, com uma vozinha que era quase um sussurro. — Por quê?

Eu precisava saber. Não queria que ele me considerasse alguém digna de pena ou, pior, que só estivesse comigo porque tinha dó. Só de pensar nisso senti um gosto amargo na boca.

— Isto é... — Ele se interrompeu e saiu de trás de mim, se sentando no sofá. — Está falando sério?

Assenti, querendo não estar falando sério, querendo mais do que tudo que fosse só uma piada, mas sabendo que eu nunca poderia fazer isso, porque a resposta era importante demais para mim.

— Estou. — Fiquei de joelhos e me virei para ele. — Preciso saber.

— Eu não *gosto* de você, eu... — Balançando a cabeça, Johnny esfregou o queixo antes de voltar o olhar para mim. — Shannon, eu te amo.

Parei de respirar.

— Você me ama?

Ele fez que sim devagar, com os olhos azuis fixos nos meus.

— Tipo um absurdo do caralho.

— Sério?

— Sério — ele confirmou. — Eu pediria sua permissão, mas nem pedi a minha...

— Ah... — Soltei um suspiro trêmulo e assenti. — Está bem.

Johnny arqueou a sobrancelha.

— *Está bem*?

— Eu só... achei que você estava chapado quando falou isso aquela noite — soltei, me aproximando, até que meus joelhos encostaram na sua coxa. — Não achei que fosse pra valer.

— Eu definitivamente estava chapado aquela noite — ele concordou, se virando para mim. — E definitivamente foi pra valer.

Meu coração acelerou violentamente.

— É mesmo?

— Eu te *amo* — ele foi em frente e abalou meu mundo inteiro quando repetiu as palavras. — No presente, tipo, nesse instante. Talvez eu não devesse estar te falando isso... talvez eu esteja estragando tudo falando isso quando você está no meio do caos na sua família, mas é a verdade. — Ele deu de ombros, impotente. — Estou *apaixonado* por você. Acho que sinto isso há um tempo... há bastante tempo, se for ser totalmente sincero. — Ele deu um suspiro trêmulo e acrescentou: — E isso me assusta pra caralho, mais que a ideia de não entrar pro

sub-20. *Você* me assusta mais do que qualquer um que eu já enfrentei em campo.

— Nossa. — Soltei um suspiro trêmulo. — Não acredito que você falou tudo isso.

— Eu sei. — Ele pareceu um pouco enjoado quando disse: — Fiz merda, né?

— Também te amo — confessei, sentindo uma onda de calor correndo pelo meu corpo. — Tipo um absurdo do caralho — acrescentei, devolvendo suas palavras para ele.

— É mesmo? — O sorriso de Johnny era de tirar o fôlego, expondo totalmente suas covinhas, e arrancou o ar dos meus pulmões. — Sério?

Assenti solenemente.

— Sério.

Ainda sorrindo, ele balançou a cabeça como se para organizar os pensamentos e disse:

— E voltando à sua pergunta de antes, eu gosto de você porque você é você, Shannon. Nunca conheci ninguém como você.

Franzi o nariz.

— Ninguém tão cagado quanto eu.

— *Não*, ninguém tão gentil, atenciosa, confiável e leal quanto *você* — ele me corrigiu. — E tão linda. Meu Deus, você é tão linda que até *dói* te olhar. Nunca vi ninguém como você na vida.

Eu derreti no sofá.

— Johnny...

— Não, não, deixa eu botar pra fora antes de perder a coragem — ele disse apressado e agitado.

Fechei a boca e assenti.

Soltando outro suspiro trêmulo, ele continuou:

— É como se você me *enxergasse*... e eu te enxergasse também. Nossa, acho que você me viu de verdade naquele primeiro dia no campo da escola, porque eu certamente nunca mais fui o mesmo desde então, Shannon. Você não dá a menor bola pro rúgbi. Você nunca ligou e isso me deixou *perplexo* porque não estou acostumado... Não estou acostumado com alguém interessado em mim por... bem, por mim. Mas você se interessou. E você reparou em mim. Você viu coisas que ninguém mais viu, coisas que eu não queria reconhecer em mim mesmo. — Ele passou a mão pelo cabelo e murchou, curvando os ombros. — Fiquei com medo, Shannon. Fiquei com medo pra caralho do que eu sentia por você. Ainda tenho medo. Você me deixa morrendo de medo... Nem sei direito o motivo, porque, sinceramente, não sei o que diabos está acontecendo. Minha cabeça está em frangalhos e estou tão longe da minha zona de conforto que me sinto meio na corda bamba, mas sei que não existe outra pessoa por quem eu me arriscaria *voluntariamente* como fiz com você. — Ele deu de ombros, impotente. — Como estou fazendo agora.

— Johnny, eu... — Abri a boca para falar alguma coisa, *qualquer coisa*, mas não consegui falar nada. Era como se eu estivesse me afogando nos meus sentimentos. Eu *sabia* que estava me afogando *nele*. — Eu...

— E eu sei o que você está pensando — ele acrescentou, agitado. — Você acha que só estou aqui por causa do seu pai. Você acha que eu tenho pena de você.

O ar ficou preso na minha garganta.

— Não.

— Mentirosa. — Ele se aproximou, colocou a enorme mão na minha bochecha e pressionou a testa na minha. — Posso te ler feito um livro.

— Está bem, meio que sim — admiti.

— Bem, você está errada. — Senti seu hálito no meu rosto, o que me deixou um pouco zonza. — Eu quero você porque você me deixa louco pra caralho. E sim, não vou mentir, sinto muito pelas coisas que aconteceram com você — ele acrescentou. — Eu seria um babaca coração de gelo se não sentisse, mas isso não tem nada a ver com o motivo de eu querer ficar com você. Estou aqui porque preciso de você.

Meu coração batia tão rápido que temi que fosse explodir.

— Você precisa de mim?

— Você acha que é o contrário, mas não é — ele falou. — Eu também preciso de você, porque você acalma algo dentro de mim. Você faz eu me sentir *bem*. Como se eu não precisasse... — Ele parou de falar por um instante enquanto refletia sobre o que queria dizer. — Você me faz sentir que sou o suficiente — ele finalmente admitiu. — Como se não fosse um problema isso ser o meu máximo ou eu não entrar no time.

— Você *é* o suficiente — falei baixinho, colocando a mão no seu pescoço. — Exatamente desse jeito. — Desesperada para

confortá-lo, passei a perna por cima da perna dele e subi no seu colo, sabendo que não devia fazer isso, pois ele ainda estava se recuperando, mas eu não tinha o menor autocontrole. — Você é tão bom! — falei, passando os dedos pelo seu cabelo e puxando-o para perto. — Você é uma pessoa muito *boa*, Johnny Kavanagh, e nem se dá conta. Você não vê que o rúgbi tem pouco a ver com o que te torna especial. Mas eu vejo. Eu vejo e eu sei.

— Está vendo? — Ele colocou as mãos nos meus quadris e respirou fundo, trêmulo. — Você diz e eu acredito.

— Porque é *verdade* — soltei, respirando forte e rápido. — Eu só... nossa, você não faz ideia do quanto é incrível.

— Do que você precisa de mim, Shannon? — perguntei com a voz rouca e embargada. — Eu te dou tudo o que você precisar, baby. — Balançando a cabeça, ele grunhiu como se estivesse com dor. — Eu só... quero te fazer feliz.

— Preciso de você — sussurrei. — De você todinho.

— Eu já sou seu — ele falou e, então, cobriu meus lábios com os seus.

Meu coração martelou forte dentro do meu peito e meu corpo começou a doer e latejar. Senti uma dor profunda dentro de mim que só ele podia curar. Na verdade, eu tinha quase certeza de que nunca curaria a necessidade que eu tinha de apenas *estar* com ele. Fechando os olhos, segurei seus braços e o beijei de volta, me afogando nas sensações que rasgavam minhas entranhas.

Talvez Darren tivesse razão e eu estivesse envolvida demais, mas meu coração não conseguia se importar com isso.

Tudo dentro de mim foi engolido por ele e eu não conseguia ver nada além disso — eu não conseguia pensar e só fui arrastada pela onda de sentimentos que eu tinha por ele. Até meu cérebro, a parte que deveria ser cautelosa, estava me encorajando a ser imprudente com meu coração; a me entregar com tudo para esse garoto e confiar que ele não me machucaria.

E eu estava entregue.

21

LÁGRIMAS, AMEAÇAS E CHALEIRAS

Johnny

Eu sabia que estava ferrado antes mesmo de abrir os olhos.

O tom da minha mãe berrando meu nome da cobertura era prova disso.

— Jonathan Kavanagh! — Sua voz cortou o silêncio, seguida por saltos altos ressoando pelos ladrilhos. — É melhor você sair de onde quer que esteja se escondendo e explicar o que diabos está acontecendo aqui!

Assustado, me levantei de um pulo, ainda meio dormindo, e pisquei rapidamente, tentando processar o que estava rolando.

— Aí está você! — minha mãe vociferou. — O que está fazendo na sala?

Eu estava na sala?

Apoiei o braço no encosto do sofá e olhei para ela, perdido.

— Eu, ah... — Bocejei alto e encolhi os ombros. — Hã?

— Você tem alguma ideia do motivo de Marie Lynch ter deixado uma mensagem no celular do seu pai hoje cedo procurando pela filha? — ela perguntou, parada na porta com as mãos nos quadris.

— *O quê*? — Coçando o peito, falei: — Marie quem?

— Marie Lynch! — ela berrou. — A mãe da Shannon.

Puta merda.

— E aí? Estou esperando uma explicação, Johnny!

A pequena bola de calor fazendo pressão ao meu lado começou a se mexer e um par de olhos azuis noturnos espiou por baixo do cobertor.

Puta merda ao quadrado.

Os eventos da noite passada voltaram com tudo, trazendo consigo uma onda de calor direto para o meu pau.

— *Oi* — Shannon balbuciou, me encarando de olhos arregalados e aterrorizados, enfiando o cobertor entre os dedos. — *Me ajuda*.

De onde minha mãe estava, só dava para ver as costas do sofá. Eu poderia chorar pelo alívio temporário que me invadiu nessa hora.

— *O que eu faço?* — ela perguntou só com a boca. — *Devo me levantar?*

Com certeza não!

— Você acreditaria em mim se eu te falasse que não sei? — eu disse para a minha mãe, cobrindo a cabeça da Shannon com o cobertor e subindo em cima dela desajeitadamente,

contendo a vontade de gritar quando a dor no meu pau me atravessou feito uma bala.

Fique abaixada, implorei mentalmente para Shannon enquanto ficava de pé. *Por favor, fique abaixada.*

— Nem um pouco — minha mãe devolveu, me observando feito uma águia. — Por que você está pelado?

Olhei para a minha cueca e dei de ombros, fingindo indiferença.

— Não estou pelado.

Ela estreitou os olhos.

— Então por que você está deitado no meu lindo sofá de couro de ceroulas?

— Ceroulas? — Lancei um olhar indignado para ela. — Eu por acaso tenho dez anos?

— Não, você tem quase dezoito e está seminu — ela falou, furiosa. — E tem uma certa garota desaparecida... de quem você gosta bastante, cuja mãe está me ligando sem parar...

Cocei a cabeça, sabendo que eu estava completamente ferrado, mas, mesmo assim, batalhando para encontrar uma saída.

— Pensei ter ouvido que ela ligou pro celular do papai.

— E seu pai deu o *meu* número pra ela — ela disse, ficando roxa.

Meu Deus, eu estava mortinho da Silva.

— Fiquei no telefone ouvindo aquela maldita mulher zumbindo na minha orelha durante toda a viagem desde Dublin, exigindo que eu devolvesse a filha de dezesseis anos antes que ela chamasse a Gardaí pra ir atrás de você.

— Você não devia falar no telefone dirigindo, mãe — resolvi cutucar a onça. — Não é bom.

— Eu estava de fone, Jonathan — ela grunhiu. — Agora me responda: você sabe onde ela está ou não?

— Não faço ideia — menti com os dentes cerrados. — Foi mal.

— Se você souber onde ela está, precisa me dizer agora — ela insistiu, me olhando com aquela cara de "não brinque comigo".

— Não sei mesmo — respondi. — Desculpa.

— Você sabe o que é estupro de vulnerável, Johnny? — ela rosnou, furiosa. — Porque Marie Lynch usou esse termo várias vezes no telefone comigo! E se você esteve com Shannon... se ela estiver aqui agora e você estiver mentindo pra mim, vai ter sérios problemas, mocinho.

— Mas que *porra*? — vociferei, horrorizado. — Ela falou isso? Está falando sério?

— Sim, ela falou isso, e não foi a primeira vez — ela disse, tremendo. — Você tem ideia do estrago que uma acusação dessas pode fazer pro futuro de um garoto, especialmente na sua posição? — Ela agitou as mãos para dar ênfase. — Você poderia se despedir da sua carreira no rúgbi, com certeza!

— Eu *não* fiz *nada*.

— Ela é *menor de idade*, Johnny — ela retorquiu. — O irmão dela jurou que ela saiu de casa com você ontem e convenientemente não voltou depois. — Com os olhos cintilando, ela acrescentou: — Já que você é o matemático da família, faça as malditas contas!

Encarei-a, irritado.

— Então só porque o irmão dela acha que ela está comigo, isso me torna um estuprador?

— Quer dizer que, se ela não voltar pra casa, a mãe dela vai chamar a Gardaí e você vai ser o primeiro...

— Não deixe ela chamar a polícia, sra. Kavanagh.

Abaixei a cabeça.

Puta. Merda.

Saindo de baixo do cobertor, Shannon ficou de pé.

— Estou aqui. — Respirando com mais dificuldade que o normal, ela fez uma careta e apertou a lateral da barriga. — E sinto muito. Sei que eu não devia estar aqui, mas... eu não queria... a gente não...

Minha mãe ficou boquiaberta, horrorizada.

— *Shannon*?

— Não é o que parece — me apressei para acalmar a situação, se é que era possível. — A gente estava vendo um filme. Não fizemos nada, mãe...

— Shannon — minha mãe falou, se aproximando.

— A gente estava dormindo — repeti, me colocando diante de Shannon. — Só dormindo. Eu não toquei nela. Eu juro, não encostei um dedo...

— Cale a boca, Johnny! — minha mãe vociferou.

Fechei a boca depressa e olhei para ela com desconfiança enquanto ela chegava mais perto.

Com as pernas trêmulas, ela foi até a lareira e apoiou a mão contra ela. A outra mão ainda estava pressionada contra a boca e lágrimas enchiam seus olhos.

— A gente não fez nada — falei mais uma vez com o cenho franzido. — E olha... — Apontei para o jeans e a blusinha branca levemente torta que Shannon estava usando. — Ela está completamente vestida, então relaxa, está bem? — *E não me mate muito*.

Balançando a cabeça, ela foi até a mesinha de centro e se abaixou.

— Ah, meu Deus — ela soltou com uma voz estrangulada, levando as mãos à cabeça. — Jesus, Maria, José!

Levei um instante para entender o que estava acontecendo e por que minha mãe não estava me puxando pela orelha, quando me dei conta de que essa era a primeira vez que ela via Shannon desde o ataque. Sim, eu estava chamando de aquilo ataque porque foi exatamente isso. Um *ataque*.

Todo o rosto de Shannon era um mapa de hematomas e marcas, e minha mãe ficou abalada.

Que bom, pensei comigo mesmo. *Se coloque no meu lugar e me diga o que fazer. Me diga como posso levá-la de volta para aquela casa?*

— Me desculpe, sra. Kavanagh — Shannon falou, se balançando ansiosa ao meu lado.

— Ei... — Peguei sua mão e lhe fiz carinho com o dedão, desesperado para acalmá-la. — Shh, está tudo bem.

Shannon olhou para as nossas mãos e depois para mim.

— Me desculpe, Johnny.

— Você não fez nada de errado — falei em um tom firme.

— Eu só... eu não queria voltar pra casa ontem — ela continuou, respirando com dificuldade, olhando para a minha

mãe. — Sinto muito mesmo por ter causado tanto incômodo, sra. Kavanagh. Eu não queria chatear a senhora...

— Não estou chateada com você, querida — minha mãe a interrompeu, levemente recomposta, e se levantou. — Não se preocupa.

— Eu vou embora — Shannon falou depressa. — Agora mesmo, prometo.

Minha mãe deu um suspiro pesado.

— Não precisa, Shannon, querida.

— Não precisa? — perguntei.

— Não preciso?

— Vamos tomar um chá primeiro. — Enxugando as bochechas com o dorso da mão, ela abriu um sorriso caloroso para Shannon. — E depois vamos resolver tudo, está bem, querida?

— Sim. — Shannon soltou um suspiro trêmulo e assentiu. — Está bem.

— Agora... — Ela se virou para mim. — Tem mais alguma surpresa pra mim? — Havia um tom provocador na sua voz. — Tem mais algum filho dela na minha casa, por acaso?

Me mexi, sem jeito.

— Ah, talvez um ou dois.

Ela deu risada.

Eu não.

— Obrigado pela cama, Kavanagh — uma voz familiar falou do corredor, escolhendo a pior hora possível para acordar da chapação. — Posso pegar um moletom emprestado?

Puta merda.

Os olhos de mamãe se arregalaram.

— E quem seria esse?

— Ah, esse seria o Joey — murmurei, esfregando o queixo.

— E quem é o Joey?

— Meu irmão — Shannon falou baixinho.

— Tem mais algum Lynch na minha casa, Jonathan?

— Não — respondi sem olhá-la nos olhos. — Só esses dois.

— Jesus, Maria, José e o burro — minha mãe resmungou, seguindo para o corredor. — O que é que vou fazer com você?

— Ela está brava? — Shannon perguntou, chamando minha atenção. Seus olhos estavam arregalados e em pânico. Seu corpo todo estava duro feito pedra. — Você vai ter problemas por minha causa?

Provavelmente.

— Não — respondi, mantendo o tom gentil. — Ela só está preocupada.

— Você está? — Ela engoliu em seco. — Bravo?

Franzi as sobrancelhas.

— Com você?

Ela assentiu, parecendo doente.

— Não, Shan — falei devagar. — Não estou bravo com você.

— Não vou deixar minha mãe fazer nada contra você — ela disse, apertando minha mão com força. Seu peito subia e descia depressa enquanto ela falava e eu tinha a impressão de que ela ia vomitar ou ter um ataque de pânico. — O que quer

que ela diga... juro, Johnny, não vou deixar ela te ferrar... prometo, vou consertar tudo... só não me odeie, por favor...

Me inclinei e a beijei, sem saber o que mais fazer para tranquilizá-la.

Shannon relaxou em meus braços e senti a tensão deixando seu corpo enquanto seus membros se afrouxavam e suas mãos descansavam na minha cintura.

— Não tenho medo da sua mãe — falei, apoiando a testa na dela. — E eu jamais conseguiria te odiar. — Rocei os lábios nos dela. — Nem em um milhão de anos.

— Mas ela...

Beijei-a de novo, desta vez com mais força, deixando meu ponto claro com a minha língua.

— Sua mãe pode falar o que quiser. — Endireitando a postura, coloquei uma mecha rebelde de cabelo atrás da sua orelha e apoiei as mãos nos seus ombros magros. — Ela pode me ameaçar à vontade. Não vai mudar nada pra mim. — Suspirando diante da sua expressão desolada, pressionei as mãos no seu rosto e me aproximei. — Porque não vou a lugar algum.

— Sério? — Shannon sussurrou, me olhando com aqueles olhos solitários. Seus dedos se apertaram em mim com tanta força que tive a sensação de que fossem me deixar marcas. — Promete?

Lá ia ela me pedindo para prometer coisas que eu não tinha certeza se conseguiria cumprir e lá ia eu fazendo-as mesmo assim.

— Sim, Shan — falei. — Prometo.

Nossos lábios se tocaram novamente, roçando de leve, e eu soube ali mesmo que eu estava ferrado. Foi um beijo suave, delicado e inocente que carregava a força de uma vida porque, com aquele mínimo contato, ela deixou meus hormônios fora de controle e nocauteou meu coração.

Sabendo que precisava parar enquanto era tempo, quebrei o beijo, respirando forte, e peguei as roupas, decidindo que seria melhor enfrentar seu irmão de calças.

— Venha — falei, pegando a mão de Shannon depois de me vestir.

Puxando-a com gentileza, eu a levei para fora da sala de estar e direto para o matadouro — que, por acaso, era a cozinha. *Onde minha mãe guardava uma grande variedade de facas e outros utensílios afiados...*

Merda.

Ao chegar à cozinha, parei quando o som de vozes ecoou atrás da porta entreaberta.

— Ah, meu Deus, ele está falando com ela? — Shannon sussurrou de olhos arregalados ao ouvir a voz de Joey.

Bem, ele não estava gritando, o que era uma coisa boa, porque por mais pena que eu sentisse do irmão de Shannon, se ele planejava falar com a minha mãe do jeito como tinha falado comigo e com Gibsie na noite anterior, eu ia acabar perdendo a cabeça. Havia um limite na vida de todo homem que ninguém poderia ultrapassar. Esse limite para mim era minha mãe. Ninguém mexia com ela.

Empurrei a porta e entrei com Shannon agarrada à minha mão como se ela fosse uma tábua de salvação.

Meus olhos percorreram o espaço e pousaram imediatamente em Joey, recostado na porta da lavanderia, todo preocupado e selvagem, mas olhando para a minha mãe com uma espécie de curiosidade relutante.

Ele estava visivelmente fodido, tendo voltado do que quer que tivesse tomado, e ali estava minha mãe, esquentando uns bolinhos e falando com ele sobre sabe Deus o quê.

O mais chocante de tudo é que tive a nítida impressão de que Joey estava realmente escutando. Franzindo o cenho, estudei-o com atenção. Meu Deus, ele estava ouvindo-a *mesmo*.

Ela estava de costas para a porta e não tinha notado a nossa presença, falando sem parar sobre alguma coisa. Joey, por outro lado, estava tão concentrado no que ela dizia que parecia alheio a tudo o que o cercava.

— Sabe, querido, tenho certeza de que ouvi algo sobre essa oficina — ela disse, colocando um prato de bolinhos no micro-ondas e ligando-o. — Definitivamente vou levar meu carro lá na próxima vez que precisar.

— Sério? — ele perguntou com uma voz baixa e hesitante. Ele ficou mexendo nas mangas, nervoso. — Não precisa.

— Eu adoraria — ela respondeu, pegando vários potes de geleia no armário de cima. — Há quanto tempo você trabalha lá?

— Desde que eu tinha uns doze ou treze anos — ele murmurou, agitado e desconfortável, com os olhos cautelosos ainda fixos na minha mãe. — Trabalho desde a terceira série.

Ela congelou por um momento antes de se recuperar.

— Tão novo?

Ele deu de ombros sem se constranger.

— Precisava do dinheiro.

— E você gosta? — ela perguntou, pegando a chaleira. — De mecânica? É algo que você tem vontade de se dedicar depois que terminar a escola?

Ele encolheu os ombros rigidamente.

— Paga bem.

— Que bom pra você, Joey Lynch! — ela falou, colocando uns saquinhos de chá no recipiente. — Trabalhando todas essas horas depois da escola. — Ela encheu a chaleira de água fervente. — E bem no seu último ano. — Ela abaixou o chá e sorriu para ele. — Você deveria ter orgulho de si mesmo.

As sobrancelhas de Joey se franziram tanto que parecia que ele estava com enxaqueca.

— Por quê?

— Por que o quê, querido? — ela perguntou com doçura.

— Nada. — Ele se mexeu de novo, puxando as mangas até os nós dos dedos apenas para arregaçá-las novamente um momento depois. — Não importa.

— Importa, sim — ela respondeu suavemente. — Diga o que você ia dizer, querido. Estou ouvindo.

— Eu, hum... eu... — Os olhos verdes e selvagens de Joey se voltaram para mim antes de se cravarem em Shannon. Um alívio imediato varreu suas feições. — Está tudo bem, Shan? — ele falou, mostrando o primeiro sinal de afeição genuína desde que chegou. — O que está rolando? — Fiquei olhando para ele observando a irmã, percorrendo o rosto dela com os olhos, e notei um vislumbre de culpa e dor. — Você está bem?

— Oi, Joe — Shannon falou em um tom carregado de emoção. Ela fez que sim e depois perguntou: — E você?

— Tudo bem — foi a sua resposta de merda, porque aquele cara estava bem longe de estar *bem*. — Kavanagh — ele disse, me oferecendo um aceno duro. — Obrigado de novo.

— Sempre que precisar — eu disse.

Sentindo a necessidade de fazer alguma coisa, soltei a mão de Shannon e me aproximei da minha mãe, pegando o prato de bolinhos no micro-ondas.

— Que cheiro bom, mãe!

Peguei um bolinho do prato e o enfiei na boca, ignorando a queimação na minha língua, enquanto seguia para a ilha. Os bolinhos realmente estavam cheirando bem, mas não era por isso que eu estava me engasgando tentando engolir um deles às pressas. Era porque eu queria que aqueles dois comessem alguma coisa.

— Tenha educação, Johnny — minha mãe me repreendeu. Em um tom muito mais suave, ela falou: — Joey, Shannon, por que não se sentam pro café da manhã?

Nenhum deles se mexeu.

Olhei para o rosto desconfiado de Shannon e depois para o seu irmão, e meu sangue ferveu até virar lava nas minhas veias.

Meu Deus, que porra aquelas pessoas fizeram com eles?

Colocando o prato no balcão de mármore, puxei um banco, me sentei com cuidado, dei tapinhas no banco ao meu lado e comecei a contar na minha cabeça.

Quatro, três, dois, um...

Feito um potrinho arisco, Shannon moveu as pernas na minha direção, como eu esperava, e se sentou ao meu lado. Ela precisou de três tentativas para conseguir se acomodar, mas, ao contrário da última vez, quando estávamos sozinhos, eu não me movi para levantá-la por dois motivos muito óbvios.

Primeiro, minha mãe estava conduzindo essa situação extremamente bem, dadas as circunstâncias, e eu não queria brincar com a sorte.

Segundo, o irmão dela estava me observando como se não soubesse se queria confiar em mim ou me esganar.

Quando Shannon finalmente conseguiu se sentar, sorri para ela. Ela ficou vermelha feito um pimentão e abaixou o olhar para o balcão, com os ombros curvados.

Meu Deus, ela tinha retomado aquele comportamento nervoso.

Era como se a noite anterior não tivesse acontecido, e se ela não estivesse sentada bem ao meu lado, eu teria pensado que tinha inventado toda a coisa na minha cabeça.

Joey esperou um instante a mais antes de soltar o ar e se aproximar da ilha. Puxando um banco ao lado da irmã, ele se sentou e apoiou os cotovelos no balcão, balançando a cabeça e tamborilando os dedos inquietos.

— Agora... — Colocando a chaleira na nossa frente, minha mãe ficou indo e voltando dos armários, dispondo copos e pratinhos na ilha da cozinha, que ficou parecendo o chá da tarde de um maldito hotel. — Comam — ela nos encorajou, afundando no banco do outro lado.

Sem precisar de encorajamento nenhum, me entupi alegremente, atacando a comida que eu jamais tocaria se estivesse treinando, mas eles não moveram um dedo.

— Vamos. — Empurrando o prato na direção de Shannon e Joey, ela abriu um sorriso. — Vou ficar ofendida se não provarem nenhum.

Com o canto do olho, notei a comunicação silenciosa deles. Ninguém falou nada, mas eu sabia que algo estava se passando ali.

Então ambos se moveram em sincronia, pegando um bolinho.

Obrigado, meu Deus.

O alívio cintilou nos olhos da minha mãe enquanto ela observava os Lynch devorando os bolinhos sobre a borda da caneca de café. Seus olhos marejados se voltaram para mim, e eu lhe lancei um olhar que dizia "*eu sei*".

Balançando a cabeça de leve, ela estampou um sorriso alegre no rosto e fez o que fazia melhor: tagarelar e se intrometer. A mulher tinha uma lábia talentosa e era capaz de conversar sobre qualquer coisa. Eu não fazia ideia do que tinha dado errado ou por que esse gene específico não tinha sido transmitido para mim, mas fiquei grato, observando minha mãe papear com eles.

Estava grato por ela estar ali.

Grato por ela não ter surtado comigo por eu ter passado a noite com uma garota.

Grato por *ela* ser minha mãe.

— Johnny — ela falou depois de uma hora de conversinha amena. — Temos que ir daqui a pouco. Você tem fisioterapia em uma hora, querido.

Meu coração foi parar no traseiro.

— Eu... — Fiz uma pausa para olhar para Shannon e depois para a ela. — Não preciso ir.

As sobrancelhas dela se ergueram de surpresa.

— Não?

Hesitei por um segundo e foi tudo o que bastou para que Shannon se levantasse do banco e anunciasse:

— A gente precisa ir, Joe.

— É. — Balançando a cabeça, ele também se levantou. — Vamos.

— Vocês não precisam ir — falei depressa, desesperado diante da ideia de deixá-la ir. — Não tenho que ir pra fisio. Não é importante. Posso perder um dia. Não vai me matar.

— Não, você precisa ir — Shannon respondeu. — E a gente precisa ir pra casa. — Ela olhou para o irmão. — Né?

Agora era a vez de Joey hesitar, parado no meio da minha cozinha, travando uma batalha interna.

— Certo — ele finalmente disse com uma voz estrangulada. — Casa.

— Eu levo vocês — minha mãe ofereceu, sacudindo a cabeça para mim quando abri a boca para protestar.

Passei a mão pelo cabelo, agitado.

— Mas eu só...

— Está ótimo, Kavanagh — Joey disse, me lançando um olhar intenso. — Você já fez o suficiente.

Não, não fiz.
Eu não tinha feito metade.

22

JOGANDO PARA BAIXO DO TAPETE

Johnny

Segurei a mão dela mais apertado que deveria, mas não consegui evitar. Levá-la de volta para aquela casa me parecia errado pra caralho. Mesmo ali, sentado no banco traseiro do Range Rover da minha mãe, com Shannon ao meu lado e Joey na frente, eu estava tendo dificuldade para lidar com os sentimentos que me consumiam. *Errado*, *errado*, *errado*. Era só o que eu conseguia pensar enquanto minha mãe pegava o caminho familiar para o conjunto habitacional deles.

O suor escorria pela minha testa enquanto meu corpo literalmente vibrava com mais emoções do que eu podia lidar. Era como se eu fosse explodir. Eu queria berrar *não volte lá*. Queria implorar para a minha mãe *fazer alguma coisa*. Para simplesmente *acabar com aquilo*.

A razão me dizia para ir para a fisioterapia, fazer as minhas coisas e me manter no maldito plano. O problema era que meu coração estava gritando outra coisa totalmente diferente. Eu precisava pensar nas consequências dos meus atos, mas elas simplesmente não me chamavam atenção naquele momento.

Merda, essa família vai acabar comigo.

Joey ficou quieto durante toda a viagem, com o corpo rígido, e estava na cara que ir para casa era a última coisa que ele queria fazer.

Mesmo assim ele estava indo.

Por *ela*.

Todo o foco de Shannon estava nas nossas mãos dadas. Ela estava segurando minha mão no seu colo com tanta força quanto eu segurava a dela.

Com a mão livre, ela passou o dedo esguio sobre o dorso da minha mão, sobre a cicatriz que eu tinha ganhado em uma partida de rúgbi anos atrás. Ela ficou tocando-a sem parar, correndo o dedo para cima e para baixo até que fiquei com vontade de afastá-lo, porque a ansiedade dela era palpável e estava me afogando. Seu cabelo estava caindo no seu rosto, escondendo-o atrás das mechas escuras, enquanto ela olhava para a cicatriz com atenção.

Várias vezes, coloquei a mão sobre a dela para estabilizá-la, mas no minuto em que a soltava, ela imediatamente recomeçava. Ao final, apenas desisti e a deixei fazer o que queria.

Quando minha mãe estacionou o range rover do lado de fora da casa, Joey e Shannon não moveram um músculo

sequer.

Ela desligou o motor, deu um suspiro pesado e soltou o cinto.

— Certo, vocês dois... — ela anunciou com uma voz tensa do esforço de parecer contente. — Vamos.

Fiquei com vontade de rugir para ela, implorar para que ela fizesse algo que no meu coração eu sabia que ela não podia fazer, porque o pânico que crescia dentro de mim diante da ideia de não poder mais ver Shannon, de não saber se ela estava bem ou não, estava me deixando louco.

— Obrigada pela carona, sra. Kavanagh — Shannon finalmente disse. Com um pequeno aceno, ela soltou minha mão, me deu um sorrisinho e soltou o cinto. — E pelos bolinhos.

— Sim — Joey acrescentou baixinho, abrindo a porta. — Obrigado a vocês dois.

— Vocês são mais que bem-vindos — minha mãe respondeu com a voz carregada. — Vamos, vou acompanhar vocês até a porta. Preciso dar uma palavrinha com a sua mãe.

— Esperem — eu disse quando Joey e minha mãe desceram do carro. Pegando a mão de Shannon, puxei-a de volta para dentro. — Não vai.

Os olhos de Shannon estavam arregalados e tomados pela confusão quando ela falou:

— Eu tenho que ir.

— Não — repeti, sabendo que estava pedindo algo impossível, mas pedindo mesmo assim. Balancei a cabeça e contive um rosnado. — Não estou gostando disso.

— Está tudo bem, Johnny — ela falou, soltando um suspiro fraco. — Estou bem.

Não, não, não!

— É só que... — Soltando o ar de um jeito sofrido, me recostei no assento e tentei pensar em alguma coisa, qualquer coisa, para impedir aquilo, mas não consegui. — Tem certeza que ele não vai voltar? — enfim perguntei, ainda segurando sua mão. — Tem certeza que vai ficar segura? — Me virei para ela. — Não aguento não saber... — falei com a voz embargada.

— Eu... — Ela fechou a boca e olhou para a minha mão antes de voltar a atenção para mim. — Vou ficar segura.

Ela não tinha certeza.

Ela não tinha certeza, porra. Nem eu.

Puta merda.

— Aqui. — Coloquei a mão no bolso, peguei o celular e o entreguei para ela. — Leve com você.

— O q-que você está fazendo? — Piscando para o celular na sua mão, ela sussurrou: — Por que está me dando o seu celular?

— Pra você poder me ligar.

— Mas este é o *seu* celular, Johnny. — Ela franziu as sobrancelhas. — Como é que eu vou...

— Eu te ligo, que tal? — Meu coração estava martelando dentro do meu peito. — Vou usar outro telefone pra te ligar.

Ela começou a balançar a cabeça.

— Não, não, não, não precisa fazer isso por mim...

— Preciso que você faça isso por *mim* — falei, interrompendo-a. — Preciso que você fique com o meu

celular, Shannon. — Com os olhos, implorei para que ela fizesse o que eu estava lhe pedindo. — *Por favor*.

— Está bem, mas vou te devolver depois — ela falou com a voz trêmula. — Não posso ficar com ele, Johnny.

— Está bem — eu disse, relaxando de alívio ao observá-la guardando o aparelho no bolso do jeans largo. — Como quiser. Só fique com ele por enquanto.

— Como ousa? — uma voz esganiçada ecoou, fazendo Shannon dar um pulo de susto. — Onde está minha filha?

— Ah, meu Deus. — Seus olhos em pânico se fixaram nos meus. — Johnny, sinto muito — ela soltou antes de descer depressa do carro.

Virei para a janela e segurei um grunhido quando vi a mãe de Shannon apontando o dedo na cara da minha mãe.

A sra. Lynch estava chorando e berrando a plenos pulmões. Elas estavam no meio do jardim, com Darren no meio de mãos erguidas. Joey estava imóvel, recostado no muro que separava o jardim deles do vizinho.

— Você precisa se acalmar — minha mãe bradou, apesar de não estar nada calma. — Seus filhos estão te vendo.

Foi só então que percebi as três versões em miniatura de Joey parados na varanda, olhando para a cena sem mostrar emoção.

— E você precisa controlar o seu filho! — a sra. Lynch retorquiu, tremendo violentamente. — Pelo visto, ele não sabe ouvir não.

— O que você disse? — minha mãe sibilou, avançando para ela.

— Merda — murmurei, abrindo a porta do carro e arrastando meu traseiro defeituoso para fora do range rover.

— O que está fazendo? — Shannon saiu correndo na minha frente. — Mãe! — ela gritou, disparando para o jardim. — Mãe, para!

— Shannon! — a sra. Lynch falou, chorando e abraçando a filha.

— Não — Shannon sibilou, se afastando. — Não me toca.

Sua mãe estremeceu.

— Como você pôde fazer isso comigo? Como pôde não voltar pra casa, Shannon? — Ela soluçou alto, em prantos. — Como pôde nem se dar ao trabalho de ligar pra avisar onde estava?

— Por que eu ia *querer* voltar pra cá? — Shannon soltou, encarando a mãe. — Olhe só pra isso. — Ela acenou a mão para a mãe. — Olha o que você está fazendo!

— Fiquei preocupada com você! Fiquei morrendo de medo.

— Eu estava *bem* — Shannon devolveu, tremendo. — Estava mais que bem, mãe. Estava *segura*!

— Shannon, meu bem, se acalme — minha mãe pediu suavemente, passando a mão no braço de Shannon. — Não se estresse, querida.

— Quem diabos você acha que é? Mantendo meus filhos na sua casa sem a minha permissão? — a sra. Lynch estava praticamente gritando, com o rosto vermelho. — E não ouse tocar na minha filha — ela acrescentou, arrancando Shannon do alcance da minha mãe.

Ah, não.

Não, caralho.

Não faça isso, mãe.

Faça a coisa certa...

— Talvez você devesse falar isso pro seu marido — minha mãe devolveu, nervosa. — Quando ele estava espancando essa garota!

Ah, meu Deus, ela não falou isso...

— Como ousa? — a sra. Lynch gritou. — Você não faz ideia do que a gente está passando. Não faz a menor ideia.

— Mãe, você precisa se acalmar — Darren falou calmamente. — E a senhora precisa ir — ele disse para a minha mãe. — Agora.

— Sinto muito — Shannon falou, soluçando e pressionando a mão no rosto. — Me desculpe, sra. Kavanagh.

— Não ouse voltar na minha casa! — a sra. Lynch sibilou conforme eu me aproximava. — Fique longe.

— Relaxa. — Ergui as mãos como se fosse a porra de um criminoso, mas, apesar do aviso, continuei avançando, porque deixar minha mãe ali sozinha estava fora de cogitação. — Não sei o que você acha que eu fiz, sra. Lynch — acrescentei com cuidado. — Mas juro que não fiz nada.

— Eu falei pra você deixar Shannon em paz — ela sibilou para mim. — Falei pra você se manter longe, e o que você fez? Você tirou minha filha menor de idade de casa e a manteve fora a noite toda. — Ela acrescentou em um tom sarcástico: — Estou querendo chamar a Gardaí pra dar uma conferida em você.

— Deixe ele em paz — Shannon pediu, ainda soluçando, intercedendo por mim. — Meu Deus, Johnny, me desculpe.

— Eu não fiz nada — repeti devagar, envolvendo Shannon com o braço quando ela se atirou em mim.

— Me desculpe — ela continuou falando sem parar. — Johnny, me desculpe.

— Tudo bem — sussurrei, abraçando-a com mais força. — Não se preocupe.

Ela chorou bastante no meu peito. Estava sangrando através das lágrimas. Liberando toda a dor e a raiva, a devastação e o medo, e eu quis salvá-la de tudo isso. Suas lágrimas se derramaram sobre mim, me afogando com ela, e foi nesse exato momento que senti a mudança — de algo doce e inocente para algo profundamente complicado, temperado com um toque de eternidade.

Eu estava completamente ferrado.

— Não se preocupe? — a sra. Lynch vociferou. — Você vai ter muito com o que se preocupar se não deixar minha filha em paz.

— Não quero que ele me deixe em paz! — Shannon gritou, literalmente gritou com toda a força. — Eu *amo* ele! — sua voz falhou. — Estou apaixonada por ele, mãe!

Por um instante, só fiquei ali parado, encarando-a perplexo.

Ela falou de novo.

Ela falou que me amava na frente de toda a família.

Bem, nossa...

— Ele está se aproveitando de você, Shannon — a sra. Lynch falou. — Como não consegue ver?

Surpreendentemente, não fiquei nem bravo com ela. Tudo o que senti naquela hora foi pena daquela mulher. Pura pena por ela estar tão mal.

— Eu não faria isso, sra. Lynch — eu disse com uma voz suave e persuasiva. — Eu nunca machucaria sua filha.

— Está acusando meu filho de algo? — minha mãe questionou. — Porque, se estiver, pode falar na minha cara, senhora.

Ah, meu Deus...

— Mãe, deixa pra lá — pedi.

— Não, Jonathan, não vou deixar pra lá — minha mãe devolveu, furiosa. — Se ela quer te acusar de algo, pode muito bem falar na minha cara!

— Você precisa ir embora, Johnny — Darren falou, com os olhos fixos nos meus. — Pega sua mãe e vaza.

— Se seu filho transou com a minha filha, é estupro de vulnerável — a sra. Lynch falou. — Shannon é menor de idade e não pode dar consentimento legalmente.

— Não é nada disso! — Shannon gritou, humilhada. — Ah, meu Deus, você precisa parar de falar!

— Mãe, para — Darren disse, com as bochechas vermelhas. — Você está exagerando.

— Exagerando pra caralho — minha mãe sibilou com os dentes cerrados, tremendo de nervoso.

— Se eu descobrir que seu filho botou a mão na minha filha, vou colocar ele na cadeia — a sra. Lynch ameaçou. —

Não pense que está acima da lei só porque tem dinheiro e um marido advogado. — Fungando, ela acrescentou: — Se eu souber que ele se aproveitou da minha filha, vou fazer uma denúncia.

— Mãe! — Shannon berrou na hora que disparei para a minha mãe.

— Mãe, não! — Sem me importar se eu ia estourar os pontos, me movi feito uma bala, interceptando-a quando sua mão voou. — Não — sibilei, envolvendo ambas as mãos na cintura dela e a puxando para longe. — Não vale a pena.

— Sua vadia! — minha mãe rosnou, me empurrando, tentando se soltar. — Quem diabos você pensa que é, ameaçando *meu* filho desse jeito? — Se debatendo contra mim, ela acrescentou: — Ele é um bom garoto! Bom demais pra gente da sua laia! Você precisa se concentrar na porra da sua família, senhora, porque se está pensando em trazer problemas pro meu filho, eu vou acabar com você. Ouviu? Eu vou *acabar* com você, Marie, e não vou precisar do meu marido nem de homem nenhum pra isso.

— Me desculpe! — Shannon continuava gritando, impotente. — Ah, meu Deus, me desculpe!

— Está tudo bem — falei, tirando minha mãe do jardim, ainda esperneando e chutando o ar. — Não é culpa sua.

— Johnny... — Sua voz falhou e ela chorou com força. — Eu... me desculpe.

Não parei até estar na frente do carro. Abri a porta e enfiei minha mãe lá dentro.

— Para! — esbravejei, respirando com dificuldade pelo esforço. — Meu Deus, mãe, se acalma!

Com o peito pesado, ela afundou no banco do motorista, tremendo da cabeça aos pés.

— Está bem. — Assentindo rigidamente, ela se ajeitou no assento e puxou o cinto. — Certo.

— Certo — confirmei com um suspiro. Bati a porta e dei a volta no Range Rover, mancando a cada passo conforme a dor queimava meu corpo.

— Não volte aqui! — a sra. Lynch gritou com a voz trêmula, parada no jardim, me observando. — Ou vai ver só.

Balançando a cabeça, engoli um milhão de "vai se foder" e me virei para Shannon, que estava abraçando Joey.

— Shannon Lynch? — gritei, ignorando toda a sua família fodida. — Eu também te amo.

Fungando, ela ergueu o queixo do peito de Joey e me encarou com olhos vermelhos e inchados.

— A-ainda?

— Ainda. — Assenti. — Tipo uma quantidade absurda do caralho.

Então me virei e entrei no carro antes que minha mãe decidisse perder a cabeça de novo.

23

ROUPA SUJA

Shannon

Era como se eu estivesse enfiada até a cintura nos escombros da tempestade que acabara de abalar o meu mundo e não fazia ideia de como prosseguir.

Agitada, tentei dar sentido aos eventos dos últimos dezesseis anos da minha vida, me concentrando nas últimas vinte e quatro horas.

Mamãe, *Darren*, *Joey*, *Johnny*, *Gibsie*, *Claire*, *sra. Kavanagh... meu pai.*

Sempre meu pai.

Aquela foi a xícara de chá mais desconfortável que eu já tinha bebido na vida, ali na cozinha da sra. Kavanagh, com Joey parecendo a visão do inferno ao meu lado, olhando confuso para o bolinho e o creme em seu pratinho. Eu não fazia ideia do que dizer para a mãe de Johnny, o que fazia os ataques de

soluços que a dominavam toda vez que ela olhava para mim e para Joey piorarem.

A viagem para casa também foi desconfortável, ligeiramente melhorada pela mão de Johnny na minha e pelo leve som da conversa entre a sra. Kavanagh e meu irmão. Acho que Joey ficou tão surpreso com a preocupação da sra. Kavanagh, tão surpresa com a sua gentileza, que, quando ela disse para ele subir no banco da frente do seu Range Rover, ele obedeceu sem reclamar.

Eu não fazia ideia de como ela conseguia arrancar palavras de Joey, mas sempre que ela perguntava alguma coisa, ele respondia obedientemente. Ela manteve um tom leve, sem jamais mencionar nosso pai para nenhum de nós, escolhendo tópicos mais seguros para discutir — como a escola, o *hurling* e a sua namorada. Joey lhe ofereceu respostas genuínas e nada grosseiras, o que não era nada típico dele.

No entanto, a alegria pelo meu irmão estar indo para casa comigo foi substituída por hesitação no minuto em que paramos em casa. O que eu pensei que fosse ser uma conversa civilizada entre mães rapidamente virou um pandemônio assim que minha mãe sugeriu com desdém que Johnny de alguma forma tinha se aproveitado de mim.

Nunca tinha visto uma mulher perder a calma tão rápido quanto a sra. Kavanagh.

Bastaram três palavras e a mãe de Johnny surtou.

Foi chocante ver uma mulher tão bem-educada se transformar em mãe-ursa e atacar.

Eu nunca tinha visto alguém defendendo o filho tão ferozmente quanto ela.

Nenhum de nós tinha...

Nem Darren, que tinha talento para botar panos quentes nas coisas, conseguiu acalmar nossas mães, pois o caos se instalou ali mesmo, no nosso jardim, à vista dos meus irmãos mais novos, com Johnny tendo que arrastar a mãe para fora do jardim antes que elas começassem a brigar.

Coisas terríveis foram ditas, toda a nossa roupa suja foi exposta em voz alta, e durante todo o tempo Joey ficou encostado no muro do jardim com os braços cruzados sobre o peito, absorvendo a cena silenciosamente, sem se mover uma única vez para interceptar o drama.

A raiva crescia dentro do meu corpo, mesmo agora, horas depois, e era uma emoção incomum e dominante.

Nunca na minha vida senti tanta *raiva*.

Estupro de vulnerável. Três palavras que não paravam de girar na minha cabeça, dificultando meu funcionamento.

Como ela pôde falar isso?

Como ela pôde sequer *pensar* nisso?

Fiquei tão envergonhada, completamente arrasada...

— Shannon Lynch? Também te amo...

Meu coração bateu violentamente contra as minhas costelas e explodi.

— Como você pôde fazer isso comigo? — perguntei pela milésima vez, encarando minha mãe sentada na mesa da cozinha com o cigarro de sempre balançando entre os dedos ossudos.

Ela não me respondeu.

Fazia mais de uma hora que ela não respondia a uma pergunta sequer, mas eu não conseguia parar.

Eu não *podia* desistir.

Não desta vez.

— *Por quê*, mãe? — sibilei, enquanto as lágrimas escorriam pelas minhas bochechas. — Você me odeia *tanto* assim?

Ela estremeceu, seus ombros frágeis se sacudiram ferozmente, e ela apagou o cigarro no cinzeiro antes de acender outro depressa.

— Me responda! — berrei, mal conseguindo conter a vontade de esticar os braços sobre a mesa e sacudi-la. — Você me deve essa resposta, caramba!

— Ele não é bom pra você, Shannon — foi tudo o que ela disse, e suas palavras foram pouco mais que um sussurro entrecortado.

— Você está ficando louca — declarei, balançando a cabeça, horrorizada. — Você está ficando maluca!

— Eu fiz a coisa certa, eu fiz a coisa certa — ela ficou murmurando sem parar, tragando seu cigarro. — Eu te protegi.

— Ele *não* é um problema pra mim — falei. — Johnny é uma boa pessoa. — Um soluço enorme rasgou minha garganta e eu arfei, sentindo tanta dor e ressentimento que era como se estivesse me afogando. — E *você* o assustou. Você afastou a única coisa boa da minha vida. — Fungando, enxuguei as lágrimas, furiosa comigo mesma, com a minha mãe e com o mundo todo. — Ele nunca mais vai falar comigo de novo —

falei, sentindo a ameaça de um ataque de pânico se aproximando. — Você estragou tudo!

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Você vai ver que eu fiz a coisa certa.

— Mãe — Darren, sentado na frente da nossa mãe, interveio. — Você não está falando coisa com coisa.

— Ela *não* está nada bem — eu disse, apontando um dedo acusatório para ela. — Porque ela sabe que está errada.

— Não estou errada — ela sussurrou, tremendo. — Ele é igualzinho ao seu pai.

— Mãe! Não fala isso — Darren a repreendeu.

— É verdade — ela murmurou, batendo as cinzas e dando outro longo trago. — Ele vai ficar igualzinho ao pai de vocês.

— Para com isso! — berrei. — Para de tentar fazer isso com ele.

— Você vai ficar aliviada por eu ter interferido — ela continuou. — Te impedido de cometer os mesmos erros que eu.

— Você está errada — sibilei, piscando lágrimas escaldantes. — Você é uma mentirosa do caralho e eu te *odeio*!

— Chega, Shannon!

— Chega. — Me afastei, porque sinceramente não me sentia mais no controle. — Joey tinha razão. — Limpei mais lágrimas. — Você não é boa pra gente.

— Deixa disso, Shannon — Darren grunhiu, esfregando o queixo. — Gritar e xingar não vai ajudar em nada...

— Então para de ficar sentado aí e *faça* alguma coisa — implorei, tremendo muito, prestes a ter uma convulsão. —

Minha respiração ficou presa e eu soltei um soluço de dor. — Você sabe que ela fez algo *terrível* e está passando a mão na cabeça dela.

— Não, não estou — ele retorquiu. — Ela sabe que estava errada, não é, mãe?

Silêncio.

— Mãe... — Darren insistiu com um tom mais duro. — Diga pra Shannon que você sabe que estava errada.

Nada.

— Mãe! — Darren berrou e sua voz falhou. — Responda.

— Nem se dê ao trabalho. — Joey cortou o silêncio sepulcral e eu me virei para ele, encostado no batente da porta, observando casualmente a situação. — Ela não consegue ouvir vocês — ele acrescentou sem emoção. — Porque está quebrada. — Ele olhou para Darren fixamente e disse: — Você vai descobrir daqui a pouco.

— Joe. — Aos prantos, disparei até ele e só parei quando meu rosto estava enfiado no seu peito. Ele estava com o cheiro de Johnny, porque estava usando as roupas dele. — Faça isso tudo parar.

— Isto é o que você queria, Darren — Joey disse em uma voz assustadoramente calma enquanto me abraçava. — Você queria ela em casa com a gente, feito uma grande família feliz. — Inclinando a cabeça para o lado, ele gesticulou para a nossa mãe e disse: — Espero que tenha atingido suas expectativas.

Eu meio que esperava que Darren ficasse na defensiva, mas não foi o que aconteceu. Ele não disse uma palavra.

Em vez disso, ele olhou para a nossa mãe, que estava encarando a caneca manchada de café, e soltou um suspiro trêmulo. Depois, empurrou a cadeira, se levantou e saiu da cozinha sem olhar para trás.

Alguns segundos depois, a porta da frente bateu com tudo.

Ergui as mãos e soltei uma risada amarga.

— Não sei por que ainda me surpreendo.

Respirando fundo, Joey me soltou e foi até a cozinha, seguindo direto para o fogão. Fiquei observando-o silenciosamente encher uma panela de água e despejar um pacote de macarrão nela. Depois, colocou a panela no fogão, ligando o fogo e o exaustor.

Quando terminou, ele enxugou as mãos em um pano de prato que estava no escorredor antes de se virar para a nossa mãe.

— Levanta e toma um banho — ele ordenou, sem emoção. — Tenho que alimentar os meninos e eles não precisam te ver desse jeito.

Ela estremeceu, mas nem se mexeu.

Assim como nas milhares de outras vezes que vi essa mesma cena se desenrolar ao longo dos anos, Joey foi até a mesa, arrancou o cigarro dos lábios dela e o apagou. Então colocou o cinzeiro e a caneca de café no escorredor antes de retornar para o seu lado.

— Levanta — ele repetiu. — Você está fedendo a fumaça e cidra.

Ela afundou o rosto nas mãos e chorou.

— Levanta — ele falou pela terceira vez.

Ela continuou sem se mexer. Só esticou o braço e pegou a mão dele, apertando-a com força.

— Joey... — ela falou, chorando. — Joey.

Com um suspiro resignado, ele se abaixou e a ajudou a ficar de pé com gentileza. Mil emoções diferentes passaram pelo rosto do meu irmão enquanto ela se apoiava pesadamente em seu corpo rígido, fungando e soluçando contra o seu peito.

— Fique de olho no jantar, Shan — foi tudo o que ele disse enquanto conduzia nossa mãe para fora da cozinha e para a velha escada de madeira.

E aqui estamos nós de volta à estaca zero, pensei.

Levei alguns minutos para me recompor, enxugar os olhos e assoar o nariz. Então escorri o macarrão e o misturei no molho antes de chamar os meninos na sala.

— Jantar.

Sem falar nada, Ollie e Sean se aproximaram da mesa e se sentaram nos lugares de sempre. Servi a massa e coloquei os pratos na frente deles com um copo d'água para cada.

Esperei que eles atacassem a comida antes de me virar para Tadhg, que estava encostado na geladeira com os braços cruzados.

— Está com fome? — perguntei, oferecendo um prato para ele.

Ele ficou olhando para o macarrão nas minhas mãos por um longo tempo antes de se virar e sair.

O silêncio dele dizia muito e combinava com os meus próprios sentimentos. Eu sabia que ele estava furioso, assim como eu, mas ele estava se controlando porque agora tínhamos

algo em casa, algo que ambos estávamos desesperados para não afastar.

Sem sentir um pingo de fome, sentei-me à mesa, na cadeira que minha mãe havia desocupado, e esperei os meninos terminarem antes de limpar tudo e lavar a louça.

Entorpecida, caí no velho padrão que era minha vida, arrumando a bagunça dos meninos e ajudando Sean a se aprontar para dormir. Durante todo esse tempo, Joey estava com nossa mãe lá em cima.

Fiquei olhando para a porta da frente e a dos fundos várias vezes, certificando-me de que estavam trancadas e entrando em pânico ao ouvir qualquer carro zunindo do lado de fora.

Respire, Shannon.

Você está bem.

Vai ficar tudo bem.

Pouco depois de uma hora, Joey voltou para a cozinha.

— Ela está dormindo — ele declarou, pegando o prato que eu tinha separado para ele. — Dei uns calmantes pra ela.

Assenti, apertei os dedos em torno da minha xícara de chá e assoprei, sem tirar os olhos do meu irmão enquanto ele esquentava a comida no micro-ondas.

Joey se sentou comigo na mesa e comeu completamente em silêncio.

— Você está bem? — finalmente perguntei.

— Não — ele sussurrou, colocando o garfo no prato vazio. — E você?

— Não.

Ele olhou para mim.

— Vai ficar tudo bem, Shan.

— Tudo o quê? — sussurrei.

— A parte do Kavanagh — ele respondeu.

Soltei um suspiro trêmulo e balancei a cabeça.

— Não vai.

Apoiando os cotovelos na mesa, ele tamborilou os dedos.

— Aoife está puta comigo.

Ergui a cabeça de uma vez.

— Desde quando?

Ele ficou encarando as mãos.

— Desde que estraguei tudo.

Meu coração murchou.

Vai se foder, Shane Holland...

— Ela te ama — falei, pegando sua mão. — Ela vai te perdoar, Joe, e vocês vão resolver tudo.

Ele sacudiu a cabeça.

— Talvez eu não queira isso.

Franzi o cenho.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que sou um merda, Shannon. — Ele passou as mãos no cabelo e soltou um suspiro trêmulo. — E ela merece alguém melhor.

— Vocês terminaram?

Ele balançou a cabeça devagar.

— Não.

— Então está tudo bem — insisti, desesperada para reconfortá-lo. — *Vai* ficar tudo bem.

Ele deu de ombros.

— Eu só... não quero que ela me veja virar um...

Um som alto flutuou pelo ar, nos assustando e fazendo Joey fechar a boca.

Franzindo a testa, dei um tapinha na minha perna, que estava vibrando, antes de me lembrar.

O celular.

Tremendo, peguei o aparelho do bolso e fiquei olhando para a tela. Era uma mensagem de "Mãe".

— De quem é? — Joey perguntou, enrugando as sobrancelhas.

— Do Johnny — sussurrei, encarando aquele celular caro. — Ele me deu. — Olhei para o meu irmão. — É uma mensagem da mãe dele.

— Leia.

— O quê? Não posso — falei, perplexa.

Joey revirou os olhos.

— É óbvio que é ele.

— Sério?

Ele me encarou.

— Leia a porra da mensagem, Shannon.

Com o coração batendo violentamente, abri a mensagem.

"Uma quantidade absurda do caralho. Bjs"

— Você tinha razão — falei, tremendo. — É ele.

— Te falei — ele respondeu. — Ele não vai te abandonar, Shan.

— E você? — perguntei, encarando-o. — Vai abandonar Aoife?

A culpa nublou seus olhos, mas ele não respondeu.

E assim como acontecia com Tadhg, seu silêncio dizia muito.

24

BRINCANDO COM AS BOLAS

Johnny

— Tire a calça.

Ouvi essas três palavras mais vezes nos últimos meses do que eu queria lembrar. Deslizando para fora da cama, chutei os sapatos e abri a braguilha da calça cinza do uniforme escolar antes de empurrá-la para baixo.

— A cueca também.

Com o queixo travado, fiz o que me pediram e tirei a cueca até estar ali no meio da sala completamente pelado.

— Maravilha, Johnny — a dra. Quirke disse, empurrando os óculos no nariz. — Agora, deite-se aqui na cama de novo, por favor.

Dando adeus à minha dignidade, engoli um lamento e me joguei na cama.

Por um momento, pensei em cobrir o rosto até que tudo acabasse, mas logo mudei de ideia. Se iam mexer lá embaixo, eu precisava ver o que estava acontecendo, droga.

— Muito bom — a boa doutora declarou, e eu presumi que não era uma afirmação de todo ruim. Mas era um elogio proferido por uma mulher de sessenta anos futucando minhas bolas com as mãos enluvadas, então eu meio que não curti. — Os pontos se dissolveram e tudo parece estar cicatrizando lindamente.

Lindamente?

Bufei, porque como diabos eu não poderia não bufar? Dadas as circunstâncias atuais, era rir ou chorar pra caralho. Uma senhora estava apalpando meu saco escrotal, e outras duas enfermeiras igualmente idosas assomavam sobre mim, sorrindo para me encorajar. Uma delas estava realmente me dando um joinha.

Putz.

Eu estava definitivamente na pior.

Quando a médica me pediu para virar de lado e levantar as pernas, fechei os olhos, sabendo muito bem o que estava por vir, e que as chances de eu nunca mais encontrar minha dignidade eram altas.

— Está parecendo ótimo — a dra. Quirke disse quando eu já estava vestido, sentado na cadeira à sua frente. — Mas preciso te perguntar... — Ela tirou os óculos e ficou girando-o na mão. — Por que você se arriscou desse jeito, Johnny?

Dei de ombros, desconfortável.

— Não sei.

Eu estava com medo de perder meu lugar, de ser dispensado. Já tinha visto isso acontecer com vários outros jogadores que entraram na Academia aos quinze anos. Eu sabia o que acontecia com os garotos que não conseguiam e via o que acontecia com os caras que *conseguiam* mas eram dispensados por conta de alguma lesão. Era uma merda e eu ralava muito para jamais ser um deles. Foi por isso que tentei jogar mesmo machucado. Estava desesperado para impressionar, para continuar sendo relevante e me manter na cabeça deles. A ideia de alguém mais novo, sem lesões, com a virilha intacta chegando e roubando meu lugar era algo que me mantinha acordado até tarde.

— Eu não pensei direito — finalmente falei. — Só fui.

— Bem... — Ela suspirou. — Vou te recomendar mais sete dias de muletas, e não só dois, e pelo menos uma semana sem dirigir.

— E os treinos? — perguntei, sabendo que a possibilidade era remota. — Quando vou poder voltar?

— Hum... — Ela observou as anotações em cima da mesa, folheando algumas páginas e estalando a língua a cada poucos minutos. — Essas sessões de fisioterapia... — ela falou, lendo algo na minha ficha. — Já passou uma semana inteira, certo? Como estão indo?

— Não tem sido muito produtivo — eu disse com o maxilar tenso. — Posso fazer mais, estou *pronto* pra mais, mas eles não estão me incentivando.

— E você tem ido nadar também? — ela continuou, ignorando minha resposta. — Na piscina de hidroterapia?

— Sim — respondi, tamborilando os dedos no braço da cadeira. — Mas preciso de *mais*.

— Você precisa ir com calma — ela me corrigiu. — Devagar sempre se vence a corrida. — Pegando uma caneta, ela rabiscou algo nas anotações. — Analgésico?

— Desnecessário — grunhi. — Estou bem.

— Sei — ela falou, apesar de só estar me ignorando. — E você está fazendo alongamentos e exercícios em casa? Está seguindo as recomendações?

Frustrado, soltei o ar com força e tentei outra abordagem.

— Ouça, doutora, vou ser sincero com a senhora. Tenho uma competição internacional bem importante no verão e *preciso* estar em forma até lá. Estou fazendo tudo o que a senhora orientou. Estou indo na fisioterapia. Estou descansando. Estou fazendo literalmente tudo, então preciso que a senhora colabore. Sou forte, atleta... — Apoiei os cotovelos na mesa, me inclinei para frente e implorei com os olhos para que ela tivesse piedade de mim. — E não posso esperar mais *um mês* pra voltar ao campo.

— Você percebe que a cirurgia que fez na parte inferior do seu corpo foi tremendamente extenuante? — ela perguntou, piscando para mim através dos seus óculos de aro preto. — Seu corpo precisa de tempo pra se recuperar. Seus músculos e tendões precisam de tempo...

— Então me dê mais duas semanas e depois me deixe voltar — eu a interrompi. — Eu consigo. Posso esperar mais quinze dias, mas a senhora tem que me ajudar aqui. Preciso voltar pro campo, doutora.

— Johnny, você não está me ouvindo — a médica me cortou com a voz firme. — Você está se recuperando de duas cirurgias, em duas áreas diferentes do corpo. Você tem que ter *paciência*.

— Não tenho *tempo* pra ter paciência — retruquei, cerrando a mandíbula. — Ninguém entende isso.

— Entendo que esteja ansioso pra voltar a jogar, mas precisa tomar cuidado...

— Ele sabe, doutora — meu pai falou, sentado em uma poltrona no canto do consultório. — Paciência é uma virtude. — Ele me encarou, desviando o olhar da pilha de papéis que estava lendo. — Não é, Johnny?

Olhei para ele, tentando lhe comunicar que não ligava a mínima para virtudes. Estava puto com ele e nem um pouco a fim de ouvir seus sermões matinais. Ele sabia e mesmo assim estava me provocando. *Que ótimo*.

— Continue seguindo as recomendações — a dra. Quirke disse sorrindo para mim. — E logo vai poder voltar ao campo.

— Que reconfortante! — grunhi. — Porque *não* tenho tempo.

— Mais quatro semanas — ela falou. — Isso não é nada no grande esquema das coisas.

— Nada exceto meu futuro — resmunguei, derrotado.

— Bem, acho que terminamos. — Ela juntou as mãos e abriu um enorme sorriso. — Te vejo semana que vem no seu retorno.

— Mal posso *esperar* — falei com sarcasmo antes de me virar para o meu pai. — Podemos ir agora?

— Obrigado mais uma vez por adiantar a consulta, doutora — meu pai acrescentou, enfiando a papelada na pasta. — É o primeiro dia depois da Páscoa e ele está obcecado em voltar pra escola. — Seu tom estava cheio de humor. — Pelo visto, a mãe dele criou um perfeccionista.

— Sem problemas, sr. Kavanagh — ela respondeu, sorrindo. — É sempre um prazer ver Johnny. Com certeza ele tem compromissos muito urgentes na escola.

— Com certeza — ele concordou com um sorrisinho.

Meu Deus...

Me levantei todo duro e fui até a porta, de saco cheio dos dois, quando a doutora falou:

— Ah, antes que eu esqueça... a ejaculação está liberada agora, Jonathan.

Mas que porra?

Virei e olhei para ela perplexo.

— Como?

A médica sorriu para mim — ela abriu um sorrisinho malicioso — antes de limpar a garganta algumas vezes.

Ela estava rindo de mim?

Parecia que era o que ela queria fazer.

— A dor que você estava sentindo não deve mais ser um problema — ela falou, me oferecendo um sorriso reconfortante. — Você está prontinho.

— Hum... — Cocei a cabeça, sem saber como lidar com a humilhação que estava sentindo. — Quer dizer, hum... obrigado?

— Ouviu, filho? — Meu pai deu risada, batendo no meu ombro. — A médica disse que você pode brincar com as suas bolas de novo.

Puta.

Merda.

— Você pegou tudo o que precisa? — meu pai perguntou menos de uma hora depois, após parar o carro o mais perto possível da entrada do Tommen. — Seus livros? Seu celular? Sua carteira? Suas...

— Bolas? — ofereci com sarcasmo. — Nossa, pai, eu esperava essa merda opressiva da mamãe, mas de você? — Balancei a cabeça e soltei o cinto. — Já está ficando cansativo.

— Estou sendo opressor por te levar pra sua consulta e pra escola? — ele perguntou, bem-humorado. — Uau, essa é nova!

— Não, *ela* é opressora — devolvi. — *Você* só é um pau-mandado por concordar com ela.

— Ela é minha mulher. Sua mãe pode mandar no meu pau sempre que quiser...

— *Pare*! — falei, horrorizado. — Você sabe muito bem do que estou falando — eu disse, abrindo a porta do carro. — Quero minha vida de volta. Está ouvindo? Quero que você e a mamãe saiam do meu pé e me deem um pouco de espaço, porra.

Ele sorriu.

— Ah, então você voltou a ser um adolescente cheio de hormônios.

— Não entendo por que você está rindo. Estou falando sério.

— Isso é por causa de Shannon Lynch — ele disse, em um tom mais neutro. — Porque eu e sua mãe achamos que é melhor você se manter longe da família dela.

Claro que era por causa de Shannon Lynch. Tudo na minha vida parecia estar centrado naquela garota. Eu não conseguia parar de pensar nela e não podia vê-la porque meus pais tinham colocado na cabeça a ideia escrota de que podiam me dizer o que fazer.

Tirando algumas mensagens de texto insignificantes enviadas às escondidas do celular da minha mãe e várias ligações não atendidas, eu não falava com Shannon desde a semana anterior — sete dias para ser mais exato — e estava ficando louco.

Me senti um babaca largando-a lá para nunca mais voltar, mas eu não podia caminhar os vinte e quatro quilômetros da minha casa até a casa dela. Também não podia dirigir e tinha perdido o privilégio de ter Gibsie por tê-lo feito me levar lá, para começo de conversa.

Em outras palavras, eu tinha passado a semana trancado em casa, surtando e me afogando de preocupação. As únicas vezes que saí foi para ir para a fisioterapia e para a natação, o que não foi nada produtivo, porque não consegui me concentrar em nada além da garota que eu tinha deixado para trás.

— É porque você está tomando decisões que não cabem a você — argumentei, me trazendo de volta para o presente.

— Nunca dissemos que você não podia ver a garota — ele falou calmamente. — Você só não pode ir encontrá-la lá.

— É uma piada — cuspi, tão furioso quanto na semana anterior, quando eles *impuseram a lei*. — A mãe dela pode ser uma barraqueira, mas você e a minha mãe não estão muito atrás.

— Só estamos tentando proteger nosso filho — ele disse com tranquilidade. — Estamos agindo pro *seu* bem, o que envolve você longe daquela família. — Sorrindo, ele acrescentou: — Também estou tentando manter sua mãe fora da prisão.

Fiz uma careta, lembrando daquela cena horrorosa no jardim dos Lynch e em como mamãe chegara *perto* de dar uma surra na sra. Lynch. A mãe de Shannon fez umas ameaças de merda e me chamou de algumas coisas. E foi tudo o que bastou para a minha mãe se transformar em um lutador de MMA.

— Você sabe como sua mãe fica quando mexem com você. Ela é um rojão, filho. Acredite em mim.

— Bem, não preciso de ninguém me protegendo — grunhi.

— Acho que precisa, sim.

— Está achando errado.

— Talvez — ele falou, me deixando louco com sua lábia diabólica de advogado em todas as nossas conversas. — Mas, nessa situação, o risco vale a recompensa.

O risco, nessa circunstância, era a minha indignação.

— E qual é a recompensa?

— Manter você longe de problemas.

Meu Deus...

Puto da vida, desci do carro e peguei a mochila.

— Posso tomar minhas próprias decisões. — Atirando a mochila sobre o ombro, agarrei as muletas. — E é o que vou fazer.

25

DE VOLTA AO TOMMEN

Shannon

Mais de uma semana tinha se passado desde que vi Johnny.

Eu sinceramente não o culpava por não ter voltado porque, mesmo se por um milagre divino, ele ainda quisesse me ver, eu duvidava que os pais dele fossem deixá-lo aparecer lá em casa. O sr. e a sra. Kavanagh deviam me odiar. Se meu filho estivesse saindo com uma garota com pais malucos, eu também a odiaria. Eu ia querer que ele ficasse o *mais* longe possível.

No primeiro dia, fiquei relendo as quatro mensagens que ele tinha me mandado até a bateria do celular acabar. Eu não conseguia carregá-lo porque nenhum de nós tinha um carregador compatível, então só fiquei ali, pensando em suas palavras até cansar.

"Não vou a lugar algum. Sério. Prometo. Bjs"

“Me escreva quando acordar, quero saber se você está bem. Bjs”

“Estou com saudade. Bjs”

“Pode me ligar? Posso te ligar? Está livre pra conversar? Bjs”

No instante em que o celular começou a tocar, ele morreu nas minhas mãos. O tsunami de desolação que se espalhou pelo meu peito enquanto eu olhava para a tela em branco desejando que ela voltasse à vida foi devastador.

Só que o aparelho *não* ressuscitou e eu não ouvi mais uma palavra de Johnny desde então.

E isso foi seis dias atrás.

Pelo menos Joey estava de volta, fazendo eu me sentir menos sozinha em casa. Ele até me acompanhou na minha consulta médica, para o desespero de Darren. Os meninos estavam mais alegres — bem, um pouco mais contentes. Eu achava que eles se sentiam como eu: mais seguros com Joey. Ele tinha ficado, o que era tanto uma bênção quanto uma maldição, porque a tensão que emanava dele era quase insuportável. Para ser justa, eu também estava emanando tensão, totalmente direcionada para a minha mãe, com quem eu não tinha trocado uma palavra desde aquela noite que Joey a ajudou a ir para cama.

Sinceramente, eu não suportava nem olhar para ela. Tinha tanto ódio e frustração apodrecendo dentro de mim que eu não confiava na minha boca quando estava perto dela. Então eu a evitava como se ela estivesse com alguma praga, para o bem de todos.

— Está pronta? — Joey perguntou, se recostando na porta do meu quarto no seu uniforme da ECB, me observando brigar com a tampa de um tubo de base. — Shan?

Era o primeiro dia de aula depois do recesso de Páscoa. Olhei para o meu uniforme do Tommen e estremeci, sentindo uma familiar onda de ansiedade se espalhando pela minha pele e amargando meu estômago.

— Não. — Suspirando, joguei a base na cama e me sentei. — Estou inacreditavelmente *despreparada*.

Ele ficou me olhando com atenção por um longo tempo antes de soltar um suspiro pesado.

— É, conheço essa sensação.

— Estou com medo — admiti. — Do que vão dizer disso. — Gesticulei para o meu rosto e a pobre tentativa que eu tinha feito de esconder a casquinha do machucado que ainda estava sarando de quando meu pai abriu minha bochecha na mesa da cozinha. Mordi o lábio, hesitante, antes de completar: — E do que vão falar sobre o *papai* — falei baixinho. — Todo mundo vai ficar sabendo, Joe.

— Shan... — Balançando a cabeça, Joey foi até a minha cama e se sentou ao meu lado. — Ninguém vai falar nada. — Ele se inclinou para frente e apoiou os cotovelos nos joelhos, exalando com força. — Seu rosto está quase todo curado e o que ainda não sarou, você cobriu com aquela tinta de guerra.

— Tinta de guerra? — Arqueei a sobrancelha. — Isso se chama maquiagem, Joe. — Maquiagem cara. — Claire que me deu.

— Tinta de guerra, maquiagem... que seja. É tudo a mesma coisa pra mim — ele falou, dando de ombros sem remorso. — Seu diretor sabe o que aconteceu, né?

Assenti, sabendo que Darren e mamãe tinham se reunido com o sr. Twomey durante as férias.

— Então vai ficar tudo bem — ele acrescentou com um tom tranquilizador. — Prometo.

— Não sei o que dizer se alguém me perguntar sobre o papai — confessei. — E se algum professor perguntar? — Balancei a cabeça, em pânico. Era como se eu tivesse sido envenenada, como se estivesse contaminada. Voltar para a escola sabendo que as pessoas sabiam o que tinha acontecido era aterrorizante. Todo mundo de Ballylaggin sabia e eu estava surtando. — Não faço ideia de como lidar com isso.

— Com a verdade — ele disse com firmeza. — Ou você só manda as pessoas se foderem e cuidarem da própria vida, se não quiser falar, mas não precisa mais mentir, Shan. Entendeu? Você não vai mais proteger aquele merda, você não fez nada de errado. — Ele endireitou a postura e acrescentou: — E, se algum babaca abrir a boca pra falar bosta, eu mesmo vou lá resolver.

— A verdade é complicada — falei baixinho.

Meu irmão assentiu a cabeça rigidamente.

— Especialmente quando você foi programada pra esquecer.

Fiquei pensando em suas palavras por um instante.

— Ei, Joe?

— Sim, Shan?

— O que você vai falar se te perguntarem alguma coisa?

— Vou mandar se foderem e cuidarem da própria vida.

Suspirei.

— Acho que consigo fazer isso.

— Isso o quê?

— Ser corajosa — sussurrei, tristonha.

— Você já é. — Ele se virou para mim e me encarou com aqueles sofridos olhos verdes. — Corajosa pra caralho.

— Eu não me sinto corajosa — murmurei, soltando um suspiro trêmulo. — É como se eu estivesse fugindo.

— Você quer fugir? — Seu tom era esperançoso e um pouco desesperado. — A gente pode entrar em algum ônibus agora mesmo e dar o fora.

Meu coração parou por um segundo dentro do peito e tive que lutar contra a onda de inquietação surgindo dentro de mim.

— Dar o fora... — Mantive os olhos cravados nos dele, avaliando sua reação. — Passar o dia fora, né?

Ele não respondeu de imediato. Em vez disso, só ficou ali, me encarando.

— Joe? — sussurrei, com o coração acelerado. — É isso, né?

Ele abriu um sorriso forçado, que não se estendeu aos seus olhos — eu não via um sorriso verdadeiro nele fazia muito tempo.

— Claro.

— Não me abandone — falei, agarrando o moletom do seu uniforme. — Você não pode sumir de novo.

— Estou aqui, não estou? — ele disse com uma voz tensa.

— E Aoife? — perguntei, me agarrando à única coisa que podia mantê-lo por perto. — O que está rolando? — *Ela é a razão de ele ficar...*

— Estamos bem.

— E Shane Holland e seus amigos? — Meu coração martelou violentamente. — Você não vai...

— Não — ele falou com um tom mais duro. — Não vou.

Não acredito em você...

— Joey, sua namorada está esperando você no carro — a voz de Darren encheu meus ouvidos e eu ergui a cabeça. Ele estava parado na porta, encolhendo os ombros dentro da jaqueta. — É melhor você se apressar, senão ela também vai se atrasar.

Sem dizer uma palavra, Joey se levantou e saiu do quarto, esbarrando em Darren.

— Bom dia pra você também — Darren grunhiu.

— Te vejo depois, Shan — Joey falou, desaparecendo no quarto e voltando logo depois com a mochila no ombro, o capacete e o hurley na mão. — Ânimo, garota.

— Joey — Darren começou a dizer. — Será que você pode não bancar o cara magoado hoje e ser civilizado...

— Vai se foder — Joey rosnou, mostrando o dedo do meio antes de descer a escada.

— Que amor — Darren comentou, esfregando o queixo. — Ele é tão agradável de manhã.

— Depende da companhia — falei, petulante. — Ele foi agradável *comigo*.

— Ah, não. Você também não — ele resmungou. — Não consigo lidar com *dois* adolescentes cheios de hormônios a essa hora.

Então pode voltar para a sua vida.

— Onde está a mamãe? — perguntei.

— Trabalho. E você, está pronta? Os meninos estão esperando no carro.

— Não precisa me levar — falei, olhando as chaves na sua mão. — Posso ir de ônibus.

— Vamos, Shannon. Me dá um tempo. É meu primeiro dia levando as crianças.

— Só estou falando que eu posso pegar o ônibus, como sempre.

— Bem, me processe por não querer que minha irmã pegue o ônibus às seis da manhã com bêbados zanzando por aí — ele retrucou. — Daqui pra frente vou te levar e te buscar na escola.

— Por causa do Johnny? — falei, projetando o queixo para frente desafiadoramente. — Porque você e mamãe não me querem andando com ele?

— Não, Shannon, porque nosso pai está por aí na farra e você é a primeira pessoa que ele vai procurar — Darren cuspiu, e eu estremeci.

— Obrigada pelo lembrete.

— Desculpe — ele disse, mais calmo. — Não estou querendo te deixar chateada, mas preciso te *avisar*, você tem que tomar *cuidado*.

— Bem, só pra *te* avisar, nunca tive problema nenhum com os bêbados no ponto de ônibus. — Peguei a mochila do chão e a coloquei no ombro, hesitante, antes de passar por ele. — Só com os bêbados dessa casa.

— Nossa — Darren grunhiu atrás de mim. — Estou me afogando nas mudanças de humor de vocês.

26

BUM, BUM, BUM DO CACETE

Johnny

— Olhe só se não é o próprio Mister Boombastic — Hughie Biggs falou quando dei a volta no pátio e encontrei os caras parados na entrada do prédio principal.

— Como vai o Vengaboy? — Patrick Feely falou, me dando tapinhas nas costas. — Parabéns pelo casamento... por essa ninguém esperava.

— Pois é. — Hughie deu risada. — Já tem bebês a caminho? A nave já partiu?

Arqueando a sobrancelha, me virei para Gibsie, encostado na prede. Ele tinha um cigarro escondido debaixo da manga, estratégia que julguei inútil, já que a fumaça o entregava de qualquer jeito.

— Você *contou* pra eles?

— Contei pra todo mundo — ele falou, com um sorriso descarado. Ele escorregou a mão livre debaixo do moletom e começou a batê-la contra o peito. — Bum, bum, bum, cara!

Meu Deus...

— Ela já chegou? — Ignorei as risadinhas e mantive os olhos em Gibsie. — Você a viu por aí?

Feely franziu o cenho.

— Quem?

— Shannon Lynch — Hughie falou, divertido. — Estou chutando.

— Você está com ela agora?

Me virei para Patrick.

— *O quê*?

— Shannon — ele repetiu. — Você está com ela agora?

— Bem, ele estava com ela em Dublin — Gibsie interveio. — E na casa dele fim de semana passado.

— Fiquei sabendo o que aconteceu — Hughie falou, com os olhos cheios de empatia.

Aposto que sim. As pessoas naquela cidade eram inacreditavelmente fofoqueiras.

— Ela está bem? — ele perguntou.

Não sei, porque faz uma semana que não a vejo, era o que eu queria rugir, mas me contive.

— Está ótima.

— Eles não se veem desde que Mami K foi pra cima da mãe dela — Gibsie respondeu, rindo.

As sobrancelhas de Feely se ergueram.

— Elas brigaram?

— Ela foi pra cima. — Gibsie deu risada. — Kav teve que segurá-la.

— Nossa. — Hughie deu um suspiro, impressionado. — Vai, Mami K.

— Você é um idiota — grunhi, estreitando os olhos para o meu melhor amigo. — Depois de toda merda que eu escondo embaixo do tapete por você.

— Calma lá, seu bocetudo. — Gibsie riu. — Ela já vai chegar, relaxa. — Ele soltou uma baforada de fumaça e ficou brincando com a bituca entre os dedos. Depois franziu as sobrancelhas e me olhou de um jeito peculiar. — Você está todo... — Ele fez uma pausa para abanar a mão na frente do rosto e dizer: — Carente.

Fiquei boquiaberto.

— *Carente*?

— Carente *e* grudento — ele confirmou solenemente. — É melhor se segurar um pouco, cara.

— Valeu pelo conselho, Gibs — falei. — Vou levar em consideração.

— De nada — ele devolveu. — E falando em agradecimentos, agradeça seu pai de novo por aliviar a minha barra com o Twomey. — Suspirando, ele acrescentou: — Já foi ruim o suficiente na semana passada. Eu teria ficado miserável em casa sem você por mais uma semana.

Revirei os olhos.

— Também fiquei contente por você não ter sido suspenso, cara.

— Já posso ir pra sua casa? Você já pode me receber?

Feely arqueou a sobrancelha.

— Vocês estão separados?

— Temporariamente — Gibsie respondeu, na defensiva. — Não vai durar muito.

Feely deu risada.

— O que vocês fizeram?

— O de sempre. — Gibsie deu de ombros e abanou a mão. — Quebramos as regras, sequestramos uma garota e fizemos merda.

Feely balançou a cabeça.

— Vocês dois, hein! Não tomam jeito.

— Eu não sequestrei ela — eu o corrigi, nervoso. — Ela foi por vontade própria.

— Shannon?

— Quem mais seria? — Gibsie respondeu com desdém.

— Bem, é bom te ter de volta, capitão — Hughie disse, sabiamente desviando o assunto de Shannon antes de eu ter um aneurisma. — Mas você precisa voltar pro treino o mais rápido possível. O Barrettsfield RFC acabou com o Ballylaggin no fim de semana.

De repente, meu mau humor piorou.

— Barrettsfield? — perguntei, enojado, sem disfarçar meu horror. — Nossa, cara, eles são da segunda divisão.

— Ele não precisa se preocupar com isso — Gibsie interveio, falando sério pela primeira vez na vida. — Foi só um jogo, gente.

— O que posso dizer? — Hughie suspirou, ignorando Gibsie. — Estávamos com uma baixa na defesa e um capitão a

menos.

A culpa se espalhou pelo meu corpo.

— Qual foi o resultado?

Hughie fez uma careta antes de dizer:

— 48-26.

— Meu Deus! — A ansiedade se agitou dentro de mim. — Como foram os chutes?

— 16 pontos — ele respondeu. — Duas conversões e quatro penalidades.

— Jogo limpo, cara. — Dei um tapinha no seu ombro. — Você conseguiu segurar a onda deles.

Hughie sorriu.

— Eu tentei.

— Como foi no médico? — Feely me perguntou, segurando a porta para mim.

— Ah, sim. — Gibsie sorriu e deu outra longa tragada no cigarro antes de soltar uma nuvem de fumaça. — A médica te deu sinal verde?

— Não. — Puto demais para lhe dar um sermão sobre a saúde dos pulmões, entrei. — Como eu previa.

— Que azar, cara! — Feely disse, enquanto ele e Hughie me seguiam para a escola.

— Ah, não é tão grave assim. — Gibsie deu outra tragada e depois atirou a bituca no chão, vindo logo atrás. — Pelo menos você se livrou de uma muleta.

— Oba — falei com sarcasmo.

Ignorando todos os sorrisos, acenos e “Oi, Kav” e “Como vai, Johnny?”, atravessei o corredor e fui direto para o meu

armário.

— Só se dê um tempo — Feely falou calmamente. — Tudo vai se resolver.

— Exatamente — Hughie acrescentou, batendo no meu ombro. — Roma não foi construída em um dia.

— Bem, Roma precisa se apressar, gente — murmurei, me apoiando pesadamente na muleta da mão esquerda. — Porque estou ficando sem tempo.

— Você ainda em dois meses, capitão.

— Tenho quarenta e seis dias — eu o corrigi, nervoso. — Estou contando.

— Pelo menos vão te deixar voltar pra musculação — Hughie ofereceu em um tom otimista.

— Só superiores — resmunguei. — O que vai ser muito útil quando eu precisar correr, né?

— Eita, que mau humor do caralho, hein! — Gibsie soltou. — Não tem jeito de te agradar.

— Bem, cara, se você tivesse passado a manhã com três velhas te tocando com o seu pai na sala, você não estaria exatamente cagando arco-íris.

Ele zombou:

— Se eu tivesse passado a manhã com três mulheres me tocando, *com certeza* estaria cagando arco-íris.

Hughie e Feely deram risada.

— Acredite em mim, não estaria não — grunhi.

Gibs arqueou a sobrancelha.

— Quando você diz velhas...

— Idosas — bradei, parando no meio do corredor para encará-lo. — Tipo a sra. Lovell.

Ele ficou pálido.

— Cara...

Encorajado pela empatia nos olhos deles, continuei a lamentação pesarosa.

— Pense nas melhores fantasias sexuais com enfermeiras que vocês têm.

Ele sorriu.

— Beleza.

Assenti.

— Agora troque essa enfermeira pela sua avó.

Todos os três grunhiram em solidariedade.

— *Puta merda*.

— Pois é — confirmei com tristeza, voltando a caminhar. — Puta merda.

— Você pelo menos recebeu sinal verde pra gozar? — Gibsie perguntou em voz alta quando chegamos nos armários do quinto ano. — E sinal verde pra...

— Você tinha mesmo que falar isso, né? — Hughie suspirou, se recostando no armário ao lado do meu. — Você sempre tem que dar uma exagerada, Gibs.

— Estou preocupado — Gibsie respondeu apressado. — É só *preocupação* de amigo.

— Você está sendo bizarro — Feely falou, seco.

— Consegui o sinal verde, Gibs — eu disse, sabendo que, se não contasse, o idiota não me daria um minuto de paz. — Está tudo bem.

— É mesmo? — Seus olhos dançaram de empolgação. — Então que porra você está fazendo na escola, Johnny?

— Eu tenho *aula* — respondi.

Ele arqueou a sobrancelha.

— Estou esperando um bom motivo, cara.

— Eu não podia pedir pro meu pai me levar pra casa pra eu poder bater punheta — falei com sarcasmo. — Se liga.

Ele ficou me encarando sem expressão.

— Não vejo problema nenhum nisso.

— Não encorajem ele — falei, olhando para Hughie e Feely, que estavam rindo.

— É você que está *ligado* — Gibsie retorquiu, ainda me encarando incrédulo. — Ligado no seu pau.

Me dê forças...

Com o queixo tenso, voltei a atenção para o armário e abri a porta de metal. Soltei um suspiro de susto quando fui atingido por um cheiro horrível.

Nós quatro nos afastamos imediatamente.

— Meu Deus — Hughie falou.

— Nossa, cara — Feely grunhiu. — Credo.

— Seu porquinho — Gibsie disse com a voz abafada, cobrindo a boca com a mão. — Jesus amado, Johnny. — Olhando para o meu armário como se fosse seu inimigo mortal, ele sibilou: — Já ouviu falar de lixeira?

— Esqueci que isso estava aqui. — Dei risada, pegando o pote que agora estava até crescendo pelos. — Não tive tempo pra limpar meu armário antes das férias, sabe. — Segurando-o o mais longe possível do corpo, fui até a lixeira e o joguei ali

antes de voltar. Sorrindo timidamente, perguntei: — O que acham que era?

— Frango — os três responderam em uníssono.

— Oi, Johnny. — A voz da ruína da minha existência preencheu o ar, tão irritante e indesejável como sempre, carregando consigo algo parecido com humor. Agora, eu era o único tremendo de pura repulsa não adulterada enquanto observava Bella Wilkinson se pavoneando na minha direção, toda quadris, peitos e pé no saco. — Como está se sentindo?

— Vamos — falei para eles friamente, sentindo calafrios. Babaquice ou não, segui os caras, encontrando refúgio e segurança no bando. — Não tenho nada pra falar com você.

— Vamos, Johnny, eu só quero...

— Não vou fazer isso de novo — grunhi, interrompendo-a. — A gente já teve essa conversa um milhão de vezes. Já chega, não temos mais nada, só *vá embora*.

— Então eu não posso nem falar com você? — ela perguntou, magoada. — Não posso saber como você está?

— Estou bem, obrigado por perguntar. Agora me deixe em paz.

A respiração dela ficou presa.

— Johnny...

— Você ouviu o cara — Gibsie falou, esquecendo as piadinhas e apontando o dedo para o corredor. — Continue andando.

— Vai se foder, Gibsie — Bella rugiu antes de se voltar para mim. Piscando os olhos azuis, ela sorriu com uma

expressão esperançosa. — Sei que as coisas terminaram mal pra gente, mas fiquei preocupada com você.

— Com certeza — Hughie disse. — Aposto que Cormac aliviou a sua preocupação.

— Pare. — Exausto dos meses de idas e vindas com essa garota, esfreguei o rosto e falei: — Não quero brigar com você. Cansei, entendeu? Então, por favor, só *vá embora*.

Bella lançou um olhar feroz para Hughie antes de me encarar.

— Só queria que a gente conversasse por cinco minutos...

— E eu queria ganhar na loteria no fim de semana — Gibsie interveio, franzindo o cenho. — Mas não rolou, esqueci de comprar um bilhete.

Feely bufou.

— Você é menor de idade. Quem vai comprar pra você?

Gibsie agitou as sobrancelhas.

— Tenho meus contatos.

Feely revirou os olhos.

— Dee?

Gibsie deu uma piscadela e falou:

— Talvez.

— Qual é seu ponto, Gibsie? — Bella perguntou, olhando para o meu melhor amigo.

— Meu ponto é: se manda, Bella — Gibsie disse. — Se manda *agora*, se quiser que eu seja mais específico. Pode se mandar pra bem longe, pra terra do *Johnny não quer ficar com você, então vá cuidar da sua vida*.

— Você não pode falar comigo assim — ela disse em um tom desafiador, tremendo.

Gibsie arqueou a sobrancelha.

— E por que não?

— Porque não! — ela cuspiu, nervosa. — Porque...

— Porque eu tenho um pau e você uma buceta? — ele ofereceu. — Ah, me poupe. Sou um cara do século vinte e um. Apoio direitos iguais pra todos, incluindo o direito de eu, que possuo um pau, poder mandar uma fêmea stalker feito você *vazar*!

— Impressionante — Hughie comentou.

— Eu sou um cara impressionante — Gibs devolveu com um sorrisinho.

— Jesus — murmurei, me encolhendo quando lágrimas encheram os olhos dela.

— Oito meses, Johnny — ela falou, chorando e me encarando. — E agora isto?

Mordendo os dedos, contive a vontade de gritar.

— Ouça — eu finalmente disse, tentando ser paciente. — Não vai adiantar nada. Não tenho nada pra te falar e não quero ouvir nada de você. Não estou interessado. Não estava interessado nem quando *devia* estar interessado. Então *por favor*... Estou te implorando pra me deixar em paz, Bella. *Por favor*.

— Sério?

— Sim!

— É isso que você quer? Que eu vá embora?

Meu Deus...

— Sim!

— Está bem! — ela gritou, enquanto as lágrimas de crocodilo milagrosamente sumiam. — Quer que eu suma da sua vida, Johnny Kavanagh? Beleza. Fui!

Soltei um enorme suspiro e relaxei, aliviado.

— *Obrigado*. — Obviamente, não reagi como Bella esperava, porque ela estreitou os olhos e chutou minha muleta, me fazendo cambalear para trás. — Obrigado por isso também — soltei, me segurando em Feely para me equilibrar.

— Espero que você fique aleijado — ela cuspiu. — Espero que a Academia te dê um chute na bunda e você nunca mais jogue rúgbi de novo! — Depois, acrescentou: — Na verdade, espero nunca mais te ver de novo.

Ótimo.

— É improvável — Feely falou secamente. — Além de afirmar o óbvio...

— Ou seja, que você estuda na mesma escola que ele — Gibsie completou, afirmando o óbvio.

— Sim, Gibs. — Feely suspirou. — Além da escola, você com certeza vai ver ele esse verão. — Ele deu de ombros e continuou: — Sabe, quando ele estiver na TV jogando pelo nosso país e você estiver em casa, assistindo do seu sofá.

— Com o Cormac — Hughie acrescentou depressa.

— Ah, sim — Gibsie falou. — Como vai o Judas?

— Vocês quatro vão pro inferno! — ela gritou antes de se virar e sair batendo os pés. — Babacas.

— A gente se vê lá, Buceta Diabólica! — Gibsie berrou atrás dela, enquanto se abaixava para pegar minha muleta e se

recostava no armário. — A gente se vê lá.

— Nossa. — Robbie Mac assobiou, abrindo caminho para Bella enquanto ela passava por ele, Pierce e metade do time. — Por que a pressa?

— Ela precisa chegar em casa antes do sol nascer — Gibsie falou em voz alta. — Você sabe que vampiros costumam virar cinzas no primeiro sinal de luz.

— Vai se foder, Gerard Gibson! — Bella gritou por cima do ombro.

— Nem morto, *princesa* — Gibsie rugiu atrás dela. — Eu não te tocaria nem com o pau do McGarry!

— Pare com isso — grunhi, erguendo a mão para Gibs. — Deixe pra lá, cara.

— Você é um babaca mesmo. — Feely deu risada. — Foi brutal, Gibs.

Gibsie deu de ombros.

— Às vezes, é preciso ser babaca quando se está lidando com uma escrota.

Robbie, Pierce e os caras do time se aproximaram e se revezaram dando tapinhas nas minhas costas e me cumprimentando e fazendo perguntas que nem nos meus sonhos mais selvagens eu responderia com sinceridade.

— Gente, que o infortúnio do nosso capitão sirva de aviso pra todos nós sobre os perigos que espreitam por trás de um par de peitos decente — anunciou Gibsie. — Quando estiver em dúvida, é melhor bater uma.

Seu comentário arrancou gargalhadas de todo mundo — incluindo de mim.

— Você é sortudo — Pierce concordou, estremecendo.

— Buceta perigosa — Robbie falou.

— Vou te dizer — murmurei, esfregando as têmporas.

— E vocês ainda me encheram o saco por ter ficado com a Katie no segundo ano — Hughie disse de um jeito terrivelmente arrogante, enquanto se afastava dos armários e estufava o peito. — Algo estável e sensato não parece tão ruim agora, não é?

— Depois daquele surto, *você* até que não parece tão ruim — Gibsie falou.

Hughie sorriu e o resto de nós soltou um suspiro pesado.

Não morda a isca, Hughie...

Você está entrando num...

— Está dizendo que quer meu pau, Gibs? — Hughie provocou.

— Estou dizendo que quero a buceta da sua irmã — Gibsie devolveu, agitando as sobrancelhas.

Lá vai...

— Em volta do meu pau — Gibsie continuou.

— Gibs — avisei.

— No meu rosto.

— Gibsie! — Feely grunhiu.

— Em mim todinho.

O sorriso de Hughie se transformou em uma carranca furiosa.

— Retire o que disse.

— Não.

— Retire o que disse, *imbecil*.

— Não.

— Retire o que disse, porra!

— Só aceita — Gibsie falou, rindo e recuando quando Hughie avançou para ele. — Vai acontecer, *cunhado*.

— Só por cima do meu cadáver — Hughie rosnou, se lançando para frente. — Ela é boa demais pra você...

— Não seja babaca, Gibs — falei, segurando o moletom de Hughie e o puxando para trás. — Ignore ele, Hugh. Ele só está querendo te provocar.

— Ele não está me provocando. — Furioso, Hughie olhou para Gibs. — Ele é obcecado por ela desde que era criança!

— Fale pra ele que você só está provocando — grunhi. — Fale, Gibs.

— Eu não estou. — Gibsie deu risada. — E não é só a buceta dela que eu quero... se bem que ela está no topo da lista. Quero ela toda, cara, e ela também me quer. — Ele abriu um sorriso malicioso. — *Pra caralho*.

— Minha irmã não te quer — Hughie desdenhou. — Claire não te suporta. Ela só te aguenta porque você é meu amigo.

— Ela não estava falando exatamente isso ontem à noite — ele respondeu, sem se perturbar. — Quando eu estava...

— Filtro, Gibs! — esbravejei. — Pelo amor de Deus, cara! *Filtro*.

— É melhor você manter seu pau imundo dentro das calças — Hughie sibilou, agitando o dedo para Gibsie. — Comedor de irmã.

— Ainda não — Gibsie falou, se deleitando no desconforto de Hughie. — Mas vou aceitar esse título logo, logo.

— Eu vou te matar...

— Parem com isso, vocês dois! — falei, ainda segurando o moletom de Hughie enquanto lançava um olhar fulminante para o meu melhor amigo. — E você use seu maldito cérebro antes de falar, Gibs. Nem tudo o que você pensa nessa cabecinha cagada precisa ser verbalizado.

— Estou brincando, estou brincando. — Gibsie riu quando Hughie se soltou e o atirou no chão. Deitado de costas, ele ergueu as mãos e falou, ainda rindo: — Eu não toquei nela.

— É bom que seja verdade — Hughie rosnou, dando um tapa no rosto dele. — Existe um código que não deve ser quebrado! Não se mexe com a irmã dos seus amigos!

— Pensei que essa regra se aplicava só pras mães — Gibsie retrucou, gargalhando muito para conseguir se defender. — Não é, Kav?

— Cuidado — avisei.

— São as roupas — Feely falou, soltando um suspiro melancólico.

— E o cabelo — Pierce concordou.

— Ela é a melhor cozinheira — Gibs comentou.

— E está sempre cheirosa — Robbie disse.

— E aquele corpo...

— É a minha mãe, seus cuzões pervertidos! — berrei, estremecendo. — Eu não falo da mãe de vocês desse jeito!

— Porque nenhuma das *nossas* mães se parece com a *sua* mãe — Gibsie falou. — Mami K. — Ele soltou um suspiro

dramático. — Hummm.

— Nossa, sim. — Hughie fez uma pausa no meio do estrangulamento. — Pra ser justo, capitão, sua mãe é pura...

— Termine essa frase e vou enfiar essa muleta no fundo do seu buraco. — Me virando para Gibsie, falei: — Sabe de uma coisa? Vá em frente e coma todas as irmãs deles, Gibs. Na verdade, vão se foder.

— Não quero as irmãs deles. Sem ofensa, caras. Sei que são todas maravilhosas — Gibsie brincou. — Eu só quero a irmã *dele*.

— Está vendo? — Hughie latiu antes de voltar a atenção para Gibsie. — Eu só estava brincando sobre a sua mãe. Esse babaca está falando sério sobre a minha irmã!

— Acho que você está interpretando tudo errado, cara — Gibsie continuou provocando enquanto Hughie retomava o estrangulamento. — Eu sou leal, sou lindo. Dizem que faço um oral nota dez. Sou um partidão.

— Você é um cuzão, isso sim! — Hughie vociferou. — Não esqueça que te conheço desde sempre, babaca. O que significa que sei por onde seu pau já andou!

— Eu só estava ganhando tempo e a prática leva à perfeição. — Gibsie deu risada e então soltou um grunhido quando o punho de Hughie colidiu com a sua mandíbula. — Cara, no rosto, não. Sua irmã me acha gato.

A cara de Hughie assumiu um tom intenso de roxo.

— Ela é inocente, boa e pura, porra, então mantenha as mãos longe dela!

— Ah, Johnny? — Feely murmurou, cutucando meu ombro. — Temos companhia.

Desviei os olhos daqueles dois idiotas rolando no chão e olhei para Robbie e Pierce bem a tempo de vislumbrar Shannon se afastando.

De *mim*?

Ah, não, porra.

Abrindo caminho entre os caras, saí atrás dela, sentindo uma queimação subindo pelas minhas coxas enquanto me movia, nervoso demais para diminuir o ritmo ou para pegar a muleta.

— Shannon? — Meu coração martelava tão forte contra o meu peito que pensei que deixaria até um hematoma. Gritei: — Shannon, *como o rio*, volte aqui!

27

VOCÊ ESTÁ COMIGO?

Shannon

Quando Darren parou no estacionamento do Tommen pouco depois das 8h45, me senti uma stalker bizarra procurando silenciosamente o familiar audi A3, sem encontrar nada. Meu coração estava na minha garganta e eu estava encolhida no assento, querendo nada mais que desaparecer no ar e flutuar para longe.

— O que acha que Tadhg vai querer de aniversário? — ele perguntou, dando voltas e procurando uma vaga. — É essa sexta e não faço ideia do que comprar.

— Não sei. — Entorpecida, olhei para a janela e senti a ansiedade aumentando a cada colega que eu via entrando no prédio principal. — Pergunte pra ele.

— Estou perguntando pra você — ele disse baixinho.

— Chuteiras — murmurei, enjoada demais para prestar atenção. — Não é como se ele estivesse esperando ganhar alguma coisa. — Meu estômago estava se contorcendo, minhas mãos estavam suando. Parecia até que alguém estava segurando um cubo de gelo na minha nuca.

— Boa ideia.

Respira, Shannon.

Só continua respirando...

— Quer que eu entre com você? — Darren perguntou quando finalmente encontrou uma vaga naquele labirinto. Ele desligou o motor, soltou o cinto e se virou para mim. — Não tem problema.

Girei a cabeça para encará-lo de olhos arregalados de pavor.

— Você lembra do primário?

— Não sou tão velho assim.

— Então você deveria saber que a *última* coisa que alguém ia querer é que o irmão mais velho entrasse com ela na escola — falei. — Tipo, a última coisa.

Ele sorriu.

Eu o olhei desconfiada.

— O que foi?

— Você me chamou de irmão mais velho.

— Bem, sim. — Suspirei e joguei a cabeça para trás. — É o que você é.

— É bom te ouvir falar isso.

Suas palavras pairaram no ar feito um peso morto no meu pescoço. Eu não podia fazer isso com ele. Não aquela manhã.

Não quando eu estava por um *triz* de implorar para que ele desse ré e me levasse para casa.

— Preciso ir — sussurrei, resignada, com os olhos grudados no enxame de alunos espalhados pelos prédios.

Você consegue.

Você consegue!

— Estarei aqui às quatro — ele disse quando abri a porta do carro e saí na chuva. — Vou tentar achar uma vaga perto dessa, está bem?

Assenti e peguei a mochila.

— Valeu pela carona.

— Shannon?

— Hã?

— Boa sorte.

Vou precisar mesmo.

Fechei a porta do carro, coloquei a mochila no ombro e segui para o pátio com o corpo rígido e a cabeça agitada. Quanto mais eu me aproximava do prédio principal, mas difícil ficava manter a respiração regular. Eu estava ansiosa e a cada passo que eu dava, ficava mais perto de um ataque de pânico total.

De cabeça baixa, cantarolei pequenas afirmações mentalmente, ignorando as encaradas e os cochichos, e entrei apressada. Estava me sentindo desequilibrada e desorientada, e nem o calor dos aquecedores do prédio conseguiu descongelar minhas veias. Disparei para o corredor, tentando desesperadamente encontrar Claire e Lizzie.

— Oi, Shan — uma voz familiar falou atrás de mim.

Virei e me deparei com Shelly, uma das garotas da minha sala, acenando da porta do banheiro. Seu sorriso desapareceu rapidamente quando seus olhos se cravaram nos meus.

— Ah, meu Deus — ela sussurrou, apontando para o meu rosto. — Então é verdade, né?

— Provavelmente — murmurei, nervosa.

— Eu pensei que... tipo, quando ouvi as meninas falando sobre isso no banheiro, pensei que... — Ela abriu a boca e ficou me encarando por um longo tempo. — Que merda, amiga — ela finalmente soltou. — Sinto muito.

— Sabe onde Claire está? — perguntei baixinho. — Ou Lizzie?

— Na sala do sr. Twomey. Ele as chamou assim que chegaram. Estão lá há um século. — Shelly fez uma careta. — Deve ser sobre você.

— Ah.

Fiquei parada, sem saber o que dizer e, decidindo que não havia nada a ser *dito*, fui embora.

Estava planejando fugir para a área comum do terceiro ano e me esconder ali até a primeira aula começar, mas meus pés tinham outros planos. Minha pulsação estava acelerada enquanto eu me desviava do caminho, atravessando corredores que nunca tinha usado e indo até a ala do quinto ano.

Eu a ouvi antes de vê-la.

— Sai da minha frente, vadia!

Me empurrando grosseiramente para fora do seu caminho, Bella disparou pelo corredor. Eu nunca tinha visto uma garota

usando um salto de quinze centímetros se movendo tão rápido daquele jeito.

Cambaleando para o lado com o impacto, me apoiei na parede, respirando com dificuldade, e fiquei olhando para ela.

— Isso é tudo culpa sua — ela vociferou por cima do ombro antes de desaparecer em outro corredor. — Você estragou a minha vida.

De alguma forma doentia e extremamente tóxica, eu quase me senti *melhor*, como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros. Pelo menos por um tempo. Porque eu *sabia* que um confronto estava por vir. Eu *sabia* que ela ia fazer alguma coisa contra mim.

Garotas como Bella Wilkinson eram todas iguais. Eram amargas e tinham raiva do mundo e jamais poderiam deixar qualquer coisinha passar. A *coisinha*, no caso dela, era Johnny, e o olhar que ela me deu aquele dia no ônibus me mostrou claramente que eu estava na sua mira.

Você sobreviveu a algo bem mais grave que uma garota escrota, uma vozinha disse na minha cabeça. *Daqui a três anos, não vai nem se lembrar dela*.

Assim, endireitei a coluna e continuei seguindo para a ala do quinto ano. Já tinha todo um discurso preparado, que se esvaiu da minha cabeça assim que o *vi*, recostado no armário com os braços cruzados, cercado por um pequeno exército. Ao lado dele, apoiada no armário, estava uma única muleta. Na mesma hora, reconheci os quatro garotos: Gibsie, Patrick Feely, Pierce O'Neill e Hughie Biggs. Os outros eu lembrava do ônibus. Eram seus colegas de time.

Estavam todos rindo de alguma coisa que Gibsie dizia. O sorriso de Johnny era dos largos e cheios de covinhas e eu só podia imaginar o que Gibsie tinha falado, agitando as mãos animadamente daquele jeito típico para provocar aquela reação.

Seu cabelo escuro estava deliciosamente bagunçado, e tive quase certeza — não, eu *sabia* — que ele tinha acordado assim, e seus olhos estavam dançando de divertimento.

Então Gibsie e Hughie começaram a brincar de lutinha. Hughie derrubou Gibsie no chão e eles ficaram rolando, enquanto os outros olhavam e riam.

Congelada no lugar, fiquei observando-o, notando que ele tinha um ar despreocupado ali com os colegas de equipe e amigos, e fiquei triste.

Ele nunca fica desse jeito com você porque você não o faz feliz. Você jamais poderia fazê-lo feliz. Você é só uma complicação, uma vozinha irritante falou na minha cabeça. *Acostume-se a observá-lo de longe, Shannon, porque ele vai embora logo. Ele vai ser uma estrela. Olha só para ele: já está brilhando tanto que é capaz até de te cegar...*

Sentindo a coragem me abandonar em um suspiro trêmulo, me virei depressa, decidida a fugir — a colocar um espaço muito necessário entre meu coração e o garoto que o possuía.

Tudo aquilo era demais — meus sentimentos, a multidão, a escola, minha vida...

— Shannon?

Vai em frente, pode não ser ele.

— Shannon, *como o rio*, volte aqui!

Puta merda.

Parei no meio do corredor de costas para ele, considerando minhas opções: fingir que não tinha ouvido ou continuar fugindo. A covarde em mim preferia a segunda opção, mas me obriguei a *ficar*, respirar e pensar melhor.

Você não quer fugir de Johnny, eu disse a mim mesma. *Que besteira! Você não tem medo dele*.

— Você vai me ignorar? — Ele estava mais perto, dolorosamente perto, e quando senti seus dedos na minha escápula, um arrepio involuntário se espalhou pelo meu corpo. — Hein?

Respirando fundo para me acalmar, me virei e estampei o maior sorriso que eu conseguia conjurar.

— Oi, Johnny.

Ele estava com o cenho franzido e os olhos azuis tomados de confusão, olhando para mim. Nossa, como ele era lindo. Era até difícil me concentrar e meus olhos ficavam se desviando para a sua boca — para aqueles lábios que eu conhecia tão intimamente.

— Oi, Shannon — ele respondeu sem sorrir.

— C-como você está? — perguntei, nervosa.

— Bem, e você?

— Estou bem... — Meu sorriso murchou quando notei sua expressão tempestuosa. — Qual o problema?

— Você estava fugindo — ele falou, magoado. — De mim.

— Ah, não, eu só... precisava... tipo, é, eu pensei que devia... — Soltando o ar entrecortado, curvei os ombros. — É.

Seus olhos se suavizaram.

— É de *sim*, *estava fugindo* ou não?

— Eu, hum... — Fiz uma careta, me sentindo extremamente exposta. Ele estava me pressionando daquele seu jeito direto. — Não sei.

Um sorriso fraco surgiu em seus lábios.

— Não sabe?

— Não sei se você queria que eu fosse até lá. Tipo, eu não sabia se você queria me ver... ou falar comigo. Depois do que aconteceu com a minha mãe eu... não sabia se você ainda queria falar comigo. — Soltei um suspiro trêmulo, me atrapalhando com as palavras e me diminuindo. — Eu não sabia o que você queria. — Soltei o ar com força, abaixando a cabeça. — Eu *não* sei — corrigi depressa, em um tom que era pouco mais que um sussurro. — Não sei o que você quer.

— Me pergunte.

Contendo a vontade de sair correndo para me esconder, obriguei meu queixo a se erguer e olhei para ele.

— Hã?

— Se quer saber o que eu quero, me pergunte — Johnny repetiu, se aproximando. — Tudo o que você tem que fazer é me *perguntar*. — Ele abaixou a mão, segurando meu cotovelo com gentileza. — E eu vou te falar.

Me senti meio zonza ao perguntar:

— O que você quer, Johnny?

— Pra começar, quero que você me olhe nos olhos quando fala comigo — ele respondeu, enquanto seus olhos azuis me penetravam tão profundamente que duvidei que pudessem voltar ao normal. — Depois, quero que você pare de se

preocupar com coisas que não estão no seu controle. Tipo Darren ou a sua mãe.

— Mas você não voltou mais — eu disse, corando antes de recuar depressa. Meu coração estava disparado, e meu corpo tremia com uma mistura de ansiedade e excitação. — Desculpe. Eu não quis dizer que você *tinha* que voltar ou algo assim, e eu não esperava que você simplesmente largasse tudo por mim. Sei que você está ocupado e tem fisioterapia...

— Eu não voltei porque não consegui, Shannon, não porque sua mãe mandou ou porque não queria te ver — ele explicou, parecendo chateado. — Não voltei porque eu fisicamente não *conseguia* chegar até você. Ainda não posso dirigir e minha mãe ficou na minha cola. Eles mandaram até Gibsie ficar longe, pelo amor de Deus. Mas eu queria ir. — Ele soltou um suspiro trêmulo. — Eu queria *muito* te ver.

Senti um enorme peso sendo arrancado dos meus ombros. Na semana anterior, eu não tinha dormido e mal tinha comido, tudo porque eu estava literalmente me afogando nos meus sentimentos e inseguranças. O desconhecido era algo aterrorizante para mim. Não saber em que situação eu estava com Johnny era ainda pior.

— Ah.

— Tentei te ligar — ele falou depressa. — Te escrevi todos os dias.

— A bateria do celular acabou — expliquei, atordoada. — Eu não consegui carregar.

— O celular morreu... — Ele suspirou, parecendo aliviado. — Faz sentido.

— Ela me odeia? — perguntei, querendo desmaiar. — Sua mãe?

— Não, Shan, ela não te odeia — ele respondeu com uma voz sofrida. — Acho que não existe uma pessoa nesse planeta que poderia te odiar.

— Mas?

Ele fez uma careta.

— Ela só está...

— O quê? — Meu coração acelerou enquanto eu esperava a resposta morrendo de medo.

— Preocupada — ele finalmente disse. — Meus pais não querem que eu vá mais na sua casa. Eles acham que é uma péssima ideia.

Meu coração murchou.

Ah, meu Deus, você é uma péssima ideia.

Os pais dele acham que você é uma péssima ideia para ele, Shannon.

Mordi meu lábio com tanta força que até fiquei surpresa por não arrancar sangue.

— Me desculpe. — Perdida, juntei as mãos, nervosa, e suspirei. — Por tudo.

Johnny esticou o braço e colocou meu cabelo atrás da orelha.

— Pode me fazer um favor?

Assentindo, me contive para não recostar a bochecha na sua mão.

— Claro.

— Será que você pode não voltar pra dentro da sua concha toda vez que a gente passa uns dias sem se ver?

Engoli em seco, com os olhos fixos nele.

— Minha concha?

— Sua concha — ele confirmou. — Não faça isso comigo, Shannon... não me bloqueie desse jeito. Fim de semana passado você se *entregou* pra mim, e agora está se retraindo de novo. Eu sou o mesmo daquela noite na minha casa... sou o mesmo das outras vezes que estivemos juntos. Então não coloque um muro entre a gente, não quando você já me deixou passar pro outro lado.

— Eu... não percebi que estava fazendo isso — admiti.

— Você está fazendo agora — ele confirmou rispidamente. — Você faz isso o tempo todo.

— Eu... — Balancei a cabeça e dei de ombros, impotente. — Desculpe?

— Não peça desculpas. Só confie em mim, está bem?

— Eu confio em você, Johnny — falei, acenando a cabeça, desesperada para que ele soubesse. — Mas eles provavelmente estão certos — acrescentei, enquanto uma onda paralisante de incerteza me dominava. — Seus pais, quero dizer. — Soltando o ar, toquei a testa e murmurei: — É uma péssima ideia.

— Eles estão errados — Johnny disse de um jeito tão confiante e seguro que era reconfortante de ouvir. — Eu estou certo.

— Sobre o quê?

— Sobre você.

Ah, meu Deus!

— Mas eu *sou* uma péssima ideia pra você, Johnny — retruquei, tremendo, precisando que ele me ouvisse, oferecendo-lhe uma saída que ele aceitaria se tivesse juízo. — Sou um problema.

— Eu gosto do seu problema — ele retorquiu, se aproximando.

— Minha vida é *complicada*.

— Eu quero as suas complicações.

Um suspiro escapou da minha boca.

— Você quer?

Ele assentiu devagar.

— Você me perguntou o que eu queria. Pois eu quero muitas coisas, mas, pra resumir, quero você. — Dando de ombros, ele acrescentou: — E estou meio que esperando que você diga que também me quer. — Ele soltou uma risada nervosa. — Senão acabei de pagar o maior mico no meio da escola...

— Eu também — soltei, depois me encolhi. — Você. — Sacudindo a cabeça, soltei o ar e tentei de novo: — Também quero você.

— É? — Ele abriu um enorme sorriso e seus ombros relaxaram de alívio. — Ufa.

— E eu estava com saudade — falei, obrigando as palavras a saírem da minha cabeça, porque eu precisava que ele soubesse pelo menos disso. — Muita saudade — acrescentei, oferecendo-lhe mais um pouco da minha confiança. — Muita mesmo.

— Ah. — Segurando meu cotovelo com mais força, ele me puxou para perto até estarmos grudados. — É mesmo?

— Tipo uma quantidade absurda do caralho — sussurrei.

— Uma quantidade absurda do caralho? — Ele sorriu e inclinou a cabeça para o lado. — Parece perigoso.

— E é. — Assenti vigorosamente. — Bastante.

Sorrindo, Johnny abaixou o rosto, diminuindo a distância entre nós.

— Acho que vou arriscar — ele sussurrou e, então, roçou os lábios nos meus.

Primeiro, seu toque foi leve como uma pena, depois, um pouco mais firme e então... ah, meu Deus.

Sua língua varreu a minha boca, acariciando-a, minha respiração ficou presa e minhas pálpebras fechadas tremularam.

Minhas mãos se moveram por vontade própria, enroscando os dedos no suéter azul-marinho do uniforme dele enquanto eu o beijava de volta com vontade. O que quer que eu tivesse naquele momento, dei tudo para ele, incapaz e sem querer conter os sentimentos que explodiam dentro de mim e que eram todos direcionados exclusivamente a ele.

Eu sabia que as pessoas podiam nos ver, já que estávamos no meio do corredor, e seus colegas de time estavam a menos de três metros, mas não ligava mais para nada. Ouvi o sinal da primeira aula, ouvi vozes ao nosso redor, pessoas chamando o nome dele e uivando feito lobos, mas não consegui encontrar a força necessária para me afastar. Não consegui me *importar*.

Johnny manteve a mão no meu braço, me segurando com força contra o seu peito, enquanto a mão livre se enfiava no meu cabelo, me prendendo no lugar, me mostrando com cada movimento da língua que ele realmente queria o meu problema.

Ah, meu Deus...

O sinal tocou de novo e fomos encobertos por um silêncio repentino.

Tremendo, continuei agarrada nele, me esforçando para lidar com o calor crescendo dentro de mim. A pressão no meu peito era quase demais e ofeguei na sua boca, precisando de mais e precisando que ele parasse, tudo de uma vez. Porque eu não conseguia mais conter as emoções irrompendo dentro de mim. Não conseguia impedir que meu coração desviasse do caminho e corresse direto para ele.

— Espere, espere, espere... — Quebrando o beijo, Johnny ficou me encarando, respirando com dificuldade. — Você é minha namorada agora, né?

Um pouco tonta, estiquei o pescoço e olhei para ele.

— Hã?

— Namorada — ele repetiu, nervoso. — Né?

— Hum, eu... eu...

— Porque eu nunca fiz isso antes. — Ele olhou para o corredor vazio antes de voltar a atenção para mim. — E preciso saber o que está rolando entre a gente.

— Ah. — Dei de ombros, impotente. — Eu também não.

— Ah, é. Merda, foi mal. — Ele respirou fundo, inquieto e dolorosamente vulnerável. — E aí?

Será que ele estava me pedindo para *confirmar* que eu era sua namorada ou estava me perguntando se eu queria *ser* sua namorada? Ou estava me perguntando se eu *achava* que era? Nossa, eu não sabia e minha mente estava confusa. Meu coração era desconfiado demais para fazer tal suposição por medo de estar interpretando tudo errado.

— Não sei — finalmente falei, com o coração disparado. — Sou?

Johnny tocou minha bochecha, fazendo um carinho leve como uma pena.

— Estou torcendo pra que sim.

— É mesmo? — Um profundo alívio me invadiu e eu sussurrei: — Eu também.

— Então sou seu. — Sorrindo, sua mão escorregou do meu braço para a minha bunda e ele me deu um leve apertão antes de recuar e me soltar. — Só pra *você* saber o que está rolando.

Meu coração martelou tão forte contra o meu peito que me senti um pouco zonza.

— Ah, c-certo.

Ele então puxou a camiseta para fora do cós para esconder a impressionante protuberância em sua calça cinza.

— Eu deveria estar na aula de contabilidade com Doyle e não faço a mínima ideia de como vou me concentrar em planilhas agora — ele explicou, fazendo uma careta. — E você, está atrasada pra que aula?

— Eu, ah... — Balançando a cabeça, tentei clarear os pensamentos, mas meu olhar ficou se desviando para a sua ereção descarada. — Matemática.

Quando me percebeu olhando, Johnny deu de ombros timidamente.

— Hum, é, acho que *isso* vai acontecer bastante quando eu estiver com você — ele falou, balançando a cabeça de leve. — Mas saiba que não estou esperando nada, está bem? É só ignorar e logo isso se resolve.

E se eu não quiser ignorar?

— Está bem — concordei ofegante. — Entendo.

Sentindo que meu mundo tinha mudado mais uma vez debaixo dos meus pés, observei Johnny caminhar rigidamente até o armário, colocar a mochila no ombro e pegar a muleta antes de voltar para mim.

— Você não devia estar usando esse negócio? — perguntei quando ele passou o braço pelo meu ombro e me conduziu de volta para a ala do terceiro ano, girando a muleta de metal na mão como se fosse uma vara.

— Esse negócio me deixa lento — ele admitiu, me puxando para o seu lado.

— Por um bom motivo — falei baixinho, parando do lado de fora da minha sala. — Porque *é* pra você diminuir o ritmo, Johnny.

— Então é isso que significa ter uma namorada? — ele me provocou, felizmente abaixando a muleta. — Ter você mandando em mim e me dizendo o que fazer?

— Não. — Corei. — Só estou dizendo que te deram uma muleta por um motivo.

— Sim, eu sei. — Suspirando, ele me soltou e se virou para me encarar. — Então, escute, eu queria te perguntar como

vão as coisas na sua casa, mas fui levado pelo momento.

Ao ouvir a palavra "casa", senti toda a tensão voltar para dentro de mim.

— Meu pai ainda está desaparecido — eu disse. — Se é isso o que quer saber.

— Ele não deu sinal de vida?

Dei de ombros.

— A Gardaí não sabe de nada.

— Merda. — Johnny soltou um grunhido de frustração. — Já faz mais de duas semanas. Como é que não encontraram ele ainda?

— Está tudo bem. — Dei de ombros, ficando mais nervosa ao pensar no meu pai. — Não estou esperando nenhum milagre.

— Não, *não* está nada bem — ele devolveu com um tom acalorado. — Mas *você* vai ficar bem.

— Sim. — Estremecendo, mergulhei no seu abraço e pressionei a testa no seu peito. — Talvez eu fique.

— Podemos fazer alguma coisa depois da escola hoje? — ele perguntou, roçando a bochecha no meu cabelo. — Você pode ir pra casa comigo?

Ah, como eu queria.

— Não.

— Não? — Ele me encarou. — Se é porque você acha que meus pais não te querem em casa, você está errada, Shan.

— Darren vem me buscar — falei, relutante. — Pelo visto, ele vai me trazer e me buscar todos os dias daqui pra frente.

Ele resmungou, colocou a mão na minha lombar e me puxou para perto.

— Detestei isso.

Fechando os olhos, simplesmente me afundei nele, com o corpo todo tenso.

— Desculpe.

— Não peça desculpas — ele disse, passando a mão nas minhas costas. — Vai ficar tudo bem, estou melhorando. Estou fazendo fisioterapia e tal. Quando pegar meu carro de volta na semana que vem e voltar a dirigir, tudo vai ficar mais fácil. — Ele soltou um grunhido e disse: — Vou ficar na cola deles como se fosse um pesadelo.

— Me desculpe pelo jeito como eles falaram com você — falei. — Foi tão errado...

— Shan... — Ele suspirou. — Não se preocupe com isso.

— Eu *estou* preocupada com isso.

— Sei que você está com medo, mas eu não estou, e também não estou preocupado — ele retrucou rispidamente. — Não ligo se sua família inteira não gosta de mim. *Deixe* eles pra lá. Só estou interessado em você, porque só me importo com você.

— Joey gosta de você — declarei.

Johnny abriu um sorrisinho.

— Ah, é?

Assenti.

— E ele não gosta de *ninguém*.

— Bom saber que tenho a aprovação do irmão mais velho — Johnny falou, rindo. — Ah, é, quase esqueci... — Ele enfiou

a mão no bolso e pegou um celular caro que, apesar de ser rosa, era idêntico ao preto. — Você está com o meu celular? — ele perguntou, batendo na tela do aparelho rosa na sua mão.

— Ah... — Deslizei a mão por baixo do suéter, peguei o celular dele no bolso da camisa e o estendi. — Ah, me desculpe... hum, obrigada de novo por me deixar ficar com ele.

Johnny pegou seu aparelho e o enfiou no bolso antes de colocar o rosa na minha mão.

Fiquei olhando para o celular sem expressão.

— O que é isso?

— É seu — ele respondeu.

Ele tirou a mochila do ombro, pegou um carregador no bolso da frente e o colocou na minha mochila.

— O q-que você está fazendo?

— É seu — ele repetiu, com os olhos azuis fixos nos meus. — Tem MP3 embutido e eu já botei um monte de músicas pra você. Já está carregado com créditos e eu salvei o meu número, o da Claire, do Joey e do Gibsie, mas você vai ter que adicionar o resto dos seus contatos.

Fiquei olhando-o boquiaberta.

— Você comprou um celular pra mim?

— Você precisava de um celular e eu perdi seu aniversário. — Ele deu de ombros, como se não fosse nada de mais, e afirmou: — Achei que fazia sentido.

— Você me deu um jantar de aniversário — sussurrei, constrangida.

— Eu te dei uma tigela de cereal — ele grunhiu, parecendo irritado consigo mesmo.

— E um misto quente — falei depressa.

— Nem me lembre — ele grunhiu.

— Quando você comprou isso?

— Outro dia, depois da fisio — ele respondeu, me olhando com desconfiança. — Você ficou brava?

— Não estou brava — eu disse, meio zonza. — Mas não posso aceitar. — Baixei o olhar para o celular que eu sabia muito bem que devia ter custado pelo menos algumas centenas de euros. — É um exagero — falei com a voz trêmula. — É caro demais.

— É *seu*. Só enfie ele no bolso e não tente me mandar de volta pra casa com um celular rosa. — Sorrindo, Johnny acrescentou: — Senão Gibs não vai parar de me encher o saco.

— Mas você não precisava fazer isso por mim...

— Eu vou fazer várias coisas por você, Shannon. — Johnny pegou o celular da minha mão, colocou a mão por baixo do meu suéter e o guardou no bolso da minha camisa. Quando seus dedos roçaram meu peito, estremeci. — E vou te comprar várias coisas. — Ele deu um passo para trás sem tirar os olhos de mim e deu de ombros sem remorso. — Só pra te avisar.

— Mas eu não *preciso* de presentes. — Levei a mão à testa, aturdida e estressada enquanto o aparelho no meu bolso pesava na minha consciência. — Não sou uma dessas garotas que ficam no seu pé pelo que podem arrancar de você, Johnny. Não sou a Bella — acrescentei, suplicando com os olhos para que ele acreditasse em mim. *Eu só preciso de você.*

— Eu sei disso, Shannon — ele respondeu, franzindo a testa. — Nossa, não fala assim.

— Eu não posso te pagar nada — eu disse, repetindo a mesma coisa que eu lhe dissera na semana anterior, torcendo para que ele me escutasse. — Não tenho *nada* pra te dar de volta.

— Você pode me ligar.

— Te ligar?

Ele deu um sorrisinho.

— E pode me mandar umas mensagens.

— Fala sério — implorei.

— Estou falando sério. — Ele se aproximou. — Estou falando bem sério.

Ah, meu Deus...

— Preciso poder entrar em contato com você. — Ele colocou a mão no meu quadril e me puxou para perto. — Pra saber que você está bem. — Soltando um suspiro trêmulo, ele pressionou os dedos com mais força, me fazendo arder com uma necessidade desconhecida. — Não posso ficar em casa sem saber o que está acontecendo na sua vida. — Seus olhos escureceram quando ele disse: — Na sua casa.

— Johnny...

— Não consigo lidar com isso, Shannon — ele sussurrou. — Você não faz ideia de como isso me deixa maluco, não saber se ele voltou ou se você está segura. Toda vez que penso em você naquela casa eu entro em pânico. Eu *literalmente* estou ficando doido imaginando os piores cenários possíveis até te ver de novo.

— Mas estou bem agora — tranquilizei-o depressa. — Estou mesmo.

— Talvez — ele falou baixinho. — Mas ainda preciso saber.

— Pelo telefone — continuei.

— Isso. — Ele trocou o peso de um pé para o outro, desconfortável. — Acho que agora é uma boa hora pra te contar que eu fico um pouco obcecado pelas coisas que eu amo, né?

Essa palavra de novo.

— Está tudo bem — falei.

— Não está — ele retorquiu rispidamente. — Porque já era ruim o suficiente antes, quando eu estava lutando contra isso, mas agora eu estou apenas... — Ele soltou um suspiro sofrido. — Eu só quero estar com você. — Ele deu de ombros, quase impotente. — O tempo todo, porra.

— Isso pode mudar — soltei, tremendo com o impacto das suas palavras.

— Pode esperar sentada — ele respondeu.

Não se preocupe, eu não estou esperando.

— Quando eu pegar meu carro de volta, podemos passar mais tempo juntos fora da escola, e talvez eu não fique tão paranoico assim — ele continuou. — Você pode ir lá em casa e me dar um pau no PlayStation ou a gente pode ir ao Biddies. O que você quiser.

— Eu realmente acho que seus pais não vão querer que eu vá na sua casa — falei, mordendo o lábio com força. — Sei que você não acha, mas eu sinceramente não os vejo querendo que você passe seu tempo comigo. — Suspirei. — E eu não os culpo, Johnny.

— Não estou passando meu tempo com você, Shannon. Eu *estou* com você — ele retorquiu grosseiramente. — E prometo que meus pais não têm problema nenhum com você.

Ah, claro...

— Estou falando sério, Shan — ele acrescentou, erguendo meu queixo para que eu o olhasse nos olhos. — Eles gostam bastante de você.

Eu não acreditei em uma palavra, mas me segurei para não falar nada. Em vez disso, murmurei, hesitante:

— Eles são boas pessoas.

— *Você* é uma boa pessoa — Johnny retrucou, me olhando com seus olhos penetrantes. — Você, Shannon, é *boa*. Meus pais e todo mundo sabe disso. Especialmente eu. Então não deixe essa sua cabecinha te convencer do contrário.

Um arrepio percorreu meu corpo.

— Nossa, Johnny, eu só queria que a gente pudesse...

— Vamos, Peludo! — A voz de Gibsie perfurou o ar, me fazendo pular de susto. Segundos depois, ele apareceu na escada, subindo os degraus feito um labrador superempolgado. — Ah, oi, Shannonzinha.

— Oi, Gibs — falei timidamente antes de olhar para Johnny. — *Peludo*?

Johnny soltou um suspiro cansado.

— Nem pergunte.

— Ah... está bem? — Franzi o cenho.

— Você está ótima, garota — Gibsie falou com um sorriso simpático antes de pegar a mochila de Johnny depressa e colocá-la no ombro. — Detesto interromper a reunião, mas

esse garoto aqui precisa levar o traseiro pra aula. — Seus olhos estavam dançando de animação quando ele falou: — Cara, você não vai acreditar, mas a sra. Moore aceitou minha sugestão!

Johnny ficou encarando Gibsie por um longo tempo antes de se lembrar e, então, ficou boquiaberto.

— Está brincando.

— Estou falando bem sério. — Gibsie literalmente saltitou. — Fiz a sugestão meses atrás e achei que eles só me ignoraram por causa daquela conversa de merda de ex-aluno antes do Natal, mas eu estava errado. Eles me ouviram, cara. Organizaram tudo! Juro que este é o melhor dia!

— Realmente trouxeram elas pra palestrar? — Johnny insistiu.

Gibsie assentiu, ansioso.

— De nada.

— Jesus! — Johnny grunhiu. — Essa escola é uma merda.

— Que sugestão? — me ouvi perguntando.

Johnny me olhou nervoso.

— Ah, é melhor você não saber.

— E são três, cara — Gibsie acrescentou, claramente encantado. — Três, Johnny! Três, caralho!

— Três o quê? — perguntei, curiosa.

— Enfermeiras — Johnny murmurou, esfregando o queixo.

Minhas sobrancelhas se franziram.

— Enfermeiras?

Ele abriu a boca para responder, mas Gibsie falou primeiro:

— Não enfermeiras quaisquer, enfermeiras sexuais. — Dando uma piscadela, ele acrescentou: — E elas não se parecem *nem um pouco* com as que tocaram suas bolas esta manhã.

Arregalei os olhos.

— Hã? — soltei.

— Meu Deus, não é o que parece. — A expressão perplexa de Johnny era um reflexo da minha. — E elas não são enfermeiras sexuais, seu idiota — ele falou para Gibsie, agitado. Passando a mão pelo cabelo, ele estreitou os olhos e disse: — Elas são enfermeiras comuns que, por acaso, trabalham em uma clínica de saúde sexual.

— Eu *sei* — Gibsie falou alegremente. — Melhor ainda.

Johnny arqueou a sobrancelha.

— Você pelo menos sabe pra que serve uma clínica de saúde sexual?

— Sei que elas estão distribuindo camisinhas *de graça*, pirulitos e lubrificantes — Gibsie falou todo contente. — É tudo o que preciso saber. — Dando um tapa no ombro de Johnny, ele disparou para a escada, berrando: — Vamos, já esvaziei a mochila. Vamos economizar uma fortuna hoje.

Olhei para Johnny, que estava olhando para Gibsie com uma expressão levemente horrorizada.

— Como você acha que é lá dentro da cabeça dele?

— Um lugar feliz? — sugeri, dando de ombros.

— Hum. — Franzindo a sobrancelha, ele se virou para mim. — Escute, quer matar o resto da...

— Vem, Johnny! — Gibsie rugiu a plenos pulmões. — Você está perdendo a apresentação, droga!

— Nossa! — Fazendo uma careta, ele se inclinou para baixo e deu um beijo na minha bochecha. — É melhor eu ir e... *dar um jeito* nele.

— Claro. — Assenti. Senti as bochechas esquentando enquanto ele corria atrás do amigo. — Tchau, Johnny.

— Tchau, Shannon — ele falou por cima do ombro, se atrapalhando na escada. — Te vejo no almoço, está bem?

— Beleza. Até mais.

— Aliás, eu não vou fazer isso — ele disse, parando no meio da escada e se virando para mim. — Então não se preocupe.

— Você não vai fazer o quê?

— Esvaziar minha mochila.

Abri a boca para falar alguma coisa, mas acabei só ficando de boca aberta.

Johnny desapareceu dando risada, me deixando ali, comendo mosca.

Devia ter ficado imóvel feito uma estátua por uns cinco minutos, porque, quando finalmente me dei por mim, meu corpo estava rígido e minhas pernas pareciam feitas de gelatina.

Relutantemente, me virei, peguei a mochila e me obriguei a entrar na sala.

28

CAMISINHAS

Johnny

— Legal vocês se juntarem a nós, gente — o treinador Mulcahy berrou quando Gibsie e eu entramos na sala lotada de alunos do quinto e do sexto anos. — Vocês só estão quinze minutos atrasados. — Se recostando na mesa na frente da sala, ele cruzou os braços e acenou com a cabeça. — Encontrem um lugar rápido. Nossas visitantes querem iniciar a apresentação.

— Olá — Gibsie ronronou, piscando para as três mulheres seriamente atraentes paradas ao lado do treinador. — Só quero que as adoráveis moças saibam que tenho dezessete anos, sou solteiro e estou cem por cento disposto a ser cobaia pra qualquer demonstração *prática* que queiram...

— Fique longe das moças, Gibsie — o treinador falou, ignorando as risadinhas ao nosso redor. — Vá pro fundo da

sala, *longe* de Kavanagh, Biggs ou Feely. Sente-se com outra pessoa.

Balançando a cabeça, vi um lugar vazio cinco fileiras à esquerda e segui para lá, ignorando os olhares curiosos. Idiotas do caralho. *Eles nunca deviam ter visto uma muleta na vida.*

— Eu converso com todo mundo, senhor — Gibsie retrucou, rindo. — E a última fileira está lotada. — Agitando as sobrancelhas, ele acrescentou: — Pelo visto vou ter que me sentar aqui na frente com o senhor.

— Até parece. — Olhando para o fundo da sala, o treinador apontou o dedo e disse: — Bella, troque para a quinta fileira com Kavanagh. Gibsie, sente-se no lugar dela.

Não...

Por quê, Senhor, por quê?

— Está bem — Gibsie declarou. — Mas vou levar isso aqui — ele falou, pegando uma caixa de lenços da mesa enquanto seguia para o fundo da sala. Ele limpou a cadeira antes de se sentar. — Não custa nada ser cuidadoso hoje em dia.

— Está tudo bem aí, Kavanagh? — o treinador Mulcahy me perguntou enquanto eu tentava manobrar o corpo pelas fileiras estreitas de carteiras, ignorando a garota radiante sentada na porra da minha mesa. — Quer uma almofada pra se sentar?

— Não, senhor — resmunguei, enquanto me abaixava no assento tomando cuidado para não encostar *nela*. — Tudo certo.

— Tem certeza? — ele perguntou, me observando com desconfiança. — Precisa de uma mãozinha?

Uma risada alta veio da direção de Hughie e Feely, que estavam no fundo. A duas carteiras deles, Gibsie estava dobrado sobre a mesa, gargalhando.

Me virei e lhe mostrei o dedo do meio de um jeito não tão discreto.

Ele devolveu o gesto enfiando a mão debaixo da carteira e fingindo se masturbar e derrubando uma pilha de livros com sua performance entusiasmada.

Legal.

Legal pra caralho.

— Ou uma boca? — uma voz familiar falou na minha orelha.

Enojado, me voltei para Bella.

— O que você falou?

Ela revirou os olhos.

— Foi só uma piada, Johnny.

— Você acha que pode falar merda pra mim só porque é uma garota? — sibilei.

— Relaxa — ela cuspiu, tamborilando as unhas compridas na carteira. — Eu só estava quebrando...

— O gelo — completei. — É, entendi. — *Dois pesos, duas medidas.* — Bem, aqui vou eu quebrar o gelo: não fale comigo.

— Que babaca — Bella grunhiu, me dando uma cotovelada. Acho que ela queria me machucar, mas só foi irritante. — E aí, o que está rolando com você e a garota Lynch?

Cerrando a mandíbula, me recostei na cadeira e cruzei os braços, ignorando-a completamente.

Nada de bater palma pra maluco dançar.

Nada de bater palma pra maluco dançar.

— Responda — ela sussurrou.

Dê-me forças...

— É melhor você me responder, porque vou continuar...

— Ela é minha namorada — cuspi, perdendo o controle. — Agora para de falar comigo.

A expressão de Bella murchou.

— Sua namorada?

Assenti rigidamente e voltei a atenção para a enfermeira que estava mostrando uma lista dos vários tipos de ISTs no projetor na frente da sala.

— Você perdeu a cabeça — Bella grunhiu. — O que é que você vai fazer com uma namorada? Você vai embora daqui a uns meses.

Você não briga com garotas.

Você não briga com garotas.

— Ah, agora entendi — ela disse. — Você tem pena dela.

Isso chamou minha atenção e virei a cabeça para encará-la.

— Como?

— Shannon — Bella respondeu com um sorrisinho. — Ela é toda cagada, com aquela família disfuncional e um pai terrível, e você adora uma história triste. — Depois, ela acrescentou: — Olha só pro Gib...

— Não começa — avisei, cerrando os punhos.

— Você está com pena, por isso continua com essa farsa — ela insistiu. — Sabia que tinha algo mais aí. *Não* fazia sentido você olhar pra alguém como ela...

— Alguém troca de lugar comigo! — rugi, fazendo a enfermeira que estava palestrando pular de susto, e todo mundo se virou para mim. — Sou uma obra de arte por acaso? — falei, me levantando todo duro. — Parem de olhar pra mim e se mexam. Já!

— Kavanagh! — o treinador falou, confuso. — O que houve?

— Tire ela de perto de mim ou me bote em outro lugar — sibilei com os dentes cerrados. — Senão vou perder o controle.

O treinar obviamente me levou a sério, porque falou sem hesitar:

— Bella, troque de lugar com Gibsie.

— Oba! — ele comemorou no fundo da sala.

— Por que é que eu tenho que trocar de lugar? — Bella grunhiu. — É ele que está incomodado.

— Porque eu mandei — o treinador respondeu secamente. — Vamos!

— Ele tem tratamento especial só porque é seu astro — Bella desdenhou, empurrando a cadeira para trás e se levantando. — Aproveite seu relacionamento — ela sibilou no meu ouvido, empurrando rudemente a cadeira na minha perna. — Aleijado.

— Vamos, Bella — o treinador pediu.

Contive um grunhido quando uma onda de dor se espalhou pela minha perna e permaneci estoicamente em silêncio, sem confiar que não explodiria com ela. Bella deu a volta em mim para passar.

— Você ouviu o homem — Gibsie falou, se apoiando na carteira. — Vamos, Buceta Diabólica.

— Vai se foder, Gibsie — ela rosnou, seguindo para o fundo da sala.

— Você está bem, cara? — Colocando a mão no meu ombro, ele me contornou e se sentou ao meu lado. — Ela te machucou?

— Nah, estou ótimo. — Afundando no assento, estiquei as pernas e respirei com facilidade pela primeira vez desde que entrei na sala. — Ela é maluca.

— Ela é — ele concordou. — Agora, escute, tenho um plano... — Ele apoiou os cotovelos na carteira, juntou as mãos e olhou atentamente para a porta. — Quando elas vierem com os brindes, eu seguro a bolsa aberta e você pega tudo, ok?

— Você é um idiota — falei, rindo.

— É sério — ele devolveu, mantendo os olhos na enorme caixa de camisinhas em cima da mesa.

Estudei seu rosto.

— Cara, você está *mesmo* falando sério.

— Elas são minhas — ele respondeu, abrindo um sorriso malicioso. — Vou pegar todas.

— Você não tem tato, porra — grunhi, olhando meu melhor amigo do outro lado da mesa do almoço. A palestra sobre saúde sexual que Gibsie orquestrou involuntariamente acabou virando três aulas, com um pequeno intervalo no meio, devido ao fato de que um enorme idiota loiro não parava de fazer perguntas. Logo depois eu tinha francês e história e juro que meus níveis de açúcar no sangue caíram por falta de comida.

— Você vive dizendo que eu sou indiscreto, mas você? — Baixando o olhar para a bandeja de plástico à minha frente, espetei o garfo no peito de frango e o rasguei. — Você é uma categoria à parte, cara.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— *Eu?*

— É, você — falei, acenando a cabeça para a sacola lotada de *suprimentos* que ele esvaziou na mesa no minuto em que nos sentamos para almoçar. Engoli cada pedaço de carne e vegetais da minha bandeja antes de continuar: — O que está planejando fazer com tudo isso? Encher de água e brincar de guerrinha? Porque você não vai conseguir usar tudo isso. É fisiologicamente *impossível*.

— *Fisiologicamente*? — ele zombou. — Você precisa tirar a cara dos livros, meu amigo. — Ou pelo menos foi o que pensei que ele disse. Era meio difícil entender o que ele estava dizendo com meia dúzia de pirulitos na boca.

— Quantas camisinhas você pretende usar de uma vez? — perguntei, abrindo a garrafa d'água. — Meia dúzia? Porque não tem outro motivo pra você querer encher a sacola desse jeito, Gibs. — Balançando a cabeça, levei a garrafa aos lábios e sequei seu conteúdo com quatro longos goles. — Elas vão expirar em um ano, e aí?

— Diga o que quiser, mas só estou sendo prático — ele respondeu, chupando os pirulitos audivelmente enquanto examinava seus brindes com orgulho. — E sensível. — Examinando o que deviam ser no mínimo oitenta embalagens de preservativos de cores diferentes, ele fez uma pilha à esquerda do sanduíche. — Um de nós tem que ser.

— *Um de nós tem que ser?* — Estreitei os olhos. — Está falando sério? Você realmente acha que é o sensível desta relação?

— Bem, onde estão as *suas* camisinhas, Johnny?

Estreitei os olhos de novo.

— Não vou transar, então não preciso.

— Ah, claro. — Ele revirou os olhos até o céu. — Famosas últimas palavras, cara.

— Você é patético. Guarde isso logo.

— Por quê?

— Porque todo mundo está te olhando.

— E por que eu me importaria? — ele retrucou, impassível. — Fodam-se eles. — Sorrindo, ele agitou as sobrancelhas. — Você só está com medo de que a sua *namorada* veja. — Rindo, ele balançou a cabeça e continuou fazendo pilhas de camisinhas. — Cara, não acredito que você foi abatido. — Ele suspirou dramaticamente. — Acho que agora somos eu e Feely, já que você e Hugh se foderam.

Meu Deus, por favor, me dê forças para lidar com esse maluco hoje...

Me recostei na cadeira, peguei a garrafa e fiquei praticando a arte de não estrangular meu melhor amigo.

— Você precisa guardar essas merdas — soltei quando me acalmei o suficiente. Olhei em volta procurando por Shannon, mas não a encontrei. — Estou falando sério, Gibs.

— São gringas — ele disse, inspecionando a marca. — Não consigo ler as instruções.

— Pra que instruções? É só botar no seu pau quando estiver pronto e tirar quando tiver acabado. Eu diria que o processo é bem autoexplicativo, cara.

— Bem, essa pilha é pra você — ele ofereceu. — Já que você não teve coragem de pegar sozinho.

— Eu já te disse que *não* preciso de camisinhas — falei, irritado. *Não preciso de tentações*. — E se eu precisar, posso comprar, porque, acredite ou não, Gibs, sou mais que capaz de conseguir coisas sozinho. Me mantive fora de problemas por anos até agora.

— Verdade. — Ele deu de ombros, relaxado. — Mas isso foi antes de você ser laçado.

Era seguro dizer que eu tinha exagerado aquela manhã, mas não me arrependia. Pela primeira vez em meses, senti que tinha alguma clareza sobre meus sentimentos. Como se algo em minha vida estivesse se encaixando.

Será que eu a pressionara demais? Provavelmente. Será que eu devia ter ido mais devagar? Muito provavelmente.

De qualquer forma, eu não ia voltar atrás.

— Não é assim com ela — falei, voltando ao presente. — Então pode guardar tudo antes de ela chegar e surtar.

— Não, não é assim com a Shannon — ele concordou. — É muito *pior* e mais perigoso porque você foi e acabou se apegando forte, não é, garanhão? E estou te falando agora que esse ato valoroso não vai significar nada quando você estiver sendo levado pelo momento, peladão, se afogando em uma buceta virgem e apertada. É só perguntar a qualquer pobre coitado da nossa idade com um bebê no colo ou comprando

guloseimas no mercado. — Ele empurrou uma pilha de preservativos para mim como se fossem fichas de pôquer e acrescentou: — Só estou cuidando de você. Então aqui, tamanho grande pra você.

— Não consigo lidar com você hoje, Gibs — grunhi, erguendo as mãos no ar em puro desespero. — Sinceramente, não consigo.

— Pega.

— Não.

— Pega.

— Não.

— Sim.

— Eles ajustaram a sua medicação?

— Recentemente não. Agora pega.

— Meu Deus, Gibs...

— Pega as camisinhas ou vou fazer um escândalo.

— Está bem! — Enchi as mãos duas vezes, enfiei tudo nos bolsos e olhei para ele. — Está feliz agora?

Ele abriu um enorme sorriso.

— Você vai ficar... quando não estiver sendo levado pelo *momento*.

— Beleza. Obrigado, Gibs, por manter meu pau protegido. Agora quer guardar isso? — praticamente implorei.

Ele assentiu e começou a enfiar tudo na sacola. Suspirei de alívio. Porque a última coisa que eu precisava era de Shannon chegando enquanto a gente trocava camisinhas como se fossem cartas de Pokémon.

— E aí? — ele falou um pouco mais sério. — Como está se sentindo?

Trinquei os dentes.

— Bem.

— Está com dor, né? — Ele me encarou com olhos cheios de preocupação. — Cara, se precisar ir pra casa, tudo bem.

— Eu só estou rígido, Gibs — murmurei. — Estou todo travado.

Pegando um punhado de camisinhas, ele disse:

— A gente devia ir nadar depois da escola.

— Sim, eu sei.

— Você não vai? — Sorrindo, ele abaixou os preservativos e se inclinou para frente. — Por quê? Tem outros planos? — Ele agitou as sobrancelhas. — *Shannon*?

— Não sei, cara. — Respirando bem fundo, apoiei os cotovelos na mesa. — É foda.

— Mas já? — Ele ergueu as sobrancelhas. — Nossa, Johnny, foi rápido, hein!

— Não estou falando da Shannon — murmurei, sentindo o corpo esquentar de raiva. — É que a família dela me *odeia*. — Abaixei a cabeça nas mãos e contive um grunhido. — É um caos, Gibs.

— Caos?

— Caos — confirmei melancolicamente e olhei para ele. — Você viu o jeito como o irmão dela me tratou na semana passada, né? Bem, estou te falando que não foi *nada* comparado ao jeito que a mãe dela falou comigo.

— Joey, o hurler, não tem problemas com você — ele ofereceu. — Bem, não mais que o resto do mundo.

— Menos um de sete, cara — murmurei. — Estou ganhando, não?

— Não entendo — ele disse, esfregando o maxilar. — Sinceramente.

— É, bem, nem eu, cara.

— Talvez eles te achem ameaçador?

— Se eu fosse uma ameaça, eles estariam com medo — argumentei. — E eles não estão com medo, cara. Eles só querem sangue... o *meu* sangue. — Meus ombros se curvaram em derrota. — Não tenho um minuto de paz.

— As coisas uma hora vão se acalmar — ele disse. — A vida tem uma balança embutida. — Ele deu de ombros. — Não dá pra ser tudo ruim o tempo todo, assim como não dá pra ser tudo bom. Sempre acontece alguma coisa.

— Ah, é? — Fiz uma careta. — Espero que você tenha razão, cara.

— Você é ridículo — Hughie falou, enquanto ele e Feely se juntavam a nós na mesa, encerrando nossa conversa abruptamente. Hughie sacou um sanduíche embrulhado com papel-alumínio, se sentou no lugar de sempre à minha direita e esticou as pernas para frente, todo folgado, sem tirar os olhos de Gibsie. — Guarda essa merda antes que Katie chegue.

Gibsie ficou encarando Hughie e depois olhou para mim antes de soltar um suspiro dramático.

— Não sei onde foi que eu errei com vocês dois. — Guardando o resto dos brindes, Gibsie colocou a mochila no

chão e bufou alto. — Realmente não sei.

— Deixa pra lá, Hugh — Feely, que estava ao lado de Gibsie, falou, suspirando. — Foi só uma brincadeira.

— Com a minha *irmã* — Hughie disse, carrancudo.

Morbidamente curioso, me virei para Hughie e, puta merda, ele ainda estava ruminando os acontecimentos da manhã.

— Você ainda está puto comigo? — Gibsie perguntou, divertido. — Se passaram horas, cara.

— Pode apostar que ainda estou puto com você — Hughie falou.

— Oi, Johnny — Katie Horgan, a pequenina namorada ruiva de Hughie, falou, passando atrás de mim.

— E aí, Katie — respondi, acenando a cabeça.

— Espero que esteja se sentindo melhor — ela disse, apertando de leve meu ombro antes de se aproximar do namorado.

— Você está exagerando — Gibsie falou, sorrindo para Hughie. — Primeiro sobre a sua irmã, e agora com as camisinhas. — Suspirando, ele acrescentou: — Eu juraria que você nunca viu um par de peitos pelo jeito como está reagindo.

— Se você quiser ver um par de peitos, Gibs... — Fazendo uma pausa no meio do discurso, Hughie murmurou para a namorada: — Oi, amor. — Puxando Katie para o seu colo, ele deu um beijo rápido em sua bochecha antes de voltar o olhar para Gibsie. — Você só precisa se olhar no espelho.

— Qual o problema? — Katie perguntou, passando o braço em torno do pescoço de Hughie. — Amor?

— Ele. — Envolvendo a cintura dela, Hughie a puxou para si e apontou para Gibsie. — Esse merdinha aí.

— Cara. — Gibsie ergueu as mãos e deu risada, para o desespero de Hughie. — Sou cinco centímetros mais alto que você. — Empurrando a cadeira para trás, ele ergueu o moletom e a camiseta, revelando o peito, e sorriu. — É desses peitos que você está falando? — ele provocou, flexionando os músculos. — São ótimos, não?

— Você é um idiota — murmurei baixinho.

— Um idiota com um belo peitoral, pelo visto — ele respondeu com uma piscadela.

— Não acredito que você botou piercing nos mamilos — Katie falou, rindo e cobrindo a boca com a mão. — E se eles acabarem enganchando em alguém num jogo?

— Não olhe pros mamilos dele, amor — Hughie bufou. — Olhe pros meus.

Decidindo me retirar da tempestade que se formava ao meu redor, me recostei na cadeira, me distraindo da conversa e esperando Shannon.

Olhei o relógio pela quinquagésima vez nos últimos quinze minutos, sentindo uma onda de agitação se espalhando por mim.

Onde é que ela estava?

A gente só tinha uma hora para almoçar e eu queria passar os sessenta minutos com ela, porque, vamos combinar, era o único tempo que a gente tinha.

Olhando em volta mais uma vez, vislumbrei duas cabeças loiras no reflexo da janela que ia do chão ao teto. Me virei no

assento e meus olhos pousaram em Claire e Lizzie um pouco além do arco do corredor. Elas estavam claramente discutindo uma com a outra e, parada no meio delas, a alguns centímetros do chão, estava Shannon.

Meu coração acelerou e levei um instante para absorver a cena. Ela estava puxando as mangas das amigas, afastando-as do arco, toda nervosa e com os olhos arregalados. Assim que ela desapareceu de vista, meu cérebro entrou em ação e meus pés começaram a se mover.

29

A MESA DO TIME DE RÚGBI

Shannon

— Shannon? — A voz de Lizzie Young encheu meus ouvidos enquanto eu me sentava no vaso sanitário com a tampa fechada, dentro de uma das cabines do vestiário feminino da sala de educação física, com meu sanduíche não comido no colo. — Você está aí?

Eu tinha matado a aula de matemática. Na verdade, eu tinha matado todas as seis aulas antes do almoço. Eu tinha chegado até a porta da sala, até coloquei a mão na maçaneta, mas simplesmente não consegui entrar e encarar todo mundo.

Eu não *consegui*.

No início, pensei em desistir totalmente da escola e voltar para casa, mas quando cheguei ao portão, tive um ataque de pânico impiedoso, com o rosto do meu pai no centro da minha angústia. Girando sobre os calcanhares, saí correndo no meio

da chuva, entrei na sala de educação física e não saí mais desde então.

— Ei — uma voz falou de algum lugar acima de mim, me fazendo quase pular de susto.

— Ah, meu Deus! — Olhei para cima e vi Lizzie, inclinada sobre a divisória da cabine com uma expressão levemente divertida no rosto. — Lizzie, você quase me provocou uma parada cardíaca.

Ela arqueou a sobrancelha finamente desenhada.

— Está confortável aí?

— Shan! — O rosto de Claire surgiu do outro lado da divisória. — O que está fazendo aí?

— Me escondendo — confessei com o rosto vermelho.

— Do quê?

— Da escola — falei, soltando um suspiro cansado, me levantando e abrindo a porta. — Das pessoas. — Saí da cabine, fui até a pia, me inclinei sobre a bacia de porcelana e suspirei. — Da vida.

— Que merda, hein! — Lizzie disse. Ela desceu do vaso em que tinha subido, limpou as mãos na saia do uniforme e se aproximou de mim. Seu cabelo loiro-escuro estava preso em um coque impecável, e seus lábios estavam pintados de vermelho-escarlate, deixando-a mais linda que o normal. — A gente estava morrendo de preocupação por você — ela acrescentou, me puxando para um abraço. — Sua bobinha.

— Verdade — Claire concordou, também descendo do vaso. — Quanto ao bobinha... — ela acrescentou, se juntando ao nosso abraço. — Foi desnecessário, Lizzie, a gente já

conversou sobre isso. Agora, quanto à preocupação... definitivamente a gente estava quase morrendo mesmo.

— Desculpe, meninas — sussurrei, me sentindo esmagada pelas minhas amigas. Ambas eram altas, loiras, e me olhavam como se eu tivesse as respostas para todas as suas perguntas, e talvez eu tivesse, o que não significava que eu lhes diria. — Eu só... precisava...

— De um minuto? — Lizzie completou, me oferecendo um sorriso compreensivo. — É, acho que te devemos alguns.

— Estou encrencada por ter matado as aulas?

— Não. — Claire balançou a cabeça com firmeza. — O sr. Twomey só está preocupado com você. Na verdade, ele pediu pra gente te procurar. A gente passou o dia todo literalmente zanzando pela escola.

— E a escola é bem grande, viu? — Lizzie acrescentou secamente. — E você é bem pequena.

— Eu só fiquei aqui — confessei, me sentindo péssima.

— No corredor da educação física? — Lizzie riu baixinho. — Sinceramente era o último lugar que a gente esperava te encontrar.

— Ele chamou a gente na sala dele logo de manhã — Claire contou. — Eles só querem ajudar, Shan.

— Não quero falar com ele nem com nenhum professor — confessei. — Pedi pro Darren dizer que eu não queria conversar. — Balancei a cabeça, me sentindo zonza só de pensar. — Não quero conversar com ninguém.

— Eu sei — Claire me tranquilizou. — Não precisa.

— Foi por isso que ele chamou a gente — Lizzie explicou calmamente.

— É. Ele queria garantir que a gente ia cuidar de você.

— Como se ele precisasse pedir — Lizzie comentou.

— Venha — Claire disse, pegando minha mochila do chão escorregadio de azulejos e colocando-a no ombro. — A gente está indo almoçar.

— E depois vamos pra aula — Lizzie acrescentou, me empurrando para fora do banheiro. — Juntas.

— Estou com medo — confessei, sentindo aquela pontada familiar de pânico subindo pela garganta enquanto saíamos do corredor e descíamos os degraus íngremes.

— A gente sabe — Claire falou, passando o braço por mim conforme seguíamos para o pátio. — Mas vai ficar tudo bem.

— Vai, sim — Lizzie concordou, colocando uma mecha loira de cabelo atrás da orelha. — Porque você não está sozinha.

— Me desculpem, gente — murmurei, me sentindo terrível. — Sou um pé no saco.

— É, mas é o *nosso* pé no saco — Lizzie retorquiu. — E acontece que a gente gosta de você.

— Obrigada — eu disse, rindo. — Eu acho.

— Aliás... — Lizzie parou no meio do caminho para me olhar. — Quer falar sobre o que aconteceu?

— Não — declarei.

— Tem certeza?

— Eu só... só seja normal comigo, Liz — implorei baixinho. — É tudo o que eu preciso.

— Justo. — Lizzie assentiu e continuou seguindo para o prédio principal. — Só saiba que estamos aqui.

— Falando em normal... — Claire interveio, felizmente mudando de assunto. — Você vai ser normal? — ela perguntou para Lizzie. Abrindo a porta de vidro, ela gesticulou para que entrássemos. — Sem discussões, hein? — Claire se apressou atrás de nós. — Sem putaria com o Gerard e nenhum dos outros.

Lizzie encolheu os ombros evasivamente, caminhando em direção ao refeitório.

— Se Thor e sua gangue ficarem longe da nossa mesa, não teremos problemas.

— Ei... meu irmão está nesse grupo — Claire bufou.

— Você sabe como é, Claire. Dizes com quem andas que te direi quem és.

— Ah, é? — Claire falou. — Pois parece que você tem andado *bastante* com Pierce O'Neill. — As bochechas de Lizzie ficaram rosadas e Claire arqueou a sobrancelha perfeitamente desenhada. — Não tem nada a declarar? Hum. Foi o que eu pensei.

— Gente, não briguem — pedi, me apressando para acompanhar seus longos passos, apenas para congelar mortalmente no lugar quando chegamos ao arco. Meu coração disparou no peito assim que meus olhos pousaram em Johnny.

Ele estava sentado no lugar de sempre, na ponta da mesa comprida, de costas para mim. Estava com os pés apoiados em uma cadeira e os braços cruzados atrás da cabeça. Seu cabelo

estava todo bagunçado, como se tivesse passado a manhã mexendo nele.

Várias garotas sentadas nas mesas próximas olhavam para ele com a mesma expressão faminta que eu o vi provocar nas garotas nos corredores.

A mesma expressão faminta que ele provocava em mim...

Ele não estava dando a menor atenção para elas, nem para ninguém, aliás. Estava olhando para frente, totalmente focado na mesa em que eu costumava me sentar com as meninas.

— Hum. — Limpei a garganta, nervosa. — Tenho uma coisa pra contar pra vocês. — Segurei a manga delas e as conduzi para longe do arco, enquanto meu coração disparava a um milhão de quilômetros por hora e meu olhar o absorvia. — É sobre Johnny — acrescentei, desviando o olhar dele. — E eu.

— Ah, meu Deus. — Lizzie estreitou os olhos. — O que você fez com o Capitão Fantástico?

— O quê? — Os olhos de Claire se arregalaram de empolgação. — O que vocês fizeram?

— Eu... — Senti minhas bochechas corando. — Bem, veja, ele é meu... e eu sou... — Toda vermelha, parei de falar e levei a mão à testa. — Ele me pediu em namoro e eu disse que sim.

— Fala sério! — Claire berrou, batendo palmas e saltitando animadamente. — Ah, meu Deus! Meu Deus!

Abri um sorrisinho.

— Pois é.

— Você está namorando? — Lizzie franziu o cenho, confusa. — Mas ele não curte essa coisa de namoro.

— Bem, agora parece que ele curte — Claire comentou, ainda saltitando feito uma gatinha brincalhona. — Juro, este é o melhor dia!

— Sabe, não sei nem por que estou surpresa — Lizzie disse. — Isso estava pra acontecer há meses.

— Verdade — Claire concordou, ainda sorrindo e acenando a cabeça. — Meses e meses.

— Literalmente acabou de acontecer — falei.

— Sim, claro, porque Johnny Kavanagh explode a cabeça de todas as garotas desta escola — Lizzie rebateu sarcasticamente. — Eu já sabia que algo estava rolando entre vocês desde aquele dia antes do recesso de Páscoa, quando você saiu correndo da escola e ele ficou todo doido no pátio. Nossa, até mesmo antes disso, ele estava sempre te olhando feito um esquisito.

— Eles se *beijaram* — Claire interveio. — No quarto dele.

— Claire! — sibilei.

— E em Dublin.

Estreitei os olhos.

— Obrigada por isso.

— Bem, mas é verdade. — Ela deu risada. — Porque ele te amaaaa.

— Para com isso. — Fiquei vermelha feito um pimentão.

— Tem certeza de que é isso que você quer? — Lizzie perguntou, me olhando com atenção. — Você realmente quer isso, Shan?

— Tenho certeza que quero ele — admiti com um suspiro nostálgico. — Quero muito.

— Ah, nossa. Eu só... não aguento. Estou tão feliz! — Balançando-se feito um coelho em alta velocidade, Claire me envolveu em um abraço tão apertado que meus pulmões queimaram em protesto.

— Ah, meu Deus — Lizzie grunhiu. — Acho que poderia ser alguém pior do que Johnny. — Ela lançou um olhar de soslaio para Claire. — Pelo menos ele é melhor que o outro...

— Claire... — Balbuciando, empurrei seus ombros e estremeci quando uma forte onda de dor ricocheteou pelo meu tórax. — Menos...

— Opa, foi mal! — Ela me soltou na mesma hora, deu um passo para trás e abriu um sorriso tímido. — Me empolguei um pouquinho.

— Um pouquinho? — Lizzie arqueou a sobrancelha. — Amiga, você é radiante demais pra uma pessoa só.

— E você é uma nuvem cinza — Claire retorquiu. Se virando para mim, ela falou: — E a Shan aqui é nossa linda e pequena luz.

Balançando a cabeça, Lizzie voltou a atenção para mim.

— Certo, Shan, só vou te falar isso uma vez e, depois, você pode fazer o que quiser.

Claire revirou os olhos.

— Lá vamos nós.

— Tome o *seu* tempo — Lizzie disse, séria. — Não tem pressa, está bem? Se quer ficar com ele, ótimo. Se ele te faz feliz, foda-se, vou te apoiar, mas não sinta que precisa fazer nada se não estiver pronta. Ele é mais velho que você e tem muito mais experiência com o mundo, então só leve as coisas

no *seu* ritmo, não no de Johnny, e se ele te pressionar, mesmo que só um pouquinho, dê um chute naquela bunda de rúgbi porque...

— Porque...? — uma voz familiar perguntou atrás de mim.

Perplexa e animada, me virei e dei de cara com o peito de Johnny.

Ele estava mais uma vez sem muletas e, desta vez, sem o suéter da escola. Sua gravata vermelha estava meio que pendurada, amarrada frouxamente com um nó indiferente contra sua camisa branca — que ele preenchia tanto a ponto de o tecido ficar todo esticado.

Um calafrio de medo subiu pela minha coluna quando vi seus braços musculosos — ele *todo* musculoso.

Deus, o garoto realmente estava *com tudo*.

— Oi, meninas — Johnny falou rispidamente e voltou o olhar caloroso para mim. — Oi, Shannon.

— Oi, Johnny — soltei com o coração disparando ferozmente. Agitada, cerrei os punhos, insegura demais para tocá-lo.

Não se retraia, Shannon.

Seja corajosa.

Faça alguma coisa!

Abrindo um largo sorriso, perguntei:

— Como você está?

Aff, melhor que nada.

Um sorrisinho surgiu nos seus lábios.

— Estou bem.

— Eu também, obrigada — eu disse, e me encolhi imediatamente ao perceber que ele não tinha perguntado nada. — Quero dizer...

— Venha aqui. — Ele deu risada, pegou minha mão e me puxou direto para o seu peito. — Estava com saudade — ele sussurrou antes de trazer o rosto ao meu.

Senti suas mãos envolvendo minha cintura e, então, seus lábios estavam sobre os meus. Me segurando em seus braços, fiquei na ponta dos pés e o beijei de volta, notando a grave desvantagem de altura e me esforçando para alcançá-lo.

Sorrindo contra os meus lábios, Johnny se abaixou para passar o braço nas minhas costas e... ah, meu Deus, ele me ergueu.

Serpenteando os braços em volta do seu pescoço, derreti no seu beijo, sentindo cada grama de tensão se dissipar enquanto meu corpo ficava relaxado e flexível contra o dele.

— Também estava com saudade — falei nos seus lábios.

Ele sorriu.

— Bom saber.

Foi um beijo suave e carinhoso, que acabou antes mesmo de começar, mas era dolorosamente íntimo e deixou todo o meu corpo formigando.

— Se você mandar seu irmão embora e ir pra casa comigo, podemos fazer isso sem plateia — Johnny me disse, brincalhão, me colocando de volta no chão.

— Hã?

Ele inclinou a cabeça para Claire e Lizzie, que estavam nos observando de boca aberta.

— Bem... — Lizzie disse, se recompondo. — Você chegou chegando, né?

— Ounnn — Claire soltou, levando as mãos ao peito. — Adoro vocês juntos. — Ela fingiu um desmaio antes de acrescentar: — É tipo um dogue alemão e um chihuahua tentando acasalar e, de alguma forma, conseguindo fazer dar certo.

— Nossa! — Lizzie grunhiu, agitando o braço. — Você é tão sem noção, Claire!

— Ele levantou ela, Liz — Claire falou, enquanto Lizzie a arrastava para longe. — Você viu?

— Sim, eu vi, agora vamos, sua doida. — Mantendo as mãos nos ombros de Claire, Lizzie a conduziu para a sala do diretor. — Precisamos contar pro sr. Twomey que a gente achou ela.

— Mas, Liz, ele levantou ela pra dar um *beijo*!

— Sim, Claire, eu sei. Também tenho olhos. Pare de ser esquisita.

Mortificada, fiquei olhando para as garotas até elas desaparecerem. Depois, soltei um grunhido alto antes de enterrar o rosto no peito de Johnny.

— Estou morrendo de vergonha.

— Elas te acharam? — Johnny ergueu meu queixo e ficou me encarando, confuso. — Você *precisou* ser encontrada?

— Eu, hum... meio que matei aula.

Ele franziu as sobrancelhas.

— O dia todo?

— É, eu... hum, não consegui — confessei baixinho, dando um passo para trás para me recompor.

— Acha que vai conseguir agora?

Dei de ombros.

— Eu meio que preciso, né?

— *Ter* que estar pronta e *estar* pronta são coisas completamente diferentes — ele falou suavemente. — Você foi falar com o Twomey?

— Não. — Soltei um suspiro pesado e esfreguei a testa. — Mas sei que uma hora vou ter que falar.

— Escuta, sei que você não quer, mas se acabar logo com isso, vai ser uma coisa a menos pra você se preocupar.

— Eu só não sei o que dizer se me perguntarem — confessei, me sentindo desarmada e exposta. — Não estou *acostumada* a falar sobre isso.

— Quer que eu vá com você? — Johnny me deixou chocada ao perguntar. — Podemos ir agora. Pra resolver logo com isso.

Arregalei os olhos.

— Você faria isso por mim?

— Claro — ele respondeu depressa.

— Será que você pode ir comigo?

— Eu gostaria de ver alguém me impedir — ele disse, acrescentando com um sorriso: — E se ele te perguntar alguma coisa que você não quer falar, vou imitar o meu pai e mandar um "Minha cliente reserva-se o direito de não responder a essa pergunta".

Sorrindo, coloquei as mãos em volta da minha cintura e assenti.

— Está bem, eu vou depois do almoço — falei.

— Sério? — Seus olhos ardiam de ternura. — Nossa, eu sou bem persuasivo quando quero.

Você não faz ideia.

— Tudo bem por você? — me ouvi perguntando, incerta. — Ir comigo? Tipo, não vai atrapalhar suas aulas...?

— Eu vou — ele me interrompeu. — Não se preocupa.

— Mas eu só...

— *Para* de se preocupar. — Ele pegou minha mão, entrelaçou nossos dedos e me conduziu para o arco. — Estou com você.

Ah, meu Deus!

Meu coração.

Respirando fundo para me acalmar, endireitei a coluna e entrei no refeitório com Johnny, segurando sua mão como se estivesse correndo risco de vida e rezando para ser um pouco invisível, apesar de saber que não adiantaria nada. Se eu queria discrição, estava de mãos dadas com o garoto errado. Mas eu não ia soltá-lo por nada no mundo.

Fosse o que fosse, eu sabia que me agarraria àquilo o máximo que pudesse, porque a perspectiva de lidar com tudo o que estava acontecendo na minha vida *sem* ele ao meu lado era algo incompreensível. Era tudo tão fresco, novo e desconhecido! Normalmente, eu tinha pavor do desconhecido, mas com ele sentia uma curiosidade ardente. Estava empolgada — profundamente aterrorizada, mas empolgada.

O silêncio nos recebeu no instante em que entramos no refeitório e milhares de pares de olhos curiosos pousaram sobre nós, fazendo meu corpo se contrair de pavor.

Enquanto isso, Johnny se manteve completamente imperturbável. Sério, ou ele não viu ninguém nos olhando ou não se importou, porque sua postura permaneceu relaxada, com um sorriso firmemente gravado no rosto, enquanto ele nos conduzia até sua mesa.

— Johnny — falei, segurando sua mão com mais força. — Está todo mundo olhando.

— Deixa olharem — ele respondeu, apertando meus dedos de leve. — Eles vão se entediar logo.

Você vai?

As palavras estavam na ponta da minha língua, mas as engoli, decidindo lutar contra um monstro por vez — por enquanto, era a vez do monstro da socialização.

Eu podia dormir com o monstro da insegurança esta noite.

Com o canto do olho, vi Bella nos observando da ponta da mesa de rúgbi, onde ela estava sentada no colo de Cormac Ryan. No minuto em que nossos olhares se encontraram, ela estreitou os olhos ameaçadoramente e eu senti o peso da sua ira na mesma hora; era aguda, potente e direcionada exclusivamente a mim.

Desviei o olhar para os meus sapatos e pensei em soltar a mão de Johnny, mas não soltei.

Não, me repreendi mentalmente. *Você não tem medo dela*.

Quem você está enganando?, outra voz me provocou. *Você tem pavor dela*.

— Levantem — Johnny ordenou quando chegamos, me distraindo dos meus pensamentos frenéticos.

Agitada, travei meus músculos no lugar, forçando meus pés a permanecerem firmes no chão e observei uma fila de garotos, começando por Hughie Biggs, gentilmente pularem uma cadeira na fila.

— Ouçam — Johnny falou, chamando a atenção dos amigos. — Esta é Shannon, minha namorada. Ela vai se sentar com a gente daqui pra frente, então se acostumem logo. — Ele foi se sentar, mas parou depressa e ajeitou a postura. — Ah, se mexerem com ela, vou matar vocês... — Ele lançou um olhar ameaçador em torno da mesa antes de acrescentar: — Entendido?

Ah, meu Deus!

— Sim, cara, não se preocupe.

— A gente entendeu, capitão.

— Já ouvimos tudo isso antes, Kav.

— Que bom. — Johnny me surpreendeu, pegou o lugar que Hughie e a namorada tinham deixado e puxou a cadeira da ponta para mim. — Só queria esclarecer. — Ele deu tapinhas na cadeira ao seu lado e eu praticamente me joguei nela, querendo nada mais que me esconder debaixo da mesa.

Se Tommen fosse uma floresta e os alunos fossem animais, esta mesa seria a toca do leão. Eu era uma gazela perdida, cercada pelos predadores mais perigosos, todos me observando com curiosidade. Por sorte, eu era uma gazela por quem o rei da selva e líder da matilha havia se encantado. Eu não seria devorada. Não hoje, pelo menos.

Era o que eu esperava.

O braço de Johnny me cobriu, envolvendo-me em um cobertor de conforto que meu senso comum dizia ser inseguro e temporário.

— Só relaxe, ok? — ele sussurrou, inclinando-se tão perto que seus lábios roçaram minha orelha. — Você está segura comigo.

Estremecendo com o contato, assenti e reprimi a vontade de me enterrar dentro daquele garoto e nunca mais voltar para respirar. Porque eu estava me apaixonando demais, ficando dependente demais e me apegando demais a ele. Sinais de alerta disparavam ao meu redor e, ainda assim, permaneci exatamente onde estava — exatamente onde *queria* estar. Com ele.

Coloquei as mãos no colo, embaixo da mesa, abaixei o queixo e estalei os dedos. Para meu imenso alívio, quando ergui a cabeça de novo, a única pessoa que ainda estava me olhando era Gibsie, sentado exatamente à minha frente na mesa gigantesca e sorrindo todo satisfeito.

— Oi, Shannonzinha.

— Oi, Gibsie — falei, me obrigando a manter o contato visual. — C-como você está?

— De boa na lagoa. — Ele pegou um pirulito da boca e ficou girando-o enquanto seus olhos travessos dançavam entre Johnny e eu. — Estou vendo que você também está bem.

Fiquei corada e Johnny virou a cabeça para ele.

— Controle-se, Gibs — ele falou em um tom de aviso. — O que quer que esteja pensando, não diga.

— Eu não ia dizer nada. — Gibsie deu uma risada bem-humorada. — Só estava tendo uma conversa amigável com a sua *namorada*.

— Hum. — Johnny arqueou a sobrancelha com os olhos fixos em Gibsie. — Continue assim.

— Como vai seu irmão? — Gibsie perguntou, voltando a atenção para mim. — Ele está melhor?

— Ah, sim — murmurei, enfiando o cabelo atrás da orelha. — Bem, ele está em casa e voltou pra escola hoje. — *Tomara*. — Então está bem melhor.

Gibsie abriu um sorriso terno para mim.

— Que bom.

Claire e Lizzie chegaram e eu relaxei de alívio na mesma hora.

Lizzie passou direto pelos meninos com o nariz empinado, dando um tapa na nuca de Gibsie no caminho e seguindo até a metade da mesa. Ela puxou uma cadeira vazia ao lado do namorado, Pierce.

— Ei... pra que isso? — Gibsie falou.

— Porque você é um imbecil — Lizzie devolveu.

— E você é uma víbora — ele murmurou baixinho, esfregando a nuca. — Eu, hein!

Claire se jogou na cadeira ao lado de Gibsie, para o desespero de Hughie, que ficou olhando para eles com o rosto todo vermelho.

— Oi, ursinha — Gibsie disse, sorrindo de novo. — Como vai?

— Oi, Gerard — ela respondeu tristonha, não lembrando em nada a explosão de energia que era alguns minutos atrás. Arregaçando as mangas, ela colocou os cotovelos sobre a mesa e baixou a cabeça entre as mãos. — Estou tão triste.

— Por quê? — Gibsie enrijeceu. — O que aconteceu? — Ele estreitou os olhos. — Tem alguém no seu pé?

— Dee — ela grunhiu. — *De novo*.

Gibsie abriu a boca e Johnny murmurou algo ininteligível antes de se aproximar de mim.

— Dee? — Franzi as sobrancelhas. — A secretária da escola?

— Essa mesma — Claire respondeu, bufando um suspiro sofrido. — Juro que a mulher me odeia sem motivo algum, Shan.

Gibsie se engasgou com o pirulito e os caras sentados na mesa deram risada. Enquanto isso, Johnny ficou encarando a janela respeitosamente, olhando para qualquer lugar menos para Claire, enquanto Hughie observava Gibsie com um ar sombrio.

Me inclinando para a mesa, toquei seu pulso com gentiliza para chamar sua atenção.

— O que ela fez?

— Tenho um jogo de hóquei no Thurles amanhã — ela respondeu, com os olhos castanhos tomados de tristeza. — Não sei como, mas meus formulários sumiram, e agora o sr. Twomey está dizendo que não posso ir. — Ela fez um biquinho e cruzou os braços no peito. — Dee falou pra ele que eu não entreguei os formulários na data certa, o que é uma completa

mentira, porque eu lembro muito bem de entregar tudo *pra ela* na terça antes de sairmos pro recesso de Páscoa.

— Por que ela faria isso? — perguntei.

— Pois é — Hughie soltou com os dentes cerrados. — Por que ela faria isso?

— Pirulito? — Gibsie ofereceu, puxando o palito da boca e esticando o braço para ela.

Claire ficou olhando-o por um instante antes de encolher os ombros, pegar o pirulito e enfiá-lo na boca.

— De sherbet? — Ela arqueou a sobrancelha. — Você odeia sherbet.

— Peguei pra você — ele falou, dando uma piscadinha. — Sei que é seu favorito.

— Não coloque isso na sua boca — Hughie praticamente cuspiu. — Você não sabe por onde isso andou, Claire.

— Hum. — Claire deu de ombros de novo, como se fosse normal compartilhar saliva com ele. — É gostoso.

— Aff — Hughie sibilou, enojado. — Não sei por que ainda me dou ao trabalho.

— Enfim, não vou poder jogar amanhã — Claire continuou falando enquanto chupava o pirulito. — O que é um completo desastre, já que Jenny Kelleher está machucada e Saoirse Doyle ainda está na França com os pais. Era um jogo bem importante pra escola. — Ela deu um suspiro profundo, tirou o pirulito da boca e o devolveu para Gibsie. — Aqui, chega.

— Também não quero mais — ele murmurou, enfiando o pirulito na boca e se levantando. — Preciso fazer uma coisa.

— Precisa mesmo — Hughie cuspiu. — Vá logo.

— Hã? — Franzindo o cenho, Claire o encarou. — Gerard, aonde você vai? E o almoço?

— Eu só preciso... — Ele parou de falar, apontando para o arco e disparando naquela direção.

Johnny, que estava observando a cena, balançou a cabeça em óbvia consternação antes de esfregar o rosto com a mão.

— O que está acontecendo? — sussurrei, virando a cabeça para o seu pescoço. O cheiro do seu perfume se infiltrou pelo meu nariz e eu me arrepiei. Ele estava sempre tão cheiroso. — Aonde ele vai? — perguntei, recuando um pouco para conseguir me concentrar.

Soltando um suspiro pesado, Johnny levou a mão à minha coxa e a apertou.

— Confie em mim, Shan — ele falou baixinho, perto do meu ouvido. — Se tratando de Gibs, é melhor não saber.

Era a segunda vez hoje que ele falava essas mesmas palavras e, pela segunda vez no dia, pensei que ele podia estar certo.

30

MAL-ENTENDIDOS

Shannon

Depois do almoço, fui à sala do diretor falar com o sr. Twomey e com a coordenadora do meu ano, a srta. Nyhan.

Fiel à sua palavra, Johnny foi comigo. Claro, o sr. Twomey não o queria ali e tentou enxotá-lo da sala, mas Johnny não cedeu. Foi bastante cômico ver nosso diretor de um metro e setenta e cinco, com sua careca e pancinha de meia-idade, *enxotar* um jogador de rúgbi de um e noventa de altura. Ainda mais engraçada foi a expressão de "Que porra é essa?" que Johnny fez quando o sr. Twomey deu um tapinha no seu peito. Bem, eu tive certeza de que ele estava empurrando Johnny, não lhe dando um tapinha, mas o gesto teve um efeito tão ínfimo que me lembrou uma mosca zumbindo em torno de um urso.

Quando o sr. Twomey finalmente cedeu e gesticulou para que nos sentássemos, Johnny se acomodou ao meu lado e,

apesar de ele não ter me dado a mão, só de ele estar ali comigo senti uma coragem estranha.

Eu não sabia explicar, mas ficava mais corajosa quando estava com ele. Ou talvez só me sentisse mais segura. Era esquisito, considerando que eu continuava me sentindo meio desequilibrada quando estava com ele, mas era um tipo bom de desequilíbrio — um desequilíbrio de empolgação, de frio na barriga, como se eu estivesse prestes a desmaiar a qualquer momento, do tipo "não pare de me tocar porque meu coração vai estourar no peito e preciso sentir você em todos os lugares ou vou explodir".

Respondi a todas as perguntas feitas pelo sr. Twomey e pela srta. Nyhan, aceitei todos os "sinto muito que isso tenha acontecido com você" e "não tenha medo de conversar conosco" e então segui em frente, me obrigando a assistir às três últimas aulas.

Surpreendentemente, lidei muito bem com as encaradas e ignorei os sussurros dos meus colegas e os olhares solidários dos meus professores. Acho que o fato de Lizzie ter se colocado ao meu lado e ficar emanando uma vibe muito séria de *mexa comigo que vou rasgar seu coração* ajudou.

Quando o último sinal tocou às quatro da tarde, sinalizando que o dia tinha se encerrado, eu estava cautelosamente otimista.

Como se talvez eu *pudesse* fazer isso.

Como se talvez eu pudesse mesmo botar minha vida nos eixos.

— Quer ir pra minha casa? — Claire perguntou, se inclinando sobre a minha carteira e me observando guardar os livros na mochila depois da última aula. Tirando a srta. Moore, ainda sentada na mesa, éramos as últimas pessoas na sala, já que todos tinham saído correndo para as montanhas no instante em que o sinal tocou, incluindo Lizzie, que disparou para encontrar Pierce, murmurando algo sobre uma crise pessoal. — Só por uma horinha?

— Eu adoraria — respondi, fechando a mochila antes de me levantar. — Mas Darren já deve estar me esperando lá fora. — Coloquei a cadeira em cima da carteira e me virei para ela. — Estou sendo monitorada.

— Aff. — Claire franziu o nariz de desgosto. — Sua família é cagada mesmo.

— Pois é. — Botei a mochila no ombro e acenei solenemente. — Não poderia concordar mais.

— Mas você não quer ir mesmo assim? — ela perguntou enquanto saíamos da sala. — Tipo, não quer dar um bolo no Darren? — Abrindo um sorriso travesso, ela caminhou ao meu lado conforme seguíamos para a entrada principal. — Gerard tem carro e sei que ele nos daria uma carona pra minha casa.

— O que estava rolando com ele no almoço? — perguntei, curiosa. Segurei as alças da mochila com força e apertei o passo para acompanhá-la. — Ele foi embora correndo e não voltou mais.

— Sei lá, Shan. Às vezes acho que é melhor assim. — Soltando um suspiro, ela acrescentou: — Algo me diz que, se eu soubesse, não ia gostar.

— *Claire*. — Notei sua expressão tristonha. — Você está bem?

Ela assentiu e me ofereceu um sorriso amarelo.

— Estou.

— Por que não fala pra ele como se sente? — perguntei com gentileza. — Está na cara que ele também sente o mesmo.

— Ele não sente — ela murmurou. — Ele só quer saber da conquista. Se eu ceder agora, ele vai ficar entediado.

Refleti sobre suas palavras antes de dizer:

— Ele pode te surpreender.

— E eu posso decepcioná-lo — ela falou baixinho.

Parei no meio do caminho.

— Como assim?

Ela se virou para mim, mas não respondeu.

Fiquei observando sua expressão sofrida e soltei um suspiro.

— Claire, você não poderia decepcionar ninguém nem se tentasse.

— Sei.

— Estou falando sério — insisti. — Muito menos o Gibsie. Ele te *adora*. Está na cara que ele é maluco por você.

— Só porque ele *não* pode me ter — ela murmurou. — Porque sou a única garota que não cedeu.

— Não acho que seja isso — falei devagar. — Nem um pouco.

— Ouça, isso não é nenhuma novidade, Shan. Você sabe. Gerard e eu somos assim desde que me lembro. Ele sempre *me quis* e eu nunca dei bola... — Ela parou de falar e soltou um

grunhido, como se falar sobre isso realmente doesse. — Porque não acredito nele.

— Não?

— Não. — Seus olhos castanhos arderam de vulnerabilidade conforme ela falava: — Conheço Gerard Gibson melhor que qualquer um nesse planeta. Que inferno, eu o conheço melhor que ele mesmo... e acredite em mim quando te digo que aquele garoto não consegue prestar atenção em nada por mais de um *dia*. Eu já vi o jeito que ele trata as meninas. Ele oferece tudo no primeiro dia e, no dia seguinte, já está partindo pra próxima. Acho que ele não consegue nem evitar. Sei que ele não faz de propósito. — Suas bochechas ficaram vermelhas. — Mas não posso ser mais um *dia* pra ele, só mais uma *garota*. Não quero abrir meu coração só pra ele se dar conta de que a perseguição era mais divertida que a captura. — Dando de ombros, impotente, ela acrescentou: — Acho que eu ficaria arrasada.

— Você já falou com a Lizzie sobre isso? — perguntei. — O que ela disse?

— Eu não falei com ninguém — ela sussurrou. — Só com você.

Meu coração se partiu.

— Ah, meu Deus, *Claire*...

— Tudo bem — ela se apressou a dizer, estampando um sorriso largo no rosto. — Estou bem. — Ela começou a caminhar rápido e tive que correr um pouco para alcançá-la. Claire abriu a porta de vidro do prédio principal e gesticulou para que eu saísse primeiro. — Está tudo bem.

Claramente não estava.

— Eu vou — falei de uma vez, lutando para acompanhar seus passos largos enquanto ela atravessava o pátio. — Se seus pais concordarem.

— Você vai? — Sua expressão se iluminou. — Claro! Meus pais te adoram.

Assenti e continuei andando depressa.

— Certo, deixa eu só falar com Darren... Espere um pouco, não sou um cavalo de corrida.

— Foi mal. — Ela riu, diminuindo o ritmo para o que eu considerava uma caminhada rápida. — Obrigada por fazer isso por mim.

— Sem problemas — eu disse, engolindo um grunhido ao pensar em lidar com Darren. — Sempre que precisar.

Quando chegamos no estacionamento e meus olhos pousaram no Volvo azul de Darren, perdi o passo e tropecei de leve. Tropecei mais ainda ao notar o ford focus prata parado três vagas depois — sem falar nos quatro garotos encostados na lateral do tal focus, com as cabeças baixas, profundamente entretidos em uma conversa.

Consegui me estabilizar antes de dar com a cara no cascalho. Endireitei os ombros, respirei fundo e caminhei até o Volvo. O sorriso que meu irmão exibia desapareceu lentamente quando ele percebeu que eu estava seguindo para a porta do motorista, não para a do passageiro.

— O que está fazendo? — Darren perguntou, abaixando a janela depois que bati no vidro. — Entre logo, preciso levar os meninos pro treino.

Olhei para o banco de trás e sorri para os meus três irmãos mais novos.

— Oi, meninos. — Ollie e Sean sorriram de volta para mim, mas Tadhg me ignorou, mantendo os olhos brilhantes fixos na nuca de Darren.

— O que foi? — Darren perguntou, trazendo minha atenção de volta para ele.

— Vou passar uma horinha na casa da Claire — falei, contendo as palavras *se estiver tudo bem*. Ele era meu irmão. Eu não precisava da permissão dele. *Não precisava*. — Vou pra casa depois, está bem?

— Shannon, a gente já falou sobre isso. — Sua expressão ficou mais sombria. — Você precisa ir direto pra casa depois da escola.

— Não. — Balancei a cabeça e segurei as alças da mochila com mais força. — Você e a mãe falaram sobre isso. Eu nunca concordei em ficar em casa vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

— Ela vai ter um infarto se você não for pra casa — ele falou. — Você sabe como ela é. Não consigo lidar com ela daquele jeito, então preciso que você volte pra casa e me *ajude*.

— Eu não ligo — retruquei. E fiquei surpresa por ser verdade. Eu não ligava. Não mais. — Vou passar um tempo com a minha amiga como uma adolescente normal e depois vou pra casa.

— Não estamos lidando com circunstâncias normais — ele falou com a mandíbula cerrada.

Não me diga...

— Pode falar o que quiser, mas eu vou com a Claire.

Ele estreitou os olhos.

— Entra no carro.

Fiquei firme.

— Não.

— Entra. No. Carro. Shannon.

A ansiedade ganhou vida dentro de mim.

— Não.

Darren soltou o cinto, abriu a porta do carro com tudo e desceu.

— Entre na porra do carro. — Seus dedos ficaram brancos segurando a porta. — Agora, Shannon.

— Pra trás, cara — Claire avisou, se colocando ao meu lado. — Estou armada... — Ela apontou para além do ombro de Darren. — Ele está bem ali e não tenho medo de chamá-lo.

— Não vou *machucar ele* — Darren disse, perplexo. — Só preciso que ela entre no carro e vá pra casa.

— Não tem problema, Darren — Claire devolveu. — Shannon vai pra minha casa. A gente vai comer umas besteiras, ver TV e depois minha mãe ou Hughie podem deixar ela na casa de vocês. Não tem nada de mais.

— Eu preciso te levar pra casa — Darren declarou, ignorando Claire. — Você pode ir pra casa da sua amiga outro dia, depois que eu falar com os pais dela. — Balançando a cabeça, ele colocou a mão no meu ombro e me empurrou para a porta do passageiro. — Só colabore e entre no carro...

— Não — falei, batendo o pé no concreto. — Não vou pra casa.

— Shannon... — Soltando um suspiro pesado, ele colocou as mãos nos meus ombros e me encarou. — Não é seguro você andar por aí.

— Ela não quer ir com você! — Claire berrou a plenos pulmões. — Ela disse que *não*!

Chocada, me virei para a minha amiga, me perguntando por que ela tinha erguido a voz daquele jeito. Darren não estava me machucando — pelo menos não fisicamente. Mas quando vi Johnny, Gibsie, Hughie e Feely todos nos observando com expressões tempestuosas no rosto, logo percebi por quê.

Ela estava chamando reforços.

Ah, meu Deus...

— Não faça isso — Gibsie gritou. — Não faça isso, cap...

— Ei, que porra você acha que está fazendo? — Johnny perguntou, deixando os amigos para trás e se esquecendo de mancar. — Tire as mãos dela! — ele rugiu. — *Agora*.

— Não tenho um minuto de paz hoje. — Soltando um grunhido de sofrimento, Gibsie jogou a cabeça para trás, sem se preocupar em tentar impedir a carnificina em potencial. — Vai, trator... não esqueça a muleta.

— Não dá *isso* pra ele — Feely falou, arrancando a muleta de metal da mão de Gibsie antes que Johnny a pegasse. — É uma arma.

— Você já viu o tamanho dele? — Hughie falou, soltando um suspiro desanimado. — *Ele* próprio já é uma arma.

— Meu Deus — Darren grunhiu, virando para os garotos. — Fica fora disso, Kavanagh.

— Se quiser continuar tendo um braço, eu o ouviria — Gibsie disse, interceptando o amigo antes que ele se aproximasse de nós. Ele colocou as mãos no peito de Johnny e tentou empurrá-lo para longe do carro. — Porque ele está um pouco irritado agora e não estou muito a fim de manter você vivo se ele se libertar. — Encolhendo os ombros, ele acrescentou: — Só estou falando...

— Está tudo bem! — Reagindo pela primeira vez na vida, passei por baixo do braço dele e recuei. — Ele não estava fazendo nada.

— Ele estava te *tocando* — Johnny rosnou, olhando para o meu irmão com uma expressão selvagem. — Estava tentando te *colocar* dentro do carro.

— E ela disse que não! — Claire cutucou a onça ao acrescentar: — Um milhão de vezes.

— Eu não estava *machucando* ela — Darren declarou. — Não sou esse tipo de cara.

— Ele não é — falei depressa. — Ele não faria isso comigo.

— Não acredito em você, Shannon — Johnny devolveu, lívido. — Você já mentiu pra mim antes. — Ele estreitou os olhos para o meu irmão. — E não acredito *nele*.

— Está me acusando de ser abusivo com a minha irmã? — Darren perguntou com uma voz mortalmente fria. — Porque você entendeu tudo errado.

— Que nem sua mãe entendeu errado quando me acusou de ser estuprador? — Johnny retrucou na hora. — A diferença é que eu *vi* você com as mãos nela, Darren. — Estreitando os olhos, ele cuspiu: — Então, se eu fosse você, voltaria para

aquele carro e daria o fora daqui antes de fazer algo de que todos nos arrependeremos depois.

Darren ficou encarando Johnny por alguns longos e palpáveis momentos antes de erguer as mãos no ar.

— Sabe, Shannon? — ele disse, soltando uma risada nada divertida. — A mãe pode estar ferrada da cabeça, mas ela está totalmente certa quando diz que ele é igualzinho ao nosso velho. — Ele foi até o carro e abriu a porta do motorista. — Mas, tá bom, faça o que quiser.

Depois, ele entrou e bateu a porta. Acelerando o motor, Darren saiu do estacionamento e arrancou sem olhar para trás. Observei os três rostinhos olhando pela janela traseira do carro até que ele desaparecesse de vista.

— Bem... — Gibsie falou com uma voz animada, quebrando o silêncio sepulcral. — Isso escalou rápido.

— Pois é — soltei.

Eufemismo do século.

31

ACEITE MEU CONSELHO, OU NÃO

Johnny

Eu dei uma de trator.

Não precisava que Gibsie nem ninguém me dissesse o que eu já sabia. Shannon ficou calada feito uma pedra durante todo o caminho até a casa de Claire, mantendo distância de mim, deixando bem claro que eu tinha realmente estragado tudo. Furioso comigo mesmo, não falei uma palavra quando a vi entrando na casa de Claire, com medo de deixar a situação ainda pior.

Mesmo agora, erguendo meu corpo para cima e para baixo na barra instalada na porta do banheiro de Gibsie, eu não conseguia relaxar. Eu não conseguia respirar direito, porque sabia no meu coração que tinha tornado as coisas um milhão de vezes piores por ela. Shannon estava do outro lado da rua, mas poderia estar a um milhão de quilômetros de distância,

porque não adiantaria nada. Eu estava tão bravo comigo mesmo que podia até sentir o gosto da minha fúria.

— Eu devia ir lá — falei pela quinquagésima vez no espaço de duas horas e, pela quinquagésima vez, Gibsie respondeu:

— Não devia não.

Ele estava esparramado no chão do quarto com uma caneta e uma régua na mão, cercado por meia dúzia de livros, franzindo o cenho em profunda concentração enquanto usava aquele estranho papel amarelo que o ajudava a se concentrar e a entender a própria escrita.

— Qual era a palavra? — ele perguntou, mostrando o livro de história para mim. — Renome?

Travando os braços no lugar, olhei de soslaio para o texto antes de dizer:

— Não, cara, é renascimento.

— Renascimento — ele repetiu, absorvendo as sílabas. — Que palavra idiota do caralho!

Dei de ombros e continuei erguendo meu corpo para cima, alimentando a dor nos meus músculos enquanto eles queimavam em protesto.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Já te falei que vou te dar minhas anotações de história, cara — respondi. — Não precisa perguntar de novo.

— Não, não é sobre a escola. É sobre rúgbi.

— Ah? — Franzi a sobrancelha, curioso. — O que é?

— Quais você acha que são minhas chances de conseguir um daqueles contratos da Academia?

Parei no meio do exercício com o queixo levantado e os braços firmemente travados e estudei seu rosto.

— Está falando sério, cara? — Ele *parecia* sério. — Não está de brincadeira?

— Não vou pra faculdade, Johnny... eu mal consigo lidar com a escola. — Ele deu de ombros. — Minha mãe está pegando no meu pé querendo saber o que quero fazer depois da escola e eu gosto de rúgbi. — Suspirando, ele acrescentou: — Se eu não tiver um plano, vou acabar na padaria com ela.

— Você é muito bom no rúgbi — concordei. — Você sabe que a Academia estava interessada em você uns anos atrás.

Ele soltou um suspiro.

— É, eu sei, e eu caguei tudo.

— Você só está no quinto ano — eu o lembrei. — Ainda tem mais um ano pra virar o jogo.

— Você acha que eu consigo? — ele perguntou, com os olhos cinzentos fixos nos meus.

— Eu acho que você tem potencial pra fazer qualquer coisa que quiser — falei. — Você tem talento, o que é dez por cento do necessário.

— E o resto?

— Determinação, dedicação e consistência — respondi. — É o efeito 30/30/30.

— Acho que vou precisar de uma mãozinha com isso — ele murmurou.

— O que você precisa de mim?

— Que você me bote na linha — ele admitiu. — Acho que eu consigo, Johnny.

— Eu sei que você consegue. Sempre te falei isso.

— Eu sei, mas eu não queria antes.

— E agora você quer?

— Estou desperdiçando minha vida. Estou deixando todas as oportunidades escaparem pelos meus dedos.

— É, bem... também te falo isso há anos.

— Então o que eu preciso fazer?

— Parar de fumar, de beber, e me encontrar em casa às cinco e meia amanhã.

— É um pouco tarde pra começar...

— Tarde? — Arqueei a sobrancelha. — Cinco e meia da manhã, Gibs. Deus ajuda quem cedo madruga.

— Puta merda — ele resmungou. — Você vai me matar, né?

Dei de ombros.

— Se estiver falando sério e quiser mesmo, você vai levantar a bunda da cama essa hora.

— Trava as pernas — Gibsie falou, voltando a atenção para o livro.

— Não consigo — falei, respirando com dificuldade. — Está dolorido demais.

— Bem, se você fosse pra casa bater uma, se sentiria melhor — ele devolveu sem hesitar. — E poderia cruzar as pernas.

— O que você teria feito, Gibs? — perguntei, ignorando sua provocação. — Se estivesse no meu lugar?

— Sabendo o que você sabe sobre a família dela?

— É — grunhi, ofegante.

— Exatamente a mesma coisa — ele respondeu, confirmando que eu não estava sozinho naquela loucura. — Mas eu teria contido as ameaças de violência. — Ele jogou a caneta no chão e se sentou. — É o irmão dela, cara.

Arqueei a sobrancelha e lhe lancei um olhar de *não me sacaneie*.

— Justo — ele admitiu, rindo. — Eu teria matado ele.

Assenti rigidamente.

— Obrigado.

— Mas não estou dizendo que é a coisa certa — ele acrescentou, ficando de pé.

— Você acha que ela ainda está puta? — perguntei, olhando para a janela. — Será que estou ferrado?

— Você sempre está ferrado. É tipo o seu lance.

— Você sabe o que quero dizer — grunhi.

— Sei lá — ele respondeu com um tom leve. — Nunca tive namorada. Não faço ideia de qual seja a etiqueta de relacionamento nessa situação. — Sorrindo, ele acrescentou: — Eu geralmente resolvo meus problemas com a língua.

— Gibs...

— Estou falando sério. Está brava comigo? Deixa eu te lamber. Magoei seus sentimentos? Deixa eu te lamber. — Ele deu de ombros. — É tudo o que eu sei fazer, cara.

— Foi o que você fez hoje? — Estreitei os olhos. — Você usou a língua pra resolver aquela merda com a Claire?

Ele ficou me encarando sem expressão.

Soltei um grunhido.

— Me diga que você não fez isso.

— Não estou te dizendo nada — ele devolveu. — Vamos nos concentrar só nas *suas* merdas hoje.

Boa ideia.

— Um dia — grunhi, abaixando a cabeça. — Em um dia, já fiz uma bagunça.

— Pois é. — Ele deu risada. — É seu novo recorde.

— Foda-se... — Baixei o corpo e virei os ombros para trás, soltando um suspiro de alívio quando meus músculos estalaram e voltaram para o lugar. — Eu vou lá.

— Que bom — ele concordou. — Já era hora.

Fiquei boquiaberto.

— Mas você disse que eu não devia...

— Ei... — Gibsie levantou as mãos e sorriu. — Sou a última pessoa de quem você devia ouvir conselhos. — Dando de ombros, ele acrescentou: — Só estou concordando com você, cara.

— Meu Deus, estamos ferrados — murmurei.

— Estamos, cara. Estamos mesmo — ele respondeu, dando tapinhas nas minhas costas. — Mas, sério, você realmente devia saber que não pode levar meus conselhos a ferro e fogo, já que eu claramente me enfiei em um buraco e não consigo sair.

— O que está rolando, cara? — perguntei, franzindo o cenho. — Dee tem algo contra você?

— Nah. — Ele balançou a cabeça. — Nada que eu não consiga lidar.

— Tem certeza?

— Tenho.

Um fio de desconforto percorreu minha coluna.

— Gibs, se estiver com problemas, pode me contar.

— Obrigado pela preocupação, mas é você que tem uma namorada do outro lado da rua, Johnny. — Ele deu risada. — Além disso, tenho um plano.

Estreitei os olhos.

— Que tipo de plano?

— Pra manter meu pau dentro das calças.

— O quê? E longe da secretaria da escola?

— Sim. — Ele acrescentou. — Estou lesionado agora. E fora de ação de seis a oito semanas. — Ele fez dois joinhas entusiasmados. — Ela não pode mais me tocar.

— Você está lesionado? Onde? Como? O que... — Balancei a cabeça e o olhei de boca aberta. — Você vai ter que elaborar um pouco mais, cara, porque se estiver usando alguma foto do meu pau pra fingir que é seu... — Ele abaixou as calças e soltei um suspiro de choque. — Puta merda! — Horrorizado, levei a mão automaticamente ao meu próprio pau. — Que porra você estava pensando?

— Estava pensando que preciso de um jeito pra manter o pau longe da secretaria da escola — ele falou, segurando o pau.

— Quando foi que você fez isso? — perguntei, indignado.

— No recesso de Páscoa. Te falei que estava entediado.

Fiquei perplexo.

— Daí você foi e botou um piercing no seu pau?

Ele deu de ombros.

— Na verdade, é até que genial, se você pensar bem.

— Gibs, você voluntariamente deixou alguém enfiar uma agulha no seu pênis — falei, boquiaberto com o piercing na parte inferior do seu membro. — Isso não é genialidade, cara, é loucura.

— Mas não é tão ruim assim — ele falou em um tom alegre, tocando a cabeça do pau. — Está quase curado e fica bem melhor quando estou duro...

— Não se atreva a bater uma na minha frente! — avisei. — Qual o seu problema? Não quero te ver duro!

— Você queria saber o meu plano — ele bufou, enfiando o pau de volta para dentro das calças. — Então eu te mostrei meu piercing no freio.

Balançando a cabeça, sibilei:

— *Freio*?

— É. — Ele assentiu vigorosamente. — É tipo uma escada de Jacó, só que sem a escada.

— O que... como... — Fiquei olhando para ele boquiaberto. — Você está planejando fazer *mais um*?

— Não — ele respondeu. — Não por enquanto, pelo menos.

— Você é maluco — soltei. — Perturbado. E me deixou marcado pro resto da vida.

— Eu *te* deixei marcado pro resto da vida? Ah, sim. *Claro* — ele zombou. — Eu te mostrei uma peça de arte corporal, cara. Você me mostrou seu saco escrotal gangrenado.

— Pela última vez, ele não estava gangrenado, porra. Meu adutor estava rompido.

— Tá bom, cara. — Dando risada, Gibsie saiu do quarto comigo logo atrás, ainda visualmente traumatizado. — Mas foram as bolas mais descoloridas que já vi na vida.

— Te odeio — resmunguei, descendo as escadas. — Espero que saiba disso.

— Também te amo — ele brincou.

— Está dolorido? — perguntei, ainda fazendo careta.

— Nah. Só está mais pesado. Leva um tempo pra se acostumar.

— Puta merda...

— Meninos, tenham um pouco de respeito — a mãe de Gibsie falou quando entramos na sala de estar para nos despedir. — Está na hora do Angelus.

Fazendo careta, Gibsie e eu pedimos bênçãos e murmuramos as orações enfiadas em nós desde que nascemos enquanto o familiar sino da igreja tocava alto na televisão. Sadhbh Allen era uma mulher religiosa e, por um minuto inteiro, ninguém falaria nada na casa dos Gibson enquanto esperávamos, de cabeça baixa, pela chamada do noticiário das 18h01.

— Agora... — a sra. Allen disse, colocando a televisão no silencioso quando o noticiário começou. Ela se aproximou com o enorme gato persa nos braços, sorrindo abertamente. — Como foi a escola?

— Bem — respondemos juntos.

— Johnny. — Ela abriu um sorriso terno para mim. — Como está se sentindo desde Dublin, querido?

— Ótimo, obrigado — falei, sorrindo de volta. Dei um passo à frente para fazer carinho em Brian enquanto Gibsie se afastava do gato. — Estou voltando aos eixos.

— Sua pobre mãe deve ter ficado doida de preocupação.

— Pois é. — Fiz uma careta e cocei o queixo de Brian. — Podemos dizer que sim.

— Onde está o Paps? — Gibsie perguntou, chamando o padrasto, Keith Allen, pelo apelido. Ele estava na vida de Gibsie desde que ele tinha oito anos. Era um jeito de chamá-lo de pai, um termo carinhoso e que mostrava respeito ao homem que ajudou a criá-lo. Um homem que não era bem seu pai, mas era muito mais do que apenas Keith. "Paps" ficava no meio disso e Gibsie chamava Keith assim desde que o conheci. — Achei que ele estaria de volta a essa hora.

— Ele ainda está na obra, querido. Houve um atraso com uma entrega, mas ele estará em casa hoje à noite. — A sra. Allen se aproximou de Gibsie e ele comicamente deu um passo para trás.

— Mantenha essa besta longe de mim — ele soltou, olhando Brian com desconfiança. — Não confio nele, mãe.

— Ah, ele é inofensivo. — A sra. Allen deu risada. — Ele não machucaria uma mosca, não é, Brian?

— Não, as moscas vão ficar bem, porque o problema dele é *comigo* — Gibsie grunhiu. — Não é, Brian? — O gato sibilou e Gibsie pulou atrás de mim. — Você vai ter que fazer alguma coisa com esse comportamento dele — ele falou para a mãe. — Não me sinto mais seguro nesta casa.

— Enfim, é melhor eu ir — anunciei, limpando a garganta. Eu gostava da mãe de Gibsie e sempre curti ver o gato de Gibsie arrancando pedaços dele, mas saber que Shannon estava do outro lado da rua estava me deixando ansioso. — Obrigado por me receber, sra. Allen.

— Quando quiser, Johnny — ela falou, acenando a mão. — Volte sempre.

— Eu vou com ele, mãe — Gibsie falou, correndo atrás de mim, evitando por pouco uma unhada do gato. — Volto mais tarde.

— Claro — ela falou. — Comporte-se, meu bem.

— E você fique calmo — Gibsie falou quando saímos e ele fechou a porta. — Só *fale* com ela... não vá com tudo como você fez antes.

— Eu *vou* ficar calmo — eu disse.

— É sério — ele retrucou. — Não fale merda do irmão dela.

— Não vou fazer isso — declarei, agitado. — Mas juro por Deus, cara, se eu achar mais algum hematoma nela, sou eu que vou acabar na prisão de Cork, não o pai dela. Ele vai estar na porra de um cemitério com o filho ao lado se algum deles botar as mãos nela outra vez.

32

MEIA-CALÇA RASGADA

Shannon

— Detectei movimento na entrada oeste — Claire anunciou do parapeito da janela do quarto dela. — A porta está se abrindo... devagar. Não, está se fechando. Ah, espere, está abrindo de novo. Decida-se, caramba! Espere, estou vendo um adolescente... não, são dois. Eles estão juntos, que surpresa. B2 está fechando a porta. Está falando algo para B1, enquanto um empurra o outro. Parece que estão discutindo... ah, ah, eles estão indo pro carro... não, não, mudaram de rota. Estão atravessando a rua. Estão se aproximando, se aproximando...

— Claire! — falei, entrando em pânico.

— Shh... — Ela levantou a mão e apontou para a porta do quarto. — Espere.

Din don.

Ela sorriu.

— Parece que eles vieram brincar com os ursinhos.

— Está citando *Bananas de pijamas*? — Dei risada, sem conseguir me conter. — Sério?

— Ei... — Ela deu de ombros, ainda sorrindo. — Se a carapuça serviu...

— O que eu faço? — perguntei, contraindo os lábios. Tudo desandou no estacionamento da escola e Johnny não falou uma palavra durante toda a viagem até a casa de Claire. Quando Gibsie parou na garagem, eu atravessei a rua com ela e Johnny ficou lá com Gibs. Eu não sabia o que fazer nem o que pensar. Não tinha experiência nenhuma com esse tipo de coisa. — Você acha que ele está bravo?

— Não — Claire respondeu, revirando os olhos. — Acho que ele pensa que *você* está brava. — Ela inclinou a cabeça para o lado, me observando com atenção. — Você está brava?

Dei de ombros.

— Não sei o que estou sentindo.

— Tudo bem se estiver. Todo mundo meio que perdeu o controle com Darren. — Franzindo o nariz, Claire deu um puxão em um fiapo do short do pijama antes de acrescentar: — Mas ele botou as mãos em você e isso é meio que sinal de alerta pra gente.

— Darren não me machucaria — me ouvi dizendo pela milésima vez no espaço de algumas horas. — Não desse jeito. Ele só... está preocupado com a minha mãe e as crianças... e meu pai. — *Porque ele está solto por aí.*

— É, eu sei. — Ela deixou as pernas penderem da janela para o chão, ficou de pé e se espreguiçou. Seus cachos claros,

presos para trás do rosto com um grampo, fluíram pelas suas costas feito um sol vibrante e dourado. Ela era tão linda, com suas pernas longas e curvas destoantes, que eu me sentia uma garotinha ao seu lado. — Sei que ele não te *machucaria* pra valer e sinto muito por ter criado uma cena — ela acrescentou, parecendo culpada. — Mas você tem que entender a gente. Você escondeu as coisas por tanto tempo, guardou tantos segredos sobre o que estava acontecendo na sua casa, que é difícil confiar em você.

Estremeci com as suas palavras e Claire arregalou os olhos.

— Não estou falando num mal sentido — ela falou depressa. — Confio em você um milhão por cento com os meus segredos e tal, eu juro. Só estou falando que, quando se trata da sua família, a gente fica um pouco desconfiado.

— Entendo. — Me ajeitei na cama para ficar de frente para ela, de pernas cruzadas, e soltei um suspiro de derrota. — É tudo um caos.

— Com Darren? — ela perguntou, me olhando com carinho e empatia. — Ou em geral?

— Todas as alternativas — admiti. — Acho que Darren não está lidando bem com o fato de ter voltado pra casa. — A culpa se agitou dentro de mim. — Você viu como Joey está "lidando" com a vida, Tadhg se transformou em uma montanha ambulante de hormônios, Sean mal consegue formular uma palavra... e está fazendo xixi toda noite. Minha mãe está... bem, ela é a própria definição de caos, e meu pai está... — Me encolhi e acrescentei: — O único que parece estar lidando bem com tudo é Ollie, que só tem *nove* anos.

— Sinto muito, Shan. — Ela me lançou um olhar carinhoso. — Que merda.

— Pois é. — Suspirei. — Sei que devia me esforçar com Darren, mas é tão *difícil*! Ele simplesmente... foi embora, sabe? Passou *anos* fora. Eu nem sabia onde ele estava e agora, de repente, ele voltou e está no comando, mancomunado com ela... — Minha voz falhou e eu roí ansiosamente as unhas. — Não sei como processar tudo isso. Tanta coisa aconteceu e eu sinto que...

— O que você sente, Shan?

— Eu me sinto sufocada — falei baixinho.

— Por mim? — ela perguntou.

— Não. — Balancei a cabeça. — Por você nunca.

— Sempre estarei aqui pra você. — Ela se aproximou da cama e se jogou em mim, me derrubando de costas. — Você é minha melhor amiga — ela sussurrou, me abraçando com força. — Sei que eu não devia te apertar desse jeito, mas não consigo evitar porque... — Ela parou de falar e abaixou o rosto, apoiando-o no meu ombro antes de continuar: — Porque, quando recebi aquela ligação de Gerard e descobri o que tinha acontecido com você, tive muito medo de nunca mais te ver de novo. — Fungando, ela me apertou ainda mais. — Me senti responsável.

— Ainda estou aqui — soltei, abraçando-a de volta, me afogando no cheiro de morango do seu xampu enquanto seu cabelo se espalhava pelo meu rosto. — E você nunca foi responsável por nada.

— Não? — ela murmurou. — Eu sabia que tinha algo acontecendo com você e não fiz nada.

— Você foi exatamente a amiga que eu precisava. Eu não teria sobrevivido sem você, então jamais se sinta mal por ser o que eu precisava.

— Eu sempre vou me sentir mal por isso, Shan — ela falou. — Não acho que isso vai passar assim rápido.

— Nossa, você precisa cortar o cabelo — declarei, cuspindo um punhado de cachos loiros.

— Hã?

— Seu cabelo, Claire — eu disse, batendo na minha boca enquanto seus cachos me inundavam. — Está na minha boca. — Empurrei seus ombros. — Você está virando Rapunzel.

— Falou a garota com o cabelo até a bunda. — Ela deu risada, se afastando de mim. — Meu cabelo é grosso e volumoso... — Ela parou para me levantar. — Mas o seu que é comprido.

— Porque é a única coisa em mim que *cresce* — brinquei, me sentando de frente para ela com as pernas cruzadas. Levei as mãos para trás da cabeça, soltei o elástico e joguei o cabelo castanho sobre o ombro esquerdo. — É tudo o que eu tenho — acrescentei, começando a fazer uma trança. — Então não me julgue...

— Eu tenho algo que está crescendo — uma voz familiar nos interrompeu. — Está crescendo agora mesmo.

— Você devia bater na porta, lembra? — Claire disse, olhando para Gibsie por cima do ombro, mas ele já estava no meio do quarto. — Você sabe as regras.

Pairando atrás da porta estava Johnny, trocando o peso dos pés, parecendo incrivelmente desconfortável.

Seu olhar encontrou o meu e ele abriu um sorrisinho.

Sorri de volta.

O alívio invadiu suas feições e ele suspirou.

— Sei que você está falando agora, minha linda — Gibsie disse, chamando minha atenção. — E estou tentando muito prestar atenção, mas é meio impossível quando tudo o que vejo é você e outra garota na sua cama, traçando o cabelo, com a sua bunda sexy aparecendo por baixo dos shorts. — Sorrindo, ele acrescentou: — Rápido, faça outra coisa.

— Outra coisa tipo essa — Claire respondeu docemente antes de pegar um travesseiro e atirá-lo nele.

— Perfeito, porra — Gibsie soltou, pegando o travesseiro no meio do ar. — Acrescente uma guerra de travesseiro, e o negócio virou pornô gratuito.

— Você é um pervertido.

— Um pervertido que resolveu aquela história do hóquei pra você.

— Você resolveu? — Os olhos de Claire se arregalaram. — Como?

Gibsie deu de ombros.

— Dei um jeitinho. — Inclinando a cabeça para o lado, ele ficou olhando para as costas dela e perguntou: — Puta merda... você está usando calcinha fio-dental?

— Gerard — Claire falou.

— É vermelha? — Ele estreitou os olhos e grunhiu. — É vermelha, né?

Revirando os olhos, Claire desceu da cama e se aproximou dele.

— Você é um idiota — ela falou, dando um tapa no seu braço. — Venha, você pode me ajudar a limpar a cozinha antes da minha mãe chegar do trabalho. Vamos deixar esses dois conversarem. — Abrindo um sorriso largo para Johnny, ela acrescentou: — Entre, Johnny.

— Hum, está bem. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e entrou no quarto. — Obrigado.

— Faço o que você quiser se me mostrar a calcinha — Gibsie implorou, colocando as mãos na cintura dela. — Lavo as panelas. Qualquer coisa. Só uma espiadinha. É tudo o que estou pedindo.

— Você vai fazer de qualquer jeito — ela declarou, segurando a gravata do uniforme dele e o arrastando para fora do quarto.

— Você está certa — ele concordou, seguindo-a feito um filhotinho de coleira. — Seu sutiã é vermelho também?

— Não estou de sutiã.

— Ah, meu Deus!

Ele fechou a porta, me deixando sozinha com Johnny no quarto cor-de-rosa de Claire.

— Tem, hum... bastante rosa por aqui. — Se mexendo sem jeito, ele tirou a mão do bolso e a abanou em volta. — Nunca vi tantos ursinhos de pelúcia e bonecas na vida.

— Ela não brinca mais com essas coisas — expliquei, abafando uma risada ao ver sua expressão confusa. — Ela só coleciona. — Um pouco perdida, peguei o enorme urso-polar

na cabeceira da cama e o ofereci para ele. — Gibsie comprou este pro aniversário de treze anos dela e pediu para que ela lhe desse o nome dele. Ela cedeu e o chamou de Gerry.

— Eu lembro. — Johnny suspirou e passou a mão pelo cabelo. — Essa coisa custou oitenta contos. Ele passou o verão todo cortando grama pros outros pra conseguir pagar.

Arregalei os olhos.

— Oitenta contos por um ursinho de pelúcia?

Ele deu de ombros.

— Era o que ela queria.

— Ah — sussurrei, sem saber o que mais dizer.

— A gente está bem? — ele perguntou, permanecendo exatamente no mesmo lugar. — Você e eu?

Assenti.

— Acho que sim.

Ele soltou um suspiro forte e se aproximou.

— Eu sei que fiz merda, está bem? — ele soltou, sem parar de andar até estar sentado na ponta da cama de Claire, com os olhos nos meus. — Exagerei. Mas, quando vi ele com as mãos em você, entrei em *pânico*. — Ele balançou a cabeça e pegou minha mão. — Fiquei furioso, Shan. Não consegui pensar direito e tirei conclusões precipitadas.

— Eu entendo — sussurrei, chegando mais perto. — Não estou brava com você.

— Mas eu só piorei as coisas — ele grunhiu, colocando minha mão na sua perna, e depois me olhou com uma expressão desolada. — Eu fiz merda, gata.

Gata?

Ah, meu Deus.

— E agora quando você chegar em casa vai ter que lidar com ele — ele continuou falando com um tom sofrido. — Tudo porque eu não consegui me controlar...

— Johnny? — falei, com o coração batendo loucamente.

Ele suspirou e me olhou com uma expressão cautelosa, como se estivesse tentando avaliar minhas emoções.

— Sim, Shan?

— Eu te amo. — Eu não fazia ideia por que senti necessidade de lhe dizer isso, mas as palavras pareciam escapulir da minha garganta toda vez que eu pousava os olhos nele.

Seus olhos azuis arderam.

— Também te amo.

— É mesmo?

— É.

Não sei quem se mexeu primeiro depois disso... Quando me lancei para Johnny, ele já estava quase embaixo de mim, em um borrão de membros. Nossos lábios se chocaram ao mesmo tempo que caí de costas, com seu grande corpo pousando pesadamente sobre o meu.

Esgotada, segurei seu pescoço com força e deixei minhas pernas se abrirem, fazendo com que ele se acomodasse entre elas rudemente.

O contato nos fez gemer alto.

Enfiando os dedos no seu cabelo, envolvi as pernas em sua cintura e o beijei de volta com uma vontade que beirava a insanidade. Apertei as coxas nele, forcei meus quadris para

cima e puxei com força seu cabelo, querendo nada mais do que mergulhar naquele garoto. Enfiei a língua na sua boca e o beijei com força, incapaz de chegar perto o suficiente. Johnny recompensou o movimento com um rosnado profundo e estrondoso de aprovação. O som era tão sexy.

Eu podia senti-lo duro feito aço entre minhas pernas, esfregando e roçando minhas áreas mais íntimas, e gemi, me aproximando, querendo que ele me pressionasse *mais*.

— Meu Deus. — Suas mãos percorreram todo o meu corpo. — Você é tão macia. — Sua mão deslizou por dentro da minha camisa, tocando a lateral da minha barriga. — Seu gosto é tão perfeito.

Suas mãos estavam por toda parte; nas minhas pernas, nos meus quadris, no meu cabelo. Ele me tocava em todo lugar *menos* onde eu precisava, o que só me deixava mais desesperada — desesperada por *ele*.

Eu estava me comportando feito uma maníaca, mas simplesmente não conseguia me conter nem mais um segundo. Sentia o desejo dolorido por ele no fundo da alma, me impulsionando, me encorajando a pedir mais. O calor se acumulava dentro de mim; era uma dor profunda, inquietante e latejante.

Sua língua e seus dedos pareciam apenas intensificar aquela sensação até que eu estava literalmente *pulsando* lá embaixo. Meu coração batia a cem quilômetros por hora enquanto a paixão e o desejo ardente tornavam meus movimentos imprudentes e desajeitados e meu corpo

instintivamente perseguia uma sensação desconhecida que somente seu corpo poderia fornecer.

Eu era virgem, mas isso não significava que eu não sabia nada sobre sexo. Eu tinha lido vários livros, assistido a muitos filmes e ouvido histórias suficientes para saber tudo sobre o corpo masculino e orgasmos. E mesmo que eu nunca tivesse tido um, estava bastante ciente de que os tremores de prazer que percorriam meu corpo toda vez que Johnny empurrava seus quadris contra mim eram uma pequena promessa de prazer.

Ah, meu Deus, acho que posso gozar, o pensamento repentino ganhou vida dentro da minha mente, me fazendo gemer na sua boca e mexer os quadris em encorajamento. *Acho que ele vai me fazer gozar*.

Deleitando-me com a sensação de estar presa embaixo dele e tomada pela luxúria, deslizei a mão para baixo e toquei suas calças. Tremi quando minha mão entrou em contato com sua ereção.

— Não, baby — Johnny grunhiu na minha boca, levando minha mão para cima da minha cabeça. — Senão não vou aguentar.

— Você está dolorido? — perguntei nos seus lábios, ofegante. — Está doendo?

— Você está me matando, Shan — ele resmungou, enterrando o rosto no meu pescoço. — Nossa, baby. — Mordiscando e chupando minha pele, deixou um rastro de beijos do meu colo até os meus lábios antes de enfiar a língua na minha boca mais uma vez.

Eu que não estava aguentando.

Sinceramente, não conseguia mais.

Desesperada, deslizei as mãos por dentro da sua camisa do uniforme e arranhei sua pele firme e pulsante. Meus dedos fizeram algo com Johnny, porque ele me pressionou mais fundo no colchão, se movendo com mais força contra mim. A mão que ele estava usando para prender a minha foi até a minha perna.

Segurando a parte carnuda da minha coxa, ele levantou minha perna mais alto e moveu os quadris contra mim. Seus dedos se cravaram na minha pele com tanta força que senti minha meia-calça rasgar, mas não me importei. Ele poderia rasgá-la em pedaços e eu não o impediria. Avançando mais, senti as pontas dos seus dedos roçando a borda da minha calcinha. Ele hesitou e eu fiquei com vontade de chorar. Frustrada, prendi os dedos no cós dele e o puxei com força. Era o incentivo de que ele precisava; sua mão deslizou para trás e ele apalpou minha bunda, apertando e me puxando para mais perto enquanto ele se esfregava em mim.

Em algum lugar da minha mente, eu sabia que era totalmente inapropriado ficar de amasso com o meu namorado na cama da minha melhor amiga, mas meu cérebro só conseguia se concentrar na palavra *namorado*. Todo o resto era irrelevante naquele momento, porque Johnny era meu namorado, e meu namorado estava em cima de mim, fazendo meu corpo tremer sem parar. Esse era o único toque masculino que eu já tinha desejado. Ele era grande e másculo e estava usando toda a sua força para fazer eu me sentir *bem*.

Naquele momento, eu não me importava com minha família ou meus agressores, não estava com medo do desconhecido nem me preocupando com nada; tudo o que eu conseguia pensar era na necessidade desesperada que eu tinha de me *conectar* a ele de todas as maneiras possíveis.

O som de algo parecido com papel-alumínio estalando interrompeu meus pensamentos cheios de luxúria e eu estremeci quando algo afiado cortou minha coxa.

— O que é isso? — perguntei, sem fôlego, afastando os lábios dos dele. Girei os quadris e senti o golpe de novo. — Ai.

— Você está bem? — A preocupação cintilou nos olhos de Johnny, abafando o desejo, e ele se afastou depressa para se ajoelhar entre as minhas pernas. — Droga, eu te machuquei?

— Não, não foi você... — Tateando o colchão, encontrei várias embalagens com bordas afiadas. — Foi isso — falei, erguendo um dos quadradinhos para inspecioná-lo. Meu corpo ficou todo quente quando percebi o que estava segurando. — Hum, isto deve ter caído do seu bolso — murmurei, olhando para a pilha de camisinhas espalhadas por todos os lados. — *Elas* devem ter caído do seu bolso — corrigi, contando dezesseis camisinhas no total. Dezessete, com a que eu estava segurando.

Johnny ficou olhando para o preservativo na minha mão, piscando sem parar, e então se ergueu da cama mais rápido do que eu jamais o vi se mover no campo.

— Meu Deus — ele disse, passando a mão pelo cabelo. — Não é o que parece, juro. — Ele resmungou uma sequência de palavrões e começou a andar de um lado para o outro. —

Porra, Gibsie — ele resmungou com as mandíbulas cerradas. — Ele vai destruir a minha vida.

— Gibsie?

— Essas coisas são dele, não minhas.

— Ah. — Me apoiei nos cotovelos e fiquei observando-o caminhar pelo quarto feito um maluco. — Está bem.

— Eu só estava guardando pra ele — ele acrescentou depressa, sem parar de se mexer. — Eu *não* trouxe isso aqui por nenhum outro motivo além do fato de que eu esqueci que elas estavam no meu bolso.

— Tudo bem.

— Puta merda — ele grunhiu, parando para segurar a nuca. — Eu não... não era minha intenção... eu não estava esperando transar com você.

— Não?

— *O quê?* — Ele me olhou boquiaberto. — Não, Shannon, claro que não.

— Ah. — Olhei para as camisinhas antes de encará-lo de novo. — Por quê?

— Porque eu... — Ele abriu a boca e levou uns instantes para se recuperar. — Espera... *o quê?*

— Hum, nada — murmurei, constrangida. — Não importa.

— Você quer transar? — ele insistiu, me olhando com cautela. — É isso que está querendo dizer?

— Sei lá. — Nervosa, fiquei do outro lado da cama, de costas para a janela, observando-o com igual cautela. — Tipo, posso fazer se você quiser...

— É alguma pegadinha... o que... você está... porra! — Ele ergueu uma mão e levou a outra à cabeça. Depois, respirou fundo algumas vezes. Parecia que ele ia explodir enquanto mordia o lábio e me olhava fixamente. — Me dá um minuto.

Fiz que sim.

— Está bem.

— Não vou transar com você — ele finalmente disse quando conseguiu. Sua voz estava falhando e sua expressão era sofrida. — A gente não vai fazer sexo, Shannon — ele reiterou, tenso. — Não vai rolar.

Ah, meu Deus!

— Desculpa. — Aturdida e mortificada além da conta, abaixei a saia rapidamente. — Foi idiota... eu nem sei o que estava pensando... tipo, claro que você não quer... aff, esqueça...

— Eu *quero* — ele me corrigiu depressa. — Acredite em mim, eu quero. Juro. Mas não *posso*.

— Ah. — Meu olhar se voltou para a barraca armada na calça cinza do uniforme dele. — Você ainda está dolorido?

— Não, baby — ele falou, levantando a mão. — Porque você não está pronta.

— Mas eu disse que faria se você quisesse — sussurrei.

— *Exatamente* — Johnny falou, soltando um grunhido. — Você disse se *eu* quisesse... não que *você* queria. — Balançando a cabeça, ele foi até a cama e se sentou. — É cedo demais.

— Mas, quando você estava com a Bella, vocês estavam... — Fechei a boca e fiquei perto da janela, observando-o. — Deixa pra lá.

— Nossa! — Johnny murmurou, levando as mãos à cabeça. — É isso que você acha que eu quero? — Como não respondi, ele endireitou a postura e olhou para mim. — Vem cá. — Ele deu tapinhas no colchão ao seu lado. — Vem cá um pouquinho.

Olhei-o com atenção por um instante antes de relaxar os ombros em derrota e me aproximar dele.

— Fala comigo — ele disse baixinho. — Me conta o que está se passando dentro dessa sua cabecinha.

— Eu só... — Parei no meio da frase toda tensa, sem conseguir dizer as palavras.

— Só o quê, Shannon?

— Nada.

— *Fala* comigo.

— Eu só queria que você *me* quisesse de todos os jeitos que queria *ela* — confessei para depois arder de vergonha.

— Não. — Johnny sacodiu a cabeça. — Você não quer isso.

— Eu realmente quero — admiti, tristonha.

— Então quer que eu só *queira* te comer? — ele perguntou em um tom acalorado. — Quer que eu *só* queira sexo de você? Que eu te coma e depois passe o tempo todo me perguntando como posso me livrar de você o mais rápido possível? — Ele ficou me encarando, me desafiando a dizer que sim. — Me perguntando quanto tempo é socialmente aceitável ficar depois de sair de dentro de você? Cinco minutos? Meia hora? Me perguntando se tenho que te beijar e ficar de conchinha ou se posso ir embora e me lavar pra tirar o seu cheiro do meu corpo? Porque era assim com ela. — Ele passou a mão pelo

cabelo e grunhiu. — Não tinha nenhum sentimento envolvido. Era só sexo e nada mais.

— Não, não quero isso — confessei baixinho. — Só quero ser o que você *quer*.

— Você já *é* — ele falou em um tom inflamado. — Não quero o que eu tinha com a Bella. Quero o que tenho com *você*.

— Promete?

— Porra, prometo, Shannon! — Se inclinando para a frente, Johnny apoiou os cotovelos nas coxas e soltou um suspiro pesado. — Me escuta: Bella foi um erro. — Ele fez uma careta ao dizer o nome dela. — Acho que eu já sabia que ela era um erro mesmo quando eu estava comendo... hum, cometendo o erro — ele se corrigiu depressa, me lançando um olhar culpado. — Eu estava desconectado de tudo e queria *sentir* algo por pelo menos um tempinho. — Ele suspirou de novo. — Eu via meus amigos e os caras do time com as namoradas e tal. Tipo Hughie com a Katie. E até Gibs com a Claire. E sei lá, Shan, todos pareciam tão despreocupados, tão impulsivos, que fiquei com inveja. — Ele me olhou e disse: — É solitário quando você está seguindo por um caminho e todos os seus amigos estão indo por outro caminho juntos e acho que eu só queria sentir algum tipo de conexão com algo ou alguém além do rúgbi. Mas nunca aconteceu comigo. — Ele endireitou a postura, colocou a mão no colchão e se virou para mim. — Eu não *conseguia*, sabe? Nunca consegui me conectar com ninguém desse jeito. — Ele deu de ombros, impotente, com os olhos cravados nos meus. — Até que um dia, olhei pra minha vida e lá estava você. Com seus olhos azuis cheios de

segredos. — Ele limpou a garganta várias vezes antes de dizer: — E eu nunca me senti tão conectado com alguém.

— Johnny...

— Não, me ouça, Shan — ele falou depressa, colocando a mão sobre a minha. — Só posso te contar o que eu sei — ele acrescentou com a voz rouca e os olhos ardentes. — Desde o primeiro dia que você entrou na minha vida, você me *mudou*. Lembra a primeira vez que te vi? Você trouxe vida a alguma coisa dentro mim. — Soltando um suspiro pesado, ele encolheu os ombros sem tirar os olhos dos meus. — E nunca mais fui o mesmo.

Meu coração batia ferozmente dentro do peito.

— Sério?

Ele assentiu devagar enquanto um sorrisinho se espalhava pelo seu rosto.

— Bum.

Soltei um suspiro trêmulo.

— Bum.

— Então, pra responder a todos esses pensamentos cagados na sua cabeça, *não* quero Bella nem nada remotamente parecido com o que tive com ela — ele continuou. — Quero o que *a gente* tem juntos. Quero nossa amizade. Quero a sua companhia. Quero as nossas conversas. Quero ter *tempo* com você. E não estou com a menor pressa. Não quero que você sinta como se não soubesse pra onde as coisas estão indo. Não quero que pense que, quando estou te beijando, quero mais do que você pode me dar. Não vou fazer isso com você. Não vou pedir o que você não pode me dar e *não* vou te pressionar, está

bem? — Ele passou a mão pelo cabelo e suspirou. — Sexo nem é tão importante assim. É só uma parte de um relacionamento... E podemos esperar o tempo que você quiser.

Ele estava certo.

Ah, meu Deus, ele estava totalmente certo.

A mortificação tomou conta de mim.

— Não acho que estou pronta, Johnny — sussurrei, com as bochechas corando.

— Eu sei — ele respondeu, sorrindo. — E *tudo bem*.

Não havia um pingo de hesitação em sua voz e me agarrei à sua certeza.

— Está bem — falei, me aproximando dele.

— Você me faz feliz — ele sussurrou. — Quero ficar com isso. Quero ficar com *você*.

— Johnny... — Minha voz falhou enquanto eu contemplava a importância do que ele tinha acabado de me dizer. — Você também me faz feliz.

— E acho que te devo uma meia-calça nova. — Ele cutucou o enorme buraco nas minhas meias e deu de ombros timidamente. — Foi mal.

Sorri.

— Não importa.

Ele também sorriu, erguendo o braço para mim.

— Eu gosto de onde estamos, Shan. — Suas palavras envolveram meu coração feito um cobertor quentinho. — As coisas vão rolar na hora que tiverem que rolar — ele acrescentou após uma pausa contente. — Não estou com

pressa. — Senti seus lábios roçarem o topo da minha cabeça. — Não com você.

33

OBRIGADO, JESUS

Johnny

Eu era um santo.

Sem brincadeira.

Tinha quase certeza de que merecia uma medalha pelo autocontrole que demonstrei no quarto da Claire. Duvidava que houvesse algum outro cara da minha idade sentindo por uma garota o que eu sentia por Shannon — por uma garota que se *parecesse* com Shannon — que pudesse ter impedido que as coisas evoluíssem.

Horas depois, eu ainda estava me conformando com a melhor e a pior coisa que já fiz. Porque queria comer aquela garota mais do que queria respirar e vê-la esfregando sua virgindade na frente do meu nariz como se fosse a porra de uma medalha do Grand Slam era o pior tipo de tentação. Mas fiz a coisa *certa*, cara. Eu parei. Coloquei o que *ela* precisava na

frente do que *eu* queria, e isso me trouxe um pouco de paz. Depois que acalmei as coisas e descemos, bebi chocolate quente e conversei um pouco com a amiga dela, oferecendo a segurança que eu sabia que ela precisava, controlei Gibsie o melhor que pude e fiz tudo isso com o saco doendo de tanto tesão.

Quando Sinead Biggs chegou do trabalho pouco depois das nove e me mandou para casa junto com Gibs para casa, quase chorei de alegria. Por mais confuso que parecesse, fiquei aliviado que a mulher tivesse aparecido e nos expulsado, porque eu precisava de um tempo.

Precisava ir para casa rápido, porque não estava mais *aguentando*.

Já fazia mais de cinco malditos meses e, com dor ou não, eu ia gozar.

Mesmo que isso me matasse, droga.

Mal consegui pronunciar uma palavra durante todo o caminho. A expectativa estava me matando e eu estava com os nervos à flor da pele. Medo, excitação e luxúria eram as emoções predominantes correndo pelo meu corpo, impulsionadas pela lembrança de Shannon deitada, comigo entre as pernas.

Felizmente, Gibsie estava silenciosamente taciturno ao volante e nem desligou o motor quando parou na frente de casa. Só disse meio sem entusiasmo:

— Te pego de manhã, cara.

Eu não fazia ideia do que havia de errado com ele — presumi que estivesse de mau humor por ter sido expulso pela

mãe de Claire —, mas não podia me preocupar com isso no momento porque eu precisava bater uma, cacete, e os problemas dele não eram prioridade.

Quando entrei em casa, tive a sensação de que o próprio Jesus Cristo estava olhando para mim, pois minha mãe estava em uma ligação de trabalho, berrando ordens no fone de ouvido enquanto andava de um lado para o outro na cozinha com uma pasta na mão. Juro por Deus que eu podia ter caído de joelhos e começado a rezar ao ver aquela cena. Quando ela tentou fazer contato visual comigo, disparei para o andar de cima, usando a muleta mais para ela ver do que para me apoiar.

Expulsando temporariamente Sookie do quarto, fechei a porta e comecei a arrancar as roupas. Por que eu senti necessidade de me despir completamente? Nunca vou saber. Eu estava queimando e precisava me aliviar.

Sentindo uma mistura caótica de excitação e medo percorrer meu corpo, me sentei na beirada da cama, imóvel como uma estátua, e olhei para o meu pau totalmente ereto.

Lá vamos nós...

Com meu corpo inteiro rígido de tensão, desci a mão e prendi a respiração, esperando a dor que eu estava tão acostumado a sentir — a dor no pau.

Uma estocada...

Duas estocadas...

Três estocadas hesitantes...

Como a dor não veio, soltei o fôlego, me deitei e fiquei olhando para o teto.

— Obrigado, Jesus.

Fechei os olhos, visualizei todas as imagens depravadas que eu tinha de Shannon e fui com tudo.

34

LUZES PISCANTES E NOVAS INFORMAÇÕES

Shannon

Meu corpo ficou rígido e tenso durante todo o caminho de volta para casa. A sensação familiar de pavor retomou seu posto habitual e estava dissipando tudo de bom do meu dia. Todos os pensamentos sobre Johnny se recolheram para a caixinha mental dentro da qual eu o mantinha seguro, enquanto eu anestesiava todas as emoções e assumia o modo de sobrevivência. Era como trancar a luz do sol em um velho baú cheio de teias de aranha, pois eu não confiava que a escuridão ao meu redor não a contaminaria.

Com uma espécie de sexto sentido enterrado bem fundo dentro de mim, eu soube que teria problemas antes mesmo de me deparar com eles. Senti minha temperatura corporal caindo ao ponto do Ártico, com meu sangue virando gelo em minhas

veias. Cada músculo do meu corpo se contraiu em uma ansiedade temerosa.

Não fui ingênua nem tentei dizer a mim mesma que estava tudo bem. A visão da minha casa iluminada feito uma árvore de Natal, com cada janela emanando orbes amarelas de luz, e a fila de carros estacionados na calçada geralmente deserta do lado de fora, sem mencionar o carro azul e amarelo da polícia, foram sinais suficientes de que minhas afirmações silenciosas seriam de fato infrutíferas.

— Shannon, querida — a sra. Biggs disse em um tom preocupado quando parou na frente de casa. — Está tudo bem?

— Provavelmente, sim — falei, soltando o cinto depressa enquanto as garras afiadas do pânico rasgavam minhas entranhas. — Obrigada pela carona, sra. Biggs — acrescentei, levando a mão à maçaneta.

— Espere... quer que eu entre com você? — a mãe da Claire perguntou com uma voz carinhosa, colocando a mão no meu ombro. — Posso estacionar e te acompanhar...

— Não, não, está tudo bem — murmurei, abrindo a porta e agradecendo aos céus por Claire ter ficado em casa e não vindo com a gente. — Mas é melhor eu entrar logo.

A sra. Biggs, que se parecia tanto com Claire, franziu os lábios por um instante, visivelmente ansiosa.

Não tanto quanto eu...

— Depois você liga pra Claire? — ela finalmente perguntou, me olhando com cautela. — Só pra dar notícias?

Assenti, abri um sorrisinho e desci do carro.

Respire fundo, falei para mim mesma enquanto seguia para a porta de casa. *O que quer que tenha acontecido, você vai dar conta.*

Só continue respirando, Shannon.

Quando cheguei, um déjà-vu horrível me dominou e, por um momento, fiquei ali, com os dedos na maçaneta e o corpo inteiro fora de controle.

Ele está aí dentro, meu cérebro sibilou. *Fuja, Shannon. Fuja agora!*

Minhas escolhas foram arrancadas de mim quando a porta se abriu e meus olhos pousaram em Joey. Absorvi seu rosto livre de sangue por um momento antes de um enorme calafrio me percorrer.

— Shh — ele sussurrou quando abri a boca para falar. Em vez de me conduzir para dentro, ele saiu e fechou a porta. — Preciso falar com você.

— O que está acontecendo, Joe? — falei, desesperada.

— Está tudo bem. — Ele segurou meu braço e me puxou para o jardim lateral com gentileza, fora da vista das janelas e portas. — Mas precisamos conversar.

— Conversar? — Franzi o cenho. — Sobre o quê? — Aturdida, abanei a mão para os carros estacionados ali na frente. — O que está acontecendo? Por que a polícia está aqui, Joe? Por que o carro da Patricia está aqui?

— Vem... — Arrastando-me pela grama alta, deslizamos para dentro do pequeno vão entre o galpão do jardim e a parede, para o velho esconderijo onde passamos tantas noites. Não era nada de mais; apenas alguns metros de grama pisoteada na parte de trás do galpão, protegidos pelo tanque de

óleo sem uso, mas o espaço era estreito demais para o nosso pai. Costumávamos guardar cobertores, tochas e uma pequena lata de biscoitos ali quando éramos pequenos, mas fazia muito tempo que não frequentávamos aquele lugar. — Ele se entregou, Shan. — Joey olhou para trás e soltou um suspiro trêmulo. — A polícia está com ele.

— Papai? — falei, sem saber se tinha mesmo verbalizado. Meu coração estava batendo a cem quilômetros por hora, forçando o ar para fora dos meus pulmões em uma lufada ofegante. — Sério?

Ele assentiu e senti meu corpo enfraquecer.

Fui ficando cada vez mais fraca até deslizar para o chão em câmera lenta.

— Te peguei. — Os braços de Joey me sustentaram. — Está tudo bem. — Ele nos acomodou na grama molhada e se agachou ao meu lado com as mãos nos meus ombros. — Shh, você está segura.

Sem me mexer, me apoiei no muro de concreto às minhas costas, sentindo a umidade se infiltrar na saia do uniforme, mas incapaz de mover um músculo, pois meu cérebro estava sobrecarregado.

A polícia estava com ele?

Ele se entregou?

Meu pai?

— Vou vomitar... — As palavras mal saíram da minha boca antes que eu me virasse para o lado e despejasse todo o conteúdo do meu estômago na grama.

— Isso. — Segurando meu cabelo, Joey o puxou para trás e deu tapinhas nas minhas costas. — Bota pra fora, você vai se sentir melhor.

Não, eu não estava me sentindo melhor.

Eu nunca mais ia me sentir bem de novo, porque estava tudo *errado*.

Com o estômago embrulhado, fiquei grunhindo e vomitando até estar vazia, sem mais nada dentro de mim.

— Por quê? — falei quando finalmente encontrei as palavras. Com o peito ofegante, limpei a boca com o dorso da mão e me encolhi, derrotada. — Por que ele se entregou? — Balancei a cabeça, rejeitando a ideia. Não, ele tinha que estar errado. — Ele não faria isso, Joe. — Nosso pai *nunca* se entregaria voluntariamente. — Isto não é real.

— Eu sei — Joey concordou, falando em um tom baixo e apressado. — Eu também não acredito. — Ele passou a mão pelo cabelo, frustrado. — Tem alguma coisa errada.

— O que mais você sabe?

— Nada — ele respondeu. — Eu literalmente acabei de chegar do trabalho antes de você e encontrei todo mundo na cozinha. — Ele gesticulou para o macacão oleoso que estava vestindo e deu de ombros, impotente. — Os guardas, Patricia e algumas outras mulheres que nunca vi antes. Além de mamãe e Darren.

— O que eles estavam falando?

— Não sei, Shan. — Ele balançou a cabeça e acrescentou: — Eles não me deixaram ficar... Me expulsaram da cozinha. Mas ouvi um dos guardas dizer que papai tinha se entregado

antes de eles fecharem a porta na minha cara. Daí ouvi um carro parando aqui e saí pra te dar a notícia.

Meu estômago se contorceu e deu um nó.

— Bem, obrigada pela notícia.

— Não entendo o que está acontecendo — ele disse, ignorando meu agradecimento. — Ele deve ter procurado um advogado ou algo assim. Deve ter recebido algum conselho... — Ele soltou um rosnado de irritação. — *Não* faz sentido ele simplesmente entrar na delegacia e se entregar.

— Talvez esteja se sentindo culpado — sugeri baixinho, sabendo que era idiotice.

— É preciso ter consciência pra sentir culpa — Joey retrucou. — E ele não tem.

Verdade absoluta.

— É uma baboseira — uma voz familiar disse, nos fazendo virar enquanto uma figura sombria se aproximava no escuro. — Eles estão ali falando sobre as nossas vidas, tomando decisões por *nós*, e não podemos nem ouvir.

— Tadhg — falei, levando a mão ao peito quando ele apareceu no pequeno espaço, com o rosto iluminado pela luz do poste do outro lado da rua.

— Onde estão Ollie e Sean? — Joey perguntou.

— Na cama, dormindo — Tadhg respondeu antes de se aproximar de onde estávamos agachados e se sentar na grama ao nosso lado. Ele apoiou as costas no muro, abraçou os joelhos e murmurou: — Mas Sean fez xixi na cama de novo.

Joey soltou um suspiro cansado.

— É melhor eu ir...

— Eu já dei um jeito — Tadhg disse.

Meu coração se partiu.

Bebês cuidando de bebês.

— E Ollie continua tendo pesadelos. Ele acorda chorando, dizendo que ele vai voltar no meio da noite e nos pegar — Tadhg acrescentou com um tom duro. — Não consigo dormir um segundo com aquele bebezão do caralho.

— Tadhg — falei baixinho. — Por favor, não diga palavrão.

— Por quê? — ele retrucou, me encarando. — O que você vai fazer a respeito?

— Porque você tem onze anos e é novo demais pra falar palavrão — respondi com tristeza. — E não vou fazer nada a respeito. Só não devia acontecer.

— Vai se foder, Shannon — ele soltou. — Vou fazer doze anos na sexta e tem várias coisas na minha vida que não deveriam estar *acontecendo*.

— Para com isso — Joey ordenou em um tom autoritário, fixando os olhos no nosso irmãozinho. — Quer ficar puto com a mãe e o pai... com a merda do mundo todo? Vai em frente. Fique. É real e direito seu. Você *devia* mesmo estar furioso. *Não* é justo. Mas nem pense em descontar nela, em mim ou nas duas crianças lá em cima. A gente não te fez nada, cara. A gente não fez nada pra merecer essa vida, assim como você, então se lembre disso antes de vir aqui atirando sua dor na gente.

Tadhg ficou encarando Joey por um longo momento antes de tremer violentamente.

— Não quero que ele volte — ele finalmente disse com a voz embargada. — Se colocando de joelhos, ele se lançou contra Joey. — Não quero nada disso — ele chorou, jogando os braços em volta do pescoço do irmão. — Quero que isso acabe logo. Quero que isso acabe!

— Eu sei, maninho — Joey falou, abraçando-o com força. — Eu sei.

— E você me abandonou — ele continuou, chorando ainda mais. — Você não pode me deixar. Preciso que você *fique* comigo.

— Estou aqui — Joey sussurrou tremendo, com os olhos angustiados grudados nos meus. — Estou bem aqui.

— Eu também — eu disse, abraçando meus irmãos. — Somos um time, gente — acrescentei, colocando o máximo de entusiasmo que pude na voz para o meu irmãozinho. — A gente vai superar isso.

— Exatamente — Joey concordou com a voz embargada. — A gente vai conseguir.

— Juntos? — Tadhg perguntou, fungando.

Encarei Joey fixamente e balbuciei:

— *Juntos*?

— Claro, pequeno. — Joey fechou os olhos. — Juntos.

Ficamos ali sentados na grama molhada com a chuva caindo sobre nós até que vozes altas perturbaram o silêncio.

— Obrigado por virem conversar com a gente — a voz abafada de Darren encheu meus ouvidos e nós três enrijecemos de uma vez. — Agradeço a atualização.

Tadhg fez que ia se levantar, mas Joey e eu seguramos a blusa do seu pijama e o arrastamos para baixo.

— Não se mexa — Joey falou baixinho.

Tadhg franziu o cenho.

— Mas eles...

— Só *ouça* — Joey pediu.

Ele ainda tinha muito o que aprender.

— Sem problemas, sr. Lynch — uma voz masculina que presumi ser de um dos guardas respondeu. — Sinto muito por não ser a notícia que vocês esperavam.

Meu coração colapsou.

Na verdade, ele não colapsou.

Ele permaneceu exatamente onde estava: na boca do meu estômago.

Porque, assim como Joey e Tadhg, eu sabia que nada de bom estava por vir.

Se tratando do nosso pai, nunca era nada de *bom*.

— Sua mãe deve encontrar algum conforto no fato de que ele está aceitando suas responsabilidades — o guarda continuou falando. — Pelo menos é algum progresso.

— Não o progresso que eu esperava — Darren respondeu com um tom mais severo que o normal. — Nem meus irmãos, aliás.

— Sim, bem, está fora da nossa alçada — uma voz feminina interveio em um tom neutro. — A lei é a lei e, infelizmente, não podemos mudá-la. Só estamos aqui para garantir que ela se cumpra.

— A lei é uma piada do caralho — Joey e Tadhg murmuraram ao mesmo tempo.

— Pega na madeira — Tadhg sussurraram com um sorrisinho.

Joey revirou os olhos e passou o braço em torno de Tadhg. Puxando-o para o seu colo, ele esfregou os nós dos dedos na cabeça do irmão.

— Shh — avisei, e fiquei prestando atenção para ouvir mais.

— Olha, não vamos tomar mais o seu tempo — o guarda falou. — Boa noite, sr. Lynch.

— Boa noite — Darren respondeu. — Obrigado.

Alguns instantes depois, um motor rugiu, ganhando vida, e desapareceu ao longe.

— Vou entrar... — Tadhg começou a dizer, se levantando de novo, só para ser puxando para baixo mais uma vez pelo nosso irmão. — Quero respostas, gente!

— Fica parado — Joey instruiu calmamente. — Eles ainda não acabaram.

Bufando, Tadhg cruzou os braços e fez biquinho.

Joey balançou a cabeça.

— Você tem muita coisa pra aprender ainda, garoto.

Esperamos até que Patricia e a outra mulher emergiram da casa, entraram nos carros e se afastaram. Joey se levantou.

— Beleza — ele falou, inclinando a cabeça para a casa. — *Agora* vamos lá atrás dessas respostas.

Tadhg saiu pisando duro na nossa frente e entrou na cozinha antes que Joey e eu colocássemos os pés na porta,

berrando:

— O que diabos está acontecendo?

— Calma, deixa comigo — Joey falou baixinho, apertando meu ombro de leve antes de entrar na cozinha.

Fiquei parada na porta e meus olhos seguiram direto para a nossa mãe, sentada no lugar de sempre na mesa, com um cinzeiro à sua frente e um cigarro pendendo dos dedos frágeis. *Nenhuma novidade*. Ela tinha uma caneca de café diante de si — cheia de vodca ou qualquer que fosse o entorpecente escolhido para a noite. Estava chorando baixinho na mão enquanto segurava o cigarro com a outra. *Mais uma vez*, *nenhuma novidade*.

Havia uma pequena pilha de envelopes brancos na mesa ao lado dela. Um dos envelopes estava aberto e o papel estava próximo ao cinzeiro.

— O que está acontecendo? — Tadhg perguntou, parado no meio da cozinha, olhando para o nosso irmão mais velho e ignorando completamente nossa mãe. — Quero saber!

— Fica quieto, Tadhg — Darren soltou. — Estou tentando pensar... — Ele ficou andando de um lado para o outro, segurando um envelope branco com força. — Não consigo pensar!

— Diga o que está acontecendo e depois você pode pensar — Tadhg cuspiu sem hesitar.

Ali da porta, vi Joey passar direto por Darren sem dizer uma palavra e arrancar o papel da mesa.

Meu coração parecia ter parado no meu peito enquanto eu o observava ler, enrugando as sobrancelhas cada vez mais até

que ele fechou os olhos. Rígido, ele amassou o papel e o jogou na parede.

— Porra!

— Isso não está ajudando — Darren o repreendeu baixinho.

— Não. Sabe o que não está ajudando? — Joey retrucou. — Você, Darren. Você não está ajudando porra nenhuma!

— Você acha que eu quero isso? — Darren sibilou, olhando para Joey. — Você está maluco se acha que eu quero *isso*.

— Ah, meu Deus. — Minha mãe falou, chorando alto. — Não aguento mais.

— Para de chorar! — Tadhg vociferou para ela, puxando o cabelo de frustração. — Estamos todos cansados de te ouvir chorando!

— Colabora, Tadhg — Darren berrou. — Não fala com ela desse jeito.

— Não diga a ele o que fazer — Joey interveio para defender o menino. — Ele tem razão. Estamos todos cansados dela, incluindo você. Ele só teve coragem de dizer.

— O que está acontecendo? — perguntei, permanecendo exatamente no mesmo lugar, com a porta atrás de mim e a opção de fugir dali, se necessário.

— Conta pra eles o que está acontecendo, Darren — Joey falou ameaçadoramente. — Vai em frente e conta pra Shan e Tadhg as boas notícias. Ou melhor ainda... — Fazendo uma pausa, ele foi até a mesa e pegou a pilha de envelopes. Ele percorreu um por um, jogou dois de volta na mesa e depois se

aproximou de nós. — Deixa que eles leiam. — Depois de enfiar um envelope na mão de Tadhg, Joey me entregou outro com o meu nome, antes de guardar o que estava segurando no bolso do macacão. — É uma boa leitura, gente — ele acrescentou, com um tom cheio de sarcasmo. — A melhor ficção que já li, não é mesmo, mãe?

Não ousei abrir o envelope, não quando meu cérebro reconheceu aquela letra desajeitada do meu pai.

— Ele escreveu uma carta pra cada um de nós — Joey falou, com a voz escorrendo veneno e sarcasmo. — Que sorte a nossa!

Darren balançou a cabeça.

— Joey...

— Ele está morto? — soltei, com o coração batendo violentamente. — É isso? — Ergui a carta. — Ele se m... — Minha respiração ficou presa e tive que forçar o resto a sair: — Ele se matou?

— Não temos tanta sorte — Joey sibilou. — Ele está com a corda toda, morando na Brickley House.

— Brickley House?

— É um centro de tratamento do outro lado da cidade — Darren explicou. — Papai se registrou lá há duas semanas, Shannon. No dia seguinte à sua entrada no hospital. É onde ele esteve esse tempo todo... por isso ninguém conseguiu encontrá-lo.

Fechei os olhos por um instante, tentando controlar as emoções e digerir o que estava ouvindo, mas quando falei novamente, tudo o que consegui dizer foi:

— *O quê?*

— O que significa isso? — Tadhg perguntou, empalidecendo. Quando ninguém respondeu, ele gritou: — O que está acontecendo?

— Significa que ele é um filho da puta esperto com amigos em lugares importantes e acesso a aconselhamento jurídico habilidoso — Joey disse, colocando as mãos nos quadris. — Significa que ele não vai passar um dia atrás das grades, como eu adivinhei. Eu falei pra vocês!

— Não — Darren soltou depressa. — Ele ainda vai ter que comparecer ao tribunal.

— Por que é que ele não está na prisão *agora?* — falei, sentindo meu corpo tremer da cabeça aos pés. Virando para Darren, sussurrei: — Foi o que você disse, Darren. Você me falou que, assim que encontrassem papai, ele seria preso. — Um soluço rouco escapou pela minha garganta e eu instintivamente segurei as costelas, lembrando muito bem do que tinha acontecido naquela cozinha da última vez que nosso pai esteve ali. Meu corpo se contraiu em pânico. — Foi o que você disse — eu disse, prestes a colapsar. — Você me *prometeu*.

Darren estremeceu.

— Eu sei o que eu disse...

— Ele está *cooperando* — Joey interveio, furioso.

— Como assim? — Tadhg perguntou.

— Ir pra Brickley House foi o suficiente pra mostrar ao juiz que ele está demonstrando remorso por suas ações e disposto a buscar ajuda pra lidar com os vícios — explicou Darren. — Isso significa que o juiz consentiu com uma fiança

sob a condição de que ele complete um plano de tratamento de trinta dias, cumpra a ordem de não estabelecer contato e compareça ao tribunal em novembro.

— Novembro? — Meus olhos se arregalaram de pavor. — É daqui a meses.

— O que significa que ele vai ser um homem livre em algumas semanas — Joey acrescentou, juntando as mãos. — Muito bem. — Voltando a fúria para nossa mãe, ele disse: — Pode parar de chorar agora. Ele vai voltar pra você logo, logo.

— Não vai — Darren falou. — Ele vai pagar pelo que fez.

— Não engana eles, Darren! — Joey rugiu, perdendo completamente a calma. — Não mente pra eles. — Se virando para nós, ele disse: — Ele vai cumprir os trinta dias, sair como um novo homem, cheio de remorso e arrependimentos, aparecer no tribunal com um belo terno que um dos amigos idiotas vai arranjar, e o juiz vai elogiar seus esforços, sua vida limpa e sóbria. Daí, vamos ouvir o discurso de que "todo mundo merece uma segunda chance" antes de ele ser liberado com um tapinha.

— Joey! — Darren vociferou. — Chega.

— Alguns meses vão se passar, os assistentes sociais aos poucos vão nos esquecer, porque, fala sério, tem uma fila de garotos cagados como nós pra eles cuidarem — Joey continuou, ignorando Darren. — Enquanto estivermos todos alimentados, vestidos, relativamente ilesos e frequentando a escola, vamos desaparecer do radar deles. Eles vão se esquecer da gente, assim como fizeram antes.

— Eu disse chega! — Darren rugiu. — Você está assustando eles!

— Daí ele vai deslizar de volta pra cama dela como se nada tivesse acontecido — Joey acrescentou, estreitando os olhos verdes para Darren. — É isso o que vai acontecer, e vocês são todos idiotas se acreditam no contrário.

— Te odeio! — Tadhg gritou, atirando a carta fechada na nossa mãe e disparando para fora da sala, me empurrando ao passar.

O som de seus passos trovejando na escada preencheu o silêncio tenso que se instalou ao nosso redor após sua saída.

Fiquei observando meus irmãos e minha mãe com cautela, desejando sentir algo dentro de mim. Tudo estava dormente e frio e minha vida parecia congelada no tempo. Não havia nada ali. Eu estava apenas *vazia*.

Toda a minha fé, minha esperança, meu futuro... puf.

— Vou sair — Joey finalmente declarou. Esfregando o rosto com a mão, ele soltou um lamento sofrido. — Não posso ficar *aqui* agora.

— Pra onde você vai? — Darren perguntou. — Joey, são quase onze e meia da noite...

— Não é da sua conta, porra — Joey cuspiu, saindo da cozinha, evitando tocar em mim e fazer contato visual.

— Joey — falei com a voz embargada. — Por favor, não vai...

A porta bateu e fiquei sozinha com minha mãe e Darren.

— Vai ficar tudo bem — Darren disse, se virando para mim. — Prometo.

— Não faça promessas que não pode cumprir, Darren — devolvi, tremendo.

— Ele está certo — minha mãe soltou, fungando e me olhando. — Porque não vou deixar ele voltar.

— Não falem nada — sussurrei, e sem dizer outra palavra, dei as costas para eles e subi para o quarto com a carta do meu pai na mão, desejando ter aproveitado mais as últimas duas semanas de sono que tive, porque eu sabia no fundo do meu coração que não ia mais conseguir dormir tranquilamente.

Ele vai voltar, era tudo o que eu conseguia pensar quando me enfiei debaixo das cobertas e me encolhi o máximo que consegui. *Ele vai voltar, é só esperar para ver.*

Alguém vai morrer nesta casa.

Mais cedo ou mais tarde...

Não preguei os olhos aquela noite.

35

LENÇOS E PROBLEMAS DE EJACULAÇÃO

Johnny

— Você está morto?

A voz de Gibsie perfurou o melhor sono que eu tinha em anos, e pisquei os olhos relutantemente.

— Hã? — perguntei com a voz rouca e sonolenta. — Que porra é essa? — Me apoiando nos cotovelos, olhei em volta e vi meu melhor amigo na porta do meu quarto. — O que você está fazendo?

— Te falei ontem à noite que eu ia te pegar hoje — ele respondeu, me olhando de um jeito curioso. — O que você tem?

— Nada. — Bocejei alto e passei a mão pelo cabelo. — Você me acordou.

— Você está sempre acordado a essa hora — ele disse, me encarando. — Está doente?

— Pareço doente? — devolvi, puto da vida por ele ter me acordado do primeiro sono decente e indolor que tive em meses. — Que horas são?

— Cinco e meia — ele respondeu, franzindo o cenho. — E não, você não parece doente, mas definitivamente está *diferente*. — Arregaçando as mangas do suéter azul-marinho do uniforme, ele se aproximou da cama, me observando com desconfiança. — Você está tranquilo e relaxado — ele comentou. Então seus olhos se arregalaram. — Você gozou, né?

— Cara, está cedo demais pra lidar com você. — Me jogando no colchão, peguei um travesseiro, coloquei-o contra o peito e rolei para o lado com toda a intenção de voltar a dormir. — Me dá umas horas a mais. Não precisamos estar na escola antes das nove e dez.

— Mas estou pronto pra treinar — ele insistiu. — Você disse que ia me ajudar. Preciso de uma meta de vida.

— Eu vou te ajudar — resmunguei, me afundando mais no travesseiro. — Só... me deixa dormir hoje, pode ser?

— Imaginando que esse travesseiro é sua namorada? — Gibsie perguntou. — *Shannonzinha*?

— Vai se foder, Gibs — murmurei, fechando os olhos. — Estou cansado.

— Sei, cansado de tanto bater punheta — ele retrucou. — É por isso que você não quer acordar pra treinar comigo.

— Vai sem mim hoje. Eu vou com você amanhã... prometo.

— Vai se foder você. Eu nunca acordo essa hora...

— Shh — soltei, mantendo os olhos fechados. — Estou dormindo.

— Jonathan.

— Gerard.

— Você bateu tanta punheta que ficou exausto, não é? Meu Deus!

— Não vou falar disso com você.

— Usou o lubrificante que eu te dei?

— Vai se foder e me deixa dormir.

— Ficou sensível?

— Gibs!

— Ficou?

— Meu Deus... — Pisquei, abri os olhos e fiquei encarando a parede à minha frente, contando até dez mentalmente, pedindo paciência. — Só *vai embora*.

— Não seja tímido comigo — ele zombou, se sentando na cama ao meu lado. — Não temos segredos.

— Bem, talvez a gente precise de uns então — falei, me virando de barriga para cima para olhar para ele. — Jesus.

— Não vou parar até você me dizer, então é melhor acabar logo com isso. — Cruzando os braços atrás da cabeça, Gibsie soltou um suspiro alto antes de acrescentar: — Estou muito empenhado em ver aonde isso vai dar, Johnny.

Encarei-o por um longo instante antes de um sorriso satisfeito se espalhar pelo meu rosto.

Gibsie notou e arregalou os olhos.

— Puta merda. — Ele sorriu, com os olhos brilhando de empolgação. — De verdade?

— Funciona — esclareci com um suspiro de contentamento.

— Como foi? — ele perguntou, parecendo genuinamente maravilhado por mim. — Igual antes? Melhor? Pior?

— Foi satisfatório. Mas só pra te avisar... você está sentado bem na zona úmida, cara.

— Credo, Johnny! — Gibsie sibilou, se levantando do colchão de um salto. — Nunca ouviu falar de punheta elegante, não? Eu te dei um monte de camisinhas.

— Eu não sou elegante. E o negócio acabou de voltar a funcionar. Não vou sufocar o pobre.

— Olha só pra minha bunda! — Gibsie uivou e tive que pressionar o travesseiro que estava segurando no meu rosto para abafar a risada. — Olha só o que você fez comigo! — ele gritou, apontando para o lenço grudado na parte de trás das suas calças. — Tira isso daí. Tira seu esperma da minha bunda agora mesmo!

— Não — falei, quase me engasgando de tanto rir.

— Você gozou na minha bunda! — ele rugiu. — Sua porra está tocando o meu corpo.

— Para ou vou estourar os pontos de tanto gargalhar!

— Levanta agora — ele ordenou, indignado. — Levanta daí e me ajuda!

— Não consigo — falei no meio do ataque de riso. — Estou fraco.

— É, fraco — Gibsie rosnou, começando a tirar o uniforme. — Porque você jorrou metade do seu peso corporal no maldito colchão. — Arrancando o suéter e a camisa, ele

chutou os sapatos para fora e empurrou as calças para baixo. — Seu pervertido — ele rosnou enquanto pegava suas calças e as jogava em mim. — Você é um... um... punheteiro!

Dei risada, porque, como toda sinceridade, o que mais eu podia fazer?

— Estou sentindo a porra em mim — ele grunhiu. — Está em mim? — Ele fez que ia vomitar e ficou se virando de um lado para o outro, tentando olhar a própria bunda. — Estou sentindo a porra na minha pele! — Ele me olhou e cuspiu: — Me sinto *violado*, Johnny!

— Não está te tocando — falei, mal conseguindo respirar a essa altura, atirando as calças de volta para ele. — Você está ótimo, prometo...

— Lava meu uniforme — ele exigiu, pulando para fora do caminho. — Levanta esse pau inchado da cama e lava as minhas roupas, caralho! — Estreitando os olhos, ele sibilou: — Não ligo se você tiver que se arrastar de quatro pelas escadas, é melhor levar minhas roupas pra baixo e lavar elas agora! Senão vou pegar o seu uniforme e você pode vestir a sua própria porra!

— Limpei mais fluidos corporais seus do que eu gostaria de lembrar — respondi, sorrindo.

— Acho que seu esperma recente na minha bunda supera meu vômito nos seus lençóis, seu filho da puta! — ele rugiu, tremendo da cabeça aos pés.

— O esperma morre assim que sai, Gibs.

— Só depois de *setenta e duas horas* — ele retrucou, estremecendo. — Eu prestei atenção nas enfermeiras sexuais

ontem.

— Elas não eram enfermeiras sexuais — eu o corrigi, ainda rindo. — Pelo menos você não pode ficar grávido.

— Grávido? — ele soltou, erguendo a voz de indignação. — Estou grávido, porra! Estou grávido de *desespero*, Johnny! Minha barriga está enorme de nojo.

— Meninos? — a voz da minha mãe encheu o ar. — O que está acontecendo... ah, Gerard, por que está de cueca?

— Seu filho... — Gibsie fez uma pausa para apontar um dedo acusatório para mim antes de continuar. — Ejaculou em mim.

— Foi? — minha mãe perguntou com uma expressão esperançosa no rosto.

— Foi! — Gibsie grunhiu, estremecendo de novo.

— Eu não ejaculei em você — falei, dividido entre dar risada e chorar. — Eu ejaculei e você se *sentou* bem no lugar.

— Dá no mesmo — ele latiu, furioso. — Dá no mesmo, Johnny!

— Ah, amor, estou tão feliz de que voltou a funcionar — minha mãe disse, suspirando de alívio. — Mas você não deveria fazer isso na presença dos seus amigos.

— *O quê?* — encarei-a boquiaberto. — Você falou mesmo essas palavras?

— Meu uniforme está todo sujo, Mami K — Gibsie disse. — Ele me arruinou.

— Poxa, Gerard, meu bem — ela falou, dando tapinhas na bochecha do imbecil. — Entre no chuveiro que eu vou lavar o uniforme pra você. Vai ficar novinho em folha.

— Também estou com fome — ele acrescentou, olhando para ela feito um filhotinho.

— Vou preparar uma fritada pra você, querido — ela respondeu. — Agora, vá tomar um banho.

Estremecendo mais uma vez, ele assentiu e entrou no banheiro, me mostrando discretamente o dedo do meio.

— Agora... — minha mãe disse com um suspiro cansado, se abaixando para pegar o uniforme de Gibsie no chão. — Sei que posso estar atrasada, mas nunca imaginei ter que falar isso pra você, Johnny: por favor, não ejacule em Gerard.

— Eu *não* fiz isso — declarei, mortificado. — Por que eu *faria* isso?

Ela balançou a cabeça e murmurou algo como:

— Quem é que entende os adolescentes hoje em dia?

— Mãe — falei, agitando. — Eu me masturbei. Ele se sentou no lençol e surtou. Eu não ejaculei nele.

— Pelo amor de Deus — ela se lamentou, pressionando a mão na testa. — Eu podia ter tido uma filha. Eu poderia *entender* uma filha...

— Bem, você me teve — bufei, me jogando no colchão. — Com pau e tudo.

— Jonathan!

— Que seja, mãe. Você devia estar feliz — falei, com a dignidade passando longe. — Um dia posso te dar netos.

— Com Gerard não será possível.

Fiquei de queixo caído.

— Não sou gay!

— Tudo bem se você fosse — ela disse.

— Bom saber, mas eu não sou. Tenho namorada.

Eu poderia chutar a minha própria bunda por deixar essa informação sair assim.

Ela congelou.

— Shannon?

Puta merda...

— Sim, Shannon é minha namorada — respondi, me sentando. — Estamos juntos agora e, antes que você comece, saiba que nada que você ou papai digam vai fazer a menor diferença pra mim.

— Eu não ia falar *nada* sobre Shannon — ela disse depois de uma longa pausa. — Acho que ela é uma garota adorável, meu bem. — Suas sobrancelhas estavam franzidas e seus olhos castanhos estavam fixos nos meus, enquanto ela me observava com atenção. — Mas a família dela...

— Não quero saber — eu a interrompi. — Não estou saindo com a família dela, mãe. Estou saindo com ela.

— E aquilo que a mãe dela disse? — ela sussurrou, pálida. — Ela só tem dezesseis anos, Johnny.

— Olha pra mim. — Gesticulei para a cama e depois para a pilha de roupas nos seus braços. — O que você acha que eu estava fazendo aqui?

— Não sei... — Ela mordeu o lábio. — Não quero que você...

— Cresça? — sugeri. — É um pouco tarde pra isso, mãe. Vou fazer dezoito no mês que vem.

— É sério?

— Sim, estou em um relacionamento sério com ela — respondi na mesma hora.

— Quão sério?

— Tão sério que eu a amo — ofereci, encarando minha mãe com firmeza. — Tão sério que não vou ficar com medo.

— Vocês estão... — Sua voz falhou e ela engoliu um gemido antes de acrescentar: — Indo devagar?

— Não estamos fazendo nada. Não sou burro, está bem? Então não se preocupe.

Ela suspirou de alívio e seus pequenos ombros relaxaram.

— Eu gosto dela de verdade, Johnny — ela acrescentou. — Acho que ela é uma garota incrível e é boa pra você. Ela é uma influência *maravilhosa* pra você, meu bem, só que eu... — Ela suspirou de novo. — Você é o *meu* bebê e não quero que você acabe se envolvendo em algo que pode afetar o seu futuro. — Ela me lançou um olhar severo. — Não quero que você cometa nenhum erro.

— Estou com a cabeça no lugar, mãe. Eu sei pra onde estou indo e sei o que preciso pra chegar lá. Não vou fazer merda.

— Bem, então... — Soltando outro suspiro pesado, ela abriu um sorriso largo. — Você devia trazê-la pra jantar aqui.

Pisquei depressa.

— Pensei que você disse...

— Eu disse que você não podia ir lá, mas Shannon sempre vai ser bem-vinda *nesta* casa. Sob supervisão.

— Eu, hum... — Coçando o peito, olhei para minha mãe atentamente antes de ceder. — Beleza, vou chamar ela.

— Ótimo. — Ela deu um enorme sorriso. — E convide o irmão dela também. Ele é legal, mas parece tão solitário. Você e Gerard podiam fazer um esforcinho com ele... quem sabe levar Joey pra musculação qualquer dia desses?

— Hum, é... está bem. — *Joey Lynch provavelmente vai me derrubar com uma barra assim que me vir, mas você está aceitando bem, então beleza.* — Vou fazer isso.

— Bom garoto. Leve seus lençóis lá pra baixo quando descer pro café da manhã — ela acrescentou antes de sair com o uniforme de Gibsie nos braços. — E, da próxima vez, não faça tanta bagunça. Pro seu pai funciona bem no vaso sanitário e faz menos sujeira.

Puta. Merda.

36

ROMPENDO MUROS E PRAIAS

Johnny

— Você podia ter me ferrado de verdade com aquelas camisinhas, cara, e eu te perdoei, então desce do seu pedestal e deixa isso pra lá — falei para Gibsie quando chegamos ao estacionamento do Tommen. Ele passou o caminho todo da minha casa até a escola falando do uniforme. E eu passei o caminho todo lembrando-o das várias, *várias* vezes ao longo dos anos que ele foi um pé no saco. — Você tem sorte por Shannon não ter surtado, caso contrário essa conversa estaria acontecendo em um lugar bem diferente — acrescentei, abrindo a porta e descendo do carro. — Tipo no hospital. Ou no seu túmulo.

— Bem, nunca vou te perdoar pelo que aconteceu esta manhã — ele disse, dando a volta no carro e caminhando ao meu lado. — Você *gozou* em mim, Johnny.

— Vou gozar em você muito mais se não deixar essa história pra trás.

Bufando alto, ele segurou o suéter e o levou ao nariz.

— O que é que a sua mãe bota nas roupas? — ele perguntou, inalando profundamente. — Parece o paraíso.

— Não faço ideia, cara. Aquela mulher põe um monte de coisas diferentes a cada lavada. — Dando de ombros, acrescentei: — Acho que é a garrafa azul que faz as roupas cheirarem assim.

— Huuum — ele soltou, pensativo. — Você acha que se eu levar um...

— Não, Gibs — eu o interrompi, soltando um suspiro cansado enquanto contornávamos o pátio. — Ela não vai lavar as suas roupas, nem começa.

— Justo, eu só estava falando... ah, merda!

Agarrando a parte de trás do meu suéter, ele me fez parar de repente e me arrastou para onde estava, todo ereto e carrancudo.

— Que porra foi essa, cara? — lati, estremecendo quando uma onda de dor subiu pelas minhas pernas pela súbita mudança de direção.

— Olha! — ele cuspiu, inclinando a cabeça para o prédio. — Aquele merdinha.

Confuso, segui seu olhar até ver Claire. Ela estava parada do lado de fora das portas de vidro do prédio principal, conversando com alguém que eu reconheci vagamente como o cara que Gibsie espancou no baile da escola no ano passado. Estreitando os olhos, perguntei:

— Esse é o...

— Jamie Kelleher? — ele falou sem emoção. — O próprio.

— E a gente odeia ele porque...

— Porque ele é um escroto — Gibsie sibilou, fazendo cara feia. — Ele está a fim dela.

— Ele é o ex-namorado? — falei, estreitando os olhos para enxergar melhor. — Do relacionamento de duas semanas?

— Duas semanas é demais — Gibsie soltou, vibrando de tensão. — Eu odeio ele... Ele tentou fazer ela tocar o pau dele, cara. No baile. — Rosnando, ele sibilou: — Que porra é essa de ela estar falando com ele de novo?

— Sei lá. Ela só deve estar sendo simpática.

— Bem, não devia.

— Gibs, que isso, cara. Você precisa se acalmar.

— Vai se foder — ele retrucou. — É fácil pra você dizer.

Jamie obviamente falou algo engraçado, porque Claire jogou a cabeça para trás e deu risada. Depois chegou mais perto, sorrindo para ela, e ela colocou a mão no braço dele.

— Chega! — Gibsie sibilou. — Eu vou matar esse cara...

— Não vai, não — falei, devolvendo o favor de agarrar seu suéter e o puxar para trás. — Você não vai fazer nada, porque não tem o direito.

— Eu não tenho o *direito*? — Gibsie vociferou, lívido. — Do que é que você está *falando*?

— Exatamente o que eu disse: você não tem o direito — confirmei, segurando seu suéter. — Você não está com ela, cara, então se acalme antes de fazer algo estúpido que só vai provocar lágrimas e drama.

— Ele vai ser o único que vai chorar quando eu acabar com a raça dele — ele sibilou, com o maxilar estalando. — Ele é um canalha, Johnny. Ele não é *bom* o suficiente pra *ela*.

— Talvez — concordei calmamente. — Mas você vai ser o idiota na sala do Twomey se chegar lá com pedras na mão desse jeito.

— Então eu vou pra casa — ele falou, me afastando rudemente. — Foda-se.

— Gibs! Não seja assim.

— Não vou ficar aqui vendo isso — ele rugiu por cima do ombro, seguindo para o estacionamento. — Não vou ver isso de novo.

Me dê forças...

— Sabe, tudo o que você tem que fazer é chamar a garota pra sair — falei, mancando e correndo atrás dele. — Ela vai topar.

— Eu sei — ele rosnou, ainda mais furioso.

— Bem, se você sabe, por que ainda não fez isso? — perguntei, frustrado.

— Porque não!

— Porque não? — insisti, resistindo à vontade de pular nas suas costas e derrubá-lo no chão. — Você gosta dela, ela gosta de você. — Ergui as mãos no ar. — Qual é o problema?

Quando alcançamos o carro, Gibsie se virou para mim com o peito subindo e descendo depressa e as chaves apertadas em seu punho.

— Você sabe qual é a probabilidade das relações que começam na infância durarem?

Balancei a cabeça, ofegante.

— *O quê?*

— São baixas, Johnny — ele sibilou. — Bem baixas. As chances de você estar com seu amor de infância daqui a vinte anos são menos de quinze por cento.

Encarei-o boquiaberto.

— *O quê?*

— Não estou preparado pra ser mais uma estatística — ele soltou, mortalmente sério. — Não com ela. Então vou fazer o que tiver que fazer, vou esperar o momento certo, mas não vou prender ela. Não até ela estar pronta. Não até a gente viver um pouco. — Ele abaixou a cabeça e soltou um grunhido sofrido. — Mas não vou assistir *àquilo*. — Ele grunhiu de novo. — Nunca mais, porra.

— Bem, que merda. — Franzi o cenho. — Não sei se isso é sensato ou insano.

— Provavelmente os dois — ele confirmou, soturno.

Provavelmente...

Olhando-o com curiosidade, falei:

— Você acredita mesmo nisso? — Como ele não respondeu, continuei: — Esse é o seu problema? É por isso que você é louco por essa garota desde que te conheço? Você acha que não vai durar? — Inclinei a cabeça para o lado. — Você tem medo?

— Não tenho medo. Eu sei.

— É por causa dos seus pais? — perguntei com cautela, meio que esperando um soco no maxilar por ter mencionado a questão. Pelo que eu sabia, o divórcio dos pais dele foi um

circo de proporções épicas que explodiu bem na época da Primeira Comunhão dele. Gibs tinha falado comigo sobre isso uma vez em quase sete anos de amizade. Era a lei tácita do nosso círculo de amigos nunca falar sobre o divórcio dos seus pais e *jamais* mencionar seu pai e Bethany, mas resolvi tentar aquele dia porque ele estava claramente confuso. — Porque foi isso que aconteceu com eles? Você acha que vai acontecer com você e Claire?

— Vai se foder — Gibsie bufou. — Eu não estou projetando. Estou protegendo.

Ah, ele definitivamente estava fazendo os dois.

— Ei, não estou te julgando, cara — falei, erguendo as mãos. — Mas vou te dizer que acho sua linha de raciocínio meio cagada.

Sua mandíbula tensionou, mas ele não respondeu.

— Fodam-se as estatísticas — declarei. — Se quer ficar com ela, *fique* com ela.

— Disse o cara que fugiu de uma garotinha minúscula por meses — ele retrucou, irritado. — E ainda tem coragem de dizer que eu tenho medo... covarde.

Deixei o comentário dele passar, me concentrando no assunto em questão, porque eu não tinha com o que me defender. Eu fugi *mesmo* de uma garotinha minúscula por meses. Fugi como se estivesse temendo pela minha maldita vida, mas não estava mais fugindo.

— Então você está me dizendo que vai ficar bem se ela sair com um idiota como o Jamie de novo? — pressionei. — Você

vai ficar perfeitamente bem com isso? — Dei de ombros. — Porque é o que está parecendo.

— Eu sei que não vou — ele disse. — Isso quase me matou da última vez.

Me crispei em solidariedade.

— Pelo menos você conseguiu dar uma surra nele quando tudo virou um caos.

— É. — Um sorrisinho brincou com seus lábios. — Foi bem satisfatório.

— Aposto que sim — falei, aproveitando a oportunidade para arrancar as chaves das mãos dele para que ele não fosse embora, e as enfiei no meu bolso. — Agora, você vai deixar aquele babaca magrelo levar a melhor?

— Não, porra — ele grunhiu, passando a mão pelo cabelo loiro.

— Isso aí, caralho — respondi animadamente. — Então se mexe e vai lá.

— Quer saber, Kav? — Sem precisar de mais encorajamento, Gibs arregaçou as mangas. — É exatamente isso que vou fazer.

— Não pra brigar — acrescentei, me colocando à sua frente quando ele tentou avançar. — Pra jogar *charme*.

Ele franziu as sobrancelhas, perplexo.

— Charme?

— Isso — confirmei, acenando a cabeça. — Acredite ou não, você tem talento, cara. Vai lá e a joga seu charme pra cima dela.

— Charme — ele repetiu devagar, refletindo sobre a palavra. Seus olhos cinzentos encontraram os meus e ele assentiu. — Eu consigo fazer isso.

— Você consegue — encorajei-o, apertando seus ombros. — Vai mostrar para aquele merda como se faz.

Me recostei no capô do carro e fiquei observando Gibsie se afastar, murmurando as palavras "Jogar charme, não brigar" repetidamente para si mesmo enquanto caminhava.

Balançando a cabeça, coloquei a mochila no ombro antes de seguir para a escola para encontrar Shannon. Deixei a muleta no banco de trás do carro de Gibsie porque não aguentava mais andar por aí com aquela coisa. Além disso, eu não precisava mais dela. Eu mal estava mancando e, com alguma sorte, o treinador Mulcahy me veria todo ágil e bem-disposto e me ofereceria um acordo, porque eu precisava que alguém se condoesse da minha situação.

Meu passo vacilou quando vi Shannon encostada no corrimão no fundo do salão de educação física. Ela estava enrolada em seu casaco de inverno, com um gorro de lã na cabeça e um cachecol no pescoço, enquanto a chuva caía sobre ela. Para ser honesto, quase não a reconheci com tantas roupas. Mas ela me viu e levantou a mão, sorrindo suavemente.

Na mesma hora, desviei de rota e segui para ela com o coração acelerando dentro do peito.

Tem alguma coisa errada, meu cérebro sibilou quando me aproximei e notei suas olheiras. *Aconteceu algo ruim.*

Mantenha a calma.

Não dê uma de trator!

— Oi, Shannon — falei assim que cheguei perto. Franzindo o cenho, acrescentei: — Você estava me esperando?

— Oi, Johnny — ela respondeu, baixinho. — É, eu... hum, estava querendo te ver antes da aula. — Ela mordeu o lábio, me observando com cautela antes de dizer: — Podemos conversar um segundo?

— Sim. — Parei na sua frente e lhe ofereci toda a minha atenção. — Claro.

Ela sorriu para mim e então sua expressão desmoronou. Sem dizer mais nada, ela deixou a mochila cair dos ombros e veio direto para os meus braços.

— O que houve? — Meu coração martelou violentamente contra as minhas costelas enquanto eu a abraçava e a trazia para o meu peito. Ela era tão pequena, tão minúscula, que tudo o que eu queria fazer era pegá-la e levá-la para casa comigo, onde eu podia mantê-la em segurança, onde ninguém poderia fazê-la chorar. — O que aconteceu? — *O que fizeram com você?*

— Eles, hum... encontraram meu pai — ela disse com a voz abafada e o rosto enterrado no meu peito. — Descobri ontem à noite.

— Eles encontraram? — Obrigado, Jesus. Abracei-a com mais força. — Onde ele estava?

— Brickley House — ela murmurou.

Franzi a sobrancelha.

— Aquele lugar de reabilitação?

— Isso. — Assentindo, ela fungou e me encarou com os olhos arregalados e cheios de lágrimas. — Mas, hum... ele não vai ser preso, Johnny.

Mas que porra?

Respira, Kav, respira.

Não perca o controle.

— Como você sabe? — consegui perguntar, apertando-a com tanta força que tinha quase certeza de estar machucando-a. Só que eu não conseguia afrouxar o abraço e ela não estava reclamando, me segurando com a mesma força. — Tem certeza?

— Tenho — ela sussurrou. — Ele só tem que completar um plano de tratamento de trinta dias na Brickley House e depois vai poder sair, e o j-julgamento só está marcado pra novembro. Então ele vai ficar... — Ela fechou os olhos, pressionou a bochecha no meu peito e soltou um soluço entrecortado. — Meu Deus, Joey estava certo.

— Joey?

Ela acenou a cabeça com o corpo todo rígido.

— Ele falou que isso ia acontecer. Joey disse que ele não seria preso, mas Darren estava tão convencido que eu só... — Ela exalou um soluço de cortar o coração. — Eu me permiti ter um pouquinho de esperança, pensando que isso realmente *tinha* acabado. — Fungando, ela acrescentou: — Mas não acabou e Joey saiu de novo ontem à noite... Só voltou pra casa às cinco da manhã. Não acabou e vai ficar tudo ruim de novo.

— Pra onde ele foi?

— Pra nenhum lugar que preste — ela soltou.

Puta merda.

— Por que você não me ligou? — falei, com a voz grossa e rouca. — Eu teria ido.

— Eu tentei, mas não deu certo — ela sussurrou.

— Eu deixei o celular carregando durante a noite — admiti, me sentindo a mosca do cocô do cavalo do bandido. — Esqueci de ligar hoje de manhã.

— Tudo bem.

Não, não está tudo bem.

— Não vai acontecer de novo. Da próxima vez, pode me ligar que vou atender.

— Estou com tanto medo, Johnny — ela disse.

— Não tenha medo — falei depressa para consolá-la. — Não vou deixar nada acontecer com você. — Minha voz estava trêmula, assim como o meu corpo, e as emoções me dominavam. — Eu juro, não vou deixar ele te machucar outra vez.

Ela não me respondeu.

Ela não acreditava em mim.

Meu coração se partiu completamente no meu peito.

— Não quero mais me sentir assim — ela falou, limpando a bochecha com o dorso da mão. — Não quero mais essa versão da vida... não quero mais ser essa versão de *mim*.

— Eu amo essa sua versão — eu disse, sem saber o que mais falar. Eu não podia lhe pedir para não se sentir desse jeito. Tudo o que eu podia fazer era tranquilizá-la. — Eu amo todas as suas versões.

— Estou tão cansada! — ela sussurrou, ignorando minhas palavras, nos afogando na sua dor. — Estou cansada de ter medo. Estou cansada de não saber. Estou cansada de me sentir tão cagada da cabeça!

— Nossa, Shan — grunhi, apoiando o queixo na cabeça dela. — Você *não* é cagada da cabeça. — Apertei-a com mais força. — Está me ouvindo? Esta não é você. São eles. Eles é que são os cagados.

— Odeio isso — ela soltou.

— Eu sei. — Soltei um suspiro trêmulo. — Eu também.

O jeito que ela me segurou, agarrada a mim como se eu fosse sua tábua de salvação, evocou emoções dentro de mim que eu não sabia se tinha idade suficiente para sentir. E não estava pensando em sexo. Era algo mais complexo. Era uma conexão que se canalizava profundamente dentro de mim e se conectava a ela. Torci para que ela nunca me deixasse, porque eu jamais superaria essa garota.

— Me diz: o que fazer? — pedi, segurando-a com força e ficando cada vez mais agitado a cada tremor e soluço desesperado que saía do seu corpo. — Me diz o que você precisa que eu vou te dar. — Beijei seu cabelo, querendo poder arrancar a dor de dentro dela. — Só me *diz* do que você precisa.

— Eu quero ir embora — ela fungou. — Quero ir embora e nunca mais voltar.

— Mas você não vai fazer isso. — Em pânico, levantei seu queixo, obrigando-a a me olhar. — Você não vai me deixar, né?

— Não sou b-boa pra você — ela falou, soluçando. — Você vai p-perceber logo.

— Besteira. — Segurando seu rosto entre as mãos, me inclinei e pressionei a testa na dela. — Besteira, Shannon —

repeti com a voz rouca, mantendo os olhos fixos nos seus. — Não quero que você fale isso de novo, está bem?

Fungando, ela assentiu e abraçou minha cintura com mais força.

— Está bem.

Uma onda feroz e protetora ganhou vida dentro de mim, e cada instinto que eu tinha exigia que eu fizesse exatamente isso: que eu protegesse Shannon, fizesse alguma coisa. *Qualquer coisa...*

Olhei depressa ao redor, pensando no meu próximo movimento antes de jogar a toalha.

— Vamos — eu disse, pegando a mão dela.

Lembrando que ainda estava com as chaves de Gibsie no bolso, eu a conduzi até o focus prateado. Shannon me acompanhou sem dizer nada, sem fazer perguntas. *Ela apenas me seguiu*. Era uma demonstração tão brutal da sua flagrante vulnerabilidade que fiquei assustado. Eu poderia levá-la para qualquer lugar. Quando destranquei o carro, ela simplesmente subiu no banco do passageiro sem dizer uma palavra ou questionar nada.

Silenciosamente inquieto, fechei a porta e dei a volta no carro antes de me sentar no banco do motorista. Afivelei o cinto, ajustei o encosto o melhor que pude e posicionei os pés. Com cuidado, forcei os pedais para baixo, testando a pressão nas minhas pernas.

Nada mal.

Girando a chave na ignição, acelerei o motor, liguei os limpadores de para-brisa e fui saindo da vaga em que Gibsie

tinha parado às pressas aquela manhã.

— A gente vai acabar na prisão? — Shannon perguntou, quebrando o silêncio enquanto seguíamos pela rua longa e arborizada. — Por roubar o carro dele?

— Não, Shan, a gente não vai acabar na prisão — falei, dando risada, parando na entrada principal. Liguei a seta, me inclinei sobre o volante e verifiquei a estrada. — Vou mandar uma mensagem pra ele mais tarde.

— Ah. — Assentindo, ela juntou as mãos no colo. — Está bem.

Entrando na estrada principal, coloquei a mão no câmbio e engatei a terceira e depois a quarta marcha antes de finalmente me estabilizar na quinta enquanto o velocímetro subia junto com a minha sensação de liberdade.

Sentindo que estava no controle da minha vida pela primeira vez em semanas, pisei fundo e acelerei o focus de Gibsie o máximo que pude, o tempo todo desejando estar no meu audi.

Ao contrário da outra vez, Shannon não reclamou da minha direção. Em vez disso, ela abaixou a janela e apoiou a bochecha na porta, sorrindo suavemente quando o vento bateu no seu rosto.

Não podíamos ir para a casa dela porque, além de eu estar proibido de pisar naquela propriedade, eu provavelmente causaria sérios danos físicos ao irmão dela e não podíamos ir para a minha casa, porque, se eu entrasse na garagem ao volante de um carro, minha mãe provavelmente causaria sérios danos físicos em *mim*.

Uma das melhores partes de viver na costa sul da Irlanda era que nunca estávamos longe da água, então peguei um desvio para a estrada costeira, deixando Ballylaggin completamente para trás. Eram nove e meia da manhã e, com exceção de um passeador de cães ou outro, deveríamos ter um pouco de paz e sossego.

— Não vai me perguntar pra onde estamos indo? — falei, olhando-a de soslaio antes de voltar a atenção para a estrada estreita e esburacada à minha frente.

— Não — ela respondeu baixinho.

— Não? — Ergui a sobrancelha. — Por que não?

Ela abriu os olhos e se virou para mim.

— Porque confio em você.

Puta merda.

Estiquei o braço, peguei sua mão e a coloquei sobre o meu colo.

Várias horas depois, Shannon e eu estávamos no que devia ser nossa centésima volta na praia, e eu estava tentando não pensar muito no meu estômago. Eu já tinha engolido todo o meu suprimento de comida do dia logo depois de estacionar esta manhã — shakes de proteína e tal — e ainda estava *morrendo* de fome. Eu devia estar despejando toda a minha energia na brisa do mar, porque com certeza não estava gastando o suficiente para estar com tanta vontade de comer carne, a menos que tentar manter a cabeça no lugar com Shannon tão perto fosse considerada uma atividade extenuante. Meu coração certamente pensava assim, fazendo rondas no meu peito e saltando feito a porra de uma

britadeira. Quem sabe eram os nervos me deixando com fome? Caramba, nunca fui um comedor voraz, mas, meu Deus, essa garota provocava coisas estranhas no meu sistema interno.

Caminhando ao lado de Shannon, forcei minhas pernas a se moverem, me concentrando em colocar um pé na frente do outro e apenas avançar. Ela não fez nenhum comentário sobre o meu ritmo ou quão patético eu parecia enquanto me arrastava desajeitadamente ao lado dela, liberando meus músculos rígidos.

De vez em quando, eu experimentava a água, ficando um pouco para trás dela ou me afastando discretamente alguns metros, fingindo olhar para algo que não estava ali enquanto prendia a respiração e esperava para ver qual seria seu próximo movimento. Ela fechava o espaço nervosamente todas as vezes, se aproximando até estar de volta ao meu lado. Fiz isso pelo menos quatro vezes só para ter certeza de que era ali que ela queria estar — comigo —, porque às vezes me assustava não saber o que estava se passando dentro daquela cabecinha.

Às vezes, *ela* parava por uns minutos para verificar uma concha na areia ou fingia ajustar as meias, mas eu sabia que era uma bobagem. Ela estava me oferecendo uma pausa. Estava parando para que eu pudesse descansar.

Estava chovendo forte sobre nós, mas isso não parecia incomodar Shannon. Ela estava perfeitamente contente ali comigo.

Ela estava falando de novo também, respondendo a todas as perguntas idiotas que meu cérebro conseguia pensar enquanto caminhávamos lado a lado sobre as pedras e a areia molhada. Quanto mais aleatórias e inúteis eram minhas

perguntas, mais Shannon relaxava, então lhe perguntei tudo, desde sua preferência entre Nike e Adidas até suas opiniões sobre a teoria do big bang, até que ela estava rindo e falando livremente. Eliminei todos os pensamentos e memórias bizarros que pude para manter aquele sorriso no seu rosto, sem jamais trazer seu pai para a conversa. Ela não queria falar sobre a família e, para ser sincero, eu também não.

Eu queria lhe proporcionar um bom dia para compensar todos os ruins ou pelo menos para tornar o dia dela um pouco melhor.

— Você está bem? — Shannon perguntou ao pé de uma rocha, me esperando na areia enquanto eu descia.

Seu rosto estava vermelho do vento, combinando com o meu, e ela estava brincando com a bola de rúgbi que encontramos no porta-malas do carro de Gibsie, passando-a de uma mão à outra.

— Estou. — Cada centímetro do meu corpo queimava e eu sabia que toda aquela escalada estava prejudicando minha lesão, mas respondi com a voz abafada: — Só me dê um segundo. — Resisti à vontade de me sentar e descer de bunda feito uma garotinha.

— Você consegue, Johnny — ela me encorajou, sorrindo abertamente. — Você consegue.

Eu realmente não tinha certeza se *conseguiria*, mas mexi as pernas e rezei para ter a força necessária para me manter de pé enquanto descia as pedras mancando a passos de tartaruga, sentindo meus músculos arderem, até que estava na frente dela com os pés firmemente plantados na areia.

— Está pronto? — ela perguntou, um pouco ofegante, conforme um sorriso brincalhão se espalhava pelos seus lábios.

— Sim. — Assenti, sentindo a pele queimar com seus olhos em mim. — Vai em frente.

Ela ofereceu a bola para mim, mas quando estiquei o braço, ela recuou alguns metros.

Um sorrisinho surgiu em meus lábios e inclinei a cabeça, estudando sua expressão travessa.

— Ah, então vai ser assim?

Shannon riu alto — ela *gargalhou* de verdade — e fez que sim.

— Venha me pegar, sr. Rúgbi.

Balançando a cabeça, disparei atrás dela com movimentos rígidos e desajeitados, mas ela não pareceu notar ou simplesmente não ligava. Ela estava sorrindo para me encorajar e assentindo para que eu a seguisse. Ela se afastava alguns metros toda vez que eu chegava perto o suficiente para pegar a bola.

Ela estava maravilhosa pra caralho correndo pela praia com a bola de rúgbi nas mãozinhas. Seu gorro de lã e seu cachecol cobriam seu rosto e aquela montanha de cabelo escuro voava ao redor dela, e as mechas molhadas grudavam em suas bochechas rosadas. A chuva escorria pelo seu casaco, sua saia estava toda encharcada e colada às suas pernas nuas e, juro, nunca tinha visto nada tão lindo.

A liberdade combinava com ela.

— Shannon, não consigo — falei enquanto ela corria na minha frente pela milionésima vez. — Estou todo duro. — *E*

envergonhado...

— Não está, não — ela me encorajou, ofegante e sorridente. — Você só está fora de forma. — Ela se virou e caminhou para trás, olhando para mim, e disse: — Somos só nós, Johnny... só eu e você. Você *consegue* — ela repetiu, mais confiante que nunca. — Prometo.

— Ah, é?

— É.

Ela pulou na minha frente com a bola nas mãos e meu coração no bolso traseiro. Meu Deus, ela tinha me pegado de jeito, e eu a seguia como se ela estivesse segurando uma vara de pescar com uma linha presa a algo bem fundo dentro de mim.

Ignorando minha ansiedade, fiz o que ela pediu; abaixei minhas defesas e mexi as pernas.

— Ora, ora, ora — Shannon me provocou. Estávamos um pouco mais longe na praia. Jogando a bola entre as mãos, ela sorriu para mim. — Parece que ganhei *de novo*.

— Acho que o poder está subindo à sua cabeça — respondi, sorrindo. — Me dê essa bola.

— Nunca. — Ela riu. — É minha. Você me deu e eu não vou devolver.

Assim como você fez com meu coração?

— Joga! — pedi.

Ela arregalou os olhos.

— Hã?

— A bola — falei. — Jogue e vou jogar ela de volta pra você.

Ela me olhou desconfiada.

— Promete?

— Sim, Shannon. — Revirei os olhos. — Prometo que vou te devolver a maldita bola.

— Está bem.

Como uma criancinha, Shannon segurou-a entre as pernas e, com as sobrancelhas franzidas em profunda concentração, ela a jogou no ar... e errou a direção por uns três metros.

— Não sabia que estava jogando com uma criança — falei, indo buscar a bola e dando risada. — Me lembra de pegar um daqueles suportes infantis quando eu te levar pra jogar boliche.

— Ei, eu sou tudo o que você tem, camisa treze — ela falou, sorrindo. — Não tira com a minha cara.

Ela era *mesmo* tudo o que eu tinha — era a única pessoa que não me julgaria por eu não estar em forma.

Eu não poderia fazer isso com nenhum dos caras.

Seria constrangedor demais.

Mas era diferente com Shannon.

Tudo era diferente com Shannon.

37

VOU TE MANTER SEGURA

Shannon

— Você acha que vai parar de chover? — perguntei, olhando para a tempestade batendo com força no para-brisa.

Tinha chovido sem parar o dia todo, o que não era nenhuma novidade na Irlanda, mas, considerando que estávamos em abril, eu esperava ver o sol em breve.

O vento estava uivando fora do carro, esmurrando as janelas com um barulho estrondoso. Tremendo, me virei no assento para olhar para o garoto sentado preguiçosamente no banco do motorista ao meu lado.

Johnny tinha reclinado o assento em um ângulo quase horizontal e estava esparramado feito um leão, mexendo no iPod de Gibsie e de mão dada comigo. Seu cabelo escuro estava todo grudado na cabeça, e sua camisa, tão molhada que parecia uma segunda pele, colada no seu corpo enorme. Ele tinha

tirado o casaco e o suéter encharcados havia muito tempo, jogando-os no banco de trás com os meus, dizendo que nos secaríamos mais rápido sem tantas camadas.

Ligou o motor novamente, algo que fazia a cada meia hora para esquentar o carro e evitar que as janelas embaçassem. O aquecedor estava no máximo, soprando um ar quente delicioso contra a minha pele úmida, e o último e assustador acorde de "Grace", de Jim McCann, soava suavemente no aparelho de som.

— Tem sido um longo inverno — Johnny concordou, escolhendo as músicas antes de se decidir por "Yellow" do Coldplay. — Ei, olha só o nome dessa playlist. — Rindo, ele virou a tela do iPod de Gibsie para mim. — O cara é um maluco.

— "Me fode, me chupa, acaba comigo" — falei, lendo o nome da playlist na tela. — Parece bem...

— Gibsie? — Johnny sugeriu, balançando a cabeça. — É, é bem a cara dele mesmo.

— Pelo menos ele é original — eu disse. — Acho que nunca conheci ninguém como ele antes.

— É porque o mundo só pode lidar com um Gerard Gibson por vez — Johnny disse, dando risada. Ele levou a mão à coxa meio distraído para esfregar o ponto que eu sabia que estava dolorido.

— Está doendo muito? — Segurando o cobertor que ele encontrara no porta-malas para mim, perguntei: — Você está bem?

— Não, Shan. — Atirando o iPod no painel, ele me ofereceu sua atenção total. — Na verdade, estou ótimo. — Um sorriso indulgente surgiu em seus lábios, fazendo as covinhas em suas bochechas se aprofundarem. — Melhor do que já estive em meses.

— Sério? — Sorri de volta para ele. — Então eu sou uma boa treinadora?

Abrindo um sorriso travesso, ele levou minha mão à boca e roçou os lábios nos meus dedos.

— Você é a melhor. — Apertando meus dedos com gentileza, ele colocou nossas mãos unidas de volta no seu colo.

Reprimindo um arrepio de corpo inteiro, me virei para olhar pela janela, suspirando de contentamento, enquanto observava as ondas subindo, espumando e se quebrando contra os penhascos.

Hoje...

Meu Deus, hoje foi o *melhor* dia.

Acordei de manhã com a certeza de que jamais sorriria de novo. Saber que meu pai tinha pouco mais de duas semanas de tratamento antes de ser um homem livre havia mutilado algo dentro de mim. A pequena centelha de esperança à qual eu estava me agarrando nas últimas semanas, enquanto me adaptava à vida sem ele, tinha se apagado. A carta que ele escreveu ainda estava fechada e enfiada no bolso lateral da minha mochila. Eu não tinha certeza se algum dia a leria, mas sabia que não queria ler agora. Estava furiosa demais comigo mesma por baixar a guarda, por me permitir contemplar a possibilidade de ter uma vida sem ele.

Ao chegar na escola de manhã, eu não tinha planejado procurar Johnny. As coisas meio que *aconteceram*. Sem a permissão do meu cérebro, meus pés me conduziram direto para ele. Quando ele abriu a porta do carro, não precisei perguntar nada antes de entrar, porque sabia que iria para qualquer lugar com aquele garoto. Quer ele soubesse ou não, ele me ofereceu uma tábua de salvação temporária e eu a agarrei com as duas mãos.

E ali estávamos nós, na praia, depois de roubar o carro do melhor amigo dele para matar aula e fugir da cidade. Tínhamos passado o dia todo fazendo nada, o que significava absolutamente *tudo* para mim.

— Você vai se encrencar? — perguntei. — Quando seus pais descobrirem que você matou aula?

A noite estava se aproximando, trazendo um céu escuro e a mordida pungente do ar frio da noite. Um frio formigante dançou pelas minhas pernas nuas e eu sabia que teríamos que ir embora logo. O pensamento era deprimente, mas eu o afastei, me recusando a estragar o melhor dia da minha vida.

Johnny deu de ombros, indiferente.

— Sempre estou encrencado por alguma coisa.

Meus lábios se contorceram.

— Eu também.

— Que dupla somos, hein? — Ele deu risada.

— Pois é. — Sem saber direito como dizer a próxima frase, fiquei pensando bastante antes de desistir completamente de ser delicada, decidindo só ser direta: — O que vai acontecer em junho? — Essa pergunta estava me deixando maluca desde

que Joey me falou sobre a carreira dele. Ela me deixava à beira do modo catatônico toda vez que eu pensava nele me deixando para trás. — Com o rúgbi — sussurrei, me virando para ele e mordendo o lábio inferior com tanta força que quase senti o gosto do sangue na minha língua. — O que vai acontecer quando você for embora?

Johnny ficou em silêncio por um longo tempo, olhando do meu rosto para o volante. Até que ele se voltou para mim.

— Ainda tem muito chão pela frente, Shan — ele falou com sinceridade, com os olhos azuis fixos nos meus. — Eu nem sei se vou entrar pro time...

— Você vai entrar — eu o interrompi baixinho, sem um pingo de hesitação na voz. — Eu tenho certeza.

Ele me encarou por vários instantes antes de desviar o olhar e se concentrar no teto do carro.

— Queria ter tanta certeza assim.

— Bem, eu tenho o suficiente por nós dois — respondi, apertando sua mão. — Vai acontecer. — *Você vai embora*. — Você vai brilhar.

Ele balançou a cabeça com as sobrancelhas franzidas.

— Eu quero muito isso. — Soltando um suspiro sofrido, ele passou a mão pelo cabelo molhado de chuva e grunhiu. — Desde que eu me lembro, isso é tudo o que eu sempre quis, sabe?

— Vai acontecer — falei, tentando lhe oferecer pelo menos uma gota do apoio que ele me dava diariamente.

— Eu fiz muitas cagadas — ele murmurou. — Não ouvi as pessoas. Exagerei nos treinos. Quase me matei. Se eu

conseguir... — Ele fez uma pausa para me olhar. — Vai ser um milagre.

— Não — eu o corrigi. — *Quando* você conseguir, vai ser a recompensa pelos anos de trabalho duro.

— Você acha que eu consigo?

Fiz que sim.

— Eu sei que você consegue.

Ele soltou um suspiro de frustração.

— Eu só... quero *ser* alguém, sabe? Não é preciso se esforçar pra ser medíocre — ele falou depressa, com um forte sotaque de Dublin. — Eu não quero ser medíocre, Shannon. Quero ser extraordinário. Quero me *destacar*. Mas tudo isso... o treinamento e a maldita cirurgia... não vão significar *nada* se eu não voltar logo pro campo. — Ele baixou o olhar para as nossas mãos unidas e murmurou: — Tudo vai ter sido em vão.

— O que eu posso fazer por você? — perguntei, desesperada para ajudá-lo. — Como posso ser útil?

Ele sorriu.

— Hum, que tal treinar comigo de novo?

— Se você quiser. — Dei de ombros, impotente. — Só quero te ajudar.

— Você pode ficar comigo — ele respondeu em um tom baixo, com os olhos azuis dolorosamente vulneráveis. — Se eu não for convocado.

— Ah, Johnny...

Incapaz de me conter, levantei a saia para poder atravessar o console. Subi no seu colo, coloquei um joelho para cada lado antes de me abaixar devagar, tomando cuidado para não o

machucar. Fui recebida por uma parede de músculos grossos e implacáveis. Não havia nada de suave naquele garoto. Com exceção do seu rosto, ele estava todo duro.

Johnny endireitou a coluna; suas mãos se moveram automaticamente para os meus quadris, me puxando para mais perto.

— O que você está fazendo? — ele sussurrou, me observando de olhos semicerrados. Ele engoliu em seco, seu pomo de adão se mexeu e suas mãos deslizaram para as minhas coxas nuas, cravando os dedos toda vez que respirava. O calor das suas mãos provocou um delicioso arrepio no meu corpo enquanto ele fazia círculos suaves sobre a minha pele com as pontas dos dedos calejados. — Shan?

— Estou aqui pro Johnny, *o garoto* — falei, segurando seu rosto com as mãos trêmulas. — Não pro Johnny, *o jogador de rúgbi*. — Soltando um suspiro oscilante, me inclinei e dei um beijo no canto da sua boca. Depois, me afastei para olhá-lo nos olhos. — Vou ficar pelos dois, mas só estou apaixonada por um deles.

Ele estremeceu e fechou os olhos.

— Você está falando sério. — Não era uma pergunta. — Você realmente não liga.

Balancei a cabeça devagar, me obrigando a sustentar seu olhar.

— Não é o que eu vejo quando olho pra você... é o que *já* vi. Só quero isso pra você porque *você* quer — acrescentei com a voz rouca. — Mas estou aqui de qualquer forma... com ou sem o rúgbi... se você me quiser.

— Nossa, Shan, você está me matando — Johnny grunhiu, puxando meus quadris até estarmos com os peitos colados. Meu coração batia forte; a sensação do seu peito subindo e descendo contra o meu era demais. — Se eu conseguir, nada vai mudar entre a gente. — Soltando um rosnado baixo, ele enterrou o rosto no meu pescoço e respirou bem fundo. — *Eu* não vou mudar — ele acrescentou com a voz abafada, enquanto seus dedos subiam e desciam pelo meu tórax. — O que eu sinto por você também não vai mudar.

— Sério? — soltei, ofegante, apoiando as mãos nos seus ombros largos. — Promete que não vai me esquecer quando você virar uma grande estrela?

Erguendo o rosto para mim, ele assentiu lentamente e sussurrou:

— Prometo.

Sem conseguir suportar a necessidade dolorida dentro do meu corpo nem mais um segundo, enfiei as mãos no cabelo de Johnny e puxei seu rosto para o meu. Ele veio de bom grado e nossos lábios se chocaram, acendendo um rastro ardente entre as minhas pernas. Com um grunhido baixo de aprovação, ele apertou as mãos nas minhas coxas e enfiou a língua entre os meus lábios entreabertos, arrancando o ar dos meus pulmões e *incendiando* todo o meu corpo.

Senti sua ereção se projetando contra o tecido da calça do uniforme, se pressionando forte contra mim. Desesperada por mais contato, arqueei as costas e balancei os quadris contra os dele.

— Você é tão perfeita — Johnny grunhiu, roçando os lábios nos meus enquanto falava. — Sua pele é tão macia. — Acariciando meu pescoço, ele deixou uma trilha de beijos quentes e molhados, esticando a língua para provar o meu gosto, conforme suas mãos vagavam pelas minhas pernas. — Eu te quero há tanto tempo. — Gemendo, mergulhei nele, rebolando os quadris e arqueando o pescoço no seu rosto, tremendo por toda parte. — Porra!

Segurei seu cabelo e o puxei ainda mais, arranhando e retraindo os dedos feito uma gatinha, enquanto o desejo dentro de mim florescia e queimava. Deus, eu adorava o seu cabelo. Era bem curtinho nas laterais e atrás, mas com mechas bagunçadas, rebeldes e desgrenhadas no topo. Ele geralmente o ajeitava de alguma forma fantástica, mas agora que estava molhado e eu tinha passado meus dedos por ele meia dúzia de vezes, estava ainda melhor.

Reivindicando meus lábios novamente, Johnny caiu para trás no banco e me puxou. Minha saia subiu e se acumulou na minha barriga enquanto balançávamos e esfregávamos nossos corpos em uma espécie de uníssono frenético, mas eu não me importei. Nem um pouco. Tudo o que me importava naquele momento era mantê-lo ali comigo.

Eu não sabia o que o futuro me reservava e queria aproveitar ao máximo cada momento que eu pudesse ter com ele. Em dois meses, ele iria embora. Em duas semanas, eu poderia ir embora. O medo tangencial do desconhecido foi o que me catapultou. Se meu pai voltasse... *Não!*

Não pensa nisso, Shannon.

Foca no momento com ele.

Só aproveita.

Seus lábios eram macios, seu cheiro, viciante, e a sensação do seu corpo se esfregando contra o meu em todos os lugares certos estava me deixando imprudente. Era como se eu não soubesse onde eu começava e onde ele terminava.

Meu coração estava batendo tão forte que eu tinha certeza de que ele podia sentir, com nossos corpos colados daquele jeito. Com o coração martelando violentamente no meu peito e a ansiedade ameaçando me dominar, toquei os botões da sua camisa.

— Espera, espera, espera... — Sem fôlego, Johnny afastou a cabeça para me encarar. Seus olhos estavam tão escuros que mal dava para notar o azul. Ele ergueu minha mão, a levou ao peito e disse: — O que você está fazendo?

Não sei.

Não faço ideia.

— Por favor, só me deixa... — sussurrei, chocada com a minha audácia, mas não recuei.

— Shan... — Sua voz falhou e ele grunhiu. — A gente já conversou sobre isso...

— Eu sei — falei, respirando rápido e com dificuldade. — Eu só... quero ver.

— Só ver? — Ele também estava respirando com dificuldade e seu coração batia ferozmente contra o peito. — É isso que você quer?

Assentindo, me sentei ereta e coloquei as mãos na sua barriga.

— Só quero ver. — Com as mãos tremendo, segurei a minha camisa e toquei os botões, nervosa. — *Você* quer ver? — Timidamente, desabotoei os três primeiros. — Posso te mostrar...

— Claro que quero *ver* — ele grunhiu, afastando minha mão. — Mas daí eu vou querer — ele disse com as mandíbulas cerradas. — E não posso querer, baby, então não me mostra.

— Não ligo — falei, com o coração acelerado. — Quero que você veja.

— Porra! — Respirando fundo pelo nariz para se acalmar, Johnny soltou minhas mãos e levou as dele às minhas coxas. — Vai em frente. — Com um aceno rígido, ele acrescentou: — Faz o que quiser comigo.

Soltando um suspiro trêmulo, me movi para desabotoar sua camisa e me atrapalhei no primeiro botão.

Johnny permaneceu perfeitamente imóvel abaixo de mim, com os olhos ardentes fuzilando os meus e o peito subindo e descendo contra as pontas dos meus dedos.

Determinada, respirei fundo, sacudi as mãos e tentei novamente, só parando depois que abri e empurrei sua camisa para o lado.

— Você é tão...

Minhas palavras ficaram incompletas e suspirei pesadamente, com os olhos cravados na sua barriga definida. Eu tinha permissão total para tocá-lo, para roçar as pontas dos dedos sobre as planícies duras de seus músculos abdominais. E havia músculos por *toda parte*. Ele parecia uma pedra. Arrastei

os dedos pela sua barriga, observando com fascinação enquanto seus músculos se contraíam sob o meu toque.

— Eu sou o quê, Shan? — ele perguntou com uma voz rouca e grave, esparramado abaixo de mim no assento reclinado, com as mãos nas minhas coxas. Seus quadris se moviam em um ritmo lento e provocativo, e ele me olhava observando-o. — Hein? — As pontas dos seus dedos roçaram a borda da minha calcinha, deslizando sob o cós de algodão e fazendo círculos suaves sobre os ossos do meu quadril. — O que eu sou?

Meu olhar se desviou para o seu peito e então para o rastro de pelos escuros que iam do umbigo e desapareciam sob o cós das calças. Músculos e pele. Carne e calor. Era tudo o que eu conseguia ver. Tudo o que eu conseguia *sentir*. Ele era tão grande! Ele era *tudo*.

— Lindo — eu finalmente falei, voltando o olhar para ele. — Você é tão lindo.

— Você está deixando as coisas difíceis pra mim, Shan. — Passando a língua pelo lábio, ele enganchou os dedos na beira da minha calcinha e me arrastou para baixo em seu peito. — Preciso que você *não* olhe pra mim desse jeito. — Enterrando o rosto no meu cabelo, ele chupou meu pescoço, arrancando um suspiro ofegante da minha garganta. — Estou tentando ser bom aqui.

— Desculpa — falei, me arqueando contra ele. Eu o desejava em partes do corpo que nunca soube que existiam antes que ele as explorasse, descobrisse e reivindicasse. — Eu só quero...

Eu não tinha certeza do que queria. Tudo o que eu sabia era que esse garoto tornava tudo melhor. Ele parava o tornado de pensamentos girando na minha cabeça, e eu precisava que ele continuasse fazendo isso.

Talvez eu fosse viciada nele, e talvez isso não fosse saudável — meus sentimentos certamente beiravam a obsessão —, mas ele estava me encorajando com cada movimento dos quadris e cada estocada da língua, me mostrando que queria isso tanto quanto eu.

Se eu estava fazendo algo errado, Johnny não reclamou. Em vez disso, ele apenas gemeu na minha boca em aprovação.

Então começou a me tocar, no início lentamente, depois com mais confiança, roçando as pontas dos polegares sobre a minha pele nua. Quando senti suas mãos deslizarem para dentro da minha calcinha, uma onda de excitação me dominou e meus movimentos ficaram mais frenéticos e desajeitados.

— Está tudo bem? — Ele espalmou minha bunda e a apertou com força. — Quer que eu pare?

— Não para. — Eu estava dolorosamente ciente do tamanho dele. Eu era tão pequena em seus braços. Eu era frágil para aquele garoto e isso era preocupante. Ele poderia me destruir de várias maneiras. A questão era que eu não me importava com o que ele fizesse com meu corpo, contanto que deixasse meu coração intacto. Ele podia ter e tomar o que quisesse de mim, eu lhe daria tudo de bom grado, contanto que eu tivesse a promessa de que ele nunca me machucaria além do reparo. Porque eu sabia que não superaria. Eu não *o*

superaria. Colocando os braços em volta do seu pescoço, pressionei meus lábios nos dele e falei: — Não para nunca.

Respirando com dificuldade, ele se sentou ereto e me puxou para mais perto, fazendo com que nós dois gemêssemos quando nossos corpos se alinharam da melhor maneira possível.

— Eu te amo — ele sussurrou. — E eu te quero... *muito*. Mas eu só... não quero fazer nada que estrague isso — ele acrescentou com um tom profundo e rouco. — Eu não posso estragar isso, Shan. Eu preciso disso. — Soltando um suspiro trêmulo, ele pressionou a testa na minha. — Estava falando sério quando disse que precisava de você pra sempre.

— Você lembra de ter falado isso?

Ele fez que sim devagar.

— Lembro.

O ar deixou meus pulmões de uma vez.

— Que bom.

— Eu vou ficar com você — ele sussurrou, e seu hálito quente soprou no meu rosto. — Se estiver tudo bem por você.

— Definitivamente tudo bem — soltei, pressionando a mão na sua bochecha. — Quero que você fique comigo.

Ele sorriu e suas covinhas se acentuaram.

— Obrigado por isso.

Pousando um beijo na curva dos seus lábios inchados, sussurrei:

— Também vou ficar com você.

— Meu Deus. — Estremecendo, ele abaixou a cabeça no meu pescoço e grunhiu. — É assim que vou morrer — foi sua

resposta abafada, e dei risada. — Está achando graça? — ele provocou, erguendo a cabeça e sorrindo para mim. — Vou te levar comigo.

Deus, tomara que sim...

— Mas, por enquanto, é melhor eu te levar pra casa — ele falou com um suspiro de resignação. — Senão sua mãe vai chamar a polícia pra nos procurar.

— Ah. — Meu coração foi parar no estômago e segurei seu pescoço com mais força. — Tudo bem.

— Vai ficar tudo bem — ele falou, com os olhos azuis fixos nos meus. — O que quer que aconteça com seu pai, *você* vai ficar bem.

Não, eu não ia, mas abri um sorriso amarelo.

— Eu sei.

— Porque você não está mais sozinha — ele sussurrou, me envolvendo nos seus braços com tanta força que eu nem liguei de não conseguir respirar. Queria que o mundo parasse e nos deixasse sair porque ali, bem ali, era onde eu queria estar. Onde eu queria *ficar*. — Você tem amigos — ele continuou sussurrando. — E você tem a mim.

Suas palavras me confortaram tanto que eu não soube o que fazer com elas. Ele era grande e forte e perigosamente poderoso. Se tivesse chance, poderia causar estragos sérios no meu corpo. Mesmo assim, eu não tinha medo. Não estava *receosa*. Não havia um grama de medo no meu corpo.

— Estou no seu time — ele acrescentou depressa. — Entendeu? Estou cem por cento com você, Shannon Lynch.

Você só precisa fazer uma ligação e eu vou até você. Não vou te decepcionar e não vou te deixar sozinha. Prometo.

— Só é estranho pra mim porque nunca tive com quem contar antes. — Estremecendo, acrescentei: — Não alguém como você.

— Pode contar comigo, Shannon — Johnny respondeu com uma voz rouca. — Estou bem ao seu lado.

Ah, meu Deus.

Suas palavras me atingiram profundamente.

Enterrando o rosto no seu peito, me encolhi o máximo que pude e rezei para que o tempo parasse pelo menos um pouquinho.

— Aposto que você queria ter uma namorada normal.

— Normal é chato — ele respondeu. — Além disso, eu poderia te falar o mesmo. — Ele deu de ombros. — Eu dificilmente posso ser considerado um namorado normal.

— Só estou falando que seria mais fácil pra você se...

— Bem, eu não quero nada fácil, quero *você* — ele me interrompeu. — Do jeitinho que você é.

Minha respiração ficou presa na garganta.

— Sério?

— Sério — ele confirmou sem hesitar. — Cada parte e pedacinho seu.

Sorri.

— Até as partes quebradas?

Ele deu uma piscadela.

— Especialmente as quebradas.

Fiz uma pausa, ouvindo a música que estava tocando no rádio, e então uma risadinha escapou da minha boca.

Johnny também sorriu.

— O que é engraçado?

— "Proud Mary"? — perguntei, gesticulando para o rádio. — Como é que ele vai de "Grace" a "Yellow" a "Proud Mary"?

— Pois é. — Dando risada, ele desligou o som e se deitou no assento. — Acho que é uma boa amostra do que rola na cabeça dele. — Ele suspirou e fez carinho na minha cintura. — A cabeça dele é um caos.

— Posso te mostrar uma coisa? — perguntei, saindo do seu colo e voltando para o banco do passageiro. — É... — Parei de falar, peguei a mochila aos meus pés e tirei um envelope dobrado.

— O que é isso? — Johnny perguntou com a testa franzida, abotoando a camisa. — Shan?

— É, hum... — Segurando o envelope com as mãos trêmulas, abri e fiquei encarando a letra desajeitada antes de soltar um suspiro forte. — É do meu pai — falei antes de enfiar o envelope nas suas mãos.

Suas sobrancelhas se enrugaram e seus olhos ficaram indo do envelope para o meu rosto.

— Ele te escreveu uma carta?

Fiz que sim.

— Pra cada um de nós, mas não consigo ler.

Ele franziu as sobrancelhas de novo, desta vez com mais força.

— Você quer... que eu leia?

— Acho que não quero saber — confessei, me sentindo volúvel. — Eu só... talvez você pudesse ler só pra saber.

Johnny não hesitou. Seus dedos abriram o envelope e, com a mão firme, ele levou o papel ao rosto, se concentrando intensamente no que meu pai tinha escrito.

Fiquei observando seus ombros enrijecerem e suas bochechas corarem.

— É ruim? Ele está bravo comigo?

— Ele está pedindo *desculpa* — ele falou com os dentes cerrados. — Está dizendo que estava doente, que reconhece seus erros e está tentando consertar as coisas. — Ele estalou a língua e mexeu os ombros como se estivesse tentando se controlar. Depois acrescentou: — Ele disse que torce pra que um dia você consiga perdoá-lo e vocês possam ser uma família de novo.

Meu coração murchou.

— Ah.

— Pois é. — Furioso, ele dobrou a carta e a devolveu para mim.

Balancei a cabeça.

— Não quero.

— Tem certeza?

— Tenho. Pode jogar fora.

Assentindo rigidamente, ele abriu o porta-luvas e pegou um isqueiro. Então colocou fogo na carta, abriu a janela e a atirou para fora, deixando que o vento a levasse embora.

— Obrigada — sussurrei, aliviada de ver aquele pedaço *dele* longe de mim. — Ele está mentindo — falei em pânico. —

Você sabe, né?

Johnny fez que sim.

— Eu sei, baby.

— Nada daquilo era verdade — me ouvi dizendo, desesperada para que ele entendesse. — É só uma pegadinha... mandaram ele falar essas coisas. — Balancei a cabeça, frustrada e abalada. — Ele não se arrepende de nada... — Minha voz falhou. — Ele *nunca* pediu desculpas.

— Não vou deixar que ele te machuque de novo, Shannon. — Ele estava todo ereto no assento, com os olhos fixos no para-brisa, segurando o volante com tanta força que seus dedos estavam brancos. — Prometo.

Suspirei pesadamente.

— Não faça promessas que não pode cumprir.

Ele se virou para mim.

— Eu já te decepcionei?

Sacudi a cabeça.

— N-não.

Ele assentiu rigidamente com os olhos ardentes.

— Então acredite em mim quando digo que não vou deixar que ele te machuque de novo — ele repetiu, reiterando cada palavra devagar. — Nunca mais. — Ele colocou o cinto e eu fiz o mesmo. — Tudo o que eu preciso é que você continue falando comigo — ele acrescentou, dando a partida. — Só continue me contando tudo. — Ele se virou para mim. — E eu vou te manter segura.

— Está bem — falei, observando-o atentamente enquanto ele nos levava embora da praia. — Pode deixar.

38

FUGINDO

Shannon

— Shan, você quer ficar com isso? — Darren perguntou no sábado de tarde, se equilibrando na escada, me mostrando um ursinho de pelúcia todo desgrenhado. — Ou podemos jogar fora?

— Joga fora — falei, pegando o ursinho e o enfiando em um dos sacos de lixo pretos abarrotados do corredor.

— Você adorava essa coisinha — ele comentou um pouco triste, enquanto eu dava um nó no saco cheio e pegava um novo no rolo. — Você levava pra todo lugar.

— Eu gostava de um monte de coisas, Darren — eu disse, abrindo o novo saco. — Mas cresci.

— Você costumava gostar de mim — ele murmurou baixinho.

— E eu poderia gostar de novo se você não me mantivesse presa nessa casa — falei, nervosa. — É sábado.

— Eu sei — ele concordou com um suspiro. — Mas preciso de ajuda pra limpar o sótão. Precisamos de mais espaço e, se limparmos esse lugar, posso me mudar pra cá e devolver o quarto pro Joey.

— Isso é uma piada — falei com a voz baixa. — Toda essa família é uma piada.

— Isso é sobre ele? — Darren perguntou. — Esse chilique é porque você não pode sair com ele?

Sim. Eu não via Johnny desde a escola e estava ficando inquieta. A semana toda só pude estar com ele na hora do almoço e logo percebi que não era o suficiente. Nada parecia ser o suficiente se tratando dele.

— Não — falei, trazendo meus pensamentos de volta para o presente. — É porque estou de saco cheio de ser uma prisioneira nesta casa. — Soltando um suspiro pesado, acrescentei: — Eu me sinto acorrentada, Darren. Não aguento mais.

— Bem, matar aula pra sair com ele não vai te fazer nenhum bem — meu irmão respondeu. — Você teve sorte por eu ter atendido a ligação do seu diretor, e não a mãe. Eu te dei cobertura, lembra? Falei pra ele que você estava doente, sendo que você estava passeando na praia. — Como não respondi, porque, francamente, eu não tinha desculpa nenhuma, Darren suspirou. — Vamos, Shannon. Você vai fazer o junior cert esse ano. Você sabe que tem que baixar a bola e estudar pra essa

prova em junho. E ele não pode ser sua muleta. Não é saudável ficar tão apegada a esse cara... por mais tentador que seja.

— Ele não é minha muleta — declarei. — Ele é meu namorado e é normal querer passar meu tempo com ele.

— *Algum* tempo — Darren cedeu. — Não *todo* o seu tempo.

— Pois eu não tenho nada. Só posso vê-lo no almoço.

— Bem, namorado ou não, você precisa me ajudar, porque não consigo fazer tudo sozinho — Darren respondeu em um tom indiferente. — Faça algo produtivo com seu dia, em vez de desperdiçar sofrendo por um cara.

— Sabe como passei os sábados dos últimos seis anos? — perguntei e continuei depressa antes que ele tivesse chance de responder. — *Fazendo faxina*, Darren. Foi assim que passei os meus sábados. Fazendo faxina pra todo mundo nessa casa.

Ele soltou um suspiro pesado.

— Shan, vamos lá.

— Não. — Amarga, suspirei com força e coloquei as mãos nos quadris. — Isso não é justo. Você me prometeu que as coisas seriam diferentes quando voltei do hospital, mas não foi isso que aconteceu. Nada mudou. Ela ainda está aí... — Apontei para a porta fechada atrás dele. — Se escondendo das responsabilidades, enquanto eu estou aqui, limpando a bagunça de todo mundo, e Joey ainda está levando os meninos pros treinos e jogos. A única diferença é que agora tenho companhia. — Lancei a ele um olhar intenso para que Darren soubesse que *ele* era a companhia. — É a única diferença.

— Sério? Porque estou vendo as coisas bem diferentes — ele grunhiu, descendo da escada. — Primeiro, ele não está

aqui. Segundo, a geladeira e os armários estão cheios. Terceiro, nenhum de vocês está desfilando com hematomas por toda parte...

— Ele ainda está por aí, Darren — retruquei, tremendo. — Ele só assumiu outra forma.

— O que está tentando dizer, Shannon? — ele perguntou com frieza. — Hein? — Furioso, ele cruzou os braços sobre o peito e me encarou. — Está me chamando de pai?

Dei de ombros, me sentindo culpada pelo que tinha insinuado, mas sem querer ceder.

Darren soltou uma risada grave.

— Sabe de uma coisa? Faça o que quiser. Saia e fique grávida, não ligo. Cansei de tentar amenizar as coisas com você e os meninos. Na verdade, não sei nem por que me dei ao trabalho, pra começo de conversa.

Fiquei em silêncio enquanto ele passava por mim e seguia pisando duro para o andar de baixo, e só quando ouvi a porta batendo, soltei o ar que estava prendendo.

Furiosa comigo mesma e com a vida em geral, continuei jogando os brinquedos velhos, as roupas e as bugigangas do sótão dentro do saco até que o espaço estivesse limpo. Empilhei cuidadosamente todos os sacos no topo da escada e então fiz algo que me surpreendeu. Entrei no quarto, peguei meu casaco atrás da porta e o vesti.

Desci as escadas com o coração na boca, atravessei o corredor depressa, tropeçando nos brinquedos e nas peças de Lego espalhados pelo caminho. Eu estava sufocando naquela

casa. Estava me afogando na minha própria vida. Precisava sair. Precisava de algo. Precisava... *abrir a porta*.

Depois de abrir a porta, disparei para fora. Sem parar, comecei a correr, levando meu corpo ao limite, passando rapidamente pela fileira familiar de casas, então fazendo uma curva fechada para a direita e voando pela rua escura. Sem destino em mente, puxei o capuz do casaco e segui em frente, buscando desesperadamente aquele gosto viciante de liberdade que eu ansiava sentir a cada dia. Três horas e uma muda de roupa seca depois, eu estava encolhida na cama de Claire, com uma caneca de chocolate quente equilibrada nas mãos, vendo os créditos de *Dirty Dancing* passando na televisão dela.

— Eu sou apaixonada por ele. — Claire suspirou ao meu lado. — Juro que nunca vou superar aquele homem enquanto eu viver.

— Pensei que você amava o Johnny Depp — Lizzie comentou, deitada no pé da cama, folheando uma revista. — Decida-se, garota.

— Eu amo os dois. — Claire suspirou de novo. — Mas Patrick foi meu primeiro amor e vocês sabem que a doce chama do primeiro amor arde pra sempre.

Lizzie revirou os olhos para o céu, nada impressionada.

— Não sei como sobrevivemos a onze anos de amizade.

— Estava com saudade disso — falei, suspirando de contentamento, dando um gole na minha caneca. — Estava com saudade de vocês.

— A gente também — Lizzie disse. — Tive que enfrentar as aventuras de Thor e seu gato sozinha da última vez que vim.

— Deixa Gerard em paz — Claire grunhiu. — Ele gosta do gato. Grande coisa.

— Ele *passeia* com o gato. — Lizzie se virou para o lado para olhar para Claire. — Com uma coleira brilhante e incrustada de joias e uma guia. — Estreitando os olhos, ela disse: — Por favor, não me diga que você acha isso normal.

Claire deu de ombros.

— Eu acho fofo.

— Claro que acha... você acha tudo o que aquele idiota faz fofo — ela devolveu, balançando a cabeça. — Mas e você, Shan? O que acha de *Gerard*?

— Eu, hum... — Encarei as duas antes de sorrir timidamente. — Acho que ele é ótimo. — Dei risada. — Também gosto do gato dele.

Claire abriu um sorriso radiante e Lizzie resmungou.

— Shannon tem que gostar dele — Lizzie murmurou. — Ele é a outra metade do *namorado* dela. Falando nele, como vai o Capitão Fantástico?

— Bem — respondi, ficando vermelha feito um pimentão.

— *Beeeem* — as meninas brincaram.

— Ah, meu Deus! — Claire deu um gritinho. — Acabei de pensar numa coisa. — Ela se levantou, foi até a televisão e a desligou antes de se virar para nós. — Eu amo dois *Johnnys* e Shannon ama outro! — Saltitando de empolgação, seus olhos dançaram travessos enquanto ela dizia: — Se não é o destino, não sei mais o que é.

— Sabe de uma coisa, Claire? — Lizzie falou. — Retiro tudo o que já disse sobre você e Thor serem uma má ideia.

Acho que você deveria ir com tudo. Vocês são um casal feito no céu.

— Não é? — Claire disse com um sorrisinho.

— Aff. — Estremecendo, Lizzie virou a página da revista. — Só posso imaginar as crianças que viriam dessa união... bebês-unicórnios de cachinhos loiros.

— Adoro unicórnios — Claire soltou.

— Aham — Lizzie murmurou. — Está vendo? Você já está na metade do caminho.

— Como é que vocês sabem se vão ter um or... — Deixei as palavras pairando no ar enquanto observava as garotas me olhando boquiabertas. — Ah, esquece.

— Termine — Claire pediu, pulando para cima e para baixo. — Um orrrr...

— Gasmo — sussurrei, sentindo o rosto esquentar.

— Você teve um *orgasmo*? — Claire arregalou os olhos. — Cala a boca!

— Uau! — Lizzie murmurou, relutantemente impressionada. — Ele é ligeiro mesmo, hein!

— Você viu o bilau dele? — Claire perguntou. — Ah, meu Deus, era grande? É grande, né? Aff, aposto que é enorme, e você é tão pequena... — Engolindo em seco, ela abanou a mão na frente do rosto. — Ah, meu Deus, aposto que doeu, né? Como é que você está inteira?

— Calma lá, senhorita Tenho Medo de Pau — Lizzie falou antes de se virar para mim. — Você transou com ele? — Ao contrário de antes, agora ela parecia intrigada com a conversa.

— Ah, meu Deus, ele te fez gozar pela primeira vez? Isso é impressionante.

— O quê? — Balancei a cabeça. — Não, não, eu não... quero dizer, a *gente* não...

— Ele te chupou? — Lizzie perguntou. — Usou os dedos?

— Não — soltei. — Ele só me beijou.

As duas pareceram decepcionadas com a minha resposta.

— Só te beijou — Lizzie repetiu, sem emoção. — Nossa. Que excitante.

— Não seja cuzona — Claire a repreendeu. — Nem todas são apressadinhas. — Abrindo um sorriso largo, ela assentiu para mim. — Continue, Shan. Nos conte sobre o seu orgasmo de beijo.

Agitada, comecei a explicar como me senti no outro dia quando Johnny e eu estávamos na cama dela, e também quando estávamos no carro dele, ignorando Lizzie revirando os olhos. Sentei com ele no almoço todos os dias essa semana e, apesar de nos beijarmos várias vezes antes e depois da escola, aquelas não foram como essas outras vezes. Quando terminei de contar, olhei para as minhas amigas, esperando receber conselhos.

— Isso é normal?

— Parece que você chegou perto — Lizzie disse, novamente interessada. — E também parece que ele é uma máquina.

Corei e Claire deu risada.

— Uma máquina.

— Imagina só o que ele poderia fazer com vocês pelados — Lizzie falou, sorrindo. Ela ficava tão linda quando sorria! Era raro de acontecer, mas, quando ela sorria, era maravilhoso. — Acho que você devia tirar as roupas na próxima sessão. E depois contar pra gente.

— Isso. — Claire concordou animadamente. — Pra Lizzie poder te oferecer mais conselhos experientes enquanto eu só fico ouvindo, porque sou intrometida.

— Não sou uma puta, Claire — Lizzie grunhiu. — Nossa!

— Eu sei — Claire falou depressa. — Mas você já ficou com Pierce um milhão de vezes. — Dando de ombros, ela acrescentou: — A gente só quer saber.

— Você não precisa contar pra gente, Liz — murmurei.

— Precisa, sim — Claire me interrompeu e agitou as sobrancelhas para Lizzie. — Conta pra gente o que você sabe, sensei.

— Você nem tem namorado — Lizzie comentou, rindo.

— E daí? — Claire devolveu, sorrindo. — Tenho uma ótima imaginação e uma sede insaciável por conhecimento.

— Está bem, está bem. — Lizzie se sentou, balançou a cabeça e abriu um sorriso malicioso. — Lembra daquele clipe da Shakira... aquele que a Claire encheu o saco pra gente aprender os movimentos na sexta série?

— Lembro claramente — respondi, me encolhendo com a memória.

— Era a melhor música — Claire disse, os olhos brilhando com seu implacável otimismo.

— Bem, quando vocês estão por cima, é meio que assim. — Suas bochechas ficaram rosadas. — Você meio que rebola os quadris.

— Uau — Claire soltou. — Não sei se vou gostar disso. — Franzindo o nariz, ela disse: — Acho que vou preferir ficar por baixo.

— Você vai ficar surpresa de descobrir que gosta — foi tudo o que Lizzie falou.

Soltei um suspiro pesado.

— Johnny disse que não quer transar comigo.

— O quê? — As garotas ficaram me olhando de queixo caído.

— Ele disse que não quer transar comigo — repeti, mortificada.

— Quem é que não quer transar com você? — Hughie, o irmão mais velho de Claire, parou no corredor de sobrancelhas arqueadas. Seus olhos estavam arregalados. — Puta merda! Você está falando do cap?

— Não — falei depressa, horrorizada. — Quero dizer, eu não... eu...

— Porra, Claire — Lizzie soltou. — Te falei pra fechar a porta quando você subiu com os chocolates.

— Não achei que ia ter pervertidos espionando a gente — Claire esbravejou, estreitando os olhos para o irmão. — Vai embora, seu esquisito.

— Vocês são novas demais pra falar disso — Hughie afirmou, lançando um olhar severo para a irmã. — Especialmente *você*.

— Ah, meu Deus, a gente tem dezesseis anos! — Claire deu risada. — Falou o cara que tem a cama posicionada diretamente contra a parede do meu quarto. — Caminhando até a cômoda, Claire começou a bater a palma da mão no móvel em um ritmo constante. — Ui, sim, amor, isso — ela imitou uma voz masculina. — Ah, Katie, adoro o que você faz com a sua língua...

— Claire — Hughie sibilou em um tom de aviso. — Pare com isso.

Sem se perturbar, ela continuou imitando-o e aumentando o ritmo.

— Isso, amor. Agora, agora, preciso tirar senão vou goooooo...

Hughie bateu a porta do quarto com tudo enquanto Claire gritava e nós explodimos de rir.

— Vai se foder — Hughie rugiu, agora batendo a porta do próprio quarto.

— Por que é que os irmãos acham que sabem de tudo? — Claire perguntou, se jogando na cama. — Idiotas.

Assenti.

— Pode crer.

— Acho que você devia mandar uma mensagem pra ele — Lizzie falou, rindo. — Pro Johnny — ela acrescentou, quando nós duas olhamos para ela confusas. — Escreva pra ele com aquele celular rosa nojento que ele comprou pra você — ela me encorajou. — E veja se ele quer... *sair*?

— Ah, sim, boa ideia. — Claire agitou as sobrancelhas. — *Sair*.

Uma excitação pulsou dentro de mim.

— Sei lá. — Peguei o celular no bolso do jeans, olhei para a tela e depois para as minhas amigas. — Eu nem devia estar aqui, gente.

— Você teve uma semana de merda — Lizzie comentou. — Cheia de *muito* mais drama que qualquer uma de nós poderia lidar. Acho que você devia escrever pro seu namorado e passar o sábado à noite com ele.

— Ela está bem sensata hoje, Shan — Claire concordou, sorrindo. — Você já está fora de casa mesmo, o que significa que já está encrencada. — Dando de ombros, ela acrescentou: — Faça valer a pena.

— E se ele estiver ocupado? — sussurrei, mordendo o lábio.

— Ele não está — Claire falou. — Está na musculação com Gerard.

— Como você sabe?

— Porque eles estavam lá quando ele me ligou — Claire falou. — E eles vão ficar lá até o lugar fechar.

Abri a boca de surpresa.

— O dia todo?

Claire revirou os olhos.

— Ele é seu namorado, Shan. Você devia saber que ele passa todas as horas livres do dia malhando. — Ela flexionou o bíceps e o beijou antes de acrescentar: — Trabalhando esses bonitões aqui.

— Você é tão besta — Lizzie falou, rindo.

— É verdade. — Claire também deu risada.

— Escreve pra ele — ambas disseram em uníssono.

Respirando fundo, abri o aplicativo de mensagens e comecei a digitar.

— Pergunta o que ele vai fazer hoje à noite — Lizzie instruiu.

— Aaah, veja se ele quer sair pra um encontro. — Claire acrescentou. — Ah, ah, você pode se arrumar aqui.

— Já mandei — declarei, abaixando o celular.

Lizzie pegou o aparelho e leu minhas mensagens antes de estreitar os olhos para mim.

— "Oi, Johnny" — ela falou, perplexa. — Foi só isso que você mandou?

Dei de ombros e juntei as mãos.

— Não está bom?

— Se você tiver quatro anos — Lizzie grunhiu. — Sem nem um beijinho no final?

Dei de ombros, perdida.

— Está tão ruim assim?

— Não se for uma mensagem pro seu irmão — Claire falou, abrindo um sorriso solidário.

— Ah, meu Deus, desligue isso — pedi, enjoada. — Desliga esse celular.

Ping.

— Ah, ele te respondeu — Claire gritou, pegando o celular da mão de Lizzie e saindo da cama.

— "Oi, baby" — ela começou a ler, então parou e levou as mãos ao peito. — Ah, meu Deus, ele te chamou de *baby*! — Ela se jogou de volta na cama e acrescentou: — E ele mandou dois

beijinhos no final. — Ela suspirou de contentamento. — Acho que *eu* acabei de ter um orgasmo.

— Me dá isso aqui — Lizzie grunhiu, arrancando o celular de Claire. — "Oi, baby, como vai? Posso te ligar mais tarde? Bjs bjs".

Meu coração acelerou violentamente.

— Diz que ele pode me ligar — falei, observando Lizzie escrever uma resposta. — Você disse que ele pode? — perguntei quando ela apoiou o celular na coxa. — Liz?

Ela abriu a boca para falar, mas o celular fez barulho de novo. Olhando para a tela, ela abriu um sorriso diabólico.

— Ah, meu Deus. — Um calafrio desconfortável me dominou. — O que você fez?

— Eu falei que, em vez de te ligar, ele podia te pegar aqui. — Ela deu uma piscadela e acrescentou: — Ele vai chegar às oito, então é melhor começar a se arrumar.

— Espera! — Pressionei os dedos nas têmporas, me obrigando a respirar devagar e não surtar. — Só... me dê um minuto. — Respirei fundo algumas vezes para me acalmar e depois perguntei: — É um encontro?

Claire fez que sim vigorosamente. Enquanto isso, Lizzie me olhava como se eu fosse uma nova espécie de ser humano.

— Eu não te entendo, Shan. — Ela suspirou. — Ele é seu namorado. Você passa metade do almoço todos os dias com a língua dele na sua garganta. Vocês vão se ver em um sábado à noite. *Claro* que é um encontro.

— Será que eu devia... dar algo pra ele? — perguntei, sentindo o coração acelerar.

— Não — Lizzie respondeu, chocada. — Por que você faria isso?

— Sei lá! — exclamei, ansiosa. — Só estou surtando, ok? E se ele me levar pra algum lugar? Não tenho dinheiro.

— Não importa.

— Importa, sim. Importa pra mim.

— Você pode gravar umas músicas pra ele — Claire sugeriu. — Um CD pra ele ouvir no carro... se você quiser dar algo pra ele.

— Boa ideia — Lizzie disse. — O que você quer botar no CD?

— Sei lá. — Me recostei nos travesseiros e suspirei. — Talvez seja má ideia.

— Não. — Claire foi até a escrivaninha e pegou o laptop. — É uma ótima ideia — ela me garantiu, enfiando um CD na lateral do computador. — Agora vamos.

— Será que garotos gostam desse tipo de coisa? — perguntei, enquanto meus dedos pairavam sobre o teclado. — Aoife está sempre gravando CDs pro Joey e ele nunca escuta.

— Bem, Gerard sempre grava pra mim e eu adoro — Claire respondeu. — Ofereça seus pensamentos pra ele, Shan. Encontra o que você sente nas músicas e mostra pra ele.

— É isso que você faz? — Lizzie perguntou sem emoção.

— O tempo todo — Claire disse. — E eu sei que ele escuta. — Suspirando, ela acrescentou: — Ele só escolhe não *dar ouvidos*.

— Ah, meu Deus — Lizzie falou. — Esse garoto é um burro.

— Mas Johnny não é assim. Ele vai ouvir, Shan. Ele *sempre* te ouve. Aqui, pegue isto... — Claire jogou uma caneta permanente para mim e sorriu. — Escreve algo no CD depois que terminar, pra ele não confundir com os do Gerard.

— Você é tão pequena que é perturbador — Lizzie resmungou uma hora mais tarde. — Mesmo se eu ficasse sem comer o ano todo, eu não ficaria do seu tamanho.

Deve ser a fome, pensei relutantemente. *Que bom que você nunca passou por esse tipo de sofrimento.*

— Estou feia? — resmunguei, nervosa, olhando para a minha roupa. — Estou bem?

— Não. — Ela suspirou e me conduziu até o espelho de corpo inteiro do banheiro da família Biggs. — Você está maravilhosa e perfeita e estou sentindo uma inveja asquerosa de você agora.

— Tcharam! — Claire cantarolou, abanando um pincel de maquiagem na mão. — Você está... uma puta... gostosa!

Com os olhos fixos no espelho à minha frente, absorvi meu reflexo e soltei um suspiro trêmulo.

— Uau!

— Eu sei — Claire concordou. — Tesuda.

— Eu vou congelar — sussurrei, observando o vestido vermelho que Claire praticamente me obrigou a colocar.

Ela me disse que era um vestido, mas eu sabia era mentira porque eu me lembro de ficar admirando essa mesma peça no mês passado — quando ela a usou com um *jeans*. Para ser justa, era praticamente um vestido em *mim*, chegando até o meio da minha coxa. O lado positivo é que ele era justo e não ficava

pendurado no meu corpo como a maioria das coisas que eu vestia.

— A jaqueta vai te deixar quentinha — Lizzie falou, acenando para a jaqueta preta de couro que eu estava usando.

— E a saia é pra facilitar o acesso — Claire disse, rindo. — Brincadeira. Ei... que número você calça?

— Trinta e três — respondi, me observando com cautela no espelho.

Meus lábios estavam vermelhos feito sangue, combinando com o vestido, e meus olhos estavam esfumaçados. Meu cabelo estava preso em um rabo de cavalo alto e propositalmente bagunçado, e ainda chegava até meu cotovelo.

— Nossa, que injusto! — Lizzie grunhiu. — Eu mataria por pés pequenos.

— Minha mãe calça trinta e três, trinta e quatro. Hum, espera um segundo — Claire murmurou antes de sair do banheiro às pressas. Voltou alguns minutos depois com um par de saltos pretos. — Perfeito.

Olhei para o salto de quinze centímetros com desconfiança.

— Não sei se é uma boa ideia.

— É uma *ótima* ideia — ela insistiu, se colocando de joelhos e enfiando os sapatos nos meus pés antes que eu tivesse chance de me opor. — Meu Deus, você está parecendo uma boneca Bratz com aqueles olhos grandes e arregalados e aqueles cabelos — ela disse animada, levantando-se para me observar. — Tão linda que até dói.

— Bem, ela não é uma boneca, Claire — Lizzie observou. — Ela é uma pessoa e ela parece... para! — Afastando a escova que Claire estava levando ao meu cabelo com um tapa, Lizzie sorriu. — Você está incrível, Shan.

— Tem certeza que não devo botar um sutiã? — perguntei, envergonhada.

— Sim — Claire falou depressa. — Definitivamente, *não* use sutiã! Vai estragar todo o look.

— Shan, se eu pudesse não usar sutiã, andaria por aí livre, leve e solta vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana — Lizzie disse, apertando meu ombro.

— Eu também — Claire concordou. — Mostra esses peitinhos, garota.

— Não acha que está um pouco curto? — Hughie interveio, erguendo a sobrancelha, se inclinando para fora da porta do banheiro. Depois ele franziu o cenho e acrescentou: — Estou achando que vou ter que tirar o meu suéter pra colocar ele em você.

— Cala a boca, Hugh! — Claire esbravejou. — Deixa ela em paz.

— Tá. — Levantando as mãos em derrota, ele disse: — Agora saiam do banheiro, pode ser? Preciso me arrumar. Vou pegar Katie daqui meia hora.

— *Katie*... — Claire zombou, agitando as sobrancelhas. — Lava bem o seu bilau pra Katie.

— Tem alguma coisa muito cagada em você — Hughie respondeu, repreendendo a irmã. — Nossos pais trouxeram o

bebê errado da maternidade. — Se virando para mim, ele disse: — Aliás, Johnny está lá fora.

Arregalei os olhos.

— E-está?

— Oba, vamos! — Batendo palmas, Claire empurrou Hughie para fora do caminho com o quadril. — Estou tão empolgada.

— Menos — Lizzie grunhiu. — Você não vai.

— Mas sou muito altruísta! — Claire comentou. — Fico animada pelas minhas amigas.

39

ENCONTRO

Johnny

Depois de me esfregar até ficar meio em carne viva no que deve ter sido o banho mais rápido conhecido pela humanidade, vasculhei meu guarda-roupa tentando encontrar algo diferente de camisa e moletom para vestir. Jesus Cristo, meu coração não parava de disparar desde que recebi aquela mensagem de Shannon mais cedo esta noite.

S: Você pode me buscar na casa de Claire. Estarei te esperando. Bjs

Eu não fazia ideia do que estava acontecendo, mas não me importava, porque só de pensar em passar tempo com a minha namorada fora da escola, minha cabeça estava a mil. Passei a semana toda me contentando com breves encontros no corredor e alguns minutos no almoço, mas agora... Agora eu a teria só para mim a noite toda. Agradecendo a Deus que minha

mãe decidiu me devolver as chaves do carro, andei rapidamente pelo meu quarto com uma escova de dentes pendurada na boca e um pouco de pasta escorrendo pelo queixo, tentando encontrar algo respeitável para vestir.

Será que era um encontro?

Será que ela queria que eu a levasse para sair?

Será que eu devia?

Que porra eu ia fazer?

E a camisinha?

Será?

Não!

Pare com isso!

Afaste a tentação.

Puta merda...

— Você está muito lindo — minha mãe declarou quando entrei na cozinha cinco minutos depois para pegar as chaves e a carteira.

— Está mesmo — Gibsie, que estava sentado em um banco da ilha, deu risada. — Muito gato, Jonathan.

Olhei para ele com uma expressão que dizia "não ouse abrir a porra da sua boca", me arrependendo de não o ter deixado na casa dele logo depois da musculação. Eu devia ter feito isso, mas estava tão afobado que acabei levando o idiota para casa comigo. Também lhe contei dos meus planos, o que foi um erro de principiante, que só cometi porque fiquei perturbado depois daquela mensagem. Para ser justo, era como se eu lhe devesse uma explicação por quase tê-lo decapitado na

musculação mais cedo quando parei de prestar atenção nele para responder à Shannon.

Gibsie abriu um sorriso travesso e indicou que seus lábios estavam selados.

O que seria uma novidade.

— Estou igual sempre, mãe — grunhi, sabendo que eu precisava entrar e sair daquele cômodo depressa antes que aquela mulher mandasse a versão materna da Inquisição Espanhola. — Vou voltar tarde hoje — acrescentei no tom mais despreocupado que consegui fazer, enfiando a carteira e as chaves do bolso de trás da calça. — Então não precisa surtar, viu? — *Ou ficar me ligando sem parar*.

— Essa camisa é nova? — ela ignorou o que eu disse e ficou conferindo meu visual.

Aff.

Tarde demais...

— Não. — Constrangido, toquei o tecido preto grudado no meu peito e dei de ombros. — Estava no meu armário.

Ela sorriu.

— Pós-barba novo?

— É aquele que ganhei no Natal. — Me mexi, desconfortável. — Por quê?

— Por nada, meu bem — ela respondeu, com um sorrisinho maroto. — Cortou o cabelo hoje?

— Sim — falei, impaciente, me sentindo exposto. — Parei na barbearia depois da musculação e cortei o cabelo.

Seus olhos cintilaram de malícia.

— Colocou gel também?

— Meu Deus, mãe — murmurei, ajeitando o cabelo. — E daí?

— Você caprichou tanto — ela observou, arqueando a sobrancelha. — Deve estar indo em algum lugar bem especial.

— Com *alguém* bem especial — Gibsie, o maldito traidor, resolveu jogar mais lenha na fogueira.

— Você também cortou o cabelo — eu disse.

— Sim, mas não tenho um encontro.

Encarei-o sério.

Ele ergueu as mãos e sorriu timidamente.

— Ah, querido, tire suas calças — minha mãe pediu, levando minha atenção de volta para ela. — Tem um vinco na frente do seu jeans. — Pulando do banco, ela foi até a tábua de passar. — Tire que vou passar pra você.

— O quê? — olhei-a boquiaberto. — Está tudo bem, mãe. Preciso ir.

— Tire o jeans — ela ordenou friamente, pegando o ferro. — Meu filho não vai sair nessas roupas amassadas.

— Meu Deus. — Praguejando baixinho, tirei os sapatos e a calça. — Preciso ir — murmurei, entregando o jeans para ela. — Tipo, agora mesmo, mãe.

— Você está ótimo — Gibsie declarou em um tom sério, observando a cicatriz que ia até a minha coxa. A outra felizmente estava escondida pela cueca. — A cicatriz está sumindo.

— Obrigado — respondi, encarando-o com uma expressão de "Que porra é essa?" enquanto trocava o peso dos pés,

esperando minha mãe terminar. — Pode se apressar, mãe? Preciso ir.

— Vai levar Shannon ao cine, querido? — ela perguntou, sorrindo.

— Chama de cinema, mãe — rosnei, passando a mão no queixo. — Ninguém, ninguém mesmo, chama de cine.

— Eu chamo — ela respondeu alegremente. — Então, é pra lá que você vai?

— Não sei ainda. Vou deixar ela decidir.

— Ah, adorável. — Se virando para Gibs, minha mãe sorriu. — Não é adorável, Gerard?

— Com certeza — Gibsie falou, rindo.

— Você devia levar aquela mocinha ao cine — ela acrescentou. — Como é mesmo o nome dela... a garota Biggs.

Gibsie ficou vermelho e foi a minha vez de dar risada.

Hahaha, porra.

— Claire — ele disse, limpando a garganta.

— Isso, a irmã de Hughie. — Minha mãe sorriu sozinha, passando a minha calça. — Você vive atrás daquela garota desde o dia que Johnny te trouxe aqui, parecendo um querubim loiro e gordinho.

Bufei, e Gibsie me encarou.

— Você era um menininho tão lindo. — Minha mãe abaixou o ferro, ergueu o jeans e o sacodiu, inspecionando o trabalho antes de devolver a calça para mim. Ainda bem. — Lembra daquele verão no início do primário quando vocês foram acampar? Você caiu naquele arbusto de urtigas tentando levantar Claire sobre a cerca elétrica porque ela estava com

medo do touro do vizinho. — Ela riu baixinho. — Você ficou com a pele toda marcada e irritada, mas conseguiu tirar a menina daquele campo.

— Ah, sim. — Gibsie deu risada, coçando o queixo. — Eu tinha esquecido disso.

— Falei pra Sadhbh e Sinead que iam ter que ficar de olho em você. Teoricamente você era amigo de Hughie, mas você e aquela mocinha sempre foram inseparáveis. Pareciam até que tinham nascido grudados.

— Bem, obrigado pelo passeio pela estrada da memória, mãe — falei, impaciente, colocando a calça e o sapato. — Mas precisamos ir. — Coloquei as mãos nos ombros de Gibsie e o conduzi para a porta. — Boa noite.

— Johnny, comporte-se — ela falou.

— Pode deixar — respondi por cima do ombro.

— Mantenha a braguilha fechada.

Meu Deus.

Quinze minutos depois, eu já tinha deixado Gibsie em casa e estava parado na frente da casa dos Biggs com as mãos suando e uma semiereção dentro do jeans. Meu Deus, só de pensar em *ver* Shannon eu já estava ficando maluco. Excitação e nervosismo pulsavam nas minhas veias, me fazendo me sentir todo ferrado, mas isso era o que ela trazia à tona em mim. Fechei os olhos, respirei fundo sem pressa por vários minutos, tentando controlar as emoções antes de sair.

Quando estava um pouco mais calmo, desci do carro e atravessei a garagem travando uma batalha interna sobre o que eu faria quando chegasse à porta. Deveria bater? Ou deveria só

entrar, como sempre? Meu Deus, eu não sabia. Eu não tinha ideia do que estava fazendo.

Por sorte, a porta se abriu enquanto eu atravessava o jardim e Shannon foi empurrada para fora por duas loiras antes de a porta se fechar.

Puta merda.

Meus pés vacilaram conforme eu a absorvia com os olhos. Ela estava usando um vestidinho vermelho, com uma jaqueta de couro preta e saltos pretos que faziam suas pernas parecerem longas. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo, com as mechas caindo pelo ombro direito, e seu rosto... Meu Deus, seus lábios... seus olhos... porra, era o meu fim.

Segurando a bolsa, ela sorriu timidamente.

— Oi, Johnny.

Sacudi a cabeça de leve, me aproximei e beijei sua bochecha.

— Oi, Shannon — falei com a voz rouca. — Você está linda.

— Como foi a musculação? — ela perguntou, sorrindo. — Você foi cuidadoso?

Eu mal consegui distinguir uma palavra que ela disse, porque todo o meu foco estava nos seus lábios carnudos e vermelhos, que provocavam em mim os pensamentos mais depravados.

Controle-se, babaca.

— Sim — falei, limpando a garganta. — Foi boa. — Peguei sua mão e a conduzi até o carro. — Você está tão linda. — *Você*

já disse isso, cara. — Sério, você está maravilhosa. — *Cala a boca, Johnny*.

— Hum, obrigada. — Sob as luzes da rua, vi suas bochechas corarem. — São as roupas e a maquiagem.

— É a garota — eu a corrigi, apertando sua mão.

Shannon abaixou o rosto e eu mordi a parte de dentro da bochecha.

— Ei... você está de carro? — ela perguntou de olhos arregalados. — Que ótimo.

— Sim. — Assentindo, abri a porta do passageiro e gesticulei para que ela entrasse. — Peguei de volta hoje de manhã. — Shannon entrou e eu fechei a porta antes de dar a volta no carro. — E aí, como você conseguiu sair? — perguntei, me acomodando no banco do motorista. — Com Darren de patrulha?

Ela fez uma careta enquanto colocava o cinto.

— A gente discutiu e ele foi embora. Minha mãe estava na cama, então eu meio que só... vazei. — Ela deu de ombros. — Ele não ligou, então acho que também não voltou pra casa ainda.

Cuzão do caralho.

— Bem, que bom que você saiu — falei, prendendo o cinto. — Fiquei feliz com a sua mensagem.

Ela sorriu timidamente.

— Ficou?

— Claro.

— Ah, aqui... — Ela enfiou a mão dentro da sacola, pegou um CD e o colocou nas minhas mãos. — Fiz isso pra você.

— Hum, sério? — Fiquei olhando para o CD. — Obrigado.

— De nada. Eu que fiz — ela explicou com o rosto vermelho.

Notei a sua letra na caixinha.

Músicas de Shannon para Johnny.

Puta merda.

— Você está muito lindo — Shannon disse, gesticulando para as minhas roupas, com as bochechas tão quentes que juro que podia sentir o calor irradiando delas. — E cheiroso também.

— Hum, obrigado. — Me ajeitei no assento, sentindo uma enorme onda de alívio.

— Adorei seu cabelo — ela acrescentou, esticando o braço para passar os dedos pelas minhas mechas. — Você deixou em cima mais comprido. — Ela hesitou e fez que ia recolher a mão, mas a pousou na minha bochecha. — Você é lindo.

Um arrepio me dominou enquanto suas palavras me atingiam fundo e me inclinei para o lado. *Meu Deus*.

— Vem cá. — Coloquei a mão no seu cabelo e puxei seu rosto para o meu, sabendo que estava prestes a ficar todo sujo de batom, mas sem dar a mínima para isso.

No instante em que meus lábios se fundiram aos dela, eu soube que estava acabado. Cada ideia coerente, plano e estratégia que eu tinha para aquela noite foram pela janela quando senti sua língua duelando com a minha. Shannon gemeu na minha boca e a vibração nos meus lábios fez a semiereção que eu ostentava ficar completa. Ouvi o cinto se

soltando e então ela estava bem ali, escalando para montar no meu colo.

Meu Deus, esta garota vai me destruir.

Minhas mãos se moveram por vontade própria, apertando seus quadris para mantê-la parada enquanto eu me empurrava contra ela, me levando ao desespero com a necessidade que eu tinha de simplesmente me enterrar dentro dela e nunca mais voltar para respirar.

— Johnny? — ela falou, respirando com força contra os meus lábios. — O que quer fazer hoje?

Jesus, era uma pergunta carregada de infinitas possibilidades. Ela não precisava me dar nenhuma ideia. Eu é que precisava de instruções básicas, porque estava em território desconhecido e *ela* era tudo o que eu queria fazer.

— Não sei. — Lutando para me controlar, me afastei para olhar para ela. — Estava esperando pra ver o que você queria fazer.

— Eu só quero ficar com você — ela falou, colocando as mãozinhas no meu peito e ateando *fogo* no meu corpo. — Não ligo se a gente ficar aqui no carro a noite toda.

— Quer ir ao cinema? — sugeri, sabendo que ficar no carro a noite toda era uma ideia perigosa. Tentadora, mas muito perigosa. — Ou a gente pode ir ao Biddies pra jogar sinuca. Ou ao Spizzico pra jantar. — Dei de ombros, agitado. — O que você quiser.

— Eu... — Ela olhou para o meu peito antes de erguer o queixo de novo, com os olhos cravados nos meus. — Não quero ir a lugar algum?

Era uma pergunta?

— Você não quer? — perguntei, hesitante. — Quer ir pra casa?

— Não. — Shannon balançou a cabeça. — Não... — Suas palavras se interromperam e ela abaixou a cabeça.

— O que foi, baby? — perguntei. — Se não me disser, eu não vou saber.

— Só quero ficar sozinha com você — ela sussurrou, olhando para mim com os olhos semicerrados. — Sabe?

Eu *sabia*.

Mas também sabia que era uma péssima ideia.

— Quer ir pra minha casa? — perguntei, com o corpo doendo diante da dificuldade de ir devagar com ela. Eu sabia que precisava, mas meu Deus, ela não estava facilitando. — Pro meu quarto?

Ela fez que sim.

— Se você quiser.

Puta merda.

40

ESTOU QUASE!

Shannon

Quando Johnny passou pelos portões abertos da sua casa, ele desligou as luzes do carro, nos deixando completamente no escuro. Animada e nervosa, mantive os olhos fixos no seu rosto e a mão em cima da mão dele enquanto ele trocava de marcha, diminuindo a velocidade até parar completamente na metade do longo e estreito caminho.

Ele desligou o motor e se virou para mim.

— Vou te levar pro meu quarto, mas a gente vai ter que entrar escondido, está bem?

Assenti avidamente e sussurrei:

— Está bem.

— Não porque você não é bem-vinda — acrescentei depressa. — É porque senão minha mãe não vai nos dar um minuto de paz. — Ele soltou o cinto, abriu a porta do carro e

desceu, fechando a porta silenciosamente antes de dar a volta. — Está pronta? — ele perguntou, me oferecendo a mão quando saí e fechei a porta.

— Sim — respondi, mantendo a voz baixa.

Estava chovendo forte de novo e as gotas geladas caíam sobre a minha pele, provocando um calafrio no meu corpo.

— Bonnie e Cupcake devem estar no passeio noturno — expliquei enquanto subíamos a trilha no breu. — Nos fundos da casa, então acho que vamos ficar bem.

— E Sookie?

— Sookie não vai latir pra mim — ele falou, confiante.

— Como ela vai saber que é você?

— Ela sabe. — Deslizando as chaves na mão quando chegamos à garagem, Johnny literalmente me arrastou pelo cascalho e me prensou na parede da casa. — Tudo bem?

— A gente devia estar fazendo isso? — perguntei, ofegante.

— Sinceramente? Acho que não, mas vamos fazer mesmo assim.

— Certo. Vamos?

— Não sei — ele hesitou. — Vamos?

— Hum, acho que sim?

— Foda-se... — Balançando a cabeça, ele me beijou com vontade e me conduziu para a porta da frente. Soltando minha mão, ele levou o dedo aos lábios e depois colocou a chave na porta, estremecendo quando ela rangeu. — Entra — ele balbuciou, inclinando a cabeça para o corredor.

Tirei os sapatos e me abaixei para pegá-los antes de entrar. Johnny fechou a porta silenciosamente atrás de nós e ficamos

parados ali na entrada por uns instantes, com os olhos fixos um no outro.

Depois de cerca de um minuto de completo silêncio, um sorrisinho se espalhou pelo seu rosto e eu sorri de volta para ele.

— Oba — ele falou, antes de envolver minha cintura com o braço e me puxar para si.

Sentindo-me embriagada de luxúria e adrenalina e contendo um grito, coloquei os braços em volta do seu pescoço, com sapato e tudo, e puxei seu rosto para o meu.

Nosso beijo foi quente, desajeitado e carregado de uma necessidade avassaladora de *mais*. Johnny soltou um som profundo e rouco da garganta, e então estávamos nos movendo, tropeçando cegamente pelo corredor.

— Você voltou cedo, querido. Seu carro quebrou? — a voz da sra. Kavanagh cortou meus pensamentos cheios de luxúria e eu me afastei de Johnny como se tivesse sido escaldada.

Mortificada, me virei para a mãe dele, que estava sentada no degrau de baixo da impressionante escadaria. Havia um cesto de roupa suja no chão aos seus pés e ela estava juntando as meias. Esparramada ao lado estava a velha cachorra preta de Johnny. No instante em que Sookie o viu, ela ficou de pé desajeitada e disparou para ele.

— Jesus — Johnny murmurou baixinho enquanto levava as mãos ao cabelo. Depois, fez carinho na cachorra. — Não te vi aí, mãe.

— Tudo bem, Johnny, eu te vi — a sra. Kavanagh respondeu com um sorrisinho. — Mas reconheço seu esforço.

— Se virando para mim, ela abriu um sorriso carinhoso. — Oi, Shannon. Que bom te ver de novo.

— Oi, sra. Kavanagh — falei, morrendo de vergonha. — Como vai?

— Estou ótima, querida. — Colocando as meias no cesto, ela ficou de pé e limpou a traseira do jeans, ainda sorrindo firmemente. — Você está maravilhosa.

— Hum, obrigada — Um calor se espalhou pela minha pele. *Devo pedir desculpas por estar aqui? Será que ela está brava? Devo pedir desculpas de novo pelo comportamento da minha mãe? Ou será que só vou embora?* — Você também — eu disse, me sentindo levemente enjoada. *O que diabos devo fazer?*

Decidindo por nós dois, Johnny pegou minha mão e me puxou para a escada.

— A gente vai assistir um filme — ele anunciou, observando a mãe com uma expressão de cautela enquanto passávamos por ela.

— Ah? — ela soltou, arqueando a sobrancelha. — Não tem nada bom no cine?

— Tenho um filme no quarto que a gente quer ver — ele respondeu, meio que me arrastando atrás de si. — Então é isso o que a gente vai fazer.

— Que filme?

— Nossa, mãe, um filme! — ele grunhiu, parando no topo da escada para olhar para ela. — Por quê?

— *Simplesmente amor* — falei o primeiro título que surgiu na minha cabeça.

Johnny assentiu depressa.

— Isso.

— Gibsie nos emprestou — acrescentei, percebendo que eu mentia bem melhor que ele quando estava sob a pressão de uma figura autoritária. *Anos de prática*. — Ele disse que é o favorito dele e ficou a semana inteira na escola falando que a gente tinha que ver.

— Exatamente. — Apertando minha mão de leve, ele me puxou pelos dois últimos degraus. — E Shannon nunca viu.

— Por que não trazem o DVD aqui pra baixo pra gente assistir na sala juntos? — ela sugeriu.

— *O quê*? — Johnny perguntou boquiaberto. — *Não*, mãe!

Eles ficaram se encarando intensamente por um longo instante antes de a sra. Kavanagh soltar um suspiro pesado e assentir.

— Está bem, vão lá assistir ao filme, mas deixem a porta aberta — ela avisou com a voz baixa. — Bem aberta, Jonathan.

Sem dizer uma palavra, saímos para o corredor na direção do seu quarto. Depois de entrar, ele fechou a porta e a trancou habilmente antes de se recostar nela.

— Sinto muito — ele murmurou, apertando o nariz. — Ela é...

— Ela só está cuidando de você — sussurrei. — Está tudo bem.

— Ela está me sufocando — ele me corrigiu, curvando os ombros em derrota. — Não posso mais me mexer sem que ela fique me espiando feito uma ave de rapina.

— Não acho que ela me queira aqui, Johnny — confessei, mordendo o lábio nervosamente. — Talvez eu devesse ir...

— O quê? — Ele balançou a cabeça e conteve um grunhido. — Não, Shan, não é isso. — Ele se aproximou de mim, pegou minha mão e nos levou até a cama. — Ela gosta muito de você, prometo. Ela só está... — Afundando na cama, ele soltou um suspiro pesado. — Não tem nada a ver com a sua presença aqui e tudo a ver com você aqui em cima sozinha comigo. — Encolhendo os ombros, ele olhou para mim e disse: — Ela só tem medo de que algo aconteça entre a gente.

Me sentei ao seu lado.

— Algo?

— Sexo — ele respondeu bruscamente, virando o corpo para mim.

Minha respiração ficou presa.

— Ah. — Engoli em seco e assenti. — Certo.

— Mas não vai rolar aqui — ele disse depressa, se inclinando para perto.

— Está bem — soltei, com o coração martelando dentro do meu peito.

— Não precisamos fazer nada — ele acrescentou com a voz rouca e carregada e os olhos cravados nos meus. — Podemos assistir a um filme, se você quiser.

— Não. — Me aproximei. — Não quero fazer isso.

— Tem certeza? — Seus olhos escureceram. — A gente pode jogar PlayStation.

— Johnny?

— Sim, Shan?

Me inclinei e beijei o canto da sua boca, me afastando devagar para avaliar sua reação.

— Shan... — Ele me observava com uma expressão sombria. — Shan...

Me sentindo corajosa, fiz de novo.

Um instante se passou.

Suas pupilas ficaram ainda mais escuras.

Meu coração martelou com mais força.

— Ah, foda-se — ele grunhiu e esmagou os lábios nos meus.

Envolvendo meus braços no seu pescoço, subi na cama, levando-o comigo. Me deitei de costas. Os lábios de Johnny não deixaram os meus enquanto ele soltava o peso com força sobre mim, pressionando meu corpo profundamente no colchão luxuoso. Sem querer me afastar, enrolei as pernas na sua cintura.

— A gente não devia fazer isso — ele sussurrou nos meus lábios, mas não parou e eu também não.

Segui atacando seus lábios com uma fome desesperada. O jeito que ele me beijava, como se meus lábios e minha boca fossem a única coisa que importasse para ele naquele momento... era viciante e inebriante.

Deslizando as mãos do seu pescoço para o seu peito, rasguei os botões da sua camisa preta, querendo sentir o calor da sua pele nua contra mim.

— Shan... — ele grunhiu na minha boca, movendo o quadril. — O que está fazendo, baby?

— Por favor — implorei, soltando os botões dele desajeitadamente até que o tecido se abriu feito o Mar Vermelho. — Só... *tire isso*.

— Nossa...

Interrompendo o beijo, Johnny ficou de joelhos e tirou a camisa depressa, deslizando-a para fora do corpo. Aproveitei a oportunidade para tirar a jaqueta. Atirei-a para o lado e ela se juntou à camisa dele no chão do quarto, depois me deitei de novo, com o vestido amontoado na cintura, implorando com os olhos para que ele *continuasse*. Os hormônios invadiram minha mente, jogando meu bom senso para o espaço e tomando conta do painel de controle do meu cérebro, me avisando que minha virgindade estava correndo sério perigo de evaporar aquela noite.

Ajoelhado entre as minhas pernas, só de calça jeans e com o cabelo espetado em quarenta direções diferentes por causa das nossas travessuras, Johnny olhou para mim toda aconchegada nos seus travesseiros e deu um suspiro agudo.

— Vou ficar com você, Shannon Lynch.

— Sério? — falei, encarando seus lábios inchados e querendo provar seu sabor de novo.

— Sério — ele confirmou, com os olhos fixos nos meus.

Dando de ombros de um jeito quase impotente, ele me ofereceu um sorriso torto, me dando um pequeno vislumbre da sua vulnerabilidade e fazendo eu me apaixonar mais ainda. Eu estava mergulhando no abismo do desconhecido com aquele garoto, sem nenhuma rede de segurança para amortecer minha queda. Pisar no freio não faria a mínima diferença, porque meu coração estava no banco do motorista, avançando desenfreadamente sem pensar nas consequências.

— Tem certeza que não quer jogar GTA? — Johnny perguntou com a voz rouca. Ele foi subindo os dedos pela minha coxa e ficou brincando com a minha calcinha. — Posso ganhar de você desta vez. — Quando achei que ele ia subir os dedos, quando tudo dentro de mim estava *gritando* para que ele subisse os dedos, ele afastou a mão e a pousou na minha coxa de novo. — O que acha? Hein? Quer uma revanche, Shannon, *como o rio*?

Balancei a cabeça, respirando com dificuldade.

— Não.

— Não? — Ele arqueou a sobrancelha com um sorrisinho firme no lugar. — Então o que quer de mim?

Sentindo uma coragem que eu só parecia ter quando ele estava comigo, me ergui sobre os cotovelos e sussurrei:

— Quero que você termine o que começou.

O azul dos seus olhos escureceu e o sorriso que ele exibia se tornou quase selvagem enquanto ele agarrava minhas coxas e puxava meu corpo para o seu.

— Eu sempre termino o que começo. — Apoiando seu peso em um cotovelo, ele ficou pairando sobre o meu corpo com os lábios tão perto dos meus que eu sentia seu hálito. — Mas não vamos pra lá. — Ele pousou um beijo inebriante nos meus lábios antes de enterrar o rosto no meu pescoço. — Ainda não. — Aninhando-se no meu pescoço, ele deixou uma trilha de beijos quentes e molhados, me provando com a língua, me reivindicando com movimentos vagarosos que eu sentia em cada terminação nervosa do meu corpo. Se acomodando entre as minhas pernas, ele não se mexeu, só

continuou me beijando com carícias quentes da língua, destruindo-me apenas com seu peso.

— Sério? — eu praticamente chorei, enquanto meus dedos cravavam-se nas duras saliências da sua cintura. — Tem certeza?

Grunhindo, ele assentiu.

— Tenho. — Sua mão foi do meu cabelo para o meu quadril, colocando nossos corpos no alinhamento perfeito, e o movimento fez um gemido escapar da minha garganta. Ele respondeu ao meu pequeno suspiro de prazer e surpresa com um rosnado baixo de aprovação. — Mas posso fazer outras coisas por você. — Ele roçou os lábios contra os meus quase amorosamente antes de se afastar para avaliar a minha reação. — Se você quiser.

Minha pulsação disparou e soltei um suspiro entrecortado, acenando a cabeça para ele.

Seus olhos brilharam, ardentes, enquanto ele aproximava os lábios dos meus.

— Prometo que vou fazer você se sentir bem — ele sussurrou entre beijos. — Só me diga o que você não quer ou se estou indo rápido demais e eu paro, está bem?

— Não para — pedi, agarrando seus ombros. — Por favor.

Ele riu baixinho.

— Ainda nem comecei.

— Não importa. Não para.

Ficando de joelhos mais uma vez, Johnny olhou para mim. Respirando forte e rápido, permaneci de costas, dominada pela adrenalina e luxúria, enquanto o observava me olhar por um

longo tempo. A expectativa do desconhecido estava me deixando mole e tudo o que eu queria era arrastá-lo de volta para cima de mim, mas me contive, sabendo que não fazia ideia de como progredir, sabendo apenas que eu o queria desesperadamente.

— Você é tão linda — ele sussurrou, balançando a cabeça de leve. — Nossa... — Correndo o dedo pela minha bochecha, ele se inclinou e me beijou. Sua mão desceu pelo meu pescoço e foi descendo e descendo até que seu dedão roçou meu mamilo. — Te amo — ele murmurou, segurando meu seio com a mão cheia, mexendo o dedão delicadamente sobre o tecido do vestido conforme meu mamilo endurecia até ficar dolorido. — Está bom? — ele perguntou nos meus lábios, sem parar de me tocar.

— Johnny... — Tremendo violentamente, arqueei o corpo e o beijei com força. — Muito bom.

Sua mão desceu mais e seus dedos agarraram meu quadril antes da sua mão parar na minha calcinha.

— E isso? — Roçando o nariz no meu, ele escorregou a mão para dentro e a espalmou *ali*. — Está bom?

Meu corpo deu um solavanco debaixo dele e meus quadris se mexeram. Fiz que sim feito uma louca.

— Não para.

Soltando um suspiro trêmulo, ele enfiou a língua na minha boca ao mesmo tempo que enfiou o dedo dentro de mim.

Tomando cuidado para não gemer muito alto e alertar sua mãe sobre o que estávamos fazendo no quarto, abri as pernas,

acolhendo seu toque, enquanto colava meus lábios aos dele, me agarrando a seus ombros largos com todas as minhas forças e estremecendo debaixo dele.

— Eu quero você — ele grunhiu na minha boca, movendo o dedo dentro de mim devagar, para dentro e para fora, de um jeito profundo e entorpecente. — Mais do que jamais quis qualquer outra pessoa na vida. — Me beijando com força, ele se afastou apenas para enfiar outro dedo. — Nossa, você está tão molhada, baby. — Tremendo, me segurei nele, mexendo os quadris, excitada. — Tão apertada... nossa, está bom?

— Sim, Johnny, está bom — praticamente gritei, puxando seus lábios de volta, sacudindo o corpo para encorajá-lo. — Para de fazer perguntas idiotas e continua!

Ele riu contra os meus lábios e flexionou os dedos, provocando algo dentro do meu corpo que era completamente desconhecido mas, *ah*, *tão bem-vindo*... Senti um aperto nas minhas entranhas enquanto uma explosão de calor escaldante subia pelo meu corpo. Era uma sensação que eu queria perseguir, um instinto básico e primitivo dentro de mim exigindo que eu o perseguisse.

Empinando os quadris, me mexi contra sua mão, caçando aquela sensação. Seus lábios desceram sobre os meus, abafando meus gritos enquanto ele penetrava os dedos mais rápido, me levando mais longe, conduzindo meu corpo até um ponto do qual não haveria volta.

Impotente, agarrei seus ombros largos e me segurei, confiando nele com tudo o que eu tinha. Quando sua língua entrou na minha boca, varrendo a minha com o mesmo ritmo

dos seus dedos, eu não aguentei ou simplesmente não consegui me segurar mais. Fosse o que fosse, parecia que eu estava caindo de um penhasco. Eu não conseguia explicar, mas meu corpo ficou mole e eu me sacudi violentamente sob ele conforme o que eu só podia descrever como ondas de êxtase disparavam pelo meu corpo.

— Meu Deus — falei, afastando os lábios dele enquanto meu corpo tremia ferozmente. — O que está acontecendo... ah, meu Deus!

— Shh — ele pediu, beijando meu pescoço. — Aproveite. — Ele chupou meu pescoço.

— Hum... — Fechando os olhos, me permiti absorver o que estava sentindo. — *Está bem...*

— Gostou disso, Shan? — ele sussurrou na minha orelha, colocando os dedos para dentro e para fora, prolongando o prazer induzido pela convulsão, acabando comigo. — De gozar nos meus dedos? — Ele me beijou de novo, mais forte dessa vez. — Porque eu adorei pra caralho.

Ah, meu Deus...

Quando finalmente parei de tremer, Johnny deslizou os dedos para fora e pensei que ele iria se afastar, mas não. Em vez disso, ele agarrou meus quadris e se acomodou entre as minhas pernas mais uma vez, balançando os quadris contra mim, provocando outra explosão de ondas de choque formigantes em erupção dentro de mim. Senti sua ereção me pressionando, e era tão intensa que até me assustei. O atrito do seu jeans enquanto ele esfregava o corpo contra o meu era demais. Gemendo, deslizei as mãos no cós da sua calça e o

puxei para mais perto, querendo com todas as forças apenas mergulhar naquele garoto e nunca mais sair.

Johnny agarrou minhas mãos e as arrastou para cima, segurando-as no travesseiro acima da minha cabeça. Sua mão livre se moveu para o meu quadril enquanto ele continuava a se esfregar contra mim, com nossos lábios fundidos, sua língua massageando a minha com estocadas quase selvagens, descontroladas e cheias de luxúria. Ofegando contra seus lábios, coloquei as pernas ao redor da sua cintura, me movendo com ele instintivamente a cada estocada do seu quadril.

Toc, *toc*, *toc*...

— Johnny! — a voz da sra. Kavanagh veio do outro lado da porta e ela bateu mais uma vez. — Eu pedi pra você deixar a porta aberta.

Meus olhos se arregalaram de pavor e eu congelei.

— Ah, meu Deus.

— Puta merda — Johnny grunhiu, quebrando o beijo com a respiração ofegante. Ele limpou a garganta e falou depressa: — Estamos assistindo ao filme, mãe!

— Bem, agora que estou aqui, você pode abrir a porta e me deixar te ver — ela falou.

— Me dá um minuto! — Saindo de cima de mim, ele se deitou de costas e praguejou uma série de xingamentos no edredom antes de se levantar da cama. — Me desculpa — ele murmurou, me observando ficar de pé e arrumar a roupa.

— Tudo bem — eu disse, morrendo de vergonha, puxando o vestido para baixo e ajeitando o cabelo. — Não se preocupe.

— Ei... você está bem? — ele perguntou, me olhando com preocupação. — Shan?

— Eu só... — Olhei para o quarto e dei de ombros, impotente. — Não sei como reagir. — Juntando as mãos, gesticulei para a cama dele e suspirei. — Estou... com vergonha.

Johnny deu um sorrisinho e se aproximou.

— Estava bom? — ele perguntou com uma voz baixa e rouca, passando a mão pelo meu cabelo e erguendo meu queixo. — O que eu fiz... você gostou?

Assenti, com as bochechas vermelhas.

— Sim.

— Então não precisa ficar tímida comigo — ele sussurrou, fazendo carinho no meu queixo com o dedão. — Não fique constrangida. Eu te amo, está bem?

— Também te amo — sussurrei de volta, enterrando o rosto no seu peito.

— A porta, Jonathan! — a sra. Kavanagh latiu, batendo na porta insistentemente. — Agora!

— *Já vai* — Johnny rosnou. — Meu Deus, mãe, estou quase!

— É disso que tenho medo — ela falou. — Agora abra.

41

PORTAS BATENDO

Johnny

Sim, eu estava encrencado. A garota sentada no banco do passageiro do meu carro era prova disso.

O celular de Shannon estava tocando sem parar nos últimos vinte minutos. Eu sabia que ia levar a culpa por ela ter passado a noite toda fora, sabia que ia ser ameaçado, sabia que um milhão de coisas desastrosas estavam me esperando quando eu chegasse à rua dela, mas não consegui ficar preocupado. A preocupação que se danasse: eu estava *maravilhado* comigo mesmo.

Meu sábado tranquilo de alguma forma se transformou em um sábado à noite com a minha namorada deitada de costas e meus dedos dentro dela. Meu Deus, os sons que ela fez quando gozou me assombraram.

Eu não queria devolvê-la, mas também não queria fazê-la passar pelo interrogatório da minha mãe. Eu tinha ido longe demais esta noite. Eu sabia, mas não conseguia me arrepender, porque ela era simplesmente... alucinante. Juro por Deus, eu estava tão envolvido com ela que ia me afogar. Eles poderiam me prender naquele instante, porque eu estava acabado.

Os joelhos de Shannon estavam inquietos enquanto ela olhava para o para-brisa do carro, observando os outros carros passarem por nós. Eu queria deixá-la à vontade, mas não tinha como fazer isso. Não era como se eu fosse ser convidado para entrar para tomar chá e comer biscoitos quando a acompanhasse até a porta. Pelo contrário, eu provavelmente ia receber ameaças e algemas.

— Tomara que Joey esteja em casa — Shannon disse, me arrancando dos meus pensamentos.

— Hã?

— Joey — ela repetiu, estalando os dedos. — Tomara que ele esteja em casa.

Estiquei o braço e peguei sua mão, apertando-a para tranquilizá-la. Ela estava tremendo e estava me deixando nervoso.

— Ele vai estar lá — falei, rezando para que estivesse certo.

Por razões que eu nunca entenderia completamente, Shannon era próxima de Joey. Na mentalidade dela, ele era tão bom quanto um deus. Não perguntei muito porque estava com medo das respostas. Algumas das coisas que ela me contou sobre sua infância me aterrorizaram. Eu não queria ouvir o que eles tinham enfrentado porque não confiava nas minhas

reações. Era a pior sensação do mundo me sentir impotente daquele jeito, e eu não lidava bem com a impotência. Pensar que era exatamente assim que Shannon se sentiu durante a maior parte da sua vida fez meu peito apertar.

No minuto em que parei na frente da casa dos horrores e desliguei o motor, o som de gritos encheu meus ouvidos. Jesus, o que havia de errado com aquelas pessoas? Dava para ouvir a carnificina do muro do jardim.

— Hum... — Engolindo em seco com força, Shannon colocou o cabelo atrás da orelha e soltou o cinto. — Obrigada pela noite maravilhosa. — Ela abriu um sorriso radiante e pegou a bolsa que tinha deixado ali mais cedo. — Me diverti muito, Johnny.

— Ei, para... — Estiquei o braço e fechei a porta que ela havia aberto. — Não faça isso.

— Isso o quê?

— Fingir que somos surdos e não estamos ouvindo o que está rolando dentro daquela casa.

Ela se afundou no assento.

— Não sei o que dizer. — Ela pressionou a mão na testa. — Não é nada fora do normal pra gente. — Suspirando pesado, ela acrescentou: — Provavelmente é por minha causa. — Ela olhou para a casa e depois para as pernas. — Porque eu saí.

Foda-se.

Soltei meu cinto, desci do carro e fui até o lado do passageiro.

— O que está fazendo? — ela perguntou, em pânico, saindo do carro com a bolsa firmemente presa em sua

mãozinha. — Johnny?

— Vou te acompanhar até a porta — falei, tentando conter a raiva na minha voz. — E garantir que você fique bem.

— Estou bem — ela disse depressa.

— Só quero garantir que você continue assim — falei, pegando sua mão. — Vamos.

Shannon estava uma pilha de nervos quando nos aproximamos da casa. Quando chegamos à porta, tremia visivelmente.

— Obrigada por ficar — ela disse baixinho antes de abrir a porta.

— Sempre que precisar — respondi depressa, mas minha voz foi engolida pela gritaria que nos recebeu.

— Onde diabos você estava? — Darren perguntou, saindo da cozinha e vindo até nós.

Seus olhos foram de Shannon para mim e seus pés vacilaram.

Me apoiando no batente, cruzei os braços e o encarei.

Sim, estou aqui, seu merda.

— Fui até a casa da Claire — Shannon explicou, entrando e largando a bolsa no chão. — Por que vocês estão gritando?

— Shannon! — a mãe dela berrou, disparando da cozinha. — Por que você fez isso?

— Isso o quê? — ela perguntou com um tom mais duro do que eu estava acostumado. — Eu fui até a casa da minha amiga. Não é contra a lei, mãe.

O orgulho ganhou vida dentro de mim.

Vamos, amor. Não deixe eles te intimidarem.

— E onde é que ele entra nessa história? — a mãe dela exigiu, arrastando um pouco as palavras. — E essas roupas?

Arqueei a sobrancelha e a estudei com mais atenção: olhos turvos, oscilando de um lado para o outro e arrastando as palavras. *Jesus, ela estava bêbada*. Apertei os olhos, avaliando-a. *Ou está chapada?*

— Você está bêbada? — Shannon perguntou, verbalizando meus pensamentos.

— Não — ela soltou. — Só tomei uns comprimidos.

Chapada, confirmei mentalmente. *Chapada pra caralho, de Valium ou algum outro calmante, pelo visto.*

— Onde estão seus filhos? — As palavras saíram da minha boca antes que eu tivesse a chance de filtrá-las. Três pares de olhos pousaram em mim, e como o completo glutão por encrenca que eu era, decidi seguir em frente. — Tadhg, Ollie e Sean.

— *Meus* filhos estão na cama — a sra. Lynch sibilou, me fuzilando com os olhos. — Exatamente onde Shannon deveria estar.

— Shannon não é criança — retruquei, me obrigando a falar e não a rugir com aquela mulher, como eu tanto queria. Eu tinha a impressão de que ela não funcionava na mesma frequência que o resto de nós e gritar era o único jeito de atingi-la, mas me contive. — Ela vai fazer dezessete anos. É uma pessoa, com amigos próprios e uma mente própria, e *você* precisa recuar e parar de sufocá-la com essa tentativa ridícula de compensar as coisas. Você não a protegeu quando ela realmente precisava de você.

— Como? — a sra. Lynch gritou, com a mão no peito.

— Você me ouviu — continuei. — Você estava berrando e vociferando tão alto que dava pra ouvir da rua. E tem a cara de pau de falar merda pra ela chapada de calmante com três crianças pequenas lá em cima? — Balancei a cabeça. — Você é uma vergonha.

— Alto lá, Johnny! — Darren rosnou. — Você não tem ideia do que está falando.

— Sei mais do que vocês pensam — rosnei. — Vocês fora bem rápidos em me julgar, sem ter moral nenhuma para isso.

— Johnny — Shannon soltou com os olhos arregalados. — Está tudo bem.

— Não está nada bem, Shan — falei rudemente. — Essas coisas precisavam ser ditas.

— Sai já da minha propriedade ou vou mandar te prender por invasão — a mãe de Shannon ameaçou antes de explodir em lágrimas e correr de volta para a cozinha.

Senti uma pontada de culpa me atravessar, mas não foi o suficiente para eu retirar o que tinha falado. A verdade às vezes doía.

— Você ouviu o que ela disse — Darren falou friamente, me encarando. — E não volte mais aqui, Johnny.

— Darren — Shannon soltou. — Não diga isso.

Então outro Lynch apareceu, mas este veio de trás de mim.

— Kav — Joey me cumprimentou em um tom suficientemente amigável enquanto atravessava o caminho coberto de mato com seu macacão de mecânico, o rosto sujo

de graxa e um pote de plástico na mão. Ele deu um tapa no meu ombro. — Causando mais confusão?

— O de sempre — respondi, sem emoção.

— Aposto que sim — ele comentou. — Beleza, Shan? — Bagunçando seu rabo de cavalo, ele empurrou Darren para fora do caminho. — Você vai entrar ou só vai ficar aí deixando o frio sair?

— O frio entrar, você quis dizer — murmurei.

— Talvez na sua casa — ele retrucou sem hesitar e desapareceu na cozinha.

— Ele não vai entrar — a mãe dele gritou dos fundos. — Manda ele embora!

— Meu Deus, será que você não pode nos dar cinco minutos antes de começar a chorar? — A porta do armário bateu e a voz de Joey encheu meus ouvidos. — Estou cansado, faminto e *acabei* de chegar do trabalho.

— Vai pra casa — Darren disse antes de fechar a porta na minha cara.

A porta se abriu alguns segundos depois e Shannon colocou a cabeça para fora.

— Desculpa — ela sussurrou, com os olhos tomados de tristeza. — Te amo...

— Shannon, entra!

— Tchau, Johnny.

Então a porta se fechou na minha cara de novo.

42

CRISE EVITADA: RESPIREM

Shannon

— Por que você fez isso? — perguntei, furiosa, olhando para minha mãe e Darren. — Ele só veio me deixar em casa.

— Olha só pra você — ela disse. — Vestida desse jeito.

— Não tem nada de errado com a minha roupa — devolvi desafiadoramente.

O rosto dela ficou vermelho.

— Você parece uma...

— Puta? — falei. — Obrigada, *pai*.

Ela estremeceu e enfiou a cabeça nas mãos.

Revirei os olhos, nervosa demais para lidar com a choradeira dela naquele momento.

— Vocês foram horríveis — sibilei, encarando Darren. — Você fechou a porta na cara dele!

— E você está me culpando? — Darren rosnou. — Você ouviu como ele falou com a mãe.

— Ele só estava falando a verdade — cuspi, piscando para conter as lágrimas traiçoeiras que se acumulavam nos meus olhos. — E você sabe muito bem disso!

— E você ainda se pergunta por que essa família tem má reputação — Joey comentou, entre mordidas no seu sanduíche. — Shan tem razão. — Ele deu um gole na latinha de coca. — Isso foi um circo.

— Nossa família tem má reputação porque *você* não consegue ficar longe dos problemas e não comece a me encher o saco — Darren retrucou, com raiva. — Sei que recebeu outra suspensão na escola ontem por causa de uma briga. Seu diretor me *ligou*, Joey. O que foi dessa vez? Algum cara te falou algo que você não gostou, daí você foi lá e deu uma surra nele?

Joey deu de ombros, impassível.

— Algo assim.

— Se você não se acalmar e aprender a controlar seus nervos, vai acabar na prisão — Darren avisou. — Escuta o que tô dizendo.

— Pensei que a gente estivesse falando sobre o Kavanagh — Joey respondeu, coçando o maxilar. — Como foi que de repente eu virei o assunto?

— Não é sobre Johnny — sibilei, mantendo o olhar furioso e fixo em Darren. — É sobre você tentando controlar a *minha* vida.

— Ele ainda está lá fora, você sabe — Joey acrescentou.

Meu coração disparou no meu peito.

— Está?

— Fica aí, Shannon — Darren falou, seguindo para o corredor e abrindo a porta. Praguejando baixinho, ele bateu a porta logo depois e voltou com uma expressão tempestuosa. — Ele ainda está lá.

— Como eu disse — Joey disse, dando outra mordida no sanduíche. — Vai lá com ele, Shan — ele acrescentou de boca cheia. — Não liga pra esses dois.

— Nem pense nisso, Shannon — minha mãe avisou. — Não quero você perto daquele garoto.

— Meu Deus — Joey rosnou, atirando o sanduíche meio comido no balcão. — Vocês estão fazendo uma tempestade em copo d'água. Deixem ela sair pra falar com ele, deixem ele ver se ela não está machucada ou o que quer que ele queira fazer pra se acalmar, e depois ela volta. Ninguém vai se ferir.

— Ninguém vai se ferir? — minha mãe soltou. — Ela pode se ferir *muito*, Joey.

— Dá um pouco de crédito pra ela — meu irmão sibilou em um tom enojado. — Ela não é você.

Minha mãe choramingou e Joey revirou os olhos.

— Isso não tem a ver com inteligência — Darren declarou. — Mas com *hormônios*.

— Bem, então por acaso eu tenho o antídoto perfeito pra esses *hormônios*. — Joey enfiou a mão no bolso e sacou a carteira. Ele a abriu, pegou uma camisinha e a agitou no ar. — Sei que *você* nunca viu uma dessa antes — ele acrescentou, olhando para a nossa mãe. — E duvido que eles estejam sequer dando as mãos, mas só pra garantir... aqui, Shan, segure a

ponta quando for desenrolar. — Ele atirou o preservativo para mim e deu uma piscadela. — Agora... — Pegando o sanduíche de volta, ele deu uma enorme mordida e mastigou. — Crise evitada: respirem.

— Que porra aconteceu com você, Joey? — Darren rugiu, arrancando a camisinha da minha mão e a enfiando no bolso. — Ela só tem dezesseis anos.

— Estou ciente disso — Joey comentou, dando outro gole na coca.

— Ele é velho demais pra ela — minha mãe declarou.

— Não é não — Joey disse. — Ele tem dezessete, não setenta. Relaxa, mãe.

— Ele é velho demais, sim — ela retorquiu, tremendo.

— Bem, essa é a sua opinião — Joey devolveu.

— É a verdade — ela insistiu. — E você não devia encorajar isso.

— Ouça — Joey falou, limpando os dedos oleosos no macacão. — Sei que vocês dois são *novatos*, mas aqui vai uma dica familiar bem útil: ou vocês engolem o orgulho e deixam ela ficar com ele ou essa coisa vai explodir na cara de vocês. Acho que a essa altura está bem claro que ele não vai a lugar algum, então é melhor se conformarem logo. — Dando de ombros, ele acrescentou: — Shannon tem namorado. Grande coisa. Ela não é mais um bebê e já está na hora de vocês dois pararem de tratar ela como se fosse um.

— Isso é ridículo.

— Não, o que é ridículo é você seguir a linha de raciocínio distorcida daquela mulher e tentar manter Shan nesta casa

depois de tudo o que aconteceu — Joey continuou. — Se continuar assim, se vocês os obrigarem a se separar, ele *vai* surtar. Se quiser lutar com aquele filho da puta, ele vai pra guerra contra você. — Se virando para nossa mãe, ele acrescentou: — E, se eu fosse você, pararia de ameaçar os outros, porque você tem muito mais a perder... e muito mais esqueletos escondidos... se o pai dele decidir acusar *você* de calúnia.

Minha mãe estava com as mãos na cabeça e Darren estava de costas para mim, mas Joey estava na minha frente, e quando viu que eu me aproximava da porta da cozinha, ele sorriu e deu uma piscadela.

— O que vocês... — Darren parou de falar e se virou de repente, me pegando no flagra. — Nem pense nisso — ele avisou.

Disparando para o corredor, abri a porta da frente com tudo.

— Shannon, não estou brincando...

Não parei para escutá-lo. Em vez disso, saí pela porta e corri animadamente quando meus olhos pousaram em Johnny encostado na lateral do carro, olhando feio para minha casa, como se ela o tivesse ofendido. Seus olhos encontraram os meus e o alívio inundou suas feições.

— Você está bem?

Fiz que sim, correndo descalça pelo jardim. Contornei a trilha de pedestre em alta velocidade e só parei quando estava grudada nele.

— Você não foi embora — falei, ofegante, olhando para ele. — Você ficou.

— Não consegui ir — ele disse com a voz carregada. Suas mãos baixaram para os meus quadris, me puxando para si. — Eu precisava saber que você está segura.

Meu coração explodiu dentro do meu peito e foi como se eu estivesse me afogando nos meus sentimentos.

— Estou segura.

— Tem certeza? — Ele parecia tão vulnerável! — Porque acho que vou querer que você prometa.

Ah, meu Deus...

Estiquei o braço, enfiei a mão no seu cabelo e trouxe seu rosto para mim.

— Serve um beijo de boa noite?

— Só se você me prometer que ainda vai estar aqui de manhã — ele respondeu, roçando os lábios nos meus. — E aí, promete?

Soltei um suspiro trêmulo.

— Vou estar aqui.

— Se precisar de mim, é só me ligar — ele sussurrou, enfiando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e colocando a mão na minha bochecha. — Não importa que horas sejam. É só me ligar que eu venho, está bem?

Sem conseguir me conter, pressionei a bochecha na sua mão.

— Está bem.

— Te ligo amanhã — ele acrescentou depressa, passando o dedão pelo meu rosto. — E te pego na segunda pra gente ir pra

escola.

— Não, não, não. Não precisa fazer isso — falei. — Posso pegar o...

— Eu quero vir te pegar — ele me interrompeu. — Se você quiser ir comigo.

Assenti fracamente.

— Eu quero você. — *Nossa, Shannon. Menos.* — Me pega — corrigi. — Quero dizer, quero que você me pegue.

— Também te quero — ele falou com um sorrisinho. — De todos os jeitos.

Meu corpo ficou quente e dolorido.

— Eu, hum... eu...

Johnny não esperou que eu terminasse e pressionou os lábios nos meus, dessa vez de um jeito mais firme. Mais profundo.

Me segurando nos seus braços, beijei-o de volta com tudo o que eu tinha, tentando desesperadamente mostrar o quanto ele significava para mim.

— Se é isso que você considera dar as mãos, gostaria muito de saber como você chama a outra coisa — ouvi Darren dizer de algum lugar próximo.

— Talvez eles estejam fazendo algo mais que dar as mãos então — Joey comentou. — Não estou certo sempre.

43

MELHOR SEGURO DO QUE ARREPENDIDO

Johnny

— Como assim você não vai me *contar*? — Gibsie exigiu, deixando a bola cair de suas mãos.

Era domingo à noite e estávamos no campo tentando lançar a bola. Bem, eu estava tentando lançar a bola. Gibs estava fazendo sua melhor imitação do maldito Inspetor Bugiganga, querendo extrair informações sobre a minha noite com Shannon.

— Exatamente o que você ouviu. — Ignorando a queimação nos membros inferiores, estendi os braços e pulei para pegar seu arremesso furioso. — Não vou te contar, porra.

— A gente pode conversar — Gibsie disse, esticando os braços para pegar a bola. — Você pode contar as coisas pro seu melhor amigo.

— Não vou falar dela.

— Não é bom guardar as coisas.

— O que você quer que eu te conte? — falei, atirando a bola para ele.

— Eu quero que você... — Ele se interrompeu para pegar a bola soltando um *uff* alto, então a jogou no chão e continuou: — Quero que você me conte o que vocês fizeram no seu quarto. — Ele agitou as sobrancelhas. — Depois que você entrou às escondidas com a Shannonzinha.

— Jesus. — Desistindo de ter uma conversa normal, peguei a garrafa d'água na grama e segui para o estacionamento. — Chega por hoje.

— Já?

— Estou cansado.

— Porque ficou acordado até tarde trepando com a sua namorada? — ele provocou, caminhando ao meu lado. — Ah, sim, isso deixa a gente destruído mesmo. — Ele me empurrou com o ombro e acrescentou: — E aí, do que estamos falando aqui? Penetração total ou uns bons amassos? Ou o bom e velho *rala e rola*? Ou "só mais um pouquinho"? Ou "vamos parar por aqui, mas nunca paramos"? — Seus olhos brilharam. — Puta merda, você transou sem camisinha?

— Do que é que você está *falando*?

— Sexo — ele respondeu simplesmente.

— A gente não fez sexo — murmurei, pegando as chaves no bolso. — Não é assim.

— Não é *assim*? — Gibsie retrucou, incrédulo. — Não me venha com essa.

— Gibs — falei, agitado. — Eu não vou falar, ok? Não vou fazer isso com ela. — Apertei o botão da chave, destravei o carro e segui para o banco do motorista. — É cedo demais.

— Shannon te falou isso?

— Eu estou falando — esbravejei, abrindo a porta e entrando. — Eu, Gibs. *Eu* estou falando que é cedo demais.

— Mas você ficou tentado? — ele perguntou, se sentando no banco ao lado. — Ninguém é tão santo assim.

Pensei em ligar o rádio para abafar a voz dele. É o que eu *devia* ter feito. Em vez disso, me ouvi dizendo:

— Eu queria. — Soltei um suspiro pesado e acrescentei: — Muito.

— Mas?

— Mas ela não está pronta — confessei, furioso comigo mesmo por estar falando disso. — *Eu* não estou pronto, porra.

— Cara, você já transou antes — Gibsie comentou, franzindo o cenho. — Sei que faz um tempinho, mas você não virou virgem de novo depois da cirurgia.

— É diferente com ela.

— Como?

— Tem sentimentos, Gibs. Sentimentos fortes pra caralho.

— Aff. — Ele estremeceu. — Que horrível.

— É tudo mais *intenso* com ela — expliquei, agitando os joelhos e tamborilando os dedos no volante. Pensei no que queria dizer, tentando encontrar um jeito diplomático de verbalizar as coisas, depois desencanei e falei de uma vez: — Estou perdendo o controle da minha vida. Depois que ela chegou, virou tudo do avesso. Estou literalmente perdido,

tentando botar tudo no lugar e bolar um novo plano. Não sei como lidar com ela e tenho medo de pressionar demais, ir rápido demais e estragar tudo. Acho que *ela* pensa que eu não a quero desse jeito, o que é uma insanidade, porque você já a viu. Nossa, quem é que *não* ia querer ela? Só que esse é o problema. Eu não só *quero* ela. Eu quero *manter* ela comigo. E se eu a machucar? Ela é tão pequena, Gibs. E só tem dezesseis anos. E a mãe dela está me ameaçando. Sinto que, se eu fizer alguma coisa errada, já era, e estou morrendo de medo de fazer merda, Gibs. Não quero arruinar tudo. Mal consigo respirar quando estou com ela. Tudo fica nebuloso e os *sentimentos*... a porra dos sentimentos me *afogam*! — soltei de uma vez, aliviado por tirar isso do meu peito. — Estou completamente ferrado, né?

— Acho que sim — Gibsie concordou.

— Pois é. — Suspirei. — Também acho.

— A sua mente é um lugar assustador — ele comentou, coçando o queixo. — Você pensa demais. — Ele inclinou a cabeça para o lado, estudando meu rosto com uma expressão peculiar. — Sério, você não pode simplesmente desligar esse seu cérebro enorme e relaxar?

— Não. — Dei de ombros, impotente. — É assim que eu sou.

— Bem, então... — Ele deu tapinhas nas têmporas. — Tenho muito a dizer com minha mente simples.

— Você *é* simples — murmurei, desanimado. — E eu sou simples por te ouvir.

— Você ainda tem aquelas camisinhas? — ele perguntou.

Encarei-o.

— Não ouviu uma palavra do que acabei de dizer?

— Ouvi — ele respondeu calmamente. — Agora responda à pergunta.

— Não — eu disse, curvando os ombros. — Entrei em pânico quando elas caíram em cima dela na cama da Claire e joguei tudo no lixo.

— Que desperdício — Gibsie comentou, mordendo os dedos. — Ah, certo... então você precisa ir à farmácia. Pronto.

Olhei para ele boquiaberto.

— Mas acabei de falar...

— Eu sei o que você acabou de me falar — ele me interrompeu, abanando a mão. — E estou *te* falando que, de boas intenções, a paternidade está cheia.

— É "o inferno", Gibs.

— Considerando que a xoxota é um dos principais fatores para a admissão de um homem no inferno, eu diria que ambas as versões são bastante precisas, cara.

— *O quê?*

— Só compra um pacote de camisinhas e deixa na sua carteira. Mesmo se você não for usar, pelo menos está lá.

— Não quero ter a tentação.

— E *esse* é o seu primeiro erro. Não é a camisinha na sua carteira que vai te levar à tentação. Mas a garota pelada esparramada embaixo de você. — Agitando as sobrancelhas, ele acrescentou em um tom provocativo: — A que te deixa todo afogado de *sentimentos*.

Nossa, até que ele estava fazendo sentido. Como é que ele estava fazendo sentido?

— Melhor seguro do que arrependido, cara — ele disse, encolhendo os ombros.

— Você tem razão — falei.

Ele deu uma piscadela.

— Eu sei.

— Quer dar um passo pra trás, Gibs? — rosnei, nervoso, parado no corredor das camisinhas na farmácia. Ele estava tão perto de mim que eu podia sentir seu queixo apoiado no meu ombro. — Você está respirando no meu pescoço, caralho!

— Por que eles fazem isso? — ele perguntou, sem se perturbar. Ele deu a volta em mim e pegou uma caixa retangular cor-de-rosa na prateleira de baixo. — Por que é que eles colocam testes de gravidez perto das camisinhas?

— Não faço ideia. — Dei de ombros. — Mas fazem isso em todos os lugares.

— Bem, significa que eles não confiam muito no produto, né? — ele continuou, balançando o teste na mão. — É tipo "ei, embrulhe seu pau, compre um lubrificante, use até um anel peniano pra variar um pouco e se divertir muito, mas caso a camisinha falhe, você sabe aonde ir pra confirmar que sua vida acabou". — Ele revirou os olhos. — Acho que é uma péssima estratégia de marketing.

— Não é uma estratégia de marketing, cara — murmurei baixinho. — É só pela conveniência.

— Aqui tem mais — ele resmungou, pegando uma caixa de testes de ovulação na prateleira de cima. — Estamos prevenindo bebês, confirmando bebês ou planejando bebês? — Sua voz subiu de indignação. — Qual dessas opções? Todas as três? Que porra é essa, Johnny?

— *A gente* está prevenindo bebês — esbravejei, pegando um pacote de doze camisinhas extrasseguras. — Essas outras merdas não são pra gente, então guarde esses testes e sai daí, seu idiota!

— Eu deveria fazer uma sugestão pra eles sobre como *não* traumatizar os clientes do sexo masculino.

— Faz isso, Gibs — respondi fracamente com as camisinhas na mão. Segui para a frente da loja e desviei de uma mulher com uma ninhada de crianças pequenas aglomeradas nas suas pernas. — Com certeza vão te ouvir.

— Tomara que sim — Gibsie disse, se colocando ao meu lado.

— Oi, Jonathan — a mulher disse. — Oi, Gerard.

Virei para ela e lamentei internamente quando a ficha caiu.

Meu Deus, por que eu?

— Como vai, senhorita? — falei, discretamente escondendo o pacote de camisinhas atrás das costas.

— Ah, oi, sra. Moore — Gibsie ronronou com aquele tom que ele usava quando estava flertando, me obrigando a reprimir um calafrio. *Ele claramente tinha uma queda por mulheres mais velhas.* — Você está adorável como sempre.

— Bem, obrigada, Gerard — nossa orientadora educacional respondeu. — Que surpresa encontrar vocês dois na farmácia em um domingo à noite. — Ela sorriu para nós. — Pensei que vocês estariam correndo em algum campo atrás de uma bola.

— Uma bola de rúgbi — corrigi baixinho. — E a gente estava mesmo, mas viemos...

— Comprar camisinhas — Gibsie completou para o meu horror. Então deu um passo adiante e gesticulou para as cinco criancinhas. — Algo que seu marido claramente não costuma usar.

— *Cara* — sibilei, mortificado. — Me desculpa, sra. Moore — falei depressa, sentindo o rosto queimar. — Ele não tem filtros.

— Estou bem ciente — ela respondeu, felizmente abrindo um sorriso. — Bem, vou deixar vocês em paz, e a gente se vê amanhã na escola.

— Até amanhã na escola. — Me encolhendo, agarrei a nuca de Gibsie, dei a volta nas ruivinhas idênticas e o arrastei em direção ao caixa. — Vamos, imbecil — falei na orelha dele. — Antes que você cause mais estragos.

— Ah, e meninos... — a sra. Moore disse atrás de nós.

— Sim?

— Se precisarem de alguém pra conversar... — Franzindo as sobrancelhas, ela gesticulou para o teste de gravidez que Gibs ainda estava segurando e continuou: — Minha porta está sempre aberta.

— Hum, está certo. — Soltei uma risada nervosa e cutuquei as costelas de Gibsie com o cotovelo. — Estamos bem.

— Que porra foi essa, cara? — ele grunhiu, esfregando as costelas.

— Larga isso — falei, ainda sorrindo feito um maníaco para a nossa professora.

— Ah, não estamos grávidos — ele soltou, rindo e finalmente entendendo. Dando de ombros de um jeito despreocupado, ele atirou o teste em uma cesta de amostras de maquiagem ao lado. — Ah, merda, desculpa... — Ele voltou a pegar o teste e o ofereceu para ela. — Você quer?

Aff.

— Meu Deus. — Esfregando o queixo, me virei e saí andando, seguindo para o caixa com apenas um objetivo: pagar e me afastar daquele lunático o máximo possível.

— Boa tarde — a atendente de meia-idade falou quando coloquei as camisinhas no balcão à sua frente.

— É — murmurei, estremecendo quando ouvi Gibsie falando animadamente com a sra. Moore alguns metros atrás de mim. — Posso pegar uma sacola?

— Tem certeza que precisa? — ela perguntou, passando as camisinhas no leitor. — São mais cinquenta centavos.

— Tudo bem, só me dê a sacola.

— Belezinha — ela respondeu, me oferecendo uma sacola plástica. — São 13,14 euros, por favor.

— Obrigado. — Saquei a carteira, entreguei a ela uma nota de vinte e peguei a caixa.

— Qual o problema? — ela perguntou depois de um minuto e meio.

— Nada.

Eu não estava conseguindo abrir a sacola.

Eu não estava conseguindo abrir a porra da sacola!

Minhas mãos estavam suando e transpirando pra caralho, o que era ridículo, porque eu já tinha comprado camisinhas antes — com frequência. Certo, já tinha um tempo que eu não fazia isso, mas ainda assim...

Seis longos meses.

Ah, meu Deus, torci para que isso não fosse ser uma novidade para mim.

Será que eu estava perdendo o jeito?

Eu não conseguia abrir a porra de uma sacola.

Puta merda.

Será que seria assim com tudo agora?

— Quer uma mãozinha? — ela perguntou pela terceira vez.

— Eu consigo, moça — falei, nervoso, provavelmente assustando a pobre atendente. — Eu *consigo* — repeti com uma voz mais calma. — Só estou sem prática.

— Sem prática de fazer *compras*? — ela perguntou, franzindo o cenho.

— De muitas coisas — murmurei baixinho antes de finalmente abrir a sacola. — Está vendo? — Sorri, vitorioso, segurando as camisinhas em uma das mãos e a maldita sacola aberta na outra. — Eu *consigo*.

— Consegue, sim — ela falou, fazendo um joinha encorajador.

Jesus...

44

TÉRMINOS E FLEXÕES

Shannon

Em um mundo onde tudo estava mudando na velocidade da luz, eu podia confiar que uma coisa permaneceria a mesma, e essa coisa era a antipatia flagrante entre Lizzie e Gibsie. Todos os dias no almoço, durante as quase duas semanas desde que voltamos à escola, eles lançavam comentários e observações sarcásticas um para o outro. Alguns bem cruéis. Outros engraçados. E outros totalmente nojentos.

Eu não conseguia entender qual era o problema entre eles, e mesmo que Lizzie fosse uma das minhas melhores amigas, eu tinha que admitir que ela era a orquestradora de todas as discussões. Ela parecia encontrar problema em tudo que Gibsie fazia. Ele respirava pesado demais, ou mastigava alto demais, ou ocupava espaço demais na mesa. Não importava o que

Gibsie fizesse ou deixasse de fazer; Lizzie *sempre* encontrava defeitos nele.

No almoço de quinta-feira, a tensão borbulhando entre eles chegou a um ponto de ruptura, e eu estava seriamente repensando nossos arranjos de assentos, imaginando se seria melhor nos sentarmos na nossa antiga mesa. Pelo menos eles ficariam bem longe um do outro. A única coisa que me mantinha na mesa do rúgbi era o garoto com o braço no meu ombro.

Eu não conseguia olhar para Johnny com muita frequência; isso simplesmente não era bom para o meu pobre coração. Eu tentava apenas respirar e ser normal, focar em qualquer coisa que não fosse ele, porque eu sabia que, se pensasse muito sobre como era bom ter seu enorme corpo pressionado contra o meu, ou como ele me fazia tremer quando se inclinava para sussurrar algo no meu ouvido, e como ele distraidamente acariciava meu braço com o polegar enquanto ria e brincava com os amigos, eu explodiria em chamas.

O pai de Johnny estava em Dublin e sua mãe estava com ele, então eles chegariam em casa tarde esta noite, por isso Johnny me convidou para ir lá depois da escola hoje. Eu queria ir mais do que tudo, mas estava uma pilha de nervos pensando na tempestade que eu sabia que enfrentaria quando voltasse para casa. Eles já estavam furiosos comigo por pegar carona na ida e na volta da escola com ele, então eu sabia que encontraria uma guerra, intensificada pelo fato de que meu pai deveria ser dispensado da Brickley House a qualquer momento. Tentei não

pensar muito nele, sabendo que isso me provocava ataques de pânico paralisantes. Assim, me concentrei nos aspectos positivos da minha vida: nos meus amigos, nos meus irmãos e principalmente em Johnny. Mas nem a ira da minha mãe ou o medo do meu pai me impediriam de ir à casa dos Kavanagh. Para ser sincera, não tinha certeza se alguma coisa poderia me impedir. Eu estava desesperada para passar um tempo sozinha com ele. Ele fazia eu me sentir segura e desejada, e eu estava grudada nessa sensação como se fosse cola.

— Você é assim tão burro mesmo? — O rosnado agudo de Lizzie cortou meus pensamentos, me fazendo quase pular de susto.

— Você está bem? — Johnny perguntou, se virando para mim.

— Estou — falei, resistindo à vontade de levar a mão ao peito. — Só não estava esperando isso.

— Ignora eles — ele sussurrou, retomando o carinho no meu ombro.

— Está falando sério? — Lizzie continuou, fuzilando Gibsie com o olhar, que estava sentado na minha frente. — Ou é só mais uma piadinha besta?

— Relaxa — Gibsie bufou, cruzando os braços. — Só estava fazendo uma pergunta.

— Bem, faça perguntas boas então — Lizzie retorquiu, enfiando uma garfada de salada na boca. — E não perguntas boçais que te fazem parecer mais boçal do que você já é.

— "Boçal" não existe — Gibsie zombou, depois olhou para Johnny buscando suporte. — Né, cap?

— Existe, sim, cara — Johnny respondeu, se mexendo desconfortavelmente.

Gibsie o encarou sem expressão.

Johnny suspirou.

— Está certo, Gibs.

— Como está *certo*? — ele perguntou. — Que burrice.

Johnny encolheu os ombros.

— Não fui eu que fiz as regras.

— Talvez essa palavra tenha sido colocada no dicionário pra descrever você — Lizzie disse secamente. — Exemplo: Gerard Gibson é mais boçal do que qualquer pessoa que eu já conheci.

— Chega. — Gibsie empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Vou chamar o Padre McCarthy pra intervir em seu favor. Você precisa de um exorcismo e de Jesus.

— E você precisa ser institucionalizado — Lizzie retrucou, com as narinas dilatadas. — Idiota.

— O mundo não é seu saco de pancadas — Gibsie rugiu de volta, furioso. — Não sei quem te falou o contrário, mas te deram um péssimo conselho.

— Gerard... — Claire, que estava sentada ao lado dele, começou, mas Gibsie não cedeu.

— Não, Claire, estou de saco cheio dela — ele rosnou, pegando a mochila. — Você é cruel, Lizzie Young, e me surpreende que tenha conseguido duas garotas decentes pra chamar de amigas.

— Te surpreende? — Lizzie retorquiu em um tom sarcástico. — Nossa. Que palavra bonita, Gibs. Consegue

soletrar?

— Sabe de uma coisa? — Colocando a mochila no ombro, ele a olhou com uma expressão de pura repugnância. — Vai se foder, Lizzie. — Depois, saiu do refeitório furioso e com o rosto vermelho.

— Está satisfeita agora? — Johnny perguntou, encarando Lizzie. — Isso fez você se sentir bem? Diminuir ele desse jeito?

— Ele já está bem grandinho — ela respondeu na defensiva. — Vai superar.

— Ele é disléxico! — Johnny falou. — E você fez ele sentir que tinha sessenta centímetros de altura na frente de metade da escola.

Os olhos de Lizzie cintilaram de surpresa e suas bochechas coraram.

— Eu não sabia disso.

— Bem, agora você sabe! — Pressionando um beijo rápido na minha bochecha, Johnny empurrou a cadeira e disse: — Te vejo depois, Shan. — E saiu atrás de Gibsie.

— Você precisava fazer isso com ele? — Claire sibilou. — Foi cruel.

— Ele também faz isso comigo — Lizzie respondeu, ainda corada. — E eu não sabia que ele é disléxico.

— Não devia importar — Claire disse. — Não se fala assim com ninguém. — Ela se levantou da cadeira e acrescentou: — E tem um monte de coisa que você não sabe sobre ele, então não o julgue assim tão rápido.

— Eu não sabia — Lizzie murmurou, se virando para mim quando Claire saiu.

— Acredito em você — falei. E acreditava mesmo. — Mas...

— Mas?

— Sei que você e Gibsie não se dão bem e tudo certo, mas só... fiquem longe um do outro e não sejam tão cruéis. Acho que você realmente magoou ele.

— É, bem, ele vive magoando os outros — Lizzie sibilou, se tornando a quarta pessoa a se levantar da mesa.

— Bem, isso escalou rápido — Hughie comentou calmamente.

Soltei um suspiro trêmulo.

— Pois é. — Eu também me levantei e peguei a mochila. — Vejo vocês depois, gente.

— Tchau, Shan — eles falaram enquanto eu me afastava da mesa, tímida demais para ficar ali sem Claire, Lizzie e Johnny.

Ajeitando a mochila nos ombros, segurei as alças e me esgueirei no corredor lotado seguindo para o banheiro, mas parei no meio do caminho quando vi Bella parada na porta.

— Vadia — ela soltou, estreitando os olhos para mim.

Desviando de um grupo de garotos, ignorei-a e corri para longe do banheiro, entrando no santuário da área comum do terceiro ano. Fiquei aliviada ao vê-la vazia. Deixei a mochila cair no chão perto da mesa, caminhei até a cozinha e liguei a chaleira. Então me assustei com alguém fungando alto na poltrona e me virei.

— Lizzie? — Minhas sobrancelhas se ergueram de surpresa quando me deparei com ela jogada na poltrona. Abandonei a chaleira e me aproximei dela. — Você está bem?

— Estou — ela sussurrou, limpando as bochechas.

Ela claramente não estava nada bem.

Me sentei na poltrona à frente, apoiei os cotovelos nos joelhos e lhe ofereci um sorrisinho.

— Quer conversar?

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Eu... — Hesitei, mas estiquei o braço e peguei sua mão. — Tem certeza?

— Vou ficar bem, Shan — ela disse, abaixando a cabeça para que eu não a visse chorando. — De verdade.

— Eu sei — falei, apertando sua mão de leve. — Mas não tem problema se você não estiver bem agora.

— É que estou sempre brava — ela confessou, mantendo a cabeça baixa. — Não consigo.

Tomando cuidado para não pedir mais do que ela estava disposta a dar, fiquei em silêncio e continuei segurando sua mão. Eu sabia por que ela estava sempre brava com o mundo e não a culpava.

— Está chegando, né? — enfim tive coragem de perguntar. — O aniversário da sua irmã?

Afastando a mão, ela se afundou na poltrona e assentiu rigidamente.

— É no final do mês.

Soltei um suspiro trêmulo.

— É difícil.

— Não existe justiça no mundo — ela declarou.

— Não mesmo — concordei com tristeza.

— Eu odeio essa porra de escola, Shannon. Odeio aquele time e tudo o que eles representam.

Meu coração murchou.

— Gibsie te lembra dele?

Lizzie estremeceu.

— Não consigo evitar. Toda vez que olho pro Gibsie, eu vejo *ele*.

— Eles não são a mesma pessoa, Liz — falei baixinho. — Gibsie não é o Mark.

— Tá bom, Shan — ela disse fracamente. — Não quero falar disso.

— Certo. — Juntei as mãos e estudei sua expressão fechada. — Pelo menos você e Pierce estão bem?

— Não — ela confessou, com os olhos se enchendo de lágrimas de novo. — Está tudo uma bagunça.

— Por quê?

— Porque não consigo *superar* — ela fungou. — Não consigo deixar pra lá, não consigo lidar com isso. Estou presa e fico afastando as pessoas. — Soltando um rosnado furioso, ela enxugou os olhos e se levantou bruscamente. — Não importa. Pierce pode ir se foder se quiser. Não vou segurar ele e obrigar ele a ficar. Se ele quiser terminar, a gente termina.

— Lizzie...

— Não quero mais conversar — ela me interrompeu. — Não *consigo*.

— Está bem. — Fiquei de pé e abri um sorriso largo. — Não precisamos conversar.

Ela relaxou de alívio.

— Obrigada.

— Que horas seus pais vão voltar? — perguntei sem fôlego.

— Só mais tarde — Johnny respondeu. Notei uma gota de suor descendo pela sua sobrancelha. — A gente vai pra lá de novo?

— Sim. — Suspirei. — Tem certeza que não tem problema se eu for?

— Cem por cento. — Ele se mexeu embaixo de mim, movendo as mãos. — Está bom?

Estremecendo, fiz que sim.

— Está.

— Paradinha — ele instruiu. — Não dobra o corpo.

— Eu não vou dobrar — respondi. Dei risada quando seus dedos tocaram uma parte particularmente sensível da minha coxa.

— Vamos, baby — ele grunhiu, todo ofegante embaixo de mim, com os braços travados firmemente no meu corpo.

Notei o sorriso em sua voz, mas sabia que isso era importante, então tentei ficar séria.

— Desculpa, desculpa — falei, tentando conter uma risadinha. Respirei fundo, contraí o corpo na posição e falei: — Certo, sr. Músculos, pode ir.

— Um, dois, três... — Suas palavras se interromperam, e eu fui erguida no ar, fiquei assim por um momento e então fui abaixada. O movimento era fácil, pois ele o repetiu várias vezes.

— Você está bem? — ele perguntou um pouco sem fôlego e com a voz rouca, sem parar de erguer meu corpo para cima e para baixo.

— Tudo certo — falei, perfeitamente imóvel.

— Vou mais rápido agora — ele avisou, me segurando com mais firmeza. — Avise se for demais.

— Eu aguento — eu disse, me sentindo um pouco desequilibrada e zonza.

— Que porra é essa? — A voz de Gibsie perfurou os grunhidos e a respiração pesada.

Assustada, me virei para onde ele estava, parado a alguns metros de nós com um sorriso enorme no rosto.

— Se importa? — Johnny falou, sem quebrar o ritmo. — Estamos no meio de algo aqui.

— Ouvi falar de caras que usam itens domésticos como pesos improvisados — Gibsie disse, coçando o queixo, enquanto seu olhar se arrastava sobre nós. — Mas usar a Shannonzinha de barra é novidade, Johnny.

— Os pais dele não estão aqui e trancaram a garagem — expliquei, sentindo o rosto arder de vergonha. — A gente só estava improvisando.

— Vocês têm a casa toda pra vocês e estão treinando? — Gibsie comentou em um tom divertido. — E depois as pessoas falam que eu que sou estranho... — Ele abriu a porta e entrou na sala. — Cuidado. Você ainda não foi liberado, capitão.

— Membros superiores — Johnny murmurou, com a mandíbula cerrada de concentração, me levantando para cima e para baixo.

— Isso — falei depressa. — Olha, a gente não está tocando nada abaixo da cintura, o que é permitido.

As sobrancelhas de Gibsie se ergueram e seu sorriso se acentuou.

— É mesmo?

Johnny soltou o que pareceu um rosnado sofrido.

Tentei assentir, mas era impossível, considerando que ele ainda estava me levantando para cima e para baixo.

— Porra, acho que eu devia botar uma música pra entrar no *clima* — Gibsie falou, nos fazendo olhar para ele.

Franzi o cenho.

— Hã?

— Ah, não pra vocês — ele explicou. — Pra mim. Estou ficando duro só de olhar.

— Meu Deus do céu, Gibs — Johnny berrou, me colocando no seu peito, de modo que fiquei esparramada em cima dele. — Qual o seu problema?

— Sei lá — ele falou, se jogando na poltrona. — Estou me sentindo bem confuso. Mas, por favor, continuem. Quero ver onde isso vai parar.

— Eu vou, hum... ao banheiro — eu disse, me contorcendo e ficando de quatro.

O que não foi a melhor ideia, considerando que eu estava em cima de Johnny. Para o crédito dele, ele estava tão desconfortável quanto eu. Suas mãos se moveram automaticamente para a minha coxa enquanto ele se sentava.

— Vou levar você pra ver a orientadora — ele falou para Gibsie, com as mãos ainda nas minhas coxas. — Sério, cara.

Você está ficando fora de controle.

— Posso ir? — perguntei, dando tapinhas nas mãos dele para que ele me soltasse. — Preciso muito fazer xixi.

Gibsie deu risada e Johnny apertou minhas pernas antes de me liberar.

— Leve o tempo que quiser — ele disse com os olhos fixos em Gibsie. — Preciso dar uma palavrinha com meu amigo aqui.

Fiquei de pé, desajeitada, e disparei para a porta. Depois hesitei e me virei.

— Ei, Gibs!

— Sim, Shannonzinha? — ele respondeu, sorrindo carinhosamente para mim.

— Por que você faz isso? — perguntei, divagando.

— Isso o quê?

— Me chama de Shannonzinha.

— Porque você é pequena. — Ele deu risada. — E seu nome é Shannon. — Ele deu de ombros. — Shannonzinha.

Faz sentido.

— Bem, eu só queria saber se você está bem... — Me mexendo desconfortável, entrelacei as mãos. — Depois do que aconteceu no almoço hoje.

— Tudo bem — ele falou, ainda sorrindo. — Não se preocupe.

— Certo. — Dei de ombros, impotente, e acrescentei: — Mas, só pra constar, eu te acho muito inteligente.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Eu?

— Você — confirmei baixinho antes de sair da sala.

45

NERVOSINHO

Johnny

— Cara, acho que eu amo a sua namorada — Gibsie declarou quando Shannon saiu da sala. — É estranho, né?

— É estranho *você* me dizer que ama a minha namorada — eu disse, ficando de pé. — E perigoso.

— Você sabe o que eu quis dizer. — Ele deu risada, erguendo as mãos. — Só estou falando que ela é uma garota bem legal e eu gosto dela. — Coçando a mandíbula, ele ficou me olhando de um jeito pensativo por um longo tempo antes de acrescentar: — Você mandou bem.

— Ela é mesmo. — Franzindo o cenho, peguei a garrafa d'água na mesinha de centro. — E obrigado... acho.

— Ainda estou tentando entender como você foi de Bella pra Shannon. — Dando de ombros, ele disse: — Elas são como a noite e o dia, cara.

Nem me lembre. Abri a garrafa e sequei seu conteúdo antes de perguntar:

— E aí, você está mesmo bem?

— Sim, estou ótimo — ele grunhiu, finalmente tirando a máscara. — Só não entendo qual é o problema daquela garota comigo, cara.

— Você já ofendeu ela? — perguntei, pois eu também não entendia. — Xingou ela ou falou alguma coisa?

— A minha *existência* é ofensiva pra ela, Johnny — ele retorquiu, bufando. — Então eu diria que sim, ofendo ela só de acordar de manhã.

— Também não sei qual é a dela, cara — falei, dando de ombros. — Acho que ela tem sérios problemas.

— Todos temos problemas. Mas nem todo mundo sai descontando nos outros.

— Verdade.

— Estou de saco cheio dela. Sério. Não ligo se ela é amiga da Claire. Cansei de passar pano.

— Nunca achei que você devia tolerar isso, independente de quem é amiga dela. Ensine as pessoas como elas devem te tratar impondo seus limites, cara. Se você deixar passarem por cima de você, vão achar que está tudo bem.

— Eu só sinto pena por todas aquelas coisas que aconteceram com a irmã dela uns anos atrás — ele murmurou. — Mas tudo tem limite.

— Lizzie tem irmã? — Franzi a sobrancelha. — Não sabia. — Curioso, perguntei: — O que aconteceu com ela?

Gibsie piscou depressa.

— Você não sabe?

— Não. — Estreitei os olhos. — O que é que eu não sei?

— Não posso falar nada sobre isso — ele murmurou. — Eu literalmente jurei segredo.

— Qual é, cara. Sou eu. Pra quem é que eu vou contar?

— Olha, aconteceu antes de você se mudar pra cá. É tudo o que vou te dizer.

— Gibs...

— Confia em mim, você não vai querer saber de nada disso — ele falou. — Juro.

Fiquei pensando por um instante, refletindo sobre as merdas que estavam acontecendo na minha própria vida, o drama com o qual eu estava lidando com a família de Shannon, e decidi que ele tinha razão. Eu não me importava o suficiente para ficar me intrometendo na vida de Lizzie Young. Eu tinha meus próprios problemas para cuidar e ela era a amiga temperamental da minha namorada que eu mal suportava, mas ficava quieto pela Shannon.

— Você está certo. Não quero saber.

Gibsie assentiu em aprovação.

— Que bom. — Suas sobrancelhas se enrugaram por um breve instante antes de relaxarem e um sorriso se espalhar pelo seu rosto. — Então, você e a Shannon estavam malhando, hein?

— Sim — respondi, olhando-o com cautela sem saber o que viria a seguir, mas sabendo que não seria nada de bom. — O que que tem?

— Nada. Além do óbvio.

— Que é...?

— Você tem a casa toda pra vocês, e Shannon está aqui, e em vez de aproveitar, fica jogando ela pra cima e pra baixo feito um saco de areia.

— Eu sei por quê — falei. — Estou indo com calma.

— Hum. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Quebraram seus instintos na cirurgia? Sabe, que nem quando castram um cachorro e ele não sente mais os cheiros? Porque o Johnny que eu conheço não desperdiçaria uma oportunidade tão rara.

— Eu não fui castrado, seu babaca insensível — falei, indignado. — E meu esperma está ótimo. Eles verificaram! — *Duas vezes*.

— Então tem alguma coisa errada com você — Gibsie retrucou na mesma hora. — Porque aquela garota é insanamente gostosa e você só pensa em rúgbi.

— Ei — avisei, nervoso. — Não chama minha namorada de gostosa.

— Por que não? *Você* não acha?

— Claro que acho — cuspi. — Acho ela gostosa pra caralho.

Ele agitou as sobrancelhas.

— Ah, é?

— É. Mas a questão não é essa. — Aturdido, balancei a cabeça e apontei para ele. — *Você* não pode dizer que ela é gostosa. — Estreitei os olhos. — Mantenha os olhos longe dela.

— Bem, só falei a verdade. — Ele deu risada. — Não sou cego, cara.

— Você *olha* pra ela? — perguntei, perplexo. — Pra *minha* Shannon?

— *Sua Shannon* — ele zombou. — Sim, olho, e não só eu. Todo mundo olha pra ela. E aparentemente você também só faz isso.

— Está tirando com a minha cara? — perguntei, furioso.

— Não.

— Quem é todo mundo?

Ele deu de ombros.

— Eu, Feely, Hugh, Danny Mac, Luke, Pierce, Donal...

— Bem, pois parem de olhar pra ela desse jeito! — rugi, lívido. — Meu Deus!

— Só estou falando que ela é gata e todos nós temos olhos. O que não significa que fico me imaginando pelado em cima...

— Se terminar essa frase, vou arrancar a sua cabeça — ameacei. — Estou te avisando.

— Está ficando irritado, Johnny? — Ele deu risada, arqueando a sobrancelha. — Hein? Está ficando nervosinho, cara?

— O que está parecendo? — rosnei, sem me dar ao trabalho de negar.

— Perfeito. — Se levantando da poltrona, Gibsie sorriu. — Agora que percebemos que a testosterona ainda está correndo pelo seu sangue, vai fazer algo produtivo com a sua namorada. — Ele se dirigiu para a porta. — E nada de ficar de mãozinha dada — ele acrescentou. — Você não tem doze anos, Johnny, e ela também não.

— Dá o fora daqui, porra — falei com a mandíbula cerrada.

— Ah, e se você ainda estiver em dúvida sobre a penetração total, recomendo fortemente seguir a rota de ressuscitação boca a buceta.

— Meu Deus do céu, Gibs!

— Tem um visual incrível e é bem recompensador. — Ele deu uma piscadela. — Ganha-ganha, cara.

— Vaza daqui. — Apontei para a porta. — Agora mesmo, ou você é que vai precisar ser ressuscitado.

— Ui, cap — Gibsie respondeu com uma saudação antes de sair correndo da sala.

— Isso, é melhor correr, cuzão — vociferei atrás dele, com o peito pesado. — Porque, quando eu estiver cem por cento, vou te estrangu...

— Você está bem? — Shannon perguntou, aparecendo na porta, parecendo agitada e insegura.

— Não — declarei, com o peito carregado de uma mistura de raiva e luxúria enquanto meus olhos percorriam seu corpo, absorvendo-a.

Ela estava tão linda parada ali com aquela legging preta, meias fofinhas e camiseta branca enorme que tinha colocado depois da escola. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo alto, seu rosto estava sem maquiagem — e sem hematomas — e eu nunca tinha visto nada tão perfeito.

Eu estava arruinado.

Eu tinha me ferrado fenomenalmente e não conseguia sair. Estava todo mergulhado nela — com meu coração, cabeça,

corpo, bolas... *todas* as minhas partes estavam entregues a aquela garota de todo o coração. Parecia que ela estava na minha vida fazia um século. Era como se eu nunca tivesse conhecido outra coisa além de Shannon. Ela era meu primeiro amor, e isso era assustador pra caralho. Estar com ela era uma obsessão que ameaçava me consumir diariamente. Eu tinha que trabalhar duro para manter a cabeça no lugar, mas lembrar de manter os pés no chão e a cabeça fora das nuvens era difícil quando aquela garota me derrubava com apenas um olhar. Ela me envolveu em nós infantis, ilógicos e irracionais, e um novo nó se prendia ao meu coração a cada dia que passava. Eu estava perdendo completamente o controle e isso era um problema, meus sentimentos por ela eram um problema sério porque eram fortes demais, intensos demais, e fediam a permanência. Em outras palavras, eu estava completamente ferrado.

— Não estou bem — declarei, passando a mão pelo cabelo de frustração.

— O q-que houve? — ela sussurrou com os olhos arregalados. — Você está dolorido?

— Não, não é isso...

Parei de falar e soltei um grunhido de sofrimento. Seus olhos cravaram buracos tão fundos em mim que eu tive que desviar o olhar antes de me perder completamente naquela garota. Era demais. *Ela* era demais.

— O que foi? — ela perguntou, se aproximando de mim com cautela. — Johnny, o que houve? — Sua mãozinha tocou meu braço de um jeito hesitante, e a sensação da sua pele na minha ateou fogo no meu corpo. — Pode falar comigo — ela

acrescentou baixinho, e o cheiro do seu perfume invadiu os meus sentidos. *Meu Deus, me ajude.* — Pode me contar qualquer coisa.

— O que você quer de mim, Shannon? — falei, me sentindo incrivelmente vulnerável, encarando a única garota que já amei.

Eu precisava que ela me dissesse o que fazer. Ela precisava ditar o ritmo, porque eu ficava fraco perto dela, e eu precisava demais do que ela estivesse pronta para me dar. Gibsie tinha fodido com minha cabeça e, agora, minha mente estava presa no modo animalesco. Eu a queria tanto que não conseguia nem pensar direito. Saber que estávamos sozinhos só tornava tudo um milhão de vezes mais intenso.

— Como assim? — ela perguntou, temerosa.

— De mim — repeti, com o coração acelerado. — Disso? — Dei de ombros, impotente. — Da nossa relação. O que você quer de *mim*?

— Sinceramente?

Assenti.

— Sempre.

— Tudo — ela sussurrou, me olhando nos olhos. — Especialmente as partes quebradas.

Ah, merda.

Ela estava devolvendo minhas próprias palavras e isso acabou comigo.

Eu estava completamente destruído.

Eu soube disso assim que meus lábios se chocaram contra os dela. Eu soube quando a levantei e senti suas pernas se

prendendo firmes na minha cintura. E soube especialmente quando a carreguei para o meu quarto, incentivado pelos seus gemidos enquanto ela me beijava de volta com a mesma ferocidade. Quando chutei a porta do quarto, não senti nenhuma dor. Ela foi abafada pela vontade desesperada que eu tinha de sentir sua pele na minha. Meus joelhos bateram na base da cama, nos fazendo cair no colchão.

— Merda — grunhi, tentando me erguer sobre os cotovelos para não a sufocar. — Te machuquei?

— Não fala — Shannon implorou, me envolvendo como uma trepadeira e puxando meu corpo de volta para si. — Não para.

Acho que não poderia parar nem se quisesse. E eu definitivamente *não* queria.

— Tem certeza? — me obriguei a perguntar mesmo assim. Meu coração estava batendo tão forte que eu sabia que ela podia sentir. — Podemos parar...

Minhas palavras foram interrompidas quando ela arrastou meu rosto para o dela e me beijou com força.

— Ou talvez não — soltei, mergulhando mais fundo no nosso beijo, mais fundo *nela*.

Eu adorava quando ela agarrava meu pescoço com aquelas mãozinhas, como uma gatinha mostrando e recolhendo as garras, deixando marcas com as unhas que ficavam em mim por dias.

Shannon levantou minha camiseta, que eu ajudei a tirar e joguei longe, afastando meus lábios dos dela por um milissegundo. E então suas mãos estavam em mim, tocando e

pressionando minha pele nua, com as unhas cravadas na minha carne, enquanto ela roçava o corpo contra o meu quase fervorosamente.

Mais duro que nunca, eu esfreguei o pau nela, gemendo toda vez que seu quadril me encontrava no meio do caminho, rebolando. Sua pele estava quente e corada, seu corpo tremia sob o meu, e ela me deixava meio louco de desejo.

— Johnny? — ela falou, pressionando as mãos no meu peito. — Pode levantar um segundinho?

— Merda. — Recuei mais rápido que uma bala em movimento. — Fui longe demais? — perguntei, ofegante, ajoelhado entre as suas pernas. — Quer parar?

— Não. — Balançando a cabeça, ela se sentou e segurou a barra da camiseta. — Não quero que você pare.

Meu coração martelou violentamente e meu pau ficou apertado sob a roupa.

— Shan, você não precisa...

Ela tirou a blusa e meus olhos imediatamente se voltaram para seus peitos. Com o pomo de adão oscilando, eu a observei colocar as mãos para trás e desabotoava o sutiã. Dolorosamente devagar, ela deslizou as alças e jogou o sutiã no chão.

— Oi — ela sussurrou, revelando os seios.

— Oi. — Engoli em seco, tentando desesperadamente manter contato visual com ela e não deixar meu olhar vagar para os peitos perfeitos. Meu Deus, eles eram tão empinados, com mamilos pequenos em forma de botão de rosa, enrugados e rígidos! — Você é tão linda — falei, desistindo da luta e me fartando de vê-la. — Nem sei o que dizer.

A cicatriz que parecia recente entre a lateral do seu torso e o seio direito chamou minha atenção e eu congelei, sentindo como se tivesse levado um banho de água fria.

— O que foi? — Shannon perguntou, percebendo minha reação. — O que houve?

Lutando contra um tsunami de raiva, toquei a cicatriz com a ponta dos dedos.

— Está doendo?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Nem sinto mais.

Bem, eu senti, mais fundo e mais intensamente que pensei ser possível. Não conseguia tirar os olhos dela. Foi assim que a salvaram. Foi assim que os médicos a ajudaram a respirar quando aquele maldito quase tirou a vida dela.

— Johnny, não pense nisso — Shannon pediu. — Não olhe pra mim e veja meu pai.

— Não estou fazendo isso — eu disse, tentando controlar as emoções.

— Está, sim — ela retorquiu, trêmula. — Estou vendo nos seus olhos.

— Não estou fazendo de propósito — admiti, curvando os ombros. — É difícil pra mim saber o que ele fez com você e saber que ele vai sair a qualquer momento. Saber que eu não posso consertar as coisas pra você.

— Não estou pedindo pra você me consertar — ela sussurrou, estremecendo. — Estou pedindo pra você ficar comigo.

— Eu estou.

— Sem sentir pena de mim — ela acrescentou, com os lábios tremendo. — E sem olhar pra mim como se eu estivesse quebrada.

— Shannon, não estou fazendo isso — falei depressa, mas era tarde demais; ela já estava fora da cama pegando a camiseta.

— Não importa.

Merda...

— Ei, ei, ei... — Me levantando atrás dela, afastei a camiseta. — Só me ouve primeiro e, depois, você pode colocar a roupa — eu disse com a voz rouca e carregada. — Por favor?

Tremendo, ela cobriu o peito com as mãos e assentiu.

Suspirando de alívio, continuei:

— Estou apaixonado por você...

— Johnny...

— Não, não, por favor, escuta — pedi antes de seguir em frente. — Estou *apaixonado* por você, Shannon. Sou completamente viciado em você, então quando você está magoada, isso me afeta. Me *machuca*. Não posso fingir que não. — Ela estremeceu e se aproximou de mim. — Mas não significa que estou com você por *pena*... — Coloquei o braço nas suas costas nuas e a puxei até que ela estivesse colada em mim. — Só significa que vou ficar chateado quando você estiver chateada, e que quando alguém te machucar, vou querer causar algum dano sério em troca. Estou com você, Shannon. Com cicatrizes e tudo. Com pai de merda e tudo. Cento e cinquenta por cento. — Passando a mão no cabelo sobre o seu ombro, puxei a ponta do seu rabo de cavalo, forçando-a a olhar para mim. — Sinto tudo por você — admiti,

tremendo com a pressão que aumentava dentro do meu peito toda vez que essa garota colocava os olhos sobre mim. — E estou te falando tudo isso com você parada aqui, a coisa mais sexy que já vi em toda a minha vida, rezando pra que você não me deixe, porque estou com um tesão enorme e vou levar uns minutos pra me acalmar e poder correr atrás de você.

Sua respiração ficou presa.

— Você me acha sexy?

— Olha pra mim, Shannon... — Recuando, gesticulei para a óbvia saliência nas minhas calças, tentando deixar a indignação fora da minha voz. — Olha o que você faz comigo. Você não entende? Você é sexy pra caralho, nem sei te dizer o quanto.

Ela corou.

— Sério?

— Sério — confirmei, puxando-a para mim. — Muito sério, Shan.

— Se eu tivesse um desses, ele também estaria assim — ela falou com as bochechas rosadas. — Por você, quero dizer. Porque eu sinto o mesmo.

— Hum, *obrigado*? — Dei risada, balançando a cabeça. — Não quero *nunca* pensar nessa cena, mas aprecio o sentimento, baby.

— Diga alguma coisa — ela falou, ofegante. — Por favor?

— Tipo o quê?

— Não sei. — Ela deu de ombros e relaxou os braços, ainda com as bochechas vermelhas. — Talvez algo que não seja sobre a minha cicatriz.

Então a ficha caiu e eu reprimi um gemido. Meu Deus, como eu era lerdo! Minha namorada estava ali, nua da cintura para cima, e eu a fiz se sentir insegura.

— Pode deixar. — Mantendo o braço em torno dela, a conduzi de volta para a cama e a coloquei no colchão. — Você me deixa louco — falei, subindo na cama e me posicionando entre as suas pernas. — Você é gostosa pra caralho. — Pousando um beijo na sua boca, corri os lábios pela sua mandíbula, salpicando beijinhos pelo seu pescoço até chegar aos seus seios. — E tem os peitos mais lindos que já vi.

Um arrepio percorreu o corpo de Shannon enquanto ela agarrava o edredom por baixo do corpo.

— São pequenos.

— São perfeitos — eu a corrigi depressa, contornando seu mamilo com a língua. — *Você* é perfeita.

— Johnny... — A respiração de Shannon ficou presa e ela arqueou as costas, se esfregando em mim.

— Gostou disso? — perguntei, beijando e sugando seu mamilo. — Hein?

— Não para. — Tremendo debaixo de mim, ela enfiou a mão no meu cabelo e o puxou. — É... ah, meu Deus...

— Então estou perdoado? — falei, me concentrando no seu outro seio. — Por ter ficado encarando sua cicatriz e não seu peito como deveria?

— Sim... — Ela assentiu vigorosamente. — Está... tudo... hum... perdoado...

Deixei uma trilha de beijos dos seus seios até suas costelas e seu umbigo, lambendo e mordiscando sua pele, então

cheguei ao cós da sua legging.

Para agora, ordenei a mim mesmo mentalmente. *Você já foi longe demais para um dia, babaca.*

Manifestando mais autocontrole do que me julguei capaz, fiz um desvio com a língua e voltei pelo seu corpo até que meus lábios encontraram os dela.

— Por que parou? — Shannon ofegou contra os meus lábios, envolvendo meu pescoço com os braços.

Jesus...

— Porque... — Abandonei as palavras, me concentrando nos seus lábios inchados e no seu sabor viciante. — Eu gosto de onde estamos. — Beijei-a de novo, dessa vez de um jeito mais suave. — Não quero botar pressão.

— Pressão?

— Sim, Shan. — Assenti e beijei seu nariz. — Não quero apressar as coisas com você. Quero que a gente respeite nosso tempo... que a gente faça os momentos importantes valerem a pena. — Me sentei, puxando-a comigo e colocando-a no meu colo. — Eu te quero, entendeu? — Envolvi o braço nas suas costas, pressionando sua carne contra a minha. — Muito. Nunca duvide disso. — Fiz carinho no seu cabelo por cima do seu ombro e a beijei gentilmente. — Só não quero olhar pra trás daqui a cinco anos e pensar que estraguei as partes importantes porque não fui paciente.

Um sorrisinho se espalhou no rosto de Shannon.

— O que foi? — Sorri de volta. — Qual a graça?

— Você disse daqui a cinco anos — ela sussurrou, apertando os braços em torno do meu pescoço.

— Eu já te falei que preciso de você pra sempre — respondi rispidamente. — Não existe data de validade pra gente.

— Uau. — Shannon soltou um suspiro trêmulo e abriu um sorriso radiante. — Você sempre diz as coisas certas, Johnny Kavanagh.

Sorri de volta.

— Quer ouvir mais uma coisa?

Ela fez que sim animadamente.

— Tenho uma ideia.

Ela inclinou a cabeça para o lado, me estudando com olhos atentos.

— Que tipo de ideia?

Dei risada.

— Vem... — Coloquei-a na cama e passei a camiseta para ela antes de pegar a minha. — Vou te mostrar.

— Que se dane! — Ela vestiu a camiseta, se levantou e sorriu. — Não tenho nada a perder.

Eu tinha.

Ela.

— Essa não é uma boa ideia — Shannon declarou meia hora depois, sentada no banco do motorista do meu carro no jardim, encarando o volante diante de si como se ele fosse uma cobra venenosa prestes a dar o bote. — Não é *mesmo* uma boa ideia, Johnny.

Contive uma risada e soltei o cinto de segurança. Só Deus sabia o que me deu para pensar que aquela era uma boa ideia,

mas já estávamos ali e eu ia seguir em frente. Além disso, eu sabia que ela era capaz. Ela só precisava de um pouco de confiança.

— Você consegue.

— Não. — Ela ergueu as mãos, impotente. — Não consigo.

— Consegue, sim — encorajei-a. — Já te expliquei. Você já entendeu como funcionam as marchas e estamos em um quintal enorme e vazio com ninguém à nossa volta. Você consegue.

— Não. Não. Sinceramente, não consigo! Não dá! — Seus olhos se arregalaram e ela se virou para mim. — Eu nem tenho carta. Nem de trator. Tenho dezesseis anos, Johnny, e esse carro é caro. Ah, meu Deus, vou acabar matando a gente!

— Não vai, não. Você vai arrasar.

— Até parece — Shannon disse. — Vou bater numa *árvore*, Johnny!

Sorrindo, me inclinei sobre o console, engatei a marcha e girei a chave na ignição.

— Bora.

— Ah, meu Deus, me ajuda! — Shannon gritou quando o motor ganhou vida abaixo de nós. — Isso é ruim. — Ela segurou no volante com os olhos esbugalhados e em pânico. — E se eu bater?

— Não bata — falei. — Agora coloque o pé na embreagem e eu troco as marchas pra você.

— Não me deixa morrer — ela implorou, enquanto eu colocava a primeira.

— Não vou deixar. — Dei risada. — Não fecha seus olhos, baby... — Estiquei o braço e afastei a mão do seu rosto. — Olha pra frente.

— Estou olhando, Johnny — ela gemeu. — Eu *vou* morrer!

— Não, Shan, você vai *viver*. — Dei risada de novo. — Agora vai soltando a embreagem devagar e pisando no acelerador com calma...

— Eu quebrei esse treco! — Ela chorou quando o carro parou. — Desculpa.

— Você não quebrou nada — eu disse, colocando o câmbio no ponto morto e me inclinando para girar a chave na ignição. — Vamos começar de novo. — O motor ganhou vida mais uma vez e eu repeti as mesmas instruções, trocando as marchas para ela. — Bom trabalho! — falei quando ela não deixou o carro morrer e começamos a andar. — Isso aí, Shan. Você está conseguindo, baby.

— Não sei, não, Johnny — ela murmurou, se sentando tão perto do volante que seu nariz estava beijando o para-brisa conforme o carro avançava lentamente. — Isso não é nada parecido com GTA.

***

Uma hora depois, eu sabia que tinha acordado a fera que conheci no meu quarto alguns meses atrás.

— Estou conseguindo! — Shannon exclamou com os olhos cintilando de empolgação, avançando pelos fundos da casa e usando o caminho da garagem como se fosse sua pista de corrida particular.

— Vai mais devagar — implorei quando ela fez a curva mais rápido que o necessário. — Por favor, Shannon, vai mais devagar.

— Qual o problema, valentão? — ela me provocou. — Está com *medo*?

Me cagando de medo...

— Ah, meu Deus, você viu isso? — ela soltou um gritinho, maravilhada. — Viu que botei a quinta sozinha?

— Eu vi — falei, agarrando a alça do teto com todas as minhas forças. — Agora chega?

— Por favor, só mais uma vez? — ela pediu, seguindo para a trilha da garagem pela centésima vez. — Prometo que é a última.

— A última — cedi, fechando os olhos e mudando de ideia logo em seguida. — Cuidado com o... — Minhas palavras se interromperam e prendi a respiração enquanto Shannon dava uma guinada. — Buraco — terminei, dando um suspiro trêmulo.

— É igualzinho ao GTA — ela disse, rindo.

— Só que não tem como recomeçar — grunhi. — Então, por favor, não nos mate.

— É como você disse. — Ela deu uma risadinha, pisando fundo no pedal. — Eu consigo.

46

PIZZA E ATUALIZAÇÕES

Shannon

Estávamos sentados no sofá da sala de Johnny depois da minha aula de direção improvisada, com os livros da escola espalhados à nossa frente, tendo acabado de terminar as tarefas, e eu não conseguia tirar o sorriso da cara. Eu tinha tido a melhor noite com ele e agora até sabia dirigir. *Euzinha*. Eu sabia dirigir de verdade. Não tinha ideia do que o fez me levar para dar uma volta no seu carro mais cedo, mas não estava nem um pouco arrependida. Me senti tão livre ao volante e ter tanto poder era emocionante.

Contente, fiquei absorvendo o calor da lareira enquanto ouvia Johnny pedir comida.

— Isso, vou querer uma porção de pão com queijo com aquele molho laranja e uma pizza grande sem cogumelos e abacaxi extra. — Johnny olhou para mim e fingiu que ia

vomitar antes de dizer: — Sim, certeza, cara, capriche no abacaxi.

— Ei... — Estiquei a perna e o cutuquei com o pé, sussurrando: — Não me julgue, sr. comedor de frango.

— O mundo que está te julgando — ele balbuciou, pegando meu pé e o colocando na coxa. — Na verdade, tem frango sem pele? — Abafei uma risada. — Tem? — Ele abaixou a minha meia e passou o dedo pelo meu tornozelo. — Como vocês fazem? Frito? — Ele franziu as sobrancelhas e tamborilou os dedos na minha perna, parecendo genuinamente dividido e, depois, suspirou sonoramente. — Foda-se, me dá uma porção de peito de frango com pele... ah, e uma garrafa de coca. — Ele me encarou e deu uma piscadela. — Sim, ela adora *abacaxi*. — Ele desligou o telefone e sorriu. — Parece que a dieta foi pro espaço.

— Sempre dá pra recomeçar na segunda — falei.

— Está insinuando que preciso fazer dieta? — ele brincou, me puxando para o seu colo. — Hein? — Seus lábios se moveram para o meu pescoço e soltei um suspiro de satisfação.

— Você já é uma gracinha — sussurrei, mordendo o lábio e mergulhando nele. — Não precisa fazer dieta.

Ele parou no meio do beijo e se afastou para me olhar.

— Você acabou de me chamar de *uma gracinha*?

— Sim. — Sorri. — O que tem de errado?

— Tudo — ele respondeu, horrorizado. — Shan, você não pode me chamar de *uma gracinha*.

— Mas você *é* uma gracinha — provoquei. — Seus olhos são uma graça, seu cabelo é uma graça e seu sorriso é uma

graça.

Ele me encarou de queixo caído.

— Estou ofendido.

Dei risada da sua consternação.

— Você *é* uma gracinha.

— Não... — Balançando a cabeça, ele me jogou para trás e montou em mim. — Não vou aceitar isso. — Ele enfiou as mãos dentro da minha camiseta e fez cócegas nas minhas costelas. — Retire o que disse!

— Ah, para com isso! — falei em meio a ataques de riso enquanto me contorcia embaixo dele. — Eu não aguento... sinto cócegas!

— Eu sei. — Ele deu risada, sem parar de me torturar. — Retire o que disse ou vou com tudo.

— Eu retiro! — berrei, me contorcendo. — Você não é uma graça... Ahhhh, Johnny, não aguento... você é gostoso! Você é gostoso, está bem? Ah, ah, para, para!

— Não vou parar — ele disse, rindo, deslizando a cabeça sob a bainha da minha camiseta e intensificando o ataque. — Você chuta quando eu faço cócegas aqui — ele falou rindo, fazendo cócegas na minha costela. — É tão estranho!

— Eu vou me vingar — avisei, mal conseguindo respirar de tanto rir, me contorcendo sem parar debaixo dele. — Espera só pra ver...

O som de pneus cantando lá fora cortou o ar e Johnny tirou a cabeça de baixo da minha camiseta.

— Eita — ele disse, com o cabelo espetado em quarenta direções diferentes. — Deve ser um recorde da entrega mais

rápida.

— Não pode ser a pizza. — Levantei o corpo para olhar para a janela, mas como estava escuro lá fora, só consegui ver dois faróis acesos. — Ah, meu Deus, e se for sua mãe? — falei, saindo do seu colo depressa. Para o meu azar, era exatamente ela. — Eu devia ir. — Peguei a mochila, enfiando todos os livros enquanto fazia várias coisas ao mesmo tempo, pisando nos meus tênis. — Você tem que me levar pra casa.

— Shan, relaxa — ele falou, rindo e se levantando. — Não é minha mãe, e mesmo se for, você não precisa ir.

Toc, *toc*, *toc*...

— Está vendo? — Johnny falou, indo para a porta. — Minha mãe não ia bater. — Meus ombros se curvaram de alívio e soltei a alça da mochila. — Espera aqui — ele acrescentou antes de sair da sala.

Alguns segundos depois, uma voz familiar ressoou pela casa.

— Onde está minha irmã?

Darren?

— Ela está aqui.

— Manda ela sair. Ela precisa ir pra casa comigo agora.

Ah, *meu Deus*...

— Entra.

— O quê?

— Não vou falar pra ela o que ela tem que fazer, então entra, se quiser falar com ela.

Menos de um minuto depois, Johnny voltou para a sala com Darren logo atrás, todo rígido.

— Seu irmão está aqui, Shan — ele disse, mantendo os olhos nos meus enquanto se aproximava e parava ao meu lado.

— Qual o problema? — perguntei, nervosa. — P-por que você está aqui?

— Eu deveria te perguntar a mesma coisa — Darren respondeu, mas não parecia bravo. *Apenas cansado*. — Era pra você ir direto pra casa depois da escola. — Seus olhos pousaram nos livros abertos na mesinha de centro e um lampejo de surpresa cintilou em seus olhos antes de ele balançar a cabeça com feições sérias. — São quase oito da noite, Shannon.

— Eu já estava indo — falei. — A gente só ia jantar primeiro.

— Precisamos conversar. É importante — ele disse.

O pânico se acendeu dentro de mim.

— Qual o problema? — perguntei, porque devia haver algo errado para ele procurar o endereço de Johnny e ir até ali. Ele não estava nem brigando comigo. Isto era ruim. Algo terrível ia sair da boca dele. Dava para *sentir*. — Darren? — Minha voz estava tremendo, assim como o resto de mim. — O que está acontecendo?

Os olhos do meu irmão foram de Johnny para mim antes de ele soltar um suspiro pesado.

— É o pai.

Enrijeci, sentindo todos os músculos do meu corpo se tensionarem enquanto eu esperava Darren confirmar o que eu já sabia no meu coração.

— Ele foi liberado da Brickley House hoje, Shannon — Darren anunciou com a voz carregada de emoção. — Ele está de volta em Ballylaggin.

O ar deixou meus pulmões de uma vez e, em seu lugar, veio uma onda de dor, mágoa, medo e paranoia. Isso nunca teria fim. Nunca acabaria. Joey estava certo. Ele estava sempre certo. Papai voltaria e, quando isso acontecesse, ia me fazer pagar...

Então uma mão larga pegou a minha, uma mão quente e forte, que provocou um curto-circuito nos meus pensamentos de pânico. Tremendo, olhei para nossas mãos unidas e depois para Johnny. Ele estava bem ao meu lado — grande e forte, e tão perto que eu podia sentir o calor irradiando do seu corpo. Sua presença naquele momento era profundamente reconfortante.

— O que significa isso? — ele fez a pergunta que não consegui verbalizar. — Pra sua família? — Ele limpou a garganta depressa. — Pra Shannon?

— Sem querer ofender, Johnny, mas esse assunto é particular — Darren respondeu, lançando um olhar severo para ele.

— Sem querer ofender, *Darren*, mas não ligo — Johnny retrucou na mesma hora. — Quer você goste ou não, sou o namorado dela, e se ela estiver em perigo, quero saber. — Se empertigando, ele acrescentou: — Posso ajudar.

— Não preciso da sua ajuda — Darren respondeu em um tom cansado. — Mas preciso que você volte pra casa — ele falou, olhando para mim. — A mãe está uma pilha de nervos, e

a gente precisa conversar sobre o que vamos fazer a partir daqui.

— Joey está em casa? — perguntei, observando-o com cautela.

Ele soltou um suspiro pesado.

— Não sei onde ele está.

— Como assim não sabe? Onde ele está, Darren?

— Tadhg não recebeu as notícias sobre o pai muito bem e saiu — ele murmurou, pressionando a ponte do nariz. — Joey está tentando encontrar ele. — Passando a mão pelo cabelo escuro, ele soltou outro suspiro sofrido antes de gesticular para os livros na mesinha de centro. — Pode pegar suas coisas pra gente ir? Deixei Sean, Ollie e a mãe sozinhos em casa.

— Não acho que ela devia ir pra casa — Johnny falou depressa.

Darren o olhou com cara feia.

— Como é?

— Eu disse que não acho que ela devia ir pra casa — Johnny repetiu calmamente. — Ela pode ficar aqui comigo. Seu pai não sabe onde eu moro.

— Ela vai pra casa — Darren retrucou com firmeza. — Agora.

— Não vejo por que ela tem que... — Johnny começou a argumentar, mas Darren o interrompeu.

— Você precisa ficar fora disso — meu irmão avisou. — Sério.

— Está tudo bem — falei, relutante, querendo fazer qualquer outra coisa no mundo que não fosse voltar para Elk's

Terrace, mas sabendo que não tinha escolha. — Eu vou. — Com os ombros caídos, soltei a mão de Johnny e peguei o resto das minhas coisas na mesa. Com os olhos cheios de lágrimas, ficou impossível ver que meu estojo estava aberto enquanto eu tentava enfiar todas as minhas canetas e a régua lá dentro. — Só me dá um minuto.

— Te espero no carro.

Assenti rigidamente, mantendo as costas para ele conforme guardava minhas coisas.

— Está bem.

A porta da sala se fechou e então Johnny estava ao meu lado.

— Fala comigo.

Balancei a cabeça e joguei o estojo na mesinha. Tremendo, passei as mãos pelo cabelo, respirando fundo e devagar, tentando desesperadamente controlar as emoções.

— Eu... — Fechei a boca, dei a volta nele e fui até a janela. — Eu... — Balancei a cabeça e respirei fundo de novo.

— Shannon, vamos — ele insistiu atrás de mim. — Fala.

— Eu acho... — Fiz uma pausa, abaixei a cabeça e segurei o parapeito. — Que vou chorar.

— Tudo bem — Johnny disse, se aproximando tanto que senti suas coxas contra as minhas. — Tudo bem se você chorar.

— Não quero mais fazer isso na sua frente. — Soltando o ar entrecortado, fechei os olhos e falei: — Não quero que você me veja colapsando toda vez.

— Bem, você não tem escolha — ele respondeu, me virando e me puxando para os seus braços. — Porque não vou

te deixar.

Sacudindo a cabeça, mantive os olhos fechados e sussurrei:

— Johnny, eu não posso...

— Não vou a lugar algum — ele disse, me apertando com força.

Tentei de novo:

— Você não pode...

— Não vou a lugar *algum*, Shannon.

— Você não precisa...

— Estou com *você*. Com você todinha. Todas as partes. As boas e as ruins. E vou ficar. Então não esconda essa parte de mim.

Permaneci rígida por um longo momento. Ele não se importou, porque não me soltou. Ele apenas ficou me abraçando, se recusando a me deixar ir, se recusando a me deixar sozinha.

E quando eu colapsei? Quando eu finalmente desmoronei? Eu desmoronei nele. Eu perdi completamente o controle ali mesmo na sala de estar de Johnny.

Eu não queria conversar.

Eu só queria *chorar*.

Johnny pareceu entender, porque não fez nenhuma pergunta. Não falou uma palavra. Em vez disso, ele só me envolveu com seus braços, me mantendo perto, enquanto minha vida ruía à minha volta.

47

AJUDA ELA

Johnny

Eu não conseguia dormir. Meu cérebro estava em alerta máximo e cada músculo do meu corpo estava travado de tensão. Cada vez que fechava os olhos e tentava adormecer, eu era bombardeado por imagens mentais de Shannon deitada naquela cama de hospital, toda machucada e ensanguentada.

O pai dela tinha sido liberado.

Estava andando por aí como um homem livre.

Na porra de Ballylaggin, entre todos os lugares.

Furioso, virei de lado e tentei esvaziar a mente, mas não deu certo. Perdido, afastei as cobertas e me encolhi quando Sookie grunhiu durante o sono.

— Desculpa, meu bem — sussurrei, atravessando o cômodo no escuro.

Saí do quarto, acendi a luz do corredor e fui até o outro lado da casa. Devia fazer pelo menos uns nove anos desde a última vez que me enfiei no quarto dos meus pais no meio da noite, mas era ali que eu estava a uma da manhã.

— Pai? — sussurrei, cutucando seu ombro parado diante dele, me sentindo um doido. — Pai?

— Johnny? — Sua voz estava rouca e grave de sono. — O que houve?

— Preciso falar com você — falei, olhando para a minha mãe dormindo e rezando para que ela não acordasse. — É importante.

— Volta a dormir, filho — ele grunhiu, se virando para o lado e abraçando minha mãe com mais força. — O céu não está caindo, prometo.

Revirei os olhos para essa última parte. Chicken Licken de merda.

— Pai, eu realmente preciso falar com você.

Se erguendo sobre os cotovelos, ele olhou para mim com uma expressão sonolenta.

— Mesmo?

Fiz que sim.

— Mesmo.

Bocejando alto, ele empurrou as cobertas para longe e se levantou.

— Está bem, filho, ligue a cafeteira.

— Pode deixar — sibilei, cobrindo os olhos. — Assim que você botar suas roupas.

Três horas e duas xícaras de café depois, estávamos imóveis na cozinha. Meu pai estava apoiado no balcão de cueca, bebendo uma xícara de café, enquanto eu andava de um lado para o outro como se estivesse sob efeito de cocaína.

— Tem que ter outro jeito — falei, coçando a barriga. — Ele não pode sair andando por aí como um homem livre depois de tudo o que fez.

— Esses casos de família são complicados, filho — meu pai comentou. — Cada caso é um caso.

— Isso não é nada bom... — Peguei a cafeteira no balcão e me servi de mais café, bebendo tudo em três goles. — Puta merda!

— Chega disso — meu pai bocejou, esticando o braço e arrancando a cafeteira de mim. — Senão nunca vou voltar pra cama.

— Você devia ter visto como ela estava hoje — continuei, furioso, andando sem parar. — Devia ter visto a cara dela quando o irmão contou que o pai tinha sido liberado. — Balancei a cabeça. — Ela ficou aterrorizada, pai.

— Johnny... — Meu pai suspirou. — Você não pode fazer nada.

— Mas você deve poder fazer alguma coisa, né? — retruquei, agitado e trêmulo. — Você não pode assumir o caso deles?

— As coisas não funcionam assim — ele respondeu com outro bocejo.

— Por quê? — exigi saber. — Por que é que não funcionam assim?

Ele soltou um suspiro cansado.

— Eu já te expliquei uma dúzia de vezes: o Ministério Público decidiu levá-lo a julgamento. Eles receberam um advogado por meio de assistência jurídica e, além disso, a sra. Lynch deixou bem claro que meus serviços não eram necessários nem bem-vindos.

— Ela é uma idiota — rosnei, acelerando o passo. — Você é o melhor.

— Sou mesmo — ele concordou, acenando a cabeça de um jeito sonolento. — Mas as emoções dela estão nublando seu julgamento.

— Ela é incompetente, isso sim, pai. — Fui até a janela, apoiei as mãos no parapeito e soltei um rosnado furioso. — Aquela mulher é um risco, e minha namorada não está segura naquela casa. — Eu me virei para ele. — Nenhum dos filhos está seguro com ela, especialmente agora que ele está por aí de novo.

— Tem assistentes sociais trabalhando nesse caso — meu pai explicou com calma, indo até a pia e esvaziando a cafeteira. — O que significa que visitas domiciliares estão sendo feitas. Eles estão sob uma supervisão rigorosa.

— Não significa porra nenhuma, pai, e você sabe disso — falei, frustrado. — Ela não está segura naquela casa.

— O que é que você quer que eu faça, Johnny? — ele perguntou, lavando a xícara e a colocando no escorredor. — Todos os irmãos devem ter sido interrogados após o acidente da Shannon. Se deixaram eles voltar pra casa, é porque investigaram a mãe e as condições que ela tem de cuidar dos

filhos. Obviamente, os assistentes sociais encontraram algum mérito na capacidade da sra. Lynch de criá-las.

— Os filhos sofreram uma lavagem cerebral. Você não entende? Eles estão morrendo de medo de serem separados pelo conselho tutelar quando forem adotados, então mentem e defendem os pais porque foram coagidos a acreditar que estão mais seguros ali!

— O que está acontecendo? — minha mãe perguntou, parada na porta da cozinha com o roupão branco enrolado em volta de si. — São quatro e meia da manhã. O que estão fazendo acordados?

— Seu filho queria conversar — meu pai explicou calmamente. — Não se preocupe. Volta pra cama, amor.

Ela arqueou a sobrancelha e lançou para ele um olhar que dizia "Acha mesmo que vou cair nessa?", antes de entrar na cozinha e vir até a cafeteira.

— Shannon está bem, querido?

Parei de andar e franzi o cenho para ela.

— Como é que você...

— Sabia que essa conversa da madrugada era sobre Shannon? — ela completou, sorrindo. — Porque eu te conheço. — Ela se serviu de café e se juntou ao meu pai na ilha. — Agora... — Dando um gole na xícara, ela encarou meu pai. — Comece a falar, amor.

Com um suspiro de resignação, meu pai recapitulou a nossa conversa e eu adicionei as partes que ele tinha deixado de fora.

— É isso, mãe — declarei quando ele terminou. — Nosso sistema judiciário é um horror! — Peguei e larguei sua xícara de café do balcão, depois fui até a cafeteira. — O que é que eu devo fazer agora, hein? Voltar pra minha linda cama quentinha e esperar uma ligação me informando que ela voltou pro hospital ou coisa pior? — Balançando a cabeça, servi mais café, derramando tudo. — Ela não merece essa vida.

— Concordo — minha mãe disse com uma voz triste. — Todos eles mereciam uma vida melhor.

— Então faça alguma coisa, mãe — implorei, me sentindo completamente perdido. — Porque vou surtar se tiver que deixar ela em casa todos os dias depois da escola sem saber se ela vai sobreviver até o dia seguinte.

Lágrimas encheram os olhos da minha mãe e ela perguntou:

— E o irmão dela? Darren?

Frustrado, dei um gole no café antes de responder:

— Ele não sabe nada da família. Ficou fora durante anos. Só pensa na mãe e não nos irmãos. Joey não confia nele e eu também não.

Meus pais se entreolharam e senti como se estivesse sendo excluído de uma discussão particular.

— O que vocês estão pensando? — perguntei, ansioso. — Podem fazer alguma coisa?

Meu pai suspirou pesadamente.

— O que quer que a gente faça, filho?

— Quero que você faça esse maldito sofrer — eu disse. — Quero justiça pra essas crianças. Quero justiça pra minha

namorada. Não é justo que ele saia dessa impune quando o resto da família está preso. — Eu me virei para minha mãe. — Eles estão completamente ferrados, mãe. Ele destruiu aquela família!

Meus pais ficaram em silêncio por tanto tempo que desisti de esperar uma resposta.

— Esqueçam — grunhi, atirando a xícara na pia. — Eu não devia ter chamado vocês.

Segui para o corredor batendo os pés e parei quando minha mãe falou:

— A gente vai fazer o possível, Johnny.

Me voltei para eles.

— O que significa isso?

— Significa que vamos fazer o que pudermos pra ajudar — meu pai explicou com calma, pousando a mão na mão da minha mãe. — Agora volta lá pra cima e tenta dormir um pouco antes da escola.

Abatido, voltei para o quarto com os ombros caídos e um embrulho no estômago. Os pássaros estavam cantando lá fora quando me afundei na beirada da cama e fiquei olhando para o céu escuro pela janela. Peguei o celular na mesinha de cabeceira, desbloqueei a tela e fiquei conferindo as mensagens dela, lendo e relendo cada uma até que fiquei meio maluco.

— Foda-se — murmurei para mim mesmo enquanto abria o contato de Shannon na agenda do celular.

Estava com o dedo pronto para ligar quando o telefone começou a vibrar com uma chamada dela.

Com o coração acelerado, aceitei a ligação e coloquei o aparelho no ouvido.

— Shan?

— Oi, Johnny — ela falou baixinho do outro lado da linha. — Te acordei?

— Não, eu estava acordado — respondi, soltando um suspiro trêmulo. — Você está bem?

— Estou — ela sussurrou, e meus ombros relaxaram de alívio. — Eu só...

— Só o que, Shan?

— Queria ouvir a sua voz — ela confessou com a voz rouca. — É estranho?

— Bem, se for, eu também sou estranho. — Me deitei na cama, cruzando os braços atrás da cabeça. — Porque estava prestes a te ligar.

Ela soltou o ar.

— Sério?

— Sério — confirmei depressa. — Fiquei pensando em você a noite toda.

— Eu também — ela falou. — Em você, quero dizer — ela corrigiu depressa. — Fiquei pensando em você a noite toda, não em mim.

— Eu entendi — falei, sorrindo para a sua trapalhada verbal tão fofa. — Já vai se levantar? São só... — Virei o pescoço para verificar as horas no alarme antes de dizer: — Quinze pras cinco.

— Pensei que você pudesse estar indo pra academia — ela sussurrou. — Eu estava... bem, eu ia te perguntar se podia ir

junto pra ficar esperando no carro.

Um fio de desconforto subiu pela minha coluna.

— O que está acontecendo, baby?

— Nada.

— Shan...

Ela soltou o ar com força.

— Estou com medo.

Me sentei ereto.

— Quer que eu vá te buscar agora?

— Não, não, não — ela falou depressa. — Não tem nada errado, só estou nervosa. — Ela soltou outro suspiro trêmulo antes de dizer: — Pode ficar na linha comigo? Não precisa falar. Eu só... me sinto melhor quando sei que você está perto.

Fechei os olhos, me joguei na cama e engoli um grunhido furioso.

— Claro — consegui falar em um tom gentil. Me enfiei debaixo do edredom e sussurrei: — Estou bem aqui, baby.

48

PEGA EM FLAGRANTE

Shannon

Fazia uma semana que meu pai tinha sido liberado do tratamento e eu estava tendo dificuldade para dormir. Toda vez que apagava à noite, era bombardeada por pesadelos tão aterrorizantes que acordava assustada e passava o resto da noite em um frenesi desesperado, com o corpo em alerta máximo, esperando pelo som da chave virando na fechadura. Ainda não tinha acontecido, o que não significava que não *aconteceria*. Essa era a pior parte: saber que nossos futuros dependiam do nosso pai respeitar a medida protetiva e nossa mãe se manter firme. Eu não era ingênua para nutrir esperança pelos dois.

Empurrando todos os pensamentos sobre o meu pai para o fundo da minha mente, foquei no presente. No garoto sentado na grama à margem do campo. Bloqueei o resto do mundo e me concentrei totalmente no meu namorado.

Era difícil para mim compreender por que um cara na posição de Johnny, que tinha tudo nas mãos, tinha prendido sua vela voluntariamente ao meu mastro danificado. Mas era o que tinha acontecido. E cada dia desde então só ficou suportável porque ele estava ao meu lado.

Quando Joey e Darren brigavam em casa, eu bloqueava tudo.

Quando minha mãe ficava catatônica na mesa da cozinha, eu passava direto.

Quando o medo do meu pai voltar ameaçava me jogar em um ataque de pânico, eu me distraía mandando para ele alguma pergunta sobre a tarefa escolar.

Descobri que podia fazer essas coisas porque sabia que tinha algo pelo que *esperar*. Ele tinha se tornado o lugar seguro onde eu podia abaixar minhas defesas. Eu não estava mais o tempo todo focada na minha família. Eu não ficava só pensando nas coisas negativas, porque eu tinha a melhor versão das coisas positivas na forma do meu namorado. Aquela casa tinha se tornado uma parada temporária para mim. Não era a cela em que eu passava a maior parte das minhas horas presa. Era apenas um meio para um fim. Um lugar para descansar a cabeça à noite. Porque de manhã, quando eu acordasse, eu sabia que algo *melhor* estava me esperando.

Algo muito melhor.

Eu sabia que era patético, mas, para mim, alguém que nunca teve ninguém além de Joey, era desconcertante. Pela primeira vez na vida, eu tinha alguém só para *mim*. Eu não tinha que dividi-lo com meus irmãos nem meus amigos. Eu

não tinha que me comprometer ou verificar duas vezes. Ele era meu. *Só meu*.

Eu saboreava cada minuto que passava com ele na escola e, mesmo assim, nunca era o suficiente. Os beijos não eram o suficiente. As mãos dadas não eram o *suficiente*. As noites em que eu saía escondida de casa para dirigir o carro dele até o sol nascer também não eram suficientes. Nada parecia ser o suficiente quando meu corpo e meu coração viviam pedindo por *mais*.

Eu acordava todos os dias com esperança no coração porque *sabia* que o veria. Eu sabia que, quando desse 7h45, Johnny Kavanagh pararia na frente de casa depois que saísse da musculação e se sentaria no muro do jardim, provocando minha mãe e Darren, até que eu entrasse no seu carro. Ele era pontual como um relógio, rígido em sua rotina, e eu achava isso profundamente reconfortante. Quando Johnny dizia que estaria lá, ele *estaria* lá. Ele nunca se atrasava e nunca cancelava.

Assim que eu subia naquele carro com ele, a melhor parte do meu dia começava. Almoços, beijos roubados entre as aulas, amassos dentro do audi, janelas embaçadas... eram *tudo* para mim, e não eram nem de longe o suficiente.

Arrancando-me dos meus pensamentos, me virei para olhar para Johnny. Estávamos sentados na margem mais alta depois da escola, aquela onde ele me tinha me derrubado todos aqueles meses atrás, assistindo ao treino do time, e eu sabia que ele estava chateado. Ele tinha passado o dia todo quieto. Eu podia *sentir*. Nem todos os sorrisos do mundo conseguiriam

esconder aquilo. *Não de mim*. A semana anterior também fora difícil para ele. Tommen tinha perdido a final contra Levitt e eu sabia que ele tinha sentido essa derrota no fundo dos ossos enquanto assistia à partida consternado da lateral do campo. Passando meu braço no dele, descansei a bochecha no seu ombro e sussurrei:

— Você vai conseguir, Johnny.

— Não aposte seu dinheiro nisso — ele respondeu baixinho, correndo as mãos pelas coxas. — Acho que não vai rolar pra mim, Shan — ele acrescentou em um tom que mal era um sussurro, ajeitando a bandagem que eu sabia que estava presa na sua perna debaixo das calças do uniforme. — Pelo menos não este verão.

— Vou apostar — retorqui, movendo a mão para conectar meu braço ao seu. — Eu sei. — Entrelacei nossos dedos e lhe dei um leve apertão. — Você tem retorno com a médica amanhã, né?

Ele fez que sim, curvando os ombros.

— Mas, mesmo se ela me liberar pra jogar, não vou ter tempo suficiente pra treinar...

— Johnny, você não precisa nem treinar — falei. — Você já é o *melhor*. — Soltei sua mão e virei o corpo de lado, de modo que meus joelhos tocassem suas coxas, e peguei sua mão de novo. — Você pode ter só seis semanas pra treinar e se preparar... ou o que quer que vocês façam... — Franzi o nariz ao pensar nele sendo derrubado no campo antes de afastar a terrível imagem da cabeça e continuar: — Mas você já fez todo o trabalho duro. Você já impressionou os treinadores e está

semanas adiantado na recuperação. Você *merece*. A vaga é *sua*. — Apertando sua mão, abri um sorriso radiante para ele. — Você vai conseguir a vaga no time e vai *brilhar*. Eu sei.

Seus lábios se curvaram para cima e ele arqueou a sobrancelha.

— Ah, você sabe, é?

— Sim. — Assenti, decidida. — Sou muito esperta.

Dando risada, ele fez carinho na minha bochecha com o dedão.

— Meu Deus, você é tão adorável!

— Adorável? — Fiz uma careta. — A Sookie é adorável, Johnny. Eu sou...

— *O quê?* — ele provocou, aproximando o rosto do meu. — O que você é, baby?

— Mais que adorável — soltei, perdendo o foco com seus lábios tão perto dos meus.

— Fofa? — ele ronronou, passando os dedos na barra da minha saia. — Linda? — Sorrindo, ele se inclinou e roçou o nariz no meu. — Sexy?

Assentindo, soltei um suspiro trêmulo.

— A última opção.

De repente e sem o menor aviso, Johnny me beijou com força e me puxou para cima dele. Jogando as pernas para as laterais dos seus quadris, eu me acomodei no seu colo. Nossos lábios permaneceram grudados enquanto nos beijávamos quase violentamente. Seu colo não era um lugar nada macio; na verdade, era o oposto. Ele estava tenso da cabeça aos pés e era um teste doloroso de força de vontade *não* tocá-lo.

Especialmente quando tudo dentro de mim exigia que eu fizesse exatamente isso. *Tocar, acariciar e esfregar...*

Sem conseguir me conter, enfiei a mão no seu cabelo e o puxei. Ele recompensou minha ousadia com uma leve estocada. Suas mãos estavam nos meus quadris, me persuadindo e me encorajando a ir além. Não importava para nenhum de nós o fato de estarmos em terreno escolar, com os colegas de time dele a poucos passos de distância no campo.

— Você é sexy pra caralho. — Sua voz era grave e rouca e suas palavras tiraram meu fôlego. — Você me deixa maluco, Shannon, *como o rio* — ele sussurrou contra os meus lábios, esfregando os quadris nos meus. — Eu te quero tanto que não consigo nem pensar direito.

Um arrepio delicioso percorreu minha coluna e eu me afundei contra ele, sentindo uma pressão forte e insuportável no peito, enquanto suas palavras me levavam cada vez mais para o caminho escuro e aterrorizante que eu estava trilhando com ele.

— Johnny?

— Sim, Shan?

— Não tem ninguém em casa até as seis. — Com o coração acelerado, me inclinei para trás para olhá-lo nos olhos. — Quer ir pra lá?

Seus olhos escureceram e sua mão se enterrou na minha cintura.

— Agora?

— Agora — confirmei, ofegante.

— Será que eu devia ter estacionado mais pra frente? — Johnny perguntou no meio dos beijos, entrando no meu quarto com o corpo colado no meu. — Caso sua mãe ou Darren voltem pra casa mais cedo?

Balançando a cabeça, estiquei o braço e fechei a porta do quarto antes de pressionar os lábios de volta nos seus.

— Esqueça eles — falei, ofegante, espremendo as coxas na sua cintura. — Desliga seu cérebro.

— Ah, merda — ele grunhiu, avançando pelo pequeno espaço da porta até minha cama. — Você vai me matar, né? — Suas canelas bateram na base da cama e então caímos no colchão, com Johnny pousando pesadamente em cima de mim.

Me contorcendo na minha caminha, saí de baixo do seu enorme corpo e montei em seus quadris. Me sentindo vitoriosa, peguei suas mãos nas minhas e as prendi acima da sua cabeça, pressionando-as no colchão.

— Te peguei.

Rosnando, ele deu uma estocada brusca com os quadris, me fazendo cair para a frente em seu peito.

— Te peguei — ele ronronou antes de reivindicar meus lábios.

Eu sentia meu sangue vibrando nas minhas veias e se transformando em lava enquanto minha determinação se desintegrava a cada golpe da sua língua.

— Escuta, não quero te forçar a fazer nada que você não esteja pronta pra fazer — ele disse contra os meus lábios. — Tenho duas mãos e uma imaginação excelente... cheia de imagens suas. — Segurando meu rosto entre as mãos, ele se afastou e me encarou. — Posso *esperar*.

Encarei-o de volta, me sentindo mais viva naquele momento do que jamais me senti em toda a minha vida. Eu podia ouvir seu coração martelando contra seu peito como um pássaro enjaulado voando descontroladamente, combinando com o meu. Incapaz de formar uma frase coerente, tirei o suéter escolar, levando a gravata junto. Os olhos de Johnny escureceram conforme eu agarrava a blusa branca, abrindo os botões desajeitadamente.

— Não... — ele começou a dizer, mas suas palavras viraram um grunhido sofrido quando deixei a blusa cair dos meus ombros. — Cacete! — ele soltou, correndo os olhos famintos pelo meu corpo.

Passou a língua pelo lábio inferior com os olhos fixos no meu corpo.

Minha respiração saiu alta e ofegante quando coloquei a mão às costas para tirar o sutiã, desejando ter sutiãs de renda como os de Claire, e não de algodão simples.

— Nossa — Johnny rosnou, empurrando seus quadris para cima. Sua respiração ficou presa na garganta quando tirei o sutiã e o joguei no chão do quarto. Eu podia senti-lo endurecendo sob mim e a sensação me provocou um arrepio. — Você é tão linda.

Sentando-se comigo em seu colo, Johnny estendeu a mão atrás da cabeça, rapidamente tirando o suéter do uniforme antes de jogá-lo no chão do quarto. Enlaçando os dedos no meu cabelo, ele puxou meu rosto para si, me beijando com força e imprudentemente. Montada em seus quadris com nada

além da saia e da calcinha, eu me balancei contra ele, recebendo sua imprudência com uma selvageria febril.

Suas mãos se moveram do meu cabelo para a frente da sua camisa para desabotoá-la, sem nunca tirar seus lábios dos meus enquanto trabalhava. Levei o braço às costas e abaixei o zíper da saia. Interrompendo o beijo, me levantei da cama, tremendo da cabeça aos pés, e deixei a saia cair no chão sem tirar os olhos dele.

De pé, só de calcinha branca de algodão, soltei um suspiro trêmulo e sussurrei:

— Oi, Johnny.

— Oi, Shannon — ele respondeu com a voz engrolada, os olhos escuros e ardentes. Ele tirou a camisa e a gravata e as atirou no chão. — Puta merda, o que você está fazendo comigo, baby?

Meu peito subia e descia depressa quando montei de novo no seu colo.

— Te amo — ele falou, roçando os lábios nos meus. Estremeci quando seus braços me envolveram e o calor da sua pele fez a minha queimar. — Te amo tanto. — Suas mãos se moveram para a minha bunda, me puxando para perto por um longo e viciante momento, enquanto ele me balançava, se esfregando em mim. Rosnando, Johnny aprofundou o beijo, mergulhando a língua na minha boca e se virando para me jogar de costas. — Tão gostosa. — Ele parecia absolutamente dividido e um pouco esperançoso conforme se acomodava entre as minhas pernas. — Tão linda. — Suas mãos vagavam

por toda a minha carne nua e ele espalhava beijos pelo meu pescoço. — Você é tudo que eu quero.

Gemendo sem fôlego para incentivá-lo, inclinei os quadris para cima. Seu corpo se alinhou com o meu da forma mais primitiva, se pressionando com força contra mim.

— Eu não devia fazer isso — ele sussurrou, com a boca pairando sobre os meus seios. — É... — ele se interrompeu, colocando meu mamilo na sua boca e o sugando.

— Johnny — falei, sem fôlego, enfiando as mãos no seu cabelo enquanto ele me atormentava com deliciosos movimentos da sua língua. — Não para.

— Nossa... — Soltando meu seio, ele voltou para os meus lábios e se empurrou com força contra mim, com tanta força que a cabeceira da minha cama bateu contra a parede. — Merda — ele murmurou, aninhando o rosto na curva do meu pescoço. — Eu devia parar — ele murmurou, fazendo o oposto disso, continuando a me beijar e esfregar os quadris contra mim.

Não para.

Não ligo.

Só não para.

— Shh. — Agarrei seus quadris e o puxei para mais perto, enquanto o desejo dentro de mim florescia e queimava. Eu queria que ele me empurrasse mais fundo no colchão. Queria sentir cada centímetro dele em mim, dentro de mim, todo ele dentro de mim. Eu queria *mais*. — Está tudo bem.

— Não, não, não... — Johnny balançou a cabeça e grunhiu mais alto, se aproximando mais, se aconchegando mais. — Não

estou pensando direito... — Sua mão foi até o meu quadril, me puxando para si e me apertando forte. — Me manda embora.

— Não. — Com o coração disparado, arqueei o corpo. — Não vá embora.

— Merda — ele rosnou conforme seu enorme corpo estremecia sob o meu toque. Ele soltou um suspiro pesado contra o meu pescoço que fez minha pele toda se arrepiar. — É cedo demais...

Corri os dedos trêmulos pela sua barriga, só parando quando alcancei a fivela do seu cinto.

— Não ligo. — Deslizei os dedos para o cós da sua calça, respirei fundo para me acalmar e o puxei com firmeza. — *Fique aqui*.

Sua respiração estava irregular.

— O que você está fazendo? — ele perguntou, ofegante, enquanto eu mexia na fivela do cinto. — Shannon, a gente não pode...

— Por favor! — implorei, soltando seu cinto e abrindo o botão da sua calça. — Eu quero você.

— Não tenho camisinha — ele falou na minha boca, movendo os quadris selvagemente. — Desculpa.

— Camisinha — grunhi, erguendo os quadris para ele. — No quarto do Joey.

Invadir o quarto de Joey não era um comportamento incomum para mim, mas roubar seu estoque de preservativos era algo completamente diferente. Se fosse sincera, eu não fazia ideia do que estava pensando. Eu só o queria. *Muito*.

— Não... — Quebrando nosso beijo, Johnny balançou a cabeça e ficou me encarando com os olhos quase negros de desejo. — Não assim.

— Você não me quer? — sussurrei, sentindo o coração murchar.

— Você sabe que sim — ele disse, pressionando a testa na minha. — Eu *só* quero você.

— Então por que...

— Porque não vou tirar sua virgindade nesta casa, Shannon! — ele rosnou, com a mandíbula cerrada. — Num impulso depois da escola, com a camisinha do seu irmão. — Ele sacudiu a cabeça. — Não vou fazer isso, baby.

— Eu não ligo, Johnny. Sinceramente.

— Bem, eu ligo — ele retrucou, se erguendo nos cotovelos. — Não vou transar com você e sair escondido uma hora depois porque sua família está chegando. — Resmungando, ele beijou meus lábios e saiu de cima de mim. — Você merece mais que isso, e eu não vou fazer isso com você. — Com o peito pesado, ele foi até a janela e se recostou no parapeito. — Quando a gente dormir juntos, quero que a gente *durma* juntos. — Ele me olhou por cima do ombro, com os olhos azuis ardendo. — A noite toda.

Eu me sentei sem fazer som, ocupada demais tentando controlar meu peito subindo e descendo depressa, enquanto suas palavras atingiam meu coração.

— Quero que seja bom pra você — ele acrescentou, se virando para mim. — E não posso fazer isso com o tempo cronometrado desse jeito.

— Ah — finalmente falei, encarando-o de volta. — E-está bem.

— O que não significa que eu não queira. — Soltando o ar com força, Johnny voltou para a cama e se sentou ao meu lado. — Porque eu quero muito, Shannon — ele falou depressa, me puxando para o seu colo. Colocando meu cabelo para trás, ele pousou um beijo suave nos meus lábios. — Eu só... preciso fazer a coisa certa com você.

— Está bem — sussurrei, enterrando o rosto em chamas no seu pescoço.

— Você está brava comigo? — ele me perguntou com a voz rouca, acariciando meu ombro nu com o nariz enquanto passava os dedos pelas minhas costas.

Balancei a cabeça, mantendo o rosto no seu pescoço.

— Não, não estou brava com você, Johnny.

— Não? — Ele beijou meu ombro. — Tem certeza?

— Tenho — sussurrei, me agarrando com todas as forças no seu pescoço. — Só quero manter você comigo.

Ele soltou uma risada suave.

— Você consegue fazer isso fácil.

— Promete? — falei, fechando os olhos e segurando seu pobre pescoço com firmeza.

— Prometo — ele disse, dando outro beijo na minha clavícula. — Eu já sou seu.

— O que é que a gente vai fazer, Johnny? — ousei fazer a pergunta que me atormentava havia semanas. — Quando você for convocado?

Ele suspirou pesadamente.

— Não é quando, mas se, Shannon.

— Você ser convocado — declarei, mordendo o lábio, nervosa. — O que vai acontecer quando você for embora?

— Não sei como vai ser — ele finalmente respondeu.

— É assustador — falei baixinho. — Pensar que você vai embora logo.

— Eu sei — ele disse com a voz carregada. — Também é assustador pra mim.

— Sério? — perguntei, tremendo.

— Claro! Shannon, não quero te deixar — ele disse, me segurando mais forte. — Mas, se eu entrar no time, vai ser só por um mês no verão e depois vou voltar pra você.

Soltei o ar entrecortado, me desesperando só de pensar em passar tanto tempo longe dele.

— Eu sei.

— Não fica triste — ele pediu, me envolvendo em seus braços. — Isso pode nem acontecer.

Ia acontecer.

Johnny ia embora.

Assim como ele me avisou tantos meses atrás...

— Te amo, Shannon, *como o rio* — ele falou, quebrando meus pensamentos deprimentes. — Só você. — Ele recuou para que eu não tivesse escolha a não ser erguer o rosto para ele, e sorriu. — Tipo uma quantidade absurda do caralho.

— Também te amo — eu disse com a voz carregada de emoção, devolvendo suas palavras: — Uma quantidade absurda do caralho.

Pousando um beijo suave nos meus lábios, ele se afastou e sussurrou:

— Quero fazer você se sentir bem.

Meu coração martelou selvagemente.

— Quer?

Ele fez que sim devagar, com os olhos azuis cravados nos meus.

— Posso?

Soltei um suspiro trêmulo e assenti de leve.

— Sim.

Ele me colocou por baixo com as pernas para fora da cama e pressionou a mão contra a minha barriga, me encorajando a me deitar de novo.

— Quero sentir o seu sabor — ele me disse enquanto se ajoelhava no chão do meu quarto e segurava a barra da minha calcinha. — Tudo bem?

Será?

Ah, meu Deus.

— Sim. — Assentindo ansiosamente, eu me afundei contra o edredom, arqueando os quadris para cima enquanto Johnny deslizava minha calcinha para baixo e abria minhas pernas.

Minha respiração estava entrecortada e irregular quando me ergui sobre os cotovelos para vê-lo, envergonhada e curiosa.

Segurando minhas pernas abertas, Johnny abaixou a cabeça e arrastou os lábios até minha virilha, depois fez o mesmo do outro lado.

— Você é perfeita — ele sussurrou, roçando os lábios nas minhas partes mais íntimas.

Senti sua língua me lambendo, me tocando, me provando, e meus olhos se reviraram. Ele fez isso de novo, e de novo e de novo, até que eu estava ofegante, um caos sem fôlego, rebolando violentamente contra o seu rosto.

— Ah, meu Deus... — Contorcendo-me na cama, segurei sua cabeça, cravando minhas unhas no seu couro cabeludo, enquanto ele continuava a me atormentar com seus lábios, língua e dedos. — Johnny, eu vou...

— Shh, Shan — ele falou, arrastando meus quadris para a ponta da cama e colocando minhas pernas sobre os ombros. — Só estou começando. — Então sua boca estava de volta, me provocando com a língua, seus dedos me penetrando, fazendo minhas costas arquearem para fora da cama.

— Ah, merda... — Mordendo o punho com força, puxei seu cabelo, delirante demais para me controlar. — Eu não consigo... — Meu corpo vibrou ferozmente enquanto tremores de prazer ilícito percorriam o meu corpo. — Ah, meu Deus, eu preciso...

Toc, toc, toc...

— Shannon? — a voz de Darren encheu meus ouvidos e tive vontade de *chorar*. — O que está fazendo aí?

— Puta merda! — A cabeça de Johnny se ergueu entre as minhas pernas, seu rosto estava vermelho e seus olhos, arregalados. — Seu irmão.

Não...

— Não para — implorei, puxando seu cabelo. — Johnny, por favor...

— Shannon, se não responder, vou entrar — Darren avisou.

— Não entra! — gritei com todas as minhas forças enquanto Johnny ia até a porta e virava a tranca. — Estou me vestindo.

Lutando para pegar as calças do pijama debaixo do meu travesseiro, as vesti rapidamente com os olhos fixos em Johnny, que estava vasculhando a pilha de roupas procurando o seu uniforme. Ele jogou minha blusa para mim antes de pegar a sua.

— Ele está aí, né? — meu irmão perguntou do outro lado da porta, enquanto eu abotoava a blusa desajeitadamente. — É o carro dele aí na frente, né?

— Merda — Johnny falou, vestindo a camisa. Sem abotoá-la, ele colocou o suéter só para tirá-lo logo em seguida ao perceber que era o meu suéter. — Sabia que devia ter parado mais pra frente.

— Abre a porta, Shannon — Darren exigiu, batendo com força. — Agora.

— Vai se foder — Johnny soltou, mostrando o dedo do meio para a porta. — Babaca.

Abafando uma risada, me levantei da cama e abri a janela.

— Você pode sair por aqui.

— Não consigo pular — Johnny sibilou, gesticulando para a virilha. — Meu pau.

Nessa hora soltei uma risada alta.

Johnny estreitou os olhos.

— Não é engraçado, Shan. Ele acabou de voltar a *funcionar*.

— Ele vai te matar se você sair pela porta — balbuciei.

Ele revirou os olhos.

— Estou tremendo. — Sorrindo, ele acrescentou: — Você se treme toda antes de...

— Abre a maldita porta, Shannon — Darren rugiu.

— Estou me vestindo, Darren! — gritei. — Meu Deus! — Me virando para Johnny, sussurrei: — O que eu faço?

— Abre a porta.

Balancei a cabeça.

— Sem chance.

Ele fez que sim.

— Com chance.

— Johnny.

— Shannon.

— Shannon Maud Lynch, abre a porra dessa porta ou vou derrubar! — Darren vociferou.

Johnny arqueou a sobrancelha.

— Seu nome do meio é *Maud*?

Me encolhendo, assenti.

— Meus pais me odeiam.

Ele abriu um sorriso solidário.

— Ui.

— Vou derrubar essa porta em cinco, quatro, três, dois...

— Está bem, está bem, estou indo! — Reunindo cada grama de coragem dentro de mim, respirei fundo, fui até a porta e girei a trava. — Mantém a calma — sussurrei para mim

mesma enquanto abria a porta só o suficiente para enfiar a cabeça para fora. — Oi, Darren, e aí?

— Bota ele pra fora — foi a resposta tensa do meu irmão. — Agora.

— Quem? — perguntei, me fazendo de sonsa.

— Seu namorado.

— Meu namorado?

O rosto de Darren ficou roxo.

— *Shannon*, chega.

— Está tudo bem, Shan — Johnny disse, gentilmente me empurrando para longe da porta antes de abri-la. — Antes que você me mande ir embora, já aviso que estou indo — ele falou para Darren. — E não, não vou fazer isso de novo.

— Não tão rápido assim — meu irmão rosnou, cruzando os braços sobre o peito. — Está usando proteção com a minha irmã?

— Não vou falar sobre Shannon nem com você e nem com ninguém — Johnny respondeu com a mandíbula cerrada.

— Ah, pode apostar essa sua bunda gostosona que você vai falar comigo — Darren grunhiu. — Sou o irmão dela.

— O irmão dela — Johnny concordou, cruzando os braços. — Não o maldito tutor dela.

— Darren, para — cuspi.

— Não me vem com *Darren* — ele retrucou, me encarando. — Sua blusa está do avesso e abotoada toda errada, e vocês estavam trancados no quarto... — Ele gesticulou rigidamente para Johnny. — E sei bem que qualquer adolescente ficaria doida para dar para um cara como esse.

— Ah, meu Deus — soltei, mortificada. — Para de falar.

— Você está usando proteção? — ele continuou, dirigindo a pergunta para Johnny. — Está cuidando da segurança dela? Vou ter que me preocupar se ela vai voltar pra casa com mais uma criança?

— O que eu faço ou não com a Shannon não é da sua conta — Johnny devolveu, totalmente enfurecido. — Então cai fora, porra.

— É da minha conta sim se ela vai voltar pra casa grávida...

— Não — Johnny o interrompeu. — É da *minha* conta se isso acontecer. Não da sua, nem de qualquer outro membro da sua família fodida. É da *minha* conta. — Se virando para mim, ele pousou um beijo na minha bochecha e disse: — Tchau, Shannon — antes de sair do quarto.

— Tchau, Johnny — falei.

— Não quero te pegar no quarto da minha irmã de novo, Kavanagh — Darren rosnou atrás dele.

— Sim, sim — Johnny disse sem hesitar. — Te ligo depois, baby.

— Está bem — falei, vendo-o desaparecer na escada.

— Se a mãe tivesse pegado ele aqui, as coisas terminariam de outro jeito — Darren grunhiu quando a porta da frente bateu.

Sem conseguir tirar o sorriso do rosto, fui até a cama e me joguei com um suspiro satisfeito.

— Shannon? — Darren insistiu, recostado no batente. — Está me ouvindo?

— Não — falei, baixinho. — Não mesmo.

— Meu Deus — ele murmurou. — Você está encrencada, garota.

Novidade...

49

SUTIÃ VOADOR

Johnny

— Quero dar uma palavrinha com você, Jonathan Kavanagh — minha mãe anunciou, entrando no meu quarto com uma cesta de roupas dobradas nos braços. — Agora mesmo.

— Meu Deus, mãe! — Me atrapalhei para pegar a toalha que eu tinha deixado de lado quando saí do banheiro, enrolei-a na cintura e a encarei boquiaberto. — Já pensou em bater na porta?

— Sou sua mãe, Johnny. Te abriguei no meu corpo por nove meses, então não, não acho que tenho que bater na porta — ela retrucou, impassível. — E pare de se mexer, sim? Não tem nada embaixo dessa toalha que eu não tenha lavado, secado e passado talco.

Jesus amado...

— Agora. — Ela colocou o cesto no chão ao pé da cama e se virou para mim com as mãos nos quadris. — Tem algo que você queira me contar?

— Tipo o quê?

— Vai ser melhor pra você a longo prazo se você apenas confessar — ela disse, estreitando os olhos.

Fiquei boquiaberto.

Será que ela estava falando sério?

Que porra foi que eu fiz?

— É sobre o treino? — perguntei, confuso. — Porque você ouviu a dra. Quirke. Posso voltar a treinar leve essa semana. — Eu tinha sido liberado não apenas por um, mas por *três* médicos diferentes na semana anterior. Passei por avaliações físicas, treinamento de força, exames pélvicos e um monte de outras besteiras antes que finalmente me considerassem apto o suficiente para retornar ao campo.

— Não — ela falou em um tom uniforme. — Tente de novo.

Franzi o cenho.

— *Não* é sobre o treino?

— Não.

Ergui as sobrancelhas.

— Tem certeza?

— Tenho.

Cocei a nuca.

— É sobre o rúgbi?

— Última chance — ela disse, batendo o pé no chão. — Me deixe orgulhosa.

— Eu deixaria se soubesse o que devo dizer — falei, nervoso.

— Bem, então... — ela continuou naquele tom que provocava calafrios na minha coluna. — Vou te dar uma dica. — Ela enfiou a mão no cesto de roupas e sacou um sutiã branco de algodão. — Imagine a minha surpresa quando eu estava no seu quarto ontem e encontrei *isto* debaixo da sua cama.

Merda...

Agitando o sutiã de Shannon entre os dedos, ela arqueou a sobrancelha.

— Pode me explicar?

— Você acreditaria em mim se eu te contasse que isso é meu? — falei baixinho.

— Não é o seu tamanho — ela rosnou antes de mirar em mim com o sutiã. — Na minha casa! — ela exclamou, batendo na minha cabeça com a peça de Shannon. — Daí fui limpar sua mesinha de cabeceira, e adivinha o que encontrei na gaveta? — Ela me bateu de novo com o sutiã. — Uma caixa de camisinhas!

— *Fechada*, porque não fiz nada... — Entrando no modo de controle de danos, apertei a toalha e me esquivei. — Mãe, a gente não transou, juro por Deus!

— Vou tirar a trava da sua porta — ela avisou. — Estou falando sério, Johnny. Você não é confiável.

— Está bem — eu disse, recuando enquanto ela avançava sobre mim. — Não preciso mesmo, porque não estou fazendo nada.

— Então por que é que o sutiã da sua namorada estava debaixo da sua cama? — ela exigiu saber. — Hein?

— Ela se trocou aqui depois da escola umas semanas atrás — menti com os dentes cerrados. — Ela deve ter esquecido de guardar depois.

— Só isso?

— Sim, só isso! — Fingindo mágoa e indignação, olhei feio para ela. — Nossa, mãe, não acredito que você me subestime tanto. — Bufando, acrescentei: — Sei que não sou perfeito, mas saber que minha própria mãe pensa isso de mim machuca de verdade.

Ela estreitou os olhos.

— Não faça joguinhos mentais comigo, *espertinho*. Te ensinei tudo o que você sabe, safado!

Merda.

— Olhe, a gente não transou — falei calmamente, mantendo os olhos nela, torcendo para que ela acreditasse em mim e soltasse o sutiã. — Eu juro, mãe, não transamos. — Prendi o fôlego e esperei seu próximo movimento.

— Só quero que você fique seguro — ela finalmente disse com um suspiro pesado, se sentando na ponta da minha cama. — Não, esquece isso. Quero voltar no tempo pra quando você tinha dez anos.

— Não tenho mais dez anos — respondi, me aproximando com cautela. — Vou fazer dezoito no mês que vem.

— Aff, nem me lembre — ela resmungou, deixando os ombros caírem. — Os anos estão passando rápido demais.

— Vai ficar tudo bem, mãe — eu a tranquilizei, sem saber o que mais dizer. — Não precisa ficar chateada.

— Tudo está acontecendo rápido demais — ela continuou reclamando. — Você voltou a treinar essa semana e agora tem namorada. Qualquer dia desses, vou piscar e você vai ter ido embora pra França com o pessoal do rúgbi. E depois?

— Vamos, mãe — falei, me acomodando ao seu lado. — Nem sei se vou entrar no time este ano.

— Eu sei que vai — ela respondeu, apoiando a bochecha no meu braço. — E vou ficar muito orgulhosa.

— Então por que você está triste?

— Porque você é o meu bebê. — Ela soltou um suspiro pesado. — E é difícil ver você voar do ninho.

— Não estou voando de ninho nenhum. Vou morrer sozinho.

— Johnny — ela me repreendeu em um tom melancólico. — Estou falando sério.

— Eu também. — Coloquei o braço ao redor dela e apertei seu ombro. — Estou falando muito sério. Eu não sobreviveria uma semana sem você.

Ela sorriu.

— Você acha?

Fiz que sim.

— Eu sei.

Ela ficou em silêncio por um tempo e depois perguntou:

— Está animado pra hoje? — Enxugando os olhos, ela se virou e sorriu para mim. — É seu primeiro dia de volta ao campo?

— Estou aterrorizado — admiti.

Uma centelha de preocupação surgiu em seus olhos.

— Você não precisa voltar — ela falou depressa. — Se não estiver pronto, posso ligar pros seus treinadores...

— Estou pronto — eu a interrompi. — Só estou preocupado.

— Com o que, amor?

— Não ser mais o mesmo — murmurei. *Não serei bom o suficiente.*

— Você sabe o que eu acho do rúgbi. Nunca guardei segredo disso, mas saiba que, mesmo assim, te apoio cento e cinquenta por cento. Sei que você é brilhante, filho, e sei que você vai conquistar muitas coisas. Você é um jogador fenomenal e precisa se lembrar disso. Tudo bem ficar nervoso. Você teve uns meses difíceis com a cirurgia e a recuperação, mas saiba que existem vários meninos por aí capazes de *matar* pra jogar como você no seu pior dia.

— Você realmente acha isso?

— Tenho observado você jogar da arquibancada desde que você estava no juvenil em Blackrock — ela comentou. — E não consigo nem contar quantos treinadores e pais vieram até mim pra me falar que meu filho estava destinado pra camisa verde. — Sorrindo, ela acrescentou: — Eu sempre tive orgulho de você e sempre soube que é brilhante.

— Você nunca me falou nada disso — falei, coçando a mandíbula.

Ela sorriu de novo.

— Porque ainda tenho esperança de que escolha o golfe.

— Duvido disso, mãe. — Dei de ombros timidamente. — Desculpa.

— Bem, só mantenha seu cérebro a salvo então — ela murmurou, se levantando. — Não deixe nenhum valentão te acertar na cabeça.

— Vou fazer o meu melhor. — Dei risada.

— E nada de Shannon pelada no seu quarto — ela acrescentou, me fuzilando com o olhar enquanto atirava o sutiã no meu colo. — Nem pra trocar de roupa, nem nada.

50

VAMOS FAZER UNS BEBÊS

Shannon

Johnny estava de volta ao campo havia pouco mais de uma semana e minha ansiedade ainda estava nas alturas. Ele estava treinando em tempo integral novamente — usando seu corpo na capacidade máxima. Era assustador assistir porque eu tinha um medo terrível de ele se machucar, mas precisava admitir que era diferente dessa vez. *Ele* estava diferente. Ele estava falando sobre as coisas e lidando com a dor, trabalhando com os fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, médicos e treinadores e seguindo todas as ordens.

Em pânico e nervosa, me sentei nas arquibancadas do Ballylaggin RFC na manhã de sábado com os joelhos se mexendo sem parar enquanto observava tudo com o coração na boca. Segurando um copo descartável cheio de chocolate quente cremoso, agarrei-o entre os dedos enluvados e soprei

pela borda, aproveitando o calor do vapor que subia e acertava minhas bochechas. Estava chovendo muito o dia todo e eu estava grata por estar sentada sob o toldo de plástico nas arquibancadas.

Como sempre, minha atenção estava voltada para o garoto com a camisa número treze. Ele estava com um boné na cabeça com o logotipo do clube gravado na frente e uma segunda pele preta de mangas compridas por baixo da camisa de treino. Por baixo do short preto do uniforme, dava para ver a bandagem de suporte branca presa à sua coxa, e isso me deixou um pouco indisposta.

Fiquei olhando-o por um longo tempo se alongando e correndo, seguindo instruções e completando os exercícios sem esforço nenhum.

Faça com que ele consiga.

Por favor, Deus, deixe o garoto conquistar o que quer.

Ele merece.

Ele trabalhou duro.

— É só um treino, Shan, não uma partida — Claire falou, rindo e me arrancando dos meus pensamentos. — Se continuar batendo palma toda vez que ele pegar a bola ou completar uma volta, os caras do time vão tirar o maior sarro dele.

— Ah. — Mortificada, parei as mãos no ar e as enfiei embaixo da coxa, derrubando o copo de papel do banco no processo. — Não quero deixar ele com vergonha, eu só estou...

— Apaixonada? — Ela fingiu um desmaio e apoiou a cabeça no meu ombro. — Eu sei.

— Orgulhosa — eu a corrigi com as bochechas coradas. — Ele trabalhou tanto pra conseguir voltar.

— E olha só pra ele — Claire comentou, apontando para Johnny disparando pelo campo feito uma bala, ultrapassando o adversário com relativa facilidade. — Ele está pegando fogo hoje.

— Pois é. — Relaxei de alívio quando Johnny desviou do enorme e musculoso garoto que avançava direto para ele, jogando a bola de volta para Feely, que correu para os postes. Todos eles se chocaram uns contra os outros, incluindo Johnny, e eu gemi dentro das mãos. — Meu Deus! — Levantando a mão, puxei o gorro de lã para baixo sobre meus olhos até que os garotos parassem de se esmurrar. — Odeio esse esporte.

— Você é tão fofa! — Claire riu baixinho. — E aí, como conseguiu sair de casa?

Franzi o nariz lembrando da minha mãe gritando a plenos pulmões para que eu ficasse em casa, senão meu pai me encontraria, quando Aoife se ofereceu para me deixar na casa de Claire. Como se isso não bastasse, minha mãe me seguiu pelo jardim da frente, chorando e resmungando para que todos os vizinhos ouvissem. Eu não sabia o que ela esperava que eu fizesse, ficasse no meu quarto o dia todo? Eu não me sentia segura ali.

A verdade era que era mais provável encontrar meu pai sentado na mesa da nossa cozinha que no clube de rúgbi. Além disso, eu queria apoiar Johnny. Aquilo era importante para ele e eu queria que ele soubesse que estava ali para ele —

independentemente do que estivesse acontecendo na minha vida doméstica. Me concentrar em Johnny mantinha o pânico que se agitava dentro de mim sob controle. Estar ali me oferecia a fuga que eu precisava. Era como se eu tivesse um propósito, como se houvesse uma razão para não me deitar e chorar no meu travesseiro. Como se houvesse uma razão para *lutar*.

Você consegue, sussurrei mentalmente, concentrando toda a minha atenção nele, observando-o do banco. *Eu sei que você consegue*.

— Posso te contar um segredo? — Claire perguntou baixinho, passando o braço no meu. — Mas você não pode contar pra ninguém.

— Claro — respondi, me virando para ela. — Eu nunca contaria.

— Rolou uma coisa com Gerard.

Arregalei os olhos.

— Quando *rolou*?

Claire corou, mas não deu mais detalhes.

Hesitei, sem saber se podia pedir mais informações ou se devia esperar para que ela me contasse no seu tempo. Finalmente, eu disse:

— O que quer que tenha *rolado* entre vocês... — Fiz uma pausa, tentando verbalizar corretamente. — Foi recente?

— Meio que sim — ela sussurrou, mordendo o lábio inferior.

— Você está... *feliz*?

Ela deu de ombros.

— Não sei.

— Você está... *arrependida*?

— Acho que ele sim — ela soltou.

Franzindo o cenho, me virei para o campo e notei Gibsie olhando disfarçadamente para Claire.

— O que quer que vocês tenham feito, não acho que ele esteja arrependido, Claire — falei, pegando Gibsie no flagra pela milionésima vez. — Ele passou a manhã toda te olhando.

— Isso é só um jogo pra ele — ela grunhiu. — E eu vou perder.

— *O quê*? — Balancei a cabeça. — Claire, vamos lá, não pense assim.

O som agudo do apito do treinador cortou o ar, sinalizando o fim do treino e da nossa conversa.

— Não comente nada quando ele vier — Claire sussurrou enquanto Gibsie avançava direto para nós, coberto de lama da cabeça aos pés. Sério, ele estava tão sujo que não dava nem para saber qual era a cor do seu cabelo. — Por favor, Shan.

— Pode deixar — prometi, abrindo um largo sorriso quando ele se aproximou. — Oi, Gibs.

— Oi, Shannonzinha — ele respondeu antes de voltar a atenção para a minha melhor amiga. — Ursinha... — ele ronronou com um sorriso diabólico. — Tenho uma coisa pra você.

As sobrancelhas dela se ergueram de surpresa.

— Tem?

— Aham. — Acenando a cabeça, Gibsie se apoiou na barreira que separava o campo das arquibancadas e a chamou

com o dedo. — Vem aqui que eu te mostro.

Claire se levantou e foi até ele, desconfiada.

— É melhor você não estar planejando... ah, meu Deus, Gerard! Não! — ela gritou quando ele a arrastou por cima da barreira e a jogou para o ombro. — Me solta!

— Tem certeza que quer descer? — ele riu, sujando-a de lama de propósito enquanto a colocava no chão. — Eu sou um garoto tão sujo.

— Seu babaca! — ela soltou em meio a ataques de riso enquanto ele jogava um enorme pedaço de grama lamacenta grudado na coxa no cabelo dela. — Não tem graça.

— Então por que você está rindo? — ele falou, se esquivando do soco dela depois que ela se libertou e o atacou.

— Eu estava tentando te atrair pra uma falsa sensação de segurança — ela retrucou, avançando em sua direção.

— Oi, Shannon — a voz de Johnny encheu meus ouvidos e me virei para ele, apoiado contra a barreira, sorrindo para mim. Meu coração se agitou violentamente no meu peito na mesma hora.

— Oi, Johnny. — Soltando um suspiro trêmulo, me levantei e segui até ele, mas hesitei. — Você não vai fazer isso comigo, né? — perguntei, apontando para Claire e Gibsie, que estavam em uma luta corpo a corpo no campo. — Porque não curto essas coisas.

Ele deu uma risada suave.

— Só se não vier me dar um beijinho.

Sorrindo, me aproximei e joguei os braços em torno do seu pescoço, pressionando um beijo nos seus lábios.

— Oi.

— Oi. — Demonstrando afeto de um jeito que contrastava bastante com seu comportamento anterior no campo, Johnny pressionou a testa na minha e aninhou-se ali. Era um movimento tão primitivo e masculino que eu não pude fazer nada além de ficar parada e retribuir o carinho. Soltando o ar com força, ele pousou um beijo no meu nariz e esfregou o dedão na minha bochecha. — Suas bochechas estão rosadas.

— E você está todo cheio de grama — sussurrei, arrancando a sujeira do seu cabelo. — Como está se sentindo?

— Ótimo, Shan — ele respondeu, com os olhos brilhantes e animados. — Como eu estava?

— Parecendo uma estrela brilhante e gigante — falei, orgulhosa. — Você foi o melhor de todos.

Sorrindo, ele se inclinou para a frente e beijou minha bochecha. Era um gesto doce de afeto, muito mais íntimo que se ele enfiasse a língua na minha garganta.

— Vamos... — Me segurando pelos braços, Johnny me ajudou a ultrapassar a barreira antes de pegar minha mão. — Só preciso me trocar e podemos dar o fora daqui.

— Pensei que você fosse pra musculação — falei, caminhando ao seu lado. — Eu ia pra casa com a Claire.

— Eu já fui — ele explicou, colocando o braço na minha cintura para me erguer sobre uma enorme poça de lama.

Franzi as sobrancelhas.

— Mas são só três e meia.

— Deus ajuda quem cedo madruga, Shan — ele disse. — Estou acordado desde as cinco.

Nossa!

— E dizem que o cavalheirismo está morto — Johnny falou em um tom divertido, com os olhos fixos em Gibsie, que tinha ganhado a briga com Claire e estava sentado em cima dela, batendo os punhos contra o peito em vitória. Ambos estavam cobertos de lama e o lindo casaco branco de Claire estava todo marrom, combinando com seu cabelo agora castanho-lamacento. — Gibs, sai de cima dela, seu idiota.

— Não tem nada de cavalheiresco nele, Johnny — Claire rosnou antes de socar a barriga de Gibsie. — Toma essa, seu burro!

Rolando de costas de um jeito dramático, Gibsie agarrou a barriga e se contorceu na grama, rindo muito.

— Burro.

Claire aproveitou a oportunidade para contra-atacar. Ignorando os garotos que estavam uivando e berrando comentários sugestivos quando eles deixaram o campo, ela ficou de quatro e avançou em Gibsie.

— Continue rindo — ela grunhiu, montando em seu peito. — Mas você vai cair.

— Em você? — ele retrucou, agitando as sobrancelhas. — Sim, por favor.

— Gerard!

— Claire — ele ronronou. — Ag...

Ela deu um tapa na boca dele.

— Não *ouse* terminar essa frase — ela sibilou bem perto do seu rosto. — E para de lamber minha mão.

— Você... que... e... o... lamb... sua... eta... em vez... — Gibsie respondeu, mas sua voz estava abafada pela mão de Claire. — Hummm...

— Para! — Ela deu risada, se contorcendo quando ele começou a fazer cócegas nas suas costelas. — Gerard, eu não...

— Claire! — Hughie berrou, correndo para nós com Feely logo atrás. — O que diabos você está fazendo? — Estreitando os olhos, ele rosnou: — Sai de cima da minha irmã, imbecil!

— Ah, que ótimo, a alma da festa chegou — Claire grunhiu, retirando a mão da boca de Gibsie. — Só estou matando seu amigo, Hugh, relaxa.

— E é a sua irmã que está em cima de *mim* — Gibsie acrescentou, com um sorriso de lobo.

O rosto de Hughie assumiu um tom profundo de roxo.

— Gibs, juro por Deus, se não deixar ela em paz, eu vou te machucar — ele ameaçou, partindo para cima deles. — Não estou brincando mais...

— Está bem — Feely interveio calmamente, se colocando na frente de Hughie. — Eles só estão brincando, cara. Relaxa.

— *Ela* está brincando — Hughie falou, olhando feio para Gibsie. — *Ele* tem algum motivo oculto.

Johnny resmungou ao meu lado.

— Isso ainda vai acabar em lágrimas — ele declarou, esfregando o queixo.

— O quê? — Franzi o cenho para ele. — Claire e Gibs?

Ele fez que sim.

— Já estou vendo tudo.

— Calma, Hughie — Claire bufou, se levantando. — Você está fazendo uma tempestade em copo d'água. — Pisando na barriga de Gibsie de propósito, ela saiu andando na direção do estacionamento. — Como sempre!

— Gibson! Kavanagh! — o treinador rugiu do outro lado do campo. — Nada de namoradas no treino! Isto não é uma boate, porra.

— Ela é minha irmã, não namorada dele — Hughie rugiu de volta. — Não ofenda a inteligência dela.

— Ainda — Gibsie completou com um sorrisinho.

— Nunca — Hughie retrucou, furioso, saindo para o vestiário.

— Vamos ver — Gibsie falou atrás dele, mostrando o dedo do meio para Hughie.

— Estou prevendo uma tempestade de proporções épicas — Feely declarou. — Continue brincando com a irmã dele e os tempos vão ser complicados pra você.

— Bem, contanto que as condições estejam úmidas, vou ser um homem feliz — Gibsie respondeu com uma piscadela.

— Eita! — Johnny balançou a cabeça. — Isso foi mais bizarro que o normal, cara.

— Pois é, percebi — Gibsie respondeu, franzindo a sobrancelha brevemente antes de abrir um sorriso sem graça. — Pra ser justo, soou bem melhor na minha cabeça.

— Talvez algumas coisas devessem permanecer só na sua cabeça, Gibs — Johnny disse.

— Vamos, seu idiota — Feely falou, oferecendo a mão para Gibsie, que ainda estava esparramado na grama. — Vamos logo

antes que você se meta em mais confusão.

— Você sabe que não consigo evitar, cara. — Gibsie deu risada, se levantando e saindo do campo com Feely. — A confusão me persegue.

— O treino acabou, Kavanagh — o treinador esbravejou. — E nada de namorada na semana que vem!

Parecendo um pouco puto, Johnny coçou a nuca e respondeu:

— Pode deixar, treinador. — Se virando para mim, ele segurou meu cotovelo e se inclinou para falar: — Só preciso me trocar. — Ele roçou os lábios nos meus. — Daí a gente dá o fora, está bem?

Soltei um suspiro trêmulo e assenti.

— Está bem.

— Já volto — ele sussurrou, apertando minha bunda de leve antes de me soltar. Seu sorrisinho estava intacto e ele não tirou os olhos azuis de mim enquanto caminhava de costas devagar.

Juro que fiquei sentindo o calor do seu olhar nos meus ossos até bem depois que ele desapareceu.

— Tem certeza que está tudo bem? — perguntei para Johnny quando estacionamos nos fundos da casa dele meia hora depois. Ele tinha acabado de sair do banho, vestido roupas limpas e estava emanando um aroma delicioso ao meu lado. — Seus pais não vão ligar se eu aparecer? — acrescentei, olhando para o range rover preto ao lado do seu audi. — Tem certeza?

— Relaxa, Shan, ela nem está aqui — Johnny respondeu, desligando o motor. — Eles vão passar a noite em Killarney. Devem ter ido com o carro do meu pai.

Uma onda de empolgação ganhou vida dentro de mim.

— Ah, é?

— Estamos sozinhos. — Ele soltou o cinto e se virou para mim sorrindo, enquanto as covinhas se aprofundavam em suas bochechas. — O que vamos fazer?

Com os dedos tremendo, também soltei o cinto e só parei de me mover quando sentei no seu colo.

— E os outros? — sussurrei, pressionando a testa na dele, pensando em Claire e Gibsie. — Eles estão vindo pra cá.

— Eles podem esperar — ele rosnou, colocando as mãos nos meus quadris. — Eu não ligo.

— Então o que você quer fazer? — falei, sentindo-o endurecendo debaixo de mim.

— Só quero ficar com você — ele respondeu depressa, pousando um beijo no canto da minha boca. — Só quero passar um tempo sozinho com você.

Soltei o corpo contra ele.

— Eu também.

— Quer subir pro meu quarto? — ele perguntou, movendo os lábios pelo meu pescoço.

— Quero. — Assenti e segurei seus ombros com mais força. — Muito.

Grunhindo no meu pescoço, Johnny apertou meus quadris de leve e recuou, me encarando com olhos ardentes.

— Vamos.

Animada, empurrei a porta do motorista e desci, depois fiquei olhando Johnny descer atrás de mim. Meu coração estava batendo forte quando ele pegou minha mão e me puxou consigo para abrir a porta dos fundos.

— Tem certeza? — ele perguntou, empolgado.

Fiz que sim, estiquei o braço e puxei seu rosto para o meu.

— Ah, merda... — ele soltou.

Suas mãos deslizaram para a minha bunda e ele me levantou. Enrolei as pernas em volta da sua cintura, segurei seus ombros e o beijei enquanto entrávamos na lavanderia sem fôlego e dando risada.

— *Hummm.*

Congelamos e ficamos nos encarando.

— *Hummm, isso.*

Nossos olhos se arregalaram ao mesmo tempo.

— *Você sabe como eu gosto...*

— Aquele idiota chegou antes da gente — Johnny sibilou, seguindo para a porta da cozinha comigo ainda enrolada nele feito uma trepadeira. — Gibsie — ele rosnou, abrindo a porta de uma vez. — Juro por Deus que se você trouxe alguém aqui... ah, meu Deus do céu! — ele rugiu, se virando e me oferecendo uma visão perfeita dos seus pais. — O que vocês estão *fazendo*? — ele perguntou, horrorizado. — Seus malucos!

A sra. Kavanagh estava sentada na ilha da cozinha e o sr. Kavanagh estava de pé no meio das pernas dela.

Pelados.

— Ah, Johnny, meu amor, você chegou mais cedo — ela falou.

— Mãe! — Johnny soltou, me colocando no chão. — O que vocês estão... ah, meu Deus... que porra você está deixando ele fazer com você? — Ele levou as mãos à barriga e disse: — Acho que vou vomitar.

— Oi, Shannon, querida.

— Hum, oi? — soltei, corando furiosamente.

— Cubra sua bunda, pai — Johnny rosnou. — Minha namorada está no recinto!

— Desculpa, Shannon.

— Tudo bem.

— Não está nada bem — Johnny interveio. — Nada disso está bem.

O sr. Kavanagh foi recolher as roupas no chão e Johnny soltou um lamento sofrido.

— Não se mexa — ele pediu. — Não quero ver. — Johnny cobriu meus olhos com a mão e me puxou para o seu peito. — Não olhe, Shan. Sério, baby, fica com os olhos fechados. Estou marcado pro resto da vida.

— Relaxa, Johnny — o sr. Kavanagh falou em um tom divertido.

— Relaxa? — Johnny cuspiu, abaixando a mão do meu rosto. — Está falando sério? Eu como a porra do meu *jantar* nesse balcão... bem, pelo visto, não mais. Não, nunca mais vou comer nessa maldita cozinha de novo. — Balançando a cabeça, ele ergueu as mãos no ar, parecendo genuinamente aturdido. — E você ainda teve a audácia de me dar um sermão por conta de um sutiã. Vocês dois são uma vergonha. — Ele foi até os

pais, pegou as roupas no chão e as atirou neles. — Vocês são uma vergonha e me constrangem!

— Você devia estar na musculação — o sr. Kavanagh falou calmamente, colocando a camiseta na cabeça da esposa. — Você sempre vai pra academia de sábado. — Ele sorriu para o filho, o que só o deixou mais nervoso.

— E vocês deviam estar em *Killarney* — Johnny rugiu.

— A gente já vai — o pai respondeu. — Nos distraímos um pouco.

— *Distraíram* — Johnny zombou. Estreitando os olhos, ele apontou o dedo para os pais. — É esse tipo de coisa que vocês ficam fazendo quando não estou em casa? Você come minha mãe na cozinha? Hein? Onde mais vocês transaram? Meu Deus, digam que não tocaram no meu quarto!

— Johnny, meu amor — a sra. Kavanagh interveio. — Se acalma...

— Não, não vou me acalmar, porra. Estou *traumatizado*! — Estremecendo, ele passou a mão pelo cabelo e encarou os pais. — Você deixa ele fazer isso com você... Jesus, vocês estragaram minha vida!

— Ei, está tudo bem — sussurrei, pegando sua mão. — Isso é, hum, meio que normal?

— *Normal*? — Johnny vociferou, me olhando com uma indignação desmedida. — Shan, não tem nada de normal nesses dois... dois... *idosos*!

Dei risada na cara dele. Me senti mal, mas sinceramente não consegui evitar.

— Isso é engraçado pra você? — Johnny me perguntou, nervoso. — Você devia estar do meu lado!

— Eu estou — falei, colocando sua mão entre as minhas. — Estou sempre do seu lado.

— Sexo é uma coisa linda, amor...

— Não se *atreva* a vir com essa merda pra cima de mim, senão vou embora — Johnny avisou, fuzilando a mãe com o olhar. — Estou falando sério, vou me mudar.

— E pra onde você vai?

— A casinha do cachorro seria melhor do que ficar aqui com vocês dois — ele rosnou.

— Não seja tão dramático, Johnny — o sr. Kavanagh disse, rindo. — Você está exagerando.

— A garagem... posso reformar ela — Johnny latiu, nervoso. — Vou me mudar pra lá com a minha namorada e vou transar com ela ali, bem alto. Várias vezes. Na verdade, nós dois vamos abandonar a escola pra poder passar o dia todo transando. Porque, *pelo visto*, isso é normal por aqui! — Furioso, ele abanou a mão. — Imaginem só, suas aberrações sem consideração. Vocês iam gostar disso? E não vou usar camisinha. Vou engravidar ela. Que tal uns netinhos? O que acham? Shannon e eu vamos nos tornar estatística e vocês não vão poder botar a culpa em ninguém além de vocês mesmos por me traumatizarem!

— Ah, você é tão razoável! — a sra. Kavanagh falou, ainda sorrindo, ainda meio pelada.

— Você não me ouviu? — Johnny perguntou. — Estou prestes a me mudar pra garagem pra engravidar Shannon.

Pensem nisso.

— Você é inteligente demais pra ser tão burro, Jonathan — seu pai falou.

— Ah, é? Bem, vamos ver. — Pegando minha mão, ele me arrastou pelo corredor. — Vamos, Shan. Vamos fazer uns bebês.

— A garagem é lá fora, filho — o sr. Kavanagh disse, rindo.

— Não fala comigo — Johnny falou, caminhando depressa.

— Deixe a porta do quarto aberta, Jonathan — a sra. Kavanagh pediu.

— Vão à merda, vocês dois — ele rugiu, me puxando pela escada. — E coloquem roupas. Meus amigos estão vindo.

— Hum, não quero fazer bebês hoje, Johnny — declarei, seguindo-o pelas escadas.

— Eu também não, Shan — ele grunhiu, me conduzindo para o quarto. — E eu não poderia nem se quisesse, porque *brochei*.

Mordendo o lábio para me impedir de dar risada, apertei o passo atrás dele. Entrando no quarto feito um homem em uma missão, Johnny estremeceu e praguejou baixinho.

— Malucos — ele ficou rosnando, caminhando de um lado para o outro. Ele levou os braços para trás, arrancou o moletom por cima da cabeça e o jogou no chão. Depois, girou os ombros para relaxá-los um pouco, mas continuou andando pelo quarto, virando a cabeça para os lados. Sua camiseta azul estava colada no seu corpo, seu peito largo e seus ombros preenchendo o tecido melhor do que qualquer adulto. — Estou arruinado.

Decidindo deixá-lo em paz, dei a volta nele com cuidado e fui até a televisão para ligá-la. Pegando os dois controles do console, me afundei em um dos pufes e liguei o jogo.

— Não vou jogar — ele declarou, ainda indignado. — Meu orgulho não vai aguentar mais um gole depois *daquilo*.

— Vamos — pedi, abafando a risada. — Vai te distrair.

— Duvido. — Grunhindo sozinho, ele se sentou no pufe ao meu lado e beijou minha bochecha. — Duvido muito.

— Cara... — A porta do quarto se abriu e Gibsie entrou feito um tornado, todo ofegante e sorrindo como um filhotinho bobo. — Acho que seu pai estava comendo a sua mãe na cozinha. — Com os olhos arregalados de empolgação, ele acrescentou: — Eles estavam se vestindo quando eu entrei.

— Ah, meu Deus! — Rosnando, Johnny atirou o controle longe e se contorceu como se estivesse sentindo dor. Ele cobriu os olhos com a mão e sibilou: — Puta merda.

— Ah, meu Deus! Seu pai é tão gostoso, Johnny — Claire falou, entrando no quarto atrás de Gibsie. Ela estava usando roupas masculinas, mas pelo menos não estava mais enlameada e seu cabelo estava de volta à sua glória dourada. — Você viu, Shan? Que delícia!

— Quero morrer, baby — Johnny soltou, abaixando a cabeça no meu colo. — Sério, pode me matar.

— Shh. — Contive outra risada enquanto passava os dedos no seu cabelo. — É como diz aquele ditado irlandês: você vai ficar melhor depois que se casar duas vezes.

— Só vou fazer isso uma vez — ele bufou, envolvendo os braços na minha cintura. — Então nunca vou melhorar.

— Não se sinta mal, Johnny — Claire disse, se acomodando na cama dele como se fosse a dela. — Seus pais são gostosos, e pessoas gostosas transam gostoso umas com as outras.

— Nossa, Claire, muito obrigado por isso — Johnny falou, perplexo. — Estou me sentindo muito melhor agora.

— De nada — ela disse, mexendo em uma pilha de revistas e papéis na mesinha de cabeceira.

— Ei, não se preocupe com isso, cara — Gibsie falou, se esparramando na cama ao lado de Claire. — Seu pai é uma lenda.

— Vai se foder — Johnny grunhiu.

— Ounnn — Claire soltou, erguendo um jornal para mim. — Olha só vocês dois.

Meus olhos pousaram na enorme matéria de duas páginas de vários meses atrás, quando o Tommen ganhou o School Boy's Shield. Na foto, Johnny estava me abraçando e eu estava sorrindo feito uma louca para a câmera.

— Vocês deviam colocar isso no corredor da fama de vocês — ela falou, encarando Johnny com um olhar severo, se balançando na cama com o jornal na mão. — É ridículo que você não tenha uma foto da sua namorada aqui.

— Dá licença que estou meio que numa crise pessoal — Johnny resmungou, esfregando minha barriga com o nariz. — Não tive tempo de redecorar o recinto.

— Bem, posso fazer isso pra você.

— Claire — avisei, sentindo as bochechas esquentarem. — Não importa.

— Claro que importa — ela respondeu, rasgando o papel com cuidado. — Você é um amor — ela acrescentou, parada na frente da mesa de Johnny, examinando o quadro de cortiça pendurado sobre ela. — Agora, qual de vocês vai perder uma tachinha? — Ela estalou a língua antes de pegar uma foto. — Desculpe, B.O.D, seu tesouro — ela disse, dando um beijo na fotografia. — Mas vou precisar do seu lugar.

— Claire...

— Deixa ela — Johnny interveio. — Faz um tempão que eu queria pendurar essa foto mesmo.

— Quer dar o fora daqui? — Gibsie perguntou. — Estou entediado.

— Você está sempre entediado — Johnny retrucou.

— Porque você é entediante — Gibsie disse.

— Se eu sou entediante, dá o fora e encontra outra pessoa pra encher o saco — Johnny grunhiu.

— Não posso. Você pode ser um babaca entediante, mas acontece que gosto muito de você e sempre sinto saudade quando estamos longe.

— Jesus... — resmungando sozinho, Johnny se deitou de costas e disse: — Está bem. O que quer fazer, Gibs?

— Sei lá, Johnny — Gibsie respondeu, sorrindo. — O que você quer fazer?

— Quero voltar no tempo e *não* ver meu pai comendo minha mãe na porra do balcão da cozinha — Johnny falou, se erguendo sobre os cotovelos para olhar o amigo. — Mas, como ainda não dominei a arte de viajar no tempo, acho que vou furar meus olhos em vez disso. Acha que vai ser legal?

— Só seu eu tiver a experiência completa de ver sua mãe pelada também — Gibsie respondeu. — Se bem que nem o próprio Deus pode me fazer apagar a imagem mental da sua mãe...

— Sai do meu quarto — Johnny rosnou, fazendo Gibsie rolar na cama de tanto gargalhar.

— Por que não damos uma volta na cidade? — Claire sugeriu, reorganizando todas as fotos e autógrafos no quadro de Johnny. — A gente podia comer alguma coisa e depois ir ao cinema. — Ela arrastou a cadeira até a parede e subiu nela para alcançar as fotos das mulheres peladas no alto. — Ah, e estou confiscando isso aqui, seu pervertido. Só pra você saber.

— Vá em frente — Johnny disse, claramente indiferente, apoiando a cabeça nas minhas coxas. — O que acha, Shan? — ele perguntou, olhando para mim do meu colo. — Quer ir?

— Hum... — Constrangida, olhei em volta antes de me aproximar do seu ouvido e sussurrar: — Não tenho dinheiro.

— Eu tenho — ele sussurrou de volta, segurando minha cabeça no lugar. — Eu pago. — Ele pressionou um beijo nos meus lábios e acrescentou: — Não fique pensando demais.

— Tem certeza? — perguntei, envergonhada.

— Claro. Para de se encanar.

— Se vamos mesmo, você vai ter que desgrudar da Shannonzinha e dirigir — Gibsie interveio. — Porque ainda não estou muito confortável com as rotatórias.

— Certo. — Soltando um suspiro pesado, Johnny soltou meu rosto e se levantou. — Provavelmente vai ser mais seguro

se eu dirigir. — Pegando minha mão, ele me levantou. — Pelo menos vamos chegar inteiros.

— Eu ainda não te matei, né? — Gibsie bufou.

Johnny arqueou a sobrancelha.

— *Ainda* é bastante apropriado nesse caso, cara.

— Agora você está sendo ingrato — Gibsie retorquiu. — Eu carreguei a sua bunda por aí durante semanas quando você quebrou seu pau... e te mantive vivo!

— Muito obrigado por dar carona pra mim e pro meu pau quebrado e nos manter vivos, Gerard — Johnny disse, revirando os olhos. — Como posso te retribuir?

— De nada, Jonathan — Gibsie respondeu, sorrindo. — E você pode me retribuir não ejaculando em mim de novo.

— O quê? — Claire e eu explodimos de rir juntas.

Johnny estreitou os olhos.

— Você está morto, cara.

— Longa história, meninas — Gibsie falou, seguindo para a porta. — Conto tudo no caminho.

51

MANEQUINS E FILMES

Johnny

Eu ia matar meu melhor amigo. Depois de suportar sete anos de palhaçadas, eu tinha certeza de que não havia um júri no país que me condenaria. Não depois da sua última façanha.

— Sai dessa vitrine antes que as meninas voltem do banheiro — rosnei pela quinta vez.

Mas não adiantou. Minhas palavras entravam por um ouvido e saíam pelo outro. Gibsie nem piscou, parado feito uma estátua, olhando a vitrine da loja Debenhams no shopping de Mahon Point, com as mãos nos quadris na pose do Super-Homem, com os jeans nos tornozelos e a cabeça sem rosto de um manequim seminu posicionado contra o seu pau.

— Tem crianças aqui — sibilei quando uma senhora com duas criancinhas me olhou feio ao passar. — Vamos, cara —

implorei, vendo Shannon e Claire se aproximando. — Pare com isso e te pago um combo.

— Quero um combo extragrande *com* chocolate — ele declarou antes de virar pedra de novo.

— Está bem — concordei, nervoso, acenando para Shannon. — Sem problemas... só sai daí antes que a gente seja arrastado pelos seguranças.

Abrindo um sorriso largo, Gibsie ergueu a calça jeans e saiu da vitrine, rindo sozinho.

— Sai daí — rosnei, contendo a vontade de estrangulá-lo.

— O que vocês estão fazendo? — Claire perguntou, nos olhando desconfiada. — Estavam fazendo compras?

— Talvez — Gibsie respondeu. — Você quer que eu diga que sim?

— Definitivamente não — murmurei, seguindo para a minha namorada, grato por ela estar ali para que eu não tivesse que me sentar ao lado daquele imbecil durante todo o filme. — Pronto?

— Sim. — Sorrindo alegremente, Shannon acenou a cabeça e se acomodou ao meu lado. — Estou pronta quando você estiver.

Passei o braço sobre o seu ombro e fomos para o saguão do cinema para comprar os ingressos.

Eu já tinha ido ao cinema inúmeras vezes com Gibsie e Claire ao longo dos anos e estava mais que preparado para a discussão que se seguiu quando fiz a temida pergunta:

— O que vamos assistir?

Eles tinham a mesma briga antes de todos os filmes. Parecendo um casal de velhos, eles discutiram ali mesmo na frente da bilheteria.

— Você está errado, Gerard — Claire falou, cruzando os braços no peito. — Estou te falando que precisamos assistir *Muito bem acompanhada*.

— Não estou te ouvindo — ele disse, encarando-a. — Não depois de *Diário de uma paixão*.

— Aquele filme era *ótimo* — ela declarou, levando as mãos ao peito. — Você não tem bom gosto.

— Você ficou chorando por dias!

— Você também! Mais que eu!

— Exatamente — Gibsie retorquiu. — Por isso não vou mais te escutar.

— Vai, sim.

— Não vou, não. Não vou, Claire. Não desta vez.

Batendo os pés, ela fez biquinho.

— Não me olha assim — Gibsie pediu. — Não vai funcionar desta vez. É minha vez de escolher.

— Que tal *Sin City*? — sugeri.

— Não — ambos responderam em uníssono.

— Vamos ver *A casa de cera*.

— Não vamos, não!

— Vamos, sim.

— Alguém quer saber o que eu e Shannon queremos ver? — perguntei.

— Não — eles falaram ao mesmo tempo.

Shannon deu risada.

— Eles são tão engraçados...

— Claire, é minha vez — Gibsie sibilou. — Você que escolheu o filme nos últimos dez anos!

— Não escolhi, não. Você me fez ver *Pokémon*.

— Porque você me fez ver *O mundo das Spice Girls*! — Gibsie retrucou, consternado. — Sabe o que tive que ouvir dos caras por causa disso? Hein?

— Está bem — Claire cedeu. — Deixa eu escolher o de hoje e prometo que você pode escolher o próximo.

Gibsie arregalou os olhos.

— Foi o que você disse da *última* vez.

Ela revirou os olhos.

— Não foi pra valer da última vez.

— Não — Gibsie rosnou, se mantendo firme. — A gente vai ver o meu filme hoje, Claire. O *meu*. O que *eu* escolher. — Ele apontou o dedo para ela. — E você vai gostar!

— Está bem — ela concordou.

— Não, não, não — Gibsie grunhiu, frustrado. — Não diga está bem. Isso é perigoso vindo da sua boca.

— Eu disse que tudo bem, Gerard — ela falou sem emoção. — Escolhe o filme, eu não ligo.

— Você está mentindo — ele a acusou. — Não está nada bem e você vai me fazer sofrer.

— Faça o que quiser, Gerard.

— Para de ferrar com a minha mente!

— Está bem.

— Não diz isso.

— Está bem.

— Está bem! — Ele ergueu as mãos no ar. — Está bem, porra. Você ganhou. — Se virando para o homem atrás do balcão, ele disse: — Dois ingressos pra *Muito bem acompanhada*, por favor, e uma caixa pra ela guardar minhas bolas. — Soltando um suspiro cansado, ele gesticulou por cima do ombro. — E esse pobre garoto aqui atrás de mim vai querer o mesmo.

— Oba! — Claire exclamou alegremente, passando o braço na cintura dele. — Você vai adorar.

— Não é justo, mas enfim — Gibsie murmurou, pagando os ingressos e os entregando para Claire. Ele deu um passo para o lado para que eu pagasse e pegasse os outros dois ingressos. — O que eu quero não importa mesmo.

— Você é o melhor. — Ela deu um beijo na bochecha dele e depois recuou, agitando os ingressos no ar. — Vou dividir minha pipoca com você.

— Hum — ele grunhiu, com o nariz erguido. — Não estou mais com fome.

— Ah, vamos lá, seu bebezão rabugento — ela disse, pegando a mão dele. — Está com fome, sim, que eu sei. Vamos pra fila da comida.

Gibsie cedeu bufando e deixou Claire arrastá-lo para o balcão da lanchonete.

— Tudo bem, mas você pega a pipoca e eu pego os chocolates, assim fica tudo certo.

— Claro.

— Você quer comer alguma coisa? — perguntei, me virando para Shannon.

Ela deu de ombros e colocou o cabelo atrás da orelha.

— Não sei.

— Você não sabe? — Arqueei a sobrancelha. — Está com fome?

— Você vai pegar alguma coisa? — ela devolveu a pergunta.

— Talvez. — Eu a observei com atenção. — Mas só se você pegar alguma coisa.

Ela soltou o ar de leve com as bochechas vermelhas.

— Se você quiser...

— É por causa do dinheiro? — perguntei, sem rodeios. — Porque eu já te falei que vou pagar.

Constrangida, ela olhou para os pés e depois para mim.

— Posso comer a sua pipoca se você for pegar.

Sabendo que isso era tudo que eu ia conseguir dela, assenti e a conduzi para a sessão de comidas. Pedi uma pipoca e uma coca grandes e uma água.

— Obrigada — ela sussurrou, enquanto atravessámos o saguão atrás de Gibsie e Claire. — Fico muito agradecida...

— Se for me agradecer por te comprar uma coca, vou fazer um escândalo pior que o do Gibs. — Entregando a bebida para ela, abri a porta do cinema e gesticulei para que ela fosse na frente. — Sério, Shan.

— Igual ao que você fez na cozinha mais cedo? — ela zombou, entrando depressa. — Com os seus pais?

— Aff. — Estremeci e entrei atrás dela. — Nem me lembra.

— Está tudo bem. Quando as luzes se apagarem, vou te fazer se sentir melhor.

— Promete? — murmurei.

— Prometo — ela sussurrou, apertando minha bunda.

Jesus...

52

A FILHA DELE

Shannon

Estávamos saindo do cinema de Mahon Point de noite quando aconteceu — eu *o* vi. Johnny, Gibsie e Claire estavam andando ao meu lado, conversando sobre o filme que tínhamos acabado de ver, mas eu não conseguia ouvir uma palavra que eles diziam com o som da minha pulsação martelando violentamente dentro de mim. Meus pés vacilaram e meu corpo enrijeceu ao ponto de eu não conseguir dar nem mais um passo. Piscando rapidamente, tentei afastar a cena da minha mente, fingir que era só minha imaginação, mas quando voltei a olhar, ele ainda estava lá. *Ele* ainda estava lá. Sentado em um carro a três vagas do audi de Johnny. *Com uma mulher*.

— Shan? — Johnny apertou minha mão. — Você está bem?

Não consegui responder.

Meus lábios não estavam funcionando.

Soltei a mão dele e comecei a recuar, me movendo feito um fantasma, rezando para que ele não tivesse me visto.

— Shannon? — Johnny falou, preocupado. — Baby? — Ele ficou bem na minha frente, com as mãos nas minhas bochechas e os olhos azuis fixos nos meus. — Qual o problema?

Balançando a cabeça, abri a boca para responder, mas tudo o que saiu foi uma rajada de ar.

— Ah, não — Claire sussurrou, finalmente vendo o que eu estava vendo. — Shan, está tudo bem.

— O que está bem? — Johnny perguntou, olhando em volta do estacionamento mal iluminado. — Que porra está acontecendo?

Gibsie deu de ombros.

— Não faço ideia, cara.

— É o *pai* dela — Claire soltou. — Ali naquele carro preto.

— Preciso ir — enfim consegui falar enquanto me afastava. Eu estava em pânico total e meu instinto de fuga retardatário entrou em ação. — Preciso ir... — Me virei e corri para a entrada do shopping. — Preciso ir *agora*!

— Não, não, Shannon, não foge... — Os braços de Johnny envolveram minha cintura e me puxaram para o seu peito. — Estou bem aqui com você — ele sussurrou na minha orelha. — Não vou deixar nada acontecer.

— Ele me viu? — Me entregando fracamente aos seus braços, fechei os olhos enquanto lágrimas escorriam pelas

minhas bochechas. — E se ele me *viu*, Johnny?

— Não importa — ele disse, me acomodando no seu abraço. — Ele não pode encostar em você.

— Só me leva embora — sussurrei com a voz falhando, enterrando o rosto no seu moletom. — Por favor, me tira daqui.

— Vou te tirar daqui. — Senti Johnny enrijecer e me apertar mais ainda, com os braços firmes em torno no meu corpo. — Prometo.

Meu estômago se contorceu violentamente enquanto eu me afastava, cambaleando, segurando a barriga e sentindo o gosto familiar de bile invadindo meus sentidos.

— Você vai vomitar? — ele perguntou com a voz grave e rouca. — Shan...

Tremendo da cabeça aos pés, fiquei de quatro e vomitei selvagemente, esvaziando o estômago no chão.

— Shh, está tudo bem — ele disse, puxando meu cabelo para fora da zona de perigo. — Está tudo bem, baby. — Ele se agachou ao meu lado e continuou segurando meu cabelo e esfregando as minhas costas. — Só respira, Shan. Devagar... Isso. Muito bem... — Tirando as chaves do bolso, ele as atirou para Gibsie e falou: — Traz o carro aqui, cara.

— Desculpa — falei, me ajoelhando e tentando respirar.

— Não se desculpar — ele disse suavemente. — Pronto?

Assenti fracamente.

— Desculpa.

— Não tem problema, Shan — ele respondeu, me ajudando a me levantar. — Vai dar tudo certo.

Um carro parou ao nosso lado — o audi de Johnny, percebi, com Gibsie no banco do motorista e Claire atrás. Sem desligar o motor, Gibsie puxou o freio de mão e trocou de banco para se juntar a Claire.

Johnny abriu a porta do passageiro para mim e depois a fechou antes de dar a volta no carro.

— Ah, meu Deus — soltei, me virando para vê-lo indo até o carro do meu pai. — Johnny, não! — Abri a porta e desci. — Deixa pra lá, Johnny! — implorei, correndo atrás dele. — Por favor, não faz nada...

Bang.

Fiquei vendo em uma mistura de choque e horror meu namorado batendo a mão no para-brisa do carro do meu pai com tanta força que me surpreendi quando o vidro não rachou.

O impacto assustou tanto meu pai quanto a mulher, que estava com a cabeça no colo dele. Ambos olharam para cima de olhos arregalados.

— Sai do carro — Johnny ordenou, puxando a maçaneta da porta do motorista. Quando meu pai não se mexeu, ele agarrou a maçaneta com as duas mãos e começou a puxá-la com força, fazendo o carro tremer. — Sai do carro, *porra*! — ele rugiu, batendo o punho na janela ao lado da cabeça do meu pai.

Vi a cena se desenrolar diante de mim como se fosse um acidente de trânsito, petrificada, mas incapaz de desviar o olhar. A mulher no carro parecia horrorizada. Me perguntei

por um breve instante se ela sabia que ele era casado. *Se ela sabia que ele era cruel...*

Meu pai destravou o carro, furioso, e abriu a porta. Johnny parecia igualmente enraivecido, mas deu um passo para trás, dando ao meu pai o espaço necessário para obedecer ao seu comando e sair.

Eu me aproximei, insegura, mas precisando ir até o meu namorado.

— Você... — Johnny rosnou com o peito pesado quando meu pai se levantou e o encarou. — Você é o pior merda que já tive o azar de conhecer, e olha que já viajei o mundo inteiro.

Eles estavam cara a cara, com as testas pressionadas uma contra a outra feito dois touros furiosos em um confronto acirrado. O medo me sufocou. Se meu pai batesse nele, o que ele faria? Terminaria comigo? Eu não podia controlar nada daquilo. Eu me sentia tão fraca quanto minha mãe — impotente também.

— Só Deus sabe como é que você é o pai dela — Johnny rugiu. — Porque eu realmente não entendo como algo tão bom pôde vir de algo tão tóxico.

— Quem diabos é você? — meu pai rosnou, com o rosto vermelho.

— Você deveria me reconhecer — Johnny ferveu, empurrando o homem com tanta força que suas costas bateram na lateral do carro com um estrondo alto. — Eu sou o babaca do rúgbi, lembra? — Segurando a camisa do meu pai, Johnny jogou a cabeça para trás e deu um tapa no rosto dele. Sangue espirrou para todo lado e eu estremeci. — Eu sou o

namorado da sua filha — ele continuou, empurrando meu pai contra o carro mais uma vez antes de balançar o punho e acertar o queixo dele. — E eu estava *morrendo* de vontade de te conhecer.

— Quem você acha que é, seu merdinha? — ele vociferou, cuspindo um monte de sangue. — Um filhinho de papai mimado, isso sim.

— Vou te dizer quem eu sou — Johnny rosnou, lívido, segurando meu pai contra a lateral do carro. — Sou alguém que está tentando resolver o estrago de uma vida inteira que você causou nela. Você fodeu com seus filhos e nem se importa. Você é uma doença do caralho e merece ser sacrificado como o cretino que é!

— Por favor, não faz isso! — Aterrorizada, fiquei pairando perto do capô, com medo de me aproximar. — Johnny... — Eu chorava sem parar e as lágrimas escorriam pelas minhas bochechas. — Por favor, vamos *embora*.

— Volta pro carro, Shannon! — Johnny ordenou.

Meu pai se virou para mim.

— Shannon...

Me sentindo fraca, recuei, balançando a cabeça como se isso pudesse de alguma forma impedir que ele falasse comigo.

— Não olha pra ela, porra! — Johnny rugiu, batendo nele de novo. — Tira a porra dos seus olhos dela!

— Johnny, cara — Gibsie falou, correndo até nós. — Você precisa se afastar...

— Se afasta você, Gibs! — Johnny berrou. — Ainda não terminei.

Erguendo as mãos, Gibsie assentiu e deu um passo para trás.

— Me bate de volta, seu covarde de merda! — Johnny rosnou. — Já que você adora bater nos seus filhos, quero ver tentar comigo! Vamos, valentão, me bate. Quero ver!

— Sai daqui antes que eu chame a polícia — meu pai ameaçou. — Seu merdinha arrogante.

— E vai falar o que pra eles? — Johnny deu risada na cara dele. — Você não pode me tocar, seu escroto. — Ele o empurrou de novo. — Sabe aqueles seus joguinhos? Aquilo que você faz pra entrar na cabeça dela? Não vai funcionar comigo. — Ele balançou a cabeça e rosnou: — Sou à prova de balas, porra.

— Johnny, por favor, me leva pra casa...

Johnny estremeceu e soltou um rosnado furioso.

— É assim que as coisas vão funcionar — ele sibilou, soltando a camisa do meu pai. — Você vai voltar pro carro e vai dirigir pra bem longe. Vai respeitar a medida protetiva e vai deixar ela em paz. Você vai ficar longe da casa da sua filha e vai continuar ignorando ela e eu vou continuar consertando os buracos que você fez nela. E se você tocar nela de novo, eu vou saber. Basta um hematoma que vou saber quem é o responsável por isso — ele disse com o peito pesado. — E então eu vou atrás de você, e quando te encontrar, Deus não vai poder te salvar. — Ele o empurrou mais uma vez. — Estamos entendidos, seu bosta?

Meu pai não respondeu e, por um instante, temi que Johnny não fosse embora, mas ele foi. Ele se virou

rigidamente, se aproximou de mim e me deu a mão.

Dando um passo à frente, dei a mão para ele, sentindo o compromisso que ele estava me oferecendo envolver meu corpo como uma hera. Seu toque acalmou algo bem no fundo de mim, amenizando o terror que eu sentia por estar na presença do meu pai novamente.

— Eu estava certo sobre você, garota! — meu pai rosnou, com os olhos castanhos estreitados para mim. — Você não é minha filha.

— Ela é sua filha, seu escroto doente. — Soltando minha mão, Johnny se virou e voltou para perto do meu pai, que estava abrindo a porta do carro. — Mas você não é pai de ninguém — ele rosnou, dando um último soco na mandíbula dele que o fez cair no chão. — Está vendo esse merdinha? — Johnny perguntou para a mulher que gritava dentro do veículo. — Ele maltrata mulheres e crianças, então é melhor você fugir enquanto pode.

Depois disso, ele virou as costas e voltou para mim.

— Você bateu no meu pai — falei, entorpecida, enquanto ele passava o braço pelo meu ombro e me conduzia para o carro.

— Bati — ele disse, me apertando com mais força.

— Bateu muito — sussurrei, enfiando os dedos na lateral do seu moletom.

— Ele mereceu.

— Mereceu.

— Você está bem?

— Não sei.

— Eu também não.

Abrindo a porta do passageiro, Johnny me colocou lá dentro antes de fechar a porta e se dirigir para o banco do motorista. Ele entrou, bateu a porta e colocou o cinto com a mandíbula cerrada, emanando uma forte tensão.

— Bom trabalho, cara — Gibsie disse, se acomodando no banco de trás e dando tapinhas no ombro de Johnny. — Estou orgulhoso de você por ter largado ele lá.

— Eu devia ter *matado* ele — Johnny declarou, olhando para o para-brisa e segurando o volante com os dedos ensanguentados. — Não foi o suficiente.

— Você está bem, Shan? — Claire perguntou, se inclinando para a frente para me abraçar.

Fungando, estiquei o braço e a apertei.

— Podemos ir, por favor?

Assentindo rigidamente, Johnny ligou o carro e saiu do estacionamento com os pneus cantando pela velocidade desnecessária.

— Será que a gente devia ligar pra polícia? — Claire perguntou. — Ele não pode chegar perto de você.

— Ele não chegou perto dela — Gibsie respondeu calmamente. — Johnny que chegou perto dele.

— Está bem, nada de polícia — Claire murmurou.

— E se chamarem a polícia pra ir atrás de você? — falei, desesperada. Me virei para Johnny e sussurrei: — E a Academia?

— Ele não vai fazer nada, Shannonzinha — Gibsie interveio. — Ele não poderia nem se quisesse... E mesmo se

tentasse, o sr. K resolveria tudo rapidinho, então não se preocupe.

— Exatamente, e Johnny ainda é menor de idade — Claire acrescentou. — Ele foi levado pelas emoções. Ninguém o culparia.

— Estou bem aqui — Johnny disse. — Parem de falar de mim.

— Foi mal, cara — Gibsie falou. — Só estamos tentando resolver as coisas.

Soltando um suspiro pesado, Johnny passou a mão pelo cabelo e me olhou de lado.

— Está brava comigo?

Minha respiração ficou presa.

— Pelo q-quê?

— Por piorar as coisas pra você — ele admitiu depressa. — Eu só... — Balançando a cabeça, ele soltou outro suspiro de frustração. — Ele estava bem ali e eu surtei. *Não* consegui deixar pra lá. Eu sabia que era o que eu devia fazer, mas eu só... não consegui. — Ele agarrou o volante com mais força. — Não depois do que ele fez com *você*.

— Ninguém está te culpando, Johnny — Claire disse. — Você fez a coisa certa.

— Ele mereceu tudo aquilo e merecia ainda mais, cara — Gibsie completou.

— Me desculpa, Shannon — Johnny falou baixinho, ignorando os outros. — Me desculpa mesmo, baby.

Minha mão se moveu sozinha, pousando no braço que estava sobre o câmbio.

— Te amo tanto! — soltei, sentindo as coisas com tanta intensidade que temi que meu coração fosse explodir. — Não peça desculpas.

Seus ombros relaxaram visivelmente enquanto ele colocava a mão sobre a minha e entrelaçava os dedos nos meus.

— Você vai pra casa comigo? — Ele me olhou e seus olhos azuis arderam de calor. — Vai ficar comigo? Pra eu saber que você está segura?

— Sim. — Soltei um suspiro trêmulo e assenti, sabendo que não havia nenhum lugar em que eu quisesse estar que não ao lado dele. — Vou ficar com você.

Meu olhar se desviou para o celular piscando silenciosamente na mesa de cabeceira ao lado da cama. Não ousei estender a mão e atender. Na verdade, me imaginei mentalmente saindo da cama e jogando-o pela janela. Depois que enviei aquela mensagem para Joey mais cedo, informando que estava na casa de Johnny, eu devia ter desligado o aparelho. Eu sabia que Darren estava tentando me ligar, ou pior, mamãe. Eu não conseguia lidar com eles naquele momento.

Permaneci imóvel e mergulhei na sensação do meu coração martelando contra meu peito e no som da minha pulsação batendo sem controle, enquanto eu tentava desesperadamente me lembrar de que estava bem.

Por enquanto...

Só por enquanto, Shannon.

Ele te viu e você viu a cara que ele fez.

Tenha medo.

Ele vai voltar para te pegar.

Para!

Um suspiro trêmulo saiu do meu peito então, uma reação involuntária à minha ansiedade, enquanto eu contemplava o que o futuro me reservava. Um gemido profundo ressoou de perto e eu rapidamente virei o olhar para o garoto dormindo do outro lado da cama enorme, esparramado de cueca, em cima das cobertas.

Virei para o lado, pressionei a bochecha no travesseiro e fiquei apreciando sua imagem.

— Johnny? — falei, ansiosa e desesperada por algum tipo de conforto que eu nem sabia se ele poderia me oferecer. — Está acordado?

Silêncio.

Mordendo o lábio, fiquei pensando no meu próximo movimento.

Será que eu devia me levantar? Sair para dar uma caminhada? Tentar acordá-lo?

Meus pensamentos estavam confusos quando senti uma mão quente cobrindo a minha.

— Oi, Shannon — ele sussurrou, com os olhos abertos e fixos nos meus.

— Oi, Johnny — falei, estremecendo com o contato.

— Não está conseguindo dormir?

Balancei a cabeça.

— Está com medo?

Fiz que sim, sem conseguir falar. Ele apertou mais a mão sobre a minha.

— Vou te manter segura.

— Vem cá — sussurrei, segurando sua mão com uma força mortal. — Preciso de você pertinho.

— Tem certeza?

Assenti.

— Tenho.

Johnny soltou minha mão, se levantou e puxou as cobertas antes de se enfiar na cama ao meu lado.

— Mais perto — implorei, me virando de lado. — Preciso de você.

Ele me envolveu com o braço, puxando minhas costas contra o seu peito nu antes de repousar a mão na minha barriga.

— Estou bem aqui, baby. — Senti seu hálito quente no meu pescoço e então seus lábios estavam na minha pele, fazendo uma leve pressão, dando beijos quentes no meu pescoço e no meu peito. — Você não é filha do seu pai, não é farinha do mesmo saco que ele. — Seus braços se apertaram em volta de mim e o calor do seu corpo me envolveu. — Ele não vai te atingir, porque eu não vou deixar isso acontecer mais. Nunca mais.

— Te amo, Johnny Kavanagh — falei, fechando os olhos e segurando seu braço no meu peito. — Um amor do tamanho do mundo.

— Também te amo, Shannon Lynch — ele disse baixinho no meu ouvido e senti a conexão que eu tinha com ele nas partes mais profundas da minha alma. — Do tamanho do mundo.

— Pra sempre?

Ele sibilou no meu ombro:
— Pra sempre.

53

CARA, NÃO SE ROUBA CRIANÇAS

Johnny

Shannon Lynch me mudou.

Eu sabia que isso parecia balela, mas era verdade.

Aquele dia em janeiro, quando eu a derrubei com uma bolada, eu estava perdido pra caralho e infeliz. Eu não tinha percebido o quanto estava mal até olhar naqueles olhos azuis noturnos e me deparar com uma réplica quase espelhada dos meus próprios segredos e sofrimentos. Eu estava magoado e assustado por razões completamente diferentes das dela, mas algo se encaixou em mim naquele dia, e eu não fui o mesmo desde então.

Ela surgiu quando eu menos esperava. Eu não queria e não estava disposto a lidar com a mudança que eu sabia que ela traria. Então eu a bloqueei, a mantive longe. Até que um dia não aguentei mais.

Levei um tempo para entender o que estava acontecendo comigo, para compreender as emoções que me arrebatavam, mas, quando fiz isso, quando aceitei o que estava sentindo, mergulhei para valer.

Cinco meses tinham se passado desde o dia que ela brotou na minha vida, provocando um turbilhão, e meus sentimentos por ela eram mais profundos do que nunca. Sinceramente, eu sentia como se estivesse me afogando em tudo o que ela significava. Sua dor, seus sorrisos, sua família horrível, sua personalidade brincalhona — a que aparecia quando estávamos sozinhos. Eu estava completamente envolvido.

Eu tinha quase certeza de que nenhum de nós tinha a menor ideia do que estávamos fazendo — eu certamente não tinha —, mas eu sabia que, fosse o que fosse, eu não pretendia parar. Ela não era uma prova para a qual eu pudesse estudar ou uma partida para a qual eu pudesse me preparar com bastante treino e inúmeras horas de musculação. Pela primeira vez na vida, eu estava fora do meu elemento, abrindo caminho por um relacionamento que eu não sabia como navegar. Mas os sentimentos que ela evocava em mim eram viciantes. Viciantes pra caralho, pois eu estava *obcecado* pela minha namorada. Eu estava tão louco por ela que mal conseguia respirar e, ainda assim, eu ia cada vez mais fundo, buscando mais, querendo mais e pegando mais, fazendo tudo o que podia para apenas *ficar* com ela.

Entre o desprezo da família dela e meu rígido cronograma de treinos, que estavam a todo vapor, era um problema conseguirmos um tempo sozinhos. Eu lutava para encontrar

um equilíbrio entre o rúgbi e ela, e na maioria dos dias, eu oscilava entre ir para a musculação ou para o campo e querer faltar no treino, entrar no carro e ir buscá-la.

Me sentindo mais forte do que nunca, eu trabalhava duro, retomando as sessões de musculação às cinco da manhã e fazendo horas extras para compensar o precioso tempo perdido. Eu estava dando tudo de mim para recuperar a forma, sedento para manter minha posição. Ela nunca reclamava do quanto eu treinava ou da frequência que eu ia malhar. Ela só me *encorajava*, me oferecendo um fluxo constante de apoio silencioso que era mais reconfortante do que qualquer outra coisa, enquanto me dizia sem parar que acreditava em mim. "Você consegue, Johnny, eu sei que você consegue." Suas palavras eram poderosas. Elas me afetavam mais profundamente do que ela percebia. Essas pequenas afirmações me ajudavam a arrastar a bunda para fora da cama todas as manhãs quando meu corpo gritava em protesto.

Tentei não ficar pensando no que o futuro nos reservava — no que aconteceria quando eu fosse convocado, porque pela primeira vez na vida eu estava colocando energia em algo além do rúgbi. Eu estava colocando energia *nela*.

Antes de conhecer Shannon, eu não me considerava uma pessoa impulsiva, mas algo tinha se reconectado no meu cérebro, me transformando em um idiota imprudente e irracional. Eu sabia que tinha exagerado com o pai dela algumas semanas atrás, mas, para ser justo, como diabos eu poderia dar as costas para ele? Como poderia deixá-lo ir *embora*? Alguém precisava fazer aquele monstro pagar.

O som do meu celular tocando cortou meus pensamentos e parei o carro na frente da casa de Shannon antes de tirá-lo do bolso para atender. Olhando para a tela, sorri quando vi o nome dela piscando.

— Oi, Shan.

— Oi, Johnny — ela falou suavemente. — Como foi o treino?

— Como sempre — Dando um suspiro contente, me recostei no banco. — Estou aqui fora.

— Ah, não — ela murmurou. — Não estou em casa.

— Tudo bem — respondi, afastando a onda de decepção que se agitou dentro de mim.

— Estou na casa da Claire — ela falou. — A gente vai fazer compras.

— Compras? — Sorri para mim mesmo, tirando um pelinho da coxa. — Você quer comprar alguma coisa especial?

— Hum, não, eu não — ela respondeu com a voz abafada. — Mas posso ir pra sua casa mais tarde, se você topar. Hughie disse que pode me deixar lá se você quiser.

— É melhor você ir mesmo — provoquei. — Senão, vou ter que escalar a lateral da sua casa e tirar você de lá.

Ela deu risada baixinho.

— Ah, espera... — Ouvi barulhos e sussurros antes de Shannon voltar. — Claire quer saber se Gibsie está com você.

— Não, ele foi de carro hoje — respondi, olhando para o relógio. — Acho que ele chega logo.

— Ouviu? — Shannon disse para Claire. E depois para mim: — Estou com saudade. Muita saudade.

— Eu também, baby.

— Vocês são nojentos — Claire disse do outro lado da linha. — Vocês se viram na escola ontem.

Algo chamou minha atenção na janela da casa de Shannon, me distraindo da conversa. Arqueei a sobrancelha, espiei por cima do muro e vi as cortinas se mexendo.

— Quem está em casa, Shan? — perguntei, curioso.

— Hã?

— Na sua casa? Você disse que Darren estava em Belfast a trabalho essa semana.

— Ah, ele está mesmo — ela disse.

— Então não tem ninguém em casa?

— Não devia ter.

— Ah. — Observei as cortinas se agitando e então uma cabecinha loira surgiu e desapareceu rapidamente. — Hum.

— Por quê? — ela perguntou depressa, com um pânico evidente na voz. — Tem alguma coisa errada?

— Não — falei, mantendo a calma enquanto descia do carro. — Estou indo, tenho que desligar.

— Está bem, obrigada por ligar.

— Você que me ligou, Shan — falei, dando a volta no muro do jardim e seguindo para a casa.

— Ah, é mesmo. Desculpa.

— Não se preocupa. — Dei risada, imaginando-a corando. — Te vejo depois.

— Tchau, Johnny.

— Tchau, baby.

Desliguei, enfiei o celular no bolso e me agachei na frente da janela. Menos de um minuto depois, a cortina se mexeu e um par de olhos grandes cor de chocolate se fixaram nos meus.

Sean, pensei mentalmente enquanto o menininho me encarava através do vidro, com uma expressão solene e todo sujo.

— Oi — balbuciei, acenando para ele.

Ele não respondeu. Só ficou ali parado me olhando.

Sem saber o que fazer, coloquei a mão na janela e prendi o fôlego. Os segundos se passaram e, quando pensei que o bebê tinha virado pedra, ele pressionou a mãozinha gorda no vidro, me imitando.

Sorri e me levantei devagar, sabendo que precisava voltar para o carro e dar o fora dali, mas me movendo para a porta em vez disso. Bati de leve e esperei uma resposta, contendo a vontade de entrar e exigir saber que porra estava acontecendo.

Finalmente, a porta se abriu e me deparei com o mesmo menininho loiro da janela.

— Oi, Sean — falei com a minha melhor voz. — Como você está?

Outro menino de no máximo onze ou doze anos correu até nós, interceptando o bebê e puxando-o para os seus braços. Ele se virou e lançou um olhar desconfiado para mim.

— Vai embora.

— Como estão as coisas? — me ouvi perguntando, recuando alguns passos. — Sou o Johnny.

— Ah, é? Bem, vai se foder, Johnny.

Cerrei a mandíbula, engoli uma resposta irritada e tentei de novo:

— Você é o Tadhg, né? — Torci para acertar o nome. — Sou o namorado da sua irmã. Conheço seu irmão Joey também.

Um terceiro menino apareceu então, espiando pela porta da cozinha.

— Você é o Johnny? — ele perguntou com uma vozinha esperançosa. — Shannon gosta muito de você.

— Não fale com ela, Ollie — Tadhg disse friamente. Ele se virou para mim e sibilou: — Vá embora.

Eu não ia embora. Não *conseguia*.

— Onde está sua mãe? — perguntei.

— Cuida da porra da sua vida — Tadhg cuspiu.

Meu Deus, esse menino era tão feroz quanto Joey.

— Onde está Joey?

Nenhuma resposta.

— Vocês estão sozinhos?

Me fuzilando com o olhar, Tadhg se moveu para fechar a porta na minha cara.

Estiquei o braço para impedi-lo.

— Você pode me falar onde ele está — falei calmamente. — Ou pode falar pra Gardaí.

— Joey teve que ir pra um jogo — o menino do meio acabou falando. — Mamãe ia nos deixar com a vovó, mas ela ainda está na cama e não quer acordar.

— Meu Deus, Ollie — Tadhg rugiu. — O que está fazendo?

— Ele perguntou — Ollie respondeu, com os lábios tremendo.

— E você sai *contando* pra ele nossas coisas desse jeito? — Tadhg o repreendeu. — Você é mais esperto que isso!

O menino abaixou a cabeça e fungou.

— Desculpa.

— Se chamar a polícia, vou fazer você pagar por isso — Tadhg sibilou, se virando para mim. — Sou perigoso.

Mordi o lábio para conter um sorriso.

— Acredito em você — falei, mantendo uma expressão sóbria. — Você é grande pra sua idade.

— Eu sei, tenho doze anos — ele rosnou, estufando o peito. — Posso acabar com você.

Assenti, sério.

— Definitivamente.

— Ele fala engraçado — Ollie comentou. — Por que você fala engraçado?

— Porque ele é dub — Tadhg desdenhou, me lançando um olhar severo. — Todo mundo sabe que Cork é a verdadeira capital da Irlanda.

Ele estava mesmo começando uma briga comigo por causa da minha *cidade natal*?

Meu Deus...

— Então, que horas Joey vai voltar do jogo? — perguntei com um tom casual, recostado no batente.

— Daqui a umas horas — Ollie disse sem rodeios. — Mas, se ele for pro trabalho depois, vai voltar bem tarde.

— Porra, Ollie. — Tadhg balançou a cabeça, resignado. — Você não consegue guardar nada pra você.

— Só estou respondendo às perguntas dele — Ollie bufou.

— Vocês já jantaram? — perguntei, sorrindo para Sean, que me encarava de olhos arregalados. — Estão com fome?

— Estamos bem — Tadhg rosnou.

— Eu estou com fome — Ollie disse. — E a gente ainda não jantou porque não sabemos mexer no fogão.

Meu coração se partiu dentro do meu peito, mas disfarcei com uma risadinha.

— Eu também não — falei, tentando tranquilizá-los. — Não sei mexer direito no fogão.

— Joey sabe — Ollie disse. — Shannon também.

Sorrindo, assenti.

— Sim, Shannon é uma ótima cozinheira.

Seus olhos se arregalaram.

— Você já comeu o macarrão dela? É o meu favorito.

— Ainda não — respondi. — Preciso pedir pra ela fazer pra mim qualquer dia desses.

— Precisa mesmo — Ollie concordou. — É muito bom.

— Ei, sabem o que eu adoro? — perguntei. — McDonald's. — Os olhos deles se arregalaram e falei depressa: — Vocês querem ir?

Que porra você está fazendo, Johnny?

— Com você? — Ollie perguntou.

Diz que não, imbecil. Diz que não, porra!

— Sim — respondi.

— Agora? — Tadhg disse, parecendo hesitante e animado.

Você vai acabar na prisão, capitão...

— Sim, por que não?

Três horas depois, incluindo uma ida ao parquinho e duas viagens ao McDonald's, eu estava exausto pra caralho. Em pânico, entrei na rua de Gibsie em busca de um pouco de apoio e alguns conselhos de vida.

— Carinhas, esperem aí no carro, está bem? — falei, olhando para os três loirinhos no banco de trás do meu audi. Ollie e Sean estavam enchendo a cara de doces. Tadhg estava comendo uma raspadinha. Caixas vazias de McLanche Feliz estavam espalhadas pelo chão do meu carro e eu estava rezando para que as crianças não tivessem alergia a nada daquilo, porque eu lhes entupi de tanta porcaria que não ousava nem pensar a respeito. — Só vou buscar meu amigo.

— Posso dirigir agora? — Tadhg perguntou, soltando o cinto e se levantando do assento. — Estamos numa rua sem saída.

— *Não* — falei. — Já te disse.

Bufando, ele se sentou de novo e tomou sua raspadinha.

— Você é um chato.

Seu pirralho atrevido.

— Esperem aqui — murmurei, descendo do carro antes que eu estrangulasse o irmão da minha namorada.

— O que foi que você fez? — Gibsie perguntou, me olhando da porta enquanto eu atravessava o jardim na sua direção. — *Johnny?*

— Estou ferrado — falei quando o alcancei. — Muito ferrado.

— Eu sei — Gibsie respondeu, me olhando com desconfiança. — Dá pra notar pelo seu rosto. O que foi que você fez?

— Eu peguei eles! — falei de uma vez, apontando para o carro.

— Pegou quem, Johnny? — Gibsie perguntou com cuidado.

Engolindo um grunhido, agarrei seu braço e o arrastei até o carro.

— Eles — falei, apontando para os três meninos loiros olhando para nós.

— Você *pegou* eles — Gibsie repetiu, perplexo. — Você só foi lá e *pegou* as crianças?

— Você não estava lá! — Dando um rosnado furioso, passei a mão pelo cabelo e sibilei: — Você não viu o que eu vi, então não me julgue, porra.

— Não *julgar* você? — Gibsie cuspiu com os olhos arregalados. — Cara, você roubou *crianças*. — Sua voz aumentou, ficando cada vez mais aguda, enquanto ele continuava me repreendendo. — E você trouxe elas aqui pra *minha* casa, me tornando cúmplice?

— Eu não roubei elas — falei. — Só peguei elas.

— Roubar, pegar... dá no mesmo, Johnny. Elas não são produto do seu maldito pau, então você não tem o direito de levar elas pra lugar nenhum. — Ele deu um passo para o lado e espiou pela janela. — Qual o problema desse aí? — ele

perguntou, apontando para Sean. — Por que ele está comendo os dedos?

— Não sei, ele não fala — grunhi, nervoso. — Não sei o que faço agora.

— Leve eles de volta pro parquinho onde você os encontrou.

— É um pouco mais complicado que isso — confessei, sorrindo e fazendo joinha para os meninos. Ollie e Sean acenaram para mim. Tadhg me mostrou o dedo do meio. — Podemos deixar aquele ali para trás — murmurei baixinho. — Olha — eu disse, virando-me para Gibsie. — Podemos levar eles lá pra dentro?

— Pra minha casa? — Gibsie latiu. — Claro, porque isso não parece nada ruim. Dois adolescentes de dezessete anos com três menininhos dentro de casa.

— Podemos?

Gibsie me olhou de queixo caído, como se eu tivesse perdido a cabeça, e a verdade era que eu provavelmente tinha mesmo. Mas agora eu já tinha feito aquilo e essa era a situação.

— Não, porra!

— Então o que é que eu faço com eles?

— Leva eles de volta.

Balancei a cabeça.

— Não posso fazer isso.

— Não se rouba *crianças* — ele sibilou. — É tipo a regra fundamental da vida.

— Eu não estava pensando direito.

— Você tem problemas — Gibsie declarou, horrorizado. — Você tem sérios problemas em pegar coisas que não são suas. Você é tipo um cleptomaníaco, mas com *humanos*!

— Eu sei — falei. — Vou trabalhar nisso, mas preciso que você me ajude.

— Por quê? — ele perguntou. — O que não está me contando, Johnny? Meu Deus, não posso te ajudar se não me contar o que está rolando.

— Eles são os irmãos da *Shannon*. — Me virando para o carro, sussurrei: — Eles estavam sozinhos, cara. A mãe deles estava na cama e eles estavam com fome. Eu não podia deixar eles lá. — Dei de ombros, impotente. — Como é que posso levar eles de volta pra aquela casa? — Apontei para o carro. — Aquele ali é só um bebê.

— Merda. — Gibsie abaixou a cabeça e grunhiu. — Será que a gente liga pra Shannon?

— Não — falei, agitado. — Ela está tendo um bom dia pela primeira vez na vida. Não vou estragar isso despejando mais bosta na cabeça dela.

— Então a gente vai levar eles pra sua casa. Sua mãe está lá. Ela vai saber o que fazer.

— Ela vai me matar — murmurei, desanimado.

— Pois é — ele comentou, dando tapinhas nas minhas costas. — E eu pelo visto vou morrer com você.

— Uau! — Tadhg e Ollie exclamaram quando paramos na frente de casa pouco tempo depois. — Sua casa é *enorme*.

— Vocês não têm medo de cachorro, né? — perguntei enquanto Bonnie, Cupcake e Sookie saltitavam no jardim dos fundos.

— Não — Ollie respondeu, abrindo a porta e correndo direto para as cachorras.

— Gostei da pretinha — Tadhg declarou, disparando atrás do irmão.

— O nome dela é Sookie — falei, seguindo-os de perto. — Ela é velhinha, então seja gentil.

— Oi, Sookie — Tadhg disse, correndo pelo gramado, onde Ollie estava rolando com as duas golden retrievers da minha mãe.

— O que é que vamos fazer com este aqui? — Gibsie perguntou, se recostando no carro e apontando para Sean, que ainda estava sentado no banco mordendo os dedos. — Por que é que ele fica se comendo desse jeito?

— Ele não está se comendo, Gibs — falei, estranhamente na defensiva. — Ele só está nervoso. Tudo isso é novo pra ele, então... só deixa ele em paz, sim?

— Jesus — Gibsie murmurou, erguendo as mãos. — Foi mal, *pai*.

Ignorando meu melhor amigo, fui até a porta do carro e me agachei.

— Ei, carinha — falei, fazendo contato visual com ele. — Quer entrar comigo?

Sean ficou me encarando por um longo tempo antes de descer do banco e me dar a mãozinha. Hesitante, olhei para o

seu rostinho e abri um sorriso que torci para parecer tranquilizador.

— Bom garoto.

Ajudei-o a sair do carro e depois tive que me curvar enquanto caminhávamos para não arrancar o braço do menino fora.

— Sabe, se o rúgbi não der certo, você seria um ótimo cuidador de crianças — Gibsie declarou, rindo e segurando a porta dos fundos da casa para mim.

— Vai se foder — falei baixinho, amparando o irmão mais novo de Shannon com os degraus e rezando algumas ave-marias para fins de autopreservação. — Mãe? — chamei, empurrando a porta da cozinha e me deparando com minha mãe sentada na ilha com um dos seus portfólios de trabalho abertos. — Estou com um problema e preciso da sua ajuda.

— Três problemas — Gibsie acrescentou. — Três grandes problemas.

— Mas não entre em pânico — falei depressa. — Tem umas orelhinhas ouvindo.

Seu olhar foi direto para o bebê de mãos dadas comigo, depois para Gibsie, e depois para mim.

— Ah, Johnny, o que foi que você fez? — Empurrando o banco para trás, ela se levantou e se aproximou. — De quem são essas crianças?

— Este é o irmãozinho de Shannon — expliquei com o máximo de calma que consegui, tomando cuidado para não assustar a criancinha com a mão colada na minha.

— E tem mais dois ali no seu jardim — Gibsie completou. — Johnny roubou eles.

— Você roubou essas *crianças*? — minha mãe perguntou, ficando pálida.

— Sim, então talvez você queira ligar pro seu marido e ver se ele está familiarizado com casos de sequestro de crianças — Gibsie respondeu por mim. — E observação: pela primeira vez, isso *não* foi ideia minha.

— Este é o Sean — falei, encarando-a. Mantendo a voz suave e gentil, me agachei ao lado dele e disse: — Sean, esta é minha mamãe. O nome dela é Edel.

Sean olhou para ela e desta vez enfiou o punho todo na boca.

— Ele gosta de comer a mão — Gibsie explicou, como se fosse uma informação importante. — Mas Johnny diz que está tudo bem. — Dando de ombros, ele acrescentou: — Não sei muito sobre crianças. Eu só tenho um gato.

— Gerard, vá até o escritório e chame meu marido pra mim — minha mãe sussurrou. — Rápido, meu bem.

— Pode deixar — Gibsie respondeu antes de disparar pelo corredor na direção do escritório do meu pai.

— Agora... — Ela se abaixou na frente de Sean e abriu um sorriso alegre. — Oi, Sean, querido, como você está?

Sean a observou desconfiado e não fez um som sequer.

— Ele fala? — ela perguntou com gentileza, me olhando brevemente.

Balancei a cabeça.

— Acho que não.

— Johnny? — uma vozinha me chamou. — Posso dar comida pras suas cachorras?

— Você tem uma coleira pra eu levar a Sookie pra passear?

Segundos depois, Ollie e Tadhg entraram na cozinha com olhos brilhantes e bochechas rosadas. No instante em que se deram conta da presença da minha mãe, eles enrijeceram e se amontoaram.

— Gente, esta é minha mãe, Edel — expliquei.

— Oi, meninos — ela falou, sorrindo carinhosamente para eles.

— Mãe, esses são os outros irmãos de Shannon: Ollie e Tadhg — eu disse, ainda agachado ao lado de Sean, que apertava minha mão com força. — Está tudo bem, carinha — sussurrei na orelha dele. — Você está seguro.

— Oi, Dellie — Ollie falou timidamente.

— Meu Deus, Ollie, ele disse que o nome dela é Edel — Tadhg grunhiu. — Não Dellie.

— Tudo bem. — Ela deu risada e se levantou. — Nossa, você é a cara do seu irmão — ela comentou, sorrindo para Tadhg.

Ele a observou com atenção.

— Qual irmão?

— Joey — ela respondeu.

Os olhos dele se arregalaram.

— Você conhece o Joey?

Ela fez que sim.

— Conheço, ele é um rapaz adorável.

Ele franziu o cenho.

— Tem certeza que conhece o *Joey*?

Ela deu risada de novo.

— E aí, gostou da Sookie?

A dureza no olhar dele suavizou.

— Ela é legal.

— A voz dela é engraçada também — Ollie comentou. — Não é, Tadhg? A voz dela é mais estranha que a de Johnny.

— Ela é de *Dublin* — Tadhg grunhiu, constrangido. — Aff, Ollie.

— E você, Ollie? — Minha mãe voltou o sorriso para o menino do meio. — Gostou de Bonnie e Cupcake?

— Adorei elas — ele falou, abrindo um sorriso radiante. — Elas são tão grandes. Quero um cachorro. Tipo, quero muito, mas não podemos ter porque quando meu pai pegou...

— Ollie — Tadhg disse em um tom de aviso. — Calado.

Ollie fechou a boca e corou.

— Que história é essa de você ter sequestrado as crianças Lynch? — meu pai falou, rindo e entrando na cozinha. No instante em que seus olhos pousaram nos três meninos parados ao meu lado, seu sorriso desapareceu. — Ah, minha nossa.

Assim que ele entrou no recinto, a atmosfera mudou e os meninos pareceram ficar em alerta. Ollie e Tadhg deram um passo na minha direção e Tadhg se colocou na frente de Ollie. Sean se enfiou no meu peito e envolveu os bracinhos no meu pescoço, se agarrando em mim.

Lágrimas encheram os olhos da minha mãe e ela cobriu a boca com a mão.

— Ah, meu Deus.

— Não chora, mãe — falei, abraçando Sean com cuidado e o erguendo no colo. — Está tudo bem, carinha. — Ele acenou a cabeça e pressionou o rosto no meu pescoço, segurando minha bochecha com os dedos cobertos de baba.

Homens, percebi. Eles morriam de medo de homens adultos. Gibsie e eu não representávamos ameaça porque tínhamos a mesma idade que Joey, quem eles pareciam adorar, Shannon inclusa. O nojo tomou conta do meu corpo rapidamente, dificultando meu funcionamento.

— Gente — falei, me trazendo de volta para o presente. — Este é o meu pai, John. — Olhei para a minha mãe em busca de socorro, mas ela parecia tão perplexa quanto eu. — Ele é... — Procurei as palavras que eu precisava para tranquilizar aquelas crianças. Limpei a garganta e declarei: — Ele é um grande abestado, carinhas, e completamente inofensivo.

Seus olhos se arregalaram de choque, como se eles não conseguissem acreditar no que eu tinha acabado de falar.

— Isso mesmo — minha mãe disse, entendendo minha estratégia rapidamente. Ela pegou a mão do meu pai, o conduziu até a ilha e o enfiou em um banco para que ele não parecesse tão intimidador com seus um metro e oitenta e oito de altura. — Ele é nosso abestado, não é, John? — ela acrescentou, bagunçando o cabelo dele. — Um grande e velho coração de manteiga.

— Oi, John — Ollie disse, olhando meu pai com cautela e fazendo um pequeno aceno. — Sou o Ollie.

— Oi, Ollie — meu pai respondeu, sorrindo para o menino Lynch. — Prazer te conhecer.

— Ouviu, Tadhg? — Ollie falou, cutucando Tadhg nas costelas. — Ele fala igual à gente.

— Porque *ele* é de *Cork* — Tadhg murmurou, balançando a cabeça. — Obviamente.

— Oi, Tadhg — meu pai acrescentou. — Como vai?

— Bem — Tadhg respondeu, desconfiado. — Obrigado.

Meu pai sorriu.

— E aí, o que foi que Johnny fez, gente?

— Ele levou a gente no McDonald's — Ollie contou. — Duas veiz.

— Duas vezes — Tadhg o corrigiu com um suspiro pesado. — Se diz *vezes*, Ollie.

— E no parquinho — Ollie continuou sem se perturbar. — E a gente encontrou aquele cara estranho lá... — Ele fez uma pausa para apontar para Gibsie. — Bem, Tadhg disse que ele é estranho. Eu também acho, mas ele é meio que legal. — Sorrindo, ele acrescentou: — Ele me deu cinco contos.

— Valeu, garoto. — Gibsie deu risada. — Também te acho meio que legal.

— Ah, então vocês não estão com fome? — minha mãe perguntou, abrindo a geladeira. — Nem pra um pouco de... — Ela deixou as palavras no ar enquanto pegava um enorme bolo de chocolate. — Sobremesa?

— Uau — Ollie soltou, indo até ela, esquecendo todo o medo pelo meu pai agora que havia bolo envolvido. — Podemos comer um pouco, Dellie?

— Edel — Tadhg murmurou, apertando o nariz. — Não Dellie.

— Só esses três pedaços grandões aqui — minha mãe respondeu, arregalando os olhos de empolgação fingida. — O que acham disso?

Ollie acenou a cabeça freneticamente.

— Foi aniversário do Tadhg mês passado e não tivemos bolo. Ele adora chocolate, né, Tadhg?

— Um pouco — Tadhg murmurou, se aproximando. — Acho.

— Bem, vem aqui comigo pra gente cortar o bolo então — minha mãe anunciou, animada, mas com os olhos lacrimejando. — Vou pegar um pouco de sorvete pra acompanhar.

— Ah, meu Deus! — Ollie exclamou, seguindo-a de perto. — Sua mãe é a melhor, Johnny.

— E você... — ela disse, colocando o bolo no balcão e erguendo Ollie no banco. — Me lembra a sua irmã. — Ela fez carinho no cabelo dele e sorriu. — E você é tão doce quanto ela.

Ollie abriu um sorriso radiante.

— Eu sou?

Minha mãe assentiu.

— É sim.

Tadhg deu risada, se juntando a Ollie na ilha.

— Ela disse que você parece a Shannon.

— E daí? — Ollie bufou, mantendo os olhos no bolo que minha mãe estava cortando. — Eu sou *doce*.

— Quer bolo, Sean? — perguntei quando ele ergueu a cabeça para espiar os irmãos. — Aposto que está uma delícia.

— Ele não fala muito — Tadhg explicou, arregalando os olhos quando minha mãe colocou uma enorme fatia de bolo na frente dele. — Ele só fala sete palavras.

— Verdade — Ollie concordou, pegando seu bolo com a mão e dando uma mordida gigante. — E ele não disse nada desde que papai machucou Shannon...

— Ollie — Tadhg grunhiu, curvando os ombros. — Pare de falar.

— Tudo bem, meninos — minha mãe disse com a voz um pouco trêmula enquanto servia o bolo para o meu pai. — Não precisamos falar disso hoje.

— Ei — Gibsie interveio, piscando para Tadhg. — Não coma todo esse bolo, seu guloso. Também quero um pouco.

Tadhg bufou.

— Você parece já ter comido bolo suficiente pro mês todo.

— Pois saiba que passo horas na academia pra ficar fortão assim — Gibsie retrucou, se juntando a eles do outro lado do balcão, pegando o banco ao lado do meu pai.

— Ah, é? — Tadhg deu risada entre bocadas no seu bolo, usando as mãos, e não o garfo. — Só se for horas com a cabeça na geladeira.

Gibsie jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Você é um filho da putinha atrevido, hein!

— Gerard — minha mãe o repreendeu, abrindo um sorriso agradecido para Gibsie enquanto colocava um prato diante dele. — Olha a boca.

— Foi mal, Mami K — Gibsie respondeu com um sorrisinho antes de enfiar o bolo na boca com prazer. — Hummm.

— Vou pegar o sorvete — ela anunciou, saindo às pressas para a despensa e disfarçando um soluço.

— Vamos pegar um pouco? — perguntei para Sean, que estava gravitando perto da comida. — Hein?

Sean fez que sim e se mexeu nos meus braços. Entendi como um sinal para colocá-lo no chão e, no minuto em que fiz isso, ele correu para os irmãos, tentando subir no banco e falhando. Os dois o ignoraram, totalmente focados no bolo, devorando-o. Desistindo de chamar a atenção deles, ele se moveu pela ilha, parando nas pernas do meu pai. Observei enquanto ele hesitava antes de levantar o braço e puxar a calça dele.

Sem dizer uma palavra, meu pai se abaixou e o colocou no colo, como se não fosse nada de mais, dispondo o bolo na frente de Sean. O menino logo atacou a sobremesa, enfiando-a na boca de uma vez, e ficou comendo todo contente no colo do meu pai.

Ollie e Tadhg se viraram para observar o irmãozinho, olhando para o meu pai com uma curiosidade cautelosa.

Quando minha mãe voltou para a cozinha com um pote de sorvete, ela recuou rapidamente. Balançando a cabeça, eu a segui para a despensa e a encontrei chorando, apoiada no congelador.

— Deus os proteja — ela sussurrou, enquanto as lágrimas escorriam pelas suas bochechas. — Ah, Johnny, esses pobres

meninos...

— Eu sei, mãe — falei baixinho. — Mas não chore. Você vai acabar assustando eles.

— É tão terrível... Como é que alguém pode fazer uma coisa *dessas* com esses bebês?

— Mãe, para. — Me aproximei, coloquei as mãos nos seus ombros e suspirei. — Alimente eles — encorajei-a. — Entupa eles de sorvete e todas aquelas porcarias que você dava pra gente quando éramos pequenos. Eles não precisam de mais lágrimas.

— Você tem razão. — Fungando, ela limpou as bochechas com o dorso da mão e abriu um sorriso forçado. — Chega de lágrimas.

— Edel — meu pai disse, enfiando a cabeça na porta com Sean balançando no seu quadril. — Precisamos conversar.

— Eu sei, John.

— Não. — Ele balançou a cabeça e lançou um olhar intenso para ela enquanto Sean puxava sua gravata. — Precisamos conversar agora, querida.

— Nada a ver — rosnei, andando de um lado para o outro no escritório do meu pai feito um lunático descontrolado. — Não vou levar eles de volta pra lá, pai.

— Não temos escolha, Johnny — meu pai falou baixinho. — Temos que devolver eles... de preferência antes que a mãe deles perceba que eles sumiram.

— Aquela família precisa urgentemente de uma intervenção — minha mãe disse. — Não sei qual o problema

desse mundo, mas não consigo entender como é que eles estavam sozinhos naquela casa com ela... ou como é que aquele homem está andando impune por aí.

— Calma, amor — meu pai falou, esfregando seu braço.

— Não é justo, John. Não *suporto* isso.

— Não, não é justo mesmo — ele concordou. — Mas você não pode ficar desse jeito.

— Olha pra eles, John! — Ela foi até a janela e apontou para fora, onde Gibsie estava rolando na grama com os três meninos — *Olhe* pra eles.

— Estou olhando, Edel — ele respondeu calmamente. — Estou vendo tudo o que você está vendo, querida.

— Se está vendo, como é que pode esperar que eu mande eles de *volta*? — ela sibilou. — Algo tem que ser feito. Algo *melhor* tem que ser feito por essas crianças! São só crianças. Eles não entendem e não merecem isso. E Shannon? — A expressão dela murchou. — Ele *viu*, John. — Ela apontou um dedo trêmulo para mim. — Nosso filho enxergou tudo desde o começo. Ele pode não ter entendido o que estava vendo, mas ele ouviu o pedido de ajuda. Ele a *ouviu*. E revelou uma escuridão à qual nenhuma criança deveria ser exposta.

— Eu *sei* — meu pai respondeu, olhando-a intensamente. — Mas, neste momento, não temos base legal pra nos apoiar. Você quer que seu filho seja preso, querida? Porque é exatamente isso que vai acontecer se não fizermos isso do jeito *certo*.

— Então *quando*? — ela insistiu. — *Quando*, John?

— Quando o quê, mãe? — perguntei, observando-a com atenção.

Ela abriu a boca para responder, mas meu pai falou primeiro:

— Edel. — Ele balançou a cabeça em um aviso. — Não quero ter essa conversa na frente do nosso filho.

— Fazer o que do jeito certo? — perguntei, desconfiado. — O que está acontecendo?

— Não faça perguntas — meu pai disse. — Prometo, você não precisa saber.

— Claro que preciso saber, pai...

— Não, Johnny, não precisa! Você precisa confiar em mim e não fazer perguntas.

— Não consigo — minha mãe soltou, abaixando a cabeça nas mãos. — Não consigo mandar eles de volta pra lá.

— Johnny, preciso que você escreva pro irmão deles — meu pai instruiu. — Peça pro Joey vir pra cá.

— O quê? — Franzi as sobrancelhas. — Agora?

Ele assentiu.

— Agora.

— Por que Joey?

— Porque ele tem mais de dezoito e é o menos provável de querer você preso — meu pai retrucou.

— Merda — murmurei.

— Pois é, é uma merda.

— Mas pai, não acho que eles deviam voltar pra lá...

— Faz o que estou pedindo — ele ordenou. — Eu nunca te sacaneei antes e não tenho pretendo começar agora, então

confie em mim e manda uma mensagem pro irmão deles.

Frustrado, peguei o celular no bolso e soltei um suspiro desanimado.

— O que quer que eu diga?

— A verdade. Diz exatamente o que você nos disse e pede pra ele vir buscar os meninos.

— Não. — Minha mãe sacudiu a cabeça. — Por favor, John...

— Confia em mim — meu pai falou. — É o único jeito, Edel.

Fungando, ela assentiu.

— Escreve pro Joey, querido.

Em pânico, peguei o celular e escrevi para a única pessoa que eu esperava não me mandar para a prisão.

J: Oi, então, aconteceu uma coisa estranha hoje...

Joey, o hurler: Por que está me escrevendo?

J: Porque peguei seus irmãos e eles estão aqui em casa.

Joey, o hurler: Por quê?

J: Não sei.

Joey, o hurler: E você pretende devolvê-los?

J: Acho que sim.

Joey, o hurler: Você não bate bem, Kavanagh.

J: Eu sei.

Joey, o hurler: Estou a caminho.

— Pronto — murmurei, enfiando o celular no bolso. — Ele está vindo.

— Obrigado — meu pai falou com um suspiro.

— Não me agradeça, pai. Porque isso não está certo.

Minha mãe olhou para mim e depois para o meu pai antes de soltar um suspiro pesado.

— Você fez a coisa certa, Johnny. — Com os ombros caídos, ela se aproximou de mim e colocou os braços na minha cintura. — Vai ficar tudo bem. — Pressionando um beijo no meu ombro, ela acrescentou: — Vou ligar a cafeteira. — E saiu da cozinha.

— O que está acontecendo, pai? — perguntei, confuso. — O que não está me contando?

— Eu não te conto um monte de coisas — ele falou com um tom neutro. — Privilégio da relação pai e filho.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Se você sabe de algo relacionado a Shannon e não está me contando, eu vou surtar.

— Não é nada sobre Shannon — ele falou.

— Então o que está acontecendo com você e a mamãe? O que foi isso?

Ele suspirou.

— Johnny, você não precisa saber.

— Eu *quero* saber — retorqui, nervoso.

— Mas você não *precisa* saber — ele devolveu com um tom decisivo. — Porque o que eu e sua mãe conversamos é um assunto privado.

— Vocês estão brigando? — perguntei, completamente perdido. — Por causa dos Lynch?

— Se estivermos, isso também é assunto nosso — ele respondeu na mesma hora. — Respeita isso.

Estalei a língua, engoli uma resposta grosseira e acenei a cabeça rigidamente.

— Bom garoto — ele disse, pegando as chaves do carro no bolso. — Agora, preciso ir e fazer umas ligações pra ver se consigo manter você fora da prisão... pelo menos até você fazer dezoito. — Ele se virou e saiu pela porta para logo em seguida parar e se virar. — Esqueci de te perguntar como foi o treino.

— Tudo bem — grunhi.

— E o treinador Dennehy? Alguma notícia?

Não...

— Hum, podemos conversar sobre isso depois? Minha cabeça está uma bagunça.

— Claro. — Dando uma piscadela para mim, ele disse: — Que família interessante você foi se apegar, hein, filho.

— Como se você pudesse falar alguma coisa — respondi em um tom acusatório, pensando na minha mãe.

— Nem me diga — meu pai murmurou. — Te vejo depois.

— Até. — Franzi a sobrancelha para ele, me perguntando o que diabos ele estava tramando.

54

BARBEADORES DA LOJA DE UM EURO

Shannon

— Estamos vivendo nossa melhor vida, meninas — Claire disse, despejando os conteúdos de um dia de compras na cama e sorrindo. — Agora é hora da transformação.

— Não — Lizzie grunhiu, se entregando à cama, exausta. — Esquece. Não vou fazer mais nada hoje.

— Ah, vai sim — Claire insistiu. — A gente vai experimentar tudo, incluindo você, resmungona.

— Claire — Lizzie falou. — Você nos arrastou pela cidade toda durante sete horas pra fazer compras. Estou *acabada*.

— Eu meio que estou com a Lizzie nessa. — Me sentei no chão, tirei os sapatos e comecei a massagear os pés. — Já são sete da noite e estou muito cansada. — *E ainda quero ver Johnny...*

— Exatamente! Eu não andei a cidade inteira de Cork comprando todas essas porcarias pra desperdiçar depois —

Claire falou, batendo os pés. — Vocês vão fazer essa transformação comigo e *vocês duas* vão adorar.

Dando um suspiro pesado em derrota, fiquei de pé e assenti.

— Está bem, vamos lá.

— Oba! — Claire deu um gritinho, batendo as mãos. — Obrigada, *Shannon*.

— Traíra — Lizzie murmurou baixinho.

— Você vai primeiro por causa disso — Claire anunciou, abrindo um sorriso diabólico para Lizzie. — E eu vou começar com essa monocelha.

— Ela não tem monocelha — falei, rindo, mexendo na pilha de produtos na cama.

— Eu não tenho monocelha. Shan, ela vai levar um soco na cara se chegar perto de mim com essas pinças — Lizzie disse.

— Por que precisamos de barbeadores? — perguntei, pegando um pacote de barbeadores e uma lata de espuma de barbear.

— Porque a gente vai fazer jardinagem, meninas — Claire respondeu, animada. — Lá embaixo.

— Se chegar perto da minha xereca com essa lâmina, eu vou te esfaquear — Lizzie avisou. — Não estou brincando.

— Está bem — Claire cedeu. — Você é uma fera mesmo e ia precisar do pacote todo...

Lizzie revirou os olhos e mostrou o dedo do meio para Claire.

— Hum. — Fiquei olhando para o pacote de barbeadores com desconfiança. — Não sei se é uma boa ideia.

— E uma péssima ideia — Lizzie interveio. — A gente não devia nem raspar lá embaixo. Pra isso que serve a cera.

— Bem, não posso pagar depilação com cera — Claire bufou. — Não sou milionária, Lizzie.

— Então você vai se mutilar com barbeadores da loja de um euro?

— Foram dois euros — Claire disse.

— Da loja de um euro — Lizzie acrescentou sarcasticamente.

— Por que está querendo estragar tudo? — Claire perguntou, encarando Lizzie. — Era pra ser um momento divertido pra gente se conectar.

— Você já raspou lá embaixo, Claire? — Lizzie falou.

Claire franziu o cenho.

— Não.

— Bem, se você já tivesse feito isso, saberia que não estou tentando estragar nada, só estou tentando salvar vocês duas de assaduras — Lizzie declarou. — Mas façam o que quiserem, podem se escalpelar. Só não venham atrás de mim quando estiverem andando que nem um caubói constipado.

— Bem, eu acho que é uma ótima ideia — Claire insistiu.

— Claro que acha — Lizzie zombou. — Aff, você é tão boba!

— Ignora ela, Shan — Claire disse, virando as costas para Lizzie e sorrindo alegremente para mim. — Podemos fazer isso juntas.

— Não vou fazer isso com você. — Dei risada. — É estranho, Claire.

— Não quis dizer que vamos ficar lado a lado na banheira — ela explicou, rindo. — Vamos uma de cada vez.

— Bem, se vocês duas vão passar a noite dando uma de Edward Mãos de Tesoura nas xoxotas, vou pra casa assistir novela — Lizzie anunciou, se levantando da cama e seguindo para a porta. — Deixe o kit de primeiros socorros a mão, Shan, vocês vão precisar — ela acrescentou antes de sair do quarto.

Arregalei os olhos.

— Kit de primeiros socorros?

Claire revirou os olhos.

— Ela está mentindo.

— Ah, meu Deus, eu não sabia disso — murmurei, incerta.

— Vamos lá — Claire insistiu. — Viva perigosamente.

— Tem certeza?

— Por que não? — Sorrindo maliciosamente, ela deu de ombros. — Eu vou primeiro.

Vinte minutos depois, Claire voltou para o quarto com as bochechas coradas e as pernas abertas.

— O banheiro está livre, Shan — ela falou, enfiando a lata de espuma de barbear nas minhas mãos.

— Ah, meu Deus! Você está bem?

— Tudo certo — ela respondeu com um sorrisinho, se abaixando até o colchão hesitantemente. — Sua vez.

— Claire, eu não sei se vou fazer isso, não. — Olhei para ela com desconfiança por causa do jeito como ela se abanava. — Parece que você está com dor.

— Shannon, fiz isso por você! — Ela estreitou os olhos. — É a *sua* vez.

Fiquei boquiaberta.

— Não fez, não.

— Fiz, sim. Estou tentando te ajudar. Este foi meu jeito não tão sutil de fazer isso.

— Como? — perguntei, de queixo caído. — Como é que isso vai me *ajudar*, pelo amor de Deus?

— Com *Johnny* — ela explicou. — Você vai pra casa dele hoje, né?

— Vou.

— Então! Por que é que eu preciso raspar minha tcheca? Nem tenho namorado.

— Tcheca? Você chama de *tcheca*?

— Tcheca, xota... dá no mesmo — ela respondeu, abanando a mão. — O ponto é: eu não preciso raspar. Ninguém vai enfiar a cara dentro da minha calcinha.

— Você *prometeu* que não ia contar pra ninguém — falei, corando.

— E não contei — ela retrucou. — Estamos *sozinhas*.

Bufei.

— Bem, acho que você está mentindo.

Ela arregalou os olhos.

— Como?

— Você me ouviu. Acho que Gibsie está bem familiarizado com a *sua* calcinha.

— Ah! — Ela levou as mãos ao peito e olhou para mim horrorizada. — Você que está mentindo.

— *Você* que está mentindo — falei. — E está usando a minha pepeca como desculpa pra suas travessuras noturnas com o garoto que mora do outro lado da rua.

— *Não* estou.

— Não acredito em você.

— Vamos, Shan — ela implorou. — Você é minha melhor amiga. Não pode me abandonar nessa.

Aff.

— Está bem. — Peguei o barbeador e fui para o banheiro. — Mas se der errado, você vai ser a responsável.

— Boa sorte — ela falou atrás de mim.

Aprenda a dizer não, Shannon.

No futuro, só diz não!

— Preciso te contar uma coisa — foi a primeira coisa que Johnny me disse quando abriu a porta e me puxou para dentro da casa dele. Seu cabelo estava todo bagunçado, como se ele tivesse passado os dedos pelas mechas um milhão de vezes, deixando-o maravilhosamente despenteado. Segurando minha mão, ele atravessou o corredor seguindo direto para a escada. — É bem ruim, Shan — ele falou, me puxando pela escada. — Muito ruim.

— Está bem, mas preciso muito te mostrar uma coisa primeiro — declarei, estremecendo de desconforto enquanto ele se movia na velocidade máxima, só parando quando já estávamos dentro do quarto com a porta fechada. — É bem ruim, Johnny — falei com uma vozinha de choro, tirando o casaco. — Tipo, extremamente ruim.

— Ah, a minha é pior, Shan — ele murmurou, andando de um lado para o outo. — Acredita em mim. É tipo insanamente ruim.

— Pode olhar pra mim primeiro? — pedi, perto de ter um ataque de pânico.

— Eu roubei seus irmãos, baby! — ele soltou de uma vez e congelou. — Desculpa — ele disse. — Te amo. — Fazendo uma careta como se estivesse sentindo dor, ele acrescentou: — Por favor, não termina comigo.

— Como? — Levei um instante para processar o que ele tinha falado antes de ficar boquiaberta. — *O quê?*

— Desculpa — ele grunhiu, se jogando na cama. — Não sei o que me deu — ele acrescentou, com o rosto enfiado no colchão. — Eu não costumo fazer essas merdas... é pra isso que Gibsie serve.

— Meus irmãos? — Franzi o cenho. — Meus *irmãozinhos?*

Ele fez que sim com a cabeça devagar.

— Todos eles?

— Todos eles — ele confirmou com ar sombrio. — Mas já devolvi.

Balancei a cabeça, perdida.

— Minha mãe sabe?

— Não... ainda bem — ele murmurou. — Joey veio aqui e pegou eles antes que ela percebesse que eles não estavam lá.

— Ele estava bravo?

— Não. — Johnny franziu as sobrancelhas. — Estava achando engraçado.

— Espera, espera... — Ergui a mão, confusa. — Eles deviam estar com a vovó hoje.

— É *isso* — Johnny concordou, se levantando. — Foi o que eles disseram, mas ela estava na cama, Shan, e eles estavam largados. — Voltei a andar de um lado para o outro, explicando o que tinha acontecido, agitando as mãos. — Eu estava no telefone com você, daí vi o bebê na janela olhando pra mim e não consegui dar as costas pra ele. Ele é tão pequeno e tem uns olhos grandes de filhotinho. Então eu *peguei* ele e os outros também só por precaução... o maior tem um sério problema de comportamento, aliás. Enfim, eu os levei pro McDonald's e pro parquinho... e tenho quase certeza de que exagerei na comida... mas daí Gibsie disse que eu estava parecendo um pedófilo e eu acabei surtando, então trouxe eles pra casa e deixei eles com a minha mãe. — Ele soltou um suspiro trêmulo e fez uma cara de culpado. — Está brava comigo?

— É bastante coisa pra processar, Johnny — murmurei, pressionando os dedos nas têmporas.

— Eu sei — ele grunhiu, passando as mãos no cabelo.

— Você está encrencado?

Ele parou para me olhar com as sobrancelhas franzidas.

— Hã?

— Você está encrencado? — repeti, entrando em pânico. — Tem certeza que ela não sabe que você os pegou?

— Não, não estou encrencado — ele respondeu, me olhando com atenção. — Joey disse que eles não disseram uma palavra sobre isso.

— Ah, graças a Deus — ela soltou, colocando a mão no meu peito.

— Você não está brava comigo? — ele perguntou com um tom cauteloso, se aproximando.

— Não, não estou brava. — Eu sabia que devia tirar um tempo para pensar em tudo o que ele tinha falado e questionar por que meus irmãos não estavam com a vovó ou por que minha mãe estava na cama quando devia estar cuidando deles, mas sinceramente não conseguia me concentrar em nada além da ardência dentro das minhas calças. — Mas preciso muito da sua ajuda.

Um lampejo de preocupação cintilou em seus olhos.

— Merda, Shan, o que houve?

— Vou ter que te mostrar — falei, agitada, tirando as calças e desabotoando o jeans.

— Ei, ei, ei... *para* — Johnny avisou, erguendo a mão. — O que está fazendo?

Não parei.

Soltando um suspiro de humilhação, tirei a calça e falei:

— Me salva.

— O que foi que você *fez* com você mesma? — Johnny perguntou de olhos arregalados.

— Eu me raspei.

Ele me olhou boquiaberto.

— Tudo?

— *Tudo* — falei, abanando as mãos. — Tinha sangue por *toda* parte!

— *Tinha*? — Johnny perguntou, horrorizado. — Meu Deus.

— Será que estou tendo alguma espécie de reação na pele? — perguntei, chutando a calça para longe, desesperada. — Estou cheia de cortes, Johnny. — Olhei para baixo e choraminguei. — *Me ajuda*.

— Baby... — Ele ergueu as mãos. — Eu tenho um pau. Não tenho ideia do que fazer.

— Mas está feio, né? — perguntei, ansiosa. — Está muito feio? Não devia ficar assim, né? Está ardendo... tipo, estou pegando *fogo*.

— Não sei — ele disse, erguendo a voz várias oitavas. — Como é que vou saber?

— Você já viu mais bucetas do que eu. Então me diz de uma vez, Johnny. Está muito feio?

— Ah, não. Não muito. Tipo, tá... — Ele franziu as sobrancelhas e esfregou o queixo com a mão. — Não tá *tão* ruim assim.

— Não mente pra mim — avisei.

— Deixe eu dar uma olhada melhor na situação... — Fiquei observando com horror enquanto Johnny se agachava para *olhar melhor* antes de levantar e balançar a cabeça. — Sim, Shan, está bem ruim.

— Eu te falei! — choraminguei, colocando a calcinha de volta e gemendo alto quando a fricção fez tudo piorar. — Nunca mais vou ouvir Claire Biggs de novo. Malditos barbeadores da loja de um euro.

— Barbeadores da loja de um euro? — Johnny falou, meio rindo, meio rosnando. — Você sabe que existem salões de beleza e esteticistas onde você pode fazer essas coisas, né?

— Bem, eu sou tímida — bufei, me jogando na cama. — Como é que vou mostrar minha *buceta* pra alguém?

Ele me encarou com uma expressão incrédula.

— Você não conta — falei, aturdida.

— Pobre buceta — Johnny disse com um suspiro, se afundando na cama ao meu lado. — Você é uma carniceira.

Soltando um soluço estrangulado, me joguei de costas no colchão.

— Está doendo.

Johnny me imitou e também se deitou de costas.

— Eu sei, baby. — Ele colocou a mão na minha coxa e a apertou de leve para me tranquilizar. — Mas os pelos vão crescer.

— Quanto tempo vai levar?

Ele se virou para mim.

— Quer que eu raspe minhas bolas?

— O quê? — Encarei-o, perplexa. — Não!

— Então para de me fazer perguntas que não sei responder.

— Desculpa. — Fiquei vermelha feito um pimentão. — Eu só... sei lá, você sempre sabe das coisas. — Choramingando de pura angústia, me virei de barriga para baixo e enterrei o rosto no cobertor que cheirava ao sabão que a mãe dele sempre usava e também cheirava a *Johnny*. — Estou com tanta vergonha... — Fiz uma pausa para respirar e resmunguei: — Está ardendo... e está *feio*.

— Não está feio. — Senti sua mão acariciando a minha calcinha. — Estou duro feito pedra por você agora.

— Não sei como você consegue — respondi com um gemido angustiado. — Está horrendo. — Grunhindo ao perceber o que eu tinha feito com o meu pobre corpinho, sem mencionar o formigamento entre as minhas pernas enquanto a calcinha fazia estragos no meu ponto mais vulnerável, sussurrei: — Não sei como é que vou vestir a calça de novo. — Fazendo careta, acrescentei: — Ou te olhar nos olhos de novo.

— Por mim, você pode ficar sem calça. — Ele deu risada, com as mãos ainda na minha bunda. — Vamos, Shan, olha pra mim.

Balancei a cabeça.

— Não consigo.

— Consegue, sim — ele insistiu, correndo os dedos pela minha cintura. — Se não se virar pra mim, vou fazer cócegas em você.

Virei de lado e olhei para ele.

— Oi.

— Então... — Ele se inclinou e pressionou os lábios contra os meus. — Pode me explicar por que você quis se raspar?

Me contorci de vergonha.

— Não sei.

Ele agitou as sobrancelhas.

— Grandes planos?

— Ah! — Eu já enterrar o rosto de novo no cobertor, mas Johnny capturou meus lábios antes.

— Tive uma queimadura de sol horrível quando estava viajando no verão passado — ele disse, roçando o nariz no

meu. — Ainda tenho Aloe vera no banheiro. — Ele me beijou de novo. — Vai acalmar a pele.

Mortificada, soltei um suspiro trêmulo e assenti.

— Obrigada.

— De nada.

Dando um beijo na ponta do meu nariz, ele desceu da cama e foi até o banheiro, voltando pouco depois com uma pomada. Ele abriu a tampa, subiu na cama e a entregou para mim antes de se aproximar da minha calcinha.

— O que está fazendo? — falei, erguendo os quadris enquanto ele puxava a peça para baixo. — Johnny?

— Estou te salvando — ele respondeu com um sorrisinho. — Lembra daquela história de "Johnny, por favor, me salva"?

— Sim, mas... — Ele pegou a pomada, colocou um pouco de Aloe vera nos dedos e abaixou a mão. — Ah, meu Deus — choraminguei de alívio quando a pomada gelada apaziguou a ardência. — Isto é maravilhoso.

Johnny se abaixou mais na cama para se posicionar sobre o meu quadril e soprar minha pele com gentileza. Minha respiração ficou presa na garganta e tive que contrair os músculos para impedir meus quadris de se moverem. Olhando para mim através dos cílios curvados, ele continuou soprando ar frio na minha pele macia.

— Está bom? — ele perguntou com a voz rouca antes de dar um beijinho em mim. — Ou quer mais?

Respirando com dificuldade, me sentei e agarrei sua camiseta.

— Tira isso.

Seus olhos azuis ardiam de calor quando ele segurou a camiseta pelos ombros e a tirou.

Soltando o ar, ergui os braços com os olhos fixos nele.

— Agora a minha.

Sem dizer uma palavra, Johnny se inclinou para a frente e arrancou minha camisa com facilidade antes de abrir meu sutiã. Era quase assustador como ele era rápido, mas quando deslizou as alças pelos meus ombros e jogou o sutiã no chão do quarto, não liguei.

Me deitei de costas, arrastando-o comigo, pressionando os dedos com força nos músculos das suas costas. Ele me obedeceu, soltando seu peso em mim enquanto eu abria as pernas para acomodá-lo.

— Você fica linda na minha cama. — Ele espalmou as mãos nas minhas coxas, puxou meu corpo para perto e soltou um gemido alto quando nos conectamos. — Deitada assim — ele acrescentou, pairando cima de mim. — Comigo entre as suas pernas — ele concluiu, selando os lábios nos meus.

Também gemi, fechei os olhos e envolvi os braços no seu pescoço, me esfregando contra ele. Tudo nesse garoto parecia bom, real e *certo*. Seus lábios estavam em todo lugar — no meu pescoço, nos meus seios, na minha barriga... eu o sentia na minha pele e não era o suficiente. Me mexendo inquieta, gritei quando senti seu dedo deslizar para dentro de mim, fazendo a dor que crescia no meu âmago se tornar quase insuportável. Agarrando seus ombros, rebolei sob seu toque, querendo tudo o que ele estava disposto a me dar.

— Isto é uma má ideia — Johnny disse em uma voz rouca, antes de pressionar a boca em mim. Sua língua duelou com a minha quase violentamente. — Eu devia parar — ele grunhiu, aumentando a velocidade dos dedos. — A pior ideia do mundo.

— Eu adoro as suas más ideias — sussurrei, segurando a barra da sua calça. — Não para. — Como ele não tentou me impedir como normalmente fazia, abaixei a calça até os seus quadris. — Quero você.

Ele gemeu e enfiou a língua na minha boca, se apoiando nos cotovelos para que eu pudesse empurrar a calça sobre a sua ereção.

— Eu te amo pra caralho — ele sussurrou, chutando a calça para longe. Minha respiração ficou presa na garganta quando pus a mão na cueca dele e senti como ele era grosso e comprido. — Você é grande — falei baixinho, respirando com força e rápido. — Tipo, muito, muito grande.

— Não diz isso — ele grunhiu, atacando meu pescoço com beijos famintos. — Você vai me fazer explodir.

— Mas é verdade — falei, ofegante, me movendo sob seu toque enquanto familiares choques de prazer percorriam meu corpo. — E eu vou... — Fechei os olhos e rebolei na sua mão conforme uma onda de êxtase consumia todo o meu corpo, botando fogo na minha pele, fazendo meus músculos se contraírem em espasmos. — Johnny...

— Shh. — Ele colocou meu lábio inferior entre os dentes e o puxou de leve antes de enfiar a língua na minha boca, movendo os dedos em um ritmo perfeito. Meu corpo foi ficando mole debaixo dele. — Não se preocupa — ele

sussurrou, chupando meu pescoço. — Vou manter meu pau dentro da cueca.

— Não quero que você mantenha ele dentro da cueca.

Ele enrijeceu.

— O quê?

— Eu quero você.

Ele ficou imóvel por um momento e, depois, se ergueu sobre os cotovelos para olhar para mim.

— Está falando sério?

— Sim.

Seus olhos me estudaram enquanto a dúvida tomava suas feições. Ele tirou os dedos de dentro de mim e segurou o cós da cueca preta Calvin Klein.

— Tem certeza?

— Tenho. — Assenti, com o coração acelerando violentamente dentro do meu peito. — Quero você todinho.

55

NÃO ABRE A PORTA!

Johnny

O que eu estava fazendo?

Que *diabos* eu estava fazendo?

Eu não estava conseguindo pensar direito. Tudo o que via era Shannon pelada na minha cama enquanto todas as dúvidas, medos e preocupações que eu *devia* estar sentindo saíam voando pela janela.

— Tem certeza? — perguntei de novo, só para garantir. — Tem certeza mesmo?

Estremecendo debaixo de mim, ela fez que sim, corada e de olhos arregalados.

— Estou pronta, Johnny.

— Mas você está dolorida — falei, enquanto meu pau pressionava minha cueca, desesperado para entrar nela. — Não quero te machucar.

— Você não vai me machucar — ela sussurrou, esticando o braço para tocar meu queixo. — Eu quero.

Puta merda.

Puta merda!

Soltando um suspiro trêmulo, me afastei dela e me levantei, sabendo que era cedo demais, mas resignado.

— Você pode dizer não — esclareci, deslizando os dedos pela cueca e abaixando-a. — Você *sempre* pode dizer não — acrescentei, dando um passo para o lado e voltando para ela. — E eu vou parar, está bem?

Assentindo, Shannon se ergueu sobre os cotovelos com a atenção focada no meu pau totalmente ereto.

— Hum... então, este é meu pau — declarei, e depois me recriminei mentalmente por falar algo tão estúpido. Como se eu precisasse identificar meu pau e minhas bolas.

Meu Deus.

— Sim. — Shannon soltou o ar entrecortado e se sentou. — Este é o seu pau. — Prendi o fôlego quando ela estendeu o braço e passou o dedo pela cabeça, e claro que meu pau se mexeu com seu toque. — Ele se mexe. — Ela ergueu o olhar para mim. — Sozinho.

— Você está encorajando ele — falei, sentindo os joelhos fraquejando e dando um passo para a frente. — Toque nele e ele vai ter todo tipo de ideia.

Ela correu a ponta dos dedos pelas minhas cicatrizes e suspirou alto.

— Você é tão lindo, Johnny! — Se inclinando para a frente, ela deu um beijo na linha irregular descendo o meu umbigo

antes de dar outro na cicatriz um pouco mais para baixo. — Te amo muito.

Caralho.

— Também te amo — eu disse com os dentes e os punhos cerrados. Não havia palavras para explicar as sensações que dominavam meu corpo quando ela colocava os lábios em mim. Decidi me sentar antes que eu colapsasse, então me abaixei na cama e puxei Shannon comigo, de modo que nos deitamos de lado, de frente um para o outro. — Não temos que fazer nada, está bem? — falei, segurando sua bochecha. — Estou feliz só de estar aqui com você.

— Johnny? — ela sussurrou, imitando meus movimentos e colocando a mão sobre o meu rosto.

Minha respiração ficou presa.

— Sim, Shan?

— Shh.

Então ela me beijou.

E eu me *perdi*.

Qualquer resquício de autocontrole ao qual eu me agarrava se esvaneceu no instante em que ela decidiu que seria uma boa ideia colar os lábios nos meus. Ela me empurrou e subiu em cima de mim, sem parar de me beijar, deslizando as mãos no meu cabelo e fazendo aquela coisa com os dedos que me deixava maluco.

Eu não ia aguentar.

Ela era demais para mim.

Virei-a na cama e me posicionei entre as suas pernas, beijando-a profundamente enquanto esticava o braço até a

mesinha de cabeceira. Tateei às cegas e acidentalmente encostei no controle do rádio, fazendo “Wires” do Athlete’s ressoar alto nas caixas de som.

— Merda — grunhi, pegando o controle. — Vou desligar...

— Não, tudo bem — Shannon falou nos meus lábios. — Deixa.

Gemendo na sua boca, abri a gaveta e peguei uma caixa de camisinhas, rezando silenciosamente para os céus e agradecendo Jesus por ter um melhor amigo do caralho que anteviu tudo.

Boa, Gibs...

Me atrapalhando com a mão, consegui rasgar a caixa e puxar uma camisinha. Atirei a caixa no chão do quarto e me acomodei entre as pernas dela com as mãos tremendo feito vara verde, combinando com o resto de mim.

— Tem certeza, Shan? — perguntei, afastando os lábios enquanto abria a embalagem e colocava a camisinha. — Você realmente quer isso?

— Eu realmente quero você — ela sussurrou, assentindo para mim, e juro que meu coração parou dentro do meu peito. Eu não estava suportando vê-la deitada ali nos meus travesseiros. Ela mesmo era demais para mim.

— Te amo tanto — falei com a voz carregada de emoção enquanto me posicionava entre as suas pernas e me apoiava em um cotovelo. — Vou tomar cuidado — acrescentei, beijando-a profundamente enquanto me empurrava contra ela devagar. — Prometo.

— Confio em você — ela disse, segurando meus quadris. — Quero fazer isso com você.

— Pode ser que doa — avisei, pressionando a testa na dela enquanto meu coração batia tão forte contra meu peito que eu podia até ouvir. — Não quero te machucar.

— Não estou com medo — ela sussurrou, puxando minha cintura e inclinando os quadris para cima.

Eu podia senti-la; ela era tão quente e perfeita, e meu Deus, eu estava com medo. Nunca tive tanto medo de quebrar alguma coisa na minha vida como eu estava naquele momento. Ela era virgem, mas eu era o único tremendo por nós dois. Eu gostava muito dela. Eu a amava mais do que era seguro para mim.

— Eu quero isso — ela sussurrou, envolvendo meu pescoço e me puxando para si. — Prometo — ela acrescentou antes de pressionar os lábios nos meus. Sua língua invadiu minha boca, acariciando a minha daquele jeito doce e hesitante que eu tanto adorava.

Um arrepio profundo percorreu meu corpo e eu fechei os olhos com força antes de me empurrar para dentro dela com uma estocada firme. Shannon choramingou e eu congelei, com o coração disparando violentamente no meu peito.

— Você está bem?

Ela fez que sim, agarrada ao meu pescoço, pressionando os lábios nos meus de novo.

— Continue me beijando — ela implorou.

Mantendo os quadris imóveis, beijei-a, desesperado para aliviar a dor que eu sabia que ela estava sentindo enquanto seu

corpo estremecia e enrijecia sob o meu.

— Te amo — fiquei sussurrando entre os beijos, conforme emoções que eu nunca havia sentido na minha vida me dominavam, todas direcionadas àquela garota. — Te amo tanto, Shannon, *como o rio*.

Eu estava me agarrando ao meu autocontrole com todos os dentes. A perspectiva de enfim me mexer dentro dela era quase insuportável. Ela era tão apertada, tão quente! Toda vez que se contraía, apertando meu pau feito um torno, meus olhos se reviravam. Os pequenos gemidos carentes e lamúrias que saíam da sua boca enquanto ela se adaptava à sensação de ter a mim dentro de si estavam me *matando*.

Meu Deus...

— Você está bem? — sussurrei, lutando contra o desejo irresistível de me enterrar até o fim dentro dela. Apoiando meu peso em um cotovelo, segurei sua bochecha com a mão livre e acariciei seu nariz com o meu, observando seu rosto com olhos lascivos. — Shan? — Pressionei a testa na dela e soltei um suspiro trêmulo. — Posso me mexer?

— Ainda... não — ela soltou, enfiando as unhas nos meus ombros enquanto se agarrava ao meu corpo.

— Tudo bem — eu disse, beijando seus lábios e descendo para o seu pescoço. — Você é tão linda!

— Johnny... — Ela parou de falar e arqueou os quadris para cima, me fazendo entrar mais fundo.

Não consegui conter o gemido que saiu rasgando a minha garganta quando ela me apertou com mais força e minhas bolas ficaram tensas.

— Eu quero você — ela sussurrou, se empurrando para cima devagar. — Pode se mexer.

— Tem certeza? — perguntei com os olhos fixos nos dela.

— Sim, agora está gostoso — ela falou com as bochechas coradas. — Está gostoso assim.

Ai, caralho!

Dando um suspiro entrecortado, me inclinei para baixo e a beijei enquanto me puxava para fora e me afundava de novo dentro dela, com o peito pesado do esforço que eu fazia para não gozar.

— Está bom?

Gemendo na minha boca, Shannon fez que sim e balançou os quadris contra os meus conforme entrávamos em um ritmo lento e gentil. Passando a mão pelo seu corpo, prendi sua coxa na minha cintura, nos fazendo gemer juntos quando o movimento fez tudo parecer mais profundo, apertado e *conectado*.

— Você é tão gostoso! — ela sussurrou, tremendo embaixo de mim. Ela soltou o aperto mortal do meu pescoço e relaxou no colchão, passando a mão pelo meu peito e pela minha barriga. — Você é tão lindo!

Meu Deus, ela estava me matando.

— Você que é linda — grunhi, aumentando o ritmo, sentindo a familiar onda de prazer se acumular. — Nossa — soltei, reivindicando seus lábios mais uma vez. — Shannon, eu preciso... caralho, eu preciso...

Toc, *toc*, *toc*...

— Johnny, querido, seu pai chegou com a comida chinesa. Ele trouxe bolinhas de frango.

Não.

Não.

Meu Deus, não!

— Essa música vai te deixar surdo.

Será que tranquei a porta?

Será?

Eu não conseguia me lembrar!

— Johnny — Shannon sibilou com os olhos arregalados de pavor, batendo no meu peito. — Sua porta...

— Não abre a porta! — rugi, saindo de dentro dela abruptamente e entrando em pânico quando ela estremeceu de dor. — Ah, merda, Shan, baby, você está bem?

— A porta — ela falou. — Segura a porta.

— Johnny, está me ouvindo, filho? — minha mãe falou. — Vou entrar.

— Não! — vociferei sobre a música. — Espera um segundo, por favor!

— O que vamos fazer? — Shannon perguntou, se agitando feito um pássaro engaiolado na minha cama.

— Não sei... — Balançando a cabeça, olhei em volta, me sentindo impotente. Que desastre! — Porra!

— Johnny, você vai descer pra comer as bolinhas de frango?

— Me dá um minuto, mãe — pedi, segurando as pontas do cobertor e enrolando minha namorada como se ela fosse um taco antes de enfiá-la debaixo da cama. — Fica aí, Shan — falei.

— Vou resolver isso. — Tropeçando no controle remoto, bati a mão no aparelho de som, cortando a música antes de seguir para a porta.

— Johnny! — Shannon sibilou da cama.

— O quê?

— Você está pelado.

Merda.

Tirei a camisinha manchada de sangue do pau ainda totalmente ereto, atirei-a para o outro lado do quarto e disparei para a cômoda, pegando uma cueca e vestindo-a rapidamente. Ajeitei minha furiosa ereção lá dentro, respirei fundo e caminhei até a porta.

— Você demorou um tempão pra abrir a porta — minha mãe disse, me olhando com desconfiança.

— Ah, me desculpa. — Agitado e respirando com força, acenei a cabeça e fingi um bocejo, tentando desesperadamente me acalmar. — Eu estava dormindo.

— *Você* estava dormindo?

Fiz que sim.

— Às oito e meia da noite? — Minha mãe ergueu as sobrancelhas, incrédula. — Com a música nessa altura?

Dei de ombros.

— Estou cansado.

— Aposto que sim. — Ela deu um passo à frente e eu a intercedi rapidamente, bloqueando o caminho. — O que está fazendo?

— Nada — menti, me movendo feito um maldito polvo quando ela tentou espiar atrás de mim. — O que *você* está

fazendo?

— Procurando roupas sujas — ela respondeu. — Me deixa entrar.

— Não tenho nada pra lavar, mãe, e não quero comida chinesa. — Sorrindo para ela, tentei fechar a porta, mas ela ergueu a mão para me impedir.

— O que está acontecendo?

— Nada.

— Nada? — ela repetiu, me olhando com uma cara de "Não mente pra mim" antes de dar a volta e entrar no quarto.

Prendi o fôlego, mentalmente me perguntando se Shannon terminaria comigo se eu desse o fora e fugisse enquanto podia, porque aquela mulher ia cortar meu pau fora.

— Está sozinho?

— Claro. — Mordendo o punho, me virei com relutância e a segui, rezando para tudo o que era sagrado para que ela só *vazasse* dali. — Estava tentando dormir, mãe.

Olhei para Shannon, que me encarava debaixo da cama de olhos arregalados. Me aproximei da cama, me coloquei na frente dela e fiquei observando minha mãe. Ela estava claramente procurando alguma coisa. *Minha namorada*.

— E aí, onde a Shannon está hoje? — ela perguntou com uma voz desconfiada.

— Não tenho ideia — respondi depressa. *Depressa demais*.

— Não tem ideia? — ela repetiu, sem acreditar, percorrendo meu quarto com os olhos.

— Na verdade, acho que ela deve estar na casa da Claire — falei rapidamente para consertar. — Isso. — Assentindo com

veemência, me afundei na cama e acrescentei: — Ela me falou que ia passar a noite na casa da Claire.

Minha mãe arqueou as sobrancelhas.

— Ah, é?

— Sim, mãe. — Discretamente, arrastei o lençol para fora do colchão e o deixei cair no chão para esconder minha namorada. — Meu Deus, qual é a desse interrogatório? — Dedos seguraram meu tornozelo, cravando as unhas na minha pele, e dei um pulo de susto. — Eita!

— Como? — minha mãe perguntou com as mãos nos quadris.

— Cansado — falei, desesperado. — Nossa, estou tão cansado!

— Hum.

Então algo chamou sua atenção, algo realmente muito ruim, porque seus olhos se estreitaram e seu rosto ficou roxo. Sem dizer uma palavra, ela caminhou até o lado da cama, e fiquei observando horrorizado ela se abaixar e pegar a caixa de preservativos.

Puta.

Merda.

— *Aberta* — ela rosnou, voltando para onde eu estava retraído e atirando a caixa no meu colo. — Agora, onde está a garota com quem você usou *isso*, Johnny?

Abaixei a cabeça, sabendo que eu estava completamente ferrado.

— Hum...

— Estou aqui, sra. Kavanagh — Shannon falou, aparecendo debaixo das minhas pernas. — Desculpa.

— Shannon. — Ela soltou o ar entrecortado. — Sai daí, por favor.

— Eu meio que não posso, sra. Kavanagh — Shannon disse.

— Por que não?

— Porque estou pelada. — ela falou, corando.

— Ah, meu Deus do céu — minha mãe soltou, cobrindo o rosto com as mãos. — Vocês dois coloquem roupas e me encontrem na cozinha daqui a dois minutos — ela disse, se movendo para a porta e então hesitando. — E me dá isso aqui — ela voltou para onde eu estava e arrancou a caixa de camisinhas das minhas mãos, usando-a para bater na minha cabeça. — Seu malandro! — Depois, ela saiu do quarto gritando: — John! Chama o padre da paróquia. Seu filho precisa fazer uma confissão!

56

EU TE FIZ UMA PROMESSA

Shannon

Eu planejei ter uma morte lenta.

A causa da morte prematura: mortificação.

Nunca na minha vida senti tanta vergonha quanto quando entrei na cozinha e fiquei cara a cara com os pais de Johnny, poucos minutos depois de perder minha virgindade, que foi o melhor e o pior momento da minha vida.

— Preciso conversar com você sobre uma coisa.

— Sobre o que?

— Sobre sexo, Shannon, querida.

— Não faz isso com ela — Johnny implorou, do banco ao meu lado. — Por favor, mãe, estou te implorando. — Ele se virou para mim. — Tape os ouvidos, baby...

Grunhindo alto ao lembrar da sra. Kavanagh me sentando na ilha da cozinha para a *conversa*, cobri a cabeça com o

edredom roxo e mentalmente me preparei para passar o resto da minha vida presa na cama, porque eu nunca mais poderia sair de casa de novo.

O pior foi que a mãe de Johnny insistiu em me levar para casa *sozinha*, o que significou mais tempo com ela discutindo toda aquela história de cegonha e como eu não deveria deixar o filho dela me *corromper* de nenhuma forma. Segundo a sra. Kavanagh, todos os adolescentes eram cachorros movidos por hormônios — seu filho incluso —, e eu não deveria deixar que *Jonathan* me enganasse.

Tarde demais, pensei comigo mesma enquanto me encolhia o máximo que conseguia e suspirava. Eu me senti muito mal, porque apesar de ter sido ideia minha, Johnny foi quem acabou pagando o pato e recebendo toda a ira da mãe, enquanto o pai dele sorria para o jornal, acenando a cabeça e concordando sempre que era solicitado pela esposa. Segundo a sra. Kavanagh, ele era mais velho e o detentor do pênis, portanto, era quem deveria se responsabilizar. Eu não tinha ideia do que dizer ou fazer quando ela começou a discursar sobre como nossas partes privadas eram privadas e não deveriam ser compartilhadas com o outro. Foi *tão* humilhante que, horas depois, meu rosto ainda estava pegando *fogo*.

Movi os membros apenas o suficiente para esticar o braço e pegar o celular na mesinha de cabeceira, levando-o para o santuário do meu edredom. Verifiquei as horas e resmunguei quando vi que eram mais de duas da manhã.

Vá dormir, Shannon, falei mentalmente. *Desliga seu cérebro e para de pensar*.

Tap, tap, tap...

Enrijeci e fiquei perfeitamente imóvel, ouvindo com atenção.

Tap, tap, tap.

Me sentei na cama, olhei em volta pelo quarto escuro, iluminado apenas pelo poste lá fora, e tentei descobrir a fonte do barulho.

Tap, tap, tap.

Meu olhar se fixou na janela.

Tap, tap, tap.

Afastei as cobertas, desci da cama e respirei fundo antes de abrir as cortinas.

Meu queixo caiu e meu coração disparou dentro do peito quando meus olhos pousaram no enorme garoto se equilibrando na varanda da janela.

— Johnny! — exclamei, abrindo a janela e encarando-o chocada. — Como você chegou aqui?

— Subi pela lixeira — ele falou, se atirando no parapeito. — Me deixa entrar antes que eu morra.

Dei um passo para o lado depressa, observando-o cair no chão com um barulho alto.

— E o seu pau? — perguntei, com os olhos grudados nele.

— Foda-se o meu pau — ele grunhiu, se levantando. — Eu não podia deixar as coisas assim depois que minha mãe... aliás, me desculpa por isso. Não sei nem por onde começar a consertar essa bagunça. — Balançando a cabeça, ele se aproximou e deu um beijo na minha bochecha. — Oi, Shannon. Você está cheirosa — ele disse apressadamente antes

de voltar a falar. — Não sei que porra aconteceu comigo naquele quarto, Shan. Eu sempre tranco a porta... — Ele fez uma pausa e testou a minha porta e, depois, assentiu em aprovação. — Não sei nem como é que fui de te ajudar com o seu machucado a tirar sua virgindade, mas me desculpa. — Ele tentou caminhar de um lado para o outro, mas parou ao perceber que o espaço mais parecia uma lata de sardinha de tão apertado. — Eu queria que fosse bom pra você e daí... e ela... e eu sou... malditas bolinhas de frango! — Dando um enorme suspiro, acrescentei: — Sei que eu não devia estar aqui, mas eu tinha que manter minha promessa.

Encarei-o, confusa.

— Que promessa?

— Eu falei que, quando a gente fosse dormir juntos, a gente ia dormir juntos — ele falou de uma vez. — E sei que caguei na primeira parte. — Com uma expressão vulnerável, Johnny deu de ombros e gesticulou para a minha caminha. — Mas você acha que consegue me espremer aí pra segunda parte?

Ah, meu Deus.

Esse garoto.

Meu coração.

Me afastei, subi na cama e puxei as cobertas.

— Acho que sim. — Assentindo, soltei um suspiro trêmulo e sussurrei: — Vem aqui.

Johnny tirou a cueca em tempo recorde, subiu na cama junto comigo e envolveu o corpo no meu para ficarmos de conchinha.

— Juro que não vou tentar nada — ele falou, beijando meu ombro. — Só preciso te abraçar.

— Você não cagou nada, Johnny — murmurei, pressionando as costas no seu peito quente. — Foi ótimo.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo antes de perguntar:

— Você está dolorida, Shan? — Me apertando com mais força, ele enterrou o rosto no meu pescoço e suspirou. — Eu te machuquei?

— Não, você não me machucou e eu não estou dolorida. — Estremecendo, segurei seu braço, querendo mais do que tudo mantê-lo ali comigo pelo resto da vida. — Eu só me sinto...

— O quê? — ele disse, fazendo carinho na minha orelha. — O que você está sentindo?

— Acho que meio estirada... — arrisquei, mordendo o lábio. — Estou sentindo um pouco, mas não estou dolorida.

— Não precisamos fazer de novo — ele falou depressa. — Não até você estar pronta.

— Eu estava pronta, Johnny — esclareci, sem conseguir conter um bocejo. — Estou pronta.

— Eu nunca tinha feito isso antes — ele admitiu baixinho.

— Isso o quê?

— Tirado a virgindade de alguém. — Ele soltou um suspiro pesado e a vibração do seu peito reverberou em mim. — Estava com tanto medo de te machucar, Shan.

— Então sou sua *primeira* virgem? — perguntei, sonolenta.

— Você é meu tudo.

Uau!

— Boa noite, Shan — ele sussurrou.

Fechei os olhos e sorri.

— Boa noite, Johnny.

57

DORES NO PEITO

Johnny

— Esteja no campo de treino da Academia no sábado de manhã às sete em ponto — disse o treinador principal do sub-20 na segunda-feira de manhã. — Eu já marquei uma sessão com seus treinadores e reservei o campo para esse horário, então vamos ver como vai ser.

— Pode deixar. — Assentindo feito um lunático enlouquecido, interrompi a musculação e fiquei andando de um lado para o outro, segurando o celular com mais força que o necessário, sentindo a empolgação e o pânico me dominando. — Estarei lá.

— Leva seu equipamento, Johnny — ele acrescentou. — Mas não cria muitas expectativas. Não me importo com o que seus médicos disseram, você não vai pisar no campo sem a autorização do médico da minha equipe. O dr. Malachy vai

fazer um exame completo em você, então traz todas as anotações que tiver.

— Entendido. — Assenti de novo, com o coração martelando violentamente dentro do peito. — Já estou com tudo do dra. Quirke e do dr. O'Leary também. Todos os relatórios da fisioterapia e dos treinadores.

— Ótimo — ele respondeu. — Traz tudo com você.

— Estou pronto, treinador. — *Estou pronto há semanas.*

— Espero que sim, jovem — ele falou. — Sinceramente.

— Se eu estiver... — Parei e fiz uma careta, tentando encontrar as palavras certas para verbalizar a pergunta. — Se o dr. Malachy autorizar, o senhor acha que eu...

— Vamos primeiro ver como vai ser essa próxima rodada de exames e, depois, falamos sobre o time — ele me interrompeu. — Você tem que recuperar o condicionamento. Mas já posso dizer que O'Donnell e Gilbert vão viajar comigo. Eles estão interessados em você, Johnny. Eles querem fazer as próprias avaliações... — Ele fez uma longa pausa antes de acrescentar: — Não preciso te explicar que essa é uma grande oportunidade. Não é todo dia que a diretoria viaja pra ver um jogador do sub-20. Com Daly e Johnson fora por conta de lesões, eles estão com dois jogadores a menos para a excursão de verão no mês que vem na África do Sul. Se eles estão indo te ver, preciso que você leve isso a sério. Se não estiver em forma, precisa me dizer agora, garoto. Desperdiçar o tempo deles não vai ser um bom presságio pra você... nem pra mim.

Merda.

Meu Deus.

Está acontecendo.

Está acontecendo, Johnny.

Mantenha a calma!

— Entendo — respondi, afastando Gibsie, que saltitava na minha frente balbuciando "O que ele está falando?", ao que eu respondi "Vaza daqui" antes de virar as costas para o meu melhor amigo e dar minha total atenção ao homem que tinha a chave do meu futuro. — Estou cem por cento em forma. Eu sei o que significa isso, treinador, e garanto que estou comprometido.

— Nunca duvidei do seu comprometimento nem por um segundo, Johnny — ele falou. — Te vejo no sábado.

— Até sábado. Obrigado de novo.

— Boa sorte, jovem.

Desligamos e fiquei parado ali por vários minutos, agitado e me deleitando com a ligação que esperei a minha vida toda para receber.

— E aí? — Gibsie perguntou. — Você está de volta?

— Estou de volta — confirmei, soltando um suspiro trêmulo. Me virei para ele sem conseguir tirar o sorriso do rosto. — Estou de volta, porra!

— Isso aí, caralho. — Um largo sorriso se espalhou pelo seu rosto. — Você conseguiu, cap! — Me puxando para um abraço, Gibsie deu risada. — Parece que vou precisar comprar uma passagem pra França este verão, porque meu melhor amigo vai pra porra do sub-20!

— Nada está confirmado ainda — respondi, tentando manter a cabeça no lugar e não me perder na euforia. — Tenho

muito trabalho a fazer e só duas semanas pra isso.

— Shhh — Gibsie soltou, abanando a mão. — Você vai pra França com o sub-20 no mês que vem e eu vou encher a cara pra comemorar! *Vive la France*.

— O'Donnel vai me ver no sábado, Gibs — sussurrei, sentindo o coração acelerar a cem quilômetros por hora. — Gilbert também. Eles perderam alguns centros pro time sênior na África do Sul.

Gibsie arregalou os olhos.

— Puta merda, Johnny!

Acenei a cabeça, sentindo uma enorme onda de emoção me dominar.

— Eu *sei*.

— Isso significa que...

— Não diga — pedi, erguendo a mão. — Pode dar azar.

— Mas significa, né? — ele insistiu, com os olhos brilhando de orgulho. — Você vai pra França com o sub-20 na primeira metade de junho e depois pra África do Sul na segunda metade... — ele ergueu a voz de empolgação. — Com a *porra do time sênior*, Johnny!

— Eu posso não entrar em time nenhum — murmurei, tentando manter os pés firmes no chão. Mas não estava dando certo. Meus batimentos cardíacos estavam aumentando e o pânico estava começando a me dominar. — Eles podem não me querer.

— Pra ficar com quem? Cormac Ryan? — Gibsie zombou. — Você é o *melhor*, cara.

— Não sei — sibilei, me sentindo um pouco fraco. — Meu Deus, acho que estou com uma dor no peito.

— Sente-se. — Ele segurou meu braço e me conduziu até o banco de um aparelho de ginástica. — Abaixe sua cabeça e *respire*.

— Meu Deus, estou morrendo — resmunguei, colocando a mão no peito. — Gibs, acho que estou tendo um infarto. — Balançando a cabeça, tentei respirar, mas meus pulmões não queriam funcionar. — Estou sufocando!

— Você não está morrendo. — Ele deu risada. — Isso aconteceu quando você foi aceito na Academia, lembra? Você se escondeu na casa da árvore chorando feito um bebê, gritando que estava tendo uma parada cardíaca e implorando pra qualquer um que te olhasse pra chamar uma ambulância. Aconteceu quando você recebeu a convocação pro sub-18 também. Você foi pra cama com sintomas de derrame. E você também não morreu, cara.

— Isto é pior, Gibs — falei, segurando o braço. — Muito pior.

— Porque isto é mais importante — ele explicou com calma. — *Muito* mais importante. — Ele se sentou ao meu lado, colocou a mão nas minhas costas e ficou fazendo movimentos circulares. — É a adrenalina batendo, cara. Só se lembre que isso é uma coisa *boa*. Você ralou muito, Johnny... desde que você tinha seis anos de idade. Sua cirurgia foi em março. Você passou por toda a reabilitação e aquelas merdas hospitalares. Você seguiu todas as instruções e fortaleceu seu corpo. Chegou a hora!

— E se não for a minha hora?

— Mas é — ele me garantiu.

— Mas e se...

— É a sua hora — ele repetiu firmemente. — É isso, cara. Aproveita.

— Estou com medo — falei. — Só faz umas semanas que voltei pro campo, cara. E se eu não estiver...

— Você *está* pronto — ele me interrompeu. — E você é mais que o suficiente. — Ele apertou meu ombro. — Eu sinceramente não consigo pensar em outra pessoa que mereça isso mais que você, Kav. — Ele deu um suspiro contente e acrescentou: — Então aproveita essa sensação, cara, porque este é o começo de grandes conquistas.

— Certo. — Me obriguei a me *acalmar* e respirar. — Porra, preciso ligar pra Shannon.

— Hum, talvez essa seja uma conversa que vocês precisem ter cara a cara — Gibsie disse. — Dizer à sua namorada que provavelmente você vai embora no verão não é exatamente uma novidade pra se dar por mensagem, cara.

— Porra — grunhi, levando as mãos na cabeça. — Merda. — O rosto de Shannon surgiu na minha mente, trazendo consigo mais dores no peito. — Ai, Meu Deus — soltei, me apoiando nele. — O que é que vou fazer com a Shannon?

— Como assim?

— É um mês, Gibs — falei, agitando os joelhos. — Eu vou passar um mês fora... ou mais, se entrar no time sênior.

— Eu sei. Você sabe e ela sabe. Então não tem nada que você possa fazer a não ser *respirar*.

— Não posso abandonar ela por um mês...

— Johnny, controle-se — Gibsie ordenou. — É o time irlandês. Da Irlanda. Ou seja, nosso próprio país. É só um mês e a oportunidade da sua vida. Não me faça te dar um tapa na cara pra você recobrar o juízo.

— Você tem razão — murmurei, respirando fundo e devagar.

Claro que ele tinha razão.

O que não fez eu me sentir melhor.

Soltando um grunhido sofrido, passei a mão pelo cabelo.

— Podemos não falar disso? — Olhei para ele. — Pode não comentar disso com ninguém? — *Principalmente com ela*. — Pelo menos até eu ter certeza?

— Ela vai ficar feliz por você, Johnny — ele respondeu. — Shannon te ama, cara. Ela está do seu lado desde a cirurgia, desejando essa oportunidade pra você.

— Eu sei — murmurei. — É só que eu... — *Eu sinceramente não acho que consigo deixar ela*. Afastei o pensamento bizarro da cabeça. — Só não fala nada até eu ter cem por cento de certeza do que vai acontecer.

— Justo, cara. — Ele suspirou. — Meus lábios estão selados.

— Valeu.

Relaxei os ombros, apoiei os cotovelos nos joelhos e escrevi uma mensagem rápida para Shannon, para que ela soubesse que eu já estava saindo da musculação para pegá-la para a escola.

— Mas são boas notícias — Gibsie acrescentou antes de seguir para o vestiário. — E só pra constar: estou orgulhoso de você.

— Valeu. — Soltei um suspiro pesado e saí atrás dele. — Acho.

— Você sabe — ele confirmou, tirando as roupas no instante em que entramos no vestiário. O lugar estava vazio porque éramos os únicos idiotas malucos o suficiente para estar lá às cinco da manhã de uma segunda. — É uma coisa boa, cara. Eles vão te escolher. Merda, tenho quase certeza que você teria entrado pro time em março, quando suas entranhas estavam escorrendo pelas pernas.

— Não sei, Gibs. — Balançando a cabeça, fui até o armário e tirei a roupa. — Parece que tudo está acontecendo rápido demais.

— Porque você tem medo de deixar ela. E você queria mais tempo.

Dei de ombros, impotente.

— Como é que *posso* deixar ela?

— Porque você precisa — ele me lembrou. — Porque você tem dezessete anos e esse é o seu futuro e você não vai jogar essa oportunidade fora. — Ele pegou uma toalha na mala e foi para o chuveiro. — É só um mês, Johnny. Quatro semanas. Isso não é nada no grande esquema das coisas.

— Eu sei, mas é só que... — Balancei a cabeça de novo e mandei outra mensagem para Shannon antes de deixar o celular no banco. Peguei minha toalha e meu xampu. — Que caos!

— É isso o que eu estava te falando — Gibsie disse atrás de uma das cabines. — Não assume nada sério se ainda está na escola. É a receita do desastre, cara. Todo mundo acha que eu sou louco, mas estou te falando, sou o mais esperto.

— Bem, estou em uma relação bem séria — murmurei, entrando na cabine ao lado. Liguei o chuveiro e fechei os olhos enquanto um jato de água escaldante caía sobre mim. — Então, claramente não recebi esse memorando.

— Pois é, cara. — Ele deu risada. — Pois é. Ah, me empresta seu xampu? — Sua mão brotou da parede que nos separava. — Por favor?

Esguichei um pouco de xampu na mão antes de entregar o frasco para ele.

— Fiz cagada com a Shannon na outra noite. — Passei o produto no cabelo, esfreguei os fios e suspirei. — Foi feio, cara.

— O que foi que você fez? — ele perguntou do outro lado da cabine.

— Uma coisa bem idiota.

— Vai, me conta, cara. Tira isso do seu peito.

— Não consigo falar — murmurei, fazendo careta. — Estou enojado demais comigo mesmo.

— O que foi que você fez? — Ele riu. — Transou com ela no carro ou algo assim?

Abaixei a cabeça de vergonha.

— Seu silêncio está dizendo muito. — Ele me provocou. — Vamos, cara. O que quer que tenha sido, não pode ter sido tão ruim assim.

— Foi *muito* ruim, Gibs — confessei. — Não consigo nem...

— Nossa... — A cortina à minha frente se abriu. — Você conseguiu meter? — Gibsie estava parado diante de mim, pelado e coberto de espuma. — E aí? Você transou com ela?

— Sai daqui, seu ridículo — eu disse, fechando a cortina. — E eu não meti... aff, não fala desse jeito.

— Foi mal, esqueci que você é um pouco sensível com a maneira como eu verbalizo coisas que envolvem a sua *namorada*. — Ele abriu a cortina de novo, revirou os olhos e me olhou com uma expressão ansiosa. — Você fez *amor* com ela?

Fiz cara feia para ele.

— Puta merda! — Seus olhos se arregalaram. — Você *fez* amor com ela!

— Eu... — Fechei a boca, desliguei o chuveiro e soltei um suspiro pesado. — A gente não devia estar tendo essa conversa. Não está certo.

— Foda-se! — ele retrucou, parecendo ofendido. — Você fez sexo com a sua namorada e não ia contar pra *mim*? Quando isso aconteceu?

— Sábado à noite — admiti, sentindo o calor subindo pelo meu pescoço. — E não me olha assim.

— Assim como? — ele bufou.

— Como se eu tivesse te traído.

— Eu *fui* traído — ele grunhiu. — Você não pode esconder novidades suculentas como essa de mim. Eu devia ter ficado sabendo disso logo no domingo de manhã.

— Credo, Gibs... — Dei a volta nele, peguei a toalha do chão e voltei para o vestiário. — Você é ridículo.

— Então você *fez* sexo com ela? — ele perguntou, me seguindo. — Vamos, Johnny. Me conta.

— Não foi assim — falei, nervoso.

— Você penetrou ela com o seu pênis? — ele perguntou. — Porque, se sim, é exatamente isso que significa fazer sexo.

— Está bem, a gente fez sexo — confessei. — Está feliz agora?

— Cara! — Ele abriu um sorriso largo. — Estou orgulhoso de você.

— Não... — Apontei um dedo acusador para ele. — Não tenha orgulho por eu ser um babaca irresponsável.

— Estou tão orgulhoso de você, cara — ele insistiu. — Nunca estive tão orgulhoso.

Soltei um suspiro cansado e me sentei no banco ao lado do armário.

— Não sei o que aconteceu comigo.

— Eu sei — Gibsie zombou enquanto se secava. — Você ficou pelado com uma garota supergata e meteu até estourar os miolos. — Ele jogou a toalha no banco, colocou uma cueca e deu risada. — Não me surpreende que você não queira mais viajar, agora que conseguiu saborear *mais* da Shannonzinha. — Ele agitou as sobrancelhas. — E agora você está faminto.

— Gibs, não fala assim — eu disse, me crispando.

— Espera... — Ele me olhou desconfiado. — Você se embrulhou direitinho?

— Sim — falei.

— Com as camisinhas que eu fiz você comprar?

Assenti.

Ele sorriu.

— Você me agradeceu silenciosamente?

— Escuta aqui, imbecil, sou mais velho que você — rosnei. — Eu já estava pegando garotas enquanto você esperava sua voz mudar.

— Mas eu recuperei o atraso, né? — ele retorquiu sem se perturbar. — E de nada.

— Eu que comprei pra você sua primeira caixa de camisinhas — sibilei. — Então chega dessa história de "de nada", porque eu já te salvei várias vezes.

— Justo. — Ele deu risada, claramente achando graça da minha desventura. — E aí, como *foi*?

— Um completo desastre — admiti, me levantando e colocando o uniforme. — Foi a primeira vez dela, Gibs, e minha mãe pegou a gente quando estávamos só começando.

— Ah, meu Deus — ele grunhiu, levando a mão a boca. — Diz que está brincando.

— Bem que eu queria, cara — murmurei, vestindo a calça.

— Ela te matou? — ele perguntou, estremecendo de solidariedade.

— Pior — resmunguei. — Ela levou Shannon pra cozinha pra *conversar*.

— Ah, meu Deus do céu — ele lamentou. — Isto é... aff. — Ele balançou a cabeça e me olhou perplexo. — Seu pau não tem um dia de folga.

— Não. — Coloquei o suéter, fechei o armário e dei de ombros. — Está amaldiçoado.

58

ELA ESTÁ APAIXONADA PELO GAROTO

Shannon

— Estou com medo, Joe — falei, ninando o bebê Ollie nos meus braços para que ele parasse de chorar. — O que vamos fazer?

— Não sei, Shan. — Aos dez anos de idade, a voz de Joey ainda era de menino. — Mas temos que fazer alguma coisa.

— Você não vai fazer nada — Darren falou da cama de baixo do beliche, sem emoção. Ele tinha feito quinze anos no dia anterior e sua voz parecia a de um verdadeiro adulto. — Vai ficar aqui de boca fechada.

— Não podemos deixar ela aqui com ele — Joey sibilou. — Ela acabou de ter o bebê. Se ele bater nela, vai matar ela!

— Ele não vai matar ela — Darren respondeu, frustrado. — Mas vai te matar se você descer lá, seu idiota.

— Mamãe — Tadhg, de quatro anos, choramingou, se encolhendo ao meu lado. — Mamãe.

— Shh, Tadhg — falei. Passei o bebê Ollie para a outra coxa e envolvi o braço nos ombros gorduchos de Tadhg. — Mamãe está bem.

— Ela não está bem — Joey disse. — E ele sabe.

— O que você quer que eu faça, Joey? — Darren perguntou. — Estou tentando te manter seguro! — Ele desceu da cama, ficou de pé e olhou para nós quatro. As luzes da rua que entravam pela janela iluminavam seu rosto todo machucado. — Tentei impedir ele e olhe só pra mim... — Sua voz se quebrou e ele respirou fundo com dificuldade algumas vezes. — Eles estão tendo... ele está tentando... escutem, vocês não entendem o que está acontecendo lá embaixo... vocês são pequenos demais pra entender... mas eu entendo e estou pedindo pra vocês ficarem na cama.

Soltando um rosnado furioso, Joey desceu do beliche de cima e pegou seu hurley atrás da porta.

— Ela é nossa mãe — ele sibilou, estreitando os olhos para Darren. — Se não vai ajudar ela, eu mesmo vou.

— Ele vai te matar — Darren avisou, observando Joey destrancando a porta do quarto e abrindo-a. — Não vá lá embaixo, Joey. Você não entende o que está acontecendo...

— Não ligo pro que está acontecendo — Joey cuspiu. — Eu sei que está errado. Talvez você consiga ficar aí ouvindo ela chorar, mas eu não consigo!

Ele saiu do quarto batendo os pés com o hurley na mão. O som de seus passos estrondando pelas escadas fez meu coração pular no peito.

— Para ele — implorei quando a gritaria ficou mais alta e Tadhg chorou com mais força. — Por favor, Darren!

— Não posso segurar aquele homem — ele confessou, se afundando no colchão. — Eu tentei... ele é forte demais. Não consigo...

— Aqui, Tadhg, segura seu irmãozinho. — Colocando Ollie no colo de Tadhg, saí da cama e segui para a escada com Darren gritando atrás de mim:

— Shannon, por favor, não vá!

Eu sabia que não devia ir, mas eu tinha que fazer isso. Não podia deixar Joey sozinho. Éramos um time. Deveríamos nos proteger.

Desci as escadas às pressas e entrei na cozinha correndo, mas escorreguei em algo molhado e caí de bunda no chão.

Olhei para a piscina vermelha abaixo de mim, estremeci de repulsa e me levantei desajeitada, limpando as mãos na camisola da Barbie. Eu não gostava de sangue. Sempre ficava enjoada.

— Seu merdinha — meu pai rugiu, arrancando minha atenção do sangue.

Meus olhos automaticamente se fixaram no meu pai e o medo se agitou dentro de mim com tanta intensidade que fiquei zonza. Ele estava parado no meio da cozinha sangrando. Um sangue grosso e viscoso escorria pela lateral do seu rosto e ele estava furioso. Seu jeans estava aberto, o que achei bem estranho. O que ele estava fazendo com a calça aberta daquele jeito?

— Olha só pra você — ele desdenhou, olhando para Joey. — Um filhinho da mamãe de merda!

— Fica longe da minha mãe, porra — Joey sibilou, se colocando na frente dela e encarando meu pai. Ele estava segurando o hurley com as mãos cheias de sangue em uma postura defensiva. — Ou, da próxima vez, vou te matar!

Meu pai deu uma risada cruel.

— Você se acha um valentão agora, é, garoto?

— Você se acha? — Joey devolveu na mesma hora. — Empurrando ela desse jeito? Obrigando ela a fazer isso? Isso faz você se sentir homem?

— Joey — falei, desesperada. — Joe...

— Volta lá pra cima, Shan — Joey pediu, segurando seu hurley com mais força, sem nunca tirar os olhos do nosso pai. — Eu cuido disso. — Sua bochecha estava inchada e vermelha, mas seus olhos estavam ardendo de fúria, não de medo.

Eu não sabia como ele conseguia.

Como ele conseguia ser tão destemido?

— Mamãe — choraminguei quando a vi de quatro no chão atrás de Joey, com as roupas rasgadas e o rosto tão inchado que eu mal podia ver seus olhos. Seu jeans estava no chão e sua camiseta estava rasgada na frente. Suas partes íntimas estavam expostas. Eu não entendia nada do que estava acontecendo. Por que ela estava pelada? Por que havia uma mamadeira de leite de bebê derramada no chão ao seu lado? — Mamãe...

— Volte pra cama, Shannon — ela disse, tentando se cobrir. — Estou bem, meu amor.

Ela não estava bem.

Eu só tinha oito anos, mas sabia que nada disso estava bem.

— Deixa ele em paz, Teddy — minha mãe falou, colocando a mão no tornozelo de Joey. — Ele é só um menino.

— Ele é um erro, porra — meu pai rugiu. — Todos eles são erros... e você é o maior deles, Marie.

— Então vá embora — ela falou, chorando. — Deixa a gente em paz.

— O que você disse? — meu pai perguntou com uma voz mortalmente fria.

— N-nada — ela murmurou.

— Repete — ele ordenou.

— Não falei nada — ela soltou. — Desculpe. — Encolhida no chão, ela tremeu violentamente. — Você sabe que eu te amo.

— Melhor assim — ele falou com desdém. — Lembre-se da porra do seu lugar, mulher.

— Não precisa pedir desculpas pra ele, mãe — Joey grunhiu, com o peito pesado de raiva. — Ele é o erro.

— Seu merdinha. — Limpando o sangue do rosto, meu pai avançou em Joey. — Vou te ensinar como se comportar... — Suas palavras se interromperam quando Joey o atacou de novo, acertando o hurley do outro lado do seu rosto. — Meu Deus, garoto! — ele rosnou, segurando a cabeça. — Você é maluco.

— Se eu sou maluco, então você é um demônio — Joey sibilou, segurando o hurley com mais força. — Vem, coroa. Te desafio!

— Joey — minha mãe choramingou. — Por favor, só vá pra cama...

— Está falando sério? — Joey perguntou, indignado. — Ele estava tentando te forçar a...

— Só vá pra cama, amor — ela pediu. — Você está piorando as coisas.

— Piorando? — Joey cuspiu, magoado. — Estou tentando te proteger!

— O que é que você está olhando, porra? — meu pai perguntou, me notando parada ali. — Por acaso eu disse que você podia descer essas escadas, garota?

Em pânico, balancei a cabeça e recuei até encostar na geladeira.

— N-não, papai.

— Então o que é que você está fazendo aqui? — ele insistiu, dando um passo ameaçador na minha direção. — Você acha que é uma heroína como esse merdinha? — Ele esticou a mão e agarrou meu braço. — Quer me bater também? — Ele me sacudiu violentamente, fazendo minha cabeça ser lançada para trás. — Anota minhas palavras, Marie, esta pirralha vai ser tão ruim quanto você.

— Tira as mãos da minha irmã — Joey rosnou, disparando para o meu pai.

Ao contrário de antes, dessa vez meu pai estava pronto. Mantendo a mão no meu braço, ele segurou Joey pela garganta com a outra.

— Você é um merdinha impetuoso — meu pai sibilou, apertando sua garganta com força suficiente para fazê-lo largar o hurley e segurar a mão dele. — É isso mesmo, garoto. Você ainda não é forte o bastante pra me derrubar.

— Pra trás. — A voz de Darren encheu o ar, autoritária e profunda, enquanto ele trovejava para dentro da cozinha. Seus olhos foram direto para a minha mãe e um arrepio o percorreu. — Você é um monstro do caralho — ele falou.

— Sai daqui, Darren — meu pai latiu. — Você tem jogo de manhã.

— Jogo? — Darren balançou a cabeça de indignação. — Solta eles. — Seus punhos estavam cerrados e ele estava tremendo ferozmente. — São só crianças.

— Então eles deviam estar na cama — meu pai retrucou. — Não aqui embaixo, interferindo nos meus assuntos.

— Vai... se... fo... der... — Joey soltou, chutando e se debatendo contra o nosso pai. — Cu... zão...

— Bem. — Meu pai deu risada e balançou a cabeça. — Este aqui... — Ele inclinou a cabeça para o filho que estava estrangulando. — Tem mais colhões do que miolos.

— Solta eles — Darren repetiu com frieza. — Se quer que eu vá no jogo amanhã, é melhor tirar as mãos dessas crianças.

Nosso pai o encarou por um longo tempo antes de nos soltar.

— Vai ser um bom jogo — ele disse, dando uma volta de cento e oitenta graus. — A gente tem que ganhar — ele acrescentou. — Se você estiver em forma.

Tossindo e cuspindo, Joey avançou para cima dele de novo, mas Darren o bloqueou.

— Vá pra cama.

As lágrimas encheram os olhos de Joey.

— Mas ele acabou...

— Leva Shannon pra cama — Darren falou, encarando Joey com severidade. — Agora.

Furioso, Joey olhou para a nossa mãe.

— Não faz isso, mãe — ele implorou. — Não empurra isso pra baixo do tapete.

— Faz o que ele disse, Joey — ela fungou, dando um sorrisinho. — Vai ficar tudo bem.

— Não — Joey disse. — Não vai. — Ele pegou minha mão e me arrastou para a porta. — Ele vai nos deixar, Shannon — ele sussurrou baixinho para que apenas eu o escutasse. — Ele vai embora logo.

— Papai? — perguntei, esperançosa.

— Não. — Joey balançou a cabeça, meio que me arrastando pelas escadas. — Darren.

— Darren não nos abandonaria — respondi, me sentindo enjoada só de pensar. — Ele disse que nunca nos abandonaria.

— Eu vi nos olhos dele. Ele vai embora. Ele não liga, Shannon. Só está esperando terminar a escola e depois vai embora.

Sacudi a cabeça.

— Mas ele não pode ir...

— Não se preocupa — ele disse, parando na frente do seu quarto. — Não importa o que aconteça, a gente vai ficar junto.

— Você promete?

Acordei assustada na segunda-feira de manhã e afastei as cobertas do meu corpo coberto de suor. Fiquei deitada ali, parada feito uma estátua, esperando meu coração acelerado voltar ao ritmo normal. Minha nuca estava pegajosa de suor e eu sentia a transpiração gelada escorrendo pela minha pele. Estremeci e me concentrei em um único ponto no teto do quarto, inspirando e expirando devagar e profundamente até meu coração parar de tentar pular para fora do meu peito.

Desde que tinha saído do hospital, eu acordava todas as noites com o mesmo pesadelo. *A mesma lembrança*, meu cérebro me corrigiu. *Pesadelos são coisas que não são reais.*

O motivo do meu cérebro estar preso em uma noite específica de oito anos atrás era óbvio, e o medo do desconhecido me deixava paralisada no colchão na maioria das manhãs, encharcada de suor gelado e queimando no meu próprio inferno.

Em meio ao pânico, cheguei à conclusão de que meu irmão era paranormal. Ou isso, ou era um detector de mentiras vivo, porque tudo o que Joey previu ao longo dos anos — fosse algo bom, ruim ou indiferente — aconteceu. Ele tinha a habilidade assustadora de olhar para uma situação, perceber as mentiras, saborear o perigo e verbalizar uma profecia com palavras esmagadoras e uma precisão assustadora.

Assim como previu, Darren estava começando a ceder à pressão de viver sob este teto. Ele foi se afastando da vida familiar e passou a viajar cada vez mais a trabalho para Belfast. Ele nem nos apresentou para o namorado, Alex, o que apenas provava que não tinha intenção de misturar a vida real em Belfast à sua vida temporária em Cork.

Patricia e sua equipe de assistentes sociais foram reduzindo as visitas aos poucos. Contentes com o nosso progresso, eles apareciam uma vez a cada duas semanas, em vez de dia sim, dia não — assim como Joey previu.

E, assim como ele previu, nosso pai estava andando em Ballylaggin como um homem livre. Tinham se passado algumas semanas desde o confronto entre ele e Johnny do lado de fora do cinema e, embora o papel lá na cozinha nos garantisse que ele não poderia voltar, a mulher que me deu à luz me fazia duvidar disso.

Tudo estava mudando, minha vida tinha virado um turbilhão, e a única coisa que parecia estável e tranquilizadora no meio daquela carnificina era o garoto cuja camiseta eu estava vestindo. Meu celular apitou bem na hora e eu praticamente caí da cama na pressa de desconectá-lo do

carregador. Toda vez que eu ouvia o aparelho vibrando ou via a tela se acender, era imediatamente acometida por um ataque de borboletas no estômago. Meu coração disparava. Minhas mãos ficavam escorregadias de suor. Eu era completamente arrebatada por ele. Não era bom nem seguro nem sensato, mas era o que eu sentia — e eu desejava o perigo. Eu esperava suas mensagens e os encontros secretos. Esperava por *ele*.

J: Estou saindo da musculação agora, baby. Chego em 30 min. Bjs

A empolgação vibrou pelas minhas veias, tornando difícil manter as mãos estáveis para digitar uma resposta.

S: Como foi? Tá dolorido? Tomou cuidado? Bjs

Apertei o celular no peito e esperei impacientemente. Menos de um minuto depois, chegou uma notificação.

J: Tudo certo, para de se preocupar. Bjs

Eu não conseguia evitar. Estava preocupada. Eu sempre me preocupava com ele. Chegou outra notificação.

J: Só para... Bjs

Sorrindo feito uma boba, escrevi:

S: Não consigo evitar. Bjs

J: Você pode fazer um exame minucioso em mim quando eu chegar. Só pra dar uma folga pra sua cabecinha. ;)

S: Nossa, você é tão atencioso!

J: Estou dirigindo, até logo. Bjs

S: Blz, bjs

J: Me mostra seus peitos.

Soltei uma risada alta ao ler a mensagem na tela.

S: Boa tentativa, Gibsie.

J: Merda! Oi, Shannonzinha.

Abaixei o celular, saí do quarto depressa e me enfiei debaixo do chuveiro antes que algum dos meus irmãos entrasse. Prendi o cabelo em um coque bagunçado para não o molhar, me ensaboei e deixei minha mente vagar. Como sempre, meus pensamentos automaticamente foram parar em Johnny.

Sempre Johnny...

Hoje era 9 de maio, a segunda semana do verão, e enquanto os dias ficavam mais quentes, meus sentimentos por ele iam ficando cada vez mais fortes. Sábado à noite mudou tudo para mim. Ficar com ele daquele jeito fez tudo parecer muito mais *profundo*. Meus sentimentos por ele ameaçavam acabar com todo o meu bom senso...

— Shannon! — A voz da minha mãe preencheu meus ouvidos conforme ela esmurrava a porta do banheiro. — Pensei que tínhamos deixado claro que você devia ir e voltar da escola com Darren.

A empolgação borbulhou dentro de mim.

Ele chegou.

Desliguei o chuveiro, enrolei uma toalha no corpo e voltei para o quarto rapidamente para me vestir, ignorando minha mãe de propósito. Bati a porta na cara dela e me troquei em tempo recorde. Soltei o cabelo do coque e o escovei. Enfiei o

celular no bolso da camisa, coloquei os sapatos, peguei a mochila e abri a porta de novo.

— Quando eu te faço uma pergunta, espero uma resposta — ela disse, parada na porta com as mãos nos quadris. — O que ele está fazendo aqui?

— Ele me dá carona pra escola todo dia — falei. — Você já sabe disso. — Ou pelo menos deveria saber, se não estivesse trabalhando ou dormindo o tempo todo.

— E você já sabe que deveria ir com Darren — ela retrucou, com as sobrancelhas franzidas.

Resistindo à vontade de revirar os olhos, dei a volta nela e fui em direção ao corrimão. Apesar de ela ter abandonado as ameaças de chamar a polícia, Johnny continuava não sendo tolerado nem bem-vindo na nossa casa de jeito nenhum. Ela fingia que ele não existia, o que por mim tudo bem, porque eu estava fazendo o mesmo com ela.

— Shannon Lynch!

— Tchau — falei, descendo as escadas. Meu sorriso se alargava a cada passo que me levava para perto da porta. *Para perto dele*.

— Você sabe que deveria ir comigo — Darren começou a dizer, emergindo da cozinha com uma tigela de cereal nas mãos. Mas era uma tentativa bem meia-boca. Ele não se importava de verdade se eu ia com Johnny ou não. Só estava recitando seu blá-blá-blá de sempre. — Não faz o menor sentido ele dirigir meia hora nessa direção...

— Até mais tarde — falei, abrindo a porta da frente e saindo para o sol da manhã.

Meus pés vacilaram quando meus olhos pousaram em Johnny sentado no muro do jardim, balançando as chaves do carro entre os dedos. Ele não estava com o suéter do uniforme — o que não era novidade —, sua camisa estava para fora da calça, sua gravata, solta, fazendo-o parecer deliciosamente desarrumado. Ele estava olhando para a casa com uma cara feia, mas no instante em que me viu, um sorriso preguiçoso se espalhou pelo seu rosto.

— Shannon, *como o rio* — ele ronronou, descendo do muro. Ele gesticulou para si e deu uma piscadela. — Estou aqui para o seu exame.

Sorrindo, me aproximei. Me obriguei a caminhar e não correr como eu queria fazer tão desesperadamente.

— Oi, Johnny.

— Oi, Shan — ele respondeu, pressionando um beijo nos meus lábios antes de passar o braço no meu ombro. — Está pronta?

Fiz que sim, abraçando sua cintura e suspirando de felicidade enquanto seguíamos para o seu carro, me sentindo bem pela primeira vez desde a noite anterior.

— Pronta.

— Shannon! — minha mãe gritou, saindo e embrulhando o roupão em torno de si. — Posso ter uma palavrinha com você?

Fiquei tensa. Me virei e implorei com os olhos que ela não dissesse nada.

— Sobre o quê?

Ela lançou um olhar fulminante para Johnny antes de se focar em mim.

— Em particular. — E inclinou a cabeça para a porta. — Agora.

— Preciso ir — respondi com a voz tremendo, sabendo muito bem que, se eu voltasse para casa, não iria mais para a escola. — Podemos conversar mais tarde. — Só que não, porque eu não tinha intenção nenhuma de ter aquela conversa com ela. — Tchau.

— Shannon — ela repetiu, desta vez em um tom de aviso. — Entra *agora*.

Enrijeci.

— Eu *vou* pra escola. Só tenho mais três semanas antes das férias de verão e não vou perder aula, mãe. O junior cert está chegando.

— Você não vai com ele — ela declarou. — Você não vai a lugar algum com *ele*.

— *Ele* tem um nome — devolvi, morrendo de vergonha por Johnny estar vendo e ouvindo aquilo. Endireitei a postura e estreitei os olhos para ela. — Esse é o Johnny, meu namorado.

— Você não tem respeito nenhum — ela sibilou, direcionando a raiva para ele. — É um garoto terrível.

Ele soltou um suspiro cansado.

— Não sou sua propriedade, sra. Lynch. — Mantendo um tom mais polido que o que ela merecia, ele acrescentou: — Sei que não gosta de mim, mas não estou infringindo nenhuma regra.

— Eu falei pra você ficar longe da minha filha — ela soltou, tremendo. — E você não me ouviu.

— Mãe...

— Com todo o respeito, tenho minha própria mãe pra me dizer o que fazer — ele respondeu calmamente. — Estou aqui pela Shannon, não pela senhora, então pode gostar de mim ou não, mas, de qualquer forma, é melhor se acostumar com a minha presença, porque não vou a lugar algum.

O rosto dela ficou vermelho.

— Se estiver sequer pensando em botar...

— Não se preocupa, mamãe da Shannon. — Uma cabeça loira apareceu no teto solar do audi com um sorrisinho presunçoso anexado a ela. Seu sorriso se alargou e Gibsie agitou as sobrancelhas. — Ele vai cuidar da sua garotinha — ele falou, antes de voltar para o carro e ligar o rádio no volume máximo.

Então ele se ergueu mais uma vez, dançando ao som de "Like a Virgin", de Madonna, enquanto cantava a plenos pulmões e fazia movimentos sugestivos com as mãos, todos direcionados à minha mãe.

— Meu Deus — Johnny grunhiu, balançando a cabeça. — Vou matar ele.

A boca da minha mãe se abriu e ela ficou olhando horrorizada para Gibsie.

— Gerard! — A cabeça loira de Claire brotou no teto solar. — Você é tão vulgar...

— Você sabe que é a única virgem que eu quero tocar — ele falou para ela, agitando as sobrancelhas de um jeito

sugestivo.

— Gerard!

— E só me avisar quando quiser que eu faça aquilo... *for the very first time*, *pela primeira vez* — ele acrescentou.

— Ou seja, nunca — ela retrucou, corando. — Seu imbecil!

Ele arqueou a sobrancelha, encarando-a com uma expressão que dizia "Até parece".

Aproveitei a distração momentânea proporcionada por Gibsie como uma oportunidade para Johnny e eu escaparmos antes que outro ataque fulminante eclodisse.

— Vamos. — Peguei a mão dele e meio que o arrastei para o carro. Abri a porta do passageiro e praticamente mergulhei para dentro, fechando a porta.

— Oi, amiga! — Claire cantarolou do banco de trás. — Desculpa por ele — ela acrescentou, apontando para a metade inferior de Gibsie que não estava para fora do teto solar. — Não sei nem o que dizer.

— Pois é — Feely, também sentado no banco de trás, assentiu solenemente. — A gente bem que gostaria de ter uma explicação pro comportamento dele, mas, sinceramente, acho que não existe.

— Que porra você acha que está fazendo, Gibs? — Johnny perguntou. Ele se acomodou no banco do motorista, bateu a porta e engatou a ré. — Como se essa mulher já não me odiasse o suficiente... — Ele arrancou o carro, esticou o braço e desligou o rádio. — Você ainda tinha que ir lá e forçar a barra, colocando ideias na cabeça dela!

Queria que ele colocasse umas ideias na sua *cabeça, Johnny Kavanagh!*

— Eu estava usando meu charme — Gibsie declarou, rindo e se abaixando. — Também funcionou — ele acrescentou, se ajeitando entre Claire e Feely. — Shannon conseguiu sair, né?

— Ah, meu Deus — soltei em meio às gargalhadas, prendendo o cinto. — Não acredito que você fez isso.

— Pois é — Gibsie falou, sorrindo. — As coisas estavam ficando meio pesadas pra uma segunda de manhã e me pareceu a coisa *certa*.

— Quando as coisas parecem certas na sua cabeça, elas normalmente são erradas pra caralho — Johnny resmungou, aflito. — Da próxima vez, reprime esse desejo, Gibs.

— Que seja, cara — Gibsie desdenhou. — Te salvei de mais um sermão de sogra e você sabe — ele disse, antes de começar uma discussão acalorada com Claire sobre o quanto era apropriado ou não exaltar virgens.

Johnny pegou minha mão e a levou à boca para beijar meus dedos.

— Então, me escuta — ele falou em um tom baixo, ignorando os barulhos do banco de trás. — Queria te perguntar uma coisa.

— Ah? — Uma animação correu pelas minhas veias e me virei para lhe dar minha atenção total. — O quê?

— Quer jantar hoje... — Ele olhou de soslaio para mim antes de se voltar para a estrada. — Na minha casa?

Minha ansiedade disparou na mesma hora.

— Não sei, Johnny — murmurei, sentindo o rosto esquentar. — Não sei se é uma boa ideia.

Era uma péssima ideia. A mãe dele foi meio que carinhosa e fofa comigo, mas eu duvidava de que ela ia me querer lá depois de sábado à noite. Eu vi como ela me olhou quando me deixou em casa, toda desconfiada e preocupada. As palavras que Johnny dissera meses atrás ainda flutuavam na minha cabeça.

Meus pais não querem que eu vá na sua casa. Eles acham que não é uma boa ideia...

Eu não precisava ser uma gênia para ler as entrelinhas dessa frase e saber que *eu* era a má ideia.

— Foi ideia dela — Johnny disse, imaginando para onde meus pensamentos me levavam.

Minhas sobrancelhas se ergueram de surpresa.

— Foi?

— É verdade — Gibsie disse no banco de trás. — Mami K está enchendo o saco pra ele te levar lá de novo. Ouvi eles conversando no telefone esta manhã. Ela tem uma grande novidade pra anunciar pra vocês dois.

Meus olhos se arregalaram.

— Grande novidade?

— Gibs! — Johnny berrou. — Para de ficar ouvindo a conversa dos outros.

Franzi o cenho.

— Que novidade?

— Não faço ideia — Johnny murmurou, esfregando o queixo.

— Estou no mesmo carro que você, babaca — Gibsie grunhiu. — Claro que posso ouvir sua conversa. O que quer que eu faça? Enfie a cabeça pra fora da janela e lata pras pessoas feito um cachorro?

— Quero que você pare de ouvir as minhas conversas — Johnny respondeu, enquanto uma veia saltava no seu pescoço. — Meu Deus!

— Está bem. — Ele ergueu as mãos e se recostou no assento. — Não vou falar mais nada.

— Obrigado.

— Espera... estou convidado pro jantar também, né?

— Gibs!

— Não estou?

— *Não*.

— Por que não?

— Meu Deus, Gibs. Juro que vou parar esse carro e...

— Beleza! — ele bufou. — Eu nem queria batata assada mesmo. A da minha mãe é melhor.

— Gerard — Claire falou. — Está tudo bem. Você pode jantar comigo.

— Posso te comer? — ele perguntou, voltando ao tom brincalhão.

— Se você se comportar — ela respondeu, dando tapinhas no ombro dele.

— O quê? — Gibsie perguntou com uma voz tão aguda que pareceu até feminina. — Quero dizer... — Ele limpou a garganta algumas vezes antes de acrescentar: — *O quê*?

Feely riu baixinho.

— Ficou sem palavras, Gibs? Pra variar um pouco.

— Né? — Claire deu risada, fechando a boca de Gibsie. — Acho que quebrei ele.

— E aí, você vai? — Johnny me perguntou, trazendo minha atenção de volta para si. — *Por favor*? Significaria muito pra mim.

— Está bem — sussurrei, obrigando as palavras a saírem, pois tudo o que eu queria era dizer que não e me esconder. — Eu vou.

Ele se virou para mim com um sorriso radiante no rosto.

— Sério?

Ah, meu Deus. Esse sorriso.

— Sério — confirmei, com o coração acelerando. — Se você tiver certeza.

— Eu tenho certeza — ele respondeu com os olhos ardentes.

— Sei que não devia falar com você — Gibsie interveio. — Mas olha pra frente, cap. Tenho um jantar muito importante pra comparecer esta noite, com um prato principal bastante tentador e não quero aparecer morto.

— O que... ah, meu Deus! — Johnny exclamou, girando o volante e quase batendo no carro vindo na direção oposta. — Acho que passei um sinal vermelho — ele acrescentou com as bochechas coradas.

— Com certeza, trator — Gibsie brincou, dando tapinhas no ombro dele.

— O que é mesmo que ele vive falando pros caras, Gibs? — Feely disse. — Ah, é: tira a cabeça da garota e foque na

direção.

— Engraçado — Johnny soltou. — Muito engraçado.

— O que a gente vai fazer no seu aniversário, Johnny? — Claire perguntou. — Só faltam o que... umas três semanas?

— A gente? — Johnny ergueu a sobrancelha. — Não sabia que éramos amigos que dizem "a gente", Claire.

Ela fez "shhh".

— Sua namorada é minha melhor amiga, Johnny Kavanagh, o que significa que eu vou à sua festa. E vou estar em vários lugares que você estiver. Tipo no seu carro. Então entra na minha e me diz o que quer ganhar de presente.

— Eu vou fazer dezoito, não oito. — Ele deu risada. — E não vou fazer festa, então não precisa me comprar presente nenhum.

— Ah, você vai fazer festa, sim, senhor — Gibsie retorquiu. — Uma festona. Com bolo, salsichas e uma tonelada de tequila.

— Tequila de novo? — Feely olhou para Gibsie. — *Sério?*

— Escuta, não vou ficar aqui pedindo desculpas por algo que aconteceu um milhão de anos atrás — Gibsie bufou. — Vomitei no seu cachorro, Feely. Foi um verdadeiro erro. Já fiz isso várias vezes com a Sookie e ela não encanou. E nunca mais fiz isso, então podemos, por favor, seguir em frente?

— Eu não tenho cachorro... você vomitou na minha mãe! — Feely exclamou, ultrajado. — E foi no Natal, não um milhão de anos atrás, babaca.

— O quê? Era a sua mãe?

— Sim, cuzão!

— Ah, cara, me desculpa — Gibsie disse, batendo a mão na boca. — Pensei que fosse seu cachorro.

— Você só está piorando, Gibs — Johnny observou, contorcendo os lábios.

— Não estou dizendo que *ela* parece um cachorro — ele corrigiu depressa. — Mas ela era macia e peluda...

— Para agora — Johnny ordenou.

Gibsie franziu a sobrancelha.

— Ei, é por isso que seus pais não...

— Não deixam você entrar mais em casa? — Feely completou, olhando-o feio. — Sim, Gibs. É exatamente por isso.

Um silêncio desconfortável caiu sobre nós, que Claire felizmente quebrou ao limpar a garganta e dizer:

— Enfim, deixando de lado as palhaçadas de regurgitação nada louváveis de Gerard, acho que a gente devia fazer alguma coisa pra comemorar seus dezoito anos, Johnny. Se você não quiser dar uma festa, a gente podia ir acampar.

Johnny franziu o cenho.

— Acampar?

— Sim — Claire confirmou, animada. — As aulas vão ter acabado, o tempo vai estar bom, você tem carro, a gente podia ir pra qualquer lugar. E o melhor é que Shan, Lizzie e eu só vamos fazer o junior cert na semana depois do seu aniversário. — Sorrindo, ela acrescentou: — É um ganha-ganha.

— Minha linda, você é uma gênia — Gibsie declarou. — Eu adoro acampar.

— O que você acha, Shan? — Johnny perguntou, olhando de lado para mim. — Você iria?

— Claro que ela iria! — Gibsie respondeu por mim. — Não é, Shannonzinha?

— Não responda por ela — Johnny grunhiu. — Ela não tem que...

— Eu vou — falei, empolgada.

Johnny ergueu as sobrancelhas.

— Você vai?

Fiz que sim.

— Com certeza.

— Mas sua mãe...

— Não vai deixar — completei, apertando sua mão. — Mas é seu aniversário de dezoito anos e eu vou.

— Então está combinado — Claire anunciou, juntando as mãos. — A gente vai acampar!

59

CHEGA!

Shannon

— É melhor a gente voltar pra aula — Johnny disse, interrompendo nosso beijo.

Era o final do almoço e estávamos escondidos atrás da estufa da escola, onde costumávamos passar a segunda metade do intervalo juntos na maioria dos dias. Como sempre, eu estava sentada no muro que cercava a horta e, como sempre, Johnny estava entre as minhas pernas, com as mãos nos meus quadris e a língua na minha boca.

— Podemos ir direto pra minha casa depois da escola — ele sugeriu, pousando outro beijo ardente nos meus lábios. — E fazer alguma coisa antes do jantar.

Eu não queria jantar, a não ser que *ele* estivesse no menu.

— Que tipo de coisa? — perguntei um pouco ofegante, passando os dedos pelos sulcos definidos do seu abdômen. —

O que tem em mente?

— Sei lá — ele respondeu depressa, colocando as mãos na minha bunda. — A gente podia jogar GTA... ou conversar... — Ele me apertou e gemeu. — O que você quiser, Shan. — Enterrando o rosto no meu pescoço, ele chupou minha pele com força. — Merda, acho que deixei uma marca — ele murmurou, jogando a cabeça para trás e olhando fixamente para o meu pescoço. Ele abriu um sorriso tímido e acrescentou: — Desculpa.

— Sente... sei. — Ele não parecia nem um pouco arrependido.

— Como você está? — ele perguntou, sorrindo suavemente, correndo os dedos pelo meu quadril. — Você está bem?

— Estou ótima — sussurrei, puxando-o para perto. — Para de se preocupar.

— Não consigo evitar — ele grunhiu. — Estou sempre preocupado com você.

— Eu queria, Johnny — falei para tranquilizá-lo. — Ainda quero.

Seus olhos escureceram.

— Ah, é?

Estremeci e fiz que sim.

— É.

— Não sei o que vou fazer com você, Shannon Lynch — ele admitiu com uma voz rouca. — Você me faz perder a cabeça.

— Que bom! — eu o provoquei. — Eu gosto quando você desliga o cérebro.

O segundo sinal tocou, nos avisando que tínhamos dois minutos para ir para a aula, mas permaneci exatamente onde estava, prendendo sua cintura entre as minhas coxas e implorando mentalmente: *fica, fica, fica*...

Uma hora de almoço não era o suficiente. Eu *nunca* tinha tempo suficiente com ele, mas o soltei com relutância quando ele murmurou algo sobre uma prova de francês.

Johnny me ajudou a descer do muro e pegou minha mão enquanto voltávamos para a escola.

— Está nervosa com o jantar?

Assenti.

— Aterrorizada.

— Ela não vai falar nada — ele prometeu, fazendo carinho nos meus dedos. — Não se preocupe com isso, Shan.

— Seu pai também vai estar? — perguntei baixinho.

— Sim — ele respondeu, abrindo a porta para mim. — Ele ainda está tentando se esforçar para ser mais *presente*. — Ele revirou os olhos. — E ela ainda está me deixando louco, Shan. Está pior do que nunca. Quanto mais perto estamos de junho, mais ela fica chorosa — ele acrescentou, estremecendo. — Ela vive perguntando "Com está seu pinto, amor?" e "Seus testículos estão inchando de novo?" ou lendo estatísticas sobre ferimentos na cabeça no rúgbi.

Eu sabia exatamente como a mãe dele se sentia. Quanto mais perto estávamos de junho, mais *eu* ficava chorosa também. Eu só tomava o cuidado de fazer isso quando Johnny

não estava comigo. Eu não tinha o mesmo luxo da maioria das garotas da minha idade. Meu namorado iria embora em breve. Eu sabia que ele estava recebendo ligações de olheiros, quer ele me contasse ou não. Sabia que nosso tempo estava contado e que estávamos nos aproximando da despedida, o que me mantinha acordada durante a noite — do dia que ele me deixaria para trás e eu ficaria ali.

— E aí, o que acha da ideia que a Claire deu no carro hoje de manhã? — perguntei para evitar os pensamentos deprimentes. Paramos na frente do banheiro feminino. Apertei sua mão e sorri para ele. — O acampamento pra comemorar seu aniversário? Está animado?

— Só se você for. — Johnny ficou me encarando com o cenho franzido. — Não vou se você não for.

— Eu *vou*, Johnny. — Fizesse chuva ou sol. — Não vou perder o seu aniversário.

— Ah, é? — Ele sorriu. — Vai dividir a barraca comigo?

— Depende — brinquei, sorrindo para ele. — Você sabe armar uma barraca?

Ele me deu um sorrisinho malicioso e meu rosto ardeu de vergonha.

— Não *esse* tipo de barraca — corrigi depressa, corando.

— Você é tão fofa! — ele disse, rindo e balançando a cabeça. — Te encontro aqui depois da aula, está bem? Podemos ir pra casa juntos.

— Não, preciso ir pra casa antes pra me trocar.

— Você está perfeita assim. Mais que perfeita. — Sorrindo, ele envolveu minha cintura e me arrastou para si. — Na

verdade, você está com cara de jantar.

Eu me afundei contra ele, sentindo meu corpo ficar quente e dolorido.

— Ainda vou ter que ir pra casa pra dar uma olhada no Joey. — Coloquei as mãos no seu peito e dei um passo para trás para garantir que não ia perder o juízo e fazer algo imprudente. — Posso pedir pra ele me deixar na sua casa lá pelas oito? Você já vai ter terminado o treino essa hora, né?

— Ah, merda, sim. — Ele franziu a sobrancelha, como se tivesse acabado de se lembrar do treino. — Tenho treino.

— Eu sei — falei, sorrindo. — Posso aparecer depois.

— Ou eu posso só matar...

— Você vai treinar e eu vou quando você tiver acabado — interrompi. — Esse é o plano, lembra?

Ele pareceu frustrado, mas assentiu com relutância.

— Sim, você está certa.

Sorri.

— Eu sei. — Dei mais um passo para trás e acenei. — Agora vá e... aproveite o francês.

Com um suspiro pesado, ele deu um beijo na minha bochecha antes de seguir pelo corredor.

— Ei, Shan? — ele falou por cima do ombro.

— Sim?

Sorrindo, ele disse:

— *Je veux lécher la chatte de ma copine*.

Franzi o cenho.

— O que?

Ele abriu um sorriso diabólico.

— Eu disse que *je veux être à l'intérieur de toi*.

Depois franzi o nariz.

— Você sabe que eu sou péssima em francês.

— Estou contando com isso — ele disse, rindo. — Te vejo mais tarde, baby.

Sorrindo feito uma boba, abanei a mão e entrei no banheiro. Eu estava morrendo de vontade de fazer xixi desde a aula antes do almoço, mas não queria perder um minuto do intervalo com ele. Mas, assim que pisei ali, me arrependi. Eu não só dei de cara com Bella Wilkinson, como ela estava com duas amigas do sexto ano.

Até agora, eu tinha milagrosamente conseguido evitar ficar sozinha com ela e, além dos comentários diários nos corredores e no refeitório, ela não me deu muito trabalho. Eu tinha a impressão de que isso estava prestes a mudar. O olhar de puro desdém no seu rosto enquanto ela caminhava na minha direção só confirmou essa impressão.

— Olha só quem resolveu aparecer, meninas — Bella disse, terrivelmente linda como sempre, se colocando à minha frente. — A putinha, dessa vez sem os cães de guarda.

— Deixa ela em paz, Bella — a garota de cabelo castanho disse, me surpreendendo.

— Ela é uma vadia, Tash — Bella cuspiu, lançando um olhar ameaçador para a amiga. — Você sabe o que ela me custou.

Assumindo o modo fuga total, dei as costas para ela e segui para a porta, mas ela me interceptou e bloqueou meu caminho.

Meu coração martelou violentamente dentro do peito, se agitando e berrando para que eu fugisse dali. Mas só fiquei parada, encarando a garota que eu sabia que me odiava.

— Preciso ir — falei com uma vozinha que mais pareceu um sussurro desesperado. — Me deixa sair — acrescentei, me obrigando a endireitar os ombros.

— A gente ainda não terminou de conversar — ela sibilou. — Ainda não chegamos nem *perto* de terminar.

— Não quero conversar com você. — Meu coração estava tão disparado que eu estava até zonza. — Eu só quero sair — falei com a voz trêmula. — Não quero causar nenhum problema.

— Você só quer sair — Bella me imitou, rindo. — Bem, que merda, querida, porque eu tenho um monte de coisa pra te falar.

Sua idiota, meu cérebro murmurou. *Você sabia que não devia ter entrado aqui sozinha*.

Só tínhamos mais três semanas de aula e pronto. Bella se formaria no Tommen. Eu poderia tê-la evitado por malditos vinte e um dias.

Puta merda, por que é que eu tinha que entrar ali?

Inclinando a cabeça para o lado, ela abriu um sorriso cruel.

— Como vai seu papai, Shannon?

Meu corpo se contraiu enquanto uma mistura de desolação e humilhação me inundava.

— Vocês ficaram sabendo do pai dela, meninas? — Bella continuou me provocando. — O pai dela é um alcoólatra que mama nas tetas do governo. — Estreitando os olhos, ela

acrescentou: — Aparentemente, ele deu uma surra nela na Páscoa e ela foi parar no hospital, mas acho que foi justo. Ele devia estar só tentando arrancar o couro dela.

— Para, Bella! — a garota chamada Tash berrou. — Chega.

— Chega nada — Bella retrucou. — Essa vadia roubou meu namorado, Tash.

— Bem, eu não vou fazer parte disso — Tash disse, empurrando Bella para sair do banheiro.

A outra garota, a loira que estava recostada na pia, não falou nada. Só ficou parada ali, olhando para qualquer lugar menos para mim, me lembrando tantas outras que conheci ao longo dos anos e me fazendo desprezar todas elas. Eu detestava garotas assim. As que sabiam que havia algo errado, mas não faziam nada para impedir.

Reaja, Shannon, a voz de Joey invadiu minha mente. *Não deixa essas putas te intimidarem*!

— Eu não roubei seu namorado — declarei, tremendo da cabeça aos pés. — Porque Johnny nunca foi seu.

Bella arqueou a sobrancelha perfeitamente desenhada.

— E você acha que ele é *seu*?

— Acho — respondi, perplexa com minhas próprias palavras. — Porque ele é.

— Então você deveria saber que ele só está com você por um motivo — ela cuspiu, furiosa. — Porque você é uma transa fácil.

— Isso era o que acontecia com *você* — falei, me surpreendendo comigo mesma. — A gente não é assim, Bella.

Seu rosto ficou vermelho.

— O quê?

— Me deixa sair — repeti, encarando a porta. — Agora.

Como ela não se mexeu, avancei para dar a volta nela, só para cambalear para trás e cair no chão desajeitadamente quando ela me empurrou com toda a força no peito.

— Eu disse que ainda não terminamos, vadia. — Ela se aproximou e arrancou a mochila do meu ombro. Depois, a abriu e despejou os conteúdos em cima de mim. — Você é uma piranha imunda — ela sibilou, pressionando minha testa com os dedos. — Você não pertence a essa escola, volta pro seu conjunto habitacional com o resto da sua família fodida.

Você é uma puta inútil...

Você é o maior erro de todos, garota...

Sua própria mãe não te queria...

Você é o veneno desta família...

Chega.

Chega.

Chega.

— Chega! — gritei, me levantando. — Não *encosta em mim*! — Lágrimas se acumulavam nos meus olhos, mas pisquei para afastá-las, sentindo um ódio que nunca tinha sentido na vida. — Nunca mais encosta em mim de novo! — berrei, abandonando completamente o juízo e partindo para cima de Bella.

Notei sua expressão de surpresa dois segundos antes de voar para ela, liberando dezesseis anos de sofrimento e maus-tratos nas pontas dos meus dedos enquanto eu a arranhava e a empurrava com toda a minha força. Ela era grande demais e eu

sabia que não tinha a menor chance de terminar o que ela começou, mas pela primeira vez, eu estava revidando. Algo havia mudado dentro de mim, eu senti no dia em que acordei naquela cama de hospital — eu tinha sorte por estar viva e me recusava a passar por aquilo de novo. Eu não seria empurrada por ela nem por qualquer outra pessoa.

— Sua puta de merda — Bella rosnou, me derrubando no chão e subindo em cima de mim. — Quem você pensa que é? — ela vociferou, me arranhando e puxando meu cabelo com as unhas. — Sua escrota do caralho.

Recusando-me a ficar ali aguentando tudo como eu tinha feito um milhão de vezes antes na antiga escola, eu a empurrei de volta.

— Sai de cima de mim!

Agarrei seu cabelo e o puxei, me surpreendendo com minha própria força quando um tufo de cabelo preto de seus apliques saiu em minhas mãos.

— Meu cabelo! — ela choramingou. — Ah, eu vou te *destruir*! — Ela se afastou e desceu a mão no meu rosto antes de prender minhas mãos atrás da minha cabeça. — Kelly... pegue minha mochila.

— Para! — Eu mal conseguia respirar com ela em cima de mim, mas continuei me contorcendo e lutando para me soltar. — Sai, Bella!

— Hum, Bella, talvez a gente devesse...

— Pega a porra da minha mochila, Kelly! — ela berrou com toda a força. — Agora!

Sem dizer uma palavra, a loira lhe entregou a mochila.

— O que você quer?

— Almoço, água, maquiagem — Bella ordenou antes de cuspir uma enorme bola de catarro no meu rosto. Kelly pegou um pote plástico e Bella disse: — Segura as mãos dela pra mim.

— Mas eu...

— Faz o que eu disse!

Soltando um suspiro pesado, Kelly se ajoelhou e prendeu minhas mãos enquanto Bella abria a marmita e começava a jogar tudo em cima de mim.

— Que tal isso, vadia? — ela sibilou, amassando o sanduíche de atum no meu suéter e na minha saia. — O cheiro combina com você.

Ainda montada em cima de mim, ela pegou um batom na mochila e segurou meu queixo com as mãos.

— Vamos — ela zombou, passando o batom na minha testa e nas minhas bochechas. — Chora, bebezinha. Te desafio!

Não vou chorar.

Não vou chorar.

Não dá esse prazer a ela, Shannon.

Me debati contra ela, tentando desesperadamente me libertar — sem sucesso.

Eu não era forte o suficiente.

— Não vai falar nada? — Bella perguntou, saindo de cima de mim, segurando a garrafa de água. Ela a virou e despejou tudo em cima de mim. — Não, beleza. Você *não* vai falar nada mesmo, porque, se fizer isso, eu vou acabar com você.

Não fica deitada sem fazer nada, a voz de Joey ressoou dentro da minha cabeça. *Resiste, mesmo que não possa vencer.*

Uma lágrima solitária escorreu pela minha bochecha.

— Oun, olha, a bebezinha está chorando — Bella me provocou. — Perdedora de merda!

Revida, Shannon.

Vamos.

Você consegue.

— Vai se foder! Vocês duas! — berrei.

— Eu? — Bella desdenhou. Ela sacou o celular no bolso da saia e começou a tirar fotos. Depois, o guardou de volta e segurou meu rosto entre as mãos, enfiando as unhas nas minhas bochechas com tanta força que me encolhi de dor. — *Vai se foder você. Vadia.*

Cada grama de resistência se esvaiu de mim junto com minha inconstante fé na humanidade. Ela pensou que estava me machucando, mas ela não sabia o que era dor. Tremendo violentamente, permaneci imóvel, apenas esperando que aquilo *acabasse*.

— Vamos, Kel — Bella disse, me dando uma última olhada, claramente admirando seu trabalho habilidoso. — Vamos deixar essa vadia aqui.

— Desculpa — a loira chamada Kelly sussurrou no meu ouvido antes de seguir Bella depressa para fora do banheiro.

Entorpecida, permaneci exatamente no mesmo lugar por vários minutos, contando as telhas do teto antes de enfim me levantar.

Cada centímetro do meu corpo doía e meus pulmões ardiam, mas era meu orgulho que tinha levado o pior golpe. Humilhada e tremendo, peguei o celular no bolso da camisa e

chorei de alívio ao perceber que ele não estava ensopado como eu.

Peguei o celular, cambaleei até a pia e vomitei violentamente até que tudo dentro do mim estivesse girando pelo ralo. Ofegante, segurei a pia com a mão livre e me obriguei a olhar para o meu reflexo. Pequenos fios de sangue tingiam minhas bochechas nos lugares arranhados pelas unhas dela e nem me surpreendi ao ver o que ela tinha escrito no meu rosto.

"Putinha" estava rabiscado na minha testa, combinando com o "do Kav" na bochecha esquerda e "Vadia" na direita.

Desviei o olhar do espelho, focando-o no celular, e com as mãos trêmulas, digitei o número que eu sabia de cor.

Por favor, atende.

Por favor, atende.

Por favor, não esteja na aula...

— Shan? — Uma voz familiar disse do outro lado da linha. — O que houve?

— Joey... — Fechando os olhos, estremeci ferozmente. — P-preciso que você venha me b-buscar.

60

PUNHOS VOADORES

Johnny

Eu estava acostumado a ver coisas estranhas acontecendo no Tommen. Inferno, eu não podia nem contar os encontros estranhos que tive naquele lugar ao longo dos anos! Mas um cara com o uniforme da ECB atravessando o estacionamento na minha direção depois da última aula do dia era definitivamente novidade para mim.

Levei alguns minutos para identificar que o cara de suéter cinza com o logo da escola pública era Joey Lynch, e um segundo longo demais para perceber que o punho que ele estava erguendo tinha eu como mira, se conectando ao meu queixo tão rápido que minha cabeça virou para o outro lado.

— Que porra você fez? — ele perguntou, lívido. — Se você machucou ela, vou te queimar vivo e mijar em todos os seus ossos.

— Do que é que você está falando? — rugi, cuspindo sangue. Estava de saco cheio daquela família, e até esse soco na cara, eu até que gostava de Joey. Mas tive o pressentimento de que isso estava prestes a mudar. — Não fiz nada pra ninguém!

Uma multidão estava se formando ao nosso redor e as pessoas uivavam e gritavam como malditos babacas.

— Ela está em algum lugar aí dentro dessa escola chorando — Joey rosnou. — Ela me ligou e pediu pra eu vir buscar ela. — Batendo as mãos no meu peito, ele avançou para mim. — Por acaso você não está sabendo de nada, não?

— Não, não estou — falei, me desvencilhando dele. Ele precisava recuar rápido, porque estava testando minha paciência e eu tinha cerca de dez centímetros de altura e quase vinte quilos de músculos a mais que ele. — Para com isso, Lynch.

— Senão o quê? — ele zombou, avançando de novo. — O que é que você vai fazer, Kavanagh?

— Ei, ei, ei — Hughie interveio, correndo pelo estacionamento para se colocar entre nós. — Se acalmem, caras.

— Estou calmo! — rugi, claramente *nada* calmo. — Ele que veio aqui e me deu um soco na cara.

— Porque você machucou minha irmã — Joey disse.

— Eu não *machuquei* sua irmã. Eu *nunca* a machucaria.

— Bem, alguém fez alguma coisa! — Joey gritou antes de avançar mais uma vez.

Desta vez, foi Gibsie quem interceptou Joey por trás.

— Calma, cara — ele disse em um tom amigável, envolvendo os braços nele e o arrastando para longe de mim. — Vejo que estamos na velha posição comigo atrás de você de novo.

— Me solta, Gussie — Joey rosnou, se debatendo em seus braços.

— É Gibsie — ele respondeu calmamente. — E não. Você não pode sair por aí batendo no meu amigo, Joey. Ele tem negócios importantes pra resolver este sábado e seria terrivelmente irresponsável da minha parte deixar você ir embora desse jeito.

— Joey! — uma voz feminina ressoou sobre o barulho da multidão. Segundos depois, uma loira apareceu na minha linha de visão, se movendo diretamente para ele. A sua namorada, *Aoife*. — O que está fazendo, Joe? — ela disse, se colocando na frente dele. — Pensei que tínhamos combinado que você não ia mais brigar. — Segurando seu rosto, ela o obrigou a olhar para ela. — Pergunta primeiro, lembra?

— Esqueci, amor — ele murmurou, se encolhendo de modo que Gibsie o soltou e ele deu um passo para trás.

— O que diabos está acontecendo? — perguntei, sentindo uma mistura de fúria e pânico se espalhando por mim.

— Shannon me ligou — Joey falou, tremendo de raiva. — Alguém nessa merda de escola fez alguma coisa com ela.

— Alguém *fez* alguma coisa com ela? — perguntei, confuso. Algo tinha acontecido com Shannon? — O que fizeram? Eu passei o almoço com ela — acrescentei, sentindo

uma onda de raiva crescendo e tomando meu corpo. — Que porra está acontecendo, Joey?

— Não sei! — Passando a mão pelo cabelo loiro, ele soltou um rosnado e encarou a multidão. — Mas, quando eu descobrir qual desses playboys machucou minha irmã, vou perder o réu primário!

— O que está acontecendo aqui? — A familiar voz do sr. Twomey cortou o ar e a multidão se dispersou rapidamente, até que só restaram nós cinco e ele no estacionamento, enquanto os carros passavam buzinando.

— Johnny — ele falou com um suspiro ao me notar no meio da confusão. Zero novidade. Seu olhar foi até Joey e Aoife e ele estreitou os olhos. — Vocês dois estão cientes de que não podem estar no terreno dessa escola, a não ser que estejam matriculados aqui?

— Vai se foder — Joey retrucou, fazendo Aoife grunhir dentro da mão.

— Joe! — ela sibilou, colocando a mão no peito dele. — Ele é o diretor.

— E daí? — Joey deu de ombros sem se perturbar. — Não é o meu diretor. — Estreitando os olhos para o sr. Twomey, ele cuspiu: — Estou aqui pra buscar minha irmã, já que essa sua escolinha de merda não consegue controlar os próprios alunos e manter a garota segura.

O sr. Twomey franziu o cenho.

— E sua irmã é...?

— Shannon Lynch. — O diretor ficou pálido e Joey disparou para a jugular dele, como se estivesse farejando

sangue fresco. — É isso mesmo — ele rosnou. — Você sabe muito bem de quem estou falando. Você fez todo tipo de promessas pra ela, né? Dizendo que ia manter seus alunos em segurança... Você é uma piada!

— Com licença — o sr. Twomey começou. — Não faço ideia do que você está falando...

— Oi, Joe — uma vozinha disse e todos nós nos viramos para Shannon, que estava se aproximando.

Seu cabelo estava molhado e suas roupas estavam sujas de comida. Seu rosto estava vermelho e arranhado, como se ela tivesse se esfregado com força, mas quando olhei melhor, vi que eram marcas de unhas e *palavras*. Seus olhos se voltaram para mim e sua expressão murchou. Lágrimas se acumularam nos seus olhos e ela fungou.

— O-oi, Johnny.

— Que porra é essa? — perguntei, indo até ela. — O que aconteceu com o seu rosto, Shannon?

Ela balançou a cabeça e praticamente colapsou contra mim.

— Quero ir pra casa — ela choramingou, tremendo violentamente. — Só quero ir embora.

— Tudo bem... shhh, se acalma.

Segurei seu rosto entre as mãos, estreitei os olhos e tentei ler as palavras escritas com *batom* no seu rosto.

Putinha do Kav?

Vadia?

— Quem foi que fez isso com você? — Joey perguntou, me empurrando para o lado. Ou pelo menos tentando. Não

funcionou tão bem, porque não me mexi um centímetro. — Shan, o que aconteceu?

— Foi ela? — perguntei, tremendo tanto quanto Shannon. — O que é que estou falando? É claro que foi *ela*.

— Quem? — o sr. Twomey soltou. — Quem fez isso com você, Shannon?

— Bella Wilkinson, porra — Gibsie respondeu. — Quem mais?

— Quero ela fora dessa escola — rosnei, me virando para ele. — Ela não pode sair impune disso. Você sabe o que Shannon está passando. Ela deveria estar *segura* nessa escola!

O sr. Twomey se aproximou.

— Shannon, está dizendo que a srta. Wilkinson fez isso com você?

— Pra trás — Joey avisou, se colocando diante da irmã de uma forma protetora. Eu não sabia o que ele pensou que o velho Twomey fosse fazer, mas o cara não ia arriscar. Ele estava todo tenso, com uma fúria selvagem mal contida, e eu tinha a sensação de que a única razão pela qual ele ainda não havia explodido era a loira fazendo carinho no seu braço. — Não chega perto da minha irmã — ele acrescentou, fuzilando nosso diretor com o olhar. — Estou avisando.

O sr. Twomey ficou boquiaberto e senti uma pontada de empatia pelo velho naquela situação complicada. Eu bem que sabia como era. Estar na mira da fúria de Joey Lynch não era uma sensação muito boa.

Com o canto do olho, vi Bella e Cormac atravessando o pátio na direção do estacionamento, sorrindo sem parar.

Ah, puta merda!

— Você — rugi, passando por Shannon. — Quero ter uma palavrinha com você, porra!

— Johnny, não se mexe — o sr. Twomey avisou.

— Johnny, não... — Shannon implorou.

— Cap, você tem um contrato — Hughie gritou.

— Pensa sobre sábado — Gibsie falou para mim.

— Faça a coisa certa — Hughie acrescentou.

— Foda-se a coisa certa — rosnei, olhando para eles. — E que se fodam eles também.

Cormac ficou pálido quando me aproximei.

— Tudo certo, cap?

— O que foi que eu te disse? — perguntei, avançando para ele. — Hein? O que foi que eu te disse sobre essa vadia?

— Nossa, Johnny, não faço ideia do que você está...

Bang.

Cormac caiu no chão feito um saco de batatas antes que eu tivesse a chance de erguer o punho.

Confuso, virei para trás e me deparei com Joey.

— O que...

— Te devo uma — ele explicou, dando de ombros e sacudindo o punho. — Além disso, já vou perder o réu primário mesmo.

Fiquei de boca aberta.

— Pelo *quê*?

— Por isso — ele respondeu antes de avançar em Cormac.

— Fica longe dele! — Bella gritou, batendo na cabeça de Joey. — Seu bostinha imundo.

— Ei... não chama meu namorado de bostinha — Aoife rosnou, disparando para Bella. — Foi ela, Shan? — ela perguntou. — Foi ela que fez isso com você?

— Por favor, deixem pra lá — Shannon falou.

— Quem diabos são vocês? — Bella sibilou, encarando Aoife.

— Ah, sou o seu maior pesadelo, sua puta. — Aoife a derrubou de uma vez e montou nela. — Você gosta de aterrorizar garotinhas? — ela perguntou. — Experimenta fazer isso com alguém do seu tamanho então.

— Como está gastando seu dinheiro, playboy? — Joey zombou, lutando com Cormac na rua. — Ser um canalha tem suas vantagens, não é?

— Acha que pode chamar meu namorado de bostinha? — Aoife continuou gritando e socando Bella. *Nossa, aquela garota sabia brigar*. — Acha que pode fazer bullying com a irmã dele? Acha que está segura porque é mulher e ele não pode te bater? — Ela afastou o punho e acertou a boca de Bella com força. — Bem, pois eu posso!

— Vou chamar a Gardaí! — o sr. Twomey rugiu. — Parem com isso agora mesmo ou vou mandar prenderem todos vocês!

— Chama a polícia e você vai perder um quarto do time de rúgbi — Hughie interveio calmamente. — E vai acabar projetando uma péssima imagem dessa escola. Olha o que ela fez com a Shannon. — Ele apontou para o rosto da menina. — Pensei que essa escola tivesse tolerância zero pra bullying. Se for assim, é melhor você mudar sua política, porque aquela garota está fazendo da vida de Shannon um inferno há meses.

— Dando de ombros, ele acrescentou: — Eu também adoraria saber qual é a sua política sobre perseguição, porque ela está atormentando Johnny dia e noite há um ano. Ele é educado demais pra reclamar.

— Joey, para! — Shannon gritou, disparando para o irmão. — Não...

— Eles não vão fazer isso com você — Joey rosnou. — Nunca mais, Shannon!

— Não foi ele — Shannon disse, puxando os ombros de Joey para trás. — Não... por favor. Você vai se encrencar.

— Vem aqui — pedi, afastando-a da briga. — Fica longe, Shan.

— Faz ele parar — ela implorou, segurando meu braço. — *Por favor*!

— Certo, a festinha acabou — Gibsie anunciou, entrando no meio e tirando Joey de cima de Cormac e me lançando um olhar que dizia "Que porra é essa?".

Encolhi os ombros descaradamente. Eu não ia impedir porra nenhuma. Ambos mereciam *tudo* o que estavam recebendo e mais.

— É culpa minha — Shannon falou, tremendo com violência. — Eu não devia ter ligado pra ele...

— Não é — eu disse, trazendo-a para o meu peito. — É culpa *dela*. Não sua.

— Vem, amor — Joey falou, ofegante, arrastando a namorada para longe de Bella. — Vem. Ela não vale a pena. Você não pode brigar...

— Ela te chamou de bostinha — Aoife rosnou, tentando se soltar dos braços dele. — Não vou tolerar isso, Joe!

— Eu sei, amor — ele disse, recuando com Aoife em seus braços. — Mas preciso que você tome cuidado.

— Todo mundo na minha sala! Vou ligar pros seus pais — o sr. Twomey berrou, sacando o celular e gesticulando para que Bella e Cormac o seguissem. — *Todos* os pais.

— Faz isso — Joey rosnou, observando nosso diretor como se ele fosse um antílope indefeso separado do bando. — Faz alguma coisa útil.

— Joe! — Aoife falou, batendo nele. — Você está sob observação.

— Preciso que dê o fora daqui, Aoife — Joey disse, ofegante, ainda observando o sr. Twomey seguindo para o escritório com Bella e Cormac mancando atrás dele. — Você não estava aqui e não viu porra nenhuma. — Ele se virou para a namorada e perguntou: — Entendeu?

— O quê? — Aoife balançou a cabeça de olhos arregalados. — Não, sem chance. Não vou te deixar aí...

— Entre no carro e vá pra casa, amor — ele ordenou. — Agora. — Ele olhou para nós. — Ninguém vai falar de você.

— Mas você vai...

— Vou ficar ótimo — ele sussurrou, beijando sua testa. — Só vá e eu te ligo quando puder.

61

O ESCRITÓRIO

Shannon

Inquieta, fiquei do lado de fora do escritório, sentada no banco de madeira com Johnny, Hughie e Gibsie. No banco à nossa frente estavam Bella e Cormac.

— Ah, meu Deus! — Eu não conseguia segurar as lágrimas que escorriam pelas minhas bochechas enquanto observava a Gardaí levar meu irmão algemado da escola. — Por favor, não levem ele!

— Está tudo bem, Shan — Joey falou por cima do ombro enquanto o conduziam pelo corredor. — Vou ficar bem, não chora.

Não estava *nada* bem.

Meu irmão estava sendo preso e era tudo culpa minha.

— Me desculpa, Joe — falei pouco antes de ele ser levado para fora por dois policiais. — Me desculpe.

— Está tudo bem — Johnny ficou sussurrando sem parar, com o braço à minha volta. — Vai ficar tudo bem, Shan.

— Eu sou uma merda — eu disse, chorando com força. — Ele está tão encrencado!

— Você entendeu bem — Cormac desdenhou. — Vou prestar queixa contra o bostinha do seu irmão.

— Para com isso — Johnny rosnou, tensionando ao meu lado. — Ou você não vai nem estar aqui pra prestar queixa.

— Por favor, não — implorei, fungando. Arregacei as mangas do suéter de Johnny que estava usando, limpei as bochechas e tentei controlar as emoções. O que era quase impossível. Eu estava tão preocupada com Joey que mal conseguia respirar. — Meu irmão está passando por tanta coisa — implorei. — Por favor, não piora tudo...

— Não ligo a mínima pro que ele está passando — Cormac retorquiu. — Ele *quebrou* meu nariz, Shannon.

— Cala a boca, Ryan — Hughie falou, impaciente. — Não piora as coisas.

— Ele me atacou! — Cormac disse, na defensiva.

— E ela *me* atacou — Bella choramingou.

— Porque você atacou ela — Johnny rugiu com o peito pesado, apontando para mim. — Só tem uma bostinha aqui, Bella, e é você!

— Vai se foder, Johnny Kavanagh — ela cuspiu. — Isso é tudo culpa sua.

— Você precisa manter a sua boquinha fechada — Gibsie sibilou. — Sua burra.

— Eu sou a vítima aqui — ela falou.

— *Você* é a vítima? — Gibsie perguntou, indignado. — Meu Deus, espero que seus pais não tenham procriado mais, porque você é uma garota podre. O mundo não precisa de outra da sua espécie andando por aí.

— Vaza daqui e procura um pouco de água pra se afogar, Gibs — Cormac disse, encarando Gibsie. — Assim como o resto do seu...

— Parem com isso! — Johnny e Hughie rugiram em uníssono.

Gibsie continuou rígido.

— Nem *pensa* nisso — Johnny avisou, espumando de raiva. — Qual o seu problema, porra?

— Ele xingou minha namorada...

— E isso te dá o direito de falar *aquilo*? — Johnny perguntou. — Nem tente arranjar desculpas, Ryan. Foi desprezível pra caralho.

— Daqui pra frente, não quero saber mais de você, Cormac — Hughie acrescentou, tremendo de raiva. — Se é machão o suficiente pra andar por aí com alguém como ela, nem se dê ao trabalho de olhar na minha direção. Dentro do campo ou fora dele.

— Não dou a mínima, Biggs — Cormac desdenhou. — Você vive grudado no traseiro de Kav mesmo, não vai fazer diferença...

— Quem é ela? — Bella perguntou, chamando minha atenção. — A garota que me atacou... qual é o nome dela? — Estreitando os olhos, ela cuspiu: — Eu sei que vocês sabem quem é ela.

— Que garota? — Gibsie falou calmamente. — Não vi ninguém. E vocês?

— Também não vi ninguém — Johnny concordou. — Só vi Cormac socando Joey primeiro.

Os olhos de Cormac se arregalaram de repugnância.

— Seu *mentiroso*.

Johnny deu de ombros.

— Foi o que eu vi.

— Engraçado, também vi isso — Gibsie disse. — Ele simplesmente avançou em você, Johnny... Lynchy estava te protegendo.

— Foi o que eu vi também — Hughie concordou. — E o sr. Twomey estava atrás de Johnny. A visão dele estava obstruída, então ele não podia ver quem deu o primeiro soco.

— E não tem câmera no estacionamento — Gibsie comentou. — Aposto que isso faz com que seja a sua palavra contra a nossa.

— Cinco contra dois — Hughie concluiu. — Engraçado!

— Carma é uma coisa linda — Gibsie concordou, sorrindo.

— Vocês eram seis! — Bella sibilou. — Tinha aquela *garota*.

— Acho que não — Gibsie disse, encolhendo os ombros. — Você está imaginando coisas.

— Vocês são um bando de mentirosos — Bella falou, furiosa.

— Você percebe que você é a causa disso tudo? — Hughie retrucou. — Ou você só não liga?

— Deixem ela em paz — Cormac falou depressa, tentando defendê-la. — Ela está machucada.

— Ela é uma parasita, é isso o que ela é — Gibsie desdenhou. — E você faria bem ficando o mais longe possível, porque você não está parecendo o cara com quem a gente cresceu.

Ouvimos um assobio e todos viramos a cabeça quando Ronan McGarry, um dos garotos do meu ano, surgiu no corredor. Quando seus olhos pousaram em nós sentados na frente da sala do diretor, ele nos observou com atenção.

— O que vocês estão fazendo...

— Continua andando, babaca — Johnny avisou, se agitando ao meu lado. — E fica de boca fechada.

Ronan encarou Johnny por um tempo antes de desviar o olhar para mim.

— Causando problemas de novo, Shannon? — O fantasma de um sorriso malicioso brotou em seus lábios. — Por que não estou surpreso?

— Eu mandei você vazar! — Johnny rugiu, se levantando. — Antes que eu te destrua.

Ronan cambaleou para trás tão depressa que acabou derrubando a mochila, fazendo Gibsie rir.

— Ah, cara. Obrigado por isso. Eu precisava dar uma descontraída — Gibs falou, gargalhando.

— Se liga, Gibs — Ronan grunhiu com o rosto vermelho, pegando a mochila no chão. — Não tenho medo dele...

— Cai fora daqui, seu pervertidinho — Johnny falou em uma voz alta e carregada de autoridade, dando um passo ameaçador na direção de Ronan. — Não pensa que esqueci o que você fez!

Ronan recuou pelo corredor de onde tinha vindo e desapareceu.

— Brilhante. — Rindo histericamente, Gibsie bateu a mão na coxa. — Pensei que ele fosse se mijar...

A porta da sala do diretor se abriu, e todos se calaram quando nossos pais — ou melhor, os pais *deles* — saíram.

As primeiras a emergirem foram as mães de Bella e Cormac. A sra. Cormac foi embora sem dizer uma palavra. Para o meu absoluto choque, a sra. Wilkinson marchou até a filha e sibilou:

— Levanta. — Fazendo biquinho e bufando alto, Bella ficou de pé, limpando o lábio cortado com um lenço. — Agora me dá seu celular.

— Mãe...

— Me. Dá. Seu. Celular.

Bella tirou o celular do bolso e o entregou para a mãe em silêncio. A sra. Wilkinson digitou algo furiosamente e enrijeceu quando encontrou o que estava procurando. Ela me encarou com uma expressão cheia de culpa e depois se virou para a filha.

— Vá pedir desculpas pelo que você fez com essa pobrezinha.

Ah, *meu Deus...*

Meu corpo todo se crispou de pavor. Eu não queria que ela me pedisse desculpas. Nunca mais queria que ela chegasse perto de mim.

Bella grunhiu.

— Mas mãe...

— Não me irrita, Isabella! Você tem sorte por eu não estar te levando pra delegacia pra te entregar! Nunca me decepcionei tanto com você quanto hoje.

— A amiga dela me bateu — Bella balbuciou. — E eles sabem quem é ela...

— Não me surpreende — a sra. Wilkinson falou, com o rosto em chamas. — Depois do que você fez com essa garota, é um milagre que o tutor dela não preste queixa. Agora vá se desculpar!

— Nem pensa nisso — Johnny interveio quando Bella e a mãe se aproximaram de nós. — Leva sua filha pra longe da minha namorada e a mantenha afastada — ele ordenou, me segurando com mais força. — Shannon não quer as desculpas dela. Sua filha já causou estrago demais. Desculpas não significam nada pra gente. Então só vão embora e deixem ela em paz.

A sra. Wilkinson abriu a boca para dizer algo, mas logo a fechou. Ela me lançou um olhar solidário antes de arrastar Bella consigo.

— Obrigada — sussurrei, me afundando nele.

— Sem problemas — ele respondeu.

A próxima a emergir da sala do diretor foi Sinead Biggs, seguida pela mãe de Gibsie, cujo nome era Sadhbh.

— Ai, ai meninos — a mãe de Claire suspirou, envolvendo a cintura de Hughie com o braço. — O que é que vamos fazer com vocês?

— Eu não bati em ninguém hoje — Gibsie falou alegremente. — Fui um bom menino.

— *Hoje* é a palavra apropriada — a mãe dele disse, suspirando. Depois, ela bagunçou o cabelo dele e acrescentou: — Vamos, Bubba. Vamos te levar logo pra casa antes que você arranje confusão.

— Esse é o problema, mãe — Gibsie respondeu, caminhando atrás da mãe. — A confusão é que vem atrás de *mim*, não o contrário.

E quando ficamos sozinhos, Johnny perguntou:

— Quando foi que aconteceu? — Sua voz estava grave e carregada de emoção. Ele se virou para me encarar. — O que ela fez com você, baby?

— Não importa — murmurei, exaurida. Eu já tinha explicado tudo para o sr. Twomey e Darren na sala do diretor mais cedo.

— Preciso saber, Shan — Johnny insistiu. — Por favor... me *conta*.

Soltei um suspiro cansado e contei o que tinha acontecido no banheiro com Bella e as amigas, sem deixar nada de lado. Exausta demais para me censurar, falei tudo mesmo, incluindo o vômito.

— Por que você não me ligou? — ele perguntou quando terminei. — Ou foi me procurar? Shan, eu teria...

— Porque você tinha prova de francês e eu não queria que você se encrencasse — sussurrei, balançando os joelhos, inquieta. — Sei que a Academia e os olheiros estão observando cada movimento seu e tive medo de você ficar puto e querer retaliar, então liguei pro Joey pra que ele viesse me buscar... — Minha voz falhou e um enorme soluço saiu rasgando da minha

garganta. — Eu só queria uma carona pra casa. Não pensei que ele fosse fazer *aquilo*.

A porta da sala do sr. Twomey se abriu de novo e, desta vez, a sra. Kavanagh saiu com Darren e o diretor logo atrás.

— Mais uma vez, sinto muito pelo que aconteceu — ele disse, estendendo a mão para Darren. — Por favor, garanto que o Colégio Tommen tem uma política rígida de tolerância zero com o bullying e esse assunto será tratado imediatamente. — Darren não aceitou seu cumprimento e o sr. Twomey se voltou para mim com uma careta. — Shannon, eu vi as fotos e sinto muito.

— Então o que você vai fazer a respeito? — Johnny perguntou em uma voz alta. — É ótimo dizer que sente muito, mas isso não significa nada se ações não forem tomadas. Bella vai ser expulsa? E Kelly? Ela também se envolveu. E Tash? Ela não agiu certo ao ir embora e não as impedir.

— Johnny — o sr. Twomey falou, soltando um suspiro cansado. — Fica fora disso.

— Não! — Johnny explodiu e se levantou. — Três garotas encurralaram minha namorada no banheiro. Duas delas a prensaram no chão e a atacaram. Todas estão no sexto ano. Têm mais de dezoito anos. Shannon é menor de idade. Elas deveriam ser condenadas por agressão.

— Johnny — murmurei, sentindo mais uma onda de vergonha me dominar. — Deixa pra lá.

— Não, Shan. Não vou deixar pra lá. — Encarando nosso diretor, ele sibilou: — Quero *justiça*.

— Não vai ser o suficiente — Darren disse, me surpreendendo ao concordar com Johnny. — Minha irmã foi brutalmente atacada por duas garotas na escola, sendo que uma delas, pelo visto, está fazendo bullying com ela há meses. Meu irmão foi preso por defendê-la porque a sua equipe de professores não foi capaz de fazer isso. Nós já estamos passando por um inferno, como você está ciente, e tudo o que consegue dizer é que *sente muito*? — Darren balançou a cabeça. — Me desculpa por dizer isso, sr. Twomey, mas por que diabos estamos pagando milhões de euros em taxas escolares se você não é capaz de fazer algo tão básico quanto garantir a segurança da minha irmã na escola?

— Bella recebeu uma suspensão de três dias — ele respondeu com as bochechas coradas. — Levarei esse incidente para o conselho de administração na próxima reunião. Daí vamos decidir qual será a ação apropriada a ser tomada.

— A ação apropriada é *expulsão* — Johnny insistiu, furioso. — Dane-se a suspensão de três dias. Não vai adiantar nada. Ela não devia poder voltar pra essa escola depois do que fez com a minha namorada!

— Minhas mãos estão atadas — o sr. Twomey respondeu, olhando para o pai de Johnny, pedindo ajuda.

— Que confusão, Seamus! — o pai de Johnny falou calmamente. — Espero sinceramente que a escola tenha uma boa representação legal. E pelo bem da família Wilkinson, sugiro que você recomende o mesmo para eles. Claro que vou oferecer meus serviços à família Lynch e entrarei em contato quando minha cliente decidir o curso de ação que *ela* deseja

tomar, seja contra a srta. Wilkinson sozinha, seja contra a escola pela negligência e pelo fracasso em proteger uma menor sob os seus cuidados.

O sr. Twomey ficou de queixo caído e tenho quase certeza de que sua expressão era um reflexo da minha própria cara e a de Darren, enquanto olhávamos para o pai de Johnny.

— Como?

— Bem, está muito claro, Seamus — o sr. Kavanagh respondeu com aquela voz doce e enjoativa que só pessoas com grande poder usam. — Você foi tão rápido em chamar a Gardaí e prestar queixa contra o garoto Lynch por seu papel nesse incidente que acho justo, além de ser minha responsabilidade pessoal, disponibilizar meus serviços para a família deles. No entanto, dadas as circunstâncias que envolvem os dois Lynchs, devo avisá-lo que você terá um enorme desafio em suas mãos para encontrar um juiz neste país insensível o suficiente com a situação deles para condenar Joey Lynch. E, acredita em mim, conheço muitos juízes. — Ajustando a gravata, o sr. Kavanagh abriu um sorriso. — Tenha um bom dia, senhor.

Johnny sorriu para o pai.

Enquanto isso, Darren e eu continuamos observando a cena boquiabertos.

— Vamos — o sr. Kavanagh falou naquele tom frio, tranquilo e controlado dele, se virando para o filho. — Sua mãe quer que eu compre molho de pimenta pro jantar e eu tenho que dar uma passada na delegacia antes de...

— Espera, espera, espera — o sr. Twomey disse. — Sr. Kavanagh, pode vir na minha sala, por favor?

O pai de Johnny fez uma cena verificando o relógio e soltando um suspiro antes de assentir relutantemente.

— Posso te dar quinze minutos.

— Sim, sim, obrigado — o sr. Twomey soltou, aliviado, entrando no escritório.

— Roubando doce de criança, pai? — Johnny disse.

Rindo baixinho, o sr. Kavanagh deu uma piscadela para o filho antes de seguir o sr. Twomey. Ele parou na porta, se virou para Darren e disse:

— Seu irmão estará em casa até as dez da noite.

— Muito obrigado. — Dando um suspiro pesado, Darren se aproximou do sr. Kavanagh e lhe ofereceu a mão. — Sinto muito pela forma como a minha família...

— Isso é irrelevante — o pai de Johnny respondeu, apertando a mão de Darren. — Todos nós precisamos de um pouco de misericórdia às vezes. — Voltando o olhar para Johnny, ele disse: — Leva o molho de pimenta pra sua mãe antes de ir pro treino, filho. — Depois, ele se virou para mim e abriu um sorriso suave. — Espero que a gente se encontre em breve em circunstâncias mais alegres, Shannon.

Em seguida, o sr. Kavanagh entrou no escritório, fechando a porta.

— Ele vai massacrar aquele homem — Johnny comentou, rindo, caminhando na minha direção e me colocando de pé. — Não se preocupa, Shan — ele acrescentou, envolvendo minha cintura. — Ele vai resolver tudo.

Dei um suspiro trêmulo.

— Não acredito que ele fez isso por nós.

— Eu também não — Darren murmurou, esfregando o queixo.

— Eu te falei que meus pais te amam — Johnny disse, pegando minha mão. — Acredita em mim agora?

Tremendo, peguei sua mão e me afundei no seu peito.

— Desculpa.

— Não diz isso — ele sussurrou, me abraçando.

— Estou cheirando a peixe — falei. — O fedor vai passar pras suas roupas.

— Não ligo — ele disse, beijando meu cabelo. — Eu adoro peixe, eu te amo, e ainda quero te comer no jantar.

— Não tanto quanto frango — falei fungando.

— Eu *amo* frango mesmo — ele concordou, dando risada. — Vai ficar tudo bem, Shan. — Ele deu um passo para trás, segurou meu rosto entre as mãos e me olhou com atenção. — Entendeu?

Dei de ombros fracamente.

— Entendi.

— Você vai ficar bem — ele falou com os olhos azuis fixos nos meus. — Joey também.

— Acho que não vou conseguir jantar com vocês hoje, Johnny — eu disse.

— Tudo bem — ele respondeu, pousando as mãos nos meus ombros. — A gente marca outro dia. — Ele passou os polegares nos meus ombros e acrescentou: — Vou consertar isso pra você.

Mergulhei nele.

— Não importa.

— Claro que importa — ele me corrigiu, me puxando para outro abraço. — Isso nunca mais vai acontecer com você.

— Só estou assustada pelo Joey — confessei, enterrando o rosto no seu peito. — Não quero que ele tenha problemas por minha causa.

— Meu pai vai resolver tudo. — Ele beijou o topo da minha cabeça. — Sério, se você soubesse metade do que ele conseguiu fazer pelo Gibs ao longo dos anos, você não se preocuparia. Ele vai dar um jeito, Shan. Confia.

— Sério? Tem certeza?

— Cem por cento de certeza. Ele falou pra valer: Joey *vai* voltar pra casa hoje.

O alívio se espalhou por mim, mas fiquei com receio de absorvê-lo. Eu *morria de medo* de ter esperança só para depois atirarem notícias ruins na minha direção.

— Eu te julguei mal — a voz de Darren cortou o ar. Perplexa, me virei e vi que ele estava encarando Johnny. — Eu me enganei sobre você — ele acrescentou com a voz rouca. — Te devo desculpas.

— Sim, você errou — Johnny falou, tenso. — Não sou a pessoa que sua mãe está me pintando. — Soltando um suspiro pesado, ele disse: — Mas não precisa pedir desculpas.

— Bem, desculpa mesmo assim — Darren respondeu, cansado.

— Desculpas aceitas — Johnny disse, para a minha surpresa. Ele não precisava aceitar nada de Darren. Ele foi tratado horrivelmente tanto pelo meu irmão quanto pela minha mãe. — Sem ressentimentos — ele acrescentou,

acenando a cabeça para Darren. — Mas, ainda assim, não vou a lugar algum.

— Pois é. — Darren suspirou. — Estou começando a entender isso.

Johnny enrijeceu.

— Só pra esclarecer.

— Estamos esclarecidos, Kavanagh — Darren respondeu. Depois, se virou para mim e perguntou: — Você vai voltar comigo?

Será?

Ele estava mesmo me dando uma opção?

Franzi o cenho.

— Hã?

— Vai voltar comigo agora? — Darren repetiu devagar. — Ou vai voltar depois?

— Eu, hum... — Balançando a cabeça, olhei para o meu irmão e falei: — Agora.

— Tem certeza? — Johnny perguntou atrás de mim. — Posso te levar.

— Você tem treino — sussurrei. — E eu preciso ir pra casa pra me limpar.

— Você não precisa ir, Shannon — ele disse com um tom hesitante, olhando de mim para Darren. — Posso ficar com você.

Eu queria gritar *sim*, mas me contive. Johnny estava focado no treino. Ele passava a maior parte do dia encarando ansiosamente o celular. Eu sabia que estava esperando uma ligação dos treinadores irlandeses e não podia esperar que ele

pausasse a vida toda vez que algo acontecia comigo. Aquele não era o primeiro desastre que eu enfrentava e não seria o último.

Além disso, quando ele for embora, você vai ter que lidar com tudo sozinha.

Porque ele vai *embora, Shannon...*

— Preciso ajudar meus irmãos. — Abri um sorriso amarelo. — Te ligo mais tarde.

Johnny não pareceu convencido, mas não discutiu comigo. Em vez disso, ele deu um beijo na minha testa, acenou a cabeça rigidamente e deu um passo para trás. Senti a ausência do seu toque nas partes mais profundas da minha alma enquanto caminhava com Darren.

62

PAIS PERSUASIVOS

Johnny

Shannon me culpava pelo que tinha acontecido. Eu *sabia* e a pior parte era que ela estava certa. Pois *era* minha culpa. Elas fizeram aquilo por minha causa. Fiquei olhando-a sair da escola com o irmão, sabendo muito bem que eu precisava falar algo para consertar as coisas, mas as palavras me fugiram. Eu não sabia como consertar nada.

Meu Deus, eu estava com tanta raiva que praticamente podia sentir seu sabor.

Fui para o treino de noite porque, se tivesse que ficar em casa sozinho com meus pensamentos me sentindo impotente, eu ia surtar. Só que o treino não ajudou nem um pouco a conter a fúria que se agitava dentro de mim. Eu não consegui me concentrar. Durante todo o tempo, minha mente ficou presa em Shannon. Foi a mesma coisa na fisioterapia. Eu não

tirava Shannon da cabeça. Eu tinha pouco mais de quatro dias para me preparar para o evento mais importante da minha vida e, ainda assim, não conseguia me concentrar.

Maldita Bella.

Eu sabia que tinha feito merda ao deixar Shannon ir para casa com Darren, mas, além de enfiá-la no meu carro e ir embora, o que eu poderia fazer? Ela disse que queria ir com ele. Era mentira. Ela nunca queria ir para *casa*.

A dúvida foi me dominando de um jeito pouco familiar e enervante e, como sempre, comecei a pensar demais. Meu cérebro tinha algum problema. Ele ia rápido demais, pensava um monte de bosta maluca. Na maioria das vezes, eu conseguia manter o controle com rotina e estrutura, mas não estava mais dando certo. Aquele telefonema de manhã, somado ao que aconteceu na escola, jogou minha mente em um turbilhão. Tudo estava em um caos, meus neurônios estavam explodindo e eu estava duvidando de tudo.

Quando finalmente estacionei no fundo de casa pouco depois das nove da noite, eu ainda estava ardendo de energia. Nenhum exercício, nem corrida ou jogada foi capaz de apagar a fúria ardendo dentro de mim.

Irritado e ansioso, peguei a bolsa no banco do passageiro e entrei em casa querendo engolir tudo o que minha mãe tivesse deixado em cima do fogão. No entanto, meu apetite evaporou e meus pés vacilaram assim que pisei na cozinha e vi *Joey* caído na ilha com a cabeça entre as mãos. Ela estava sentada no banco diante dele.

Parei na porta e fiquei observando-a empurrar uma caneca para ele.

Ele não a pegou.

— Acho que importa sim, Joey — ela falou naquele tom que ela usava quando estava querendo nos convencer de algo quando éramos crianças. *Nós* éramos Gibsie e eu, porque ele era a coisa mais perto que eu tinha de um irmão. — E acho que você também importa.

— Você está errada — Joey respondeu tão baixo que tive que me esforçar para ouvi-lo. Ele ficou olhando para o café na frente dele com o maxilar cerrado e uma expressão desconfiada e cansada. — Pode *desistir*.

— Joey... — minha mãe falou delicadamente. — Você percorreu um longo caminho, meu bem. Talvez seja hora de descansar os pés e deixar alguém carregar esse peso por você.

Silêncio.

— Deixa eu te ajudar.

Mais silêncio.

— Deixa eu te salvar, Joey.

— Você não pode — ele disse, estalando os dedos de ansiedade. — Não tem nada pra ser salvo, sra. Kavanagh. Então, por favor, só *para*.

Limpei a garganta, deixei a bolsa na porta e me aproximei.

— Você foi liberado.

— Pois é — Joey murmurou, sem se dar ao trabalho de erguer a cabeça.

— Ah, amor, você chegou. — Minha mãe abriu um sorriso, mas ele estava cheio de preocupação. — Como foi o treino?

Olhei para ela assustado. A coisa estava feia. Ela *nunca* me perguntava sobre o treino.

— Ótimo — respondi fracamente. — O que está acontecendo?

— Está com fome, Johnny? — ela perguntou, me ignorando e indo até o fogão. — Fiz rosbife com molho de pimenta.

Balançando a cabeça, fui até a ilha e puxei um banco.

— Meu Deus — murmurei, notando o olho direito de Joey inchado. — Cormac te pegou de jeito.

— É, e eu te peguei de jeito — ele retrucou, gesticulando para o meu lábio. — Foi mal. — Ele fez uma careta e acrescentou: — Péssima habilidade comunicacional.

Dei de ombros.

— E aí, o que está rolando?

— Estou na merda, Kav — Joey falou. — É isso que está rolando.

— É, isso eu saquei. — Apoiei os cotovelos no balcão de mármore, me inclinei para a frente e estudei sua expressão defensiva. — Prestaram queixa contra você?

— Ninguém prestou queixa contra ele — minha mãe respondeu em um tom confiante. — Seu pai garantiu que isso não acontecesse.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Então você se safou?

Joey encolheu os ombros, parecendo completamente perdido.

— Parece que sim. — Ele me olhou de um jeito estranho e juro que vi pavor em seus olhos antes que suas pálpebras se fechassem novamente e ele desviasse o olhar. — Segundo seus pais.

— Onde está sua mãe? — perguntei, me preparando para a retaliação que eu sabia que viria logo em seguida. — Ela foi na delegacia te buscar?

Joey me lançou um olhar que dizia "O que é que você acha, cuzão?", e, naquele momento, senti uma pontada de solidariedade invadindo meu peito.

— Ela está trabalhando — ele disse, tenso. — Não consegui falar com ela.

— Era o diretor Twomey — meu pai anunciou, entrando na cozinha com o celular na mão. — O conselho da escola convocou uma reunião emergencial hoje à noite.

Enrijeci.

— E...?

— E Bella não vai voltar para o Tommen para terminar o período letivo — ele declarou.

Joey soltou um suspiro forte.

— Graças a Deus.

— Ela vai poder fazer o leaving cert em uma das escolas locais, mas não será bem-vinda de volta no Tommen. Seu armário foi esvaziado, seu celular foi confiscado e todas as fotos que ela tirou de Shannon foram apagadas — meu pai explicou, guardando o telefone no bolso. — Natasha O'Sullivan e Kelly Dunne receberam suspensão de uma semana por seus papéis no incidente. Mas, devido às declarações de Shannon e

após muita discussão, o conselho decidiu que ambas vão voltar para a escola após a suspensão e *terão permissão* pra fazer os exames lá.

— Que merda! — Joey e eu sibilamos em uníssono e, depois, franzimos o cenho um para o outro.

— Escolham suas batalhas, garotos — meu pai soltou. — É um ótimo resultado. — Minha mãe entregou para ele uma xícara de café e ele deu um beijo na bochecha dela antes de voltar a atenção para nós. — Tirem a emoção da equação e avaliem o resultado pelo que ele é: uma vitória.

— E Cormac? — perguntei, encarando meu pai fixamente. — Como você conseguiu convencer ele? Ele estava decidido a prestar queixa antes.

Meu pai deu uma piscadela.

— Com muita persuasão.

— Nossa. — Soltei o ar, impressionado. — Me lembra de nunca ficar contra você.

— São só notícias boas — meu pai disse, voltando seu intenso olhar azul para Joey. — Você foi expulso da Escola Comunitária de Ballylaggin. Aparentemente, você já tinha recebido o último aviso após sete suspensões somente este ano e inúmeras outras na primeira semana do primeiro ano. — Meu pai puxou a gravata para afrouxá-la. — Eu fiz o que pude, Joey, mas eles não vão ceder. Cometer um ato de violência contra outra escola com o uniforme da ECB é contra a política deles e punível com expulsão imediata.

Joey deu de ombros fracamente.

— Tudo bem.

— *Tudo bem?* — Olhei-o perplexo. — Mas você ia fazer o leaving cert no mês que vem.

— Não importa — ele murmurou.

— Importa, sim — retruquei. — Importa pra caralho.

— Eu não ia pra lugar nenhum — ele respondeu. — Então dá no mesmo.

— Como assim, Joey? — falei. — Isso é importante. — Virei para o meu pai e perguntei: — Não tem nada que você possa fazer por ele?

Meu pai suspirou.

— Minhas mãos estão atadas, filho. Joey tem um histórico de violência que faz Gibsie parecer um santo. Eles não estão dispostos a negociar, nem mesmo para ele fazer os exames.

— E Tommen? — minha mãe interveio.

— Tommen é particular, querida — meu pai respondeu.

— Alguma outra escola pública? — sugeri.

— Não tem mais nenhuma na área — meu pai falou. — Pelo menos, não pública.

— E na cidade?

— Nenhuma escola vai querer saber de mim — Joey disse categoricamente. — Seu pai está certo, Kavanagh. Meu histórico é chocante, ninguém vai me querer e também não importa, porque eu não me importo. Então não perca seu tempo falando sobre isso.

Olhei para o meu pai, que confirmou com um pequeno aceno.

— Jesus — murmurei, colocando as mãos na cabeça. — Que desastre!

— Posso usar seu banheiro, por favor? — Joey perguntou, se levantando do banco e olhando para a minha mãe.

— Claro, Joey — ela respondeu com uma voz carregada. — Não precisa perguntar.

Assentindo rigidamente, ele seguiu para o corredor, mas parou na porta, hesitante.

— Obrigado — ele falou com uma voz grave, olhando para os meus pais por cima do ombro. — Por tudo.

— Sem problemas, Joey — meu pai respondeu. — Se lembre do que dissemos. A oferta ainda está na mesa e não tem data de validade.

Ele fez que sim, tenso, e murmurou:

— Vou pensar.

E desapareceu no corredor. Alguns segundos depois, ouvimos a porta da frente batendo e reverberando pela casa.

— Não — meu pai avisou, segurando minha mãe, que já estava se levantando. — Deixe ele, Edel.

— Quem é que vai cuidar dele? — minha mãe perguntou, se virando para o meu pai. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e sua voz, carregada de emoção. — Hein? A mãe dele não se deu ao trabalho de aparecer na delegacia pra ver como ele estava, John, e o pai dele é um psicopata. — Os ombros dela se curvaram e ela suspirou pesadamente. — Tem algo especial nesse garoto, mas ele está perdido, e se alguém não se levantar e fizer alguma coisa, ele nunca vai encontrar o caminho de volta.

— Eu sei, querida. De verdade. Mas ele é um adulto.

— Ele é uma *criança*, John — ela falou de um jeito feroz e protetor. — Ele é um menininho quebrado, preso no corpo de um adulto, e ele precisa de nós.

— Eu sei, Edel...

— Eles não são objetos pra serem escolhidos — ela continuou falando, sem dar ao meu pai a menor chance. — Você não pode escolher seus favoritos e deixar o resto na caixa. Eles são cinco e não me importo se estão quebrados, tortos ou fora de forma. Quero *todos*!

— Os Lynchs? — A compreensão me atingiu em cheio no peito e meu queixo caiu. — Vocês vão ficar com eles?

— Vou ficar com eles — minha mãe confirmou com um olhar determinado. — Todos eles.

— Jesus — meu pai murmurou, passando a mão pelo cabelo, exasperado. — Não sei como sobrevivi morando nesta casa com dois tratores.

— Ótima comida e sexo melhor ainda: foi assim — minha mãe retorquiu sem hesitar.

Meu pai deu um sorrisinho.

— Verdade.

— Esperem um pouco — falei. — Alguém, por favor, pode me explicar que porra está acontecendo aqui?

— Olha a boca — minha mãe me repreendeu.

— Se você soubesse metade do que está se passando na minha cabeça agora, não encanaria com um palavrão — rosnei. — Comecem a falar.

— Você se lembra de quando moramos em Dublin? — meu pai disse. — Lembra da menininha que morou com a

gente durante um ano e meio?

Encarei-o aturdido.

— *Não*. Que menininha?

— Ele era só um bebê, John — minha mãe falou, se sentando no banco ao lado dele. — Ele não tem como se lembrar da Rayna.

— Quem? Quem diabos é Rayna? — Estreitei os olhos. — Vocês usaram alguma droga com o Joey?

— A gente acolheu uma menina em Dublin — minha mãe explicou. — O nome dela era Rayna. Ela era um ano mais velha que você, e você era louco por ela.

— Acho difícil acreditar, já que não faço ideia do que vocês estão falando — soltei, bufando.

— Se começar a me ouvir em vez de falar, talvez você entenda — minha mãe disse.

Soltando o ar, gesticulei para que ela continuasse.

— Ficamos com Rayna dos dois aninhos até pouco antes de ela fazer quatro anos — meu pai interveio. — A gente a considerava sua irmã — ele acrescentou. — Não fazíamos distinção.

— O que aconteceu com ela?

— Ela foi devolvida pros pais biológicos — meu pai respondeu, e minha mãe fungou. — Foi muito difícil pra sua mãe — ele disse, colocando o braço em torno dela. — Então tomamos a decisão de não acolher mais criança nenhuma. Foi difícil demais para nós... devolver Rayna depois de ela ter passado tanto tempo com a gente.

— Nós a considerávamos nossa filha — minha mãe sussurrou. — Assim como consideramos você nosso filho.

— Assim como vocês me consideram seu *filho*? — *Como assim?* Cocei a nuca, tentando processar tudo. — Vocês estão tentando me dizer que sou adotado?

Meu pai jogou a cabeça para trás e deu risada.

— Não, Johnny, você é cem por cento fruto dos meus espermatozoides.

— E dos meus óvulos — minha mãe acrescentou com um sorrisinho.

— Você só custou uma pequena fortuna pra ser produzido em um laboratório — ele acrescentou, ainda rindo sozinho.

— Valeu cada centavo. — Minha mãe deu uma piscadela. — Nosso bebezinho de proveta.

Mas que porra...

— Que coisa mais horrenda vocês me dizerem isso — falei, indignado. — Vocês fazem parecer que eles me cozinharam em um micro-ondas e me venderam em um beco escuso! — Eles riram como se meu humilde embrião fosse uma grande piada. — Sabem de uma coisa? — bufei. — Eu preferia ser *adotado*.

— O ponto a que queremos chegar, Johnny... — meu pai disse, se esforçando para ficar sério e parar de gargalhar. — É que temos experiência com o conselho tutelar.

— E queremos acolher Shannon e os irmãos dela — minha mãe falou de uma vez. — Fomos aprovados. — Ela pegou um envelope no balcão e o ofereceu para mim. — Chegou hoje de manhã.

— Mais tato, amor — meu pai grunhiu, levando as mãos à cabeça. — Em situações sensíveis, você tem que usar um pouco mais de tato.

— Vocês querem acolher Shannon? — perguntei, absolutamente perplexo.

— Isso — minha mãe respondeu na mesma hora. — E Ollie, Sean, Tadhg e Joey.

— O qu... — Balancei a cabeça, tentando entender. — Quando vocês planejaram isso?

— Em março — ela falou.

— Não, a gente conversou sobre isso em março.

— A gente se inscreveu em março — ela o corrigiu. — No dia seguinte ao que encontrei Shannon e Joey na nossa casa.

— E vocês não me contaram? — perguntei. — Por que vocês não me *contaram*?

— A gente não queria que você ficasse esperançoso. O processo é longo e não sabíamos se seríamos aprovados, dado nosso estágio na vida e na nossa carreira — meu pai explicou.

— Vocês têm quarenta e seis e quarenta e nove anos. Não são idosos.

— Também não queríamos que você contasse pra Shannon — meu pai acrescentou.

— Por que vocês não iam *querer* isso? — perguntei boquiaberto.

— Porque este é um assunto complicado — meu pai respondeu. — Temos que seguir um protocolo, filho. Não podemos só entrar na casa deles e levar todo mundo embora... — Ele fez uma pausa e me lançou um olhar reflexivo. — Bem,

nós não podemos — ele esclareceu, gesticulando para si e para minha mãe.

Minhas bochechas esquentaram e dei de ombros.

— Não me arrependo de nada.

— E não há do que se arrepender, meu bem — minha mãe disse, esticando o braço para dar tapinhas na minha mão. — Eu teria feito exatamente a mesma coisa na sua posição.

— Meu Deus, Edel — meu pai murmurou. — Me dá pelo menos uma chance de botar o rapaz no caminho certo.

— Bem, mas é verdade — ela bufou. — É simples assim, amor.

Balançando a cabeça, meu pai voltou a atenção para mim.

— Está tudo em ordem, filho. Mas não vamos mexer um dedo a não ser que você esteja cem por cento nessa com a gente.

— O que significa mexer o dedo? — Encarei-o desconfiado. — O que estão planejando?

— Há um caso grave de negligência naquela casa — ele explicou. — O que configura abuso infantil flagrante e sua mãe não está disposta a fazer vista grossa pra isso, nem eu. Então, se eu tiver que jogar sujo pra provar e tirar as crianças daquele ambiente, é exatamente isso o que vou fazer.

— Nossa, você está falando sério mesmo — murmurei.

— Muito sério — minha mãe comentou. — Eles são vítimas de trauma. Aquelas crianças precisam de uma família. Precisam de tutores *saudáveis* e um ambiente estável, onde suas necessidades sejam atendidas sem que elas tenham medo de alguma reação ou abuso emocional. Elas precisam ter a

oportunidade de simplesmente serem *crianças*. A mãe delas não pode fazer isso e o sistema não pode prometer que vai manter todos juntos, mas *nós podemos*.

— Mas, como eu disse, essa decisão também é sua — meu pai observou. — Não vamos fazer nada sem o seu consentimento.

— Vocês não precisam do meu consentimento — falei com a voz carregada de emoção. — Eu quero ela... e não estou falando de sexo, nem nenhuma merda adolescente que você esteja pensando, mãe — acrescentei depressa. — Eu quero ela. Preciso que ela fique segura.

Ela soltou um suspiro pesado.

— Eu sei, Johnny, meu amor...

— Não, você não sabe. Eu amo aquela garota. Tipo, eu *realmente amo* ela pra caralho e não consigo viver sabendo que ela está naquela casa agora. Eu perco o sono me preocupando com ela. — Dando um suspiro trêmulo, eu disse: — Recebi uma ligação de Dennehy hoje. Eles vão vir me ver no sábado. É bem provável que até o fim da semana eu saiba se estou dentro ou não...

— O quê? — minha mãe falou de olhos arregalados. — Ah, meu Deus.

— Que notícia maravilhosa, Johnny! — meu pai disse, radiante. — Estou tão orgulhoso de você...

— Não, pai. Não é uma notícia maravilhosa. É aterrorizante — confessei, frustrado. — Passei *meses* morrendo de preocupação me perguntando como é que eu poderia deixar ela se fosse convocado — admiti bruscamente. — E agora que

está acontecendo, agora que só falta um mês, eu sei que não vou conseguir.

Meu pai franziu o cenho.

— O que está dizendo, Johnny?

— Estou dizendo que não posso deixar ela naquela casa, pai. Não com aquela mulher, e não com ele solto por aí. Não *posso* passar um mês longe sem saber se ela está segura ou não. Então, se existe uma chance de tirar ela daquele lugar, eu aceito. — Olhei para os meus pais. — Salvem ela. — Engolindo em seco com força, acrescentei: — Salvem todos eles.

Os olhos da minha mãe cintilaram de ternura quando ela disse:

— Pode deixar, meu amor.

— Eu não posso *não* contar isso pra Shannon — avisei. — Não guardamos segredos um pro outro.

— Não estamos te pedindo pra guardar nenhum segredo dela, filho — meu pai falou. — Sabemos que você é um péssimo mentiroso.

— O segredo duraria uma hora, se tanto — minha mãe concordou, sorrindo para o meu pai.

Encarei os dois.

— Não sou tão ruim assim.

Eles sorriram para mim.

— Não sou — repeti. — Posso mentir muito bem.

— Muito mal — minha mãe disse.

— Você é um livro aberto, Johnny — meu pai falou, rindo. — É bom ser assim.

— Não, não, não, eu enganei você várias vezes com meu adutor — argumentei. — Além dos médicos, treinadores e metade da Academia. — Os olhos da minha mãe se estreitaram e eu soube que tinha dado um tiro no meu próprio pé. — É, esse foi um péssimo exemplo — murmurei timidamente. *Eu sou um burro*. — Esqueçam tudo o que eu disse.

— Você só estava mentindo pra si mesmo, filho — meu pai disse. — E só estava se machucando com essa mentira.

Curvei os ombros e assenti, derrotado.

— É, eu sei.

— Eu queria que Shannon viesse jantar com a gente hoje pra podermos conversar com ela — minha mãe falou, felizmente desviando a conversa das minhas mentiras nada estelares. — A gente queria perguntar pra ela como se sentiria com a possibilidade de vir morar conosco.

Eu não sabia o que Shannon acharia disso, mas eu estava *eufórico*.

— Mas vai ser um processo lento — meu pai explicou, sempre sendo a voz da razão da casa. — Não se deixem levar pela emoção, gente. Não vai acontecer do dia pra noite e eles podem não *querer* ficar com a gente. Há muitos obstáculos legais a serem superados antes de chegarmos perto de cruzar essa ponte, então mantenham a calma. — Ele lançou um olhar compreensivo para a minha mãe. — E não se comportem feito tratores.

63

VAI DORMIR

Shannon

Quando minha mãe chegou do trabalho e Darren e eu explicamos o que tinha acontecido na escola, ela colapsou no chão, chorando e se lamentando. Depois de passar alguns minutos vendo meu irmão tentando consolá-la, eu apenas dei a volta neles e subi para o quarto.

Eu não aguentava mais ela, percebi. A paciência que eu costumava ter se esgotava rapidamente e, toda vez que ela chorava, eu só queria gritar. Eu sabia que isso era ruim e me tornava uma pessoa terrível, mas eu não conseguia evitar. Eu mal conseguia tolerar estar no mesmo cômodo que ela.

Patricia chegou em casa um pouco depois das seis horas e a essa altura Darren já tinha conseguido fazer com que ela se recompusesse. Ela fez todas as suas perguntas, preencheu todos

os seus formulários, estalou a língua, bateu os saltos e saiu logo depois.

Entorpecida, voltei para o quarto com o celular na mão e rezando pelo meu irmão. Aoife me mandou mensagem pelo menos trinta vezes durante a noite pedindo atualizações e toda vez que eu respondia com um "nada ainda", um pedacinho de mim morria. Quando as dez horas chegaram e passaram, a ansiedade que eu estava sentindo a noite toda disparou a ponto de eu não conseguir mover um músculo.

O sr. Kavanagh tinha falado dez horas.

Já eram quase onze e eu ainda estava sentada na cama encarando o relógio, esperando que ele voltasse.

Ouvi uma chave girando na fechadura e pulei da cama. Peguei o celular e digitei uma mensagem rápida para Aoife.

S: Ele voltou.

A: Graças a Deus... estou a caminho.

Atirei o celular na cama e disparei à toda pelo corredor e pelas escadas. Assim que meus olhos pousaram em Joey fechando a porta, uma enorme onda de alívio me tomou. Dominada pelas emoções, tropecei nos últimos três degraus e joguei os braços ao redor dele.

— Você voltou! — Pressionei a bochecha em suas costas e soltei um suspiro trêmulo. — Graças a Deus.

— Está tudo bem, Shan — ele murmurou, falando um pouco arrastado. Ele deu tapinhas na minha mão e manteve a cabeça baixa enquanto se desvencilhava de mim e seguia para a cozinha. — Tudo certo.

— Espera... — Peguei sua mão e o puxei para trás. — Olha pra mim.

Ele não me olhou.

O medo desceu pela minha coluna.

— Joey. — Apertei sua mão com mais força. — Olha pra mim.

Ele se virou relutantemente e meu coração murchou.

— Joe. — Segurando-o firme, encarei seus olhos vermelhos desesperada. — *Por quê?*

— Não enche meu saco, Shan — Joey grunhiu, afastando a mão e passando-a pelo cabelo. — Estou bem. — Ele balançou a cabeça, se virou e marchou para a cozinha, ignorando minha mãe e Darren sentados na mesa.

— Joey! — minha mãe exclamou, surpresa. — Ah, graças a Deus.

— Mãe — ele falou sarcasticamente. — Você está bem?

Darren se levantou de uma vez e se aproximou, puxando nosso irmão para um abraço apertado. Joey permaneceu rígido o tempo todo, com os punhos cerrados, sem abraçá-lo de volta. Darren se afastou e franziu o cenho.

— Qual o seu problema? Por que está tremendo? — Darren colocou a mão na bochecha dele e inspecionou seus olhos antes de soltar um rosnado. — Puta merda, Joey! — Furioso, ele o empurrou e ficou andando de um lado para o outro. — Qual é o seu problema?

— Tem alguma coisa errada? — minha mãe perguntou.

— Se tem alguma coisa *errada*? — Darren se virou para ela. — Seu filho voltou a usar drogas!

Ela arregalou os olhos.

— O q-quê?

Joey balançou a cabeça e foi até a geladeira, pegando a costumeira latinha de coca-cola e um pacote de presunto para preparar um sanduíche, ignorando Darren e nossa mãe.

— É verdade? — ela perguntou, ficando de pé. — Joey?

— Não voltei a usar drogas — Joey grunhiu.

— É, porque você nunca *parou*, né? — Darren falou.

Joey revirou os olhos.

— Vocês estão exagerando.

— Você está chapado *de novo* — Darren cuspiu.

— E você está sendo um babaca de novo — Joey retorquiu.

— O que você está *fazendo*, Joey? — minha mãe sibilou, avançando para ele. Ela arrancou a latinha da mão dele, a colocou no balcão e balançou a cabeça. — Por que botou essa coisa de novo no seu corpo?

— Olha quem fala — ele disse, soltando uma risada forçada. — Se afogando de Prozac e Valium.

— *Prescritos* por um médico — ela disse. — Não pelos bandidos do bairro.

— Está tudo bem, mãe. — Ele revirou os olhos de novo. — Que seja.

— Foi Shane Holland? — ela rosnou. — Ele está na área de novo?

— Meu Deus, por que quer saber? Saiam do meu pé — Joey resmungou.

— Não vamos sair do seu pé — Darren latiu. — Você voltou a usar drogas, foi expulso da escola, saiu do time de

hurling... — Ele parou de falar e ergueu as mãos. — Você está acabando com a sua vida!

— Eu não tenho uma vida! — Joey rugiu, abaixando o pacote de presunto que estava tentando abrir. — Nunca tive.

— Bem, tendo vida ou não, se continuar assim, você vai acabar se transformando nele — Darren falou. — Vai se tornar a coisa que você mais odeia no mundo.

— Darren, cale a boca! — Engoli o nó na garganta e disparei para ele. — Joey, está tudo bem. — Eu estava observando sua espiral descendente e me senti mais impotente do que quando nosso pai vagava pela casa. — Não liga pra ele, está bem? Não é verdade. Você vai ficar bem...

— Para de dizer isso, Shannon! — ele berrou com o rosto vermelho. — Não está nada bem. *Nada*! — Ele passou a mão pelo cabelo, frustrado, e soltou outra risada forçada. — Sabe, fiquei sentado naquela cela por horas pensando *como* foi que isso foi acontecer comigo... — Sua voz falhou e ele soltou um suspiro trêmulo antes de continuar. — Como foi que acabei assim... todo cagado da cabeça... daí eu te liguei — ele acrescentou com os lábios tremendo, olhando fixamente para a nossa mãe. — Eu te liguei pra te pedir ajuda e você *não* atendeu. — Uma lágrima solitária escorreu pela sua bochecha. — E então entendi. Falei pra mim mesmo: *é por isso*. Foi assim que virei isso. — Fungando, ele disse, encarando nossa mãe: — Porque você me *quebrou*!

Ela engoliu um soluço.

— Não é verdade. — Balançando a cabeça, ela sibilou: — Retira o que disse.

— Você ferrou a minha cabeça muito mais que *ele* — Joey rugiu na cara dela. — Ele me machucou, mas você me *destruiu*. Ele usava os punhos, e você? — Joey bateu os dedos na têmpora. — Você entrou na minha *cabeça*. Você *estragou* a minha mente. Eu não funciono mais direito porque a sua voz está aqui dentro. Só consigo ouvir você chorando e me implorando pra te ajudar. Toda vez que fecho os olhos, você está lá. Na minha cabeça. Chorando. Implorando. Gritando "Me salva, Joey, me salva!". Mas eu nunca fui capaz de te salvar, mãe. Eu nunca pude te salvar porque você não *queria* que eu te salvasse! Você *queria* que ele estivesse aqui! Você *queria* que tudo isso acontecesse...

Minha mãe foi tão rápida que Joey nem teve chance de reagir antes que ela lhe desse um tapa na cara.

— Não ouse me culpar! — ela falou. — Eu fiz tudo o que pude por você e pelos seus irmãos.

— Você fez tudo o que pôde por *ele* — Joey sibilou. — Você não pode mentir pra mim, esqueceu? Eu vejo através de você...

Ela bateu nele de novo, dessa vez com mais força, com tanta força que a cabeça de Joey girou com o impacto.

— Mãe! — Darren berrou. — O que você está *fazendo*? Não bate nele.

Congelei, mal conseguindo respirar, aguardando aterrorizada para saber o que aconteceria a seguir.

Se afasta, Joe, implorei na minha mente. *Só se afasta*.

— E você diz que sou *eu* que estou me transformando nele? — Joey perguntou em um tom mortalmente baixo. —

Não vou mais viver assim. — Balançando a cabeça, ele saiu da cozinha e subiu três degraus de uma vez. — Chega!

— Joey, para... espera, *espera*! — Saí correndo atrás dele e parei na porta do quarto quando o vi atirando as roupas dentro de uma mala. — O que está fazendo?

— Não posso mais ficar aqui — foi tudo o que ele disse, com uma voz que mal era um sussurro, enquanto abria gavetas e pegava peças aleatórias. Lágrimas desciam pelas suas bochechas conforme ele enchia a mala. — Desculpa. — Ele fechou os olhos, estremeceu e continuou. — Eu vou explodir se ficar nesta casa.

— Você está falando dessa noite? — perguntei tremendo. — Você vai pra casa da Aoife e volta amanhã, né?

Ele não me respondeu.

— Joey, por favor...

— Me *desculpa* — ele repetiu, enfiando umas meias na mala antes de fechá-la. — Eu tentei, mas não *aguento* mais!

— Joey, por favor! — Desesperada, agarrei sua manga e tentei impedi-lo. — E eu?

— E *eu*? — ele rugiu na minha cara, com os olhos verdes cheios de lágrimas. Ele soltou um enorme soluço e sua voz falhou. — E *eu*, Shannon? — Ele colocou a mochila no ombro, fungou e limpou os olhos com o dorso da mão antes de passar por mim. — E *eu*?

— Eu te amo! — gritei, rouca. — Eu te *amo*. Eu te amo tanto, Joe! — As lágrimas nublaram minha visão e eu as pisquei. — Eu me importo com você. Você é importante pra *mim*. A gente vai resolver isso — choraminguei, agarrando seu

moletom e o puxando para mim. — Podemos lidar com isso juntos. Você não precisa...

— Escuta. — Ele respirou fundo para se acalmar e fechou os olhos, e eu fiquei vendo as lágrimas caírem dos seus cílios. — Preciso que você *se* cuide, está bem? Preciso que você faça isso por mim. — Ele segurou minha nuca, deu um passo para a frente e beijou minha testa. — Não conta com ela nem Darren nem ninguém, porque, no fim, o mundo vai te decepcionar. Todos *eles* vão te decepcionar.

— E você? — perguntei, sentindo as lágrimas correndo livremente pelas minhas bochechas. — Você também vai me decepcionar?

— Especialmente eu — ele admitiu, me deixando para trás e seguindo para as escadas.

— Pra onde você está indo? — Tadhg perguntou. Me virei e vi ele e Ollie parados na porta do quarto deles. — Ele está abandonando a gente?

— Pra sempre? — Ollie sussurrou com os olhinhos cintilando de lágrimas. — Mas ele não pode ir.

Enxuguei o rosto e corri para a escada, desesperada para impedir que meu irmão fosse embora.

— Joey, não vá!

— Joey, pensa melhor — Darren estava dizendo quando cheguei lá embaixo. Ele estava na frente da porta, bloqueando a saída. — Não sai às pressas desse jeito. Vai dormir e podemos conversar de manhã, com a cuca fresca.

— Não consigo, Darren — Joey falou. — Sai daí.

— Joey, não... fala comigo.

— Sai daí, Darren — Joey repetiu, tremendo. — Agora.

Arrasada, olhei em volta e vi minha mãe na cozinha. Ela estava sentada na cadeira de sempre com um cigarro na mão.

— Faz alguma coisa — implorei do corredor. — Mãe, diz alguma coisa. *Por favor*. Impede ele!

Ela olhou reto para mim, como se eu nem estivesse lá.

— Joey, não vá — Ollie implorou, descendo as escadas. — Por favor.

— Você prometeu — Tadhg chorou com força. — Você prometeu que não nos abandonaria!

— O-ee — Sean choramingou, descendo as escadas de bunda. — O-ee!

Joey estremeceu de novo e ele abaixou a cabeça.

— Me desculpem.

— *Fica*, Joey — Darren sussurrou. — Não posso fazer isso sem você.

Ele ergueu a cabeça e olhou para Darren.

— Você vai ter que fazer. — Joey o empurrou para o lado e abriu a porta. — Não decepciona eles.

No minuto em que a porta bateu atrás de Joey, nossos irmãos mais novos começaram a gritar e chorar tão alto que não consegui ouvir o que Darren estava dizendo para consolá-los e levá-los de volta para cima.

Tomada pelo pânico, corri para a porta, me recusando a deixar que isso acontecesse — me recusando a vê-lo ir embora. Abri a porta de uma vez e corri para fora apenas para tropeçar nas minhas próprias pernas quando meus olhos pousaram em Aoife. O carro dela estava estacionado do outro lado da nossa

casa e ela estava de pijama, encostada na porta do motorista, bloqueando o caminho de Joey.

— Você ia embora sem falar comigo? — ela perguntou com a voz rouca enquanto seu cabelo loiro e comprido se agitava sobre o seu rosto. — Eu não valho nem uma despedida, porra?

Joey pareceu devastado parado diante dela, com a mochila nas costas e a cabeça baixa.

— Olha pra mim! — ela gritou. — Puta merda, Joey Lynch, é melhor você olhar pra mim!

— Aoife, por favor — ele sussurrou, balançando a cabeça. — Só me deixa *ir*.

— Não posso — ela chorou, fungando. — Não *vou* te deixar!

— Não tenho *nada* pra te dar! — ele rugiu. — Não sou bom pra você. Por que não consegue enfiar isso na sua cabeça?

— Eu não ligo pra essas coisas, Joey — ela disse, envolvendo os braços na cintura dele. — Eu só quero você.

— Eu não aguento mais, Aoife. — Balançando a cabeça, ele ergueu as mãos. — Não aguento mais te arrastar pra baixo comigo.

— Por favor...

— Não consigo. — Fungando, ele se afastou dela. — Me desculpa — ele sussurrou, dando a volta nela.

— Não vá embora — ela gritou atrás dele. — *Por favor*. Por favor, não vá. Joey! *Joey*! Eu te amo!

— Eu sei — ele disse sem olhar para trás. — E isso não é *bom*.

— Joey, eu preciso de você...

— Não precisa. Você tem que me deixar ir, Aoife — ele falou. — É isso que você precisa fazer.

— Mas e o...

— Vai pra casa e não volta aqui. Faz um favor pra você mesma e me esquece!

Fiquei observando horrorizada as pernas de Aoife cederem. Ela caiu no chão, colocou as mãos no cabelo e gritou:

— Volta!

Entorpecida, disparei até ela e me ajoelhei ao seu lado.

— Sinto muito. — Eu a abracei com força. — Sinto muito.

Ela enterrou o rosto no meu pescoço e chorou com força, tremendo tanto que fiquei com medo de ela ter uma convulsão.

— Faz ele voltar — ela implorou, abraçando a barriga. — Por favor! Eu preciso dele.

Eu também...

— Shhh. — Afastei o cabelo do seu rosto e a abracei com firmeza, repetindo no seu ouvido: — Está tudo bem.

Mas eu estava mentindo.

Porque, enquanto meu irmão desaparecia de vista, eu sabia que nada ficaria *bem* de novo.

— Vou procurar ele — Darren falou baixinho, sem que eu percebesse que ele estava ali fora. Com a chave do carro na mão, ele contornou o muro do jardim e foi até seu Volvo. — Você devia entrar, Shan. — Ele abriu a porta e acrescentou: — E você devia ir pra casa, Aoife.

— Por favor, encontra ele, Darren — falei.

— Pode deixar — ele respondeu, entrando no carro e fechando a porta.

Fungando, Aoife ficou de pé devagar. Fiquei olhando-a bater a sujeira da calça do pijama peludo com movimentos rígidos e robóticos.

— Então eu vou — ela disse com a voz vazia. — Tchau, Shannon.

— Tchau, Aoife.

Sem dizer mais nada, ela entrou no seu velho e surrado opel corsa e se afastou.

Esperei Darren sair com seu Volvo antes de abaixar a cabeça nas minhas mãos bem ali no chão e me permitir chorar. Chorei com força, incapaz de me conter.

Chorei pelo meu lar disfuncional, pela minha família ferrada, pelos meus irmãos mais novos e principalmente por Joey, por se autodestruir daquele jeito e acabar com a única coisa boa que ele tinha na vida.

Pouco depois, ouvi o motor de um carro se aproximando e logo vi os faróis iluminando a rua escura. Quando ele parou na frente de casa, não consegui impedir uma centelha de esperança ganhando vida dentro de mim.

Fungando, enxuguei as bochechas com as mãos e me levantei.

— Joey? — falei, tentando ver quem estava atrás dos vidros escuros. — É você?

A porta do motorista se abriu e ele desceu, ostentando cabelos loiros e sorrisos.

Só que não era o cabelo de Joey, não era o sorriso de Joey.

Não...

— Oi, Shannon.

O ar deixou meus pulmões em um suspiro dolorido e me encolhi, sentindo o coração parar dentro do peito antes de recomeçar a bater violentamente.

— N-não. — Balancei a cabeça, dando alguns passos para trás para então tropeçar e cair no chão. — Você n-não pode e-estar aqui.

Meu pai pisou no jardim e avançou na minha direção.

— Eu moro aqui, lembra?

O medo explodiu no meu peito, paralisando meus membros e me prendendo no lugar.

— Vem. — Ele parou na minha frente, me encarou com os olhos vermelhos, oscilando de um lado para o outro, e sorriu. — Me dá sua mão — ele disse, esticando o braço. — Você devia estar na cama. — O cheiro de uísque atingiu meus sentidos como uma onda gigante, trazendo consigo um tsunami de sofrimento e lembranças. — Vou te ajudar.

Ele voltou para acabar com você.

Você devia ter ficado de boca fechada.

Foge agora, Shannon!

Acordei do torpor, fiquei de quatro e meio que rastejei, meio que cambaleei em direção à porta da frente, com o coração batendo tão forte que doía.

— Socorro! — gritei, batendo a mão na maçaneta e caindo no corredor de quatro. — Mãe — berrei, ofegando por ar enquanto minha pele se arrepiava com o pavor familiar. — Mãe!

— O que foi? — Ela saiu da cozinha e parou ao ver quem estava atrás de mim. — Ah, meu Deus. — Ela levou a mão ao peito e recuou.

— Oi, Marie.

— Mãe... — Tremendo ferozmente, rastejei pelo chão e agarrei sua perna. — Mãe!

— Teddy... — ela falou, tremendo tanto quanto eu. — Você não pode estar aqui.

Ele ergueu as mãos.

— Só quero falar com você. — Ele deu um passo para dentro, se desequilibrando um pouco. — Não vou mais te machucar, querida.

Ele está mentindo.

Balancei a cabeça.

— Mãe, não ouve ele!

— Você precisa ir embora — ela disse, caminhando para trás e me levando junto consigo. — Você precisa ir embora agora.

— Marie... — ele falou naquele seu tom persuasivo, com a voz arrastada. — Somos uma família — Ele fechou a porta e a trancou. — Precisamos ficar juntos.

— Não. — Ela sacodiu a cabeça. — Não, não, você precisa ir agora.

— As crianças estão na cama? — ele perguntou, ignorando-a, enfiando a chave da casa no bolso. — Que bom! — Ele deu outro passo na nossa direção. — É melhor elas estarem dormindo.

— Teddy... — A voz dela falhou. — Por favor, não...

— Está tudo bem, Marie. Vamos ficar juntos de novo.

Isto é ruim, Shannon.

Isto é muito ruim.

Você precisa sair daí.

Sai daí.

Foge...

Soltei as pernas da minha mãe e disparei para a escada com cada centímetro do meu corpo tenso em uma ansiedade temerosa.

— Boa garota, Shannon. Não vou te machucar — meu pai disse. — Vá pra cama agora e feche os olhos. Tudo vai estar melhor de manhã.

Decidi fugir em vez de ficar e esperar que ele mudasse de ideia e subi as escadas o mais rápido que minhas pernas conseguiam se mover.

— O que está acontecendo? — Tadhg perguntou, saindo do quarto. — Shan...

— Tranca a porta. Ele voltou.

Os olhos dele se arregalaram de pavor.

— O q-quê?

— Tranca a porra da porta, Tadhg! — gritei. — Não estou brincando.

Ele correu de volta para o quarto e fechou a porta.

Respirando com dificuldade, disparei para o meu quarto e também fechei a porta. Girei a fechadura e olhei em volta freneticamente enquanto o pânico contorcia minhas entranhas. Acionando o instinto de sobrevivência, fui até a cômoda e a empurrei com toda a minha força até que ela estivesse

bloqueando a porta. Frenética, arrastei minha mesinha de cabeceira também.

Ele ainda estava lá.

Eu podia ouvir a voz dele.

Eu podia ouvir a voz *dela*.

Eles não estavam gritando nem berrando.

Estavam *conversando*.

Por que eles estavam *conversando?*

Fiquei agitada, tentando recuperar o fôlego, mas não estava conseguindo. Fui até a cama, me enfiei debaixo das cobertas e cobri a cabeça com o edredom. Então ouvi algo caindo no chão e fiquei tensa.

Meu celular.

Tremendo, afastei o edredom e o peguei. Nem pensei no que estava fazendo quando liguei para ele. Era como se eu estivesse agindo por instinto. Pressionei "ligar", coloquei o aparelho na orelha e prendi a respiração.

— Gibs — Johnny falou com uma voz sonolenta do outro lado da linha, trazendo consigo um tsunami de alívio. — Se não for uma emergência, vou torcer seu maldito pescoço.

— O-oi, Johnny.

— Shannon? — Ele suavizou a voz. — Você está bem?

Balancei a cabeça e me levantei, sem conseguir ficar parada.

— Não.

— Qual o problema? — ele perguntou, preocupado. — O que está acontecendo?

Eu não conseguia falar.

Não conseguia dizer em voz alta.

— Fala comigo, Shan. O que houve?

— Ele está aqui. Está lá embaixo e estou com medo.

— Como assim?

— Meu pai — falei. — Ele está aqui em casa, Johnny.

— Você consegue sair?

— Não. — Sacudi a cabeça e contive um soluço. — Ele está na cozinha. Não posso voltar lá pra baixo.

— Estou a caminho — ele respondeu sem hesitar. — Vou agora mesmo.

— Desculpa — sussurrei, me afundando na cama.

— Não precisa se desculpar. Você está segura? Está no seu quarto?

— Sim. Minha porta está trancada.

— Estou entrando no carro, Shan. Vou o mais rápido que conseguir.

— Eles não estão gritando. Por que não estão gritando?

— Não sei, amor. Mas eu estou indo.

— Tem alguma coisa errada — falei. — Ele está *diferente*. Não sei o que está acontecendo, Johnny, mas tem algo muito errado. Posso sentir na minha pele.

— Estou indo pra te tirar daí, prometo. Eu vou te tirar desse buraco e você nunca mais vai voltar.

— Johnny, estou com muito medo.

— Eu sei — ele disse. — Eu sei, amor, mas estou indo. — Ele deu um suspiro pesado. — Shannon, te amo.

— Também te amo, Johnny — sussurrei, desligando a ligação.

Eu sabia que era egoísta ligar para ele no meio da noite e o arrancar da cama, mas eu sinceramente não aguentava mais. Eu me sentia à beira de algo que eu não tinha certeza se conseguiria me recuperar.

Eu estava com medo de morrer naquela casa.

Prendi o fôlego, sem ousar respirar alto demais, prestando atenção ao som mortalmente calmo da voz do meu pai.

Por que ele não estava gritando?

Por que *ela* não estava gritando?

Ah, meu Deus, eu não aguentava mais.

Eu não podia mais ficar naquela casa.

Precisava de uma *saída*.

Contei os tinta e três minutos que eu sabia que ele levaria da casa dele até a minha, e, quando ele não chegou na hora esperada, o pânico dentro de mim virou um medo do tamanho de um monstro, que dominou meus pulmões e tornou difícil respirar.

Inquieta, passei a mão pelo cabelo pelo menos uma dúzia de vezes antes de desistir e fazer uma trança que descia pelo meu ombro direito.

Ouvi passos na escada e me encolhi.

Vem logo.

Por favor, vem logo.

Coloquei os tênis, me inclinei contra a janela do quarto segurando a respiração e olhei para a rua.

Quanto mais o tempo passava e quanto mais alto o barulho lá embaixo ficava, mais paranoica eu me tornava.

Quando vi os familiares faróis na rua, minha respiração estava toda irregular.

Alguém bateu na porta do quarto e meu corpo instintivamente foi dominado pelo pavor.

— Você está na cama, Shannon? — meu pai perguntou do outro lado.

Encarei a porta da janela com olhos selvagens e desesperados.

— Sim — consegui dizer, mas era difícil respirar com o pânico me consumindo daquele jeito.

— Boa menina — ele respondeu, então ouvi algo se derramando no chão. — Vai dormir agora, Shannon. — O cheiro de álcool se infiltrou sob a porta e o terror rasgou meu peito. — Seus irmãos também estão dormindo. Só fecha os olhos e tudo vai ser melhor de manhã.

— Está bem — eu disse, tremendo da cabeça aos pés, abrindo a janela do quarto e subindo no parapeito. — B-boa noite, pai.

64

TIRA ELES DE LÁ

Johnny

Acordei assustado e permaneci perfeitamente imóvel, prestando atenção no barulho que com certeza tinha me despertado. Alguns segundos depois, ouvi o som familiar de algo vibrando. Me virei, procurando o celular, aceitei a ligação e levei o aparelho ao ouvido.

— Gibs, se não for uma emergência, vou torcer o seu maldito pescoço.

— O-oi, Johnny.

Assim que ouvi a voz de Shannon, fiquei instantaneamente alerta.

— Shannon? — Me ergui sobre os cotovelos, passei a mão pelo cabelo e pisquei para acordar. Olhei para o alarme na minha mesinha de cabeceira. Era 1h23.

— Você está bem?

— Não — ela falou com uma voz tão baixa que mal a ouvi.

— Qual o problema? O que está acontecendo? — Ouvi alguns ruídos do outro lado da linha e afastei as cobertas. — Fala comigo, Shan — eu disse com a voz ainda grossa de sono, enquanto vasculhava a escuridão em busca das minhas roupas. — Hein?

— Ele está aqui — ela falou, assustada. — Ele está lá embaixo e estou com medo.

— Como assim?

— Meu pai. Ele está aqui em casa, Johnny.

Puta merda.

— Você consegue sair?

— Não. Ele está na cozinha. Não posso voltar lá pra baixo.

Merda.

— Estou a caminho — respondi, pegando a chave do carro na mesa e indo para a porta. — Vou agora mesmo.

— Desculpa.

— Não precisa se desculpar. — Desci as escadas e disparei pelo corredor. — Você está segura? — Atravessei a cozinha na direção da lavanderia e saí pela porta dos fundos. — Está no seu quarto?

Por favor, me diz que está no seu quarto...

— Sim. Minha porta está trancada.

Graças a Deus.

— Estou entrando no carro, Shan — falei, destravando o carro e entrando. Equilibrei o celular entre a orelha e o ombro, virei a chave na ignição e dei partida, cantando pneu. — Vou o mais rápido que conseguir.

— Eles não estão gritando — ela disse, e o terror que ouvi na sua voz era paralisante. — Por que não estão gritando?

— Não sei, baby. Mas eu estou indo.

— Tem alguma coisa errada — ela falou baixinho. — Ele está *diferente*. Não sei o que está acontecendo, Johnny, mas tem algo muito errado. Posso sentir nos meus ossos.

— Estou indo pra te tirar daí — sibilei, me esforçando para conter a fúria. — Prometo. Eu vou te tirar desse buraco e você nunca mais vai voltar.

— Johnny, estou com muito medo.

— Eu sei. — Segurando o volante com uma das mãos, puxei o cinto de segurança sobre o peito com a outra e o prendi. — Eu sei, baby, mas estou indo. — Agarrei o volante e senti uma vontade desesperada de lhe dizer que eu a amava. Uma vozinha dentro da minha cabeça gritava "Faz isso agora, porque você pode não ter outra chance". — Shannon, te amo.

— Também te amo, Johnny — ela sussurrou, encerrando a ligação.

— Porra!

Bati a mão no volante e dirigi feito um louco até a casa dela.

Quando parei na frente da casa de Shannon meia hora mais tarde e desci do carro, minhas mãos não paravam de tremer. Totalmente enfurecido, segui pelo caminho coberto pelo mato com toda a intenção de chutar a porra da porta para tirar minha namorada daquela casa.

— Johnny? — Ouvi a voz de Shannon e recuei, olhando para a janela do quarto dela no segundo andar.

Meu Deus.

— Ei, ei, ei... — Ergui as mãos com o coração disparado. — Não sai daí, baby — avisei, observando-a com o coração na boca enquanto ela subia no parapeito da janela e se abaixava naquela varanda de merda. Eu sabia que era uma merda porque quase quebrei o pescoço subindo ali. Shannon estava com um short de pijama azul-marinho e um colete e tinha um par de tênis surrados nos pezinhos. Não estava de moletom. Nem jaqueta. Nada. — Volta pra dentro — pedi, desesperado de vê-la se arriscando assim. — Eu vou entrar pra te buscar.

— Não *posso*. — Ela balançou a cabeça e continuou avançando de bunda até a beirada da varanda. — Ele trancou a porta.

— Joga as suas chaves pra mim. Não desce daí...

— Não, não, não, você não está entendendo — ela sussurrou. — Ele está muito estranho, Johnny e não quero que ele saiba que estou saindo. Só me pega, está bem?

Puta merda.

— Shannon, você vai se machucar — falei, completamente em pânico. — Você não vai conseguir descer daí, amor. Você é pequena demais.

— Não chega perto da porta, Johnny — ela implorou quando tentei fazer exatamente isso. — Por favor! Só... me segura, está bem?

Furioso, contive um rosnado e fui até a beira do caminho, me sentindo grato por ter quase dois metros de altura.

— Está bem. — Ergui os braços e estendi as mãos para ela, rezando para que ela tivesse a destreza de não tropeçar e quebrar o pescoço. — Devagar.

Ela se jogou da beira da varanda e entrei em pânico.

— Não pula — avisei. — Só abaixa as pernas e eu vou te pegar.

Felizmente, Shannon me ouviu e abaixou as pernas hesitantemente.

— Isso. — Agarrei suas pernas, segurando-as com firmeza e levantei a mão livre para ela. — Te peguei. Confia em mim...

Não tive chance de terminar a frase, porque ela literalmente se jogou.

Carreguei-a com facilidade, com o braço em torno das suas costas, e a coloquei no chão.

— Nunca mais faz isso comigo de novo — falei, respirando com dificuldade pelo quase ataque cardíaco que ela me provocou. — Você podia ter se matado.

— Desculpa — ela sussurrou, enterrando o rosto no meu peito. — Obrigada por vir.

— Onde está o Joey? — perguntei, conduzindo-a até o carro.

— Ele foi embora, Johnny — ela choramingou.

— E Darren?

— Foi procurar o Joey — ela fungou, se acomodando no banco do passageiro. — Está tudo um caos.

— Sua mãe está lá dentro com ele?

Ela fez que sim.

— Eu não pude fazer nada. Ele só... apareceu e ela ficou parada. Fiquei com tanto medo que saí correndo e larguei ela lá com ele.

— Que bom! — eu disse, aliviado por ela ter tido o bom senso de fugir.

— Não, não é nada bom — ela falou baixinho, parecendo confusa. — Isso não é nada bom. — Ela balançou a cabeça, pressionou os dedos nas têmporas e soltou um suspiro trêmulo. — Ele foi lá em cima ver se eu estava dormindo, tentando ser legal. — Ela olhou para mim de olhos arregalados e aterrorizados. — Não entendi o que está acontecendo.

— Onde estão os meninos?

— No quarto deles. — Ele abaixou a cabeça nas mãos e chorou. — Entrei em pânico. Eu devia ter levado eles pro quarto comigo, mas eu... não consegui pensar direito.

Meu Deus.

— Está bem. — Tentando manter a voz calma, peguei o celular no bolso. — Vou chamar a polícia. Ele não pode estar aqui. Eles vão prendê-lo...

— O q-quê? Não, Johnny, não... — Shannon sacudiu a cabeça e avançou para o meu celular. — Se ligar pra eles, eles vão levar a gente agora mesmo — ela falou, em pânico. — Vão me levar embora. — Lágrimas escorreram pelas suas bochechas. — Nunca mais vou te ver.

— Não vai acontecer isso. Ninguém vai te levar pra lugar nenhum...

— Você não entende. Você não sabe como esse sistema funciona, mas eu sei.

Fiquei parado, completamente perdido. O que diabos eu devia fazer? Eu não podia fechar os olhos para aquela situação.

— Shannon, não vou deixar ninguém te levar embora. Meus pais disseram que vão...

— Você não entende — ela me interrompeu, chorando. — Se a polícia vier, vão ligar pra Patricia e pros assistentes sociais. — Um enorme soluço atravessou seu corpo frágil. — Vamos ser retirados da casa e você não vai poder impedir. Ninguém vai.

— Você não pode viver assim, amor — falei, sentindo a raiva me dominar. — Isso tem que acabar.

— Eu sei. Só não sei o que fazer.

Soltando um grunhido baixo, passei a mão pelo cabelo e olhei para aquela casa.

— Olha, fica no carro, tranca as portas e me espera.

— Johnny...

— Fique aqui — falei, tentando manter o tom gentil. — Preciso pegar os meninos. Não posso deixar eles na casa com ele.

— Não! — Ela saiu do carro e agarrou minha camiseta. — Ele queria que a gente estivesse na cama. Se ele te vir, vai saber que te liguei... vai saber que não estou na cama... e não sei o que ele vai fazer. — Ela balançou a cabeça com força, segurando minha camiseta. — Ele está calmo agora, mas, se você entrar, ele pode machucar os meninos. Pode machucar *você*! Você não sabe do que ele é capaz, Johnny. Você não sabe!

Havia sinais de alerta por toda parte.

— Não vou deixar ele me ver — falei em um tom controlado. — Vou entrar escondido, pegar os meninos e ele não vai ver. Prometo. Não posso deixar eles naquela casa, Shannon.

Ela estava arrasada, me observando com um olhar suplicante.

— Então eu vou com você...

— Não vai, não — praticamente sibilei, conduzindo-a de volta para o banco do passageiro, sentindo o coração disparado só de imaginá-la perto daquele homem. — Fique no carro, baby — ordenei, fechando a porta antes que ela tivesse chance de responder e voltando para a casa.

Minhas mãos tremiam quando agarrei a lixeira e a arrastei silenciosamente até a varanda. Eu odiava altura, mas não tanto quanto odiava aquela maldita casa. Subi na lixeira e me ergui até a varanda, tentando não pensar no que estava fazendo e rezando para que Shannon tivesse o bom senso de ficar no carro. Agarrando o parapeito da janela, me arrastei para dentro do quarto, tomando cuidado para não fazer barulho. O fedor insuportável de uísque foi a primeira coisa que notei enquanto arrastava os móveis que ela havia empilhado contra a porta.

Bêbado do caralho.

Todos os meus instintos exigiam que eu descesse e arrancasse a cabeça dele, mas meu cérebro falava mais alto, gritando para que eu tirasse as crianças daquela casa e levasse Shannon para longe dali.

Controle-se, falei mentalmente enquanto abria caminho. *Seja esperto.*

Você não vai conseguir protegê-la se estiver na cela de uma prisão, Johnny.

Mantém a calma, porra.

Eles já sofreram o suficiente.

Tira eles daí!

Com o coração martelando dentro do meu peito, abri a porta do quarto e a empurrei devagar, estremecendo quando ela rangeu. O silêncio na casa era assustador e as vozes abafadas na cozinha me deixaram nervoso. Shannon estava certa. Havia algo muito errado ali. Passando por cima de uma poça de Deus sabe o que, eu me esgueirei pelo corredor apenas para congelar de terror quando meus olhos pousaram em Sean descendo os degraus de bunda.

Agindo por impulso, movido pelo instinto que gritava "Perigo!", sussurrei seu nome:

— Sean...

Ele parou na curva da escada e olhou para mim com os olhos arregalados e aterrorizados e, eu juro por Deus, meu coração se partiu completamente.

Abri o maior sorriso que consegui, acenei a mão e gesticulei para que ele voltasse. Pavor não chegava nem perto de descrever o que me tomou quando vi uma mancha molhada se espalhando pelas suas calças do pijama do Bob, o Construtor, enquanto ele obedientemente subia as escadas na minha direção. Quando olhei de novo, ele já estava todo molhado.

Ah, Meu Deus...

Ao chegar no corredor, ele só ficou me encarando com os cabelos encharcados, segurando um ursinho de pelúcia todo

esfarrapado, com os olhos arregalados e arrasados enquanto chupava três dedinhos.

— Oi, Sean — sussurrei, me agachando para ficar na sua altura e quase vomitando ao sentir o cheiro de uísque. — Lembra de mim? — perguntei, com os olhos lacrimejando por causa do fedor. — Sou o Johnny.

Ele me observou com aqueles grandes olhos solitários e fez que sim devagar.

— Quer dar uma volta comigo de novo? — perguntei, desesperado para tirá-lo daquele inferno. — Não acha que vai ser legal?

Calado feito um fantasma, ele fez que sim de novo.

— Bom menino... Vou te pegar no colo, está bem? — falei, estendendo os braços para ele. — Não vou te machucar. Sou seu amigo, lembra? Tenho um carro veloz e um monte de doces pra você... — Segurei Sean como se ele fosse uma bomba que pudesse detonar a qualquer minuto. *Meu Deus, ele estava ensopado*. — Bom trabalho, carinha — eu disse, quando ele me deixou carregá-lo. — Vou te levar pra sua irmã agora, está bem?

— O-ee.

Congelei, chocado ao ouvi-lo falar pela primeira vez.

— Hum, Sean? — sussurrei com o coração na boca. — O que você disse?

— O-ee! Bola — ele soltou, tocando meu rosto com seus dedinhos babados. — O-ee.

— Eu sei, cara, mas ele vai voltar logo. — Apoiei o menino no quadril e segui para a próxima porta, procurando os outros.

— Eu vou chamar ajuda. Vou levar vocês de novo pra minha casa, onde não tem ninguém bravo nem gritando, e você vai poder tomar um banho quentinho. Com um monte de bolhas e patinhos e tudo mais. E você vai ficar cheirosão.

— Papai mau! — ele sussurrou, fazendo carinho no meu queixo com seus dedos gordinhos.

— Eu sei, carinha. Mas não vou fazer nada disso com você.

— Papai pou — ele sussurrou. — Pou, pou, papai.

Mantém o controle, Kav.

Não perde a cabeça enquanto está carregando um bebê.

— Você gosta do Bob, o Construtor? — perguntei, nos distraindo do fato de que eu estava prestes a cometer sequestro. *De novo*. — Eu também. Adoro o Bob. Ele é o melhor...

— Vai embora! — uma voz familiar falou atrás de uma porta trancada no final do corredor, quando tentei abri-la. — Tenho uma faca.

— Tadhg — sussurrei. — Está tudo bem. Abra a porta.

— Quem está aí?

— Johnny. Não tenham medo, meninos. Eu vim tirar vocês daí.

— Eu quero ir — Ollie falou atrás da porta.

— Cala a boca, Ollie — Tadhg sibilou. — A gente não sabe se é mesmo ele.

— *É* ele — Ollie disse. — Ele tem aquela voz engraçada, Tadhg.

— Sou eu — falei, tentando ser paciente, quando tudo o que eu queria fazer era chutar aquela porta e arrastá-los dali.

— Eu vim buscar vocês, meninos, mas preciso que fiquem bem quietinhos. Conseguem fazer isso? Vocês podem cochichar.

Esperei um minuto inteiro antes de ouvir a porta sendo destrancada e duas cabecinhas loiras surgirem na fresta.

— Como você entrou aqui? — Tadhg sussurrou, me olhando com desconfiança.

— Shannon me ligou — respondi calmamente. — Sei que ele está lá embaixo na cozinha com a sua mãe e vim aqui buscar vocês.

— Posso ir? — Ollie perguntou, olhando para mim com uma expressão esperançosa.

— Claro — falei, emocionado. — Vim buscar todos vocês.

— Ollie! — Tadhg sussurrou. — E a mamãe?

— Não ligo — Ollie chorou, abrindo a porta e saindo para o corredor. — Não quero ficar aqui.

— Mas e a minha mãe? — Tadhg perguntou, me observando atentamente enquanto avaliava suas opções. — Ela também pode ir?

— Se ela quiser — me obriguei a dizer. — Mas primeiro tenho que levar vocês sem que seu pai nos veja, está bem? Depois eu volto pra buscar ela — acrescentei, tentando encontrar um jeito de tirá-lo daquele quarto. — Vou te levar pra casa da minha mãe e depois prometo que volto pra buscar a sua mãe.

Suas narinas dilataram.

— Sério?

Assenti.

— Sério.

Ele me encarou fixamente por um tempo.

— Sua mãe vai estar lá?

— Sim — respondi com calma, suspirando de alívio quando ele soltou a porta.

— Ela vai dar sorvete pra gente de novo?

— Com certeza.

Ele olhou para o quarto e respirou fundo antes de se voltar para mim.

— Tudo bem.

— Tudo bem. — Gesticulei para que eles me seguissem para o quarto de Shannon. — Escutem, a porta lá de baixo está trancada, então a gente vai ter que sair pela janela.

Meu coração estava batendo tão forte que fiquei com medo de o bebê nos meus braços perceber. Na verdade, ele com certeza percebeu, porque pressionou a mãozinha no meu peito e sussurrou:

— Tum, tum.

— A gente não pode sair pela janela — Ollie disse baixinho quando me inclinei para fora com Sean. — Você vai derrubar ele. Estou com medo.

— Está tudo bem — falei, sabendo que não tinha um jeito muito seguro de tirar três menininhos pela janela do segundo andar sem matá-los. — A gente vai dar um jeito.

— Como é que a gente vai sair? — Tadhg perguntou, em pânico. — Estamos presos?

— Estamos presos — Ollie choramingou. — Papai está lá embaixo e vai matar a gente se descobrir você. — Fungando,

ele acrescentou: — Ele disse que a gente devia estar dormindo, e não estamos dormindo!

— Tem alguma coisa errada, Johnny — Tadhg soltou. — Estamos encrencados, né?

— Não, não, não estamos — tranquilizei-o com o coração acelerado. — Prometo que vou tirar vocês daqui. Seu pai não vai ver. Vai ficar tudo bem. — Percorri o quarto com os olhos e disse: — Só precisamos encontrar a chave da Shannon.

— Ela guarda no casaco — Ollie disse, tremendo visivelmente. — Ela sempre deixa ele pendurado no corredor lá embaixo.

Assenti, tentando desesperadamente controlar as emoções enquanto passava Sean para o outro quadril e estendia a mão para Ollie. Ele veio até mim sem pestanejar, envolvendo meus braços na cintura com uma força mortal.

— Não tenha medo — sussurrei para consolá-lo. — Vamos descer as escadas bem quietinhos, está bem? — Olhei para Tadhg e disse: — Segura a mão de Ollie e fique logo atrás de mim.

— E se ele perceber? — eles perguntaram.

— Ele não vai perceber — sussurrei, fazendo mais uma promessa que eu não sabia se poderia cumprir, seguindo para a escada com Sean agarrado em mim feito um macaquinho. — Não façam nenhum barulho — pedi.

Descalços e de pijama, Tadhg e Ollie assentiram e saíram atrás de mim sem dizer uma palavra.

Enquanto eu descia os degraus de madeira escorregadios e molhados, senti uma dolorosa pontada no coração pela

maneira como aquelas crianças tinham que viver. Quando eu tinha nove anos, estava brincando de Pokémon e construindo fortes. Quando eu tinha doze anos, minha maior preocupação era marcar um try. Eu não conseguia nem imaginar o que esses meninos deviam estar sentindo.

— Bom trabalho — sussurrei no ouvido de Sean. Quanto mais descíamos, mais ele tremia nos meus braços. — Estamos quase lá.

Nunca na minha vida fiquei tão feliz de ver um casaco marrom-claro como quando meus olhos pousaram no casaco de Shannon sobre o corrimão. Desci o último degrau molhado, endireitei a postura e cambaleei. Recuperando o equilíbrio, enfiei a mão no bolso do casaco e quase chorei de alívio quando meus dedos se fecharam em volta do chaveiro dela. Olhando para Tadhg e Ollie parados no degrau, ofereci o que esperava ser um sorriso tranquilizador. Os meninos relaxaram de alívio quando mostrei as chaves para eles.

— Não precisa ser assim — ouvi a mãe de Shannon choramingando e congelei, com o coração martelando no peito. Desviei o olhar para Tadhg e Ollie, que estavam aterrorizados, e levei o dedo aos lábios. — Você sabe que eu te amo — ela continuou com uma voz baixa. — A gente pode dar um jeito, Teddy, mas só se você...

— Marie, Marie, Marie — o pai deles falou arrastado. — É o único jeito.

Um pequeno gemido escapou da garganta de Sean e eu pressionei seu rosto no meu peito, rezando para que tudo que era sagrado para conseguir tirar aquelas crianças de lá.

— Shhh — balbuciei, balançando-o no meu colo. — Shhh.

— Pra eles, não — a mãe deles falou, chorando. — Pra gente talvez, mas não pra eles, Teddy.

— Eles somos nós — ele respondeu com uma voz sinistra. — Eles somos nós.

— Por favor — ela seguiu chorando baixinho. — Eu te amo, Teddy. Não faz isso. Eu te amo.

— É o único jeito — ele falou calmamente. — Agora bebe comigo. Vai te deixar menos nervosa.

Ergui a mão quando Tadhg se movimentou para se aproximar de mim e olhei para o corredor, me perguntando como diabos eu ia sair pela porta com aquelas crianças sem que os pais delas nos vissem. A porta da cozinha estava escancarada, oferecendo uma visão perfeita de lá.

Me obriguei a respirar devagar. Mantendo as costas voltadas para a parede, fui seguindo lentamente e gesticulando para Ollie e Tadhg me acompanharem. Aquela maldita escada era uma armadilha. Ollie escorregou no último degrau e se lançou para mim. Envolvendo seus braços na minha cintura, ele se agarrou a mim com mais força que Sean.

— Shhh — sussurrei, quando ele começou a chorar. — Shhh.

Tremendo da cabeça aos pés, Tadhg deslizou pelo chão até o meu outro lado, enterrando o rosto em mim, e meu coração se partiu outra vez. Eu sabia que o garoto era orgulhoso. Ele era durão para alguém de doze anos. Vê-lo desmoronar assim me deixou preocupado.

Passando a mão na sua cabeça loira, fui em direção à porta devagar, com os três pendurados em mim, tomando cuidado com a água no chão e sem tirar os olhos da cozinha enquanto andava.

Quando cheguei à porta da frente, meus olhos pousaram no pai deles, caído em uma cadeira na mesa da cozinha, de costas para a porta. Várias garrafas vazias de uísque e vodca estavam alinhadas na mesa diante dele, e eu sabia que, se ele se virasse, eu o mataria. Tomei essa decisão no minuto em que ouvi sua voz assustadora e me senti estranhamente em paz com isso. Se ele colocasse a mão naquelas crianças, eu ia mandar aquele homem para o túmulo.

Concentrando-me em manter a mão firme, enfiei a chave na fechadura e a girei devagar, estremecendo de leve quando ela fez "clique".

Uma tosse alta na cozinha abafou o barulho e virei a cabeça para trás e me deparei com a mãe de Shannon olhando para mim.

Puta merda.

Meu coração parou e, por alguns segundos aterrorizantes, fiquei esperando para ver o que ela faria.

Ela acenou a cabeça.

Hesitei.

Ela acenou de novo.

Mantendo os olhos fixos nela, abaixei a maçaneta lentamente e abri a porta. Ela tossiu alto de novo, abafando o rangido das dobradiças enquanto eu empurrava Tadhg e Ollie pela fresta.

Com Sean nos meus braços, virei as costas para sair, mas logo me voltei para ela, parando ansiosamente na porta.

— Vai — ela balbuciou, me olhando nos olhos. — Vai agora.

— Mas e você? — perguntei, dividido e confuso.

— Vou beber com você — a sra. Lynch falou com uma voz calma, com os olhos fixos em mim. — Um drinque de despedida.

— Boa garota — ele disse, com os ombros caídos.

— Vou fechar aquela porta primeiro — ela acrescentou. — Não vamos acordar os meninos.

— Isso — ele falou, assentindo. — Vai ser melhor se eles estiverem dormindo.

A sra. Lynch se levantou foi até a porta da cozinha sem mostrar nenhuma emoção no rosto, com os olhos ainda em mim.

— Tira eles daqui — ela disse baixinho. — Leva eles pra longe daqui.

Perplexo e confuso, fiquei parado na porta com seu bebê nos meus braços.

— Vem comigo — pedi, querendo que ela *fugisse*. — Vamos.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— *Por quê*?

— Só vai embora.

— Não *posso*.

— Vai embora *agora*!

— Vou voltar pra te buscar. — Me sentindo completamente perdido, soltei um suspiro trêmulo. — Prometo.

— Não volta. — Ela sacodiu a cabeça. — Só salva meus filhos. — Seu olhar se voltou para Sean, que estava com o rosto enterrado no meu pescoço, e uma lágrima solitária escorreu pela sua bochecha. — Diz pra eles que sinto muito — ela sussurrou, fechando a porta da cozinha.

Me debati silenciosamente, ainda segurando seu bebê no colo, e saí daquela casa, fechando a porta atrás de mim e correndo para o carro.

65

AH, MERDA

Shannon

Completamente entorpecida, fiquei sentada no banco do passageiro do audi de Johnny com a mão dele apoiada na minha e meus três irmãos mais novos no banco de trás. Os meninos estavam descalços, de pijama, e Johnny tinha ligado o aquecedor no máximo para mantê-los aquecidos.

— E que tal essa, carinhas? — ele perguntou, aumentando o volume de "Why Don't You Get a Job", do Offspring.

Desde que saímos de Elk Terrace, ele estava escolhendo a dedo as músicas do CD de Gibsie. Quanto mais palavrões e linguagem chula havia na música, mais os soluços e fungadas dos meus irmãos se transformavam em risadas. Johnny queria distraí-los e estava funcionando. Cantando a plenos pulmões, ele balançava a cabeça feito um louco, encorajando os meninos a xingarem e cantarem com ele.

Quando “Just Lose It”, do Eminem, começou a tocar e Johnny se entregou ao rap com entusiasmo, até Sean estava rindo. Suas bochechas molhadas de lágrimas estavam esticadas em um largo sorriso enquanto ele olhava maravilhado para o meu namorado.

— Você devia se concentrar no rúgbi — Tadhg falou do banco de trás, rindo. — Você é um péssimo rapper, cara.

— Você é um péssimo rapper, cara — Johnny repetiu, imitando o sotaque de Cork, subindo a voz várias oitavas. — Pelo menos eu não pareço cantar quando estou falando.

— Porque você não sabe cantar porra nenhuma mesmo — Tadhg disse, gargalhando.

— Tadhg. — Soltei um suspiro pesado. — Não fala palavrão.

— *Ele* disse que eu podia — Tadhg argumentou, apontando para a nuca de Johnny.

— É que ele tem uma voz engraçada — Ollie disse, dando risada. — Ele fala mêrda em vez de merda.

— Ollie... — eu o repreendi. — Não fala isso.

— Mas é *verdade* — Ollie se defendeu. — Fala merda, Johnny. Mostra pra ela.

— Não, Johnny — avisei.

— Mêrda — Sean falou de repente, pronunciando a palavra perfeitamente.

Ollie e Tadhg gargalharam.

— Ah, merda — Johnny murmurou, me olhando timidamente.

— Mêrda — Sean repetiu, batendo palmas. — Mêrda.

— Claro que você ia aprender a falar *isso*.

— É só essa noite, hein, meninos — Johnny anunciou. — E é melhor pegarem leve perto dos adultos.

— E a nossa mãe? — Tadhg perguntou.

Ligeiro, Johnny falou sem hesitar:

— Conversei com ela antes de sair. Ela disse que vocês podem passar a noite na minha casa.

Ollie arregalou os olhos.

— Ela disse?

Johnny fez que sim e eu notei o tremor na sua mão — que ele discretamente tentou disfarçar. *Ele estava mentindo*.

— Está tudo certo, gente — ele acrescentou, atravessando os portões da propriedade da família. — Considerem isso uma aventura.

— Eu gosto de aventuras — Ollie comemorou.

Enquanto nos aproximávamos da casa, vi que todas as luzes estavam acesas, deixando a construção ainda mais impressionante que durante o dia. Desesperada para manter a mente vazia, contei e recontei dezoito janelas na frente. Depois, fiquei me perguntando quantas vezes por mês a sra. Kavanagh mandava limpar os vidros. Eles estavam sempre limpos e cintilantes.

No instante em que Johnny desligou o carro, a porta se abriu e sua mãe saiu correndo, frenética, de roupão e olhos arregalados.

— Aonde você foi? — ela perguntou, com a mão no peito. — Estava te ligando!

— Ah, merda — Johnny murmurou, soltando o cinto. — Esperem aqui um segundo, vou acalmar ela. — Ele desceu do carro, disparou até a mãe e deu tapinhas nas suas costas quando ela o abraçou. — Estou bem, mãe, estou ótimo. Deixei o celular no carro.

— Eu não sabia o que estava acontecendo — ela falou, agarrando o filho. — Ouvi pneus cantando e, quando fui ao seu quarto, você não estava lá. — Ela balançou a cabeça, esticou os braços e segurou o rosto dele entre as mãos. — Você não pode fazer isso comigo, Johnny. — Ela se virou para a casa e gritou: — John, ele está bem. Liga pra Sadhbh, amor. Fala pra ela avisar Gerard parar de procurar. Ele está em casa.

Estendi o braço até a porta de Johnny e apertei o botão para subir as janelas do vidro, pois não queria que meus irmãos ouvissem a conversa.

— Por que Dellie está chorando? — Ollie perguntou, se inclinando para observar a comoção.

— Porque ela estava preocupada com o Johnny — expliquei, sentindo minha garganta se apertar. — Ele é filho dela, afinal.

— Por que ela estava preocupada? — ele falou, voltando seus olhos castanhos para mim. — Ele está encrencado ou algo assim?

— Não, Ollie, mas está tarde e ela provavelmente ficou com medo.

— Porque está tarde?

Abri um sorrisinho fraco.

— Exatamente.

Ele observou de novo a sra. Kavanagh abraçando o filho com força antes de soltar um suspiro. O sr. Kavanagh tinha se juntado a eles e estava segurando a nuca de Johnny enquanto eles falavam por cima da cabeça dela.

— Nossa — Ollie sussurrou. — A mamãe e o papai do Johnny amam muito ele, né?

— Nossa mãe também ama a gente — falei, sentindo necessidade de tranquilizar meu irmãozinho. — Nunca duvide disso.

Tadhg fez um barulho no banco de trás e murmurou algo ininteligível — algo horrível como "Até parece".

— Sean, você está com frio? — perguntei, tentando conter o tremor na minha voz.

Meu irmãozinho fez que sim, tremendo.

— Ele está fedendo — Tadhg disse, bufando. — Ele fez xixi nas calças de novo.

— Ele está fedendo igual ao papai — Ollie acrescentou, franzindo o nariz. — Não é um cheiro bom, Shan.

— Vem aqui, Sean — pedi, esticando os braços para ele. — Vou te esquentar.

— Espera aí — Tadhg grunhiu quando Sean tentou se levantar ainda preso ao cinto. — Preciso te soltar primeiro, apressadinho.

— Merda — Sean sussurrou, esperando Tadhg soltá-lo.

— Isso aí — Tadhg disse, dando risada, enquanto desprendia seu cinto.

— Não o incentive a falar palavrão — avisei, pegando Sean e aninhando-o no meu peito. — Ele só tem três anos.

Ollie e Tadhg deram de ombros em resposta antes de se ocuparem abrindo todos os compartimentos e apertando todos os botões que encontraram no banco de trás do carro de Johnny.

— O-ee — Sean soltou, tremendo violentamente, abraçando meu pescoço com suas mãozinhas. — O-ee! Bola.

— Não — sussurrei, balançando-o nos meus braços com delicadeza. — Ele vai voltar.

Meu coração estava martelando selvagemente dentro do meu peito e as pontas dos meus dedos formigavam enquanto eu tentava permanecer calma. Eu estava constrangida, aterrorizada e envergonhada. Por mais ridículo que parecesse, eu não queria que Johnny visse essa parte da minha vida, só que ele estava vendo tudo — a feia realidade que era a minha família. A razão de eu ser como era. Todos os meus problemas... começavam e terminavam com aquele homem que eu chamava de pai.

Mantive os olhos nos Kavanagh e soube o momento exato em que Johnny lhes explicou o que tinha acontecido, porque a sra. Kavanagh cobriu a boca com as mãos e enterrou o rosto no peito do marido. O pai dele virou a cabeça para o carro e notei a preocupação no seu olhar. Eles ficaram falando em voz baixa por mais alguns minutos enquanto eu ficava sentada ali, imóvel feito uma estátua, sentindo que estava em um julgamento, antes de Johnny voltar para nós. A mãe dele o seguiu, mas o sr. Kavanagh voltou para a casa. Johnny deu a volta no carro, abriu a minha porta e sorriu.

— Vem, Shan. Vamos entrar.

Ah, graças a Deus.

Dei um suspiro trêmulo.

— Tem certeza?

Ele fez que sim e pegou Sean.

— Vem, rapazinho. — Johnny segurou Sean e me ofereceu a mão. — Vamos todos ficar quentinhos. — Olhando para Ollie e Tadhg, ele disse: — Vamos, caras, minha mãe está pegando sorvete pra vocês.

— Oba! — Tadhg comemorou, abrindo a porta e descendo do carro, disparando para a casa na frente de Ollie, que gritava:

— Me espera, Tadhg! — E correu atrás do irmão.

Tremendo da cabeça aos pés, saí do carro, sentindo frio até nos ossos, e encarei meu namorado.

— Obrigada — falei com os dentes batendo, enquanto meu coração ribombava num ritmo de adoração pelo garoto parado na minha frente. — Por tudo.

— Eu faço qualquer coisa por você, Shannon, *como o rio* — Johnny respondeu depressa, me puxando para si. — Qualquer coisa.

Eu acreditava nele, mas queria que ele não precisasse fazer nada.

66

A LÂMINA AFIADA DA CONSCIÊNCIA

Johnny

Fiquei surpreso ao me perceber tão calmo, sendo que eu estava tendo um colapso nervoso por dentro. Quando contei para os meus pais o que tinha acontecido, meu pai me orientou a agir normalmente com Shannon e seus irmãos enquanto ele entrava com minha mãe para ligar para a Gardaí. A ficha do que eu tinha feito estava caindo com força e o cheiro de álcool que emanava da criancinha nos meus braços trazia consigo pensamentos terríveis. Eu sabia que tinha que voltar para buscar a mãe deles. Eu tinha prometido. Meus instintos gritavam para que eu voltasse imediatamente para lá, mas, pela primeira vez na vida, eu estava tentando fazer o que meu pai havia me pedido: manter a cabeça no lugar e deixar a polícia lidar com as coisas.

Com Sean em um braço e Shannon aninhada no outro, eu os levei para a sala de estar, onde meu pai estava reacendendo o fogo. Me emocionava ver quão incrivelmente resilientes aquelas crianças eram. Elas tinham acabado de passar por algo que poderia destruir um homem adulto — inclusive a mim. No entanto, estavam ali, aceitando a mão que lhes era oferecida, se recuperando e seguindo em frente. Assim como eu vi a irmã deles fazer em inúmeras ocasiões. Jesus, eles eram os maiores sobreviventes.

— Nossa — Ollie falou, voltando da cozinha com uma tigela de sorvete na mão, parando no meio da sala. — É tipo um cinema. — Ele apontou para a tela plana pendurada na parede sobre a lareira e cutucou o irmão. — Olha só o tamanho dessa TV.

— Eu tenho olhos, sabe — Tadhg devolveu, interessado demais na tigela de sorvete que estava devorando. — O que você esperava? Eles são ricos.

— Podemos falar isso? — Ollie perguntou, olhando para o irmão. — Chamar eles de ricos?

Tadhg deu de ombros.

— É verdade, não é?

— Não, vocês não podem falar isso — Shannon disse, parecendo mortificada, se aproximando dos irmãos e fazendo cara feia para eles. — Agora mostrem educação e agradeçam à sra. Kavanagh pelo sorvete.

— Obrigado, Dellie — Ollie falou.

— É — Tadhg murmurou, corando um pouco enquanto olhava para a minha mãe. — Obrigado, Edel.

— De nada, meninos — ela respondeu com a voz rouca, entrando na sala. — E, Shannon, amor, pode me chamar de Edel.

— Desculpa, sra. Kavanagh — Shannon murmurou, nervosa. — Quer dizer, Edel.

— Beleza, meninos — meu pai disse, agitando o controle da televisão. — O que vamos assistir? Temos todos os canais.

— Eba! — Tadhg comemorou, mergulhando no sofá. — Posso escolher?

— Não, não, eu! — Ollie implorou, correndo atrás de Tadhg. — Por favor, John. Eu, eu...

— *Eu*, *eu* — Tadhg zombou, abrindo um sorriso radiante quando meu pai lhe entregou o controle. — Obrigado, John. — Ele se virou para Ollie e sorriu. — Sente-se, criança. Vai chegar a sua vez quando você estiver disputando o controle com Sean.

Bufando, Ollie se sentou no sofá ao lado dele e enfiou a colher de sorvete na boca.

— Não é justo ser mais novo.

— É, bem, é assim que me sinto com Shannon e Joey — Tadhg disse, impassível. — Lide com isso.

— E Darren — Ollie acrescentou. — Ele é o mais velho.

Tadhg bufou.

— Ele não conta.

Ollie se virou para o irmão.

— Joey ainda conta?

Tadhg assentiu rigidamente.

— Por enquanto.

— Está bem. — Concordando com a cabeça, Ollie se voltou para a televisão enquanto Tadhg percorria todos os canais com meu pai.

— Você está bem, Shannon, querida? — minha mãe perguntou baixinho, com os olhos fixos no rosto arranhado da minha namorada.

Ela corou e fez que sim.

— Estou bem, obrigada. — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e se moveu para mim, mas parou e enrijeceu, hesitante. — Eu só, hum... — Ela observou os irmãos e soltou um suspiro entrecortado. — Sinto muito mesmo por trazer mais problemas pra sua casa, sra. Kavanagh. — Ela curvou os ombros e sussurrou: — Eu não sabia o que fazer.

— Ah, meu bem, vem aqui... — Minha mãe foi direto para ela e a puxou para os seus braços. Ela não era uma mulher alta, com seus um metro e sessenta, mas ainda assim era muito maior que Shannon, que tinha apenas um metro e meio. — Você vai ficar bem — ela sussurrou no ouvido de Shannon, que permanecia rígida. — Vou cuidar de todos vocês.

Shannon estremeceu e foi relaxando aos poucos, abraçando minha mãe de volta.

— Me desculpa.

— Não precisa pedir desculpas, meu bem. Você fez a coisa certa. — Minha mãe deu um beijo na testa dela, afastou o cabelo do seu rosto e o segurou entre as mãos, sorrindo. — Você e seus irmãos vão passar a noite com a gente. De manhã vamos resolver tudo, está bem?

Shannon assentiu de leve.

— Muito obrigada apela ajuda.

— Estou muito orgulhosa de você — minha mãe continuou. — Sei que você estava assustada e você foi muito corajosa por ter ligado sabendo o que poderia acontecer.

— Você acha que minha mãe vai ficar bem? — Shannon sussurrou, olhando nervosamente para os meninos e depois para a minha mãe antes de pousar o olhar em mim. — Eu não devia ter deixado ela lá.

— Tenho certeza que sim, querida. Por que não se senta com seus irmãos enquanto Johnny prepara um chá? — ela sugeriu, mudando de assunto. — E *eu*... — Ela veio até mim, fez cócegas nos pezinhos de Sean e sorriu para o seu rostinho solitário. — Vou dar um banho nesse menino lindo. — Sem parar de sorrir, ela fez carinho na bochecha dele. — E aí, o que acha, Sean? Vamos tomar um banho gostoso?

— Boa ideia, Sean — Shannon o encorajou, com a voz carregada de emoção. — Mas eu não trouxe roupas pra ele. — Corando violentamente, ela sussurrou: — E ele ainda, hum... tem uns acidentes quando está nervoso.

— Não tem problema — minha mãe respondeu, sorrindo. — Tem um monte de roupas antigas do Johnny no sótão.

— O que acha, carinha? — perguntei para Sean. — Vai tomar um banho pra tirar esse fedor do corpo e ficar cheirosinho?

Sean ficou me olhando por um longo tempo antes de concordar e inclinar o corpo para a minha mãe.

— Ah, você é tão bonzinho! — minha mãe disse, segurando-o contra o peito enquanto saía da sala. — E você tem o melhor abraço.

O celular do meu pai começou a tocar.

— Dois minutos, gente — ele disse, se levantando de onde estava entre Ollie e Tadhg, evitando a batalha do controle remoto. — Vou levar isso. — Quando passou por mim, ele acenou a cabeça para que eu o seguisse.

— Volto logo — sussurrei, dando um beijo na testa de Shannon. — Está bem?

Ela tremeu, envolveu os braços em torno de si e fez que sim.

— E-está bem.

Fui até a porta, hesitei e me virei para ela.

— Shan?

Ela ergueu o rosto para mim com uma expressão perdida.

— Sim, Johnny?

— Te amo.

Vi o alívio inundar seus grandes olhos azuis e ela sorriu de volta.

— *Te amo* — Tadhg zombou do sofá. Sem tirar os olhos da televisão, ele fez barulho de beijos antes de bufar alto. — Cara, você está caidinho.

— Credo — Ollie disse, rindo. — Aposto que ele beija ela de língua.

— Ela é nossa irmã, seu nojento — Tadhg grunhiu. — Não quero pensar na língua dela na boca do Johnny.

— É assim que funciona? — Ollie perguntou, perplexo. — Eles colocam a *língua* na *boca* um do outro?

— *É.*

Ollie franziu as sobrancelhas.

— Pra *quê*?

— Eles provavelmente fazem muito mais coisa além disso, Ol — Tadhg resmungou. — É nojento, mas enfim.

— É? — Ollie arregalou os olhos. — Tipo o quê?

— Ah, você devia parar de fazer perguntas — Tadhg disse, cutucando as costelas de Ollie.

— E você definitivamente devia parar de fazer perguntas, Ollie — Shannon falou com o rosto vermelho, indo até o sofá e se acomodando entre eles. — Tadhg, não fala mais nada.

— Não acredito que você deixou ele enfiar a língua na sua boca — Ollie disse, olhando para a irmã boquiaberto. — Qual o seu problema?

— Eu não faço isso — Shannon respondeu, nervosa. — Ele está brincando. Né, Tadhg?

— Ela faz, sim — Tadhg declarou. — Eu vi eles do lado de fora de casa.

— Tadhg!

— Eles estavam deixando as janelas do carro embaçadas — Tadhg disse, rindo. — Ah, *e* ela enfiou ele pra dentro do quarto no sábado à noite também. Ele passou a noite toda lá.

— O quê? Não sabia que Johnny tinha dormido lá em casa — Ollie respondeu confuso. — Você nunca me contou.

— É que ela estava ocupada demais — Tadhg falou, dando risada. — Ela estava toda "Ah, Johnny, sim! Por favor!".

— Não estava — Shannon cuspiu. — Seu mentiroso.

— "Me beija, me toca, me abraça, me ama" — Tadhg zombou com uma vozinha feminina. — "Smack, smack, smack. Sim, eu adoro as suas bolas de rúgbi..."

— Tadhg!

— Eca, que nojento! — Ollie grunhiu.

— Shannon faz isso com Johnny, Joey faz isso com Aoife, Darren faz isso com Alex — Tadhg continuou sem hesitar. — E você também vai fazer com alguém quando for mais velho, Ol.

— Não vou, *não* — Ollie declarou, horrorizado. — Eu não gosto nem da minha língua na minha boca.

— Ah, sim, claro — Tadhg bufou.

— Você faz? — Ollie perguntou.

— Vou começar o ensino secundário em setembro — Tadhg respondeu com indiferença. — O que você acha?

— E daí? — Shannon falou, encarando o irmão com desconfiança. — O que o secundário tem a ver com beijos?

— Só que eu sei do que estou falando — Tadhg disse. — E isso é tudo o que vou falar sobre esse assunto.

— Johnny... — A voz do meu pai encheu meus ouvidos e desviei o olhar de Shannon e seus irmãos antes de atravessar o corredor atrás dele.

— O que está acontecendo? — perguntei, observando-o com atenção enquanto ele acenava a cabeça e respondia o telefone com monossílabos. — Pai?

— Vem aqui — ele balbuciou, gesticulando para que eu o seguisse.

Um tremor de nervosismo desceu pela minha coluna enquanto eu o acompanhava. Só paramos quando estávamos na cozinha, já com a porta fechada.

— Muito obrigado por me ligar, Billy — meu pai falou no telefone. — Eu vou... sim, sim... eu sei, cara. Entendo. Obrigado. Sim, te vejo lá.

Ele desligou, olhou para mim e soltou um suspiro pesado.

— Johnny... — Sua voz falhou. Balançando a cabeça, ele colocou o celular na ilha e soltou um suspiro sofrido antes de dizer: — Sente-se, filho.

Foi então que eu *soube*.

Naquele instante, eu soube que algo terrível ia sair da sua boca.

— Pai... — falei, tremendo feito uma vara. — O que está acontecendo?

— Johnny... — Ele soltou outro suspiro, se aproximou e me colocou no banco. — Preciso que você se sente, filho.

Merda.

Me sentindo fraco, me sentei no banco e abaixei a cabeça entre as mãos.

— Me conta — pedi, fechando os olhos. — Só diz de uma vez, por favor.

— Era Billy Collins no telefone — meu pai explicou, se sentando no banco à minha frente. — Você se lembra do Billy? Eu estudei com ele, éramos grandes amigos. Ele veio aqui algumas vezes jantar com a esposa...

— Eu sei que ele é superintendente na delegacia, pai — eu disse, sabendo exatamente de quem meu pai estava falando:

seu amigo policial. — O que ele queria?

Meu pai assentiu rigidamente.

— Ele está mandando uma viatura pra cá. Eles estão chegando logo, logo. — Ele olhou para o celular, cuja tela se acendeu. — Também liguei pro Darren. Ele está a caminho.

— Eles vão pegar os meninos? — grunhi, erguendo a cabeça para encará-lo. — Você vai mesmo deixar eles levarem as crianças de volta pra aquela porra daquela casa?

— Não, Johnny — meu pai respondeu calmamente. — Não é isso o que...

— Ela não vai pra lugar algum — sibilei, me sentido ansioso e ferozmente protetor. — Não ligo a mínima pro que você, Darren ou qualquer policial digam. Vocês não vão levar Shannon de volta pra lá. Ela vai ficar aqui comigo!

— Ninguém vai levar ninguém pra lá — meu pai me tranquilizou. — Prometo, filho, só se acalme.

— Então por que a polícia está vindo? — perguntei.

— Eles precisam pegar seus depoimentos — meu pai falou suavemente.

— Depoimentos pra *quê*? — Encarei-o boquiaberto. — Estou encrencado por ter tirado eles de lá? Porque a mãe deles me disse... — Parei de falar e respirei fundo algumas vezes antes de continuar. — Ela me mandou ir embora, pai — sibilei, estremecendo ao lembrar dos olhos assombrados da sra. Lynch olhando para mim. — Ela me mandou *levar eles*!

Lágrimas encheram meus olhos e eu fiquei pálido.

— Ah, meu Deus... é grave, né? — falei, me levantando do banco de uma vez. — O que está acontecendo? — Tremendo,

me afastei da ilha, sabendo no coração que era algo bem sério. — Ele a machucou? — Uma onda de dor me atravessou ao pensar nisso. — Foi isso? Ela está no hospital?

— Johnny, respira...

— Não entendo o que está acontecendo aqui! — rugi, sentindo o coração martelar violentamente contra o meu peito. — Me conta o que está acontecendo, pai!

— Houve um incêndio na casa dos Lynch.

— *O quê*? — Meu coração parou de bater. — Não, não, não. — Balancei a cabeça, rejeitando as palavras que saíam da sua boca. — Eu estive lá há menos de duas horas, pai. Não tinha incêndio nenhum!

— *Houve* um incêndio, Johnny — meu pai falou. — Quando você apareceu aqui com as crianças e eu liguei pro Billy, ele já estava na cena de um incêndio em Elk Terrace. E, quando a emergência chegou, a casa já estava em chamas.

— *O quê*? — Ergui a voz, em pânico. — Eu não... como... o quê?

— Johnny, filho, preciso que você se sente.

— É meia hora de viagem de lá até aqui — cuspi. — Como é que uma casa pode queimar em meia hora, pai?

— Uma casa queima rapidamente se o incêndio for intencional — ele respondeu. — A casa estava encharcada de inflamáveis, Johnny, e todas as janelas e portas estavam fechadas. Eles não tinham como sair. — Tremendo, ele acrescentou: — Billy me ligou para avisar que dois corpos foram encontrados. — Suspirando pesadamente, ele contou: — Pelas informações que você me deu e que eu repassei para ele,

ele tem certeza que o incêndio foi iniciado poucos minutos depois que você levou as crianças... e os corpos estão...

— Não me fala... — Levei as mãos à cabeça e recuei, colidindo contra a pia. — Não, pai. Meu Deus, não me diz *que*...

— Johnny, shhh... está tudo bem, filho. — Ele empurrou o banco para trás e se aproximou de mim. — Vem aqui...

— Ela está morta — sussurrei, sentindo as lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas. — Mas eu prometi que voltaria pra buscar ela — falei, balançando a cabeça. — Meu Deus, eu devia ter feito ela ir comigo!

Meu pai me abraçou.

— Shhh — ele sussurrou, me segurando enquanto meu corpo enfraquecia. — Está tudo bem. Estou com você.

— Eu deixei ela lá, pai — confessei, me agarrando a ele. — Eu deixei ela lá naquela casa!

— Você sabe o que você fez hoje? — ele perguntou, me abraçando com mais força. — Você salvou quatro crianças.

— Não. — Fechei os olhos e enterrei o rosto no seu pescoço. — Não fala assim...

— Elas teriam morrido queimadas dentro daquela casa se você não fosse o homem louco, imprudente e brilhante que é — ele continuou falando. — Eles não teriam a mínima chance de sair de lá, filho. Sean estava encharcado de álcool. Você salvou todos eles, Johnny. Eles estavam na cama, filho. Eles estavam com medo. Não havia como aquelas crianças saírem dos quartos se você não tivesse entrado lá para pegá-las. — Meu pai estremeceu antes de acrescentar: — E você não disse que escorregou na escada e no corredor? Aquilo era álcool e

gasolina, Johnny. Bastava uma faísca e tudo estaria acabado para aquelas crianças... o lugar inteiro teria pegado fogo com todos vocês lá dentro... mas *você* manteve o controle e tirou elas de lá.

— Não, não, não — soltei, aterrorizado. — Eu não sabia o que estava fazendo.

— Você confiou nos seus instintos — ele me corrigiu. — Você pode não ter entendido o que estava acontecendo, filho, mas você *sabia* que eles precisavam sair. Por sua causa, tem quatro crianças vivas e respirando nesta casa hoje.

— Eles já sabem? — sussurrei, fechando os olhos com força.

— Não — meu pai respondeu.

— Merda. Como é que vou contar isso pra Shannon?

— Me contar o quê? — Shannon perguntou e me crispei.

— Shan... — falei, me afastando no meu pai e me deparando com ela parada na porta da cozinha, parecendo pequena e assustada. — Você está bem?

— O que aconteceu? — ela falou com os olhos arregalados e cheios de medo. — Por que você está chorando?

— Não estou chorando, baby. — Fungando, enxuguei os olhos e me aproximei dela, precisando segurá-la nos meus braços e parar o mundo por um minuto. Minha cabeça estava girando, meu coração estava descontrolado e eu não conseguia absorver nada. Cheguei perto, puxei-a para um abraço e apertei seu corpo com mais força que devia. — Te amo — sussurrei, segurando-a firme. — Meu Deus, Shan, eu sinto muito.

— Pelo quê? — ela perguntou, com as mãos na minha cintura. — O que está acontecendo?

— Eu tentei, Shan — eu disse, abraçando-a forte. — Eu tentei mesmo.

— Johnny, o que está acontecendo? — ela perguntou com a voz falhando.

— Shannon! — Ouvi a voz de Darren e me virei bem quando ele entrou na lavanderia, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Você está bem? — Ele chegou na cozinha com olhos vermelhos, ferozes e desesperados. — Onde os meninos estão?

— Darren? — Shannon falou, se afastando de mim. — O que está acontecendo?

— Shan... — Um soluço de cortar o coração saiu de sua garganta. — Eu não consigo...

— Os meninos estão aqui e estão seguros — meu pai falou, amparando Darren bem quando suas pernas cederam. — É isso... vocês estão bem. — Ele se abaixou até o chão e o puxou para os seus braços. — Estou com você.

— Minha mãe... — ele disse, enterrando o rosto no pescoço do meu pai. — Minha mãe!

— Eu sei — meu pai sussurrou, segurando a nuca dele. — Shhh, eu sei, cara. Eu sei.

— O que houve com a nossa mãe? — Shannon perguntou, com a voz tremendo violentamente. — O q-que foi que ele f-fez?

— Ela está morta! — Darren berrou. — Ele matou ela, porra!

— Não! — Balançando a cabeça, Shannon recuou como se as palavras do irmão a tivessem queimado. — Não, não, não, você está mentindo.

— Ele *matou* a minha mãe — Darren disse, se agarrando ao meu pai. — Escroto do caralho...

— Para de dizer isso! — Shannon gritou, puxando o cabelo. — Ela não está morta, Darren. Ela está em casa... eu *vi*! — Segurando a cabeça com as mãos, ela olhou feio para o irmão e sibilou: — Ela está bem. — Lágrimas escorriam pelas suas bochechas quando ela me encarou. — Fala pra ele, Johnny! — ela implorou, avançando na minha direção. — Diz que ele está errado! — Ela pegou minha mão e me puxou. — D-diz p-pra e-ele...

— Houve um incêndio na sua casa, Shan — falei, sentindo o corpo tremer com o esforço que eu estava fazendo para não perder o controle.

— Incêndio? — Seus olhos estavam esbugalhados e cheios de lágrimas. — Não, Johnny... não!

— Houve um *incêndio*, baby — repeti, com o coração acelerado. — E sua mãe... ela... — Minha voz falhou. Limpei a garganta antes de forçar as palavras para fora: — Ela e seu pai não resistiram.

— Não — foi tudo o que ela disse, mas eu sabia que essa única palavra me assombraria até o dia da minha morte.

Ela ficou me encarando com aqueles grandes olhos azuis, suplicando para que eu lhe dissesse outra coisa. Eu queria — mais que tudo —, mas não havia como fugir. Os pais dela estavam mortos.

— Sinto muito — sussurrei, me aproximando dela. — Shan, sinto...

— Não! — ela repetiu, recuando até suas costas baterem na parede. — Não! — Ela cobriu o rosto com as mãos e escorregou até o chão. — Minha mãe... não, não, não! Minha mãe não... minha mãe não.

Uma lágrima deslizou pela minha bochecha enquanto eu a observava e me sentia mais impotente que nunca. Me agachei ao seu lado e coloquei a mão no seu joelho.

— Shan...

— Não — ela disse, afastando minha mão. — Não, não, não.

Ela soltou um suspiro trêmulo e eu tentei de novo.

— Shan...

— Eu disse que não! — ela falou, chorando e abraçando as pernas. — Não... — Ela enterrou o rosto nos joelhos e ficou se balançando. — Meu Deus, eles morreram...

— Eu sei. — Completamente perdido, cheguei mais perto e encostei a bochecha no seu ombro, desesperado para confortá-la. — Sinto muito.

— Joey — Shannon choramingou. — Joey... Meu Deus, onde ele está?

— Está tudo bem, Shannon — meu pai respondeu com um tom firme. — A gente vai encontrar ele.

— Ele não sabe — ela lamentou. — Ele foi embora! — Ela puxou o cabelo com força. — Ele foi embora...

— Não — pedi, pegando suas mãos. — Não faz isso com você, baby. — Eu não estava aguentando vê-la naquele estado.

— Por favor.

— Não encosta em mim! — Tremendo, Shannon arrancou as mãos das minhas com o peito pesado. — N-não faz isso, está bem?

— Está bem. — Ergui as mãos e fiquei olhando-a me olhar, sentindo o coração se rasgar dentro do meu peito. — Não vou fazer nada que você não queira.

Permaneci onde eu estava, sem mover as mãos, esperando que ela tomasse o que precisava de mim.

Até que ela fez isso.

Soltando um enorme soluço, ela se acomodou no meu colo e enlaçou o meu pescoço, se agarrando a mim de um jeito que eu sabia que jamais mereceria totalmente.

— Não me deixa... — Ela me abraçou com mais força, enterrou o rosto no meu peito e sussurrou: — Por favor, não vai embora...

Soltei um suspiro trêmulo, a envolvi em meus braços e a puxei para mim.

— Não vou. — Abracei com mais força seu corpo frágil, balançando-a delicadamente. — Estou bem aqui. — Soltei o ar entrecortado, abaixei o rosto e dei um beijo no seu cabelo. — Prometo.

Queria me colocar na frente daquela garota e protegê-la de todos os horrores a que ela tinha sido exposta. Nada disso estava certo e era como se eu estivesse me afogando na injustiça da vida dela. Se eu pudesse colocar seus cortes e hematomas sobre a minha pele, eu o faria.

Então ouvimos uma forte batida na porta dos fundos, seguida por uma voz masculina.

— John, podemos entrar?

— Estamos aqui, Billy — meu pai respondeu, ainda segurando Darren. — Entra.

Dois policiais uniformizados entraram na nossa cozinha com o amigo do meu pai, o superintendente Billy Collins. No instante em que eles retiraram os chapéus e disseram "Sinto muito pela sua perda", o mais feio e doloroso soluço saiu da garganta de Darren e Shannon, me atingindo com tristeza.

Segurando-a firmemente, eu a balancei em meus braços devagar, sussurrando no seu ouvido tudo e qualquer coisa em que eu pudesse pensar para que ela não tivesse que ouvir o que os policiais estavam dizendo ao meu pai e Darren. Ela estava histérica, ofegante e chorando mais forte do que nunca. Meu coração estava se partindo em um milhão de pedacinhos e minha mente rodopiava, mas fiquei ali com ela, incapaz de separar minhas emoções das dela.

Quando meu pai, Darren e os policiais foram até a sala, onde minha mãe estava com os meninos, para lhes dar a notícia, a gritaria começou e eu a segurei ainda mais forte. Bem ali no chão da minha cozinha, eu a mantive nos meus braços, sentindo cada soluço e lamento seu em um lugar profundo da minha alma.

— Shh, *little darling*...

— Você está c-cantando. — Ela fungou, agarrada ao meu peito. — "Here Comes the Sun".

Eu *estava* cantando.

Estava fazendo o que podia para melhorar as coisas para ela.

— Essa é a m-música do v-vovô Murphy — ela disse em meio aos soluços de choro. — Você lembra q-que eu te c-contei?

— Lembro. — Ela me contou que seu avô cantava essa música quando ela estava assustada e era tudo o que eu podia fazer naquele momento. — Devo parar?

— N-não. — Ela balançou a cabeça. — N-não para.

Tremendo, continuei a ninando em meus braços e murmurando a música no seu ouvido, enquanto esperava o médico que tinha sido chamado chegar.

67

LÁ VEM O SOL

Shannon

No início, fiquei entorpecida, completamente entorpecida, como se minha mente estivesse tentando digerir as palavras, as imagens, o desconhecido. Depois, senti um formigamento se espalhando pelo meu corpo, atacando cada terminação nervosa e fazendo todos os meus membros tremerem violentamente. Mas era a dor o sentimento mais insuportável. Ela veio por último e me afogou em um tormento cortante, esmagador e transformador. Meu coração não aguentava a pressão e tive certeza de que ele ia parar de bater. Ele não parou, o que me deixou surpresa. Fiquei surpresa de estar viva, tendo o coração totalmente rasgado daquele jeito. Eu não tinha levado um golpe nas costas. Tinha levado um golpe na frente, no peito, bem no meio dele. Diferente de uma lâmina, o dano parecia chumbo grosso, se espalhando e me dilacerando em inúmeras

áreas e de várias maneiras irreparáveis. Realmente não compreendia como meu coração continuava batendo. Não conseguia pensar sem sentir um ataque crescente de tristeza e raiva me dominando, me afogando de amargura.

Não sabia se ainda estava gritando porque não conseguia mais ouvir a minha própria voz. Alguém tinha entrado na casa e me machucado. Me acertado com algo pontudo. Pelo menos, era o que parecia. A pessoa que me atacou me disse que estava tudo bem, que eu era uma garota corajosa, que isso faria eu me sentir melhor. Não dei ouvidos. Em vez disso, me concentrei no timbre grave da voz *dele* cantando "Here Comes the Sun", dos Beatles, sem parar no meu ouvido. Me afundei em Johnny, fechei os olhos, me sentindo zonza, e tentei respirar — enquanto procurava um jeito de sobreviver à terrível hemorragia do meu coração e à aniquilação provocada pelo meu pai. Minha sanidade certamente estava escapando. Delirante e aflita, minha mente ficou rodopiando e me assombrando com a verdade.

Eles estavam mortos.

Os dois estavam mortos.

— Mamãe... — falei com a voz arrastada, sem reconhecer minha própria voz. — Minha mãe...

— Você é a minha *little darling* — Johnny sussurrou. Sua enorme mão segurava minha nuca enquanto ele me mantinha próxima ao seu peito, nos balançando devagar. — Minha *little darling* está segura comigo.

Então senti o familiar aroma do seu quarto à minha volta, o que não fazia sentido. Como fomos parar lá? Ou eu estava no

meu quarto? Estava tudo escuro e eu não estava entendendo nada.

— Shhh — Johnny sussurrou, me deitando em algo macio e quentinho. — Estou bem aqui.

Me agarrei a ele, sentindo o chão afundar sob mim. Ou talvez fosse um colchão. Eu não sabia de mais nada. Tremendo em seus braços, fechei os olhos e o inspirei.

— Minha mãe...

— Shhh — ele ficou sussurrando, me abraçando tão apertado que senti seu coração batendo contra a minha bochecha. — Só fecha os olhos. — Senti seus lábios no meu cabelo. — Vou ficar aqui cuidando de você.

— Você está sempre fazendo isso — falei, me sentindo sonolenta e entorpecida. Tudo estava me escapando. Eu não conseguia manter um pensamento. Era como se eu estivesse caindo. Como se uma escuridão quente e sedutora estivesse tentando me dominar. — Minha mente está me abandonando.

— Solta — ele sussurrou. — Você não precisa dela esta noite.

Me aninhei nele e o abracei, zonza e exaurida.

— Acho que estou morrendo.

— Você não está morrendo. — Ele me abraçou com mais força. — Você só está com sono.

— Joey... — Tentei piscar, mas meus olhos não queriam se abrir. — Joey... foi... embora...

— Eu vou encontrar ele — Johnny sussurrou. — Vou trazer ele de volta pra você.

— Promete? — perguntei, enquanto uma forte onda de exaustão me arrastava consigo.

— Prometo. — Foi a última palavra que ouvi Johnny dizer antes de soltar e deixar a escuridão me levar.

68

ESTOU VENDO FOGO

Johnny

— Você não precisa ir comigo, filho — meu pai falou pela décima vez enquanto atravessávamos Ballylaggin. — Posso dar meia-volta e te levar pra casa.

— Eu vou.

Eu não conseguia ficar em casa. Precisava sair e me afastar daquela gritaria. O médico tinha chegado havia um tempo e dado a Shannon uma injeção com alguma espécie de sedativo. Ela estava dormindo, encolhida em posição fetal, apagada na minha cama. Fiquei abraçado com ela enquanto o médico estava ali, incapaz de soltá-la, até que ela finalmente cedeu e deixou o sono levá-la. Minha mãe ainda estava na sala com Darren e os meninos. Eles ainda estavam chorando e rasgando os corações. Era demais e eu estava sufocando na dor deles.

— Eu precisava sair um pouco de lá — admiti, com os joelhos se agitando, inquietos.

Eu não podia fazer nada naquela casa, mas podia ajudar meu pai com Joey. Billy tinha ligado para o meu pai para avisar que Joey apareceu na casa e ficou compreensivelmente histérico. Ele conseguiu passar pelas autoridades e entrar antes que os bombeiros o arrastassem para fora. Os policiais não conseguiram fazer nada e não quiseram prendê-lo ou contê-lo. Eles estavam procurando um parente próximo, alguém para ajudá-lo e levá-lo para longe, mas tudo o que os Lynchs tinham era uma bisavó de oitenta e poucos anos — e nós.

— O negócio vai ser feio — meu pai disse, subindo a familiar colina da casa de Shannon. — O fogo ainda não foi contido e eles podem não ter retirado os corpos. Tem certeza que consegue lidar com isso?

— Vou ficar bem.

Ele me olhou de soslaio.

— Johnny, tem certeza?

Assenti rigidamente.

— Preciso fazer isso, pai.

Quando meu pai parou na rua deles, eu só conseguia ver as labaredas, sentindo o cheiro terrível de fumaça e fogo. A realidade me atingiu com tudo enquanto eu via a casa de Shannon queimando. Meu Deus, eu tinha estado ali algumas horas atrás.

Aquelas crianças...

Shannon...

Um calafrio me percorreu.

Eles poderiam estar todos carbonizados e mortos.

— Pai — falei, com os olhos fixos na ambulância e nos carros dos bombeiros. — Eu tive chance de salvar ela e não...

— Não — meu pai disse, me interrompendo. Ele estacionou e se virou para mim. — Você salvou os filhos dela.

— Mas ela estava *bem* ali — falei, tremendo. — Bem na minha frente. — Abaixei a cabeça nas mãos. — E agora eles não têm mais mãe.

— Eles têm a gente — meu pai me corrigiu, soltando o cinto. — E eu tenho você. — Ele esticou o braço, colocou a mão no meu pescoço e me obrigou a olhar para ele. — Você podia ter morrido nessa casa — ele sussurrou. — Eu podia ter perdido meu menino... — Ele pressionou a testa na minha e deu um suspiro trêmulo. — Eu jogaria o mundo todo fora, incluindo eles, pra ficar com você... e não me arrependeria.

— Estou bem, pai. Eu estou bem...

— Então não faz isso com você mesmo — ele pediu, ajeitando meu cabelo. — Você tem tudo *certo*. Você é um *bom* homem. Você salvou os *filhos* dela.

— Eu me sinto responsável — confessei.

— *Não* — ele disse, com os olhos azuis e firmes fixos nos meus. — Isso *não* foi culpa sua. Isso foi coisa de um louco.

— Como ele pôde fazer isso? Não entendo...

— Eu também não, filho. E não quero entender. — Ele beijou minha sobrancelha, se recostou no banco e olhou diretamente nos meus olhos. — Preciso buscar o Joey — ele falou com calma. — Fica no carro, Johnny. Não precisa ir comigo...

Então uma comoção no grupo dos policiais chamou minha atenção e nos viramos para ver Joey se debatendo feito um maníaco, afastando um cobertor que estavam tentando colocar sobre os seus ombros. Ele estava gritando, frenético, se contorcendo e tentando entrar na casa. Estava sozinho. Era o último Lynch.

— Meus irmãos e minha irmã! — ele berrava, se empurrando contra os policiais que tentavam contê-lo. — Me deixem entrar, porra!

— Não tem ninguém lá dentro.

— Vocês estão errados! — ele rugiu. — Meus irmãos estão lá em cima! Dentro da casa! Vocês precisam me deixar entrar. Eu abandonei eles! Eu abandonei eles lá dentro com ela!

— Ah, merda — meu pai murmurou, descendo da mercedes e correndo até ele. — Joey? Está tudo bem, cara.

— Eu larguei eles lá! — ele continuou gritando. — Tira suas mãos sujas de mim, seu porco nojento...

— Ah, merda. — Soltei o cinto, abri a porta do carro e disparei para ele. Passei por baixo da fita de isolamento e segui direto para o irmão da minha namorada, ignorando as autoridades que tentaram me impedir. — Joe, está tudo bem...

— Kav — ele falou quando me viu. — Eu deixei eles lá, porra. — Lágrimas escorriam pelas suas bochechas manchadas de fuligem enquanto ele se soltava dos policiais que o seguravam e corria até mim. — Você tem que me ajudar a tirar eles de lá — ele disse, ofegante, com os olhos selvagens e as roupas também cobertas de manchas de fuligem e fumaça. — Fui embora... fiquei puto e saí... mas não podia ter feito isso.

Não podia abandonar eles, então voltei, mas a casa estava... e minha mãe... porra, Shannon... Tadhg! Ninguém está me escutando.

— Estou com eles, Joey — falei de uma vez, desesperado para que ele me *ouvisse*. — Eu tirei eles de lá.

— Você *está* com eles... — Sua voz falhou. — Você tirou eles de *lá*?

Fiz que sim, tremendo.

— Ollie, Tadhg, Sean e Shannon.

— Merda... Darren. — O pânico se infiltrou em seus olhos e ele quis correr para a casa de novo. — Meu irmão ainda está lá...

— Não, ele também está lá em casa — falei, arrastando-o de volta para mim. — Estão todos lá. Juro por Deus, cara, todos os seus irmãos estão na minha casa. — Envolvi os braços nele e o segurei, sussurrando: — Eles estão seguros.

Um suspiro irregular rasgou sua garganta e ele relaxou contra mim.

— Vocês precisam sair daqui — um bombeiro berrou. — Não é seguro.

— Já estamos indo — falei, recuando com Joey nos meus braços. — Vamos, cara... — Minha respiração ficou presa quando meu olhar pousou nos sacos que cobriam os corpos sendo levados para a parte de trás de uma ambulância. Nos virei de lado, tentando desesperadamente bloquear a imagem da minha cabeça e da dele. — Você não precisa ver isso.

— É culpa minha — ele sussurrou.

— Não. — Balançando a cabeça, passei por baixo da fita de isolamento e segui direto para o carro do meu pai. — Não é. — Ergui a cabeça para o meu pai e gesticulei para que ele entrasse. — Isso é culpa dele, Joey. Não sua.

— Eu estava chapado — ele confessou. — Perdi a cabeça e abandonei eles.

— Se você tivesse ficado, estaria apagado na sua cama — eu disse. — Darren não teria saído pra te procurar, Shannon não estaria acordada pra me ligar, e vocês todos teriam morrido queimados enquanto dormiam!

— Meu Deus — ele sibilou, enrijecendo nos meus braços. — Minha mãe...

— Isso *não* foi culpa sua — praticamente rosnei no seu ouvido, colocando-o no banco de trás e me sentando ao seu lado. — Então não ouse deixar aquele escroto entrar na sua mente!

Joey se afundou no assento, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos, imóvel feito uma estátua e quieto feito um fantasma.

— Você não tem culpa — repeti, prendendo o cinto. — É culpa dele.

— Joey — meu pai disse do banco do motorista, ligando o motor e se afastando da casa. — Você vai pra casa com a gente, está bem?

Ele começou a tremer violentamente, mas não respondeu. Ele só manteve os olhos fechados e colocou as mãos sobre os joelhos para se acalmar.

— A gente vai cuidar de você — meu pai continuou falando com uma voz calma e firme. — Não estou te perguntando, filho. Estou te informando.

— Eu devia estar lá — ele sussurrou, tremendo. — É meu trabalho manter eles seguros.

— Eles *estão* seguros. — Estiquei o braço e o envolvi nos seus ombros. — E você também.

— Não. — Ele balançou a cabeça e vi uma lágrima escorrendo pela sua bochecha. — É meu trabalho manter *ela* segura.

— Eles vão me odiar — Joey sibilou, recuando da porta da sala quando finalmente conseguimos convencê-lo a sair do carro e entrar em casa. — Não consigo. Eles vão me culpar...

Ele se virou para sair, mas meu pai colocou as mãos nos seus ombros, obrigando-o a manter contato visual com ele.

— Ninguém poderia te odiar — ele disse, segurando Joey, com medo de que ele fugisse. O que era uma possibilidade muito grande. Dava para ver que ele queria fugir. — E ninguém está te culpando por nada.

— Me solte... — Ele se desvencilhou, se debatendo com força. — Não quero que você encoste em mim.

— Está bem — meu pai falou em um tom tranquilo. — Você está seguro.

— Eu ferrei tudo — ele disse, segurando os cabelos. — Ferrei tudo.

— Então a gente vai consertar — meu pai continuou. — Posso te ajudar, Joey, mas você precisa deixar.

— Não preciso da sua ajuda. Só preciso... — Ele olhou em volta selvagemente, parecendo assustado e encurralado. Depois deu uns passos para trás, passou a mão pelo cabelo sujo e perguntou: — Onde está Shan? — Tremendo, ele olhou para os lados mais uma vez, claramente agitado e amedrontado. — Onde está minha irmã?

— Ela está lá em cima dormindo — falei, tentando manter a voz firme. — No meu quarto. Pode ir lá ver ela, cara. — Me aproximei dele com as mãos erguidas. — O que quiser...

— Não encosta em mim — ele cuspiu, afastando a mão do meu pai. Assustado, ele balançou a cabeça e sibilou. — Só... fiquem longe.

— Joey, está tudo bem — eu disse, chegando mais perto. — Você está bem...

— Não encosta em mim, porra! — ele soltou de novo, empurrando meu peito. — Não quero...

A porta da sala se abriu antes que ele tivesse chance de terminar a frase. Minha mãe apareceu na porta.

— Ah, Joey, querido — ela choramingou, seguindo direto para ele. Ela só parou quando estava com as mãos no rosto dele, encarando-o. — Ah, meu pobre garoto... — ela disse, puxando a cabeça dele para o seu ombro. — Vem aqui comigo.

Prendi o fôlego e o observei desconfiado, rezando para que ele não fizesse nada que me obrigasse a machucá-lo. Se ele atacasse minha mãe, de luto ou não, eu perderia a cabeça.

Ele soltou um suspiro trêmulo e relaxou contra ela, abraçando-a com força.

— O que é que eu vou fazer?

— Estou aqui — ela sussurrou no seu ouvido, fazendo carinho no seu cabelo e nas suas costas. — Shhh, estou bem aqui pra você, Joey, meu bem.

— Você voltou — Ollie choramingou, disparando da sala. — Tadhg! Joey está aqui. — Minha mãe deu um passo para o lado bem quando Ollie se jogou no irmão. — Eu sabia que você ia voltar. Falei pra eles.

— O-ee — Sean disse, avançando pelo corredor com as mãozinhas esticadas. — O-ee!

Ajoelhando-se no chão do corredor, Joey pegou o irmãozinho nos braços.

— Me desculpa, Sean. — Fungando, ele passou o braço ao redor de Ollie e segurou os dois contra o peito. — Me desculpa, Ol.

— Mamãe foi pro céu — Ollie disse, chorando. — Os policiais falaram que papai levou ela embora.

Joey fez que sim e os apertou mais contra si.

— Está tudo bem.

Minha mãe enterrou o rosto no peito do meu pai, chorando baixinho.

— Shhh — ele sussurrou, abraçando-a. — Está tudo bem, amor.

— Mas ela foi embora — Ollie choramingou. — Foi pro céu sem a gente.

— Mamãe — Sean chorou. — Mamãe bola.

— Ela não foi embora, gente — Joey sussurrou, fungando. — Ela só virou um anjo.

— Um anjo? — Ollie perguntou, olhando para Joey. — Com asas?

— Isso. Asas bem grandes e lindas — ele disse, limpando a bochecha no ombro. — Virou um anjo especial só pra você.

— Papai? — Sean perguntou, desconfiado. — Pou, pou.

— Papai se foi — Joey prometeu. — Chega de pou, pou, Sean.

— Mamãe é um anjo? — Ollie sussurrou, com uma voz quase reverente. — Nossa.

— É, e ela está te olhando agora mesmo — Joey continuou falando baixinho com os irmãos. — Ela não quer ver vocês chorando. Ela vai f-ficar triste. Vocês precisam ser f-felizes... — Sua voz falhou e ele respirou fundo algumas vezes antes de acrescentar: — Pensem em coisas felizes, está bem?

— Você foi embora — Tadhg falou com uma voz afiada na porta da sala. Lágrimas desciam pelas suas bochechas enquanto ele encarava Joey com a mandíbula tensa. — Você *abandonou* a gente!

— Deixa ele em paz — Ollie o defendeu, fungando. — Ele voltou.

— O-ee não bola — Sean disse. — O-ee fica Sean.

— Eu sei — Joey falou com a voz trêmula, olhando para o irmão. — Me desculpa.

— Te odeio! — Um pequeno soluço de dor saiu rasgando da garganta de Tadhg, e logo ele estava correndo, se jogando em Joey, dobrando-se nos braços do irmão mais velho. — Eu te odeio pra caralho — Tadhg soluçou enquanto se agarrava a Joey. — Eu te odeio muito.

— Eu sei. — Fechando os olhos, Joey segurou os três meninos contra si. — Eu também.

— Você encontrou ele — Darren disse, emocionado e aliviado, parado na porta de onde Tadhg tinha disparado, com os olhos fixos no meu pai. — Obrigado. — Ele deu um passo à frente e hesitou por um breve momento antes de se agachar ao lado dos irmãos. — Oi, Joe.

— Oi, Dar — Joey sussurrou, com os olhos verdes colados no irmão.

— Você está bem?

Joey balançou a cabeça e seu rosto se contorceu de dor.

— Olha pra mim... — Segurando seu rosto entre as mãos, Darren pressionou a testa na dele e deu um suspiro trêmulo. — Você fez mais por ela que qualquer um.

Joey fechou os olhos.

— Não foi o suficiente...

— Foi sim — Darren disse com a voz rouca. — Você é o motivo de eles terem sobrevivido por tanto tempo. Não eu, nem ninguém mais. Só você.

Lágrimas escorreram pelas suas bochechas.

— Não, eu devia estar lá...

— *Você* — Darren repetiu. — Não poderia ter feito mais nada.

Silenciosamente, meus pais conduziram Tadhg, Ollie e Sean de volta para a sala para dar a Darren e Joey privacidade.

— Eu abandonei eles — Joey confessou, apoiando a cabeça do ombro de Darren. — Eu fiz isso com eles. Eu. Eu fui *embora*.

— Você não abandonou ninguém — Darren sussurrou, fazendo carinho na cabeça do irmão. — Você só precisava de um tempo.

— Estou ferrado, Darren — ele falou entre soluços. — Estou com um problema e não consigo parar.

— Eu sei — Darren disse, abraçando-o. — Vamos conseguir ajuda pra você, Joe. Prometo.

— Ele conseguiu — Joey soltou, chorando com força. — Ele finalmente matou ela... — Sua voz falhou e ele deu um enorme soluço. — Meu Deus, ele queimou ela viva...

Ouvimos o motor de um carro se aproximando. Me virei e fui até a porta depressa. Eu não conseguia ficar ali. Não conseguia mais ouvir a dor deles nem por mais um segundo. Abri a porta com tudo e praticamente saí correndo pela noite, cambaleando para longe da casa em uma tentativa de obter alguma clareza.

Quando meus olhos pousaram no ford focus prateado estacionado na frente de casa e uma familiar cabeça loira saiu do carro, senti meu corpo ceder.

— Estou com você, Johnny — Gibsie disse, me abraçando bem na hora que eu colapsei. — Estou aqui, cara — ele sussurrou, nos abaixando no chão. — Pode soltar.

Então eu soltei.

— Você salvou a vida deles, Johnny — Gibsie declarou quando consegui me recompor o suficiente para lhe contar o que tinha acontecido. Estávamos sentados lado a lado na nossa

velha e surrada casa da árvore nos fundos da minha casa, olhando o sol nascer sobre as montanhas. — Todos eles.

— Você devia ter visto o bebê, cara. Ele estava ensopado de uísque. — Estremecendo, abracei os joelhos e engoli um grito. — Na hora, eu nem pensei direito... só achei que aquele bêbado escroto tinha derramado a bebida nele ou algo assim. — Balancei a cabeça, perdido e perplexo. — A ficha não tinha caído, Gibs.

— E como você ia saber? — ele perguntou, me imitando e abraçando os próprios joelhos. — Quem é que faz algo assim?

— Ele — murmurei, agitado.

Gibsie soltou um suspiro pesado.

— Eles estão todos na sua casa?

— Sim, estão lá dentro com os meus pais. Eu só... eu tinha que sair pra respirar um pouco. — Dei de ombros, impotente. — É triste demais.

— Você fez bem, Johnny — ele falou baixinho.

— Ela estava *bem ali* — confessei com os olhos cheios de lágrimas. — Me olhando nos olhos. Eu falei que voltaria pra buscar ela. — Fechei os olhos e estremeci com a lembrança. — Ela parecia resignada, Gibs. Como se ela *soubesse*.

— Ela provavelmente sabia, cara. E você deve ter dado uma enorme paz pra aquela senhora. Ela viu as crianças saindo. Ela soube que estariam seguras. Você ofereceu isso pra ela, cara. Ela não podia sair. Ela sabia. O lugar inteiro estava pronto pra explodir. Se ela tivesse tentado sair com você e ele tivesse acendido o fósforo, todos vocês teriam morrido queimados antes de terem chance de piscar... incluindo você e Sean.

— Por que ele faria isso? — sibilei, sentindo um calafrio ao perceber quão perto estive da morte. — Por que alguém faria *isso*, Gibs?

— Sei lá, Johnny.

— Não faz o menor sentido — falei.

— Não — ele concordou, suspirando. — Não faz.

— Estou assustado — confessei, mordendo o lábio. — Fico me perguntando o que teria acontecido se ele tivesse se virado quando estávamos no corredor... — Estremeci de novo. — O que diabos teria acontecido com aquelas crianças...

— Mas isso não aconteceu, porque você tirou elas de lá — Gibsie me lembrou. — Vocês estão todos seguros, cara.

— Ela também tirou as crianças de lá. — Me virei para ele. — Ela me ajudou, cara, e sei que é estranho, mas ela ajudou. Foi como se ela estivesse... como se ela *quisesse* que eu tirasse elas de lá. — Estremeci. — E, quando fiz isso, ela só se virou e voltou pra ele. Ela... se *sacrificou* pelas crianças. Por mim...

— Merda — ele sussurrou.

— Pois é. — Assenti. — Que merda.

Ficamos sentados em silêncio por vários minutos antes de Gibsie finalmente se levantar e seguir para a escada.

— É melhor eu ir — ele disse. — Senão minha mãe vai surtar.

— Gibs?

— Sim?

— Não vai embora ainda, pode ser?

Ele parou na escada com as mãos na estrutura de madeira e fiquei observando uma multidão de emoções passarem pelas

suas feições. Finalmente, ele subiu de novo e se sentou ao meu lado.

— Sabe, se você queria ver o sol nascer comigo, era só dizer, cara — ele brincou, me empurrando com o ombro.

— Beleza. — Soltei uma risada meio vazia. — É isso.

69

RECONSTRUINDO

Johnny

— O que está fazendo aí em cima, cara? — Gibsie me perguntou na sexta à tarde ao me encontrar no gramado atrás da casa.

Tinham se passado cinco dias desde o incêndio, desde que o mundo de Shannon e dos irmãos tinha desmoronado e eu me senti mais impotente que nunca. O sol estava alto e eu estava ali desde que o dia amanheceu e o choro recomeçou. Cansado dos assistentes sociais e da Gardaí, sem falar nos amigos e parentes, mantive distância da casa. Nada do que eu dizia ou fazia parecia ajudar, então decidi me retirar. Queria ficar perto para voltar depressa se ela precisasse de mim, mas queria ficar longe o suficiente para dar a ela algum espaço com a família.

Além disso, as pessoas ficavam ligando para casa o dia todo, todos os dias desde que a catástrofe aconteceu, e se eu tivesse que ouvir o discurso "Você é um herói, rapaz" mais uma vez, eu ia perder a cabeça. Eu não era um herói; eu amava minha namorada e fiz o que qualquer outro cara na minha posição teria feito.

— Você tem medo de altura, Johnny — Gibs me lembrou, como se eu pudesse esquecer disso. — E você está bem alto, cara.

— Estou reformando nossa casa da árvore — respondi enquanto me pendurava em um galho do velho carvalho com um martelo e pregos na mão. — E não tenho medo de altura. Só sou cauteloso com qualquer coisa que ofereça a menor ameaça de eu cair e morrer.

— Faz sentido. — Com as mãos nos quadris, Gibsie ficou me encarando com uma expressão reflexiva. — Então, por que está reformando o forte?

— Porque eu precisava fazer alguma coisa e não consigo fazer nada lá dentro.

— Você foi pro treino hoje?

— Não.

— Pra musculação?

— Não.

Ele soltou um suspiro pesado.

— Johnny...

— Preciso fazer isso, Gibs — falei, com a voz carregada de emoção. Eu me sentia inútil e não lidava bem com isso. Eu não conseguia consertar essa situação para ela e não conseguia

mudar o que tinha acontecido. — Preciso consertar *alguma coisa*.

— Então bora consertar isso — Gibsie falou. — Vou chamar os caras.

Em uma hora, Hughie e Feely chegaram com um dos tratores do pai de Feely, trazendo pranchas e tábuas velhas de madeira a reboque.

— Espero que não se importe, cap, mas minha mãe veio com Claire e Lizzie — Hughie bufou enquanto puxava um pneu de trator da parte de trás do reboque e o rolava até o tronco da árvore. — Elas foram lá pra dentro.

— Lizzie, a víbora — Gibsie resmungou, jogando algumas tábuas velhas para o lado. — Espero que ela esteja de bom humor.

Dei de ombros sem diminuir o ritmo, arrancando o piso da casa da árvore e jogando as tábuas para Gibsie.

— Mal não vai fazer.

Depois disso, trabalhamos em silêncio. Acho que nenhum de nós queria ficar lá dentro nesse momento. Eu não queria deixá-la, mas não podia consertar as coisas, e a culpa que eu estava sentindo me afogava. A situação era insolúvel e eu estava quase surtando. Durante a tarde e a noite, minha mãe ficou indo e vindo com bandejas de sanduíches e garrafas de chá, mas nenhum de nós parou para bater papo.

— Quando é o funeral? — Feely perguntou após algumas horas trabalhando juntos em silêncio e camaradagem.

— Depois da missa do meio-dia na segunda-feira — respondi, sentindo meu peito apertar só de pensar. — Eles só trouxeram os corpos esta manhã, depois das autópsias e todas aquelas merdas.

— Então o rosário é amanhã à noite e a remoção é no domingo?

Assenti rigidamente.

— A cerimônia vai ser fechada, claro, e os caixões também vão ficar fechados.

Feely soltou um suspiro pesado.

— Que merda, cara!

— Pois é. — Enxuguei a sobrancelha com o braço e suspirei. — Me passa uma água, por favor? — Prendi as pernas ao redor do galho em que eu estava me equilibrando, tirei a camiseta e a atirei para longe. — Estou derretendo aqui.

— Você não é o único — Feely grunhiu, jogando uma garrafa para mim. — Estou vermelho feito um pimentão.

Olhei para seus ombros nus e estremeci.

— Ah, cara! Você devia ter passado protetor nos ombros.

— Eu passei. A gente não fica bronzeado que nem você, cap.

Olhei para mim mesmo e dei de ombros.

— Não estou tão bronzeado assim.

— *Ainda* — Feely comentou. — Dê mais uma semana com esse clima e vai parecer que passou o maldito verão na Austrália.

— Ah, não fique com inveja, cara. Você está com aquele bronzeado de fazendeiro, com a marca da camiseta — Gibsie

ofereceu. — Seus braços estão lindos.

— Eu *sou* fazendeiro — Feely grunhiu. — Mas valeu, Gibs. Agradeço o elogio. Seus braços também são lindos.

— Eu sou todo lindo — Gibsie o corrigiu, gesticulando para o peito. — Tenho a pele amarelada — ele acrescentou com uma piscadela. — O sol me ama.

— Que bom pra você! — Feely retorquiu, bufando.

— Alguém precisa falar pra sua mãe levar a estátua do menino Jesus de Praga de volta lá pra dentro, cara — Hughie bufou. — Está quente o suficiente e você não vai fazer feno até junho.

— Ela é supersticiosa — Feely disse, dando de ombros de um jeito evasivo. — E eles estão na silagem esta semana, então ela não vai tirar a estátua do campo por um tempo.

— Ótimo — Hughie grunhiu. — Então a gente vai ficar aqui suando.

— Vocês são estranhos pra caralho — falei, dando risada. — Vocês acreditam mesmo que botar uma estatuazinha sagrada no campo traz tempo bom?

— Pode apostar que sim, garoto da cidade — Gibsie respondeu. — É cem por cento efetivo. Assim como quando minha avó acende uma vela pra mim antes das provas. É tiro e queda.

Revirei os olhos.

— Culchies.

— Ei, e o Joey? — Hughie perguntou. Ele cobriu os olhos para se proteger do sol e olhou para mim. — O que está rolando?

Eu me abaixei e peguei outra tábua com Gibsie antes de arrastá-la para cima e colocá-la nas vigas da casa da árvore.

— O pessoal da clínica vai mandar uns caras pra escoltar ele depois da cerimônia na segunda.

— Meu Deus! — Hughie murmurou, esfregando a mandíbula. — O que é que ele estava pensando quando foi se meter com drogas?

— Ele provavelmente estava pensando que o pai era um psicopata que passou a maior parte da vida esmurrando ele e só queria dar uma escapada — Gibsie respondeu, pegando a camiseta pendurada no jeans para enxugar a sobrancelha. — Nenhum de nós sabe o que ele passou, Hugh. Não estávamos no lugar dele, então não o julgue.

— Não estou julgando — Hughie disse, erguendo as mãos. — Só estou com pena dele... de todos eles. Lembro de quando Shannon começou a andar com a Claire. Ele era tão irritante e protetor com ela! Eu nunca imaginaria uma coisa dessas. A gente nunca estudou na mesma escola nem nada, mas tínhamos a mesma idade e eu não conseguia entender por que ele era tão apegado com a irmãzinha. Eu não suportava a Claire quando ela era mais nova, mas Joey levava Shannon pra todo lugar com ele. Agora eu sei por quê.

— Quanto tempo ele vai ficar fora? — Feely perguntou.

— O verão todo — respondi, martelando a tábua, exausto. — É um programa de noventa dias, mas depende de como ele vai cooperar. Pode demorar mais. Ou menos. — Dei de ombros e acrescentei: — Ele quer ir.

— Que bom! — Gibs disse em um tom estável, me passando outra tábua. — Ele só tem dezoito. Tem uma boa chance de se recuperar.

— E os outros? — Feely perguntou. — O que vai acontecer com Shannon e os mais novos?

— Eles vão ficar aqui — expliquei. — Meu pai pressionou por uma audiência de emergência. Ele e minha mãe foram liberados pra serem os tutores temporários.

— E Darren concordou? — Gibsie disse, confuso.

— Pelo visto, sim. Ele ainda está aqui.

— Mas ele não vai ficar pra sempre, né? — Gibsie falou. — Uma hora ele vai voltar pra Belfast?

— Quem sabe, cara? — Encolhi os ombros, me sentindo tonto por não ter as respostas. — Meus pais dizem que ele pode ficar quanto tempo ele quiser.

— E Shannon? Como ela está? — Feely perguntou.

Curvei os ombros, derrotado.

— Ela está arrasada.

— Onde ela está agora?

— Da última vez, ela estava com Joey — murmurei. — Eles estavam encolhidos em um dos quartos de hóspedes. Eles não desgrudam um do outro. — Balancei a cabeça. — Parecem ímãs.

— E os outros?

— Não sei se Sean entende o que está acontecendo, mas Ollie e Tadhg até que estão bem, apesar de o pai deles ter se matado e assassinado a mãe deles, queimando os dois... Vivos. — falei.

Feely estremeceu.

— Jesus.

— Nem sei o que dizer, cara — Hughie falou. — Sinto muito.

— Pois é, eu também. — Voltando a atenção para a casa da árvore, martelei a última tábua no chão. — Eu deveria ter arrancado ela daquela casa comigo quando tive chance. — Furioso comigo e com o resto do mundo, joguei o último prego no chão e martelei com força só para garantir. — O sangue dela está nas minhas mãos. Essas crianças não têm mãe porque eu larguei ela naquela casa. Com *ele*. Eu olhei nos olhos dela e fui embora. Deixei ela lá pra ser queimada. É culpa *minha*.

— Não é, porra! — Gibsie me repreendeu, subindo a frágil escada para se juntar a mim na casa da árvore recém-pavimentada. — A gente já falou sobre isso... Aquele bebê era uma bomba ambulante, Johnny! A casa inteira estava pronta pra pegar fogo no minuto em que aquele psicopata acendesse um fósforo. Você salvou quatro vidas, cara. Quatro vidas *inocentes*... cinco, incluindo você. Não se culpe, porque *você* fez mais por aquela família do que qualquer outra pessoa.

— Eu me sinto responsável — confessei.

— Ah, você vai ser responsabilizado — Gibsie disse, estreitando os olhos. — Por eu te jogar daqui de cima se ouvir você falando essa merda de novo.

— Eu só...

— Você *não* tem culpa!

— Mas eu...

— Hughie, me passa esse martelo — Gibsie ordenou. — Vou martelar um pouco de juízo pra dentro desse cérebro burro!

— É como eu me sinto, cara.

— Então você está cagado da cabeça! — Gibsie retorquiu. — Para com isso!

— Como?

— Só para — ele grunhiu. — Para de se sentir assim, é idiota. É inútil. Você está sofrendo à toa. Você é um puta herói e, se não aceitar e se recompuser, vai ser um herói morto, porque eu vou te matar, Johnny. Você sabe que eu vou!

— Hum, acho que essa não é o melhor incentivo devido às circunstâncias, Gibs — Hughie interveio.

— Eu sei como é, Johnny — Gibsie latiu. — Eu já estive nesse lugar e posso te mandar parar com isso. Eu tenho o direito de pedir pra você se controlar. Você fez o que pôde e fez um ótimo trabalho. Agora *chega*. Para de se torturar. Ficar ruminando as coisas assim não vai mudar o que aconteceu com ela. Só vai mudar o que acontece com *você*... no presente e no futuro.

Fiquei olhando para ele por um longo momento antes de abrir um sorriso relutante.

— Você seria um conselheiro horrível, Gibs.

— Você está rindo, não está? — ele retrucou, dando um sorrisinho torto.

— Verdade — Feely comentou do chão, com o martelo na mão. — Ainda precisa disso?

— Depende — Gibsie respondeu, com os olhos fixos nos meus. — Vou ter que martelar juízo na sua cabeça, Johnny?

Fiz que não, derrotado.

— Você já fez isso, cara.

— Que bom! — Ele assentiu em aprovação. — E aqui está outra coisa que vai acontecer... — Descendo de um galho, ele ficou de pé e se alongou antes de se virar para mim. — Você vai terminar essa casa da árvore. Vamos fazer a melhor reforma imaginável e botar o sorriso de volta no rosto daqueles meninos. Daí a gente vai treinar, porque *você* vai estar pronto pros treinadores irlandeses amanhã de manhã.

— Gibs... — Balancei a cabeça. — Não posso ir agora...

— Você está errado pra caralho, Johnny Kavanagh — ele disse, me interrompendo. — Você vai nem que eu tenha que te amarrar nas minhas costas e te levar lá eu mesmo! Este é o seu futuro e você não vai jogar essa chance fora. De jeito nenhum vou deixar isso acontecer.

— Meu Deus — murmurei, esfregando o queixo. — Quando foi que você ficou tão mandão?

Ele deu de ombros.

— Às vezes, o Robin tem que assumir a liderança.

— Robin? — Hughie deu risada. — Você acabou de se referir a si mesmo como Robin?

— Então o capitão é o Batman e você é o Robin? — Feely perguntou. — Hum, faz sentido.

— Vocês são uns cagados da cabeça — Hughie disse, ainda rindo.

— Poderia ser pior — Gibsie falou. — A gente podia ser como vocês dois.

— Ah, é? E como seriam? — Hughie provocou.

— É — Gibsie disse, sorrindo. — Bebop e Rocksteady.

— Não sou Bebop *nem* Rocksteady! — Hughie bufou, ofendido. — Se eu for alguém, sou Robin!

— Aham — Gibsie zombou. — E você diz que eu sou cagado da cabeça? Está *certo*, Bepop.

— Não faz sentido — Hughie argumentou. — Eles são de dois desenhos completamente diferentes.

— Por isso — Gibsie disse. — É como se estivéssemos em dois níveis completamente diferentes. — Sorrindo, ele colocou a mão sobre a cabeça e disse: — Estou aqui em cima com sua irmã e você está... — Ele deixou a mão na altura da cintura. — Aqui embaixo...

— Feely, me dá o martelo — Hughie rosnou, partindo para cima de Gibsie. — Eu vou enterrar esse cuzão de uma vez por todas.

70

TE VEJO

Shannon

— A vovó está lá embaixo com Darren — sussurrei, me sentando na ponta da cama, fazendo carinho na sua testa suada. — Quer descer pra vê-la?

Ele não respondeu. Em vez disso, só ficou tremendo agarrado ao travesseiro que ele tinha sobre a barriga. Pelo menos, não estava mais vomitando. Para ser sincera, eu não pensei que tivesse sobrado algo dentro dele para ser colocado para fora. Seus olhos estavam vazios, distantes, feito esferas verdes na sua cabeça. Nada parecia estar acontecendo ali dentro.

— Joe?

Silêncio.

— Por favor, fala comigo — implorei, afastando as mechas loiras dos seus olhos.

Nada.

Uma lágrima caiu pela sua bochecha e estiquei o braço para enxugá-la.

— Te amo. — Me inclinei e dei um beijo na sua bochecha. — Te amo muito.

Ele continuou deitado de lado sem falar nada, de frente para a janela e olhando para o nada. Os médicos tinham vindo várias vezes nos últimos dias desde o incêndio. Segundo eles, meu irmão estava sofrendo abstinência. Ele admitiu para a sra. Kavanagh e Darren que estava usando drogas pesadas fazia meses antes de eu acabar no hospital. Eu não sabia. Não tinha percebido os sinais. Ele também estava em choque e eu estava com medo de sair de perto dele, temendo que ele fugisse de novo. Olhando para ele agora, eu não sabia se ele teria energia para se levantar da cama, mas nunca dava para ter certeza com Joey. Ele era tão imprevisível quanto o verão irlandês.

Eles o levariam embora em breve. Assim que o funeral terminasse, ele iria para uma clínica especial para se recuperar. Um lugar onde poderiam cuidar dos seus vícios e da sua saúde mental. Eu não entendia por que ele tinha que ir embora e não queria que ele fosse, mas ele mesmo assinou a papelada antes de parar de falar. Ele queria ir e eu estava com medo da segunda-feira chegar, porque eu honestamente não sabia como sobreviveria a tudo aquilo sem ele.

Alguém bateu suavemente na porta do quarto onde Joey estava dormindo e a cabeça da sra. Kavanagh apareceu pela fresta.

— Oi, Shannon, querida — ela disse, abrindo um sorriso carinhoso para mim. — Tem duas pessoas lá embaixo querendo te ver.

Minha respiração ficou presa na garganta e enrijeci. Eu não conseguia mais lidar com nenhum assistente social nem com a polícia. Estava cansada demais.

— Eu não...

— Claire e Lizzie — a sra. Kavanagh explicou depressa. — Elas estão lá na sala, meu bem.

— Eu, hum... — Hesitei, sem querer deixar meu irmão. — Talvez... eu não quero que ele fique sozinho...

— E tem alguém querendo te ver, Joey — ela anunciou com um tom gentil. Ela abriu a porta por completo e Aoife estava ao seu lado. — Entra, querida.

Entrei em pânico ao ver a namorada dele, sabendo que, da última vez que Joey falou, ele nos avisou que *não* era para deixá-la entrar. Ele fez Darren prometer que a manteria longe. Ele não a queria ali. Não queria que ela o *visse*.

Joey permaneceu completamente imóvel, ainda agarrado ao travesseiro, encarando a janela, e Aoife entrou no quarto.

— Você não pode se esconder de mim — ela falou, se aproximando dele. — E não pode desistir.

Observei-o com atenção, rezando para que ele tivesse algum tipo de reação e sentindo uma pontada de alívio quando ele teve um espasmo ao ouvir a voz dela.

Fiquei pairando perto da cama, sem querer deixá-lo, com os olhos fixos em Aoife se sentando do lado para onde ele olhava.

— Meu Joey — ela sussurrou, colocando a mão na bochecha dele. — Meu baby.

Um tremor percorreu o corpo dele e ele apertou ainda mais o travesseiro conforme seus pés se contraíam esporadicamente.

Ela inclinou o rosto para perto dele e o cutucou delicadamente com o nariz.

— Volta pra mim — ela pediu, sussurrando na sua orelha, fazendo carinho no cabelo, nas bochechas e no queixo dele. — Porque não vou desistir de você.

Ele tremeu mais, seus membros também, e um gemido sofrido rasgou sua garganta.

Meus olhos se arregalaram de surpresa. Era o primeiro som que ele produzia em dias.

— Eu sei — Aoife continuou sussurrando, tocando-o como se ele fosse uma criancinha. — Você está aí, não está? Hein? — Ela beijou o canto da sua boca. — Estou te vendo, Joey Lynch. — Ela roçou o nariz no dele e falou: — Você não pode se esconder de mim.

Ele ergueu a mão de repente, colocando-a na barriga dela.

— Isso — ela o encorajou, ajeitando a cabeça dele no colo e o ninando. — Volta pra mim, amor.

Outro ruído sofrido saiu da sua garganta e ele enterrou o rosto no estômago dela, tremendo violentamente.

— Está tudo bem — ela sussurrou, se inclinando sobre seus ombros largos para mantê-lo perto. — Você não pode me mandar embora. — Seu cabelo loiro caiu sobre eles enquanto ela dizia: — Você é meu, lembra?

— Vamos, Shannon, querida — a sra. Kavanagh limpou a garganta e falou. Desviei os olhos do meu irmão e olhei para ela, que abriu um sorriso triste. — Vamos deixar Joey e Aoife sozinhos.

Relutantemente, eu a segui para fora do quarto e a observei fechando a porta. Nervosa e insegura, saí atrás dela, sentindo os pés vacilarem quando chegamos ao topo da escada e ouvi diferentes vozes vindo lá de baixo.

— Não sei — falei, parando no lugar.

— Hã? — a sra. Kavanagh se virou para mim. — O que você disse, meu bem?

— Não sei... — repeti, segurando o corrimão. Inclinei a cabeça para as escadas e me mexi, desconfortável. — Tem muita gente lá embaixo.

Os olhos dela se encheram de compreensão.

— Ah, minha querida. — Ela se aproximou e me puxou para os seus braços. — Você está segura aqui.

— Eu preciso ir? — sussurrei, tremendo. — Estou com medo.

— Do que você tem medo, Shannon? Hein? Nada vai te machucar de novo, querida.

— Da realidade — confessei. — De encarar as pessoas.

— A realidade pode ser intimidante — ela concordou, pegando minhas mãos. — E encará-la pode ser ainda pior, mas você é forte. — Ela sorriu para mim e acrescentou: — Você consegue, Shannon Lynch. Eu sei que consegue.

Dei um suspiro trêmulo.

— Sério?

Ela sorriu e fez que sim.

— Sério.

Suspirando mais uma vez, soltei o corrimão e desci as escadas, segurando a mão dela, sabendo que aquela mulher devia ter caído direto do céu, pois queria nos ajudar. Ela queria *ficar* com a gente. *Com todos nós*. Eu não a entendia e provavelmente nunca entenderia, mas sabia que jamais ia querer sair daquela casa. Ela era boa e gentil, fazia eu me sentir *segura*.

— Johnny está aqui? — perguntei quando alcancei o último degrau, me forçando a fazer a pergunta e sentindo meu coração bater acelerado devido à pressão que estava sofrendo.

— Está, meu bem — a sra. Kavanagh respondeu. — Ele está lá atrás com os meninos.

Eu não tinha visto muito Johnny desde aquela noite. Tudo aconteceu tão rápido e eu estava com tanto medo de deixar Joey sozinho que não tinha passado tempo algum com ele. Eu estava sentindo sua ausência na parte mais profunda de mim, o que era ridículo, considerando que eu estava na casa dele.

— Quer que eu o chame? — ela perguntou, me trazendo para o presente. — Ele vem na mesma hora, Shannon. Sei que ele adoraria passar um tempo com você...

— Ah, não, não — falei depressa, soltando a sua mão. — Está tudo bem, por favor, não o incomode. — Engoli em seco e abri um sorriso amarelo. — Ele está com os amigos.

— Tem certeza? — ela perguntou, me olhando com preocupação. — Sei que você não o incomodaria nem um pouco.

Não.

— Tenho — eu disse, juntando as mãos. — Eu, hum, vou lá falar com as meninas, se estiver tudo bem.

— Claro. — Ela deu um passo para trás e gesticulou para a sala. — Não precisa pedir permissão pra ninguém.

— Obrigada — falei, emocionada.

Me virei antes de perder a coragem e me obriguei a respirar lentamente enquanto atravessava o corredor chique e entrava na sala de estar.

Toda a bravura, a determinação e o controle sobre as minhas emoções flutuaram para longe do meu alcance quando olhei minhas melhores amigas.

— Shan — Claire falou, se levantando de um salto do sofá.

— Ah, Shan — Lizzie disse, se juntando a ela.

— Sinto muito pelos seus pais — Claire sussurrou.

— Eu também — Lizzie falou. — Você está bem?

Meu rosto se contorceu de dor e balancei a cabeça antes de correr para elas.

— Estamos aqui — elas sussurraram, me abraçando. — Não vamos te deixar.

As comportas do meu coração se abriram e eu simplesmente deixei tudo sair, despejando cada grama de dor e sofrimento para fora do meu organismo antes que eu ficasse paralisada em um ponto sem volta.

71

MARTELOS E ELA

Johnny

Estávamos dando os retoques finais na casa da árvore quando ouvimos a voz de Ollie ecoando do chão.

— Uau — ele falou, olhando para nós quatro com uma expressão maravilhada. — É a maior casa da árvore que já vi! — Ele balançou a cabeça. — Em toda a minha vida.

— Você gostou? — perguntei, me inclinando sobre a cerca que acrescentamos na borda. — Legal, né?

— Quem é esse? — Feely sussurrou.

— Ollie — falei baixinho.

— Ele é o meu favorito — Gibsie comentou.

— Oi, Ollie — Feely disse, acenando para o menino.

— Oi, carinha — Hughie o cumprimentou.

— Oi. — Ele acenou de volta para os caras e ficou observando a casinha. — Que legal, Johnny! — Um enorme

sorriso se espalhou pelo seu rosto. — O que vocês estão fazendo aí?

— Estamos em uma reunião secreta — Gibsie falou. — Só pra quem tem mais dezessete anos.

A expressão de Ollie murchou e balancei a cabeça antes de me voltar para Gibsie, que estava deitado de costas na casa da árvore, fumando sem parar.

— Seu idiota. — Virei para Ollie, sorri e falei: — Não liga pra ele, Ollie. Fizemos isto pra você e pros seus irmãos.

— É mesmo? — Ele arregalou os olhos. — Sério?

Fiz que sim.

— Vai lá chamar o Tadhg.

— Eba! — Ele se virou e disparou pelo gramado, correndo e gritando a plenos pulmões: — Tadhg! Você precisa ver isso!

— Não quero abrir mão da casinha — Gibsie grunhiu, baforando uma nuvem de fumaça. — Adoro isso aqui.

— Você é a maior criança que nunca cresceu que já conheci — Feely murmurou.

— Mas ficou tão legal! — Gibsie bufou. — E agora a gente vai ter que ceder ela.

— Tenho certeza que eles vão te deixar visitar — falei, revirando os olhos. — Agora apaga esse cigarro antes de eles voltarem.

Menos de três minutos depois, Tadhg e Ollie voltaram correndo, atravessando o gramado na nossa direção.

— Puta merda! — Tadhg exclamou ao se aproximar. Seus olhos inchados se arregalaram de espanto. — Vocês que construíram?

— Te falei — Ollie disse, orgulhoso. — Eles fizeram pra gente.

— Sério? — Tadhg franziu o cenho. — Por quê?

— Porque estávamos nos sentindo generosos — Gibsie respondeu, descendo a escada. — E espero ter acesso livre sempre que eu quiser.

— Ela deve ser bem firme — Tadhg comentou, olhando Gibsie de soslaio. — Pra aguentar o seu peso.

— Não sou gordo! — Gibsie bufou. — Eu sou um flanqueador! Preciso ser corpulento. Sou puro músculo. Vou te mostrar...

— Aff — murmurei, descendo atrás dele. — Fica de roupa, Gibsie.

— Flaqueador... — Tadhg zombou, disparando para a escada depois que Feely e Hughie desceram. — Sei.

— Agora ele é o *meu* favorito — Hughie declarou, rindo.

— Vou perder a paciência com esse garoto — Gibsie resmungou, seguindo Tadhg pela escada. — Você só tem doze anos — ele disse ofegante, subindo na casa da árvore. — Você deveria ser um docinho, não um monstrinho.

— Se eu fosse um docinho, você poderia tentar me comer — Tadhg retrucou. — E você claramente já comeu o suficiente.

— Pela última vez, não sou gordo — Gibsie grunhiu. — Tenho ossos largos, tem uma grande diferença.

— Enorme — Tadhg zombou, gostando da discussão. — Você entendeu bem.

— Não consigo lidar com esse menino — Gibsie reclamou.

— Tudo bem, Gibsie — Ollie disse, se juntando a eles na casa da árvore. — Não acho que você é gordo.

— Obrigado, Ollie. É bom saber que tem pelo menos uma criança legal por aqui.

— É que eu sou doce — Ollie falou inocentemente. — Dellie que disse.

— Vocês vão ficar bem aí sozinhos se a gente for lá dentro um pouco? — perguntei.

— Ah, eu nunca mais vou descer — Ollie respondeu. — Então estou ótimo.

— Ei, Johnny? — Tadhg disse, inclinando a cabeça sobre a cerca.

— Sim?

— Hum, obrigado. — Suas bochechas ficaram vermelhas. — Por isto.

— De nada.

— E, hum... pela outra parte também — ele falou, com os olhos castanhos fixos em mim. — A parte de salvar a gente.

— Ah. — Engoli em seco com força e assenti. — Sem problemas.

— Tadhg, olhe! — Ollie deu um gritinho e Tadhg desapareceu. — Um tele-escópio.

— O quê?

— Um tele-escópio.

— Telescópio — Tadhg disse com um suspiro. — Gibsie, deixa ele dar uma olhada? Ele só tem nove anos.

— Vamos, Gibs — falei, rindo e coçando a nuca. — Vou te fazer um sanduíche.

— Está bem, mas quero lanche na chapa *com* batatinhas — Gibsie grunhiu. — Ah, espera... esquecemos as ferramentas.

— Juro que ele ficou preso na mente de sete anos de idade — Hughie comentou.

— Você deve estar certo — Feely concordou. — Ele não mudou muito desde a Primeira Comunhão.

— Madeira...

Bang.

— Ah, meu Deus! — rugi, levando a mão à nuca enquanto a dor se espalhava pelo meu couro cabeludo. Olhando ao redor, avistei o martelo na grama e empalideci. — Que porra é essa, Gibs? — rosnei, olhando para o grande imbecil espiando por cima da cerca. — *Madeira*? O que isso quer dizer?

— É um código — Gibsie falou timidamente.

— Código? Pra quê? Tentar rachar a minha cabeça?

— É um código pra fazer as pessoas saírem do caminho, Johnny — ele retorquiu. — Você é estudado. Deveria saber isso.

— Assim como "à frente" — cuspi. — Também é um código.

Gibsie deu de ombros.

— "À frente" é uma referência do golfe.

— Estou mais pra jogador de golfe que pra lenhador, caralho — sibilei, ainda segurando a cabeça. — Jesus!

— Eu estava te jogando um martelo, não um taco de golfe — ele se defendeu, descendo a escada para se juntar a nós. — Ah, que merda, cara — ele murmurou, se aproximando de mim. — Sua cabeça está toda pegajosa e sangrando.

— Não me diga, Sherlock. Você jogou um maldito *martelo* em mim.

— Tecnicamente, joguei um martelo *pra* você, não em você... e eu avisei — ele observou, cutucando minha nuca. — Não é culpa minha se você não entende os códigos... acho que você vai precisar de uns pontos.

— Só me dá sua camiseta — grunhi. — E você está banido da casa da árvore e de usar ferramentas. Entendeu? Chega.

— Você está bem, Johnny? — Ollie perguntou, preocupado.

Ah, merda.

Eu não podia nem matar Gibsie em paz.

— Estou ótimo, gente. — Arranquei a camiseta de Gibsie das mãos dele, a pressionei na cabeça e abri um sorriso forçado quando tudo o que eu queria era estrangular meu melhor amigo. — Voltem pra casa antes de escurecer, hein — acrescentei, virando as costas para a casa da árvore e balbuciando para Gibsie: — *É melhor você correr, seu merda*.

— Não maltrata muito ele, cap — Feely falou quando disparei atrás de Gibsie.

— Não dá atenção pra ele, cap — Hughie disse, rindo. — Torture esse infeliz.

— Olha... é como um hipopótamo tentando correr mais rápido que uma chita — ouvi Tadhg e Ollie rindo, e mesmo furioso e com sangue escorrendo pela nuca, tive que admitir que aquelas risadas eram adoráveis de ouvir.

— Gerard, não se joga martelos pros outros pegarem — minha mãe repetiu pela décima vez quando entramos na cozinha, tendo acabado de voltar da emergência para uma rápida sutura.

— Está bem — Gibsie bufou, cruzando os braços sobre o peito. — Mas diga pra ele o que ele não pode fazer comigo.

— Ó, senhor, me salva da estupidez dos adolescentes. — Minha mãe colocou a bolsa na ilha, nos fez sentar e suspirou pesadamente. — Johnny, você não pode sufocar Gerard com sua camiseta ensanguentada nem dar rasteira nele... você sabe que ele fica enjoado perto de fluidos corporais.

— A camiseta ensanguentada era *minha* — Gibsie a corrigiu, estreitando os olhos para mim. — Era a minha camiseta ensanguentada, assim como era o *meu* queixo quebrado.

— Você não quebrou o queixo. Você só deu uma raladinha.

Ele me encarou boquiaberto.

— Estou com um buraco enorme no *rosto*!

— Sim. — Olhei feio para ele. — Pra combinar com o buraco enorme que você fez na minha *cabeça*!

— Levei *quatro* pontos — ele grunhiu, apontando para o curativo no queixo.

Apontei para o curativo na minha cabeça.

— E eu levei *seis*!

— A questão é: vocês não deveriam provocar pontos um no outro — minha mãe nos interrompeu. — Vocês têm quase dezoito anos. Estão um pouco grandinhos pra esse tipo de briga, não acham?

— Ah, meu Deus — meu pai disse, entrando na cozinha com Sean no colo. — O que foi que esses dois fizeram agora?

— Tivemos um probleminha de comunicação — Gibsie respondeu, me cutucando nas costelas. — Um pequeno desentendimento.

— Pois é — falei, cutucando-o de volta. — Mas já está tudo resolvido. — Olhei para Sean com seu novo conjunto do Bob, o Construtor, e dei uma piscadela para ele. — Como vai meu carinha favorito?

Ele sorriu para mim.

— Onny. — Desvencilhando-se dos braços do meu pai, ele correu pela cozinha e veio até mim com os bracinhos esticados. — Pou pou, Onny.

— Pois é. — Assenti e me abaixei para pegá-lo. — Foi isso, mas estou bem. — Eu o coloquei no balcão à minha frente, fiz cócegas na sua barriga e dei risada quando ele uivou e gargalhou. — Que barrigão você tem! — falei, aumentando as cócegas e rindo feito um bobo quando ele soltou um gritinho de satisfação. — É a barriga do Papai Noel? Hein? Me dá essa barrigona aqui...

— Você adora esse aí, né? — Gibsie comentou, me observando quando abaixei a cabeça para Sean investigar meu curativo. — Está ficando todo mole, Kav.

— Olha só pra ele — falei na defensiva, apontando para o irmãozinho da minha namorada. Eu tinha passado bastante tempo com ele desde que todos se mudaram. Sean sempre parecia o mais feliz de me ver e era pequenino demais para ser ignorado. Eu sabia que não era certo eleger um favorito e eu

nunca admitiria isso em voz alta, mas se eu pudesse escolher entre todos, seria sempre ele. E talvez Ollie. Dane-se, eu gostava de todos eles, mas esse aí? Ele era especial. — Reparou nos olhinhos dele? — perguntei, apontando para os enormes olhos cor de chocolate de Sean. — Ele é tipo um filhotinho. Como alguém poderia não amar esse rostinho?

— Ele é uma pessoa, não um filhotinho — Gibsie disse, rindo.

— Ele é o meu filhotinho, não é, carinha?

Sean fez que sim alegremente.

— Onny. — E esmagou minhas bochechas com suas mãozinhas. — Meu Onny.

— Seu Onny? — Gibsie o provocou. — Não, não, acho que não. — Ele passou o braço pelos meus ombros e disse: — Este é o meu Onny.

O rosto de Sean ficou vermelho.

— Meu Onny. — Segurando meu rosto entre as mãos, ele me puxou para perto. — Meu Onny.

— Meu Deus, cara, você é tipo um encantador de bebês — Gibsie comentou, dando risada, impressionado. — Ele mal falava da última vez que o vi e agora ele está todo caidinho por você. — Ele franziu as sobrancelhas e perguntou: — Ele só tem problema com o J? É alguma coisa de dicção ou algo assim?

— Ele não tem problema nenhum — respondi com vozinha de bebê, fazendo careta para Sean. — Você só não está com pressa, né, carinha?

Sean fez que sim alegremente e eu sabia que ele não fazia ideia do que eu estava falando, mas ele era tão fofo que eu ri

mesmo assim.

— Está vendo aquele garoto folgado, Sean? — provoquei meu amigo, apontando para Gibsie. — A gente vai pegar ele, não é? O que dizemos quando caçamos as pessoas?

— Au. — Estreitando os olhos para Gibsie, ele avançou e latiu: — Au!

— Ah, meu Deus! — Gibsie colocou as mãos na barriga e caiu do banco de tanto gargalhar. — Você não ensinou esse bebezinho a latir!

— Onny au au — Sean latiu. — Onny au au mêrda.

— Johnny! — minha mãe exclamou. — Você não ensinou esse bebê a falar palavrão.

— Ah, merda — grunhi.

— Ah, mêrda, Onny — Sean me imitou, esfregando minha cabeça. — Ah, mêrda.

— Chega de brincar com Johnny — meu pai disse, rindo, pegando Sean no colo de novo. — Venha, rapazinho. — Ele pegou o leite no balcão e foi para o corredor. — Vamos ler uma historinha antes de dormir.

— Não leia aquele livro pra ele — falei.

— Ah, não se preocupa, amor — minha mãe disse. — Eu queimei aquele livro anos atrás por você.

— Você ainda não tem medo daquele livro, né? — Gibsie zombou. — Depois de tantos *anos*.

— Estou bem — grunhi. — Mas Sean ainda é pequeno.

— Johnny, cara, ninguém pensa como você. A gente não fica analisando tudo como você faz. É só um livrinho sobre uma galinha.

— Era aterrorizante — me defendi. — Passei semanas sem dormir.

— Você não conseguia dormir porque não conseguia desligar o seu cérebro — ele retrucou. — E você continua igualzinho.

— Ele tem razão — minha mãe concordou. — Você se preocupa demais, meu bem.

— É — murmurei, decidindo não me dar ao trabalho de discutir quando eles estavam certos. — Justo.

— Bem, acho que eu devia dar o fora e deixar você dormir um pouco antes do grande dia — Gibsie disse, me lançando um olhar intenso. — Será que vou precisar vir aqui de manhã pra arrastar o seu traseiro pra lá ou você vai agir como um adulto e dirigir sozinho?

— Eu dirijo — falei. — Mas obrigado, cara.

— Ah, meu Deus, o teste! — minha mãe exclamou, batendo a mão na boca. — Esqueci completamente.

— Tudo bem, Mami K — Gibsie disse. — Vou cuidar do seu bebê. — Ele me lançou um olhar mordaz. — Acorda cedo, senão vou atrás de você.

— Estarei lá — respondi com uma voz rouca. — Pode deixar.

— Claro que você vai — Gibsie disse, acenando a cabeça. — Me liga assim que terminar. — Virando-se para a minha mãe, ele deu um beijo na bochecha dela antes de roubar um sanduíche da bandeja que ela estava segurando e sair pela porta dos fundos. — Fui.

— Johnny — ela sussurrou quando a porta se fechou. — Me desculpa, filho. — Ela se aproximou de mim, puxou o banco que Gibsie tinha liberado e se sentou ao meu lado. — Não sei como fui esquecer que os treinadores vêm amanhã.

— Mãe, está tudo bem — murmurei. — Não importa.

— Importa, sim — ela me corrigiu, colocando a mão no meu braço. — Você trabalhou tanto pra se recuperar! A sua vida toda... ah, Johnny, meu bem, me desculpa mesmo.

— Você tinha muita coisa na cabeça. E muitas crianças pra cuidar. É só mais um teste. Não se preocupa.

— Mas você é meu filho. Eu devia estar te apoiando e te ajudando a se preparar.

— Mãe, temos seis pessoas a mais aqui que acabaram de perder a casa e os pais. Não ligo de emprestar minha mãe pra eles.

— Ah, querido... — Ela abriu um sorriso triste. — Só quero que você saiba que continua sendo meu número um.

— Eu sei. — Sorri de volta. — E você fique sabendo que eu não preciso desse tipo de confirmação. — Dei uns tapinhas na sua mão. — Eu sei quem eu sou e sei a quem pertenço. — Dei de ombros. — Não estou preocupado, mãe, então não se preocupe comigo.

— Você quer que eu vá com você amanhã? — ela ofereceu, apertando minha mão. — Posso esperar no carro ou assistir da arquibancada...

— Você quer ir ao treino comigo? — Balancei a cabeça e dei risada. — Fala sério, mãe, o que está tentando fazer? Os treinadores nunca me deixariam em paz.

— Que tal seu pai então? — ela insistiu com um tom esperançoso.

— Não. — Balancei a cabeça. — Ele não. Nem você nem Gibsie. Vou sozinho mesmo.

— Ah, Johnny, tem certeza?

— Cem por cento.

— Justo. — Ela suspirou. — Mas vou ficar pensando em você o tempo todo... e vou acender uma vela pra você, meu amor.

— Tenta não se preocupar muito. É só mais um dia.

— E se eu me preocupar por nós dois? — ela sugeriu, sorrindo. — Você só se concentre em arrasar.

— Pode ser. — Acalmei os meus nervos e abri um sorriso amarelo. — Vou fazer isso.

— Vai sim. Você sempre arrasa, filho.

— Como está a Shannon? — perguntei então, forçando as palavras a saírem da minha boca, desesperado e ao mesmo tempo aterrorizado para saber. — Ela saiu do quarto hoje?

— Ela desceu um pouco pra ver Claire e Lizzie. — Ela soltou um suspiro pesado. — Mas voltou pro Joey logo depois. Aoife ainda está lá. Falei que ela podia ficar o tempo que quisesse. Ela parece estar fazendo mais progresso com ele do que todo mundo.

Assenti, digerindo as informações devagar.

— E Darren?

— Ele foi levar a avó deles pra casa — minha mãe explicou. — Ela é uma senhora tão adorável, Johnny! Fiquei

morrendo de pena da pobrezinha. Marie era neta dela, sabe? Ela a criou desde pequena.

— Shannon está comendo? — perguntei, sem conseguir me concentrar em nada além da minha namorada. — Ela comeu alguma coisa hoje?

— Sim, ela tomou sopa com as meninas.

— Graças a Deus — falei, relaxando os ombros de alívio. — Ela já perdeu muito peso, mãe.

— Ela vai ficar bem, Johnny. Ela só precisa de um tempo pra processar as coisas. Foi demais pra ela.

Eu sabia disso, mas não era fácil observá-la naquela situação.

Minha mãe mordeu o lábio antes de dizer:

— Acho que ela está com mais medo de perder Joey de vista, temendo que ele possa fugir. Que outra coisa?

— Está tudo bem, mãe.

— Não quero que você se sinta excluído — ela falou depressa. — Ela não está brava com você, filho. Ela só está sofrendo.

— Eu sei.

— Tem certeza?

Não.

— Sim. — Empurrei o banco para trás, me levantei e espreguicei. — Vou pra cama. Tentar desligar meu cérebro por umas horas. — Dei um beijo na sua cabeça e segui para o corredor. — Boa noite, mãe.

— Boa noite, Johnny, meu amor — ela disse.

Fechei a porta da cozinha, desci o corredor e subi três degraus de uma vez, ouvindo vozes ressoando de todas as direções. Tadhg e Ollie tinham voltado da casa da árvore e estavam fazendo bagunça em um dos quartos de hóspedes. Era tão incomum ouvir outra coisa que não meus próprios pensamentos por ali que fiquei parado no corredor por um instante, ouvindo os irmãos discutindo por conta de doces antes de seguir para o meu quarto, obrigando minhas pernas a passarem reto pelo quarto que eu sabia que *ela* estava.

Entrei, fechei a porta e pressionei a testa na madeira. Deixei a luz acesa e me forcei a respirar fundo e devagar. Minha mente estava a mil, meus pensamentos eram um caos, e tentei me concentrar no que me esperava de manhã — eu sabia que teria que mostrar serviço tanto física quanto mentalmente. O problema era que minha cabeça estava presa na garota no quarto no final do corredor. A garota que eu não conseguia consertar. A garota que me dominava. Onde eu achava que ia amanhã? Não era como se eu pudesse ir embora. Como eu poderia deixá-la? Jesus Cristo, senti que eu ia explodir...

— Oi, Johnny.

Assustado com o som da voz de Shannon, eu me virei para encontrá-la sentada na beirada da minha cama na escuridão. O luar que entrava pela janela do meu quarto iluminava seu rosto pálido enquanto ela olhava para mim com a expressão mais solitária que eu já tinha visto.

— Oi, Shannon — respondi, limpando a garganta rapidamente quando as palavras saíram grossas e ásperas.

Cauteloso, permaneci exatamente onde estava, sem saber o que ela queria que eu fizesse. — Como você está se sentindo?

Seu cabelo comprido estava solto sobre o ombro e ela estava usando um pijama de uma das inúmeras sacolas de roupas novas que foram dispostas no quarto de hóspedes. As mães dos meus amigos estavam trazendo coisas para casa havia dias e eu soube, assim que pousei os olhos naquela blusa rosa brilhante combinando com os shorts, que Claire tinha um dedo naquela compra.

— Eu, hum... — Ela abaixou a cabeça para as mãos e soltou um suspiro trêmulo antes de se voltar para o meu rosto. — Ah, meu Deus, Johnny, a sua cabeça — ela falou, desesperada e de olhos arregalados. — O que aconteceu?

— Bem, tudo começou na primavera de 1988, quando Gerard Gibson veio ao mundo. Dez anos depois, ele foi jogado na minha vida e tudo virou uma bagunça dali pra frente — eu disse, dando risada, e depois me repreendendo mentalmente por fazer piada àquela hora. — Me desculpa.

— Tudo bem — ela sussurrou, mexendo na barra da roupa, nervosa. — Estou com saudade.

Meu coração se partiu e minhas pernas se mexeram antes que meu cérebro tivesse chance de entender o que estava acontecendo.

— Estou aqui, Shan. — Me sentei ao seu lado, controlando a vontade de colocá-la no meu colo e pousando a mão no seu joelho, em vez disso. — Nunca saí daqui. Só estava tentando te dar um pouco de espaço.

— Não quero mais espaço — ela sussurrou, se aproximando. — Só quero você.

— Já sou seu — falei, sentindo o coração acelerar com força. — Sempre vou ser seu.

— Você salvou a minha vida, Johnny. — Estremecendo, ela pousou a bochecha no meu braço e soltou outro suspiro. — Você salvou a vida dos meus irmãos.

— É, bem, e você salvou a minha um tempo atrás — falei depressa. — Só estava retribuindo o favor.

Ela balançou a cabeça com o corpo rígido.

— Não salvei, não...

— Salvou, sim. — Envolvi seus ombros magros com o braço, acolhendo seu corpinho frágil sob mim. — Você me despertou, Shan. Me fez ver as coisas de um jeito diferente. Me ofereceu uma vida fora do rúgbi. Algo pelo que esperar. — Encolhi os ombros, me inclinei e beijei seu cabelo. — Você fez muito por mim, não pense que não.

— Seus pais querem adotar a gente — ela falou, me encarando com os olhos arregalados e cheios de culpa. — Eu e meus irmãos.

— Eu sei, Shan.

— Sua mãe disse que quer ficar com a gente... com *todos* nós. Até com o Joey.

— Ah, é? — Meu coração se agitou dentro do peito enquanto eu tentava avaliar sua expressão. — E como você se sente em relação a isso?

— Eu quero ficar — ela admitiu baixinho. — Com a sua família.

Mentalmente, soltei um suspiro de alívio.

— Então isso é uma coisa boa, né? Que você quer isso?

— Eu só me sinto mal com tudo isso... — Seus ombros se curvaram e ela abaixou a cabeça. — Estamos todos aqui no seu espaço e nada disso é justo com você...

— Eu quero você aqui — eu a interrompi. — Quero você no meu espaço, Shannon. — Me virei de lado para erguer seu queixo, forçando-a a me olhar nos olhos. — Não há outro lugar onde eu queira você do que aqui comigo e com a minha família, ok?

— Mas não é justo com você — ela sussurrou com os olhos cheios de lágrimas. — Tendo que aguentar meus irmãos e meus problemas. — Estremecendo, ela apoiou a bochecha na minha mão e suspirou. — Não quero que você acabe me odiando.

— Te odiando? — Balancei a cabeça. — Shannon, eu te *amo*. Estou desesperado pra te manter aqui.

— Mas meus irmãos...

— Eu também quero que eles fiquem — falei depressa. — Eu amo o pequeno Sean... e Ollie então? Meu Deus, eu gosto até do Tadhg. Ele é um pirralho atrevido, mas entendo ele. E Joe? Ele só precisa de um pouco de ajuda. Merda, estou começando a gostar até do Darren. — Limpei uma lágrima que caía pela sua bochecha e cheguei mais perto. — Quero que todos vocês fiquem com a minha família.

— Mas a gente tem um monte de problemas — sussurrei, fungando.

— Eu gosto do seu problema. Eu quero o seu problema. — Me aproximei mais e rocei o nariz no dela. — Eu quero você.

— E se você mudar de ideia? — ela perguntou, pressionando a testa na minha. — O que vamos fazer?

— Não vou mudar de ideia.

— Mas e se...

— Eu já te falei que não sou do tipo que curte coisas passageiras — falei rispidamente. — Não sou esse tipo de pessoa, Shannon. Não vou mudar de ideia sobre você. — Sorri e dei um beijo na sua boca; depois me afastei para olhá-la nos olhos. — Estou aqui pra sempre.

— Sério?

Fiz que sim devagar.

— Cem por cento.

— Eu só... — Ela engoliu em seco e soltou um suspiro sofrido. — Não sei o que vou fazer agora. — Lágrimas escorreram pelas suas bochechas. — Eu nunca mais vou ver minha mãe. — Ela fungou. — Não pude me despedir nem pedir desculpas por todas as coisas maldosas que falei pra ela...

— Você não tem pelo que pedir desculpas — eu disse, me obrigando a controlar as emoções. — Você não tinha e ainda não tem. Ela cometeu um monte de erros com você, Shannon. E ela sabia, baby. Ela não precisava que você pedisse desculpas.

— Ainda estou brava com ela — Shannon confessou. — Eu a amo e a odeio e tenho vontade de gritar por tanta injustiça. — Quando um pequeno soluço a atravessou, não consegui resistir e a puxei para o meu colo. — Eu só... — Fungando, ela enterrou o rosto no meu pescoço e se segurou nos meus

ombros. — Queria poder voltar pra quando a gente era criança e *implorar* pra ela se amar mais do que temia ele. Pra ela amar mais a *gente* do que amava *ele*...

— Ela te amava — falei, temendo. — Ela te amava, Shannon.

— Não sei...

— Bem, eu sei — eu disse, abraçando-a com mais força. — Você acha que fui eu que tirei aquelas crianças da casa? Bem, eu não poderia ter feito isso sem a sua mãe. Ela me *ajudou*, Shannon.

— Como assim?

— Quando eu estava tentando chegar na porta... — expliquei com a voz rouca, atormentado pela dor e pela culpa. — Minha mão estava tremendo tanto e as crianças estavam chorando... eu tinha certeza que seu pai ia se virar e me ver ali, daí sua mãe começou a tossir, fazendo barulho pra abafar o choro dos meninos e criando distração suficiente pra que eu conseguisse abrir a porta e tirar eles de lá.

— O q-quê?

— Isso mesmo — me obriguei a continuar. — Sua mãe fez muita merda, baby, e não estou justificando nada, mas, naquela noite, na hora H, ela me olhou nos olhos e me pediu: "*salva meus filhos*". Essa era a única coisa que ela estava pensando no final. Se certificar que *você* e seus irmãos estariam fora daquela casa.

A respiração de Shannon ficou presa na garganta.

— Você f-falou com e-ela?

Tomado pela culpa, encarei minha namorada nos olhos e fiz que sim.

— Ele estava sentado de costas pra porta da cozinha e tinha um monte de garrafas vazias espalhadas pela mesa. Eu não tinha entendido o que eram... ou melhor, acho que eu bloqueei. — Afastando a terrível imagem da mente, me concentrei no rosto de Shannon enquanto falava. — Mas sua mãe me viu e acenou a cabeça. Eu não sabia o que fazer... tive certeza que ela ia gritar comigo, mas ela não fez isso. Ela olhou pra mim e acenou, como se estivesse me mandando *sair*. Daí ela foi até a porta e eu... — Parei de falar, sentindo dificuldade de narrar os acontecimentos da noite que tanto me assombrava.

— Continua — Shannon implorou, chorando baixinho. — *Por favor*.

— A gente não podia falar, então só balbuciamos palavras um pro outro, e ela disse "Vai embora agora"! — Estremecendo, limpei o rosto no ombro e me obriguei a seguir em frente. — "Tira eles daqui", ela ficou me dizendo. "Leva eles pra longe daqui."

— Ah, meu Deus... — Shannon apertou meus ombros. — Continua.

— Falei que voltaria pra buscar ela — confessei. — Eu prometi, e ela disse "Não volta". — Minha voz falhou e tive que respirar fundo antes de terminar. — Eu não conseguia entender. Não entendi por que ela não foi comigo. Implorei pra ela *ir*. Eu teria protegido ela. Eu juro que teria. Pensei que ela estivesse com medo de que ele fosse bater nela. Eu não

sabia que ele ia fazer *aquilo*, mas ela devia saber, porque me pediu pra salvar os filhos. Essas foram suas palavras exatas: *salva meus filhos*. — Fungando, fui em frente: — E ela me pediu pra f-falar pra vocês q-que e-ela s-sentia muito. — Deixei escapar um soluço e tentei desesperadamente controlar as emoções. — Daí ela só... f-fechou a porta da cozinha e eu fui *embora*... — Fechei os olhos, tentando segurar as lágrimas. — Eu deixei ela lá naquela casa com ele... me desculpa, Shannon!

— Johnny...

— Me desculpa... — Balancei a cabeça e enterrei o rosto no seu pescoço, sussurrando desculpas sem parar até sentir que não conseguia respirar. Ela estava chorando comigo e eu sabia que jamais superaria a decisão que tomei aquela noite. — Se pudesse voltar no tempo, eu voltaria. Eu mudaria tudo...

— Olha pra mim — Shannon ordenou em meio às lágrimas, e eu fiz que não. Estava envergonhado demais. — Johnny Kavanagh, olha pra mim. — Como não obedeci, ela segurou meu rosto entre as suas mãozinhas e me obrigou a olhar para ela.

— Me desculpa — sussurrei, sentindo as lágrimas caindo pelas minhas bochechas. — Me desculpa...

Minhas palavras foram interrompidas quando seus lábios colidiram contra os meus com força. Estremecendo com seu toque, eu a beijei de volta, sentindo suas lágrimas se misturarem com as minhas.

— Não peça desculpas — ela falou, afastando os lábios dos meus. — Não peça desculpas pra ninguém pelo que você *não* fez. Você é *bom*. Você me *salvou*. Muitas vezes. Então não coloca

esse peso sobre você. Nunca mais. — Fungando, ela limpou minhas bochechas com os dedões e soltou um suspiro trêmulo. — Entendeu?

— Sim. — Assenti, me afogando nas suas palavras. Ela não me *culpava*. Não estava brava comigo. Não me *odiava*. — Entendi.

— Te amo — ela sussurrou, ainda segurando meu rosto. — Pra sempre.

Suspirei e beijei seus lábios inchados.

— Pra sempre.

— Posso passar a noite com você aqui? — ela perguntou. — Eu só... quero ficar perto de você.

— Claro — falei com a voz rouca. Meu coração estava martelando na velocidade da luz. — Claro que pode ficar aqui comigo.

Esperei que ela saísse do meu colo e se enfiasse debaixo das cobertas antes de tirar as roupas e me acomodar ao seu lado.

— Sua pele está sempre tão quente! — ela sussurrou enquanto eu a abraçava e a puxava para o meu peito. — É gostoso. — Me virei para que o outro braço ficasse debaixo da sua cabeça, e ela roçou a bochecha em mim e respirou fundo. — Você tem cheiro de casa.

Estremecendo, me encolhi junto dela e pousei um beijo no seu rosto.

— Você *está* em casa.

Quando saí hoje de manhã, deixei Shannon dormindo na minha cama. Horas depois, eu ainda a *sentia* na minha pele. Mesmo depois de me lavar, me vestir com roupas de treino limpas e de estar longe, eu ainda podia *senti-la* em mim.

Você consegue, Johnny, ouvi sua voz na minha mente. *Você vai brilhar*.

Enjoado de tão nervoso, me sentei no vestiário do campo de treinamento da Academia depois de ter feito todos os exames que me pediram de manhã, me concentrando em manter meu batimento cardíaco em um ritmo regular. A ansiedade estava roendo minhas entranhas e a adrenalina bombeava em minhas veias a uma velocidade furiosa, fazendo meus joelhos se agitarem, inquietos.

Sacudindo as mãos, respirei firme e amarrei os cadarços das chuteiras mais uma vez antes de voltar a atenção para a bandagem na minha coxa. Bloqueando tudo ao meu redor, esvaziei a mente e a prendi firmemente até ficar satisfeito com a pressão. Me levantei, testei meus membros e me alonguei, me certificando de que estava pronto.

Eles estavam me esperando.

Bem ali.

Era isso.

Você consegue, falei mentalmente para mim. *Você nasceu para isso*.

Alguém bateu forte na porta do vestiário e logo em seguida ouvi a voz do meu treinador:

— Vamos, Kavanagh.

— Estou indo — respondi, sem conseguir reprimir o calafrio que percorreu meu corpo enquanto meus nervos

formigavam de empolgação.

Fechei os olhos, me encorajando e rezando silenciosamente para o cara lá de cima me dar uma força.

Por favor, Deus, não me deixe arruinar essa chance...

Então meu celular apitou, sinalizando uma mensagem nova. Eu o peguei, destravei a tela depressa e a abri.

> S: Você consegue, Johnny Kavanagh. Mostra pra eles do que você é feito e brilha. Estou muito orgulhosa. Te amo (uma quantidade absurda do caralho). Bjs

Puta merda.

72

TEMPESTADE DE RAIOS

Shannon

Sentada no banco da primeira fileira da igreja de St. Patrick em um lindo dia de verão de maio, com meus irmãos aos meus lados, senti uma máscara se encaixando no meu rosto enquanto inúmeras pessoas se aproximavam para apertar minha mão e me dizer o quanto lamentavam nossa perda. Eu não tinha certeza de qual perda eles estavam falando; da nossa mãe, que havia sido assassinada, ou do nosso pai, que a assassinara.

Todos os meus cinco irmãos estavam muito elegantes em seus ternos pretos, impecáveis camisas brancas e gravatas pretas idênticas que a sra. Kavanagh mandou entregar em casa antes do rosário no sábado. Ela tinha comprado um vestido preto na altura do joelho e um cardigan para mim, além de um sapato de salto baixo preto. No meio de toda aquela

turbulência e do mundo desabando ao meu redor, tudo o que ficava surgindo na minha cabeça era que meu vestido me *servia*. Era o detalhe mais estranho e inconsequente, que ficava rodopiando na minha mente sem parar.

Meus olhos estavam fixos nos caixões dos meus pais, dispostos lado a lado no altar.

O caixão dele era o da direita.

O da minha mãe era o da esquerda, mais próximo de nós.

Meus irmãos e eu estávamos sentados em ordem de idade, com Darren na ponta do banco, Joey à sua esquerda, seguido por mim, e depois Tadhg, Ollie e finalmente Sean.

Darren agradecia todos que nos cumprimentavam, assumindo o papel de chefe da família durante toda aquela provação, enquanto Joey se sentava rígido, com os olhos grudados no caixão da nossa mãe em um estado de transe, ignorando todos que apertavam sua mão mole. Ollie chorava baixinho em seu lenço, enquanto Tadhg fazia cara feia para qualquer um que tentasse dar um tapinha na sua cabeça. Sean olhava para os crucifixos pendurados nas paredes e os lindos vitrais à nossa volta.

Sean não parecia entender o que estava acontecendo e sua ignorância me deu um imenso conforto. Ele tinha altas chances de sobreviver àquilo. O casal sentado atrás dos meus irmãos me dava esperança para o futuro deles. O sr. John estava com a cabeça abaixada entre Ollie e Tadhg, sussurrando alguma coisa engraçada o suficiente para arrancar um sorriso de Tadhg e um joinha de Ollie, enquanto Edel se ajeitou atrás de Sean,

entretendo-o silenciosamente e lhe explicando sobre as diferentes imagens e estátuas.

Ao lado do sr. e da sra. Kavanagh, estavam a irmã da minha mãe, Alice, seu marido, Michael, e minha bisavó materna de oitenta e um anos, a vovó Murphy.

E era isso.

Essa era toda a família que minha mãe tinha em seus trinta e oito anos nesta terra.

Eu sabia que meus amigos e os amigos dos meus irmãos e suas famílias estavam enchendo os bancos atrás de nós. Eu já tinha visto todos eles antes quando foram me oferecer as condolências e isso me deu forças para não olhar para o outro lado da igreja, para onde a família *dele* estava, chorando e lamentando alto. Nenhum de nós conhecia aquelas pessoas e eu não tinha a menor intenção de fazer isso naquele momento.

Toda vez que um dos membros da família dele soluçava alto demais, eu sentia Joey enrijecer ao meu lado. Darren também percebeu, porque se abaixou e colocou a mão no joelho dele para impedi-lo de tremer. Enlacei o braço no de Joey e o segurei com todas as minhas forças, aterrorizada com o que ele poderia fazer se eles não *parassem*. Aqueles Lynchs tinham causado problemas terríveis com os preparativos do funeral, fazendo um grande alarde sobre o jazigo da família e exigindo que ambos fossem sepultados juntos. Darren ficou furioso, dizendo que preferia cremar nossa mãe a permitir que ela fosse enterrada com ele, até que o sr. Kavanagh interveio com sua carteira e organizou que minha mãe fosse enterrada em seu próprio túmulo. Meus pais compartilhariam a

cerimônia e o cemitério, mas pelo menos ela finalmente poderia descansar em paz.

— Está quase acabando — sussurrei no ouvido de Joey quando uma das irmãs do nosso pai chorou particularmente alto enquanto o padre borrifava água-benta nos caixões. — Aguenta só mais um pouquinho e pronto.

Joey assentiu todo tenso, sem tirar os olhos da fotografia da nossa mãe, exposta acima do caixão dela.

Tremendo, me recostei no assento, encontrando paz na mão que fazia carinho em mim. Eu sabia no fundo do coração que a única razão pela qual eu estava conseguindo lidar com tudo aquilo era o garoto sentado no banco logo atrás do meu. Cada instinto dentro de mim exigia que eu mudasse de banco e buscasse conforto nos braços do meu namorado, mas eu me mantive firme, permanecendo ali pelos meus irmãos.

Quando a missa terminou e a família do meu pai se levantou para carregar seu caixão para fora da igreja, deixando o segundo padre no altar, me abaixei e agarrei a mão de Johnny com força, precisando daquela conexão para ter coragem suficiente para não colapsar. Nós seis permanecemos sentados e viramos a cabeça para o outro lado, nos recusando a assistir ao assassino da nossa mãe sendo levado pelos amigos e familiares.

As emoções que eu estava desesperadamente tentando controlar me dominaram e um soluço dolorido saiu da minha garganta, então eu o *senti* bem atrás de mim. Ouvi as palavras "Você consegue" no meu ouvido enquanto seus lábios roçavam

meu lóbulo da orelha. Acariciando minha bochecha com seu nariz, ele sussurrou:

— Prometo.

Estremecendo, assenti e pressionei sua mão no meu peito, apertando-a com tanta força que acho que foi desconfortável para ele — ele teve que se ajoelhar atrás de mim para me oferecer o braço —, mas eu fisicamente não podia soltar Johnny. Não quando eu já tinha perdido tanto.

Por fim, *ele* se foi, e era a vez da nossa mãe ser levada para fora da igreja. Vi Darren e Joey se levantarem. Todos estavam chorando atrás de nós, soluçando alto enquanto os dois filhos mais velhos da minha mãe retiravam cuidadosamente a foto dela do caixão e a entregavam ao padre McCarthy, antes de dobrar o manto e devolvê-lo também. Então Darren e Joey ficaram ali, olhando para o caixão dela completamente perdidos, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Soltando um suspiro trêmulo, soltei a mão de Johnny e me levantei. Mantive a postura ereta e fui até meus irmãos para sussurrar:

— Qual o problema?

— Precisamos de seis pessoas pra carregar o caixão — Darren sussurrou de volta. — Eu não achei... — Ele balançou a cabeça e fungou. — Não sei o que fazer.

Todos na igreja lotada estavam nos encarando. Alguns com expressões confusas. A maioria com pena.

— Johnny? — Darren chamou com a voz rouca, voltando a atenção para o meu namorado, sentado com Aoife na segunda fileira, fazendo careta para Sean.

Johnny se virou para nós e endireitou a postura, como se tivesse sido flagrado fazendo algo que não devia.

— Sim?

— Você pode carregar o caixão com a gente?

Claramente surpreso, Johnny se afundou no assento.

— Tem certeza? — Seus olhos azuis estavam inseguros e foram de mim para Joey antes de pousarem em Darren. — Vocês *me* querem?

— Seriam quatro caixões brancos aqui em cima se você não tivesse feito o que fez — Darren respondeu, gesticulando para meus irmãos e para mim. — Queremos você, e ela também ia querer.

Seu olhar foi tomado pela emoção e ele se levantou depressa do banco. Ele não estava de terno, apenas de camisa branca e gravata, e logo estava ao meu lado perto do caixão.

Em seguida, veio o marido da nossa tia, que apertou a mão de Darren. Depois foi a vez de Alex, que tinha vindo de Belfast no sábado, e ambos se juntaram a nós no altar.

— Eu vou ficar com você, amor — Alex sussurrou no ouvido do meu irmão. Ignorando o padre lançando para eles um olhar peculiar, o lindo namorado do meu irmão se inclinou e beijou Darren bem nos lábios. — Sempre.

Darren enrijeceu e pegou a mão de Alex.

— Só precisamos de mais um.

— Gussie — Joey falou tremendo, apontando para Gibsie, sentado na terceira fileira com nossos amigos. — Preciso de um favor, cara.

— Não diz mais nada. — Gibsie se levantou do banco e foi direto até Joey. — Gussie está aqui — ele falou, dando tapinhas no ombro dele.

Tremendo, voltei para Tadhg e Ollie, apertando as mãozinhas deles firmemente nas minhas enquanto os coveiros erguiam o caixão com cuidado nos ombros e reorganizavam os meninos por altura antes de lhes dar o sinal verde.

O padre McCarthy caminhou pelo corredor e todos se levantaram. Com os braços em torno um do outro, Darren e Joey carregaram o caixão da nossa mãe pela frente, com Alex e Michael no meio, e Johnny e Gibsie atrás.

Soluçando baixinho, segui o caixão enquanto eles levavam minha mãe lentamente para fora da igreja e para o glorioso sol do cemitério ao lado.

— Sean — murmurei para Tadhg quando saímos. — Ah, meu Deus, esquecemos Sean.

Olhando ao meu redor, procurei freneticamente pelo meu irmãozinho na multidão, e o encontrei alguns metros atrás se balançando todo contente entre os pais de Johnny, felizmente sem saber que estávamos prestes a enterrar a nossa mãe. Meus olhos pousaram em Aoife e em seu cabelo dourado voando ao redor do rosto na leve brisa de verão. Ela não estava olhando para mim. Seu foco estava todo voltado para o meu irmão; ela o observava como se ele fosse uma joia preciosa que poderia desaparecer a qualquer momento.

— Mamãe... — Ollie choramingou, enterrando o rosto em mim.

— Shhh, está tudo bem.

Desviei os olhos de Aoife e envolvi o braço em seus ombrinhos, segurando-o ao meu lado com uma mão e apertando a mão de Tadhg com firmeza na outra. Segui atrás do caixão com eles, mantendo os olhos fixos na camisa branca de Johnny — a única coisa branca em um mar de ternos pretos.

Quando chegamos à cova recém-cavada no canto mais distante do cemitério, observei entorpecida minha mãe sendo transferida para as tábuas ao lado do túmulo. Sem dizer nada, Joey e Darren voltaram para o nosso lado enquanto o padre McCarthy rezava sobre o túmulo.

Johnny estava tão perto de mim que senti o cheiro da sua loção pós-barba e o leve movimento da sua camisa contra as minhas costas enquanto ele inspirava e expirava.

Devagar e ritmadamente.

Para dentro e para fora.

Tum, *tum*, *tum*.

Me permiti me recostar nele, aceitando o conforto que ele me oferecia, deixando que ele me amparasse.

Quando o padre McCarthy terminou a parte final do culto, observei Patrick Feely se aproximar do microfone que o sacerdote estava usando e dedilhar suavemente o violão preso ao peito. O padre McCarthy tinha nos perguntado se gostaríamos de tocar alguma música durante a cerimônia e Johnny falou para Darren que seu amigo tocava violão e ficaria honrado em tocar para nós. Com a ajuda de Feely, Darren escolheu algumas músicas adequadas para o momento, mas foi Joey quem escolheu a música que seria tocada quando nossa

mãe estivesse sendo baixada para o solo. Ele foi inflexível, afirmando que tinha que ser aquela música específica.

Quando Feely começou a cantar "Lightning Crashes" do Live, com aquela voz linda e assombrosa e palavras cortantes e profundas, perdi a batalha contra as minhas emoções. Saber que Joey tinha escolhido aquela música para ela tornou quase insuportável ouvi-la. A dor no meu coração era demais.

— Eu não... — Chorando forte, me virei e enterrei o rosto no peito de Johnny, sem conseguir ver Joey e Darren baixando o caixão lentamente. — Não consigo!

— Estou com você, baby — Johnny sussurrou, me abraçando. — Estou bem aqui.

— Não! As minhocas... é escuro demais! Parem! Mamãe... mamãe, não! — Ollie começou a gritar tão alto que me afastei de Johnny bruscamente para confortá-lo, mas ele abriu caminho entre a multidão e correu direto para o sr. Kavanagh. O pai de Johnny se abaixou, ergueu Ollie no colo e o levou para longe da cova, para perto dos portões, onde a sra. Kavanagh estava com Sean.

Meus irmãos a colocaram cuidadosamente no chão e então se abençoaram.

Soluçando muito, Darren seguiu direto para Alex.

Assim como fazia quando ela estava viva, Joey permaneceu bem ao lado da nossa mãe, olhando para o buraco que seria seu abrigo para o descanso final. Uma lágrima solitária escorreu pela sua bochecha e eu a observei desaparecendo na cova.

Patrick terminou a canção e a multidão de enlutados aos poucos foi se dispersando, até que só sobraram os amigos mais

próximos.

Fungando, Tadhg caminhou até onde Joey estava e deu a mão para ele. Sem tirar os olhos do caixão, Joey colocou o braço em volta do nosso irmãozinho e o puxou para o seu peito.

— Você precisa ir, Joe — Tadhg falou. — Aqueles caras estão te esperando com John e Edel pra te levar pro hospital.

— Eu, hum... — Joey limpou a garganta e deu tapinhas na cabeça de Tadhg. — Vai lá com Darren. Preciso de um tempinho.

— Mas você tem que ir...

— Vamos, Tadhg — Darren o interrompeu com gentileza, afastando-o de Joey. — Dê um minuto pra ele. — Depois, apertou o ombro de Joey e sussurrou: — Vou te ver assim que você puder receber visita.

— Volta, hein? — Fungando, Tadhg envolveu os braços na cintura de Joey. — Melhora logo e volta pra gente, seu puto.

— Pode deixar. — Joey assentiu fracamente. — Esse é o plano, garoto.

— Ele vai melhorar — Darren disse. — Você vai. Você consegue, Joey Lynch. Você é a pessoa mais forte e cabeça-dura que eu já conheci na vida.

— Leva ele, Darren... — Soltando um suspiro trêmulo, Joey abaixou a cabeça. — Não consigo fazer isso com eles aqui.

Sem dizer mais uma palavra, Darren levou Tadhg, que não parava de chorar, para longe.

— Joe — soltei, com as lágrimas descendo livremente pelas bochechas, enquanto me agarrava ao meu namorado. —

Não quero que você...

— Não diga, Shan — ele implorou, arrancando os olhos da cova para me encarar. — Se você disser essas palavras, não vou conseguir. E eu *realmente* preciso fazer isso... — Sua voz falhou e ele respirou fundo antes de voltar os olhos vermelhos para Johnny. — Kavanagh, pode me fazer um favor e cuidar...

— Feito, cara — Johnny respondeu depressa, me apertando com mais força. — Não se preocupa.

Aoife, que estava ao lado dele observando tudo silenciosamente, deu um passo à frente. Sem falar nada, ela foi até a cova da minha mãe, jogou uma rosa-vermelha lá dentro e se virou para o meu irmão.

— Eu te pedi pra não vir — ele falou, tremendo.

— E eu te disse pra economizar o fôlego — ela retrucou, erguendo o queixo para encará-lo.

— Você não devia estar aqui — ele disse, balançando a cabeça. — Você sabe que não é bom...

— Não ligo — ela o interrompeu. — Agora me abraça como se você fosse ficar três meses sem me ver.

— Meu Deus... — Joey a puxou para si e apoiou a testa na dela. — Não me espera, entendeu? — Fungando, ele segurou as bochechas dela com as mãos trêmulas e a olhou nos olhos. — Viva a sua vida, combinado?

— Cala a boca, Joey Lynch — ela falou, chorando e o abraçando. — Eu te amo.

— Cala a boca você, Aoife Molloy — ele devolveu, pressionando um beijo na sobrancelha dela. — Também te amo.

— Vou estar aqui quando você sair — ela disse.

— *Não* esteja aqui. Esteja em algum lugar melhor.

— Eu não recebo ordens suas. Você já deveria saber.

— Porque você é uma doida — ele sussurrou. — Você está desperdiçando sua vida comigo. Você sabe. Todo mundo vive te dizendo isso, mas você não ouve...

— Porque essa é a minha vida — ela respondeu em um tom desafiador. — Agora, trate de deixar essa bundinha saudável e voltar pra mim. — Ela esticou o braço e apertou a bunda dele para enfatizar. — Porque vou precisar de você saudável, está bem?

— Aoife, eu sou péssimo em...

— *Está bem?*

Ele soltou um suspiro pesado e fez que sim.

— Está bem.

— Agora me dá um beijo e diz que me ama — ela o instruiu, com os lábios tremendo. — E capricha.

— Vamos, Shan — Johnny disse, me distraindo de Joey e Aoife enquanto colocava o braço no meu ombro. — Vamos deixar eles sozinhos.

— Certo. — Me apoiei nele e nos afastamos da cova. — Obrigada por hoje — falei, envolvendo sua cintura com o braço. — Por tudo.

— Shan, você foi incrível esses últimos dias — Johnny disse. — Não sei de onde você tira força, mas é impressionante. — Ele balançou a cabeça e soltou o ar. — Não tenho nem palavras pra te dizer o quanto você é maravilhosa, Shannon Lynch.

— Não sou nada disso, Johnny. Só estou tentando manter a cabeça acima da superfície e não me afogar.

— Você não vai se afogar... é uma sobrevivente — ele falou.

— Não sou uma nadadora muito boa — admiti.

— Então vou jogar um colete salva-vidas pra você e nadar pra te tirar da água — ele disse, me puxando para si. — Porque sou um excelente nadador.

— Vocês estão combinando de nadar em um dia como hoje? — Gibsie se intrometeu, quando nos aproximamos dele e do resto da família e dos amigos nos portões do cemitério. — Meu Deus, Johnny, tenha tato, cara.

— Ah, cala a boca, seu idiota — Lizzie grunhiu, batendo na cabeça dele. — Tenha tato *você*.

— Só estou tentando olhar pro lado positivo — Gibsie disse, olhando feio para ela. — E você está me agredindo.

Lizzie revirou os olhos.

— Que seja. Não fala comigo.

— Beleza. Não encosta em mim.

— Sem problemas — ela murmurou. — Preciso de um desinfetante agora mesmo.

— Pra sua língua, né?

— Vocês podem dar uma trégua por um dia, porra? — Joey sibilou, irritado. — Meu Deus, olhem onde vocês estão. — Ele inclinou a cabeça para os meus irmãos mais novos com os pais dele, observando a interação com curiosidade. — Ou pelo menos por uma hora — ele acrescentou, fazendo carinho no meu braço. — Não precisamos de mais desentendimentos.

— Sim, claro — Lizzie concordou com as bochechas vermelhas.

— Ignora eles, amiga — Claire disse, se aproximando e me envolvendo nos seus braços. — Você fez um ótimo trabalho hoje, estou orgulhosa.

— Obrigada, Claire. — Tremendo, eu a abracei de volta com força antes de recuar e abrir um sorriso amarelo. — Obrigada por terem vindo. — Olhei para Feely, que estava entre Hughie e Gibsie e disse: — Obrigada por fazerem isso pela minha família. — Juntei as mãos, acenei para a guitarra aos seus pés e sorri. — Você tem uma voz linda.

As bochechas dele ficaram rosa-choque.

— Foi uma honra.

— Ele é o nosso azarão, esse cara — Gibsie interveio, bem-humorado, batendo no ombro de Feely. — Ele é cheio de surpresas.

— John, você tinha que dar chocolate pra ele? — a sra. Kavanagh grunhiu alto, chamando minha atenção. — Está fazendo vinte e quatro graus e ele está usando um terno Ralph Lauren. — Se ajoelhando na frente de Sean, ela tirou um lenço de papel da bolsa de grife e enxugou o rosto e os dedos cobertos de chocolate do meu irmãozinho. — O que foi que ele te deu, Seanzinho?

— Ele queria um lanchinho — o sr. Kavanagh falou, rindo, sem parecer nem um pouco arrependido. — E você é pior por botar um terno de seiscentos euros em uma criança, amor. — Enfiando a mão no bolso da calça do terno sob medida, ele

tirou um punhado de chocolatinhos e os passou para Tadhg e Ollie, que sorriram de alegria.

— Não fica com ciúmes — Johnny falou para Gibsie, que olhava para os meus irmãos de cara feia. — Você está de dieta... *e* já está grandinho demais.

— Não se preocupa, meu querido — o sr. Kavanagh disse antes de atirar um pacote de chocolate para Gibsie. — Tem chocolate pra você também.

— Eba — Gibsie comemorou, abrindo o doce e o engolindo de uma só vez.

— Não entendo você, Gibs — Feely disse, soltando um suspiro sofrido. — Realmente não entendo.

— Leva os meninos pro carro, amor? Preciso dar uma palavrinha com Joey antes de irmos — a sra. Kavanagh falou, endireitando a postura e alisando o vestido. — Vocês são mais que bem-vindos na nossa casa pra almoçar.

— Obrigado.

— Sim, muito obrigado, sra. Kavanagh.

— Demorou, Mami K — Gibsie entrou na conversa. — Estarei lá.

— E você não ouse dar mais doce pra esses meninos antes do almoço, John. — A sra. Kavanagh sorriu para o marido, ficou na ponta dos pés e deu um beijo na bochecha recém-barbeada dele antes de dizer: — Senão *você* vai ficar sem sobremesa.

— Meu Deus — Johnny falou, esfregando a mão no rosto. — Vamos, Shan... — Ele pegou minha mão e seguiu para o

portão. — Vamos sair logo daqui antes que a gente comece a vomitar.

73

PIQUENIQUES E PIERCINGS

Johnny

Era um dia escaldante de verão e, em qualquer outra circunstância, eu estaria só de cueca em alguma praia ou rio, mas minha namorada tinha acabado de enterrar os pais dela, então me segurei e me contentei em tirar a gravata e abrir os três primeiros botões da camisa social.

Estávamos em oito, esparramados no gramado dos fundos da minha casa, ainda vestidos com as roupas do funeral, observando Tadhg, Ollie e Sean brincando na casa da árvore. Todos os adultos estavam ali, servindo comida e papeando. Só que aquilo era demais para Shannon — eu soube assim que entramos e ela foi recebida por uma nova horda de simpatizantes —, então fomos para fora com nossos amigos e uma montanha de comida debaixo dos braços.

Me deitei de costas na grama, segurando uma mecha de cabelo dela entre os dedos e respirando fundo para sentir seu aroma no meu peito, suspirando de contentamento.

— Eu poderia ficar aqui pra sempre — ela sussurrou, verbalizando meus pensamentos em voz alta, aninhada no meu braço, torrando no sol. Ela entrelaçou os dedos nos meus e roçou a bochecha no meu peito. — Bem aqui neste momento.

— Hum, eu também — concordei, apertando seus dedos para tranquilizá-la.

— Bem, não aguento mais — Gibsie anunciou, bufando. — Sinto muito, Shannonzinha — ele acrescentou, se sentando e abrindo os botões da camisa. — Sei que eu devia ser respeitoso e levar seus sentimentos em consideração e tal... e estou me esforçando bastante pra ser uma boa pessoa... mas se eu não tirar logo essas roupas, vocês vão acabar no *meu* funeral! — Ele arrancou a camisa e a atirou em Claire, esparramada ao lado dele, antes de abrir o cinto. — Vou ficar com o períneo assado!

Abri a boca para lhe dar uma bronca por mencionar suas partes íntimas na frente da minha namorada, mas a gargalhada dela me fez morder a língua.

— Períneo?

— Ah, meu Deus, não dá corda pra ele, Shan — Lizzie grunhiu, fazendo uma coroa de margaridas.

— Aff — Katie reclamou, conectando a sua coroa com a de Lizzie. — Detesto essa palavra.

— Eu também — Lizzie concordou. — É perturbadora.

— Por quê? Não sei o que é. — Shannon deu de ombros.

— Eu também não — Claire disse, erguendo as mãos.

— Bem... — Gibsie deu risada, se levantando. — Já era hora de eu dar uma aula pra vocês sobre as formas masculinas, não?

— Se você tirar a cueca na frente da minha irmã e da minha namorada, não vai te sobrar períneo nenhum — Hughie rosnou, olhando para Gibsie, que já tinha tirado a calça e os sapatos e estava segurando a barra da boxer branca.

— E eu vou arrancar o seu coração — avisei, me erguendo sobre os cotovelos para olhar feio para ele. — Nem pense nisso, engraçadinho.

— Bota a calça de volta — Feely disse calmamente. — Tem crianças naquela árvore.

— Não vou botar a calça — Gibsie retrucou, indignado. — Em nome da pureza das crianças, vou ficar de cueca, mas essa é minha melhor oferta. Está calor demais.

— Olha as tetinhas dele — Ollie falou da casa da árvore, rindo. Ele apontou para Gibsie e disse: — Ele tem brincos nas tetas.

— Para de ouvir a conversa dos outros, Ollie — Shannon o repreendeu.

— E ele tem uma tatuagem no...

— Ollie — Shannon o interrompeu. — Vai brincar.

— Está bem — Ollie bufou antes de desaparecer na casinha.

— Tetinhas — Hughie falou, rindo. — Adoro esse menino.

— Ei, Katie — Gibsie ronronou em retaliação, agitando as sobrancelhas para a namorada de Hughie. Ele contraiu os peitorais e perguntou: — O que *você* acha das minhas tetinhas?

— Prefiro as tetinhas do Hughie — Katie respondeu, abrindo um sorriso malicioso. — São muito mais durinhas.

— Boa tentativa, cuzão — Hughie desdenhou, se erguendo para dar um beijo na bochecha da namorada.

Soltando um suspiro, Gibsie se virou para Claire e sorriu diabolicamente.

— O períneo é aquela área entre o saco e...

— Cala a boca, cara — sibilei, atirando uma garrafa d'água para ele.

— E o cu — Gibsie terminou, sem se perturbar com a garrafa que acertou sua cabeça. — Ou ânus, se quiser usar uma linguagem mais técnica.

— Não brinca?! — Claire exclamou, surpresa, se sentando. Seus olhos estavam maravilhados e fixos na cueca de Gibsie. — E você nunca me contou isso?

— Posso te mostrar — ele sugeriu em um tom sedutor. — Vamos atrás daquela árvore pra eu te dar uma lição completa sobre a anatomia masculina...

— Espera um minuto! — Hughie rosnou, voltando a atenção para o mesmo ponto que sua irmã estava encarando. Ele se levantou e apontou para Gibsie, sibilando: — Quando foi que você fez *isso*?

— Não faço ideia do que você está falando — Gibsie despistou, fingindo inocência.

Levemente horrorizado, Hughie inclinou a cabeça para o lado, inspecionando as partes do amigo.

— Mostra pra gente.

— Você disse que eu não podia tirar a cueca — Gibsie falou, cruzando os braços. — Você ameaçou meu períneo.

— Puta merda. — Feely riu tanto que se engasgou. — Você não fez *isso*!

— Ele fez — Hughie murmurou, empalidecendo um pouco.

— Ah, cara — Feely grunhiu, se virando para o lado. — Você é perturbado.

— Você não parece surpreso, cap — Hughie observou, me olhando desconfiado. — Por que não está surpreso?

— O que foi que ele fez? — Shannon me perguntou.

— Hum... — Me sentei, resistindo à vontade de enfiar o rosto dela no meu peito e cobrir suas orelhas. — Você não vai querer saber.

— Esse gênio botou um piercing no pênis — Lizzie explicou, perplexa. — Olha só... dá pra ver a saliência pela cueca. Ele está praticamente dando oi.

— Não olha! — berrei. — Ninguém olha. — Me virei para Gibsie e sibilei: — Esconda isso.

— Não acredito que você botou um Príncipe Albert — disse Lizzie, revirando os olhos. — Que coisa mais brega!

— Ele não botou — Claire o defendeu depressa. — Ele botou um Escada de Jacó, e não é brega. É bem legal.

— E como é que você sabe disso? — Hughie perguntou, encarando a irmã. — O que vocês andaram fazendo? Hein? — Ele estreitou os olhos. — Você conheceu a escada dele? — As bochechas de Claire coraram e Hughie olhou para Gibsie. — Você corrompeu minha irmã?

— Não... — Claire respondeu com as bochechas vermelhas feito um pimentão. — Eu... hum, só dei uma olhadinha.

— Uma *olhadinha* — Hughie repetiu, sem acreditar. — E onde foi que você deu uma *olhadinha* no piercing do *pau* dele, Claire?

— Johnny foi convocado! — Gibsie soltou, me atirando debaixo do ônibus. — Johnny foi convocado. Johnny foi convocado. Foquem nisso!

— O quê? — Os olhos de Hughie se arregalaram e ele virou a cabeça para mim. — Você foi convocado?

— Foi? — Feely perguntou, também de olhos arregalados. — *Quando?*

Shannon enrijeceu ao meu lado e eu me imaginei mentalmente de pé surrando meu melhor amigo.

— Valeu, *amigo* — falei, olhando para Gibsie.

— Sim! — Claire gritou, acenando a cabeça vigorosamente. — Por favor, foquem *nisso*.

— E não no que eu fiz com a sua irmã — Gibsie completou.

— Que porra você fez com a minha irmã? — Hughie perguntou. — Se você encostou sua piroca de metal nela, vou te castrar...

— Johnny foi convocado pro time sênior — Gibsie deixou escapar, passando por cima de mim como se fosse um ônibus de dois andares mais uma vez em uma tentativa patética de cobrir seus rastros. — Pro sub-20 *e* pro time sênior. — *Isso, continua me atropelando, por que não?* — Ele recebeu duas convocações!

— Puta merda, não acredito, cap! — Hughie se levantou, com as mãos no peito e de queixo caído. — Você *conseguiu*!

— O time sênior? Meu Deus, acho que vou vomitar — Feely disse, respirando com força pelo nariz. — Estou tão orgulhoso e assustado por você que não consigo sentir meus pés.

— Vou ser só reserva no time sênior — expliquei, incrivelmente desconfortável.

— E vai *começar* como segundo centro no sub-20 — Gibsie me lembrou. — Acho que o número treze não é tão ruim pra você, né, capitão?

— Não é nada de mais — eu disse, observando minha namorada com atenção.

Sim, eu estava prestes a ser recompensado por todo o trabalho duro. Eu tinha passado os últimos doze anos como uma máquina, trabalhando para alcançar a carreira ilusória que agora batia na minha porta. Todos os sacrifícios que fiz na vida — perder festas, controlar a ingestão de alimentos feito um robô e treinar até meu corpo atingir seu ponto de ruptura... Ser um chato, malhar nas noites de sábado e nas manhãs de domingo em vez de sair com os amigos... Foi tudo para este exato momento. Para chegar a este ponto. Para ser reconhecido por quem eu era e pelo que eu era capaz de alcançar. Para ser levado ao escritório do treinador no último sábado e ouvir que eu *era* bom o suficiente. Que eu tinha *conseguido*. E, em vez de me sentir realizado, eu me sentia *vazio*. Porque em algum lugar ao longo do caminho, sem a permissão do meu cérebro ou coração, meus sonhos e objetivos para o meu futuro mudaram.

Eu nem percebi a mudança acontecendo. Só me dei conta da força total da minha apreensão naquele exato momento em que fui atingido pela repentina percepção de que eu não queria nada daquilo sem *ela*.

O contrato pairando sobre a minha cabeça, que garantia meu retorno à minha cidade natal se eu fosse bem durante os jogos de verão, não significava absolutamente nada se *me* levasse para longe *dela*. Porque ela ficaria ali e eu iria embora. E como diabos eu poderia deixá-la depois de tudo?

Entrar para o time sub-20 era meu plano havia muito tempo e eu estava faminto por uma chance. Eu merecia. Eu *queria*. Meu Deus, claro que queria. Mais do que quase tudo no mundo. Só *não* mais do que ela.

Eu estava completamente dividido. Com a perspectiva de viajar com o time sênior para a excursão de verão somada à morte dos pais de Shannon e a reviravolta em sua vida, me sentia arrasado.

Eu sabia o que precisava fazer por *mim*, só que isso não era a mesma coisa que eu precisava fazer por *nós*. Se eu fosse, significaria que eu me afastaria durante o período que ela mais precisava de mim. Os exames do junior cert estavam chegando e o irmão dela estava na reabilitação. O mundo dela tinha desmoronado à sua volta e eu estava pensando em ir correr atrás de uma bola de rúgbi em um campo a meio mundo de distância.

Durante dias, fiquei pensando se contava para Shannon sobre o time, refletindo sobre as palavras que usaria para explicar a situação e acabei decidindo deixar essa conversa de

lado até o funeral. Agora que o segredo tinha sido revelado, cortesia do idiota do meu melhor amigo, Shannon me *encarava* com uma expressão que eu não conseguia entender.

Repreendi Gibsie silenciosamente por ter aberto a boca justo hoje, entre todos os dias, e falei depressa:

— Eu ainda nem sei se vou e ainda faltam umas semanas, então podemos não falar disso agora? Pelo menos até terminarmos a escola? Ainda temos essa e a próxima semana, e as provas finais...

— *Não* — Hughie e Feely disseram, indignados.

— Depois de todos os sonhos, planos e manhãs de treinos e trabalho duro? — Hughie balançou a cabeça e olhou para mim como se não reconhecesse mais meu rosto. — Você finalmente vai mostrar ao mundo do que é feito, cap.

— Isso é muito importante, Johnny — Feely acrescentou. — Tipo, importante pra caralho.

— Não é — murmurei para amenizar as coisas, passando a mão pelo cabelo totalmente desesperado. — Será que a gente pode se acalmar?

— Na verdade, provavelmente é a coisa mais importante da sua vida até agora — Lizzie acrescentou. — Só estou falando.

— Você podia *não falar* nada — eu disse, nervoso. — Meu Deus, hoje não é um bom dia pra gente falar disso.

— Parabéns — Shannon soltou, com lágrimas escorrendo pelas bochechas. — Você conseguiu.

Será que ela estava feliz? Triste? Eu não sabia. Não fazia ideia. Eu só conseguia pensar na sua expressão desolada

enquanto observava a mãe sendo baixada na cova algumas horas atrás. Eu queria lhe dizer que não ia embora — que ficaria bem ali com ela. E eu realmente ficaria se ela quisesse... mas parte de mim estava *desesperada* por essa oportunidade. Senti repulsa por mim mesmo, mas não podia me enganar.

— Shan, não chora, baby. Não é nada definitivo. Eu não tomei nenhuma dec...

— Você *conseguiu*! — ela gritou, jogando os braços ao meu redor. — Você conseguiu, Johnny! — Ela subiu nu meu colo e me envolveu com todos os membros. — Ah, meu Deus, estou tão orgulhosa de você.

Ergui as sobrancelhas de surpresa.

— Está?

— Claro que sim — ela falou fungando, se afastando para sorrir para mim. — Você lutou tanto por isso, Johnny. — Ela fez carinho na minha bochecha, se inclinou e me beijou na boca. — Você merece.

— Mas você está chorando — eu disse, emocionado.

— Porque estou feliz por você — ela falou, meio que chorando, meio que rindo. — Você está sendo recompensado por todo o trabalho duro. — Fungando, ela segurou meu rosto com as mãozinhas e pressionou a testa na minha. — Chegou a sua hora. — Com aqueles grandes olhos azuis fixos nos meus, ela acrescentou: — Aproveita. — Ela me beijou de novo e disse: — É a sua hora de *brilhar*.

— Estou com medo — sussurrei na sua orelha, sem me importar para o fato de não estarmos sozinhos e todos os nossos amigos estarem nos escutando. Eu precisava tirar aquilo

do meu peito antes que eu explodisse. — Estou com medo disso tudo e também de te *perder*.

— Eu sou sua. Você pode ter tudo.

— Lutei por isso a vida toda, Shannon — falei, sentindo meu peito se apertar tanto que tive dificuldade de respirar. — Isso não é um capricho.

Ela assentiu.

— Eu sei.

— Eu *tenho* que fazer isso — confessei, implorando com os olhos para que ela me perdoasse. — Eu tenho que ir até o *fim*.

Ela sorriu.

— Eu *sei*.

— Então por que é que isso me parece *errado*?

— Não tem nada de errado, Johnny — ela sussurrou. — É a coisa *certa* e, por isso, é tão assustador.

— Eu não vou — falei, entrando em pânico e mudando de ideia. — Se você estiver em dúvida, é só dizer e eu fico. Se não quiser que eu vá, eu não vou. Só me diz o que fazer e eu faço...

— Eu *quero* isso pra você — ela me interrompeu. — Quero que você vá atrás dos seus sonhos e mostre pro mundo o quanto você é *maravilhoso*.

— Mas vou passar um mês fora — admiti, com o coração martelando violentamente dentro do meu peito. — Talvez um mês e meio. Poderia ser mais. É muito tempo, Shan.

— E eu vou estar *aqui* quando você voltar. Daqui a um mês, um mês e meio ou dois meses, quatro... — Fungando, ela abriu um sorriso largo. — Vou estar bem aqui te esperando.

— Vocês estão machucando minha escada — Gibsie disse com uma voz triste.

— O quê? — Shannon e eu perguntamos ao mesmo tempo, nos virando para ele.

— Minha escada — Gibsie explicou, soltando um suspiro melancólico. — Vocês fizeram minha escada se encolher toda com esse papo de Johnny ir embora. — Ele se sentou na grama ao lado de Claire e suspirou. — Agora estou deprimido.

— Ah, fala sério. Ele também vai voltar pra você. — Enlaçando o braço nele, Claire apoiou a bochecha no ombro de Gibsie. — E você não pode estar tão triste, Gerard... a gente vai ter bebês este verão, lembra?

— É, eu sei. — Ele suspirou pesadamente e repousou o queixo na cabeça dela. — Mas ainda não sei se estamos prontos pra esse tipo de responsabilidade, minha linda. Tipo, eu só tenho dezessete.

— Bem, pronto ou não, os bebês estão chegando — Claire respondeu, dando tapinhas no joelho dele. — E é culpa sua por deixar ele entrar.

— Que porra é essa? — Lizzie e Hughie perguntaram juntos.

— Brian — Gibsie explicou em um tom sombrio. — Acontece que ele tinha testículo retido e não era infértil como a gente pensava.

— E como é que isso explica o fato de vocês terem bebês este verão? — Katie perguntou de olhos arregalados.

— Ele fez sexo com Cherub — Gibsie choramingou. — A gente pegou eles no ato no quarto da Claire durante o recesso

de Páscoa. E agora ela está *grávida*.

— A nossa gatinha Cherub está grávida? — Hughie perguntou. — Brian engravidou ela?

— A gente andava desconfiando, mas a veterinária confirmou na quarta — Gibsie grunhiu. — A gente viu os bebês e tudo, né, amor?

— Aham, no ultrassom — Claire concordou. — Ela vai ter *seis* nenéns.

— Vocês sabiam que a gravidez dos felinos pode durar de 56 a 67 dias? — Gibsie falou.

— Não — respondemos.

— Bem, ela pode parir a qualquer momento do meio do mês que vem pra frente — Claire explicou. — Não é empolgante?

— Isso vai me custar uma pequena fortuna — Gibsie disse, suspirando. — E minha mãe está dizendo que eles são *minha* responsabilidade, porque eu que levei ele pro quarto e eu devia ter pensado nisso, mas, porra, eu achava que ele andava por aí com uma camisinha permanente naquele falo felino. Mas não, ele mentiu pra mim... e pros veterinários também. Ele tinha um saco cheio de esperma esse tempo todo!

— E ela não foi a única gata da rua que ele engravidou — Claire acrescentou. — Parece que a gata malhada da sra. Lovell teve uma ninhada de gatinhos brancos como a neve na última terça. Com pelos compridos e *tudo*.

— O que eu posso dizer? Ele é um safado — Gibsie confirmou, assentindo tristemente. — Ele é um malandro abusivo de um saco só na missão de engravidar cada buceta

que botar as garras... mas só vou assumir Cherub — ele acrescentou, bufando. — É isso. Vou ser o pai desses gatinhos. Vou assumir as mamadas noturnas com você, Claire. Estarei presente no parto. Mas é isso. Só vou cuidar dos seus bebês. Não sei absolutamente *nada* sobre a gata malhada da sra. Lovell ou sobre a gravidez de mais ninguém. Essa é a minha história e eu vou mantê-la.

— Vocês dois foram feitos um pro outro — Katie declarou, rindo. — Que fofo!

— Não diga isso pra ele, amor — Hughie rosnou. — Não dê ideias.

— Mas eles vão ter *bebês* juntos — Katie observou. — Eles já estão comprometidos um com o outro.

— Certo, vamos mudar de assunto antes que eu vomite todo o almoço — Lizzie pediu, fingindo estar enjoada. — O que vamos fazer no ano de transição?

— Como assim? — Shannon perguntou, limpando as bochechas com o dorso da mão.

— Falaram disso na escola semana passada — Lizzie explicou. — Vamos ter a opção de pular um ano.

— Você está falando sério? — perguntei, sentindo uma pontada repentina de indignação. — Eu *implorei* pra eles me deixarem pular o quarto ano, mas Twomey foi inflexível dizendo que eles não iam oferecer esse programa no Tommen.

— Bem, ele claramente mudou de ideia, porque essa opção está sendo oferecida pra gente — Lizzie contou. — Podemos pular o quarto ano e seguir direto pro quinto ano depois do

verão. — Ela olhou para Shannon e para Claire. — Eu vou aceitar, gente.

Claire franziu o cenho.

— Vai?

— Pra aguentar um ano a menos dessa merda? *Claro* que vou aceitar — Lizzie disse. — Eu iria embora agora mesmo, se dependesse de mim.

— Boa escolha — Feely interveio baixinho, acenando a cabeça de leve.

Lizzie corou.

— Pois é.

— Bem, não sei o que vou fazer ainda — Claire disse. — Nem pensei nisso.

— Você devia pular esse ano — Gibsie a encorajou, agitando as sobrancelhas. — Daí vai ficar um ano mais perto de mim.

— E qual a vantagem disso? — Claire o provocou.

— Vamos ficar adiantados — ele respondeu sem hesitar. — É um bom presságio. Posso sentir nas minhas bolas.

Claire revirou os olhos.

— Você e suas esquisitices.

— E no períneo dele — Katie acrescentou, rindo.

— Sempre o meu períneo — ele concordou.

— Meu Deus — Hughie grunhiu. — Chega desse papo de períneo...

— A gente devia estar falando disso? — Feely perguntou, lançando um olhar culpado para Shannon. — Sabe, dadas as circunstâncias...

— Por favor, não parem — Shannon disse rapidamente. — Só continuem sendo normais comigo. — Ela deu de ombros e se sentou entre as minhas pernas, de frente para os outros, sussurrando: — Isso me ajuda.

— Você quer que eu seja normal? — Gibsie perguntou, abrindo um sorriso malicioso. — Posso fazer isso.

— Ele não consegue — Lizzie interveio. — É psicologicamente impossível pra ele agir como um ser humano normal.

— Ah, lá vem ela, a víbora — Gibsie comentou em um tom sarcástico. — Nossa, garota! Mantém essa língua venenosa sob controle por uma horinha.

— Vai comer merda — ela rosnou.

— Eu prefiro comer merda que comer você — ele retrucou.

— Nossa, estou *arrasada* — Lizzie fingiu vomitar. — Olha como estou chorando — ela acrescentou, limpando o rosto com o dedo do meio.

— Será que vocês dois não conseguem se suportar pelo menos por um dia? — Claire resmungou.

— Não — eles responderam ao mesmo tempo e, depois, ficaram se olhando.

Shannon se recostou no meu peito e suspirou suavemente.

— Lágrimas, rúgbi e esses dois brigando? Esse é o nosso normal.

— Pois é. — Abracei-a e beijei seu ombro. — Pelo visto...

74

RECUPERAÇÃO

Shannon

— Como foi, Shannon, meu bem? — a sra. Kavanagh me perguntou quando entrei na cozinha duas semanas após o funeral e coloquei a mochila no balcão ao lado dela.

A primeira coisa que me recebia naquela casa era o cheiro. Era difícil descrever, mas era como se eu pudesse sentir cheiro de *ternura*, o que era ridículo porque isso não tem cheiro. Só que aquela mulher irradiava bondade. E a comida... meu Deus, eu não conseguia nem dar conta de todas as refeições e dos lanchinhos deliciosos disponíveis o dia todo.

— Bem, terminei o terceiro ano — falei, trazendo os pensamentos de volta para o presente. — Consegui.

Ela sorriu alegremente para mim.

— Você conseguiu.

— Mas não vou passar nos exames — confessei, olhando para Sean, que estava sentado na própria mesinha perto da janela, todo concentrado na *obra-prima* que estava criando, mais uma para ser adicionada às outras dúzias penduradas na geladeira e nas paredes. Sookie estava aos seus pés com uma mancha de tinta verde na cabeça. — Não vou passar no junior cert. — Engoli em seco com força e me virei para a mãe de Johnny. — Eu só... não quero que você coloque suas fichas em mim. — Dei de ombros, impotente. — Não sou tão inteligente quanto o que você...

— O que eu te falei sobre esses exames? — ela perguntou, colocando uma panela de cozimento a vapor cheia de batatas na pia e se aproximando de mim. — Não importa a pontuação que você tirar. — Ela segurou meu rosto entre as mãos e sorriu. — A gente não vai nem abrir os resultados quando eles chegarem, porque não importa, querida. Uma nota em um pedaço de papel não me diz nada, mas *você* se reerguer e voltar pra escola pra terminar o ano e se sentar naquela sala de aula diz *tudo* sobre a garota maravilhosa e forte que você é. Você me deixa mais orgulhosa que qualquer exame poderia deixar. — Ela me apertou de leve antes de acrescentar: — Agora sente-se e me deixe te alimentar. A gente ainda vai botar carne nesses seus ossos.

Abafando uma risada, obedeci e me sentei na ilha. Arregalei os olhos quando ela colocou o maior prato de bacon com repolho que eu já tinha visto na minha frente.

— Hum, obrigada — falei, me perguntando como é que eu ia comer um décimo do que tinha no meu prato.

Ela não estava brincando sobre essa história de querer botar carne nos meus ossos. Eu já tinha ganhado quase três quilos no último mês só com as comidas da sra. Kavanagh.

— De nada, meu bem — ela respondeu, dispondo um prato de batata no balcão. — Agora onde é que está o meu filho?

— Na Academia. — Peguei os talheres e comecei a cortar o bacon em pedacinhos. — Ele me deixou em casa primeiro, mas os treinadores estão pressionando bastante pra ele se preparar antes de sair pra turnê. Ele disse que vai chegar antes das nove, mas sabe como são as coisas com aqueles treinadores.

— Ah, meu Deus — a sra. Kavanagh murmurou. — Eu detesto isso.

— Pois é. — Eu sabia como ela se sentia. Me recusando a encarar o fato de que meu namorado iria embora em sete dias, enfiei uma garfada na boca, mastigando e engolindo a comida antes de perguntar: — Onde estão os meninos?

— Fazendo a tarefa na casa da árvore — ela respondeu, com um suspiro fingido. — Juro que eles morariam lá se pudessem.

— É a primeira vez que eles têm um espaço só pra eles — expliquei com um sorrisinho. — É uma grande novidade poder ir pra um lugar onde os adultos não cabem. Eles se sentem seguros lá.

— *Você* se sente segura? — ela me perguntou, se sentando na ilha. — Você está feliz aqui, Shannon?

Fiz que sim com veemência, engolindo a comida antes de falar:

— Ah, sim. E sou tão grata por você, sra. Kavanagh... por você *e* pelo sr. Kavanagh por acolher todos nós...

— John e Edel — ela me corrigiu, sorrindo. — Chega dessa história de sr. e sra. Kavanagh, hein?

— Sim, sra. Kavanagh... quero dizer, Edel — falei, corando. — Obrigada.

— Fui ver Joey hoje de manhã — ela me contou. — Ele está bem, querida.

Arregalei os olhos.

— Ele falou alguma coisa sobre eu poder ir também?

— Ele precisa de mais tempo, Shannon, querida. — Ela abriu um sorriso triste. — Ele já vai melhorar.

— Sim. — Meu coração murchou. Joey não queria me ver. Não queria ver ninguém, incluindo Aoife, desde que entrou na clínica. Eu sabia que ele precisava estar lá por motivos muito mais profundos do que seus vícios, mas não era fácil ficar sem falar com ele. — Está certo.

— Ele vai ficar bem — ela me garantiu. — E você também.

— Darren ligou de novo — falei, me crispando ao me lembrar dos telefonemas frenéticos do meu irmão mais velho. — Quatro vezes hoje.

Ela sorriu.

— Ele também ligou pra cá.

— Ah, é? — Arqueei a sobrancelha. — Quantas vezes?

— Cinco — ela disse, dando risada.

— Ele precisa relaxar. — Suspirei. — Um milhão de ligações por dia não é bom pra ninguém.

— Ele só está se adaptando — ela disse, ainda sorrindo. — É difícil pra ele estar lá em Belfast e não ver vocês todos os dias. Uma hora ele se acalma. Ele só está preocupado com você porque te ama. E se importa.

— Eu sei — murmurei, e era verdade.

Eu via as coisas com mais clareza agora, algo que não conseguia fazer antes. Enxergava meu irmão sob uma luz diferente. Eu sabia que Darren nos amava e ele nos mostrou seu amor ao fazer a coisa certa e nos deixar ficar com os Kavanagh. Ele e Alex não poderiam criar os meninos sozinhos; ambos tinham suas próprias carreiras e eram jovens demais para ter esse tipo de responsabilidade — ele próprio reconhecia.

— E sua tia Alice ligou — ela acrescentou. — Sua bisavó está se estabelecendo em Beara. Ela queria avisar que ela está bem e que você e Joey não precisam se preocupar.

— Ela está bem mesmo? — perguntei, pensando quão frágil ela estava da última vez que a vira, ou seja, no dia seguinte ao funeral dos meus pais, quando ela entrou em um carro abarrotado com os seus pertences e se mudou para a nova casa em Beara com a bisneta. — Tem certeza?

— Ela está velha, cansada e de luto, Shannon — a sra. Kavanagh respondeu com gentileza. — Ela tem que pegar leve agora. Viver uma vida calma e tranquila. Sua tia está cuidando bem dela.

— Meu Onny — Sean falou, erguendo o desenho de dois círculos verdes. — Sean e meu Onny.

— Uau! — a sra. Kavanagh exclamou, se levantando para observar o desenho. — É um dos melhores que você já fez.

Sean abriu um sorriso radiante para ela.

— Meu Onny.

— Sim, meu bem — ela disse, dando risada e pegando o papel dos dedinhos sujos de Sean e o pendurando na geladeira. — Ele é o seu Johnny.

Eufemismo do século. Sean era obcecado por Johnny. Sério, ele o seguia por toda parte, observando todos os seus movimentos. No começo, fiquei preocupada, porque não queria que Johnny se sentisse desconfortável. Eu já me sentia mal de estarmos invadindo seu espaço pessoal sem meu irmãozinho grudado nele feito um macaco, mas Johnny não parecia se importar nem um pouco. Na verdade, ele sempre dava atenção para Sean. Toda noite quando chegava em casa da musculação ou do treino, ele se sentava no sofá com Sean e ficava ouvindo pacientemente o menino tagarelar sobre o seu dia. A maior parte do que Sean dizia não fazia sentido, mas Johnny sempre o ouvia, respondendo animadamente, encorajando-o e sorrindo. Sim, era verdade que meu irmãozinho tinha se apegado ao meu namorado, e eu estava com medo de como ele reagiria quando Johnny fosse para a França na semana que vem.

— Sean, meu amor, vai lá no escritório chamar o John? — a sra. Kavanagh lhe pediu. — Diga que o jantar está pronto.

Sean fez que sim e disparou para fora da cozinha com Sookie no seu rastro.

— Bom menino — ela falou antes de voltar o rosto sorridente para mim. — Agora que estamos sozinhas, queria falar com você sobre uma coisa.

Comecei a entrar em pânico na mesma hora.

— Hum, certo. — Abaixei os talheres, coloquei o cabelo atrás da orelha e tentei não ficar me mexendo. — Sobre o quê?

— *Não nos mande embora. Por favor, Deus, não nos mande embora...*

— Calma, querida, não tem nada de errado — ela falou, se sentando no banco à minha frente. Soltei um suspiro trêmulo e senti os ombros relaxarem de alívio. — Só queria ter um papinho de garotas.

— Está bem. — Eu lhe ofereci minha atenção total, sentindo tanta gratidão por aquela mulher que não sabia nem o que fazer com esse sentimento. — Claro.

— Então, o acampamento do aniversário de Johnny é na quarta — ela falou, com os olhos castanhos e ternos fixos em mim.

— Hum, isso — respondi, assentindo.

— E vocês vão dividir a barraca — ela continuou. — Meninos e meninas... você e Johnny.

Fiquei vermelha quando a ficha caiu. De repente, eu sabia *exatamente* aonde ela queria chegar.

— Vou dormir na barraca da Claire — menti, sentindo o calor subir pelo meu pescoço. — Não vai ser um problema.

— Amo que você queira me tranquilizar — ela comentou, sorrindo. — Mas eu seria uma tonta de acreditar.

Fiquei mais vermelha ainda.

— Não estou brava com você, Shannon, meu bem — ela disse depressa. — Na verdade, já estive em uma situação bem parecida com a sua. — Sorrindo, ela esticou o braço e pegou minha mão. — Morei com a família de John por anos antes de nos casarmos.

Fiquei de queixo caído.

— Sério?

— Sim. Fugi de casa quando era um pouco mais nova que você. A mãe de John me acolheu. Ela colocou um teto sobre a minha cabeça, me alimentou e me vestiu, e me deu acesso a uma educação que me levou a uma carreira de sucesso na moda. — Ela apertou meus dedos de leve antes de acrescentar: — Ela me deu a segunda chance que eu precisava desesperadamente. Ela viu algo em mim, algo que nem eu via naquela época, e nutriu isso. Ela era uma mulher maravilhosa e, quando estava morrendo, não hesitei em me mudar de volta para Cork pra cuidar dela. Johnny ficou *furioso* de ter que deixar Dublin e a vida na cidade pra trás, mas eu sabia que tinha que voltar. Queria que meu filho crescesse no mesmo lugar que o pai. Que ele estivesse perto da bondade que parecia emanar naturalmente da avó. Queria alimentar essas raízes. — Sorrindo, ela acrescentou: — É por isso que ficamos em Cork, por isso que meu filho se tornou o homem que é hoje, e sei que tomei a decisão certa.

— Uau — soltei, sentindo uma onda de emoções variadas se espalhando pelo meu peito. — Ela parece uma pessoa incrível. — *Assim como você*.

— Ela era — a sra. Kavanagh concordou, sorrindo ternamente. — Mas o que eu mais amei nela foi quando ela me sentou na cozinha e me fez ter a conversa mais *desconfortável* que já tive na vida. — A sra. Kavanagh sorriu. — Tipo a que estou prestes a ter com você agora.

Ah, meu Deus.

— Eu sei que você ama meu filho — ela continuou. — E sei que ele te ama muito também. Assim, eu seria uma tola se tapasse os olhos e fingisse que vocês dois não estão sentindo desejos.

— Desejos? — repeti, mortificada. *Ah, meu Deus!*

— Desejos — ela confirmou. — Tipo o desejo que vi vocês dois experimentando no mês passado.

Ah, não.

Por favor, Deus, não...

— Johnny é um bom rapaz, Shannon — ela continuou. — Ele é mesmo, mas ele perde a cabeça com você.

Constrangida, juntei as mãos e engoli um lamento.

— Desculpa — finalmente disse, sem saber o que mais dizer. — Por fazer ele perder a cabeça...

— Quero que você saiba que tanto John quanto eu achamos que você é uma influência maravilhosa pro nosso filho — ela acrescentou, sorrindo. — Estou vendo Johnny se soltar cada vez mais desde que você entrou na vida dele. Ele voltou a ser brincalhão. A se comportar como um adolescente de verdade. Pensei que isso tivesse passado, mas você desperta o menino que existe nele... e também o garoto impulsivo. — Ela suspirou e acrescentou: — Não sou burra, Shannon, meu

bem. Entendo o que está acontecendo e morando em quartos tão próximos como vocês estão... bem, preciso garantir que vocês estejam se protegendo.

— Ah, meu Deus — falei, quase chorando de vergonha.

— Já tive essa mesma conversa com Jonathan uma dúzia de vezes, mas sei que ele está mentindo pra mim sobre sua relação íntima.

Pisquei rapidamente.

— Hum...

— E sei que, se eu te fizer as mesmas perguntas, você também vai mentir — ela acrescentou. — Eu amo meu filho, Shannon, mais que as palavras conseguem expressar, mas se ele te causar algum problema, vou matar ele. Você está sob os meus cuidados, querida. Sou responsável por você e te amo. Apesar de poder supervisionar a relação de vocês enquanto estão em casa, preciso estar preparada pro que acontece quando eu *não* estou presente. Tipo essa viagem.

— Hum... — Eu realmente não sabia o que dizer.

Ela abriu outro sorriso terno e perguntou:

— Sua mãe já falou com você sobre métodos contraceptivos?

— Hum, não. — Corando, ajeitei o cabelo de novo e suspirei. — Ela não era muito fã de contracepção. — Era uma péssima piada e fiquei morrendo de vergonha. — Ela não falou... — sussurrei. — A gente não tinha esse tipo de relação.

— Então você não está usando nada?

Balancei a cabeça, sem olhá-la nos olhos.

— O que acha de marcarmos uma consulta com um ginecologista?

Ergui a cabeça para ela.

— O que você acha?

— Acho que estou lascada se você for, e lascada se você não for — ela disse com um sorriso irônico. — Se eu te levar, é quase como se eu estivesse aprovando as coisas, o que certamente *não* estou... pelo menos não até você ter vinte e cinco anos, no mínimo... e se eu não te levar e algo acontecer, terei falhado com vocês dois. Então, estou pensando em ficar com a primeira opção e que se dane o que pensarem.

— Você está brava comigo?

Ela riu suavemente.

— Não, Shannon.

Soltei um suspiro trêmulo.

— Não vai me botar pra fora?

— *Jamais* — ela me prometeu, apertando minha mão. — Esta casa é sua pra sempre... sua *e* dos seus irmãos... e a gente não vai a lugar algum, está bem? Só quero prevenir que algo ruim aconteça... como a morte do meu filho se ele sequer pensar em colocar as partes íntimas dele perto das suas e me transformar em avó antes de eu fazer cinquenta anos.

Eu não sabia se queria chorar, fugir ou abraçar a mulher.

— Está bem. — Engoli em seco e assenti. — Eu gostaria de... hum, marcar uma consulta — falei depressa. — Com o médico contraceptivo. — Balancei a cabeça, nervosa. — Digo, com o ginecologista.

Ela sorriu.

— Boa garota.

Também sorri.

— Obrigada.

— Mas fique claro que isso não é uma carta branca — ela acrescentou com um tom mais severo. — As regras da casa ainda estão de pé. Nada de dormir no mesmo quarto. Nada de portas fechadas quando vocês estiverem juntos, e *nada* de Jonathan entrando furtivamente no seu quarto à noite, e absolutamente nada de partes íntimas se tocando...

— Bacon com repolho? Obrigado, Jesus! — A voz de Johnny reverberou pela cozinha e eu me virei.

Ele colocou a bolsa no chão e entrou parecendo ter acabado de sair do banho, devastadoramente lindo. Era bem doloroso olhar para ele no verão com aquelas malditas roupas que ele usava, exibindo os músculos salientes do seu peito e dos seus braços esculpidos. Dava para ver seu mamilo marrom através da camiseta larga quando ele se virava de lado e eu discretamente apertei as coxas uma contra a outra.

— Estou morrendo de fome, mãe. — Ele veio direto até nós, colocando a mão nas minhas costas antes de pegar o meu prato. — Já acabou, Shan? — Abri a boca para dizer que sim, mas ele já estava engolindo o que eu tinha deixado para trás. — Gostoso pra caralho — ele murmurou entre as mordidas, dando uma piscadela para a mãe. — Meu estômago te ama.

— Olha a boca, Jonathan — ela o repreendeu, apesar de ter um sorrisinho nos lábios. — Quantas vezes tenho que te dizer isso?

— Continue me alimentando assim e eu faço o que você quiser — ele respondeu. Depois, foi até o fogão com meu prato vazio e começou a fazer uma montanha de bacon com repolho para si. — Tem batata, mãe?

— No balcão — ela falou, revirando os olhos pra ele.

Assentindo em aprovação, Johnny voltou para a ilha e se sentou no banco ao meu lado.

— Onde está meu pequenino? — ele perguntou, fazendo uma pausa para dar um beijo na minha bochecha antes de esticar o braço e se servir de cinco batatas. — O que foi? Preciso de carboidratos — ele falou quando arqueei a sobrancelha.

— Sean está no escritório com o seu pai — a sra. Kavanagh respondeu, observando o filho atentamente enquanto ele enfiava a comida na boca com gosto. — Shannon e eu estávamos conversando sobre sexo, não é, querida?

Johnny tossiu tão alto que tive certeza de que ele tinha se engasgado.

— Sexo — ele falou, limpando a garganta várias vezes.

— Sim, e sobre o acampamento — ela continuou. — E métodos contraceptivos.

— Sexo e o acampamento — eu disse ansiosa, conforme as palavras jorravam de mim feito vômito. — E nada de netos!

Ele tossiu mais alto e seu rosto ficou levemente roxo.

— Meu Deus — ele finalmente disse, com os olhos fixos no prato. — É informação demais pra absorver em uma sexta à noite.

— E repassamos as regras da casa de novo — a sra. Kavanagh acrescentou, mantendo o olho no filho. — Você lembra delas, né, meu bem?

— Lembro que meu pai me pediu pra fazer alguma coisa — Johnny anunciou, empurrando o banco para trás. Ele pegou o prato e disparou para a porta da cozinha gritando: — O que foi, pai? Já vou. — E saiu.

— Ela vai te dar pílulas? — Foram as primeiras palavras que saíram da boca de Johnny quando ele entrou no meu quarto mais tarde aquela noite.

— Shhh — sussurrei, fechando a porta atrás dele rapidamente. — Ollie está de vigia do outro lado e não tem tranca na minha porta.

— Aquele traíra — Johnny murmurou, esfregando a mandíbula. Ele estava de cueca vermelha e seu cabelo estava todo espetado, como sempre. — Eu ofereci dez pratas pra ele fazer vista grossa.

— E sua mãe ofereceu vinte cada vez que ele te visse perto do meu quarto — comentei. — Ele está juntando pra comprar um novo conjunto de Lego, então está com sangue nos olhos.

— Que adorável, não? — Johnny grunhiu, se aproximando da minha cama. — Primeiro, Tadhg toma minha cachorra como sua companheira de cama, e agora Ollie está tomando o meu backup.

— Ah, então quer dizer que agora sou o seu backup? — Cruzei os braços, observando-o mergulhar na minha cama e

pousar as mãos sobre a barriga. — Então Sookie deve fazer uma ótima conchinha.

— Você é minha rainha — ele ronronou, batendo nas coxas. — Então vem aqui e me deixe te venerar.

Apaguei as luzes e fui para a cama dando risada. Subi no seu colo e reprimi um grito quando ele deslizou as mãos sob a bainha da minha camisola.

— Você fala tanta besteira — eu disse, rindo e me inclinando para roçar os lábios contra os dele.

— E aí, que história é essa de métodos contraceptivos? — ele perguntou.

— Sua mãe me perguntou se eu queria usar algum — falei, me afastando para avaliar sua reação. — Ela se ofereceu pra marcar uma consulta com um ginecologista.

— Ah. — Ele mexeu as mãos por baixo da minha camisola e segurou minha cintura. — E o que você disse?

Passei os dedos pelo seu abdômen e sorri.

— Eu topei.

Seus olhos arderam.

— Ah, é?

— Mas você continua proibido de vir aqui — sussurrei, mordendo o lábio para conter um gemido quando Johnny empinou o quadril e o senti *crescendo* contra mim.

— Continuo? — Sua voz estava rouca e seu tom era sedutor. — Você vai me dedurar, Shan? — Ele me puxou com força contra sua cintura enquanto se empurrava para cima. — Hein? — Ele prendeu os dedos na barra da minha calcinha e a puxou. — Você vai me dedurar por estar na sua cama? — Ele

soltou o elástico contra a minha carne e apalpou minha bunda. — Você vai me ferrar, baby?

Balancei a cabeça, ofegante.

— Nunca.

Ele deu um sorriso safado e disse:

— Meu Deus, você é sexy pra caralho.

Ah, Jesus.

— Johnny...

— E sua pele é tão macia... — Ele segurou a barra da minha camisola, se sentou e a puxou para cima devagar. — Pode falar se não quiser — ele sussurrou, roçando o peito em mim. — E a gente para na hora.

— V-você se lembra daquela noite no seu quarto? — perguntei com o coração disparando violentamente dentro do meu peito. — Antes da sua mãe entrar?

Ele fez que sim lentamente.

— É isso que eu quero — sussurrei quando reencontrei as palavras. — É o que eu preciso de você.

— Tem certeza? — ele perguntou com a voz rouca.

Assenti.

— Cem por cento. — A gente não tinha mais dormido juntos desde aquela primeira vez e saber que ele iria embora logo tornava a pressão no meu peito forte demais. — Quero ficar com você antes de você ir — falei, me surpreendendo com a minha ousadia. Me afastei para olhá-lo nos olhos e disse: — Quero que a gente fique *junto* antes de você ir. De todos os jeitos possíveis.

— Shannon, eu vou voltar pra você — ele disse com olhos ardentes. — Não tem pressa.

— Eu sei.

— Não quero te pressionar — ele acrescentou. — Não depois de tudo o que você passou...

— Eu *preciso* sentir essa conexão com você, Johnny. Eu preciso. De verdade.

— Sim. — Ele soltou um suspiro trêmulo. — Eu também preciso, Shan.

Meu coração disparou.

— Sério?

— Sempre. — Ele me deitou de costas e roçou o lábio no meu. — Você vai me arruinar, Shannon, *como o rio*? — Ele deu um beijo quente na minha boca. — Hein? — Seus lábios foram descendo pelo meu pescoço até os meus seios nus. Passando a língua no meu mamilo, ele perguntou: — Você vai me machucar?

— Não. — Minha coluna se ergueu para fora do colchão quando ele espalhou beijos na parte interna das minhas coxas. Seus lábios eram macios e seu queixo, áspero e delicado na minha pele, fazendo todos os músculos abaixo do meu umbigo se contraírem. Com a respiração entrecortada, enterrei os dedos no seu cabelo e gemi. — Eu nunca machucaria você.

— Então é melhor você ficar comigo — ele avisou, se posicionando entre as minhas pernas. — Porque eu sou todinho seu. — Ele prendeu os dedos na barra da minha calcinha e a tirou antes de acomodar minhas pernas em seus

ombros. — Fica de olho naquela porta — ele pediu antes de mergulhar a cabeça em mim.

— Ah, meu Deus. — Fechei os olhos e rebolei sob o seu toque, segurando seu cabelo. — Johnny...

— Shhh — ele soltou, me provocando com seus dedos e sua língua. — Mantém os olhos naquela porta e não faz barulho.

— Ah, Jesus — falei, com o coração martelando selvagemente dentro do peito. — Está bem, está bem... — Gemi na minha mão e puxei seu cabelo, esfregando os quadris freneticamente contra o seu rosto. — Ah... eu vou... Johnny, eu...

— Você não está olhando — ele grunhiu, se erguendo sobre os cotovelos e quebrando o contato. — Você precisa ficar de olho na porta, Shan. Ela é tipo um cão farejador e aquele seu irmão é ainda pior! Fica gemendo meu nome assim e eu sou um homem morto.

— Não ligo — praticamente sibilei, me afundando no travesseiro. — Não importa. Só continua... por favor!

— Acredita em mim, importa sim. — Ele beijou minha coxa e grunhiu: — E você vai ligar se ela me matar.

— Está bem... — Assenti desesperada, falando com dificuldade: — Olhar... porta... entendi.

— Obrigado — Johnny respondeu antes de voltar aos negócios.

— Johnny! — falei, revirando os olhos. — O que você está... ah, meu Deus, *isso*...

— Merda, você vai me matar — ele gemeu. Com um rosnado impaciente, ele tirou minhas pernas dos ombros e estendeu os braços para me segurar. — Hoje à noite... — Ele fez uma pausa para me levantar e me colocar mais para cima na cama. — Eu vou entrar em você. — Inclinando-se por cima de mim, ele beijou meus lábios, abafando meus gemidos com estocadas habilidosas da língua.

Estendi a mão e puxei a barra da sua cueca, ansiosa para sentir a sua pele na minha.

— Tira isso — implorei nos seus lábios. — Por favor.

— Pode deixar, só *relaxa*.

Eu não *conseguia* relaxar, estava desesperada para tê-lo. Para *estar* com ele de novo. Tudo parecia tão frenético! *Eu* estava frenética.

— Por favor?

— Porra, não fala assim — ele disse, saindo de cima de mim. Ele tirou uma embalagem quadrada da cueca e a jogou na cama antes de se despir. — Continue implorando e você vai me fazer explodir antes mesmo de eu te tocar.

— Desculpe. — Tremendo, corri para debaixo das cobertas e observei fascinada enquanto ele rasgava a embalagem do preservativo e o colocava rapidamente. — Eu só... sim. — Assentindo, me deitei de costas e sussurrei: — Sim.

— Sim? — Ele afastou as cobertas e subiu do meu lado. — Tem certeza?

Incapaz de suportar mais um instante sem tocá-lo, segurei seu pescoço e puxei seus lábios para os meus em um beijo que eu nunca queria que acabasse. Ele ficou por cima e afastou

minhas coxas com as dele devagar. Deixei minhas pernas se abrirem, cravando os dedos no seu tronco enquanto ele se acomodava contra mim. Ele estava respirando com dificuldade, seu peito subindo e descendo depressa enquanto se empurrava para dentro de mim com uma gentileza dolorida.

Sua testa tocou a minha em um movimento tão reconfortante e terno que senti as lágrimas ardendo nos meus olhos enquanto minhas emoções ameaçavam me rasgar.

— Nossa... — ele gemeu em um tom estranhamente indefeso e sofrido, se mantendo acima de mim, apoiando seu peso em um cotovelo, enquanto usava a mão livre para segurar e acariciar minha bochecha. — Está doendo? — Ele ficou imóvel dentro de mim e sussurrou: — Estou te machucando?

Eu estava emocionada, me afogando em sensações que me queimavam e me incendiavam, mas ele não estava me machucando. Mordendo o lábio, sacudi a cabeça e puxei seu rosto para o meu.

— Não — eu disse na sua boca, abraçando seu pescoço. — Você é perfeito.

Seus olhos vasculharam os meus conforme a incerteza tomava suas feições e ele se enterrava mais fundo, deixando um rastro escaldante de destruição deliciosa a cada estocada dos seus quadris.

— Tem certeza?

Eu o abracei com tanta força que tive certeza de que estava cortando a circulação de alguma parte do seu corpo, mas não conseguia me soltar. Eu fisicamente *não* conseguia deixá-lo. Tinha medo do desconhecido, do futuro e estava apaixonada e

desesperada por ele. A única coisa que sabia era que eu *confiava* nele. Eu confiava nele com cada centímetro do meu corpo e pedi com os olhos para que ele nunca partisse meu coração.

— Tenho certeza de você — sussurrei. — Se mexe dentro de mim.

Um arrepio percorreu seu corpo e ele começou a se mover para dentro e para fora, profunda e lentamente, rebolando os quadris em um ritmo viciante sem jamais desgrudar os lábios dos meus. Agarrando-o como se ele fosse uma tábua de salvação, prendi as pernas na sua cintura e confiei nos instintos do meu corpo, empurrando meus quadris para cima a cada estocada.

— Diz de novo — implorei, arqueando as costas, cravando as unhas na pele bronzeada das suas costas nuas. — Por favor... — Mordendo meu lábio para me impedir de gritar, absorvi a sensação dele dentro de mim, do seu peso pressionando meu corpo no colchão, das coisas inexplicáveis que ele trazia à vida dentro de mim, conforme ele metia sem parar. — Johnny... diz de novo.

— Te amo, Shannon, *como o rio* — ele sussurrou, e o calor do seu hálito na minha pele fez um arrepio de prazer se espalhar pelo meu corpo. — Vou voltar pra você. — Ele respirava com força, seu coração disparando quase violentamente em seu peito. — Prometo.

Um lampejo momentâneo de alívio percorreu meu corpo, logo superado pelo prazer que pulsava nas minhas veias enquanto eu me afogava de amor.

75

ANIVERSARIANTE

Johnny

Alguém cantando *parabéns pra você*, *parabéns pra você*, *velhas bolas roxas*, *parabéns pra você* me acordou do melhor sonho que já tive, que envolvia Shannon pelada com a boca em volta do meu pau. O som de uma porta batendo alto invadiu meus pensamentos felizes e logo fui esmagado por um peso insuportável, enquanto seu lindo rosto desaparecia da minha mente.

Acordei assustado, afastando as cobertas que cobriam meu rosto.

— Meu melhor amigo cresceu! — a voz falou. — Os dezoito chegaram! Você pode comprar bebida e cigarro legalmente quando eu quiser agora. É o seu aniversário, mas sou eu quem vai colher os benefícios.

— Sai de cima de mim, seu imbecil! — rosnei, quando finalmente consegui me livrar das cobertas à minha volta.

Me sentei de uma vez, estendi o braço e empurrei Gibsie para fora da cama antes de jogar as cobertas para trás, em pânico ao pensar na panqueca em que ele poderia ter transformado minha namorada se tivesse pousado em cima dela, mas ela não estava ali.

Confuso, fiquei olhando para o colchão, mas não havia nenhuma Shannon pelada.

— Que belo jeito de me tratar! — Gibsie bufou do chão. — Encantador.

— Que horas são?

— Você acabou de me jogar pra fora da cama sendo que vim até aqui te dar parabéns — ele grunhiu, se levantando. — Você devia me pedir desculpas, Johnny, e não me perguntar que horas são...

— Que horas são, porra? — rosnei, saindo da cama e vasculhando o colchão.

— Só são seis e meia. Hum, você devia estar feliz no seu aniversário... e pelo amor de Deus! Quer esconder essa *besta*?

— Se não quer ver meu pau, *bata* na porta antes de entrar — falei, entrando no banheiro pelado e fechando a porta atrás de mim. Perguntei baixinho: — Shan, você está aí?

— Aqui — ela sussurrou.

Sorrindo, abri a cortina e arqueei a sobrancelha.

— Eu *sabia* que não era só um sonho.

— Não, não foi só um sonho. — Corando, ela puxou a cortina do chuveiro de volta para cobrir o corpo e se

contorceu. — Feliz aniversário.

— É o melhor aniversário da minha vida — ronronei, abrindo a cortina de novo e entrando na banheira. — Você na minha cama... — Fiz uma pausa, segurei suas coxas e a ergui em meus braços. — Com a boca em volta do meu...

— Está falando sozinho de novo? — Gibsie gritou do outro lado da porta. — Devo me preocupar? Está tendo outro ataque de pânico? É por causa da excursão ou do seu aniversário? Porque você só está fazendo dezoito, cara, não oitenta, e a excursão vai ser ótima. Só respira devagar. Vou chamar sua mãe...

— Não! Meu Deus, não chama minha mãe — falei, enterrando o rosto no pescoço dela. — Não estou tendo um ataque, cara.

— Não?

Joguei a cabeça para trás e berrei:

— Não!

— Então o que está fazendo?

— Cagando — respondi, fazendo Shannon dar risada. — Shhh — balbuciei, me esfregando nela. — Me espera lá embaixo, Gibs — pedi. — Vou demorar uns quinze minutos... — Perscrutei o corpo nu dela com os olhos e meu pau ficou duro. *Merda*. — Talvez uns vinte.

— Hum, estou vendo uma calcinha rosa no chão, então sei exatamente o tipo de merda que você está fazendo, seu safado sortudo — ele falou. — Oi, Shannonzinha.

Shannon arregalou os olhos.

— Hum, oi, Gibsie...

— Bonito sutiã de florzinha, Shan. Adorei a cor... espera um segundo! Você está usando M agora?

— Dá o fora daqui — rosnei. — E não mexe no sutiã dela!

— Só estou dizendo que esse tamanho é uma grande evolução pra um mês — Gibsie comentou. — Sério, garota. Você está florescendo...

— Eu vou arrancar seu períneo e te alimentar com ele, seu pervertido! — rugi, abaixando Shannon para poder sair da banheira. Abri a porta e parti para cima dele. — E como é que você sabe o tamanho do sutiã da *minha* namorada?

— Eu tenho olhos, sabe? — ele falou, rindo e atirando o sutiã de Shannon em mim antes de se jogar na cama para se esquivar. — Sabe quando as pessoas dizem que são ótimas juízas de caráter? Bem, eu sou um ótimo juiz de tamanho de peitos...

— Espero que você tenha aproveitado sua última refeição, Gerard — eu disse, pulando na cama pelado. — Porque você vai morrer hoje.

— Mantém essa *besta* longe de mim! — ele gritou, fazendo o sinal da cruz. — O sangue de Jesus tem poder!

— O que você está fazendo? — Ollie perguntou, e me abaixei mais rápido que um gato.

— Tudo certo, carinha? — falei, me cobrindo com o edredom.

— Por que você está pelado, Johnny? — ele perguntou, parado na porta com seu pijaminha do Homem-Aranha. — Onde estão seus pijamas?

— Eu estava tomando banho — menti com os dentes cerrados, tentando me cobrir. — Gibsie entrou e roubou minha toalha, por isso eu estava brigando com ele.

— Isso. — Gibsie deu de ombros e soltou uma risada nervosa. — A gente está sempre pregando peças um no outro.

— Isso não é engraçado — Ollie disse, fazendo cara feia. — Ele pode pegar pneudemônia se não secar o cabelo.

— Pneudemônia? — Gibsie perguntou.

— Pneudemônia — Ollie repetiu. — A mamãe falou que a demônia quase levou a vovó uma vez. — Ele franziu as sobrancelhas. — Não sei o que significa, mas a demônia pegou ela porque a vovó não secava o cabelo e é algo *super-ruim*. Pode te levar pro hospital e tudo!

— Pneumonia — eu o corrigi, abafando um grunhido. — Estou bem, Ol. Não se preocupe. É verão. Não vou ficar doente.

— Bem, mesmo assim, não é engraçado — ele bufou. Depois se virou para Gibsie e acrescentou: — Como você se sentiria se alguém roubasse sua toalha?

— Justo, garoto — Gibsie respondeu, contendo o riso. — Prometo que não vou mais pegar a toalha de Johnny.

— Bem, devolve agora pra ele — Ollie ordenou, sem sair da porta. — Vamos. Faça a coisa certa e peça desculpas.

— Me desculpa, Johnny — Gibsie disse, colocando a mão na frente da boca. — E eu adoraria devolver a sua toalha, mas acho que perdi...

— Não se preocupe, Johnny — Ollie disse bufando. — Vou pegar uma nova pra você. — Ele foi até o banheiro mais rápido do que consegui processar o que estava acontecendo.

— Não, não, não... — soltei, mas era tarde demais. Ele já tinha aberto a porta do banheiro e visto Shannon parada ali dentro, por sorte enrolada em uma toalha.

— Ollie, sai daqui — Shannon sibilou, fechando a porta. — Ah, meu Deus!

— Dellie! — Ollie gritou com toda a força. — Peguei eles de novo!

— Por favor, por favor, para de gritar — implorei. — Não conta pra ela...

— Quero meu dinheiro — Ollie disse. — E você conhece as regras, senhor quebrador de regras. — Estreitando os olhos para mim, ele falou: — Você não pode brincar com a minha irmã sozinho. — Ele cruzou os braços. — E você está pelado. Dellie diz que isso é proibido.

— Mas é meu aniversário — choraminguei, apelando para a chantagem emocional, devido às atuais circunstâncias e possíveis consequências. — Te dou cinquenta pratas se você não contar pra Dellie.

Ele inclinou a cabeça para o lado, me observando com atenção.

— Cem.

— O quê? — Encarei-o boquiaberto. — Mas é meu aniversário!

— Por isso vai ser cem — ele respondeu. — Senão, eu precisaria de um trilhão.

Estreitei os olhos de volta para ele.

— E por que você precisa de cem pratas?

— Pro Lego. E pros meus negócios.

— Ah, é? — Arqueei a sobrancelha. — Que negócios seriam esses?

— Meus negócios de espionagem. E você é meu alvo número um. — Ele me encarou com severidade. — Estou de olho em você o tempo todo.

Meu Deus...

Balancei a cabeça e apontei para o meu jeans.

— Pega minha carteira.

— Oba! — Sorrindo de orelha a orelha, Ollie sacou a carteira da minha calça caída no chão e a entregou para mim. — Boa escolha, Johnny.

— É melhor você ficar de bico calado sobre isso — avisei, entregando duas notas de cinquenta para ele. — Senão vou declarar guerra à casa da árvore.

— Você não faria isso.

— Ah, faria sim — respondi, acenando a cabeça. — Gibs e eu vamos fazer uma casa ainda maior e vamos bombardear a sua com balões de água até você se render, e daí vamos saquear tudo como se fôssemos piratas.

— Ah, estou dentro — Gibsie disse em um tom empolgado. — Tenho uma mira excelente.

— Está bem, não vou te dedurar — Ollie bufou, pegando o dinheiro e erguendo-o contra a luz para verificar sua autenticidade. — Mas só essa vez. Se eu te pegar perto da minha irmã de novo, já era, Johnny Kavanagh.

— Feito — concordei. — Agora vai embora.

Ele assentiu rigidamente e saiu do quarto só para parar na porta e voltar para a minha cama.

— Ah... e feliz aniversário — ele disse, me dando um abraço rápido. — Te amo. — E saiu saltitando com o dinheiro nas mãos.

— Esse é malandro — Gibsie falou em um tom carregado de admiração pelo jovem golpista. — O mini-Lynch tem mais do Joey, o hurler, que eu pensava.

— Ah, é? Bem, o mini-Lynch acabou de sair daqui com a grana da cerveja da nossa viagem — grunhi, pegando a cueca e vestindo-a.

— Aquele *merdinha* — Gibsie rosnou, sem um pingo de admiração na voz. — *Eu* é que vou atirar balões de água e saquear aquela casa da árvore agora.

— Não vai, não — falei baixinho. — Você vai descer e me esperar na cozinha.

— Está bem — Gibsie bufou, seguindo para a porta. — Mas qualquer dia desses, vamos tomar o forte de volta. Vamos tomar *tudo* de volta — ele disse antes de fechar a porta.

— A área está limpa, Shan — falei. — Despistamos o inimigo.

— Ah, meu Deus! — Shannon saiu do banheiro com o rosto vermelho, toda agitada. — Estou com tanta *vergonha*!

— Tudo bem — falei, dando tapinhas no colchão ao meu lado. — Vem aqui...

— Sem chance! — ela disse, pegando as roupas no chão. — Ele vai voltar. Esse suborno só vai durar o tempo de ele colocar o dinheiro no cofrinho. Ele é implacável, Johnny. Dou cinco minutos, no máximo.

— Então me dá um beijo pelo menos — grunhi quando ela alcançou a porta.

— Mais tarde na nossa barraca — ela falou, soprando um beijo para mim antes de sair para o corredor. — Te amo!

— Ah — murmurei, afundando no colchão. — Também te amo.

76

ACAMPAMENTO E CARNIFICINA

Shannon

— Cork, Claire? — Hughie perguntou, perplexo, se recostando contra o carro. — De todos os lugares no país onde a gente podia ir acampar, você escolheu *Cork*?

Johnny me deu uma piscadela e um sorriso cúmplice e continuou tirando as malas do porta-malas do seu novíssimo audi A4 — cortesia dos seus pais — e passando-as para Feely. Hughie estava reclamando do nosso destino desde que saímos da casa dos Kavanagh três horas atrás e fiquei grata por poder ir na frente com Johnny e Feely, e não com os outros. Katie estava de mau humor, Gibsie, um pouco rebelde, e Lizzie, brava como sempre. Hughie e Claire estavam discutindo desde que saíram de casa de manhã. A única pessoa que parecia normal era Feely, mas eu também não poderia avaliar direito, porque ele era bastante calado. Tinha algo rolando — algo que não

tinha nada a ver com o local onde passaríamos a noite —, o que era bem chato, já que era o aniversário de Johnny. Ele ia embora na sexta. Só tínhamos dois dias juntos e nossos amigos não paravam de brigar.

— Esse lugar é adorável — Claire disse, soltando um suspiro pesado. — Tem um rio e é cercado por um bosque. — Ela pegou vários balões verdes, brancos e dourados em forma de bola de rúgbi no porta-malas do carro de Johnny e deu de ombros. — É superlindo aqui, prometo que a gente vai se divertir. — Ela enfiou o braço no banco de trás e tirou dois enormes balões vermelhos, um era o número *um* e o outro, *oito*. — Só tente ser mais positivo.

— Bem, eu adorei, Claire — Johnny interveio em um tom calmo. — Estou agradecido por todo o esforço que você fez, então muito obrigado.

— De nada, Johnny — Claire respondeu, aliviada.

— Concordo — falei. — Este é o lugar mais lindo que já vi.

— Você só saiu de Cork uma vez — Lizzie disse. — Pro jogo em Dublin.

— Duas vezes — murmurei com o rosto vermelho. — Fui pra Kerry quando era pequena.

— Então você só foi pra três lugares, Shan...

— Por enquanto — Johnny retrucou, olhando Lizzie de cara feia.

— Mas ainda estamos em *Cork*, cap — Hughie grunhiu.

— No *oeste* de Cork — Gibsie o corrigiu, com uma voz severa, assumindo uma posição defensiva na frente de Claire.

— E vai se foder com esse pessimismo todo — ele acrescentou, colocando um fardo de Heinekens debaixo do braço. — Pelo menos sua irmã teve a iniciativa de organizar essa viagem. A gente estaria no Biddies, bebendo cerveja e tentando se livrar dos malas se não fosse por ela. — Ele se virou para Claire e disse: — Não liga pra ele, minha linda. Você arrasou. — Com a mão livre, ele puxou seu rabo de cavalo, forçando-a a olhar para ele. — Mantém essa cabeça erguida — ele ordenou, levantando seu queixo com o dedão. — Não ouse esconder esse rostinho bonito do mundo.

As bochechas já coradas de Claire ficaram vermelhas feito os balões que ela estava segurando.

— Obrigada, Gerard.

— Mas a gente podia ter ido pra *qualquer* lugar — Hughie reclamou. — E ainda estamos em Cork.

— Fala isso mais uma vez e eu vou queimar a sua barraca com você lá dentro — Gibsie rosnou, olhando feio para Hughie. — Acha que estou brincando? Continua enchendo o saco dela pra ver o que vai acontecer...

— Ei, ei, ei — Feely interveio, se colocando entre os dois. — Nada dessa merda no aniversário do capitão. — Se virando para Gibsie, ele acrescentou: — Segura essa testosterona. Você está exagerando nas ameaças de morte, Gibs.

— Hughie tem razão — Lizzie disse, decidindo emitir sua opinião. — Isto é um desastre.

Os olhos de Claire se encheram de lágrimas e ela saiu andando, murmurando que tinha uma mosca no olho.

— Ah, puta que pariu! — Gibsie rugiu, lívido. — Se algum de vocês não quer estar aqui, é só voltar pro carro e *vazar*! — Gesticulando para onde Claire tinha ido, ele acrescentou: — Pensem muito bem no que vão fazer, porque se resolverem ficar, vocês vão ficar *felizes*. Vão *sorrir* e vão se divertir pra *caralho*. Vão comer o bolo, cantar a porra do parabéns e *agradecer* àquela garota por ter passado o mês todo organizando essa viagem pra vocês, seus ingratos! — Ele soltou um suspiro pesado e olhou para nós. — A gente deixou a gata grávida em casa pra vir pra cá e Claire já está toda ansiosa com Cherub sem vocês enchendo o saco dela, então se vocês a chatearem, vou perder a cabeça de verdade e surtar. — Com os olhos esbugalhados, ele disse: — Não me provoquem, porque já estou quase lá!

— Está bem, cara — Hughie cedeu, erguendo as mãos e olhando Gibsie com cautela. — Não vou mais reclamar.

Gibsie assentiu rigidamente antes de se virar para Lizzie.

— E *você*?

— Pro bem de Claire, vou ficar quieta — ela disse.

— Que bom! — Ajeitando o fardo de cervejas que estava segurando, Gibsie falou: — Agora, se me dão licença, preciso encontrar um lugar pra cagar, porque estou me segurando desde que saímos de Ballylaggin... e jantei curry ontem, então vocês imaginam a pressão que estou passando.

— Vai lá, cara — Feely disse, colocando um rolo de papel higiênico em cima das cervejas antes que ele saísse correndo na direção do mato. — Estamos todos felizes aqui.

— Agora me escutem — Johnny disse, chamando a atenção de todos. — Eu pessoalmente não ligo a mínima se vocês estão felizes de estar aqui ou não. Não ligo se vocês estão agindo feito criancinhas mimadas porque ainda estão em Cork. Não ligo se vocês não gostam uns dos outros. Não ligo se estão brigados. Não ligo nem pro meu aniversário. Eu. Não. Ligo. Não dou a mínima pra essas porras — ele rosnou, olhando para Katie, Hughie e Lizzie. — Eu só me *importo* com o fato de ter dois dias com a minha namorada, só *dois dias*, antes de passar o verão fora. Tivemos um ano difícil. Com cirurgias, enterros, incêndios e lutos. Vimos mais hospitais e lágrimas que vocês poderiam compreender com seus cérebros patéticos e passamos por um monte de turbulências. Essa é a nossa folga de toda a merda que aconteceu, então vocês não vão estragar as coisas pra mim e definitivamente não vão estragar as coisas pra *ela*. Entendido?

— Entendido — Feely respondeu.

— Não *você* — Johnny disse. — *Eles*.

— Jesus, você tem razão — Hughie falou, constrangido. — Me desculpem, gente.

— Pois é — Katie concordou com o rosto vermelho. — Estávamos sendo egoístas.

— Eu também — Lizzie suspirou. — Me desculpa, Shan, eu nem pensei no que essa viagem significava pra você e pro Johnny.

— Significa *muito* — Johnny falou.

Todos assentiram.

— Então vamos começar esse show — Feely declarou, pegando várias sacolas do chão. — Avante e pra cima.

Ignorando os ruídos e bufadas ao meu redor, fiquei admirando meu namorado, apreciando a maneira como o calção de banho azul que ele estava usando deixava seus quadris marcados. Havia um V profundo entre os seus ossos do quadril, sinal claro de que ele cuidava muito bem do corpo, e uma trilha de pelos escuros saía do seu umbigo e desaparecia sob o short. Suas coxas eram grossas e musculosas, e suas panturrilhas também. Tudo em Johnny era firme, tonificado e *enorme*.

— Está gostando do que está vendo? — ele perguntou ao me pegar em flagrante.

Fiquei vermelha feito um pimentão.

— Hum, como?

Ele deu risada, fechou o porta-malas e pegou as bolsas no chão.

— Vem, minha taradinha — ele provocou, passando o braço pelo meu ombro. — Mas não se sinta mal. — Ele se inclinou perto do meu ouvido e sussurrou: — Eu também não consigo parar de te olhar.

— Sei — falei, revirando os olhos.

— Está brincando, né? Você está de blusa branca sem sutiã. Temos sorte por eu não ter batido o carro no caminho pra cá, de tanto que fiquei te secando — ele disse, abrindo um sorriso safado. — Abaixei a janela do carro só pro vento te deixar *arrepiada*.

— Ah, meu Deus — eu disse, rindo e abraçando-o. — Você é um pervertido.

— Pode ser verdade — ele concordou, gargalhando. — Essa viagem vai ser legal, Shan.

— Vai. — Suspirei, contente. — Acho que você está certo.

— Você está fazendo errado de novo! — Lizzie sibilou, empurrando Gibsie no peito quando ele tentou ajudar ela e Claire a montar a barraca. — Você é tão burro!

— Está vendo aquela barraca montada ali? — Gibsie retrucou, irritado, enfiando a vara no tecido. — Está muito melhor que a sua, não é? Porque sei o que estou fazendo, então larga do meu pé!

— Mas o manual diz que você devia fazer assim — Lizzie insistiu, agitando o papel na cara dele. — Quer abaixar essa vara e olhar as instruções? Não seja teimoso!

— Ah, sim, sem problemas... — Gibsie arrancou o manual das mãos dela, amassou o papel e o jogou no rio. — É isso o que eu acho das suas instruções.

— Por que você fez isso? — Lizzie perguntou, empurrando-o de novo. — Eu estava tentando te mostrar...

— Porque eu não consigo *ler* essa merda, porra — ele rugiu na cara dela. — E não preciso que você me mostre nada.

— Gente, para com isso — Claire pediu, se colocando entre eles. — Liz, não empurra ele.

— O manual tinha desenhos — Lizzie gritou para ele, dando a volta em Claire para ficar frente a frente com ele de

novo. — Eu não estava tirando sarro das suas dificuldades de aprendizagem.

— Claro que não — ele retrucou com desdém. — Você só estava me chamando de teimoso e burro porque gosta. — Ele balançou a cabeça, nervoso, e continuou enfiando a vara nos aros da barraca. — Com você, é tudo zoeira, né, Liz? Você pode dizer o que quiser pra qualquer um e todos nós devemos *aceitar* porque você tem *problemas*.

— Não ouse falar assim comigo, Gibs — Lizzie sibilou, estreitando os olhos e empurrando Gibsie. — Não *ouse* falar daquilo!

— Gente, fica longe da margem — Claire pediu em um tom preocupado. — Vocês vão acabar caindo no rio.

— Por que não? — Gibsie perguntou, se afastando dela e se aproximando da água. — Você claramente tem algum problema comigo, então por que não tira logo isso do seu peito? — ele provocou. — De uma vez por todas.

Desesperada, olhei em volta procurando por Johnny, mas ele tinha ido para o estacionamento buscar o resto das nossas coisas com Hughie.

— Fica longe — Katie sussurrou na minha orelha, colocando a mão no meu ombro. — Esses dois são tipo um vulcão esperando pra entrar em erupção há anos. — Ela suspirou e acrescentou: — E você não precisa estar perto quando isso acontecer, Shan.

— Nossa — Feely disse, saindo da barraca que ele ia dividir com Gibsie e se aproximando deles. — Vamos nos acalmar, pessoal...

— Você sabe o que ele fez com *ela* — Lizzie falou. — Você sabe o que ele me custou!

— Eu não sou *ele*! — Gibsie rugiu com todas as forças, erguendo as mãos no ar. — Não tenho nada a ver com aquilo!

— Que porra está acontecendo aqui? — Johnny e Hughie perguntaram juntos, correndo até nós. — Ei... parecem com isso vocês dois!

— Gibs, se afasta da água... — Hughie começou a falar, mas sua voz foi abafada pelo grito agudo de Lizzie.

— Ele é da sua família! — ela berrou, empurrando Gibsie. — E você é igual a ele!

Como se estivesse vendo uma cena de filme de terror, vi Lizzie empurrar Gibsie novamente, fazendo-o cair da margem.

Quando ele caiu na água, o mundo desabou.

— Ah, meu Deus, ele está se afogando!

— Tira ele daí!

— Gibs, aguenta firme, cara!

Entrei em pânico e quis ir atrás dele, mas não podia, porque eu não sabia *nadar*. Com o coração na boca, fiquei observando-o completamente paralisado na água, com os olhos arregalados de medo, antes de começar a afundar feito uma pedra. Ele nem se debateu. Só *congelou*.

Johnny, Hughie e Feely saíram correndo, passando por mim e pulando na água.

— Gerard! — Claire gritou, disparando até a margem. — Gerard!

— Me desculpa — Lizzie falou, parecendo em choque. — Eu não queria...

— Por que você fez isso com ele, Lizzie? — Claire gritou. Depois fez algo que eu jamais esperava que ela fosse fazer: deu um *tapa* no rosto de Lizzie. — Ele tem medo de água, sua vadia sem coração! — ela continuou gritando. — E você sabe disso.

Lizzie balançou a cabeça, como se estivesse no primeiro estágio do choque.

— Eu não queria... eu não... eu juro...

— Você está bem, cara? — Hughie disse, segurando o rosto pálido de Gibsie entre as mãos fora da água, enquanto Johnny nadava para a margem com seu corpo trêmulo sobre o ombro. — A gente te pegou — Hughie continuou dizendo em um tom tranquilizador, conforme Feely se arrastava para fora do rio. — Estamos aqui. Você está com a gente agora, não está mais sozinho. Isso... bom trabalho, cara. Só fica calmo...

— Você pegou ele? — Johnny perguntou, respirando com dificuldade, empurrando o corpo mole de Gibsie para Feely, que estava deitado de bruços, inclinado sobre a borda com os braços estendidos para o amigo. — Não solta ele, Feely...

— Peguei ele, cap — Feely respondeu, segurando Gibsie pelas axilas. — Não vou te soltar, cara.

Gibsie parecia um menininho assustado, congelado de choque, enquanto Feely o tirava da água e o colocava na margem lamacenta.

Ele caiu de quatro e os sons que saíram da sua garganta eram angustiantes. Era quase como o som cortante de um animal ferido.

— Boa, cara — Feely disse, se abaixando ao lado de Gibsie e colocando a mão nas costas dele. — Shhh, você está seguro.

Johnny saiu da água logo depois, seguido por Hugh, e os três ficaram ajoelhados ao lado de Gibsie, sussurrando palavras no ouvido dele que eu não consegui ouvir.

Fiquei parada no lugar, vendo Gibsie rastejar para longe do rio e só parar quando suas costas estavam apoiadas no tronco de uma árvore próxima. Ele estava tremendo violentamente, com a cabeça abaixada, e as mãos moles em torno dos joelhos, claramente lutando para recuperar o fôlego.

— Está tudo bem, Gerard — Claire falou, ajoelhada na frente dele com uma toalha na mão. — Shhh... — Com uma ternura comovente, ela a passou com gentileza pelo rosto e pelo cabelo dele. — Estou bem aqui com você. — Ela o secou com cuidado antes de envolver a toalha em seus ombros e segurar seu rosto pálido entre as mãos. — Respira fundo. — Pressionando a testa na dele, ela fez carinho em suas bochechas e sussurrou: — Vou te manter seguro.

— Ele está bem? — Katie perguntou, preocupada. — Gibs?

— Ele ficaria bem melhor se vocês *parassem* de ficar encarando — Claire sibilou, se posicionando de modo a esconder o rosto de Gibsie. — Ele não é um circo, porra!

Nossa...

— Gibsie, me desculpa — Lizzie falou chorando, disparando até ele. — Eu juro que não queria...

— Fica longe dele! — Claire rosnou, assumindo uma postura defensiva diante de um garoto que tinha o dobro do seu tamanho. — Fiquem longe, todos vocês!

— Não foi de propósito — Lizzie disse. — Eu juro...

— Dá um tempo, caralho — Johnny grunhiu, ficando de pé. — Você podia ter *matado* ele.

— Eu sei, e sinto muito! — Lizzie choramingou, balançando a cabeça. — Eu não queria...

— Você nunca quer — Hughie murmurou, se aproximando de Katie, que estava oferecendo uma toalha para ele. — Mas estamos cansados de te ouvir falando isso, Liz.

— Eu disse que sinto muito...

— Bem, pedir desculpas não adianta nada.

— Pode crer, capitão.

— Você podia ter matado ele! Que parte você ainda não entendeu?

— Parem com isso, gente — pedi, sentindo uma enorme onda de solidariedade por Lizzie, que parecia genuinamente arrependida e a segundos de ter um colapso nervoso. — Ela não fez de propósito.

— Foi de propósito, Shannon! — Hughie falou.

— Ei, não fala assim com ela — Johnny avisou, se colocando diante de mim.

— Não falei nada de mais.

— Falou, porra!

— Calma, gente! — Feely interveio. — Lizzie sabe que errou e está claramente arrependida, então não tem necessidade de a gente ficar atirando pedra nela... nem em ninguém.

— Mas ela... — Hughie começou a dizer e Feely o interrompeu.

— Você está bem agora, Hugh? — ele perguntou, arqueando a sobrancelha. — E você, Kav? — Depois se virou para Johnny. — Você nunca perdeu a cabeça numa briga?

— A gente nunca tentou afogar ninguém — Hughie retrucou, fuzilando Lizzie com o olhar.

— Ela não tentou afogar ele — Feely declarou. — Não seja dramático. Ela perdeu a cabeça e empurrou ele. Ele caiu e entrou em pânico. A gente sabe por quê. É uma merda, mas aconteceu, agora bola pra *frente*.

— Me desculpa mesmo — Lizzie choramingou.

— Eles sabem — Feely disse. Depois, se virou para ela e flexionou o dedo, falando: — Vem aqui.

— O q-quê?

— Eu falei pra você vir aqui — ele repetiu em um tom sério. — Agora. — Aturdida, vi Lizzie obedecer sem dizer nada. — A gente vai tomar um ar pra eles se acalmarem. — Feely pegou a mão dela. — Vamos voltar quando todo mundo se lembrar que não são anjos perfeitos.

— E-está bem. — Fungando, ela assentiu e deixou Feely levá-la para longe.

— Você está bem? — perguntei, seguindo Johnny até a nossa barraca. — Johnny?

— Estou ótimo, Shan — ele respondeu, pegando uma toalha na mala. — Só estou um pouco abalado. — Ele se sentou sobre os joelhos e secou o peito antes de soltar um suspiro pesado. — Este dia está sendo um desastre.

— Não necessariamente — falei, observando-o se secar.

— Eles não param de brigar — ele grunhiu, passando a toalha no cabelo.

— A gente não — sussurrei.

Ele parou e abaixou a toalha.

— Verdade.

— E estamos juntos — acrescentei, sorrindo.

Ele sorriu de volta para mim.

— Outra verdade.

— O que aconteceu, Johnny? — perguntei, tentando desesperadamente desviar os olhos da metade inferior do seu corpo quando ele tirou o calção de banho molhado e o jogou para fora da barraca. — Gibsie não sabe nadar?

— Ele *sabe* — Johnny respondeu, procurando outro calção. — Ele só entrou em pânico.

— Por quê?

— O pai e a irmã dele se afogaram quando ele era pequeno — Johnny murmurou com as sobrancelhas franzidas, se concentrando na sunga. — Eles tiveram problemas com o mar ou algo assim. — Ele deu de ombros e acrescentou: — Ele não lida bem com água desde então.

— Ah, meu Deus — falei, sentindo meu coração se partindo. — Quando isso aconteceu?

— No dia da Primeira Comunhão dele, acho... então ele devia ter uns sete anos — ele disse com a voz rouca. Desistindo de vestir a cueca com as pernas molhadas, ele a tirou e se cobriu com uma toalha. — Aconteceu bem antes de eu me mudar pra Cork. Ele só falou disso uma vez quando eu tinha onze anos, então não me lembro direito, mas lembro

dele contar que os pais estavam passando por uma separação turbulenta na época. Não sei dos detalhes, mas foi um verdadeiro caos, baby... com um monte de casos e traições. De qualquer forma, todos se reuniram pra Primeira Comunhão e deram uma festa enorme pro Gibs e pro Hughie.

— Hughie?

— Ah, sim. Era a Primeira Comunhão dele também — Johnny explicou. — E as famílias deles sempre foram próximas. Eles praticamente foram criados juntos.

— Ah, entendi.

— Enfim, o padrasto dele, Keith, gastou uma fortuna pra dar a festa do Gibs em um hotel extravagante na praia — Johnny continuou. — Daí o pai dele não quis ficar pra trás, então alugou um barco e levou um grupo pro mar.

— Ah, não — falei, cobrindo a boca com as mãos, sem saber se queria ouvir o resto da história.

— Eles tiveram algum problema... não sei dos detalhes, mas Gibsie e a irmã Bethany caíram na água.

Deixei escapar um lamento.

— Não.

Johnny suspirou tristemente.

— O pai mergulhou atrás deles, mas não voltou mais. — Ele respirou pesadamente e acrescentou: — A irmã também não.

Ah, meu Deus.

— E Gibsie? — perguntei, enxugando as lágrimas que escorriam pelas minhas bochechas. — Como ele conseguiu sair?

— Ele não me conta essa parte — Johnny murmurou. — Sei que tem alguma coisa a ver com a família Biggs... e até mesmo com Claire. Acho que algum deles o salvou. — Ele deu de ombros, impotente. — Ele não fala sobre isso, então não fico insistindo.

— Quantos anos ela tinha?

Johnny fez uma pausa e ficou refletindo por um tempo.

— Gibs tinha sete, então ela devia ter uns dois ou três...

Meu coração se partiu.

— Ela era só uma bebezinha?

— Pois é. — Ele soltou um suspiro pesado. — Ela devia ter a idade do Sean.

— Ah, meu Deus. — Balancei a cabeça, tentando absorver o que tinha acabado de ouvir. — Não acredito.

— Todos temos nossos segredos — Johnny falou baixinho. — Somos todos um pouco quebrados, Shan.

— Gerard e eu podemos pegar sua chave? — ouvi a voz de Claire e logo sua cabeça apareceu na abertura da nossa barraca. Sem dizer nada, Johnny pegou a chave no chão e a entregou. — Obrigada — ela falou antes de desaparecer.

— Acha que ele devia dirigir depois do que aconteceu? — perguntei, preocupada.

Ele deu de ombros.

— Provavelmente não, mas ele precisa de espaço — ele disse com as sobrancelhas franzidas, arrancando a grama molhada da canela e jogando-as fora. — Ele vai dar uma volta com ela, ela vai fazer o que quer que ela faz pra acalmar ele e logo ele vai estar de volta.

— Claire?

— Claire — ele confirmou, acenando a cabeça.

— Acho que eles têm segredos — falei, me aproximando dele.

— Acho que você está certa. Mas o que quer que ele precise, vai conseguir com ela. — Balançando a cabeça, ele acrescentou: — Eu não posso dar.

— E você? — perguntei gentilmente. Ele estava tentando fingir ser corajoso, mas vi a preocupação em seus olhos, o puro desamparo. — Do que precisa agora?

Ele esticou o braço e me puxou para o seu colo.

— Tenho tudo o que preciso bem aqui.

— Você acha que eles vão se resolver? — perguntei.

— Quem? Claire e Lizzie ou Gibs e Lizzie?

— Todos eles?

Johnny encolheu os ombros.

— Ah, eles vão ficar ótimos. Ele vai voltar em uma hora ou duas todo alegrinho. Vai empurrar as coisas pra baixo do tapete e vai ficar por isso mesmo.

— Você acha?

— Conheço ele, Shannon. É assim que ele lida com as coisas. Com piadas.

— Não quero que todo mundo fique bravo com ela — sussurrei. — Ela está passando por muita coisa.

— Shan...

— Estou falando sério — eu disse, suplicando com os olhos para que ele me ouvisse. — Por favor, não guarde rancor dela por causa disso.

— Estou furioso com o que ela fez — ele admitiu com sinceridade.

— Eu sei — falei, montando nos seus quadris. — Mas quando ela voltar com Feely, você pode fazer um esforcinho? Por mim?

Ele ficou me encarando por bastante tempo antes de soltar um suspiro.

— Está bem.

— Obrigada. — Sorri. — Sei que você acha Lizzie difícil, e ela é mesmo, mas ela também tem muitas coisas legais. — Peguei sua mão e a apertei. — Ela é meio irritada, mas tem uma boa pessoa por baixo daquela carcaça. Ela se parece com Joey de certa forma. Ela dificulta que as pessoas a amem, mas é um mecanismo de defesa. Acredita em mim, eu sei bem.

— Vou acreditar em você — Johnny resmungou, nada impressionado.

— Então você vai tratar ela bem?

— Vou — ele confirmou, sério. — Por você.

— Tenho um presente pra você — falei, tentando mudar o assunto para águas mais gentis. — Não é nada especial, mas posso te dar agora, se você quiser.

— Você comprou um presente pra mim? — Johnny arqueou as sobrancelhas e afastou o rosto para me olhar. — Shan, não precisava.

— Você está fazendo dezoito anos. Claro que comprei um presente pra você. — Desci do seu colo e ergui a mão. — Mas só pra te avisar: nada tão incrível quanto aquele carro chique que seus pais te deram.

— Aquela máquina é tão fofa, né? — ele disse, rindo. — Ela parece um sonho.

— Aham. — Totalmente desinteressada em falar sobre carros, peguei a mala e fiquei procurando algo ali dentro, até que meus dedos encontraram o livro. — Eu que fiz — falei, peguei o álbum e o entreguei para ele. — E se for ruim ou se você não gostar, pode jogar fora... juro que não vou ligar. — Juntei as mãos no meu colo e dei de ombros, nervosa. — Feliz aniversário, Johnny.

— Você fez um livro pra mim? — ele perguntou com uma voz grave e rouca, abrindo a capa e olhando para a página. — Sobre mim?

— Bem, é mais um álbum... detalhando sua carreira desde os times juvenis até agora... — Estiquei o braço para abrir o álbum na última página, em que eu tinha colado uma cópia da carta de aceitação da Academia Irlandesa de Rúgbi. — É uma espécie de linha do tempo da sua vida no rúgbi. — Soltei um suspiro trêmulo. — Gostou?

— Shan... — Ele balançou a cabeça e ficou folheando as páginas cheias de recortes de jornais e fotos dele dos seis aos dezoito anos. — Onde você encontrou tudo isso?

— Sua mãe me ajudou. Quando contei o que queria fazer, ela me levou pro sótão, onde ela tinha guardado pelo menos trinta caixas de jornais e troféus e sabe Deus mais o quê.

— Ela guardou tudo isso? — ele perguntou, sem tirar os olhos das páginas.

— Sim. Aquele sótão é tipo um santuário pra você. Nunca vi tanta memória de alguém na minha vida. — Encolhi os

ombros e acrescentei: — Você é meio que famoso, Johnny Kavanagh.

O fantasma de um sorriso surgiu em seus lábios enquanto ele tamborilava os dedos no álbum.

— Eu adorei.

Relaxei de alívio.

— Sério?

Ele fez que sim, fechou o livro e olhou para mim.

— Te amo.

— Também te amo — respondi, sorrindo para ele.

— De verdade, Shan. — Seu tom era sério e seus olhos ardiam de calor. — De verdade mesmo.

— Acredito em você — sussurrei, sentindo o coração flutuar de alegria.

— Se eu pudesse te levar comigo, eu te levaria — ele falou, abaixando o álbum e me puxando para o seu colo de novo. — Não quero te deixar.

Meu coração murchou.

— Você tem que ir, Johnny.

Ele me abraçou e enterrou o rosto no meu pescoço.

— Estou tão triste!

— Não fique triste — implorei. — Fique *feliz*.

— Estou feliz também. Eu só... não sei o que vou fazer sem você. A gente acabou de começar e agora tenho que ir... — Ele se interrompeu e grunhiu no meu pescoço. — Não estou pronto pra desistir de tudo.

— Desistir do quê? — sussurrei, passando os dedos pelo seu cabelo. — Hein?

— Da minha juventude — ele admitiu baixinho.

— Johnny, você ainda é jovem.

— Não estou falando de idade — ele murmurou. — Estou falando de você... e daqueles idiotas lá fora — ele acrescentou, apontando a porta da barraca. — E dos seus irmãozinhos irritantes. — Ele balançou a cabeça e suspirou pesadamente. — Não estou pronto pra desistir disso tudo, Shan.

— Você vai conseguir. — Forcei as palavras para fora da minha boca, sendo que tudo o que eu queria fazer era gritar "Então não vá". Mas não queria ser egoísta. Ele precisava ir, e eu precisava apoiá-lo. — É só pelo verão.

Ele enrijeceu por um instante antes de assentir.

— Eu sei.

— Quer o resto do seu presente? — perguntei, desesperada para animá-lo antes que nós dois ficássemos miseráveis. — Hein?

— Tem mais?

Sorrindo, empurrei-o para trás e arranquei sua toalha.

— Se você quiser...

— Ah — ele grunhiu, fazendo que sim e movendo as mãos para os meus quadris. — Definitivamente quero mais.

Mais tarde naquela noite, todos pareciam mais calmos e estávamos nos divertindo de verdade. As barracas tinham sido montadas, o bolo, comido, as brigas, esquecidas, as desculpas, aceitas, e os rostos taciturnos tinham sido substituídos por sorrisos soltos e bêbados — graças à meia dúzia de cervejas e outras bebidas.

Sentada em volta de uma fogueira na beira do rio, com os braços de Johnny em mim, eu ouvia atentamente as caóticas brincadeiras e piadas do pessoal. Gibsie e Lizzie tinham entrado em uma espécie de trégua silenciosa e estavam sentados cada um de um lado de Feely, agindo como se nada tivesse acontecido. Eu sinceramente não sabia direito o que fazer, mas tinha que admitir que fingir que estava tudo bem era muito melhor do que testemunhar uma guerra. Claire estava sentada do outro lado de Gibsie, e Hughie e Katie tinham acabado de voltar corados e desarrumados do *banheiro*, tendo demorado vinte minutos atrás de uma árvore próxima.

Enquanto eu olhava para as chamas âmbar, senti uma pontada repentina de culpa por me sentir tão feliz. O rosto da minha mãe surgiu na minha mente, seguido rapidamente pelos olhos assombrados de Joey na última vez que o vi. As emoções que me invadiram foram tão avassaladoras que me fizeram estremecer e derrubar a garrafa de cerveja que eu estava bebendo.

— E temos aqui uma peso-leve — Gibsie falou do outro lado do fogo, claramente de volta às palhaçadas despreocupadas. — Shannonzinha — ele disse, sorrindo. — Derramando a bebida na quinta garrafa? — Ele balançou a cabeça, fingindo decepção. — O que vamos fazer com você, hein?

Me recompus antes que o luto levasse a melhor, contendo as lágrimas e abrindo um sorriso radiante.

— Me deixa em paz — falei, tentando soar bem-humorada, colocando a garrafa no chão. — É a primeira vez que eu bebo.

Gibsie deu risada e voltou a atenção para Feely, que estava tocando violão e cantando um verso de "The Langer Song" do Tim O'Riordan. Todos estavam cantando e rindo com ele, mas eu não conseguia me concentrar na letra engraçada ou na sua linda voz, porque minha mente ficou presa na minha família.

— O que aconteceu? — Johnny sussurrou no meu ouvido e o cheiro de álcool do seu hálito me acertou com tudo.

Ele estava falando um pouco arrastado por conta das cervejas e, apesar de estar gentil como sempre, o rosto do meu pai não saía da minha cabeça.

Qual o seu problema, garota?

Qual a porra do seu problema agora?

Vá dormir, Shannon. Só feche os olhos e tudo vai ser melhor de manhã...

— Shan? — Johnny me chamou, me arrastando de volta dos pensamentos depressivos.

— Hum?

— O que houve, baby?

— Como assim?

— Seu corpo ficou esquisito — ele disse, felizmente falando baixinho para que só eu o escutasse. — Você ficou dura e agitada, depois deu risada, mas não era a *sua* risada... foi meio que "hahaha, estou rindo, mas não estou rindo de verdade".

Nossa...

— Você está bem? — ele pressionou, roçando o nariz na minha bochecha. — Está cansada? Quer ir pra cama? Na barraca do meu pau?

— A sua o *quê*?

— Na barraca que eu montei — ele disse.

— Não, estou bem.

— Hum... — ele murmurou. — Não confio nessa *palavra*... estou encrencado?

— Não, foi só o cheiro do álcool — admiti, virando o rosto para olhar para ele. Seus olhos estavam vidrados e suas bochechas estavam coradas. Ele parecia *feliz*. Parecia tudo o que meu pai *não* era, mas aquele cheiro ainda estava *lá*. Ainda *nele*. — No seu hálito e eu...

— Você se lembrou dele?

Soltei um suspiro trêmulo e fiz que sim, me sentindo culpada.

— Me desculpa.

— Não estou bêbado, Shan — Johnny falou, franzindo o nariz. — Está bem, talvez eu esteja um pouquinho bêbado — ele se corrigiu, claramente *muito* bêbado. — Mas só porque é meu aniversário.

— Eu sei — falei depressa, me sentindo péssima. — Quero que você se divirta, Johnny...

— Sei que estou falando meio engraçado... estou ouvindo minha própria voz e isso nunca é bom... espera, o que eu estava dizendo? — Ele balançou a cabeça e se concentrou no meu rosto. — Ah, é... isso não vai acontecer com a gente. — Ele esticou a mão e a pousou na minha bochecha. — Nunca vou te machucar, baby — ele sussurrou, esfregando o nariz no meu. — Nunca, jamais, nem em um trilhão, zilhão de anos.

— Eu sei — eu disse com o coração acelerado.

— Você é minha *little darling*. Meu coração está todinho com você.

Meu coração martelou dentro do meu peito.

— Johnny...

— Você nunca vai ser ela — ele continuou tagarelando. — E eu nunca vou ser ele.

— Promete?

Ele fez que sim.

— Prometo um milhão, um bilhão de vezes.

Estremeci e fui relaxando aos poucos.

— Te amo, Johnny Kavanagh.

— E você sabe que eu também te amo, meu pequeno rio azul — ele falou. — Sei que estou um pouco bêbado, mas eu poderia estar mil por cento bêbado e você ainda estaria segura comigo. — Ele abriu um sorriso mole e acrescentou: — E você continuaria sendo a coisa mais linda que esses olhos já viram. — Ele apontou para os próprios olhos. — Sim, eles *amam* te olhar. Merda, estou duro de novo!

— Pensei que você tivesse dito que estava um pouquinho bêbado — comentei, abafando uma risada, e *sim*, ele estava definitivamente duro de novo. Dava para senti-lo embaixo de mim.

— Shhh. — Ele pressionou o dedo nos meus lábios. — Você está bêbada.

— Não — falei, rindo e relaxando com as suas brincadeiras. — *Você* que está bêbado.

— Estou com tesão — ele declarou, apressado. — E isso não é sensato. — Ele balançou a cabeça. — Não, esse não é um

bom plano, Shan, porque eu sou um Johnny sem johnnies.

— Johnny!

— Sei que estou duro — ele continuou tagarelando. — Estou sentindo meu pau tentando escapar do short e chegar até você, mas não sei exatamente *onde* ele está agora, *você* sabe?

— Sim, estou sentindo ele em mim — respondi, dando risada. — Juro que ele ainda está aí dentro do seu short.

— Ah, graças a Deus. — Ele soltou um enorme suspiro de alívio. — Fico pensando que ele vai embora. — Ele se contorceu e acrescentou: — Eles botaram um monte de agulha perto dele, Shan.

— Eu sei, baby — tentei tranquilizá-lo e não gargalhar. — Que horror!

— Foi um horror *mesmo* — ele falou, assentindo vigorosamente. — Todo aquele sangue, o tesão reprimido e o... — Ele deu de ombros e ficou encarando o meu colo por vários minutos antes de grunhir alto. — Ah, merda... olha, Shan! Ele foi embora!

— Ah, Johnny. — Balancei a cabeça e o beijei. — Você está doidão.

— Hum. — Ele puxou meu lábio inferior para dentro da boca e o chupou. — Foi mal — ele se desculpou, soltando meu lábio com um estalo alto. — Eu só queria sentir seu gostinho.

Ah, meu Deus...

— Gente, gente, cala a boca, pode ser? Tenho uma música pra vocês! — Gibsie anunciou, se levantando só para tropeçar no tronco onde estava sentado e cair de costas no chão. —

Feely... me acompanha, está bem? — ele pediu, deitado com o cigarro nos lábios. — Você manda bem.

Todo mundo gargalhou enquanto Gibsie limpava a garganta e começava a cantar sua própria versão bêbada de "My Girlfriends Pussy Cat", de Richie Kavanagh, a plenos pulmões. Sorrindo, ele fixou os olhos em Claire e eu soube ali mesmo que ele estava direcionando cada palavra para ela. Ele queria que ela soubesse que ele queria dizer o *oposto* do que aquela letra dizia.

— Sou um ótimo velejador — Johnny declarou, me distraindo dos hilários miados de Gibsie. — Sabia?

— Não. — Sorrindo, me virei completamente em seus braços. — Você gosta de velejar?

— Eu adoraria velejar — ele ronronou, se abaixando para apertar minha bunda. — De novo no seu rio.

— Ah. — A ficha caiu e fiquei vermelha. — Bem, nesse caso, você é mesmo um excelente velejador.

— Não sou? — ele falou com um sorriso orgulhoso. — São anos de prática.

Franzi o nariz.

— Hum...

— Ops. — Ele bateu a mão na boca. — Falei bosta.

— Falou — concordei. — Meio que falou sim.

— Devo tirar o barco de pau? — ele perguntou com os olhos arregalados.

— Não, Johnny. — Dei risada, achando-o engraçado demais para me incomodar com o que ele tinha falado. — Não aqui.

— Bem, eu só velejo em um rio agora — ele emendou com uma carranca. — É o seu... — Ele fez uma pausa para apontar para mim. — Caso você esteja se perguntando.

— Está bem. Entendi. Obrigada.

— Não, obrigado *você* — ele ronronou antes de soltar um suspiro alto. — Preciso mijar.

— Hum, está bem.

— Não consigo — ele disse, parecendo desolado.

— Por quê?

— Porque estou *duro*.

— Ah, meu Deus... — Rindo, coloquei os braços em torno do seu pescoço e o aninhei junto a mim. — Você me faz tão feliz!

— Vou te deixar orgulhosa quando eu for — ele declarou, me abraçando e derramando metade da cerveja no meu moletom. — E vou manter meu pau dentro da calça.

— Hum, obrigada?

— Claro, claro — ele disse. — Ah, merda, baby, te deixei molhada?

— Hum, só um pouquinho — confirmei, estremecendo quando senti a bebida nas minhas costas. Tirei o moletom, fiz uma bola com ele e o joguei na direção da nossa barraca. — Não foi tão longe quanto eu esperava — falei, olhando o moletom cair a menos de dois metros de onde estávamos. — Acho que você devia ter jogado.

— Não se preocupa — Johnny disse em um tom encorajador antes de secar o resto da garrafa e ficar encarando

o gargalo, parecendo triste e fofo quando não saiu mais nada. — Pra mim, foi um lance perfeito.

— Pra *você* — falei, rindo, gostando bastante dessa versão dele agora.

— Onde eu estava? — ele perguntou, confuso.

— Você estava dizendo que vai manter o pau dentro da calça quando estiver fora com o time.

— Ah, isso! — Ele deu uma piscadela e assentiu em aprovação. — Daí vou fazer grandes planos com você quando voltar pra casa.

— Ah, você tem grandes planos?

— Grandes, grandes planos — ele confirmou. — Eu gosto de crianças, e você?

— Hum, claro. — Pisquei. — Eu gosto de crianças, Johnny.

— Então vamos fazer algumas — ele anunciou. — Vou fazer a coisa do rúgbi e você a coisa da veterinária, daí a gente vai se estabelecer e produzir uns bebês. — Ele sorriu. — Boa conversa.

— Você acha que vou ser veterinária? — perguntei, ignorando completamente o papo maluco de bebês. — Eu? Veterinária?

— Claro — ele disse. — Você é tão inteligente, baby, com toda a sua ciência e seu jeito com animais. Minha cachorra te ama. Brian te ama. Meu pau te ama. Nossa, você vai ser a veterinária mais sexy que já vi!

— Mas eu só te falei isso uma vez — sussurrei, me lembrando de uma das conversas aleatórias que tivemos à noite quando Johnny entrou escondido no meu quarto. — Não

acredito que você se lembrou... especialmente no seu estado atual.

— Você só precisa me dizer as coisas uma vez que já é o suficiente. — Ele bateu o dedo na têmpora. — Eu registro todas as suas palavras bem aqui.

— Você é um gênio, sabia? — provoquei.

— Sou mesmo — ele concordou. — É tipo *uau* na minha cabeça o tempo todo.

— Você é tão inteligente! — falei. — Está sempre pensando.

— Hum.

— Por que esse "hum"?

— Não sou inteligente com você. A inteligência some quando estou com você.

— Isso é ruim?

— É bom pra caralho. Eu só... merda, preciso parar de falar.

— Não, continua falando — pedi, curiosa. — Me diz o que está se passando nessa sua cabecinha.

— Agora?

Fiz que sim.

— Isso, agora.

— Estou pensando na sua teta, na sua bunda, nas suas pernas e na sua buceta perfeita — ele falou sem rodeios. — Estou pensando que eu quero transar com você, te comer, te lamber, te tocar e... Jesus, não sei nem o que mais posso fazer com você, mas sei que quero fazer.

— Johnny — falei, tremendo.

— Talvez você devesse ficar bêbada também — ele sugeriu. — Assim, quem sabe, eu não esteja tão encrencado.

— É. — Peguei a garrafa. — Talvez eu devesse.

Ressaca não chegava nem perto de descrever a pancada que minha cabeça tinha levado quando acordei na manhã seguinte, toda murcha no chão da nossa barraca. Meu estômago estava travando uma guerra civil contra a vontade de vomitar, e eu não ousava mover um músculo, com medo de quem poderia vencer. Deitada perfeitamente imóvel, abri meus pobres olhinhos e gemi quando o sol atacou minha capacidade de enxergar direito.

— Estou morrendo — choraminguei, rezando por alguma salvação, ou pelo menos por uma pequena intervenção divina. — Querido Deus, por favor, me salva.

Ouvi uma lamúria sofrida de algum lugar próximo e, com grande esforço, consegui virar a cabeça e ver Johnny ali. Ele parecia tão mal quanto eu e estava se contorcendo todo, como se estivesse com dor.

— Faz parar — ele implorou com uma voz grave. Virando-se de bruços, ele ficou de cara no chão e então gemeu alto. — Fecha as cortinas ou algo assim, Shan, por favor... — Ele enterrou o rosto no travesseiro e suplicou: — Faz o sol parar de brilhar.

— Não consigo — choraminguei, sentindo muita pena de mim mesma. — Estou morrendo, Johnny.

O movimento deve ter exigido muito esforço dele, mas senti um braço pesado na minha barriga, e então seus dedos estavam fazendo pequenos círculos na minha pele.

— Pelo menos a gente vai morrer juntos — ele disse, com o rosto ainda no travesseiro. — Pelo menos aproveitamos.

— Mas estou pelada. Não quero morrer pelada.

— Não vai importar quando estivermos mortos — ele declarou, também pelado ao meu lado.

Por pior que eu estivesse, não resisti à tentação de observá-lo nu, me demorando na sua bunda.

— A gente, hum... — Estremeci e cruzei os braços sobre os meus seios. — A gente fez aquilo ontem?

— Aquilo o quê?

— A gente fez *sexo*?

— Nada de sexo. — Apertando meu quadril de leve, ele enterrou o rosto no travesseiro de novo e se esparramou no chão. — A gente só dormiu.

Sem me convencer, olhei em volta, procurando evidências de alguma embalagem rasgada e me desesperei quando não encontrei nada.

— Mas estamos pelados — falei. Movi os quadris hesitantemente e senti uma dorzinha familiar.

— Eu sei — ele murmurou. — Agora dorme, Shan. *Por favor*. Tenho que levar a gente pra casa daqui umas horas e estou tentando suar todo o goró que eu bebi ontem, baby.

— Ah, está bem. — Sentindo dor entre as minhas pernas, eu o imitei e cuidadosamente virei de bruços, observando-o dormir.

Meu silêncio durou sete minutos antes de eu esticar o braço e cutucar o bíceps ridiculamente gigante flexionado em volta do travesseiro.

— Ei... tem certeza que a gente não transou?

Grunhindo baixinho, ele deu um aceno sonolento.

— Cem por cento.

— Acho que tem algo dentro de mim, Johnny — falei, tremendo ao sentir meu corpo se afogar na sensação de estar completamente saciado. — Talvez não tenha sido penetração total — acrescentei. Ondas formigantes de prazer e excitação dispararam por mim só de pensar. — Mas definitivamente tinha algo *dentro* de mim.

— Sim — Johnny disse, me encarando com seus olhos azuis semicerrados. Ele ergueu a mão e agitou os dedos. — Isso.

— Ah. — Meu corpo esquentou. — Certo.

— Boa noite, te amo — ele murmurou, fechando os olhos de novo.

— Mas está de manhã.

— Shhh... dorme.

Me sentindo carente, me preparei para me mover e me aproximei lentamente. Ele estava ardendo; sua pele era quente e acolhedora. Aconchegando-me ao seu lado, rocei a bochecha no seu ombro.

— Estou tentando morrer em paz aqui, Shannon — ele grunhiu. — E você está me dando ideias.

— Estou com frio. — Tremendo, me aninhei mais no seu enorme corpo, que parecia uma fornalha vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

— Está fazendo tipo trinta graus lá fora — ele comentou, se erguendo sobre os cotovelos para me olhar. — Você não

pode estar com frio.

— Eu estou. Acho que morri.

Ele se virou para o lado e avaliou meu corpo da cabeça aos pés.

— Ah, merda — ele resmungou, jogando uma coxa sobre a minha e deixando a cabeça cair no meu peito. — Meu plano pro dia de hoje acabou de ir pro espaço.

— O quê? — sussurrei, acolhendo avidamente seu calor, colocando os braços em volta dele e segurando-o perto. — Qual o problema?

Ele espalmou a mão no meu quadril e soltou um suspiro contente.

— Não consigo pensar em morrer com você assim toda maravilhosa do meu lado.

77

ADEUS POR ENQUANTO

Johnny

— Vou te ligar todos os dias — prometi, parado no meio do aeroporto de Dublin enquanto meu voo era anunciado nos alto-falantes. — E vou te mandar um milhão de mensagens.

— Mas não vai ser a mesma coisa.

— Eu sei, mas a gente vai fazer dar certo.

— Como?

— A gente vai pensar num jeito, está bem? Preciso que você pare de chorar — implorei. — Por favor.

— Não consigo evitar. Meu coração está se partindo.

— Eu volto logo. Não vai ser pra sempre.

— Não... não! Você não pode me deixar, Johnny!

— Preciso ir — grunhi. — Vamos, não torne isso mais difícil do que tem que ser.

— Promete que não vai ser pra sempre?

— Prometo — falei, dando tapinhas nas costas dele. — Vamos, Gibs. Você está me sufocando aqui.

— Está bem. — Fungando, ele soltou o meu pescoço e deu um passo para trás, com lágrimas escorrendo pelas bochechas.

— Não acredito que você está chorando de verdade — falei, rindo, mas fiquei sério rapidamente ao ver que isso só o fez chorar ainda mais. — São só seis semanas, cara.

— Eles vão te roubar — ele fungou, limpando os olhos. — E eu vou perder meu melhor amigo.

— Você não pode me perder nem se quisesse, seu idiota — grunhi, puxando-o de novo para um abraço. — Agora trate de se recompor — ordenei, batendo nas costas dele. — Sean está te olhando.

— Ah, sim. — Limpando a garganta, ele se afastou e estufou o peito. — Está tudo bem — ele disse, abrindo um sorriso forçado que o fez parecer que estava com dor. — Eu vou ficar bem — ele acrescentou, mas sua voz falhou no final. — Ah, merda, isso é difícil demais. Eu vou voltar pro carro. — Chorando, ele me deu um high-five e murmurou: — Boa sorte, cara. — Então disparou pelo aeroporto, se lamentando feito uma alma penada.

— Meu Deus — falei, esfregando o queixo e olhando para o meu melhor amigo. — É melhor vocês não fazerem essa merda comigo. — Me virei para a minha família, lançando um olhar cauteloso para a minha mãe. — Volto antes do fim do verão.

— Te vejo na tevê — Tadhg disse, me dando um soquinho. — Não gosto de rúgbi, mas acho que, como é você, vou assistir.

— Nossa! — Sorri. — Que generoso da sua parte!

Ele deu de ombros.

— Ah, vamos ver como vai ser. Posso desligar antes se ficar entediado.

— Tchau, Johnny — Ollie disse empurrando Tadhg para o lado para abraçar minhas pernas. — Não deixa o avião bater e explodir com você lá dentro, hein?

Meu Deus...

— Ah está bem. — Dei tapinhas nas suas costas. — Vou falar pro piloto não me matar.

— Obrigado — Ollie disse, se afastando, apaziguado. — Porque vou sentir saudade.

— Eu também, cara.

— Estou orgulhoso de você, filho — meu pai falou, dando um passo à frente e me abraçando. — Mais do que consigo expressar.

— Obrigado, pai.

— Te amo, Jonathan... — A voz dele falhou e ele limpou a garganta antes de acrescentar: — Muito.

— Também te amo, pai. — Dei um tapa nas suas costas, recuei um pouco e esperei o próximo.

— Meu bebê — minha mãe choramingou, jogando os braços em mim. — Meu bebezinho.

— Tenho quase dois metros de altura, mãe — falei, abraçando-a com força. — E acabei de fazer dezoito anos. Sou adulto.

— Não ligo. Você sempre vai ser o meu bebê — ela chorou, abaixando meu rosto para depositar meia dúzia de

beijos vermelhos nas minhas bochechas. — Agora, se cuida, hein? Não aceite carona de estranhos. Só beba da garrafa, não de copos aleatórios quando sair. E não deixa nenhum dos rapazes mais velhos do time te enganar...

— Tudo bem, mãe — falei, contendo a vontade de revirar os olhos. — Vou estar no campo a maior parte do tempo, então não precisa se preocupar.

— Não fale com estranhos — ela acrescentou. — E se eles parecerem suspeitos e te oferecerem alguma coisa, diga que não. Está ouvindo, Jonathan?

— Vamos, Edel — meu pai disse, rindo e arrancando minha mãe do meu pescoço. — Ele vai ficar bem. Você o criou muito bem.

— Te vejo logo, hein? — falei, me agachando para falar com Sean, que estava puxando minha calça. — Vou te trazer um presentão.

— Onny — ele choramingou, com os lábios tremendo. — Eu quer Onny.

— Eu volto — tentei tranquilizá-lo, sentindo meu coração se partir dentro do peito. — Prometo. — Ergui seu queixo, limpei a lágrima da sua bochecha e sorri. — Você vai cuidar da Sookie pra mim?

Fungando, ele fez que sim.

— Bom garoto — falei, bagunçando seu cabelo. — Agora chega de chorar, porque eu vou te ligar, está bem? Vou ligar pra casa e dizer "Dellie, meu Seanzinho está aí?".

Ele sorriu de volta.

— E eu diz "Meu Onny aí?".

— Isso mesmo. — Dei risada, abracei-o e me levantei enquanto ainda podia, colocando a mochila no ombro. — Te vejo logo.

— Vamos, meninos — minha mãe os chamou, fungando e conduzindo os Lynch como se fossem seu próprio rebanho de cordeirinhos. — John vai comprar uns presentes pra gente na loja de brinquedos.

— Oba! — Ollie e Tadhg comemoraram, seguindo minha mãe com Sean e meu pai logo atrás.

— É, preciso que *você* não faça isso — falei, sentindo minhas entranhas se rasgando ao vislumbrar seus olhos azuis noturnos se enchendo de lágrimas. — Senão vou acabar voltando pra casa com você.

— Me d-desculpa. — Com as lágrimas escorrendo pelas bochechas, Shannon soltou um pequeno soluço e veio direto para os meus braços. — S-só é...

— Eu sei — eu disse, abaixando a mochila e abraçando-a. Enterrei o rosto no seu pescoço e senti seu cheiro, tentando desesperadamente não perder o controle. — Pra mim também é.

— Te amo — ela sussurrou, enfiando os dedos no meu pescoço enquanto puxava meu rosto para si e me beijava. — Uma quantidade absurda do caralho.

— Também te amo... — Minha voz falhou e soltei um suspiro trêmulo antes de acrescentar: — Um amor maior que o mundo. — Segurei seu rosto entre as mãos e fiquei olhando para ela, fixando sua imagem na minha mente e quase surtando ao pensar quanto tempo levaria para eu vê-la de

novo. — Eu vou voltar. Não importa o que acontecer. — Enxuguei uma lágrima do seu rosto e beijei sua bochecha molhada. — Vou voltar pra você, Shannon, *como o rio*. — Soltando outro suspiro, esfreguei o nariz no dela. — Prometo.

— Demore quanto precisar. V-vai lá e brilha, e-está bem?

Assenti tristemente.

— Está bem.

— Quero que seu s-sucesso — ela continuou, partindo meu coração com suas lágrimas e me tranquilizando com suas palavras. — Quero que você a-arrase e seja o m-melhor centro que esse país já viu. — Ela fez uma pausa para me beijar. — Mas não esqueça que você vai ser sempre meu número treze. — Ela fungou e limpou minha bochecha com o dedo. — Eu ganhei a Operação Scrum com o Treze.

Segurei uma risada, lembrando daquela aposta ridícula.

— Ah, você ficou sabendo?

— Sim. — Meio chorando, meio rindo, ela sorriu e acenou a cabeça. — Eu ganhei.

— Sem dúvida. — Beijei seus lábios inchados. Era indiscutível.

— E eu vou ficar com o treze — ela me disse. — Então volta pra casa, hein?

— Pode deixar.

78

AMOR DE VERÃO

Shannon

Querida Shannon,

Sou eu, Johnny. Estou te escrevendo isso pra te surpreender e te impressionar de novo com minhas incríveis habilidades de escrita. Tcharam! Olha, eu disse pra você não se preocupar com aquela pancada que levei no campo no último fim de semana. Parecia pior na TV do que foi na realidade... e lembro como se escreve, se compra um selo e se posta uma carta, então meu cérebro ainda está funcionando. Espero que esteja tudo bem com você quando a carta chegar aí. Estou rezando pra que você esteja sentindo tanta saudade quanto eu. Senão não seria justo.

Estou no campo de treinamento na África do Sul com o time sênior. Estou dividindo o quarto com o Mick Flanagan, amor... nosso CAPITÃO*... e me sinto idiota pra caralho escrevendo isso, considerando que acabamos de falar no telefone.*

Estou com saudade.

Cada pedacinho de mim está com saudade de cada pedacinho de você. Estou com saudade de te sentir. De dormir ao seu lado. De falar com você. De dirigir por Ballylaggin com você no banco do meu carro. Porra, tenho certeza de que estou começando a sentir saudade dos seus irmãos também. Só pra você saber como essa distância está ficando difícil pra mim. Não é só do sexo que sinto saudade, Shan... embora meu pau sinta sua falta com uma ferocidade que beira a dor.

Você está bem? Você sempre fala que está bem no telefone, mas eu percebo a tristeza na sua voz. Não falo nada porque sinto o mesmo. Estou aprendendo que não lido bem com as coisas quando você não está por perto, Shan. Passo as noites vidrado naquela conta na Bebo que a Claire abriu pra você e falo isso sem um pingo de vergonha. (Aliás, também abri uma

conta, então me aceite, por favor... ah, e fique à vontade pra me mandar uns nudes. O material novo viria a calhar. Minha memória nunca faz justiça à realidade.)

Tem uma praia a uns oito quilômetros de distância do hotel e toda vez que eu caminho na areia, penso em você. Penso naquele dia que passamos na praia.

Você está na minha cabeça o tempo todo, Shannon. No meu coração também. Você fez alguma coisa comigo vários meses atrás. Acho que você me quebrou, porque desde então não estou funcionando bem. Quando estamos separados assim, me sinto desequilibrado, como se eu estivesse carregando um peso nos ombros e a recompensa pra não o derrubar fosse ver seu rosto de novo.

Então é isso...

Vou te falar uma coisa nessa carta, algo que eu não consegui falar no telefone nem nas mensagens, porque acho que não conseguiria lidar com a sua resposta imediata...

Estou com medo, Shannon. Me sinto um peixe fora d'água nessa excursão. Os caras do time são bem mais velhos que eu... e têm muitos anos de experiência. Eles são adultos de verdade, baby, e me sinto um impostor ambulante, um filho da puta sortudo e privilegiado.

Nunca me senti assim antes. Pra ser sincero, não sei que porra estou fazendo. Passo a maior parte do tempo a dois minutos de jogar a toalha e pegar o próximo voo pra voltar pra você. Mas sigo aqui, porque te prometi que eu ia brilhar... ou arrasar, ou o que quer que você tenha me pedido. Parece que eu realmente vou começar este sábado em vez de ficar no banco, então talvez eu consiga mostrar serviço.

É tudo tão intenso aqui, Shannon. Não é como nada que eu já tenha experimentado antes. A excursão do sub-20 foi um passeio no parque em comparação com o nível sênior. Eu joguei todos os jogos... sem pressão. Mas isso aqui? Jesus, meu melhor é medíocre nessa equipe e isso é o suficiente pra me fazer querer desistir. Nunca tive vontade de desistir antes... isso nunca tinha me passado pela cabeça. Estou trabalhando pra encontrar o meu lugar. Ter que lutar por uma camisa que sempre foi minha é inquietante. Saber que tem meia dúzia de jogadores de primeira classe prontos pra atacar e tirar isso de mim se eu colocar um pé fora do lugar é uma pressão que estou tendo dificuldade de administrar. Estou no limite o tempo todo, Shannon... Talvez eu esteja apenas com saudade de casa, ou talvez eu esteja pensando demais nas coisas, ou talvez eu tenha deixado minha cabeça em Cork com você...

O lado positivo é que ganhei uma tonelada de músculos. Também passei o 1,93 m. Mas chega de besteira! Como vai seu verão? Gibsie está bem? Joey já entrou em contato? Sean está dizendo alguma palavra nova? E Aoife? Algum sinal dela? Como está minha Sook? É melhor que esses garotos não estejam desenhando nela. Você está bronzeada? Está sorrindo? Meu Deus, que saudade...

Sei que você me diz que está tudo bem quando a gente se fala no telefone, mas se você for como eu e achar difícil dizer, talvez você possa me escrever uma carta também.

Sabe de uma coisa? Acho que nem minha redação do junior cert ficou tão longa quanto esta carta. O que isso diz sobre mim?

Observação: espero que você não esteja encanando com esses malditos resultados. Sei que você arrasou. Porra, eu te amo. Será que já escrevi isso? Foda-se, se ainda não escrevi, aqui vai: te amo, Shannon Lynch. Você todinha. Cada parte sua.

Enfim, está acabando o espaço nessas folhas, então vou aproveitar pra encerrar. Ah, será que você pode pedir pra minha mãe não me ligar tanto? Sei que ela está com saudade, mas ela está exagerando.

Para sempre, seu Johnny.

(Obs.: meu pau ainda está dentro da calça, e meu amor ainda é uma quantidade absurda do caralho.)

Dobrei a carta de Johnny com cuidado e a guardei no envelope, colocando-a debaixo do travesseiro junto com as outras antes de pegar a caixa com o meu nome na cama.

Segurando o pacote, fiquei observando sua letra caprichada e soltei um suspiro saudoso. Nossa comunicação nas últimas seis semanas consistia em um fluxo constante de mensagens e ligações na madrugada, cartas e pacotes, mas não era o suficiente. Não chegava nem perto disso. Senti sua ansiedade transbordando da carta e meu coração ficou apertado. Tudo o que eu queria era entrar em um avião e *ir* até ele, mas ele logo estaria de volta. Poucos dias depois do previsto inicialmente, mas ainda assim ele logo estaria em *casa*.

— O que você ganhou dessa vez? — Ollie perguntou, mergulhando na minha cama e quase me provocando um infarto. — Ele te manda presente todo dia.

— Não é todo dia, Ollie — murmurei, corando.

— Você recebeu uns dois pacotes por semana desde que ele foi embora — Ollie comentou. — São seis semanas. O que totaliza *doze* pacotes. Eu ganhei *um*.

— Porque ele é o *meu* namorado — falei, sorrindo de alegria. — Agora dá licença pra eu poder abrir.

— É porque ela deixa ele tocar no peito dela — Tadhg opinou da porta, onde Bonnie, Sookie e Cupcake estavam

fazendo festa aos seus pés. — É por isso que ela ganha todos esses presentes, Ol.

— Tadhg! Não fala assim.

— É verdade — ele disse, rindo e coçando a orelha de Cupcake. — Não adianta dizer que não.

— Primeiro, você deixa ele te beijar de língua. Agora, você está mostrando o peito pra ele? — Ollie grunhiu, segurando a barriga. — Estou um pouco enjoado.

— A gente não faz nada disso — menti com os dentes cerrados. — A gente só fica de mãos dadas.

— Aham — Tadhg zombou. — Continua dizendo isso pra si mesma, Shan.

— É por isso que ele vai levar ela para aquele festival de música quando voltar? — Ollie perguntou. — Pra poder ver o peito dela?

— Provavelmente — Tadhg respondeu dando risada.

Ignorando meus irmãos, abri a caixa e sorri quando vi a camisa verde com o número treze bordado nas costas. Eu a peguei e a segurei contra o peito, inalando o cheiro *dele*. Estremeci e me lembrei da conversa que tivemos no telefone na semana anterior...

"Você não fez isso"

"Fiz, Shan."

"Você está mentindo."

"Eu minto às vezes, mas nunca pra você."

"Impossível." Balancei a cabeça, sem confiar naquela conversa doida. "Esses ingressos esgotaram há meses."

“Você subestima meu poder de persuasão, baby”, ele ronronou do outro lado da linha. “Pensei que a gente pudesse dividir uma barraca de novo.”

“Ah, meu Deus, você está falando sério mesmo, né?” Meus olhos se arregalaram de empolgação. “Não acredito nisso!”, praticamente gritei, fazendo uma dancinha de felicidade. “Você comprou ingressos pro Oxegen!”

“É isso, Shan. Só consigo pensar nisso. Nada de pais. Nada de irmãos irritantes. Nada de treino. Nada de drama. Só você e eu, uma barraca e música boa durante um fim de semana inteiro.”

“Qual é a atração principal desse ano?”

“Green Day e Foo Fighters”, ele respondeu.

“Meu Deus!”

“Pois é.”

“Mas, Johnny, eu nunca vou conseguir entrar. É pra maiores de idade.”

“Mais uma vez, você parece subestimar meu poder de persuasão.” Ele deu risada. “Você vai entrar, Shan. Não frite seus lindos miolos com isso.”

Revirei os olhos e gritei de empolgação.

“Então a gente vai mesmo?”

“Mesmo, mesmo.”

“Só nós dois?”

“Só nós dois”, ele confirmou, antes de acrescentar: “Bem, não vai ser só nós dois. Gibs vai com a gente... e provavelmente vai levar a Claire.”

Sorri.

“Isso era meio que esperado.”

“Adivinha quem mais vai tocar?”

“Quem?”

“Jimmy Eat World.”

Meu queixo caiu.

“Não.” A minha música. Meu hino da vida. E eu teria chance de ouvir ao vivo? “Ah, meu Deus...”

— Essa camisa vale uma grana — Ollie comentou, me arrancando dos devaneios. — Uma grana preta.

— Nem pense nisso — avisei, vestindo-a depressa antes que meu irmão malandrinho tentasse roubar a camisa vencedora do meu namorado.

Depois de observar a camisa com mais atenção, Ollie fez uma careta.

— Ah, essa é do sub-20 — ele disse, um pouco decepcionado. — Arranja a que ele está usando agora, Shan. A do time sênior, essa é que vale uma grana.

— Você está obcecado por dinheiro — eu o repreendi. — Isso está saindo do controle.

— Nada a ver — ele disse. — John diz que sou um tubarão.

— E desde quando isso é bom?

— Ele diz que vai ser bom quando eu estiver no tribunal. — Sorrindo, ele acrescentou: — Vou ser um adevogado como ele.

— Advogado — Tadhg o corrigiu. — Não adevogado.

— Foi o que eu disse — Ollie bufou. — Vou ser um adevogado.

— Que bom saber que todas aquelas sessões de fono que John está pagando estão dando resultado, Ollie! — Tadhg falou sarcasticamente. — Você e Sean são especiais.

— Somos mesmo — Ollie concordou. — Somos os melhores.

— Você é um pé no saco — Tadhg murmurou. — Isso, sim.

— Você só está com inveja porque não vai na fono.

— Até parece. Eu sei pronunciar as palavras e falar bem — Tadhg zombou.

— Não se preocupe — Ollie disse. — Você pode brincar de terapia com a gente.

— Eu não brinco na terapia — Tadhg grunhiu. — Eu pinto.

— Você devia brincar — Ollie retorquiu. — É tão divertido!

— Eu vou fazer treze anos — Tadhg falou, bufando. — Não brinco mais.

— Que pena! — Ollie disse. — Você não sabe o que está perdendo.

— Ah, cala a boca, seu pirralho — Tadhg resmungou.

— Na terapia te falaram que não é pra você usar palavras raivosas — Ollie o lembrou. — Quando você fica bravo, tem que contar até dez e respirar. — Ele se virou para mim e sorriu. — Respirar fundo, não é, Shan?

— Isso — concordei, segurando uma gargalhada ao ver a expressão indignada de Tadhg. — Respira fundo, Tadhg.

— Ah, vaza daqui e vai falar sobre os seus *sentimentos* com alguém que se importa — ele disse. — Esse negócio de respiração não funciona quando estou bravo.

— Está funcionando — falei, oferecendo-lhe um sorriso encorajador. Ele tinha virado do avesso desde que se mudou para cá. — Dá um tempo pra você mesmo.

— Que horas seus amigos vão te buscar pra ver o jogo do Johnny? — Ollie perguntou.

Olhei para o celular e sorri.

— Agora.

— *Agora* — Tadhg me imitou, piscando. — Aff, você é tão menininha!

— Eu sei — eu disse, dando risada. — E *você* é um moleque. — Inclinei a cabeça para o lado e sorri. — Tomara que você trate as garotas da sua turma melhor do que você me trata quando começar no Tommen mês que vem.

Ele desdenhou.

— Não vou mudar por ninguém... e não vou usar blazer, porra.

— Tadhg, olha a boca.

— Bem, eu não vou. Não importa se Dellie diz que eu fico lindo de blazer. Eu sou da periferia, Shan, e sou um hurler. Não posso andar por aí feito aqueles boyzinhos do rúgbi, po...

— Olha a boca! — Ollie interveio. — Tenha educação.

— Sabe de uma coisa? O blazer vai te cair bem quando você começar a escola daqui uns anos, seu puxa-saco — Tadhg o provocou. — *Tenha educação*. — Ele revirou os olhos. — Não sei onde a gente arranjou você, Oliver Twist.

— Tudo bem — Ollie respondeu, impassível. — Vou usar um monte de blazers mesmo quando eu for adevogado.

— *Advogado*.

— Assim como John — Ollie confirmou com orgulho.

— Bem, eu vou ser mecânico — Tadhg disse. — Assim como *Joey*.

— Mas Joey não é mecânico — Ollie respondeu, franzindo o cenho. — Joey está doente.

— É. — Tadhg bufou. — Mas, quando ele melhorar e voltar pra casa, vai ser mecânico de novo.

— Ele vai voltar logo? — Ollie perguntou.

— Não — Tadhg grunhiu. — Ele ainda não melhorou.

— Ah. — Ollie franziu as sobrancelhas. — O que ele tem mesmo?

Meu coração se apertou dentro do peito. Eu não via nem falava com Joey desde o enterro, em maio. Fazia quase dois meses que ele estava se tratando e ainda se recusava a me deixar visitá-lo.

— Ele está descansando — me obriguei a dizer. — Ele está muito cansado.

— Sério? — Ollie franziu o nariz. — Achei que era porque ele estava mexendo com o hélio.

— *Hélio*?

— É. — Ollie assentiu inocentemente. — O Freddie, do meu time de futebol, disse que a mãe dele falou pra mãe do Donal que o Joey está no hospital porque estava mexendo com hélio e agulhas. — Ele franziu o nariz. — Por que o Joey estava mexendo com agulhas e balões? Os balões não estouram?

Tadhg fez cara feia.

— Não é hélio, seu burro, é heroí...

— Não, não, é hélio, *sim* — interrompi Tadhg depressa, lançando um olhar suplicante para ele. — Lembra?

— Ah, é — Tadhg concordou, se crispando. — É isso mesmo.

— E ele está muito cansado — acrescentei, aliviada. — Então ele está descansando.

— Isso. — Tadhg abriu um sorriso forçado. — Ele se preocupa demais com a gente.

— É, mas ele não precisa mais fazer isso — Ollie disse, todo inocente. — Dellie está cuidando da gente agora. — Ele abriu um sorriso radiante. — E John.

— Sabe do que sinto falta? — Tadhg perguntou, felizmente mudando de assunto. — Dos brindes do trabalho da Aoife.

— Ah, é — Ollie concordou. — Ela sempre trazia as melhores coisas pra gente. — Coçando a nuca, ele olhou em volta e perguntou: — Pra onde *ela* foi?

— Bem, ela é namorada do Joey — Tadhg explicou rispidamente. — Então, se ele não está, ela também não vem.

— Ah, entendi — Ollie disse, aceitando a explicação. — Ele não devia largar ela. Ela é tão linda!

— Pode crer. — Tadhg acenou a cabeça, concordando. — Ela é mesmo.

— Tadhg Lynch — falei em um tom provocador. — Você está a fim da *Aoife*?

Suas bochechas ficaram vermelhas.

— Não.

— Ounnn, você é tão fofo! — brinquei.

— Ah, cala a boca — ele disse, irritado.

— E você está mais fofo ainda agora que sua voz está mudando. Meu pequeno Tadhg está crescendo. — Agitando as sobrancelhas, perguntei: — Será que a gente devia ter *aquela* conversa?

— Sobre Johnny entrar e sair escondido do seu quarto toda noite quando ele estava aqui? *Pelado* — ele disse sem hesitar. — Essa conversa? Claro. Quer conversar aqui ou lá na cozinha com a *mãe* dele?

Fechei a boca na mesma hora.

— Ah, foi isso que pensei — ele respondeu, abrindo um sorriso presunçoso.

— Darren está vindo passar o fim de semana aqui pra ajudar Dellie enquanto John está fora pra ver o jogo — Ollie disse. — Espero que ele traga Alex.

— Espero que Alex *não* traga Darren — Tadhg comentou com um sorrisinho malvado.

— Seja legal com ele — pedi, dando risada. — Ele provavelmente vem com o carro cheio de presentes pra vocês.

— Que bom! — Tadhg disse. — Ele nos deve cinco anos de presentes.

— Verdade — Ollie concordou solenemente.

— Vocês dois são terríveis — falei, rindo.

— Você acha que ele está nervoso pra hoje? — Tadhg perguntou. — Johnny?

— Não — Ollie respondeu por mim. — Ele é o Johnny. Ele não tem medo de nada... e ele vai estar com o pai. — Ele

sorriu. — John.

— Aff, dá um tempo nessa fascinação com o John, pode ser? — Tadhg murmurou. — Você parece um pervertido.

— E você e Dellie? — Ollie retorquiu. — Você *ama* ela.

— Amo mesmo — Tadhg devolveu, sem piscar. — Um monte.

— É, eu também. — Ollie suspirou contente. — Ela é a melhor.

— Aquela comida... — Tadhg acrescentou, saudoso. — Tanta comida.

— Shannon está ficando gorda — Ollie disse. — Ela também adora a comida da Dellie.

— Eu uso 38, seu exagerado — falei, ofendida. — E peso 47 quilos. Não sou gorda.

— Não se diz pras garotas que elas são gordas, Ol — Tadhg grunhiu. — Lembra do que Joey falou? Elas são sempre magras... mesmo se forem baleias.

— Ah, é — Ollie falou baixinho. — Mas Shan ganhou um monte de quilos, lembra? Dellie até chorou de felicidade, lembra? Os médicos tinham falado que ela estava só carne e osso e tinha que ganhar peso, senão ficaria doente.

— Pele e osso — Tadhg o corrigiu, com um suspiro. — E não se preocupe, Shan. Você ainda é uma vara.

— Eu nunca fui uma vara — bufei, incomodada. — Parem de falar disso.

— Todo mundo está engordando — Ollie falou, sorrindo. — Não só você, Shan. — Ele deu tapinhas na própria barriga, que aos poucos estava se enchendo. — Está vendo?

— Fale por você — Tadhg retrucou. Ele estava mesmo um pouco mais roliço. — Estou ficando musculoso.

Então alguém buzinou três vezes, avisando que minha carona para o Biddies tinha chegado, e pulei da cama.

— Gente, desculpem, mas preciso ir — falei para os meus irmãos, disparando do quarto e descendo as escadas enquanto meu sorriso se alargava a cada passo.

— Divirta-se, Shannon, querida — a sra. Kavanagh falou, rindo, quando atravessei a cozinha feito um morcego saindo do inferno, quase esbarrando em Sean, que estava vestido de chef brincando de cozinha.

— Obrigada, Edel. Tchau, Sean — falei, antes de correr para fora e abrir a porta do ford focus prateado de Gibsie.

— Eita, onde é o incêndio? — Gibsie brincou para logo em seguida grunhir alto quando Claire deu um tapa na sua barriga do banco do passageiro.

— Filtro, Gerard — ela sibilou. — Fala sério!

— Ah, merda — ele murmurou. — Eu nem pensei...

— Tudo bem, tudo bem — respondi, fechando a porta depressa e prendendo o cinto. — Podemos ir agora? É a primeira vez dele no time sênior e não quero perder um minuto.

Quando entrei no Biddies, fui recebida por um mar de rostos familiares e camisas irlandesas. A enorme televisão montada na parede já estava ligada no jogo. Camisas verdes e brancas enchiam a tela. Era tudo o que eu conseguia ver. *Fiji contra Irlanda*. Meu Deus, aquilo era sério! Era *importante*. Eu sabia que

o sr. Kavanagh estava de pé na multidão em algum lugar naquele estádio a meio mundo de distância, torcendo pelo filho e esperando levá-lo para casa para nós, e essa ideia me fez sorrir.

Enquanto eu olhava ao redor para as pessoas presentes, vi o quanto ele era amado. Elas eram como uma extensão da família de Johnny. Todos estavam torcendo por ele. Segui Gibsie e Claire até a mesa de sempre, onde estavam Feely, Hughie, Katie, Lizzie e os companheiros de equipe do Tommen — menos Cormac e Ronan.

A ansiedade estava comendo minhas entranhas enquanto eu acenava timidamente para os garotos e me acomodava em uma cadeira, com os joelhos balançando inquietos. Vasculhando o bolso do short jeans, peguei a nota de cinquenta euros que a sra. Kavanagh tinha me dado e pedi uma coca-cola para Gibsie, que estava indo para o bar.

Usando a camisa suja de Johnny, ignorei de propósito os olhares e sussurros abafados direcionados a mim — em parte porque eu era "a filha daquele homem que se matou e matou a esposa", mas principalmente porque eu era "a bonequinha do jovem Kavanagh" — e me concentrei na televisão.

Quando os dois times saíram correndo do túnel e entraram no campo, a multidão no bar enlouqueceu.

Era surreal.

Ele estava *ali*.

Na televisão.

O número treze.

Meu coração batia tão forte que tive que colocar a mão no peito para me acalmar. Claire apertou minha mão para

demonstrar apoio.

— Respira — ela disse, me oferecendo um sorriso cúmplice, e fiquei contente com o contato. Eu precisava me agarrar a algo nesse momento.

— Vai com tudo, cap, você é uma lenda, porra! — Gibsie comemorou enquanto jogava três garrafas de coca-cola na mesa para Lizzie, Claire e eu, antes de virar metade da cerveja com os olhos grudados na televisão. Claramente explodindo de orgulho, ele balançou a cabeça, sorrindo para si mesmo.

E então "Ireland's Call" começou a tocar, ecoando nas caixas de som, e um arrepio percorreu minha espinha.

Ah, meu Deus...

Era isso.

Era isso!

A câmera foi dando zoom nos jogadores, um por um, e quando focou em Johnny, o volume do barulho no bar saiu completamente da escala Richter. Velhos batiam os punhos no balcão, torcendo pelo herói da cidade. O homem a quem Johnny se referia como "Paddy Gordo" estava literalmente dançando em cima de uma mesa com o dono do bar. Feely segurava a cabeça entre as mãos e olhava para a tela com uma expressão de puro fascínio. Hughie estava chorando muito enquanto batia palmas para o amigo. Os caras do time estavam surtados. Era uma *loucura*...

"Algum dia eu vou estar lá", Johnny afirmou, apontando com o queixo para a televisão. "Um dia quem vai estar ali vou ser eu, Shannon."

"Eu sei", respondi, acreditando em cada palavra. Mordendo o lábio, virei para ele e disse: "Não se esqueça de mim quando virar um jogador rico e famoso."

Sacudi a cabeça para limpar a mente e me concentrei na partida que se desenrolava na tela sem tirar os olhos do camisa treze verde em nenhum momento durante o primeiro e o segundo tempos.

Três minutos antes do apito final, a Irlanda estava perdendo por 3 pontos. Sentada na ponta da cadeira, eu roía as unhas, sacudindo e estremecendo toda vez que um tackle era marcado. A Irlanda foi recompensada com uma virada na linha dos cinco metros de Fiji, e a multidão nas arquibancadas enlouqueceu, cantando o refrão de "The Fields of Athenry".

Meu coração disparou no peito, bombeando adrenalina nas minhas veias e meu olhar se concentrou em Johnny espreitando perto do scrum.

Abrindo caminho pela defesa de Fiji e sua linha dos cinco metros, Johnny desviou do número oito deles e avançou, pegando um spear do seu rival de mesma posição um segundo tarde demais. Atravessando a linha com o braço totalmente estendido e a bola na mão, ele encostou a bola na linha do try deles. Era o jogo final da excursão e nós *vencemos*. Nós vencemos e ele estava voltando para *casa*...

O bar explodiu e virou uma loucura total.

Gibsie se jogou na mesa para abraçar os caras, derrubando copos para todos os lados.

Eu me levantei da cadeira e bati palmas com tanta força que pensei que ia quebrar os dedos. Com os olhos fixos na tela,

vi o zoom que as câmeras deram no rosto sorridente de Johnny conforme os homens que ele idolatrava o cercavam em comemoração.

Uma única lágrima escorreu pela minha bochecha enquanto eu observava o garoto que salvou minha vida em inúmeras ocasiões finalmente colher as recompensas que tanto merecia.

Ele mandou bem...

— Preciso fazer xixi — Claire anunciou, se levantando. — Shan, vem comigo?

Eu não queria fazer xixi, queria ficar exatamente onde estava, vendo o maior sorriso do mundo no rosto de Johnny, mas assenti com relutância, permitindo que minha melhor amiga que arrastasse pelo bar até o banheiro feminino.

— Claire, meu braço — falei, me desvencilhando antes que ela o arrancasse do meu corpo. — Por que tanta pressa?

— Certo, não entra em pânico, mas a Bella está aqui — Claire disse, um pouco ofegante. Ela abriu a porta do banheiro, deu uma espiada no lado de fora e o fechou de novo antes de se virar para mim. — Eu queria te falar antes de você mesma ver e se desesperar. Ela e Cormac e uns amigos entraram logo antes de Johnny marcar o último try. Eles estão perto do bar. — Soltando um suspiro trêmulo, ela arregaçou as mangas longas da camisa irlandesa que estava usando e estreitou os olhos. — Mas está tudo bem, porque estou morrendo de vontade de dar uma surra nela. Tive bebês com Gerard esse verão e nada me assusta mais que isso. — Ela me olhou de cima a baixo e sorriu. — Você está tão sexy com essa camisa e

esse short curtinho! Bella vai surtar. — Ela abriu um sorriso diabólico. — Aliás, você devia usar exatamente isso quando Johnny voltar na semana que vem. Ele vai passar mal quando perceber como seus peitos cresceram. — Então ela franziu o cenho. — A pílula está fazendo maravilhas com o seu corpo, Shan.

— Ah, meu Deus, Claire! Para de falar e se concentra, pode ser? — pedi, enfiando o cabelo atrás da orelha e tentando me acalmar. Fazia meses que eu não via Bella, desde aquele dia na escola. A ansiedade se agitou dentro de mim e peguei a mão da minha amiga. — O que eu faço?

— Nada. Acabei de te falar que vou dar uma surra nela — Claire respondeu. — Deixa comigo, Shan.

— Eu é que vou dar uma surra nela — Lizzie disse, entrando no banheiro furiosa. — Como aquela vadia tem coragem de aparecer aqui?

— Ninguém vai dar surra nenhuma — falei para as minhas amigas. — Sério, gente. Acho que só vou embora.

— Não vai, não — Claire retrucou. — Você pertence a este lugar. É o seu homem na televisão.

— É, mas não adianta discutir com ela. Não quero mais brigar, gente. Estou cansada de drama. Só quero uma vida tranquila.

— Então é melhor você lembrar Thor disso — Lizzie declarou. — Porque acho que ele não recebeu o memorando sobre brigas.

— Ah, meu Deus — grunhi.

— O *meu* Thor? — Claire perguntou.

— Acho que ele está levando a sério a promessa que fez pro Johnny quando disse que ia cuidar da Shan. — Lizzie deu de ombros. — Ele está lá fora provocando os dois sem parar.

— Bem, é melhor ela não reagir. — Claire abriu a porta do banheiro e voltou para o bar bem na hora que Gibsie avançava para Cormac. Ele tinha um sorriso presunçoso no rosto e apontava para a televisão rindo na cara do colega de time, claramente provocando-o com o sucesso de Johnny.

— É assim que se faz — Gibsie disse, dando risada. — Vamos lá, Ryan. Mostre seu espírito esportivo e bata palmas pro seu capitão.

— Homens... — Lizzie grunhiu enquanto seguíamos atrás de Claire. — Tudo vira competição com eles.

— Pois é — falei, nervosa.

— Vaza daqui, Gibs — Cormac avisou.

Gibsie sorria feito um maníaco.

— Me obriga.

— Gerard, não arranja confusão — Claire disse, se colocando ao seu lado. — Você está de aviso, lembra? — Ela agarrou a camisa dele e o puxou para trás. — Você ouviu nossas mães. Se arranjar alguma confusão esse verão, não vai poder ir pro festival na semana que vem. — Ela o soltou, colocou as mãos nos quadris e o encarou. — E você disse que ia me levar.

— Claro que vou te levar, ursinha — ele ronronou, sorrindo maliciosamente. — Te levo agora mesmo, se você quiser.

— Estou falando sério, cara. — Claire pegou a mão dele, se virou e seguiu para a porta, arrastando Gibsie consigo. — Não vou ser mãe solo só porque você não para de se meter em confusão e vive sendo mandado pra delegacia. Temos bebês pra criar, Gerard Gibson, e um festival pra ir, então você vai fazer o que eu mandar. Vem!

— Ah, merda, adoro quando você fica toda mandona assim, minha linda — ele grunhiu, saindo atrás dela feito um filhotinho. — Fala mais.

— Sai por essa porta, Gerard — ela ordenou, segurando-a para ele. — Agora.

— Sim, patroa.

— Esses dois têm a amizade mais estranha que vi já vi — Feely disse, parado ao nosso lado, quando Claire e Gerard foram embora. — Sério — ele acrescentou, balançando a cabeça de leve. — É muito bizarra.

Eu queria responder, mas minha atenção estava voltada para a garota me encarando. Surpreendentemente, me mantive firme e sustentei o contato visual, encarando Bella Wilkinson de volta com a cabeça erguida.

— Vamos jogar sinuca no lounge — Cormac falou para o garoto ao seu lado. — Cansei dessa merda. — Ele se virou para Bella e perguntou: — Você vem?

— Não — ela respondeu sem tirar os olhos de mim.

— Bella, deixa pra lá...

— O que você está olhando, adotada? — ela desdenhou, me olhando de cara feia.

— É melhor você retirar o que disse, vadia — Lizzie rosnou, avançando para ela.

— Tudo bem, Liz. — Ergui a mão e impedi minha amiga de atacá-la, mantendo o contato com Bella. — As palavras dela não me atingem.

— Você precisa parar com isso e deixar ela em paz — Cormac disse para a namorada. — Já te falei que não vou passar por isso de novo com você, Bel. Se quer ficar comigo, você precisa deixar essa merda com ela e Johnny pra lá.

— Aposto que você está toda felizinha — ela sibilou, inclinando o queixo para a televisão, ignorando o namorado.

— Estou feliz por *ele* — eu a corrigi, sem recuar.

— Você deve fazer um boquete e tanto pra conseguir asilo na casa dos Kavanagh com seus irmãos cretinos — Bella continuou. — Está chupando o pai dele também, adotada?

— Ah, meu Deus, você é obcecada por ele! — Cormac sibilou. Balançando a cabeça, ele pegou o casaco no bar e se levantou. — Estou bem aqui e você... nem me vê! Você só pensa nele. Não sei o que mais posso fazer...

— Claro que te vejo — ela disse, desviando os olhos de mim para o namorado. — Estou com você, não estou?

— Só porque ele está com *ela* — Cormac retrucou com um olhar triste. — Eles estavam certos sobre você, não é? Você não me ama.

— Você está agindo que nem uma menininha — ela disse. — Seja homem.

— Eu te amo — ele falou com o rosto vermelho. — De verdade, mas não posso mais fazer isso.

— Isso o quê?

— Ficar em segundo lugar — ele grunhiu. — Estou cansado dessa merda, Bella. Estou cansado de ser usado. Estou cansado de *você*!

— Você não está cansado de nada — ela disse, rindo. — Você vai voltar pra mim rastejando.

— Não sou cruel, Bella, e o que você está fazendo com ela é *cruel* — ele falou, tremendo. — E o que você está fazendo comigo é ainda pior. — Ele engoliu em seco e acrescentou: — Não vou voltar dessa vez... dessa vez, é pra valer.

— Então pode ir — ela o desafiou.

— Ah, não se preocupe com isso. — Empurrando Feely para o lado, ele saiu do bar. — Fui.

A indiferença que Bella sentia pelo namorado ficou bem clara, porque, quando Cormac saiu, ela nem reagiu. Só continuou despejando seu veneno em mim, atirando comentários maldosos e usando palavras como armas para me machucar. Só que ela não conseguia mais fazer isso. Porque eu já tinha *superado* ela. Eu fui sincera com Deus sobre Bella Wilkinson e todas as outras garotas cruéis que me atacaram dos três anos até agora. Tudo o que passei no ano anterior — enterrar meus pais, perder minha casa, quase perder meu irmão para as drogas, quase perder minha *vida* — tinha me mudado. Eu estava diferente, mais forte, e ela não podia me machucar, porque eu me recusava a entregar esse tipo de poder para ela ou para qualquer outra pessoa.

E todo o medo... Eu afastei dos meus ombros como se fosse um cobertor, deixando-o cair longe do meu corpo,

enquanto canalizava a força que eu *sabia* que tinha dentro de mim. Sempre haveria outra Bella, mas assim como disse minha terapeuta, não haveria outra *eu*, e essa era minha força, meu poder especial. Eu nunca seria cientista de foguetes ou jogadora de rúgbi de renome mundial, mas eu *era* uma sobrevivente, e uma sobrevivente muito boa. Encarei-a de cabeça erguida e lhe dei algo que ela nunca me pediria e provavelmente nunca mereceria.

— Eu te perdoo pelo que você fez comigo aquele dia. — Ela podia se agarrar à raiva e ao ressentimento, mas isso não significava que eu também precisava fazer isso. — Espero que você encontre paz. — Então dei as costas para ela e voltei para as minhas amigas.

— Nossa — Lizzie soltou, se afundando no banco da cabine na frente da minha cadeira. — Não sei se você devia receber um tapa por não dar àquela vadia o que ela merece ou ser santificada por fazer a coisa certa.

— Santificada — Feely sugeriu, se sentando com ela na cabine. — Definitivamente santificada.

— Gente, não foi nada de mais — murmurei, corando.

— Você é a definição de "mate eles com bondade e enterre com um sorriso" — Feely declarou.

— Foda-se a coisa certa — Lizzie disse. — Eu teria dado uma surra nela.

— O que você fez, Shan? — Hughie perguntou, se desgrudando dos lábios de Katie para olhar para nós. — Vocês estavam brigando?

— Com certeza, não — falei, ainda tremendo. — Não sei brigar.

— Ah, acho que você sabe, sim — Feely comentou. — Ela é a própria Muhammad Ali, gente.

— Ela voa feito uma borboleta e pica feito uma abelha — Katie disse, rindo. — Uma abelhinha minúscula.

— Ela nocauteou Kav, né? — Hughie também riu.

— Ah, olha ele ali de novo! — gritei, observando Johnny na tela recebendo a medalha. — Ele vai ganhar o prêmio de melhor jogador da partida.

— Shhh!

— Fiquem quietos, seus filhos da puta, ele está falando!

Aumentaram o volume no máximo e a multidão do bar ficou mortalmente silenciosa quando a repórter começou a falar:

— Jonathan, parabéns pela fantástica performance esta noite. É sua primeira partida como titular pelo time sênior e você marcou dois tries com apenas dezoito anos. Isso deve ser um sonho se tornando realidade pra você. Quer dizer alguma coisa?

— Estou muito honrado pela oportunidade de representar o meu país — Johnny respondeu, ainda levemente ofegante. — Estou ciente da sorte que tenho de estar nessa posição, por isso queria agradecer aos meus pais pelo apoio e pelo comprometimento. Aos meus treinadores na Academia, à minha escola por me oferecer as fundações que me trouxeram aqui e por me fornecer as concessões que precisei de vez em quando e aos caras com quem treino todos os dias,

especialmente aos meus amigos mais próximos e companheiros de equipe do clube: Gibs, Feely, Hughie. Eu não estaria aqui sem o apoio deles, então dedico a performance desta noite a eles.

— Bem, para coroar a vitória maravilhosa na série, você foi o melhor jogador de hoje. — O apresentador colocou uma medalha no pescoço de Johnny e apertou sua mão. — Parabéns, Jonathan.

— Na verdade, queria agradecer mais uma pessoa, tudo bem? — ele perguntou, ainda apertando a mão dela.

— Claro.

— Gostaria de agradecer à minha namorada pelo amor e pelo apoio incondicional. A recuperação da lesão foi uma montanha-russa e posso dizer honestamente que não estaria aqui hoje sem o incentivo dela. — Segurando a medalha na mão, ele olhou para a câmera e a agitou antes de dizer: — Shannon, eu te amo, e estarei em casa em breve.

— Ounn! — Katie gritou, se levantando de um pulo. — Shan, você é famosa!

— Foda-se, *eu* sou famoso! — Hughie comemorou. — Ele disse o meu nome. — Ele se virou para Feely e sorriu. — Esse capitão, hein? Que lenda!

— Pois é — Feely concordou, rindo. — Gibs vai surtar quando assistir.

— É, esse garoto tem carisma — Lizzie suspirou relutantemente. — Até eu, que sou feita de gelo, estou derretendo um pouco aqui.

— Sim.

Acenando a cabeça depressa, só fiquei encarando a televisão, sentindo o coração acelerar a cem quilômetros por hora.

Shannon, eu te amo, e estarei em casa em breve...

Shannon, eu te amo...

Estarei em casa em breve...

Eu não tinha percebido que estava segurando meu peito até que Lizzie pegou minha mão.

— Respire, Shannon — ela disse, dando risada. — Ele está voltando.

— Ele está voltando pra casa, Liz. — Mordi o lábio e sorri para ela. — Ele está realmente voltando pra *casa*!

79

OS GAROTOS DE VERDE

Johnny

O rúgbi uniu nosso país de norte a sul, de leste a oeste. Durante oito minutos, não precisávamos nos preocupar com fronteiras nem com política. Éramos uma só nação por trás de vinte e três homens indo para a batalha. Éramos *um*, o que já era uma grande conquista.

"Ireland's Call" ecoou em coro pelo estádio, provocando uma onda de arrepios na minha pele. De cabeças erguidas, transbordando emoções, com os nervos à flor da pele, nós resistimos juntos. Gente de Ulster com gente de Connacht, gente de Leinster com gente de Munster, exilados ou nativos, treinadores e instrutores, trabalhadores e nossas famílias, todos rugiram juntos enquanto deixávamos nossa própria marca na história irlandesa, abrindo caminho e oportunidades para um futuro melhor. Com respeito, nos mantivemos unidos,

trabalhamos *juntos* uns pelos outros e pelo orgulho do nosso povo — por *todas* as pessoas.

Os fãs irlandeses eram os melhores torcedores do planeta. O mundo inteiro reconhecia isso. Não importava o esporte ou a ocasião. Eles vinham em bandos e, independentemente do clima e do placar ao final dos oitenta minutos, eles voltavam na semana seguinte. Era disso que se tratava. Aquelas pessoas fizeram o orgulho explodir no meu peito. Jogamos por elas, pelo nosso país, uns pelos outros.

Esse foi o melhor momento da minha carreira. Vestindo a amada camisa verde e o número treze, dei tudo o que tinha para os meus companheiros de equipe, deixei tudo de mim no campo e, ao final dos oitenta minutos do último jogo do campeonato, vencemos Fiji.

Exausto além da conta, obriguei meu corpo a obedecer ao meu coração — um coração que exigia que eu permanecesse de pé e *não* desabasse no chão —, enquanto descia do ônibus e entrava no hotel da equipe com a medalha de Melhor em Campo pendurada no pescoço.

Liderado e ladeado pelos meus companheiros, deixei o santuário do nosso ônibus e adentrei o caos absoluto que era o rescaldo de uma noite de jogo internacional. Sendo o mais jovem e menos experiente do time, imitei meus colegas de equipe e mantive a cabeça erguida, olhando para a frente e tentando não ser afetado pela loucura quando, na realidade, eu estava tremendo por dentro.

Grupos de fãs gritavam na minha cara, puxando minhas roupas e me tocando como se meu corpo fosse propriedade

pública enquanto éramos conduzidos pelas portas do hotel. Nos deparamos com mais fãs obstinados no saguão. Celulares e câmeras foram enfiados na minha cara junto com camisas e pedaços de papel amassado. Repórteres gritavam meu nome e depois se distraíam com meu capitão enquanto ele respondia às perguntas. Ignorei a imprensa, voltando a atenção para os fãs. Sorri para as fotos, assinei as camisas, os livretos, os cartazes e os papéis que foram atirados em mim, me contendo para não fazer careta quando incontáveis pares de lábios esmagaram minhas bochechas.

— Johnny, você foi incrível!

— Vou passar a noite no quarto 309.

— Kavanagh, podemos tirar uma foto?

— Vou estar no bar mais tarde.

— Parabéns pela estreia, rapaz.

— Nossa, ele é tão sexy!

— Como você se sente ao ser comparado ao maior centro da Irlanda?

— Ah, meu Deus, ele olhou pra mim!

— Como vão as costelas depois daquele tackle?

— Meu filho te ama. Você pode tirar uma foto com ele?

— Dois tries em oitenta minutos, depois o Melhor em Campo: como está se sentindo?

— Olha só o tamanho dele pessoalmente!

— Sua mãe deve estar orgulhosa de você, cara.

— Essa é a chave do meu quarto...

— Está orgulhoso?

— Te amo, Johnny Kavanagh!

Me sentindo encurralado e fora da minha zona de conforto, mantive os olhos fixos na caneta na minha mão, me esforçando para parecer profissional e rabiscando meu nome na bola de rúgbi de um menino.

— Gostou do jogo? — perguntei para ele, ignorando um grupo de mulheres tentando me puxar. — Hein?

— Você é o meu favorito — ele respondeu, sorrindo. — Quero ser como você quando eu crescer.

Caralho.

— Obrigado por vir me ver — falei, posando para uma foto com ele e a mãe antes de ir embora de fininho, incapaz de manter a farsa por mais um minuto.

Estrelas dançavam diante dos meus olhos, dificultando a minha visão, e lutei contra hordas de gente para chegar ao meu destino.

Para chegar ao meu *pai*.

Ele estava à minha frente, encostado em uma mesa com um jornal na mão, ignorando a loucura ao redor. Meu coração trovejava contra o meu peito em uma mistura de adrenalina, desespero e medo. Eu empurrava a multidão, ignorando tudo e todos no caminho até ele. Respirando fundo, me aproximei e deixei a bolsa cair do meu ombro quando o alcancei.

— Pai — falei, tremendo feito uma criancinha.

Vi seus ombros enrijecerem quando ele ouviu minha voz. Escutei o suspiro que escapou da sua boca. Ele se virou devagar e olhou para o meu rosto com uma expressão de puro orgulho.

— Oi, Jonathan.

— Pai — repeti em um grunhido sofrido, abaixando a cabeça.

— Estou aqui, filho. — Três palavras. Três palavras foram suficientes para me deixar de joelhos. — Estou bem aqui — ele sussurrou, envolvendo os braços em mim.

— Pai... — Apoiei a cabeça no seu ombro, me agarrando nele feito um menino. — Me tira daqui.

Duas horas depois, estávamos sentados nos fundos de um restaurante meio vazio, e minha pulsação havia retornado ao ritmo normal. Grato por ter meu pai ali comigo depois de tanto tempo longe de todos que eu conhecia, ouvi atentamente o resumo de tudo o que tinha acontecido em casa desde que eu saí.

— Sean está falando tudo isso agora? — perguntei entre as garfadas no pedaço de carne. — Frases inteiras?

— Na maioria das vezes, ele ainda tem um pouco de dificuldade. Mas ele está tentando. Está avançando aos trancos e barrancos.

— Nossa! — Espetei uma batata e a enfiei na boca, mastigando com cuidado antes de perguntar: — E ela está mesmo vendo aquela terapeuta?

— Está — meu pai confirmou. — Está ajudando, Johnny. Ela está se curando. — Senti os ombros relaxarem de alívio. Shannon me contou que estava indo às sessões de terapia, mas eu não sabia se ela estava me contando a verdade. — Ela está superando, filho. Todos estão.

— Estou com saudade. — Fiquei olhando para a comida no meu prato e continuei mastigando, tentando me distrair da terrível dor que sentia no peito. — Estou com saudade de *casa*.

— E a gente está com saudade de você. Mas também estamos extremamente orgulhosos.

— Ela está saindo? — perguntei, forçando a pergunta a sair da minha boca. — Shannon? Ela não está deprimida?

— Ela sente a sua falta — meu pai respondeu com sinceridade. — Imagino que ela esteja desesperada, mas está sendo corajosa e fazendo as coisas dela. Ela passa bastante tempo com as amigas. Acho que está pegando o jeito de ser uma adolescente normal. — Sorrindo, ele acrescentou: — E sua mãe a emperiquitou toda. — Ele riu. — Nunca vi tanto rosa e tanto glitter na minha vida, filho. Está em todo lugar. Maquiagem. Joias. Chapinha. Sapatos. Vestidos. Juro, toda vez que entro em casa, tem mais meia dúzia de sacolas de compras entupindo o corredor.

— Meu Deus — grunhi. — Ela está tratando Shannon feito uma boneca, né?

— É um jeito de colocar as coisas — ele falou, dando risada.

Fiz careta e tomei um gole d'água antes de perguntar:

— E como a mãe está?

— Como sempre — meu pai disse, me lançando um olhar cúmplice.

— Ela está nas nuvens, né?

— Ah, está amando ter tantas crianças pra cuidar — ele concordou, sorrindo carinhosamente. — Mas está com saudade

do bebezinho dela. Nem todas as crianças do mundo poderiam preencher o buraco que você deixou no coração dela. Ou no meu.

— Aposto que sim. — Dei risada, mas ela saiu vazia. — Também estou com saudade dela.

— Qual o problema, Johnny? — ele perguntou, percebendo meu humor.

— Eles me ofereceram um contrato de dois anos, pai — sussurrei.

— Na França?

— Não. — Balancei a cabeça. — Em Dublin.

Meu pai soltou um suspiro trêmulo e se recostou na cadeira, esquecendo a comida.

— E a grana?

— Além das expectativas, considerando minha idade e minha experiência — murmurei. — Uma grana que eu não esperava ganhar antes dos vinte anos.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— O plano era jogar em um clube francês por um ano ou dois pra ganhar experiência antes de você jogar em casa — ele observou. — Eles devem achar que você está preparado.

— Pois é. — Abaixei os talheres e o imitei, me recostando no assento. — Devem, sim.

— Eles te querem.

— Querem.

— E você? — Ele inclinou a cabeça para o lado, me observando com olhos sagazes. — O que *você* quer?

— Se eu topar, vou ter que me mudar pra Dublin em setembro e terminar o leaving cert no Royce — falei. — Eles estão dispostos a trabalhar comigo no meu cronograma de treinamento. Eu seria um aluno do Royce no papel, mas acho que seria mais um aluno externo do que qualquer coisa, sabe? Fazendo algumas aulas, frequentando a tutoria e fazendo meus exames lá.

— E o que você acha disso?

— Não sei — respondi com sinceridade, ainda zonzo pela velocidade com que tudo estava acontecendo. — É muita coisa pra pensar, pai.

— Você está em dúvida?

Fiz que sim devagar.

— Por causa da Shannon.

Sim? Não? Talvez? Dei de ombros, impotente.

— Entendo — ele falou calmamente.

Duvido. Eu achava que ninguém podia ver o que eu via naquele momento.

— Não sei... — Foi tudo o que consegui dizer. Era só no que eu conseguia pensar. — Não sei mesmo, pai.

— Dublin está a duas horas e meia de viagem de Cork — ele disse. — É viável.

— Não é isso — falei, abaixando a cabeça e olhando para as minhas mãos.

— Então o que é, Johnny?

Abri a boca para explicar, mas a fechei logo em seguida. Eu não tinha as palavras. Não podia explicar como me sentia quando nem eu entendia direito.

— Estou perdido — finalmente admiti. — Estou *dividido*.

— Você não quer mais isso? — ele perguntou com gentileza. — Porque, se for isso, tudo bem, filho.

— Eu quero — falei. — Acredita em mim, eu quero, pai. Rúgbi é o que eu quero pra minha vida. Isso não mudou.

— Mas?

— É só que... — Soltei um suspiro sofrido. — Não sei se quero isso *já*. — Olhei para ele com uma expressão culpada. — Sei lá, pai. Se eu assinar o contrato, é isso. Vou ter que desistir de tudo.

— Desistir do quê?

— Tommen, meus amigos, Shannon, Gibs... — Dei de ombros, perdido e confuso. — Vou ter que ser adulto.

— Você *é* adulto, Johnny.

— Eu sei, mas... pensei que eu tivesse mais *tempo*. — Balancei a cabeça. — Eu nem percebi que *queria* mais tempo até eles me entregarem aquele contrato, daí eu vi tudo escorregando das minhas mãos.

— Mais tempo pra ser adolescente?

Assenti, desanimado.

— Quão patético é isso?

— Não é patético. É música pros meus ouvidos. É tudo o que sua mãe e eu sempre quisemos pra você... que você fosse *livre*.

— Eu não fiz *coisas* suficientes, pai — falei. — Todos os meus amigos estavam vivendo suas vidas e eu estava sempre tão focado nos jogos que não participava de nada.

— E você só sentiu o gostinho da vida este ano — ele acrescentou com uma expressão reflexiva.

— Isso. — Acenei a cabeça. — Sei que você está pensando que isso é sobre Shannon e que eu não quero assinar o contrato porque estou com medo de deixar ela, e é verdade até certo ponto. Eu *não* quero deixar ela, mas é principalmente sobre *mim*. Sobre que eu sou e onde me encaixo... e preciso de mais tempo. Não prestei atenção suficiente na minha *vida*. Não experimentei nada das coisas que agora percebo que *quero* experimentar. Tive uma pequena amostra alguns meses atrás, e agora já era.

— Já era nada — meu pai retrucou. — Você não tem que assinar nada, Johnny. Esta é uma decisão de adulto, um compromisso com o seu futuro, que não tem que ser feito agora. Você pode voltar pra casa, filho. Pode continuar trabalhando com a Academia, treinando com o sub-20 e terminar os estudos no Tommen. Depois de você fazer o leaving cert no ano que vem, podemos decidir sobre a faculdade e onde você vai jogar, se você quiser jogar. O futuro é seu, Jonathan. Ele pertence a você, não aos treinadores. Você só tem dezoito anos. Ainda tem um ano, filho. Sua mãe e eu vamos te apoiar, não importa o que acontecer.

— Mas eu *ainda* quero aquele contrato — confessei, dividido. — Eu quero muito, pai.

— Você acha que, se recusar agora, eles não vão te oferecer de novo no ano que vem?

Soltando um suspiro pesado, assenti.

— Exatamente.

— Não vejo por que isso aconteceria, Johnny. Você é talentoso demais.

— Poderia acontecer — eu falei. — Eu posso recusar o contrato agora e me machucar de novo. Mais que antes. Pode ser que eu não consiga voltar. E eu poderia perder tudo, pai. Não existem garantias nesse esporte. Você sabe disso tão bem quanto eu.

— Eu acho que você devia tirar um tempo pra pensar nisso tudo — ele disse. — Eles precisam de uma resposta até quando?

— Tenho uma semana — falei baixinho. — Eles têm sido maravilhosos comigo.

— Então aproveita cada um desses dias pra pensar. Você não precisa decidir nada esta noite.

— Sério?

— Sério — ele confirmou. — Você vai voltar pra casa na semana que vem e vai pro festival de música em Dublin com seus amigos no fim de semana. Aproveita pra se divertir, filho. Pra ser um *adolescente*. Enlouqueça. Divirta-se. Descontraia. Fique bêbado... mas não bêbado demais, senão sua mãe vai me matar — ele acrescentou depressa, sorrindo. — Mas *aproveita* a sua vida. Conversamos sobre o que você quer fazer com o contrato quando você estiver em casa. Depois, a gente decide isso.

80

ADIVINHA QUEM VOLTOU?

Johnny

— E aí, onde ela está? — perguntei, sentindo a empolgação correndo pelas minhas veias diante da ideia de ver minha namorada depois de passar mais de sete semanas longe dela. — Ela está em casa? Ou na Claire? Você não contou pra ela que ia me buscar, né?

— Com licença, mas será que posso ser sua prioridade por pelo menos dez minutos? — Gibsie perguntou rispidamente. — Faz quase dois meses que não te vejo e você só pensa em afogar o ganso, seu puto egoísta. Você nem me perguntou sobre a minha viagem pra Escócia mês passado.

— Também estava com saudade, cara — falei, dando risada, encantado por estar de volta ao seu focus, segurando o nervoso, silenciosamente rezando para que ele não nos matasse

com a sua direção tresloucada. — E o seu Toblerone está na minha mala.

— Meu*s* Toblerone*s* — ele me corrigiu, quase atropelando uma senhora que atravessava a rua. — No plural. Nem pense em dar meus presentes pro Hughie ou pro Feely. — Voltando para a pista certa, Gibsie olhou para o retrovisor e suspirou. — Ah, graças a Deus, ela ainda está de pé. Por um minuto, pensei que tivesse acertado ela com o retrovisor.

— Talvez você devesse parar e me deixar dirigir — ofereci, tentando manter a respiração regular e não surtar quando ele subiu na calçada e fez uma curva. — Como foi que você conseguiu tirar a carta definitiva, hein?

— Com a língua — ele respondeu com presunção. — É uma arma poderosa.

Fiz uma careta.

— Será que eu quero saber?

Ele deu de ombros.

— Provavelmente não.

Mudei de assunto rapidamente antes que ele me traumatizasse com suas indiscrições. Então perguntei:

— E aí, como vão a tia Jacqui e toda a gangue na Escócia? — Gibsie tinha família na Escócia. Todo verão, desde que me lembro, ele passava uma semana lá visitando a irmã mais nova do pai dele em Edimburgo.

— Ela é maluca, cara. — Gibsie riu. — Juro por Deus, eu não sabia se ia chegar em casa inteiro. A mulher consegue secar uma cerveja mais rápido que qualquer homem... e a amiga dela, Sharon, é outra doida, e muito divertida.

Eu não duvidava. Eu tinha feito essa viagem com ele no terceiro ano e ele não estava exagerando sobre a loucura da tia. A coisa claramente era de família.

— Sabe aquele tatuador incrível? — ele continuou falando alegremente. — Aquele cara de Manchester... Dex Michaels? Ele é dono da Heaven and Ink.

Arqueei a sobrancelha.

— Aquele americano que está em todas as revistas e tal? Que tatua todas as celebridades?

Ele fez que sim.

— Esse mesmo.

— O que tem?

Um sorriso malandro se espalhou pelo seu rosto enquanto ele mergulhava em sua mais recente história escandalosa, me contando tudo sobre como *quase* tinha conseguido tatuar a panturrilha com o famoso tatuador de celebridades, até que o cara verificou sua identidade e já era.

— Você é tão burro! — Dei risada. — Ele nunca te tatuaria.

— Juro que ele *ia*. — Gibsie bufou. — Juro que foi culpa da minha mochila, cara.

— Da sua mochila? — perguntei, fazendo careta, até que a ficha caiu. *Ah, meu Deus.* — Gibs, diz que *não* levou aquela coisa com você.

— Eu *sei* — ele grunhiu. — Foi um erro de principiante.

— Você levou uma mochila *da porra do Quarteto Fantástico* pra um estúdio de tatuagem. — Balancei a cabeça, perplexo. — O que você esperava que ele fizesse, cara?

— Eu esperava que ele fizesse uma tatuagem — ele falou na defensiva. — Não é como se fosse minha primeira tattoo... *e* eu pareço ter dezoito anos.

— Verdade — concordei. — Só que você também parece *perturbado* quando anda por aí com aquela coisa nas costas.

— É minha *mochila de viagem*.

— De quando você tinha *sete* anos.

— Bem, azar o dele — ele respondeu, sorrindo. — Tatuei a panturrilha quando voltei.

— Que bom pra você! — falei, dando risada e balançando a cabeça. — E aí, está conseguindo manter os treinos?

Ele sorriu.

— Pior que sim.

— E?

— E continuo na merda — ele disse, rindo.

— Eu sei — brinquei, achando graça. — Fica firme que logo você vai estar comigo.

— Água mole em pedra dura... — ele comentou com um sorriso sarcástico.

— E aí, pra onde estamos indo?

— Pra praia — Gibsie disse, entrando na estrada litorânea. — A maré está alta, o dia está ensolarado, a água está morna, a cerveja está gelada e meu melhor amigo voltou. Hoje é um bom dia. — Ele segurou o volante um pouco mais forte antes de murmurar: — Contanto que ninguém tente me afogar de novo.

— Preciso ver Shannon — falei, fazendo uma careta. — Te amo, cara, e estou feliz de estar de volta, mas preciso mesmo

ver minha namorada.

— E você vai ver ela. — Ele deu risada. — Ela está na praia com a galera.

— Sério? — Um enorme sorriso se espalhou pelo meu rosto. — Como ela está? Ela está bem? Está feliz?

— Ela definitivamente está alguma coisa — ele respondeu com um sorrisinho.

Franzi o cenho.

— Como assim?

— Você vai ver — ele disse, dando risada.

— Puta merda.

— Eu sei — ele concordou.

— Que porra aconteceu?

— Eu *sei* — ele falou, rindo.

Balançando a cabeça, me virei para o lado, observando Shannon correndo pela praia, berrando para Claire *parar* de perseguir ela com um punhado de algas nas mãos. Ela estava gargalhando, toda bronzeada e dourada, com o cabelo castanho solto e balançando com a brisa suave. Mas não era nenhuma dessas coisas que me deixou de boca aberta. Não, era o minúsculo biquíni vermelho que ela estava usando, preenchido por um corpo que eu não lembrava. Eu poderia ter engolido uma mosca de tão besta que fiquei ao vê-la.

Nossa, alguma coisa tinha acontecido com a minha namorada durante o tempo que passamos separados. Quando saí, tinha deixado Shannon com as roupas todas largas. Ela era

pálida e tinha ossos salientes. Era como se eu tivesse saído do carro de Gibsie e entrado em um universo paralelo.

Pernas.

Pernas pra *caralho*.

E peitos.

Meu Deus, ela tinha *peitos*.

E aquela bunda...

Ela ainda era pequena, mais magra que as outras garotas, mas, puta merda, ela parecia um sonho naquele biquíni.

— Tem alguma coisa errada — falei, desviando os olhos de Shannon para olhar para Gibsie. — Como foi que isso aconteceu em tão pouco tempo?

— Puberdade? Estirão de crescimento? Vitaminas? Três refeições por dia? — Gibsie sugeriu, dando de ombros. — Nada de estresse em casa nem vômitos ansiosos a cada minuto? Estar sendo bem cuidada? Cara, não sei. Não ligo. Mas ela está gloriosa, e cavalo dado não se olha os dentes. Só agradeça.

— Você andou *secando* ela? — perguntei, furioso. — Enquanto eu não estava aqui?

— Ah, só o normal — ele respondeu, como se "o normal" fosse me tranquilizar. — Olha, olha, elas estão lutando. Ah, cara. Puta que pariu!

Ah, meu Deus, tive que conter um gemido ao ver Shannon rolando na areia.

— Ela não parece o sol? — Gibsie perguntou, batendo no meu peito. — Olha só pra essa garota, cara!

Eu sabia que Gibsie estava falando de Claire no seu pequeno biquíni amarelo, mas eu só tinha olhos para Shannon.

Tinha sido um longo verão e eu não fazia ideia de como lidar com todas aquelas novas e empolgantes informações — e visuais — fritando meu cérebro. Sempre senti atração por Shannon. Ela sempre me pareceu linda e incrivelmente sexy, mas agora... essas impressões tinham se intensificado ao ponto de eu mal conseguir pensar direito. Eu queria cair de joelhos e agradecer a qualquer hormônio da puberdade que tivesse visitado minha namorada. Aquilo era tipo acordar na manhã de Natal e encontrar a bicicleta que você pediu ao Papai Noel debaixo da árvore, só para rasgar o embrulho e encontrar uma BMX de ponta em vez disso.

Puta que pariu...

Bastou uma olhada nela e já fiquei feliz por ter levado meu corpo até o limite aquele verão com as inúmeras horas de musculação diárias. Ainda bem que eu tinha voltado muito mais sarado e com dois centímetros a mais de altura.

— Capitão! — Ouvi a voz de Hughie e, ao me virar, me deparei com ele, Feely, Katie e Lizzie parados em volta de uma churrasqueira descartável um pouco mais para a frente na praia. — Meu Deus, é ele mesmo!

— Ele voltou!

— Oi, Johnny!

Ergui a mão e acenei para eles, mas mantive os olhos em Shannon, que estava olhando para nós da areia embaixo de Claire.

— Shannon, *como o rio* — falei para ela, sem conseguir conter o sorriso se espalhando pelo meu rosto, ao descer as pedras para ir até ela. — Não vai vir me abraçar?

— Ah, meu Deus! — ela literalmente gritou, se desvencilhando de Claire e se levantando. — Você voltou!

Peitos, foi tudo o que vi quando Shannon começou a correr.

— Você voltou! — ela repetiu, disparando para mim. — Ah, meu Deus, Johnny... — Suas palavras se interromperam quando ela se jogou nos meus braços, toda pele macia e curvas suaves. Peguei-a com facilidade e a ergui, me deleitando com a sensação das suas pernas na minha cintura e seus braços no meu pescoço. — Você voltou — ela choramingou, marcando meu rosto inteiro com seu gloss, caprichando nos beijinhos de boas-vindas. — Você voltou pra mim.

— Você sabia que eu ia voltar, Shan — falei, sentindo que meu coração ia explodir. A solidão que eu estava lutando para manter sob controle durante a excursão me atingiu com força total no peito.

— Mas você voltou antes?

— Estou atrasado — falei, esfregando o nariz no dela. — Eu devia ter passado o verão aqui. — Sem conseguir me conter, me inclinei e a beijei, saboreando seu gosto apropriadamente depois de uma eternidade. Ela me beijou de volta frenética, com língua e dentes, e, juro por Deus, nunca experimentei beijo melhor. — Nossa, eu estava com tanta saudade! — eu disse, respirando com dificuldade contra os seus lábios. — Eu te amo pra caralho. — E eu amava. Eu a amava mais do que era bom para mim. Eu não conseguia conter minhas emoções quando se tratava daquela garota.

— Eu estava com mais saudade — ela sussurrou na minha boca. — E eu te amo mais.

Duvido.

Duvido muito.

— Certo, então você provavelmente vai querer desfazer as malas só quando chegar em casa, mas quero meus presentes — Gibsie disse, se aproximando com a mala na mão. — Pode continuar fodendo a Shannonzinha com a boca — ele acrescentou alegremente, se sentando na areia e abrindo a mala. — Não ligo. Mas só queria avisar que estou prestes a mexer nas suas coisas.

— Ei... não pega tudo — Hughie gritou, correndo pela praia na nossa direção. — Esse Toblerone é meu, seu babaca.

— A posse constitui direito real — Gibsie riu, correndo com um monte de chocolate nos braços. — Claire, pega a mala e corre, meu bem. Está cheia de doces.

— Bem-vindo de volta, Johnny — Claire falou, disparando atrás de Gibsie com minha mala nos braços. — Obrigada pelos doces.

— Jesus — murmurei, abaixando Shannon com relutância. Ela deu um passo para trás e cruzou os braços e eu contive um gemido ao ver seus seios pressionados sob o biquíni minúsculo que ela estava usando. Seus mamilos estavam duros contra o tecido fino e vermelho, claramente me provocando. *Meu Deus*! — Devolve isso, seu idiota! — gritei para Gibsie, tentando desesperadamente me acalmar e impedir que a semiereção dentro da minha cueca ganhasse força total. — Alguns desses doces são pras crianças.

— Ele *é* uma criança — Feely falou, dando risada e se aproximando. — Bem-vindo de volta, capitão. — Ele me

abraçou e deu tapinhas nas minhas costas. — Você foi incrível.

— É, capitão, bem-vindo — Hughie disse, vasculhando minha mala. — Que bom te ver... puta merda, você conseguiu os autógrafos? — Ele pegou uma camisa da Nova Zelândia e a agitou no ar de olhos arregalados. — Posso ficar com isso?

— Sim, tenho mais duas, uma pro Feely e outra pro Gibs — falei, fazendo uma careta ao me lembrar de como meus colegas me encheram o saco por pedir autógrafos para os nossos adversários. Mas não dei a mínima. Afinal, eu ainda estava na escola e jogando com a maioria dos meus heróis de infância. — Tem uniformes de Fiji, Austrália e África do Sul aí também.

— Você foi um bom investimento — Hughie concluiu, pegando a sua camisa. — Eu soube no dia que você entrou pelas portas da escola primária com seu sotaque de Dublin e pose de quem diz "foda-se todo mundo". — Passando um punhado de guloseimas para Katie, que acenou para mim, Hughie continuou a vasculhar minhas coisas. — Falei isso pro Feely e pro Gibs naquele mesmo dia. Eu disse: "Esse garoto da cidade é tão intenso que ou vai acabar se drogando ou vai se dar muito bem". — Dando de ombros, ele acrescentou: — Foi unanimidade que estávamos prontos pra essa aventura, de qualquer maneira.

— Uau, Hugh! — falei, perplexo. — Obrigado.

— De nada, cara. Estou muito orgulhoso de você, aliás.

— Todos nós estamos — Lizzie disse, se aproximando de Feely. — Bem-vindo, Capitão Fantástico.

— Obrigado... acho? — respondi, olhando-a desconfiado.

— Estou falando sério — ela falou, sorrindo. — É bom ter você de volta... pelo bem da Shannon. Não estou forçando nada. Era pegar ou largar você, sinceramente.

— *Agora*, sim. — Dando uma piscadela, acrescentei: — É bom te ver também, Víbora.

— Podemos dar uma volta? — Shannon me perguntou, dando a mão para mim, enquanto seus olhos azuis dançavam de empolgação. — Só nós dois?

Isso aí, porra.

— Você não pode levar ele ainda, Shan — Hughie objetou. — Precisamos falar de rúgbi.

— Ela pode me levar pra onde ela quiser — retruquei, seguindo minha namorada.

— Você está domado, capitão — ele falou atrás de mim. — Do pior jeito possível.

***

Tropeçando cegamente na pequena alcova entre as pedras com os lábios de Shannon nos meus e seus dedos cravados nos meus ombros, não tive tempo para pensar no que estava fazendo ou se aquilo era uma boa ideia ou não. Minha cabeça estava nublada demais para pensar racionalmente e tudo dentro de mim estava completamente entregue àquele momento — à maneira como ela me fazia *sentir*. Eu estava todo dolorido e a necessidade de estar dentro dela era insuportável.

— Tem certeza? — perguntei, respirando com dificuldade contra os seus lábios enquanto ela esticava o braço entre nós e empurrava a barra do meu short. — Shan, eu não tenho nada...

— Tudo bem — ela falou, assentindo freneticamente. — Tenho certeza, sim.

— Sério?

— Estou tomando pílula agora, lembra?

Caralho.

Soltando as tiras finas da calcinha, gemi em sua boca quando o tecido escorregou pelo seu corpo antes de me libertar do meu short.

— O que você quer que eu faça? — sussurrei, trabalhando rapidamente no seu biquíni minúsculo e estremecendo quando seus seios fartos se soltaram. — Meu Deus, baby, seu corpo está tão diferente!

— Só fica comigo — ela implorou, colocando o braço em volta do meu pescoço e subindo em cima de mim. — *Entra* em mim.

Na mesma hora, minhas mãos já estavam nas suas coxas e meu pau se *esforçava* para chegar até ela. Pressionando suas costas nas pedras, cheguei mais perto, cobri sua boca com a minha e entrei em casa.

— O que...

— Foi...

— Isso? — ambos dissemos ao mesmo tempo, de olhos arregalados e fixos um no outro.

— O que acabou de acontecer? — Shannon perguntou, colocando o biquíni de volta.

— Não sei — respondi, balançando a cabeça, respirando com dificuldade e depressa, ajeitando o short. — Mas o que

quer que tenha sido... — Inclinei a cabeça para o lado e sorri. — A gente devia repetir.

Ela ficou vermelha e amarrou a parte de cima do biquíni.

— Eu estava com saudade.

— Deu pra perceber — brinquei, me abaixando na areia ao seu lado. Beijei seu ombro e seu pescoço e me afoguei no seu cheiro inebriante. — Eu também estava, Shannon.

— Não, Johnny, eu estava com muita, muita saudade de você — ela sussurrou, se sentando no meu colo. — Muita.

— Eu sei. — Estremecendo, a abracei. — Eu também.

— Não fica longe tanto tempo de novo — ela murmurou, enterrando o rosto no meu pescoço. — Ou, se você for ficar, me leva com você.

Me crispei ao ouvir suas palavras.

— Preciso te contar uma coisa.

Ela enrijeceu nos meus braços antes de dizer:

— Estou ouvindo.

— Eles me ofereceram um contrato.

Seu corpo virou pedra nas minhas mãos e seus dedos se afundaram nos meus ombros.

— Na França?

— Não. — Soltei um suspiro trêmulo. — Em Dublin.

Ela ficou em silêncio por tanto tempo que eu não sabia se tinha me ouvido, mas então ela sussurrou:

— Você aceitou?

— Ainda não — respondi com a voz rouca. — Mas é um contrato de dois anos, com muita grana envolvida. — Soltei outro suspiro antes de acrescentar: — Eles querem que eu me

transfira pro Royce e faça o leaving cert lá. Eu teria que me mudar pra Dublin em setembro.

— E você vai? — ela perguntou baixinho.

— Eu queria falar com você primeiro.

— É o que você quer, né?

— Trabalhei a vida toda pra isso — admiti.

Ela estremeceu violentamente.

— Então você devia ir.

— Eu devia?

— Sim.

— Mas não quero te deixar — confessei, com uma voz dilacerada.

— Eu sei — ela respondeu, trêmula. — Mas tudo bem se você tiver que ir.

— Shannon... — Balancei a cabeça e enterrei o rosto no seu pescoço.

— Tudo bem, Johnny — ela fungou, fazendo carinho no meu cabelo. — Isso é *incrível*.

— Minha cabeça sabe disso. Mas meu coração está arrasado.

— Vamos conversar — ela falou com um tom muito mais calmo do que eu era capaz, dadas as circunstâncias. Ela se afastou, segurou meu rosto entre as mãos e me encarou com os olhos cheios de lágrimas. — Estou tão orgulhosa de você — ela disse, chorando. — Você é a melhor pessoa que já conheci e quero isso pra *você*. — Ela passou o dedão pela minha bochecha e sussurrou: — Você me avisou disso há muito tempo e eu aceitei. E *continuo* aceitando. Este é o seu futuro,

Johnny, e você vai atrás dele. — Ela me beijou com força e depois acrescentou: — E eu vou seguir te apoiando não importa o que aconteça, enquanto você me quiser.

— Eu *sempre* vou te querer — prometi. — Sempre. Não fala assim, Shan. *Meu Deus*.

— O que estou querendo dizer é: se eu sou o único motivo de você não ter assinado esse contrato ainda, você precisa assinar logo — ela explicou. — Sério, Johnny. Você não vai me perder. Você pode ter tudo. Prometo.

— É que não sei se estou preparado — falei, com a voz carregada de emoção. — Pensei que eu tivesse mais tempo.

— É que você é incrível demais e agora o mundo todo sabe disso. — Ela abriu um sorrisinho. — Todo mundo quer você.

— E eu só quero você — murmurei, pressionando a testa na dela.

— Você já me tem — ela disse baixinho. — Com contrato ou sem. Sou totalmente sua.

81

FESTIVAIS E FÃS

Shannon

Quando acordei na segunda manhã do festival de música em Dublin, estava com o coração pesado e as entranhas tomadas pelo pavor. Fiquei deitada de lado dentro do saco de dormir observando Johnny adormecido por um tempão. Estudei cada centímetro do seu lindo rosto, absorvendo cada sarda e cicatriz e a forma como seus cílios grossos e escuros cobriam suas bochechas enquanto ele dormia.

As lembranças do dia anterior encheram minha mente e sorri, pensando em Johnny e Gibsie pulando feito dois malucos ao som de "N17" do The Saw Doctor's. Abraçados um no outro, eles cantaram junto com a banda e saltitaram feito dois lunáticos. Foi *hilário*. Eles estavam extremamente bêbados, curtindo a companhia um do outro, sem se importar com os outros. Eles pularam encostando as barrigas e competiram

quem saltava mais alto. “N17” virou “Joyce Country Ceili Band” e então “I Useta Lover” e eles dançaram juntos, cantando as palavras um para o outro como se fossem um velho casal.

Apesar de eu estar incrivelmente empolgada com o dia que tínhamos pela frente e todas as outras bandas que ainda veríamos, eu não queria sair daquela barraca. Porque teríamos que ir para casa no dia seguinte. Porque ele teria que lhes dar uma resposta. Eu não sabia o que ele ia fazer. O pai dele falou para Johnny tirar uns dias para pensar e decidir quando voltasse de Dublin, e era exatamente o que ele estava fazendo. Ele não falava sobre o assunto desde aquele dia na praia, e eu tinha quase certeza de que nenhum de nós queria trazer o assunto à tona até que fosse realmente necessário. Mas a ideia de vê-lo indo embora de vez fazia meu coração se apertar tanto que era até difícil respirar. Fiz cara de corajosa, dancei, cantei e dei risada durante o festival, mas estava me sentindo solitária. Estava com saudade dele antes mesmo que ele fosse embora.

— Você está me olhando — ele sussurrou, com os olhos ainda fechados.

Sorri.

— Você devia estar dormindo.

— Não consigo.

— Por que não?

— Porque estou sentindo seus olhos em mim. — Sorrindo, ele abriu um olho. — Oi, Shannon.

— Oi, Johnny.

Ele se espreguiçou e me puxou para o seu peito.

— Precisamos arranjar uma barraca dessas pra morar.

— Ah, é?

Ele assentiu e beijou meu cabelo.

— A gente bota um cadeado na entrada pra manter seus irmãos e minha mãe fora.

Suspirando de alegria, esfreguei o rosto no seu peito nu.

— Você sempre me esquenta.

— Você sempre me deixa duro.

Revirei os olhos e sorri.

— Choveu a noite toda.

— Você está molhada?

— Para! — falei, rindo e batendo no seu peito. — Você está terrível.

— Estou brincando — ele disse, dando risada e entrelaçando os dedos nos meus. — Foi só uma chuva de verão, Shan. Logo, logo, o sol vai sair — Ele beijou meus dedos e disse: — Eu amo isso.

— Isso o quê?

— Você. Isto... — Ele deu de ombros. — Este momento.

Me virei de bruços e olhei para ele.

— Eu também amo isso.

— Quer ficar aqui pra sempre? — ele falou com leveza, mas percebi o sofrimento nos seus olhos. — A gente pode se esconder aqui nessa barraca e nunca mais sair.

— Acho que Gibsie teria algo a dizer sobre isso — respondi, sorrindo.

— É. — Ele soltou um suspiro pesado. — Eu devia ter deixado esse puto em casa. Ele surtou ontem.

— Ele é engraçado — falei, rindo.

— Ele é maluco — Johnny me corrigiu.

— Vamos, admita que você ama ele — provoquei.

— É — ele grunhiu. — Até que eu gosto daquele imbecil.

— Johnny?

— Sim, Shan?

— A gente vai ficar bem, né?

— Sim. — Ele colocou a mão na minha bochecha. — Vamos, sim.

— Não importa o que acontecer? — sussurrei, me entregando ao seu toque.

— Não importa o que acontecer — ele falou depressa.

Então a barraca começou a tremer violentamente e ouvimos a voz de Gibsie.

— Ei, capitão? Você está metendo... digo, fazendo amor ou posso entrar?

— Estou — Johnny rosnou. — Vaza.

Ele abriu a barraca e sua cabeça loira surgiu na fresta.

— Bom dia, família.

— Eu disse que estava fazendo amor, babaca — Johnny resmungou, se sentando.

— Eu sei — Gibsie falou, dando risada e entrando. — Por isso eu soube que você não estava.

— Eu poderia estar — Johnny disse.

— Não. A barraca não estava tremendo.

— Bom dia — Claire falou, entrando atrás de Gibsie toda maquiada e produzida. — Como estão meus pombinhos favoritos? Prontos pra mais um dia incrível?

— Posso tirar a sua bateria? — Johnny perguntou para ela. — Seu otimismo é *infinito*.

— Sou uma garota solar — ela declarou.

— Estamos com fome — Gibsie disse com um sorrisinho. — Acabaram as laricas da nossa barraca.

— Porque vocês não trouxeram nada — Johnny grunhiu, se deitando e me arrastando consigo. — Eu falei pra vocês trazerem.

— Ah, você tem chiclete? — Claire perguntou, vasculhando nossas coisas. — Nossa, achei que você não comesse porcaria, Johnny.

— Eu não como — Johnny falou, bocejando. Ele se virou para o lado e passou o braço em mim. — É pra Shan.

— Ounnn, você é tão atencioso!

— Será que vocês podiam ser atenciosos e vazarem? — Johnny murmurou com os dentes cerrados.

— Não seja ranzinza — eu o repreendi, beliscando seu mamilo.

— Faz de novo — ele ronronou. — Mais pra *baixo*.

Corei.

— Johnny...

— Ela pode brincar com seu pau mais tarde — Gibsie comentou. — Agora, temos lugares pra ir e bêbados pra ficar.

— Bêbados pra ficar? — Johnny balançou a cabeça. — Cara, você realmente precisa começar a prestar atenção na aula.

— Sai logo desse saco de dormir pra se divertir comigo — ele ordenou. — Ou vou peidar na sua namorada. E acredita em

mim: vai ser uma bomba. Tomei cidra o dia todo ontem.

— Ele está falando a verdade — Claire acrescentou, fingindo vomitar. — Os peidos dele são nojentos, gente. Realmente pensei que ele fosse explodir ontem.

— Você também estava peidando — ele retrucou. — Que nem uma metralhadora.

— Eu sei — ela falou na mesma hora. — Eu tinha que tentar abafar os seus peidos, né?

— Meu Deus, vocês dois têm probleminha na cabeça — Johnny disse, dando risada.

— Se levantem logo, senão vou soltar o rojão — Gibsie avisou. — O salmão vai sair.

— Credo, Gerard. — Claire gargalhou. — Que coisa feia!

Arqueei a sobrancelha.

— Salmão?

— Ele está falando que vai cagar — Johnny explicou, se levantando do saco de dormir mais rápido que um gato. — Estou indo, então pega seu salmão e vai se afogar com ele em outro rio.

Gibsie deu um sorrisinho.

— Assim como a sua namo...

— Termina essa frase e eu vou te matar.

— Ah, olha, Gibs — Johnny rugiu sobre o barulho da multidão quando o Green Day subiu no palco e começou a tocar “Basket Case”. — É o seu hino.

Dando risada, Gibsie mostrou o dedo do meio para ele e continuou pulando feito um boneco louco e desvairado, com o

peito nu e Claire em seus ombros. Ela não parecia nem um pouco assustada — muito pelo contrário. Ela estava confiante de que ele não a derrubaria de cabeça na multidão. Achei estranho, considerando que o garoto já tinha perdido as galochas e a camiseta dela no meio do caos. Mas isso não pareceu perturbar Claire nem um pouco. Ela estava com as mãos no ar, rindo e cantando junto com a banda e as cerca de sessenta mil pessoas ao nosso redor.

— Vamos, Shannon, *como o rio* — Johnny disse, se agachando na minha frente. — Bota sua bunda aqui.

— O q-quê?

Ele sorriu.

— Suba em mim.

— Mas eu...

Ele me puxou para os seus ombros quando a banda começou a tocar aquele riff familiar. Tentando me segurar, cravei os dedos no seu couro cabeludo enquanto Johnny se levantava, elevando-se sobre as pessoas à nossa volta e me oferecendo uma visão perfeita do palco.

— Ah, meu Deus! — gritei em meio a ataques de riso nervoso conforme ele apertava as mãos nas minhas coxas e começava a pular. — Johnny... ah! — Fiquei com medo e me inclinei para a frente, agarrando seu pescoço. — Por favor, não me derruba.

— Jamais — ele disse.

Ele estava sem camiseta, que estava pendurada nos shorts, e estava usando um boné virado para trás, cantando a letra com a banda comigo nos ombros. Eu sabia que todo mundo

estava nos olhando — especialmente as garotas. *As pessoas sabem quem ele é*, percebi. Era óbvio pelo jeito como elas tentavam tirar fotos dele às escondidas. Johnny não parecia notar, no entanto. Ou isso, ou ele simplesmente não se importava.

Me sentindo incrivelmente livre, ergui as mãos no ar e gargalhei.

— Shannon! — Claire gritou meu nome, dando risada.

Estiquei o braço e peguei sua mão, enquanto todos nós cantávamos a música juntos.

Câmeras disparavam ao nosso redor, mas, pela primeira vez, não liguei.

Éramos jovens e livres.

O amanhã chegaria, trazendo consigo o terror de um futuro desconhecido, mas, por enquanto, eu estava feliz. Alegre. Eu estava no melhor festival de música do mundo com o único garoto a quem eu entregaria meu coração.

Quando o Jimmy Eat World subiu no palco, quase tive um ataque. Perdi a cabeça mais ainda assim que eles começaram a tocar "The Middle". E foi nesse exato momento que eu soube que ficaria bem. Que eu ia conseguir. Eu poderia viver essa vida com ele. Não importava o que ele decidisse, eu daria um jeito, porque sentada nos ombros de Johnny Kavanagh, com os braços dele nas minhas pernas e a mão no meu quadril, eu soube que não havia outro lugar em que eu quisesse estar. Eu pertencia àquele garoto e ele pertencia a mim.

Na última música da apresentação, a banda começou a tocar "Hear You Me". Olhei para Gibsie e Claire

completamente perdidos um no outro. Gibsie estava com o braço solto na frente das pernas dela, segurando um copo de plástico do que quer que estivesse tomando com a outra mão. Um cigarro pendia no canto da sua boca enquanto ele se balançava devagar de um lado para o outro junto com a multidão.

Não me passou despercebido que, a cada poucos minutos, Gibsie passava a mão na panturrilha e no tornozelo dela. Também não me passou despercebido que Claire o recompensava apertando as coxas em volta do pescoço dele e abaixando a mão para fazer carinho no seu queixo.

Talvez nenhum dos dois percebesse que estavam sendo tão abertamente carinhosos um com o outro. Eles pareciam estar em total sincronia, tanto no nível físico quanto emocional.

Voltei a atenção para a banda e fiquei ouvindo as letras, sentindo uma onda familiar de tristeza crescendo dentro de mim ao pensar na minha mãe. Uma lágrima escorreu pela minha bochecha enquanto eu cantava baixinho. Até que a mão de Johnny apertando minha coxa me trouxe para o presente.

— Te amo — ele balbuciou, inclinando o pescoço para olhar para mim.

Fungando, respondi:

— Também te amo.

Ele manteve os olhos em mim e continuou dizendo as letras da música, nos balançando lentamente.

Fiz carinho na sua bochecha e me inclinei para lhe dar um beijo, o que não foi nada fácil, pois eu estava sentada nos seus ombros, mas eu tinha que fazer isso. Eu *tinha*. A mão que

estava na minha coxa se moveu até a minha nuca enquanto ele me beijava de volta, ali no meio do campo, cercados por sessenta mil pessoas com Jimmy Eat World cantando para nós.

— Está cansada, Shan? — Johnny perguntou mais tarde.

Estava escuro como breu e eu estava sentada em uma espécie de grade que tinha encontrado para descansar. Johnny estava bem atrás de mim, mantendo os braços protetores na minha barriga enquanto esperávamos Claire e Gibsie, que estavam na fila da comida.

Johnny ainda estava sem camiseta, pois tinha a oferecido para mim quando o sol se pôs e ficou frio. Apoiei a cabeça no seu peito quente e soltei um suspiro de felicidade.

— Hum.

— Hum? — Ele pousou o queixo no meu ombro, se balançando distraído ao som da música tocando ao longe. — O que significa esse hum?

— Só estou absorvendo tudo — falei.

— Johnny Kavanagh? — alguém disse, nos fazendo olhar para um grupo de garotas muito mais velhas.

— Ah, meu Deus, é ele *mesmo* — uma delas gritou. — Te falei!

— Oi — ele respondeu, falando um pouco arrastado pelas cervejas que ele e Gibsie tinham bebido o dia todo, mas com o tom polido e profissional de sempre.

— Ah, meu Deus, você foi incrível contra Fiji — uma garota com os maiores peitos que eu já tinha visto na vida disse. — *Muito* incrível.

— Podemos tirar uma foto? — outra garota perguntou.

Johnny hesitou, me abraçando com mais força.

— Tudo bem — eu disse, acenando a cabeça de leve, encorajando-o a tirar a foto logo para podermos voltar para *nós*.

Soltando um suspiro frustrado, ele abriu um sorriso profissional e se aproximou delas.

— Você pode tirar, por favor? — uma delas me perguntou, oferecendo a câmera para mim.

Fiz que sim, desci da grade e peguei a câmera.

— Certo, o flash está ligado. Sorriam.

Johnny parecia extremamente desconfortável, mas sorriu enquanto as seis garotas se amontoavam ao seu redor.

Tirei quatro fotos e depois devolvi a câmera para a garota.

— Muito obrigada — ela disse, encarando meu namorado como se ele estivesse segurando a lua. — Ele é maravilhoso.

— É. — Dei um sorriso forçado. — Ele é mesmo. — *E é meu*.

— Me desculpa por isso — ele disse baixinho, acenando para elas e voltando para mim. — Isso foi bem constrangedor.

— Não precisa se desculpar porque as pessoas te amam — falei.

Ele balançou a cabeça e me ajudou a subir de novo na grade.

— Elas não me amam, Shan.

— Elas te adoram — eu me corrigi, puxando-o para perto e acomodando-o entre as minhas pernas. — E tudo bem.

— Talvez — ele cedeu, colocando as mãos nos meus quadris. — Mas elas não me amam.

— E como você sabe? — perguntei, arqueando a sobrancelha.

— Porque eu sei como é a sensação quando alguém me ama. — Ele encostou o dedo no meu nariz. — E não é assim.

Senti um calor subindo pelo meu pescoço.

— Johnny...

— Já sei o que vou fazer, Shan — ele sussurrou. — Sobre o contrato... finalmente tomei uma decisão.

Meu coração martelou selvagemente no meu peito.

— Sério?

Ele assentiu devagar.

— Preciso fazer isto por *mim* — ele sussurrou. — Preciso. É o certo pra *mim*, sabe?

— Eu entendo — soltei, sentindo o peso do mundo se assentar sobre os meus ombros.

— Você vai me amar, não importa o que acontecer? — Ele estremeceu e fechou os olhos. — Mesmo se for difícil?

— Não importa — forcei as palavras para fora da minha garganta, sabendo que eu estava concordando em partir meu próprio coração. — Assina esse contrato e vai brilhar.

— Você vai ficar bem? Não importa o que acontecer mesmo?

Dei um sorriso amarelo.

— Vou ficar bem.

— Vou me casar com você — ele disse. — Quando formos mais velhos e tudo se ajeitar. — Ele pegou minhas mãos, as

colocou no pescoço e se inclinou pra perto. — Só fica comigo — ele falou, emocionado. — *Fica* comigo. — Ele apertou minha mão. — E eu vou te dar orgulho. Vou fazer a coisa certa.

Soltei um suspiro sofrido.

— Johnny...

— Vamos ter uma família — ele continuou falando. — Nossa própria família, e vai ser a minha vez de ficar com você. Não importa o que você escolher fazer.

— Isso não vai nos separar — declarei, pressionando a sobrancelha na sua.

— Nada pode nos separar — ele sussurrou. — Prometo.

82

UM NOVO ANO LETIVO

Shannon

Era 1º de setembro de 2005.

Um semestre novinho em folha, e meu primeiro dia do quinto ano. Decidi pular o ano com Lizzie e Claire e entrei pelas portas do Tommen para o penúltimo ano do ensino secundário, vestida com meu uniforme novo — passadinho e perfeito, cortesia da sra. Kavanagh — com minhas melhores amigas ao meu lado.

Tudo estava diferente agora. Eu não era a mesma garota de nove meses atrás. Eu era uma pessoa completamente diferente, com um novo lar e uma nova família. Tudo porque tomei a imprudente decisão de cortar caminho pelo campo de rúgbi e esbarrar no garoto que mudou a minha vida. O garoto que *salvou* a minha vida.

— Esse vai ser nosso melhor ano, amigas — Claire declarou, impecável como sempre, rebolando os quadris e balançando os cachos loiros enquanto caminhava. — Posso sentir nos meus ossos.

— Não. Só... não, Claire — Lizzie grunhiu ao lado dela, parecendo um anjo de fúria. — É cedo demais pro seu otimismo demoníaco.

— Meninas — Ronan McGarry ronronou, parando na nossa frente quando chegamos aos armários. — Fiquei sabendo que vocês três pularam o ano.

— Tomara que *você* não tenha pulado também — Lizzie disse, fuzilando-o com o olhar.

— Eu pulei. — Ele sorriu. — Vocês vão me ver bastante por aí. — Ele se virou para mim e deu uma piscadela. — Oi, Shannon.

— Não. — Comprimi os lábios e contive a vontade de vomitar. — Só... *não*.

O rosto de Ronan ficou vermelho e ele se afastou claramente furioso.

— Isso foi épico — Claire disse, rindo e jogando o braço por cima do meu ombro. — Johnny ficaria orgulhoso.

— É — Lizzie concordou, abrindo um sorriso genuíno. — Ele adoraria te ver acabando com aquele merda.

— Não — grunhi, sentindo meu estômago se contorcer. — Não quero brigas este ano. Só quero seguir com a minha vida.

— Oun — Claire disse, nos distraindo. — Olha só pra ele.

Me virei para ver para quem ela estava apontando e sorri quando notei Tadhg caminhando na nossa direção, fazendo

cara feia.

— Ah, esse menino vai partir alguns coraçõezinhos — ela acrescentou, levando a mão ao peito. — Quero morder ele.

— Sim, olha só praquelas bebezinhas do primeiro ano secando ele — Lizzie comentou, rindo e indicando um grupo de meninas encarando abertamente meu irmãozinho. — Ele vai ser o cara.

— Não vai, não — falei, horrorizada. — Ele não tem nem treze anos ainda.

— Olha só pra esse gatinho do primeiro ano! — Shelly e Helen disseram juntas, se aproximando de nós. — Ele é tão fofo!

— É o irmão da Shannon — Claire contou. — E, sim, estamos cientes de que ele é uma graça.

— Oi, Tadhg — falei, abrindo um sorriso radiante quando ele chegou. — O que está achando de tudo?

— Não fala comigo — ele avisou, me olhando indignado. — Meu Deus, você é minha *irmã*. Você não me conhece quando estivermos aqui.

— Você está na área errada — falei, estreitando os olhos. — O armário do primeiro ano é lá embaixo.

— Que seja. — Ele revirou os olhos, colocou a mochila no ombro e se virou, seguindo para a área comum do primeiro ano e resmungando: — Essa escola é uma merda. — Então ele voltou para dizer para Claire: — Aliás, *você* com certeza pode falar comigo. — E piscou pra ela, que era bem mais alta que ele.

— Hum, obrigada — Claire respondeu, sorrindo.

— De nada, loirinha — Tadhg respondeu antes de sair.

— Ah sim. — Claire deu risada. — Dá uns anos pra ele e ele *com certeza* vai ser o cara.

— Quem é o cara? — Gibsie perguntou, se aproximando com Hughie e Feely. Ele agitou as sobrancelhas para Claire e sorriu. — Está falando de mim de novo, ursinha?

— Não — Lizzie respondeu por ela. — Você tem competição esse ano, Thor.

— Ah, por favor. — Gibsie fez um som de desdém e abanou a mão. — Sou o único competidor aqui. — Ele ficou pensativo por um instante e acrescentou: — Sou basicamente minha própria competição.

— Ei, loirinha? — Tadhg falou do corredor, e nos viramos para ele. — Belas pernas. — Ele se virou para Gibsie e deu um sorrisinho presunçoso. — É melhor você se esforçar mais, cara. Porque estou *on*.

— Ah, meu Deus — Helen e Shelly deram risadinhas. — Ele tem coragem.

— Bastante, pelo visto — murmurei.

— Esse merdinha — Gibsie sibilou, passando por nós para sair atrás do meu irmãozinho. — É melhor você tirar seus olhos pré-adolescentes da mãe dos meus bebês, seu pirralho. Senão você vai acabar sem as bolas!

— As minhas bolas são maiores que as suas, gordinho — Tadhg retrucou, gargalhando. — É só perguntar pra sua mãe.

— Eu não sou *gordo*! — Gibsie rugiu. — E, você, deixa minha mãe fora disso!

— Eu vou lutar pela sua garota, Gibs — Tadhg continuou provocando, claramente curtindo provocar Gibsie. — Só pra avisar.

— Eu vou te chutar de volta pra escola primária — Gibsie rosnou. — *Só pra avisar*.

— Calma, Gibs — Feely falou, rindo, puxando-o de volta pela nuca. — Ele está no primeiro ano.

Meu celular começou a tocar no meu bolso, me distraindo do chilique cômico de Gibsie, e o peguei depressa.

— Alô?

— Shannon, *como o rio* — Johnny ronronou com sua voz familiar, fazendo meu coração acelerar. — Como vai a minha garota?

Sorrindo, mordi o lábio e engoli um gemido ao ouvir sua voz rouca.

— Oi, Johnny.

— Oi, Shannon. — Ele deu uma risadinha suave. — Como vai seu primeiro dia?

— Bem, e o seu?

— Produtivo.

Sorri.

— Ah, é?

— É — ele respondeu com um tom provocativo. — Sabe, tive um sonho maravilhoso ontem com a minha namorada sexy.

Me recostei no armário, olhei em volta para garantir que minhas amigas não estavam ouvindo e sussurrei:

— Continua.

— Ela entrou no meu quarto escondida no meio da noite. E se enfiou debaixo das cobertas... e depois que ela tirou as roupas, começou a fazer coisas com o meu corpo que fizeram aquelas lindas bochechas dela ficarem vermelhas.

— Ah, nossa. — Me contorci e soltei um suspiro trêmulo. — Parece um ótimo sonho.

— O melhor. — Um par de braços me envolveu por trás, me puxando contra um peito sarado. — Mas não foi um sonho, foi?

Sorrindo, me virei e olhei abertamente para o meu namorado em seu uniforme escolar, parecendo a melhor coisa que meus olhos já tinham visto.

— Não, não foi.

— Essas visitas noturnas estão saindo do controle, Shan — Johnny disse, se abaixando para dar um beijo ardente nos meus lábios. — Quase perdi a hora do treino e minha mãe ficou me observando feito uma ave de rapina quando desci pra tomar café. — Ele abriu um sorriso e acrescentou: — Acho que ela está de olho na gente.

— Ah, você acha? — Dei risada.

— Hum. — Ele assentiu e se inclinou para me beijar de novo. — Vamos ter que ser um pouco mais criativos este ano.

Suspirando de felicidade, envolvi os braços na sua cintura e o abracei, agradecendo a Deus por ele ter decidido adiar o contrato por um ano para poder fazer o leaving cert no Tommen. *Para ficar comigo*. A gente teria mais um ano juntos antes das grandes decisões. O que nos dava um respiro. Poderíamos ficar juntos por mais tempo e eu queria saborear

cada minuto. Me senti culpada por ter ficado tão eufórica quando Johnny tomou a decisão. Me senti responsável. Eu temia que ele quisesse ficar por mim ou porque tinha medo de que eu não fosse conseguir lidar com a distância. Quando Johnny explicou que *ele* não estava pronto, que *ele* não achava que poderia deixar sua vida para trás ainda, e que tinha pensado bastante sobre o assunto com as costumeiras precisão e atenção aos detalhes, relaxei. Ele *precisava* desse tempo. Para crescer e viver um pouco antes de se tornar um profissional. Ele era talentoso o suficiente para poder tomar esse tipo de decisão e ainda ter o apoio total não apenas dos treinadores da Academia, mas também dos treinadores irlandeses. Claro, sua mãe estava mais do que feliz em tê-lo em casa para mais um ano letivo, mas eu tinha a sensação de que sua empolgação estava diminuindo rapidamente, considerando que ela havia aumentado a patrulha sobre o nosso relacionamento ao envolver Sean na espionagem.

— Pra que isso? — Johnny deu risada, me arrancando dos meus pensamentos.

— Eu só estava com saudade — sussurrei, roçando a bochecha no seu peito.

— Você me viu hoje de manhã, Shan. E ontem no jantar. — Então sua voz ficou um pouco rouca quando ele disse: — E de noite, quando seus lábios...

— Eu sei — eu o cortei, corando. — Não precisa recapitular.

— Você precisa controlar essa cria — Gibsie anunciou, chamando nossa atenção. — Estou falando sério, Johnny — ele

acrescentou, carrancudo. — Ele está me irritando.

— Ele é uma criança, Gibs — Johnny disse, arqueando a sobrancelha. — Você consegue lidar com ele.

— Ah, eu *sei* — Gibsie respondeu, ainda fumegando. — Mas o meu jeito de lidar com as coisas é bem diferente do seu, e muito provavelmente vai custar meu réu primário. Então que bom que você decidiu ficar por aqui até junho, capitão, porque você vai ter que *me* impedir de virar um trator esse ano.

— Aliás, Johnny, vi seus pais entrando no escritório mais cedo — Helen disse. Ela corou e piscou os cílios enquanto falava com ele. — Espero que esteja tudo bem.

— É — Shelly concordou, se juntando à bateção de cílios. — Espero que não seja nada grave.

— Por que vocês ainda estão aqui? — Lizzie perguntou sem emoção.

— Liz — Claire a repreendeu. — Seja legal.

— Estou sendo legal — Lizzie retrucou. — Eu poderia ter mandado elas *vazarem*. — Ela lançou para as garotas um olhar afiado.

— Você devia comprar uma focinheira pra essa aí, Claire — Shelly bufou, olhando feio para Lizzie. — Ela tem problemas.

— Sérios problemas — Helen complementou, e depois as duas saíram andando de braços dados.

— Isso foi necessário? — Claire perguntou, dando risada. — Elas são inofensivas.

— Elas são *irritantes* — Lizzie a corrigiu. — Maldosas *e* cruéis.

— Elas são mesmo — Gibsie concordou. — E só temos vaga pra uma cobra maldosa nesse grupo.

— Thor, é melhor não me provocar hoje — Lizzie avisou. — Estou tentando ser cordial aqui, mas sua cara está me aborrecendo.

— Ah, meu Deus. Vamos, Shan — Johnny murmurou, balançando a cabeça. — Está cedo demais pras merdas deles. — Ele pegou minha mão e me puxou pelo corredor.

— O que você acha que seus pais estão fazendo no escritório? — perguntei, caminhando ao lado dele.

Johnny deu de ombros.

— Resolvendo a matrícula do seu irmão, acho.

— Ah. — Soltei um suspiro trêmulo, nervosa e ansiosa por ele. — Será que ele vai ficar bem? Você acha que ele vai fazer amigos e se encaixar aqui no Tommen?

— Só tem um jeito de descobrir — Johnny disse, me parando na frente do banheiro feminino. — Aí vamos nós — ele acrescentou com um tom leve e bem-humorado, apontando para a entrada.

Fiquei sem fôlego quando meus olhos pousaram no garoto de uniforme parado na porta, todo durão, lindo e um pouco perdido. Ele tinha uma bolsa pendurada em um ombro e um hurley na outra mão. Sua camisa branca estava para fora da calça e sua gravata vermelha estava frouxa. Seu cabelo loiro estava bagunçado e sua expressão era de *fodam-se o mundo e todos*. Ele estava mais magro, mais bronzeado, mais perturbado, mas seus olhos verdes estavam afiados e focados novamente.

— Ah, meu Deus... — Claire disse, correndo até nós segurando o peito. — Esse é...

— Joey — completei, acenando a cabeça de leve. — Isso.

— Quando ele saiu?

— Semana passada — Johnny respondeu.

— Mas vocês não falaram nada — ela comentou, franzindo o cenho.

— A gente não sabia o que ele ia fazer — expliquei, segurando a mão de Johnny enquanto encarava meu irmão. — Se ele ia aceitar a oferta dos pais de Johnny.

— Mas ele está aqui!

— Pois é — Johnny e eu falamos. — Ele está aqui.

— Quem é *esse*? — Shelly perguntou com a voz esganiçada, se juntando a nós mais uma vez. — Meu Jesuzinho, acho que estou apaixonada.

— É o novo aluno do sexto ano — Helen explicou com um suspiro sonhador. — O novo aluno do Tommen.

— Que merda! — Gibsie soltou. — Esse ano vai ser agitado.

— Vai dar tudo certo — Johnny comentou.

— Bem... — Gibsie deu risada. — Que a loucura comece então!

Muito obrigada pela leitura!

A história de Johnny e Shannon foi concluída, mas a de Joey e Aoife continua no próximo volume.
Saiba mais sobre o trabalho da autora em **chloewalshauthor.com**.
Leia a seguir um capítulo bônus e descubra o que aconteceu com Johnny e Shannon antes do festival de música.

Corações ternos... e frango

SHANNON

Antes do festival de música

Ele voltou para mim.

Finalmente.

Depois de quase dois meses longe, Johnny estava em *casa*.

No instante em que o vi, tive vontade de montar no seu colo e ficar ali para sempre. Eu não ligava para a logística da coisa ou para as minhas necessidades básicas, eu fisicamente desejava Johnny Kavanagh a ponto de querer me enfiar *dentro* dele e ficar ali para sempre. Meus sentimentos por ele eram intensos assim. Eu estava incontrolavelmente apaixonada assim.

Mesmo agora, sentada no banco do passageiro do carro dele a caminho da cidade, não era o suficiente. Eu não conseguia ficar *perto* o suficiente. A preocupação bastante real com a sua possível partida no início do ano letivo era o que

bastava para me provocar um ataque de pânico, mas contive meus medos. Ignorei minha ansiedade, determinada a aproveitar o momento com o único garoto que já amei. Determinada a não impedir meu namorado de realizar seus sonhos. Afinal, eu devia a ele muito mais do que a minha vida. Eu devia a ele os *meus* sonhos. Porque eu estava começando a ter sonhos. Sonhos reais.

— Então, eu sei que te disse que queria jantar com você, mas tenho a impressão de que isso não vai acontecer — Johnny falou quando paramos no restaurante Spizzico na Main Street e ele desligou o motor. Ele tamborilou os dedos no volante, soltou um suspiro frustrado e gesticulou para o familiar ford focus prateado estacionado a dois carros de distância. — Maldito Gibs.

Dei risada porque, com toda sinceridade, o que mais eu poderia fazer?

— Ele sentiu mesmo a sua falta esse verão, Johnny.

— Pois é. — Johnny suspirou de novo. — Eu também senti falta dele, mas *preciso* passar um tempo com você, Shannon. Um tempo só nós dois. Sem minha mãe ou seus irmãos nos espionando por todo canto.

— A gente vai ter tempo — falei, esticando o braço para colocar a mão na sua coxa. — Todo o tempo do mundo.

Minhas palavras pareceram provocar algo dentro de Johnny, porque, quando ele me olhou de novo, foi com um sorriso maroto no rosto.

— Todo o tempo do mundo, hein?

Estremeci no assento, me sentindo tímida e excitada.

— Você que sabe.

— Ah, sim — ele concordou com a voz rouca, soltando o cinto e se inclinando para mim. — Vamos ter todo o tempo do mundo e mais.

Seus dedos tocaram meu queixo por um instante, erguendo meu rosto, e logo seus lábios estavam sobre os meus, me queimando com um calor e afeto dos quais eu jamais me recuperaria.

Mergulhei em seu beijo e não pude fazer outra coisa que não desprender meu cinto e subir no seu colo, enroscando os dedos na sua impecável camisa branca, enquanto nossos lábios colidiam.

— Oi, Shannon — ele grunhiu em aprovação contra a minha boca e suas mãos agarraram meus quadris.

— Oi, Johnny — falei, enchendo-o de beijos. Ele tinha um cheiro tão *bom*, ele era tão *forte*, ele me tocava de um jeito tão *gostoso*! Ele era *tudo* para mim. — Te amo.

— Te amo mais — ele gemeu quando minha língua saboreou seu pescoço. — Você está linda hoje... huuum... já te falei isso, baby?

Sim, ele já tinha me falado.

Pelo menos umas cinco vezes.

Senti um calor se espalhando pela minha pele quando suas mãos se moveram dos meus quadris para as minhas coxas nuas.

— Você é tão lindo! — sussurrei, subindo os lábios do seu pescoço para o seu rosto barbeado. — Você me faz tão feliz!

— Ai, Jesus, Shan... você precisa parar de me falar essas coisas — ele disse, mexendo os quadris debaixo de mim. — Senão não vamos conseguir jantar.

— E o meu amor tem que se alimentar direitinho — provoquei, dando um último beijo antes de me afastar e sorrir para o seu rosto corado. — Não se preocupa, sr. Rúgbi, eu nunca te faria perder o jantar. — Sorrindo, acrescentei: — Afinal, sua barriga está roncando desde que saímos de casa.

Ele deu um sorrisinho e disse:

— O frango deles é fantástico, Shan.

— Aham. — Revirando os olhos, saí de cima dele e dei risada. — Você e o seu frango.

Quando entramos no restaurante e fomos conduzidos para a nossa mesa, descobrimos que não era apenas Gibsie que tinha sacaneado nosso encontro. Todos os nossos amigos estavam ali. E, ao contrário de antes, Johnny ficou emocionado por se reunir com a galera — e, mais importante, com sua outra metade.

Com o braço sobre a minha cadeira e o dedão sobre o meu ombro nu, Johnny riu dentro do copo de água quando Gibsie, sentado do outro lado, sussurrou algo animadamente em seu ouvido.

Me sentindo mais contente do que em semanas, olhei ao redor da mesa para os nossos amigos e sorri sozinha.

Claire estava falando para Katie, Hughie e Feely, sentados à nossa frente, que Gerard era um pai maravilhoso para sua ninhada de bebês peludos.

Katie e Feely pareciam completamente entretidos com as palhaçadas dela, enquanto Hughie se inclinava para a frente com a cabeça entre as mãos, desanimado, com os olhos fixos na comida intocada.

— Hugh, você é o tio deles — Claire declarou quando o irmão não respondeu à sugestão de Claire de fazer uma cerimônia de nomeação para os gatinhos. — Você tem que estar lá.

— Claire, se você não parar com isso, vou furar meus olhos com esse garfo — ele grunhiu, parecendo totalmente insatisfeito com aquela situação. — Sério, não aguento mais um segundo desse papo.

— Bem, eu acho que é uma ótima ideia — Katie falou, rindo e dando uma cotovelada nas costelas do namorado. — Claro que vamos participar da cerimônia de nomeação dos seus gatinhos, Claire.

— *Obrigada*, Katie. — Claire abriu um sorriso radiante para ela. — Estou pensando em fazer no domingo antes da volta às aulas. Vou fazer uns bolinhos depois, e Gerard faz o melhor...

— Não me diz que vocês estão encorajando isso — Lizzie a interrompeu quando voltou do banheiro, em um tom cheio de sarcasmo, se sentando ao lado de Hughie. — Claire, eles são gatos. Gatos não precisam de cerimônia de batismo.

— Não é uma cerimônia de batismo — Claire disse com as bochechas vermelhas. — É uma cerimônia de nomeação.

Lizzie ergueu a sobrancelha.

— E tem diferença?

— Tem — Claire e Gibsie responderam juntos.

— Podem me matar agora — Hughie resmungou, ainda encarando o prato.

— É esquisito e besta.

— Escutem aqui — Gibsie interveio, voltando a atenção para Lizzie. — Pode ser escrota comigo o quanto quiser, mas com ela, não.

Lizzie estreitou os olhos.

— E por acaso eu disse que você podia falar comigo, *Thor*?

Gibsie estreitou os olhos para ela.

— E eu te pedi permissão, *Víbora*?

Johnny balançou a cabeça e Katie soltou um suspiro pesado. Enquanto isso, Feely mandava ver na sua comida.

— Não briguem, gente — tentei protestar, mas já era tarde demais.

A coisa já estava fora de controle.

Como sempre, a dupla começou uma discussão acalorada, em que Lizzie atirava palavras afiadas para Gibsie e ele lançava comentários sarcásticos que só pareciam incitar ainda mais a raiva dela.

— Não vou aguentar isso de novo — Hughie anunciou, surpreendendo todo mundo. — Não vou mesmo. — Ele empurrou a cadeira para trás e se levantou de repente. — Chega dessa merda.

Então ele pegou a carteira e atirou algumas notas na mesa antes de sair fora.

Sem dizer nada, Katie ficou de pé e saiu atrás do namorado.

A partida abrupta de Hughie pareceu dar um jeito neles, porque Lizzie ficou quieta, dando a Gibsie a oportunidade de mostrar a língua para ela e os dois dedos do meio embaixo da mesa, enquanto proferia uma impressionante série de obscenidades contra a sua inimiga favorita.

— Bem, *isso* foi um exagero — Claire declarou, tamborilando as unhas na toalha de linho branco. — Que rabugento, não?

— O que está rolando? — Johnny perguntou para Gibsie.

— Não faço ideia, capitão — Gibsie respondeu, esticando o braço na mesa para pegar o prato intocado de asinhas de frango de Hughie. — Ele passou o verão todo assim.

— Gerard tem razão — Claire falou, pegando uma asinha do prato que Gibsie colocou entre eles. — Sério, Johnny, tem sido a festa da oscilação de humor na minha casa desde que voltamos do acampamento.

— Que merda! — Johnny murmurou, esfregando a mandíbula. — Não sabia.

— Como você poderia saber? — Feely falou em um tom bem-humorado. — Você passou o verão bem ocupado botando fogo no mundo do rúgbi.

extra

JOHNNY

— Adoro essa música — Shannon disse mais tarde aquela noite quando estacionamos em casa e "This Year's Love", do David Gray, ressoava pelos alto-falantes.

— E aí, o que está rolando com o Hugh?

— Sinceramente? — Ela se virou para mim no assento, me oferecendo sua atenção total. — Não faço ideia.

— Aquilo foi bem estranho, né? — Fiquei me lembrando dos eventos da noite. — Nunca vi Hughie agir daquele jeito. — Franzi as sobrancelhas enquanto fritava meus miolos para entender. — Tem certeza de que ele não está brigado com a Katie? Eles mal se falaram durante o jantar.

— Não sei.

— Você não sabe?

— Não. — Shannon balançou a cabeça, parecendo culpada. — Sei que devia estar prestando mais atenção, mas sinceramente, passei a maior parte do verão ou te vendo na televisão, esperando você voltar pra casa, ou me preocupando

com Joey. — Ela mordeu o lábio antes de acrescentar: — Sei que devo ser uma péssima amiga, mas não tenho cabeça pra mais nada, Johnny.

— Como assim, baby?

— Não aguento mais sofrimento — ela sussurrou com os olhos azuis fixos nos meus. — Mais tristeza.

Meu peito se apertou ao ouvir suas palavras.

— Shan...

— Estou feliz — ela falou depressa. — Estou muito feliz, Johnny. Pela primeira vez na vida. Me sinto *segura*. Me sinto *viva*, *bem*, e eu só... eu não... eu só quero ficar na minha bolha de felicidade. Só um pouquinho. Sou muito ruim por isso?

— Não, Shan, claro que não. — Balancei a cabeça e sorri. — Não tem mais ninguém nesse planeta que mereça uma folga quanto você, baby.

Seus olhos vasculharam os meus por um longo tempo e, então, ela soltou o que pareceu um suspiro de alívio.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por entender. — Ela desprendeu o cinto e subiu no meu colo. — Por ser o cara gentil que não sai do jantar batendo os pés, me deixando pra trás.

— Pra ser justo, eu já fui esse cara algumas vezes — falei, dando risada. — Mas eu nunca te deixaria pra trás, Shannon, como o rio.

— Acredito em você — ela sussurrou, se aninhando no meu peito. — De verdade, Johnny Kavanagh.

— Que bom! — respondi, abraçando seu corpinho com mais força. — Porque, quando se trata de você, Shannon Lynch, estou cem por cento dentro.

— Eu também.

— Pra onde você for, eu vou.

— Promete?

— Prometo.

Sobre a autora

CHLOE WALSH é uma autora best-seller do *USA Today*. Ela publica romances contemporâneos e *new adult* há uma década. Seus livros foram traduzidos para diversos idiomas. Amante de animais, música e televisão, Chloe adora ficar com sua família e é uma defensora devota de questões ligadas à saúde mental. Ela mora em Cork, na Irlanda, com sua família.

Também de Chloe Walsh
SÉRIE OS GAROTOS DE TOMMEN

Vol. 1: *Binding 13*
Vol. 2: *Keeping 13*

Copyright © 2018, 2024 by Chloe Walsh
Publicado por Companhia das Letras em associação com Sourcebooks USA.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Keeping 13
CAPA Brittany Vibbert/Sourcebooks
ADAPTAÇÃO DE CAPA Danielle Fróes/BR75
PRODUÇÃO EDITORIAL BR75 texto | design | produção
ISBN 978-65-8312-737-2

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
facebook.com/editorabloombrasil
instagram.com/editorabloombrasil
tiktok.com/@editorabloombrasil
threads.net/editorabloombrasil